

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE TRADUCCIÓN Y DOCUMENTACIÓN
Departamento de Biblioteconomía y Documentación



**O PROJETO RESGATE “BARÃO DO RIO BRANCO”: A DOCUMENTAÇÃO
COLONIAL BRASILEIRA DOS ARQUIVOS EUROPEUS E ESTADOS
UNIDOS, SEU IMPACTO NA HISTORIOGRAFIA E
INTERDISCIPLINARIDADE**

Antônio César Caldas Pinheiro

Salamanca, España.

2015

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA

FACULTAD DE TRADUCCIÓN Y DOCUMENTACIÓN

Departamento de Biblioteconomía y Documentación



**O PROJETO RESGATE “BARÃO DO RIO BRANCO”: A DOCUMENTAÇÃO
COLONIAL BRASILEIRA DOS ARQUIVOS EUROPEUS E ESTADOS
UNIDOS, SEU IMPACTO NA HISTORIOGRAFIA E
INTERDISCIPLINARIDADE**

Tese submetida ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade de Salamanca, como requisito parcial para a obtenção do grau de “Doutor em Biblioteconomia e Documentação”.

Linha de Pesquisa: Metodologias e linhas de investigação em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: Professor Doutor Luis Maria Hernández Olivera

Doutorando: Antônio César Caldas Pinheiro

Salamanca, España, 2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Bibliotecário responsável: *Enderson Medeiros CRB 2.276*

Pinheiro, Antonio César Caldas.

A635p O Projeto Resgate Barão do Rio Branco: a documentação colonial brasileira dos arquivos europeus e Estados Unidos, seu impacto na historiografia e interdisciplinaridade. / Antônio César Caldas Pinheiro. – Salamanca : [S.n], 2015.
464 f. : tabs.; graf.

Orientador: Professor Doutor Luis Maria Hernández Olivera.

Tese (Doutorado) – Universidad de Salamanca, Facultad de Traducción y Documentación, 2015.

1. Documentação. 2. História. 3. Historiografia. 4. Barão do Rio Branco. 5. Arquivo. 6. História do Brasil. 7. Europa. I. Olivera, Luis Maria Hernández. II. Universidad de Salamanca, Facultad de Traducción y Documentación. III. Título.

CDU : 94(81) : 002

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor em Documentação** pela Universidade de Salamanca.

Elaborado por Antônio César Caldas Pinheiro, bacharel em Direito.

Orientado pelo Doutor Luis Maria Hernández Olivera, Professor Titular do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, adscrito à Universidade de Salamanca.

Fdº:

Antônio César Caldas Pinheiro

Vº Bº:

Dr. Luis Maria Hernández Olivera

A meus pais,

Com amor.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. **O Projeto Resgate Barão do Rio Branco: a documentação colonial brasileira dos arquivos europeus e Estados Unidos, seu impacto na historiografia e interdisciplinaridade.** 2015. 460 f. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação). Universidade de Salamanca.

RESUMO

O Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco (Projeto Resgate) foi implementado em 1995, por meio de protocolo entre as autoridades portuguesas e brasileiras. Concebido, primeiramente, para que estudiosos brasileiros pudessem com maior facilidade ter em mãos os documentos coloniais brasileiros do Arquivo Histórico Ultramarino –AHU, de Lisboa, o Projeto Resgate foi expandido para a outros países. Isto resultou na organização, descrição, microfilmagem e digitalização dos documentos referentes à história brasileira do acervo do AHU, e o levantamento das fontes de interesse do Brasil existentes em arquivos da Espanha, França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Áustria, Itália, Vaticano e Estados Unidos. A justificativa dessa investigação não é somente expor o que foi o Projeto Resgate, historiando sua concepção, implementação e resultados. Pretende-se com esse estudo apresentar o Projeto Resgate como modelo para outros países que tenham um passado comum. A motivação para este tema, deu-se, em grande parte, a partir da experiência do autor com a documentação do AHU e sua lida diária com pesquisadores das universidades do Estado de Goiás. Para a consecução da pesquisa foram levantadas quatro hipóteses a partir das quais se procedeu à abordagem e escolha dos procedimentos metodológicos que orientaram o seu desenvolvimento. O objetivo desse estudo é analisar o Projeto Resgate e o favorecimento do acesso à informação e às fontes da história do Brasil existentes na Europa e Estados Unidos. A base teórica para essa pesquisa foram obras publicadas no Brasil e no exterior, artigos de periódicos e de informações contidas nos catálogos e guias de fontes resultantes do Projeto e, por meio de questionário, realizou-se uma análise qualiquantitativa da produção historiográfica em Goiás, a partir do Projeto Resgate. A estrutura da tese divide-se em sete partes: a APRESENTAÇÃO, com a justificativa para a escolha do tema e agradecimentos; a INTRODUÇÃO define os dados gerais de apresentação da pesquisa desenvolvida; o CAPÍTULO 1 aborda a administração no Brasil colônia e o contexto gerador da documentação; o CAPÍTULO 2 ocupa-se da documentação europeia de interesse para a história do Brasil; o CAPÍTULO 3 estuda o Projeto Resgate em Portugal; o CAPÍTULO 4 explora a expansão do Projeto para outros países; o CAPÍTULO 5 é um estudo de caso, tratando do Projeto Resgate, a historiografia e a interdisciplinaridade no uso das fontes no Estado de Goiás; nas CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES, faz-se a conclusão do trabalho, a verificação das hipóteses e revisão final dos objetivos propostos, bem como recomendações para futuras pesquisas. Ao término, são citadas as referências bibliográficas utilizadas na tese.

Palavras-chave: Projeto Resgate, documentação colonial, descrição, instrumentos de pesquisa.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. **El Proyecto Rescate Barão do Rio Branco: la documentación colonial brasileña de los archivos europeos y Estados Unidos, su impacto en la historiografía e interdisciplinaridad.** 2015. 460 f. Tesis (Doctorado en Biblioteconomía y Documentación). Universidad de Salamanca.

RESUMEN

El Proyecto Rescate de Documentación Histórica Barão do Rio Branco (Projeto Resgate) fue implementado en 1995, por medio de protocolo entre las autoridades portuguesas y brasileñas. Concebido, primeramente, para que estudiosos brasileños pudieran con mayor facilidad tener en manos los documentos coloniales brasileños del Archivo Histórico Ultramarino –AHU, de Lisboa, el Proyecto Rescate fue expandido para otros países. Esto ha resultado en la organización, descripción, microfilmación y digitalización de los documentos referentes a la historia brasileña del acervo del AHU, y el levantamiento de las fuentes de interés del Brasil existentes en archivos de España, Francia, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Austria, Italia, Vaticano y Estados Unidos. La justificativa de esta investigación no es apenas exponer lo que fue el Proyecto Rescate, historiando su concepción, implementación y resultados. Se pretende con este estudio presentar el Proyecto Rescate como modelo para otros países que tengan un pasado común. La motivación mayor, para este tema, proviene de la experiencia del autor con la documentación del AHU y su lidia diaria con investigadores de las universidades del Estado de Goiás. Para la consecución de la investigación fueron levantadas cuatro hipótesis, a partir de las cuales se procedió al abordaje y selección de los procedimientos metodológicos que orientaron su desarrollo. El objetivo de este estudio es analizar el Proyecto Rescate y el favorecimiento del acceso a la información y a las fuentes de la historia del Brasil existentes en Europa y Estados Unidos. La base teórica para esa investigación fueron obras publicadas en el Brasil y en el exterior, artículos de periódicos y de informaciones contenidas en los catálogos y guías de fuentes resultantes del Proyecto y, por medio de cuestionario, se realizó un análisis cualitativo-cuantitativo de la producción historiográfica en Goiás, a partir del Proyecto Rescate. La estructura de la tesis se divide en siete partes: la PRESENTACIÓN, con la justificativa para la selección del tema y agradecimientos; la INTRODUCCIÓN define los datos generales de presentación del estudio desarrollado; el CAPÍTULO 1 aborda la administración en el Brasil colonia y el contexto generador de la documentación; el CAPÍTULO 2 se ocupa de la documentación europea de interés para la historia del Brasil; el CAPÍTULO 3 estudia el Proyecto Rescate en Portugal; el CAPÍTULO 4 explora la expansión del Proyecto para otros países; el CAPÍTULO 5 es un estudio de caso, tratando del Proyecto Rescate, la historiografía y la interdisciplinaridad en el uso de las fuentes en el Estado de Goiás; en las CONSIDERACIONES Y RECOMENDACIONES, se hace la conclusión del trabajo, la verificación de las hipótesis y revisión final de los objetivos propuestos, así como recomendaciones para futuras investigaciones. Al término, son citadas las referencias bibliográficas utilizadas en la tesis.

Palabras-claves: Proyecto Rescate, documentación colonial, descripción, instrumentos de investigación.

PINHEIRO, Antonio César Caldas. **The Project Retrieval Baron of Rio Branco: the Brazilian colonial documentation of archives in Europe and the United States, its impact on historiography and interdisciplinarity**. 2015. 460 f. Thesis (Doctorate in Library and Documentation). University of Salamanca.

ABSTRACT

The Project Retrieval of Historical Documentation Baron of Rio Branco (Project Retrieval) was implemented in 1995 through a protocol implemented by the Portuguese and Brazilian authorities. Designed first so Brazilian scholars could more easily access Brazilian colonial documents in the Ultramarine Historical Archive (UHA, Lisbon) the Project Retrieval was subsequently expanded to other countries. This resulted in the organization, description, microfilming and digitization of documents related to Brazilian history in the UHA 's collection, and the surveying of sources of interest to Brazil in archives in Spain, France, Belgium, Holland, England, Austria, Italy, the Vatican and the United States. The rationale for this research is not only to describe Project Retrieval, telling the story of its conception, implementation and results, but also to present it as a model for other countries that have a common past. The motivation for this thesis derives, largely, from the author's experience with the UHA documentation and daily interactions with researchers from universities in the the State of Goiás. Four hypotheses were generated from which the approach and methodologies were then developed. This study aims to analyze Project Retrieval and the facilitated access to information and sources of Brazilian history in Europe and the United States. The theoretical foundations for this research were works published in Brazil and abroad, journal articles, information contained in catalogs and guides resulting from Project Retrieval. A quali-quantitative analysis of historiografic materials in Goiás through Project Retrieval was performed through a questionnaire. The thesis structure is divided into seven parts: PREFACE, with the rationale for the choice of theme and thanks; INTRODUCTION which outlines the overall presentation of data from the research performed; CHAPTER 1 addresses the administration in colonial Brazil and the context in which the documentation was generated; CHAPTER 2 deals with the European documentation of interest for the history of Brazil; CHAPTER 3 studies the Project Retrieval in Portugal; CHAPTER 4 explores the expansion of the project to other countries; CHAPTER 5 is a case study, regarding the Project Retrieval, the historiography and interdisciplinary approaches in the use of sources in the State of Goiás; CONSIDERATIONS AND RECOMENDATIONS is the completion of the work, the verification of the hypotheses, the final review of proposed goals and the recommendations for future research. At the end the references used in the thesis are cited.

Keywords: Project Retrieval, colonial documentation, description, tools of research.

Sumário

1	Sumário	i
2	Índice de figuras	vi
3	Índice de gráficos	vii
4	Índice das tabelas	viii
5	Abreviaturas e siglas	xi
Apresentação		1
1	Justificativa	1
2	Agradecimentos.....	5
Capítulo 0.		
Introdução		8
1	Tema e interesse.....	8
1	Objeto da Pesquisa	12
2.1	As duas fases do Projeto Resgate	13
3	Hipóteses e Objetivos	14
4	Metodologia.....	19
5	Estrutura.....	24
5.1	Administração colonial no Brasil	24
5.2	Povoamento do interior do Brasil.....	24
5.2.1	A família real portuguesa no Brasil – Mudança da estrutura burocrática.....	25
5.2.2	Histórico do levantamento da documentação europeia de interesse do Brasil	25
5.2.3	Pesquisadores brasileiros dos séculos XIX e XX na Europa.....	27
5.3	Formalização do Projeto Resgate.....	28
5.3.1	Acordos Brasil/Portugal.....	29
5.3.2	A documentação do Arquivo Histórico Ultramarino.....	30
5.4	A logística em torno do Projeto Resgate.....	31

5.5 A expansão do Projeto Resgate para outros países	31
5.6 Estudo de caso – O Projeto Resgate da documentação da capitania de Goiás	32

Capítulo 1. 34

1 A administração colonial, o contexto gerador da documentação.	35
1.1 O contexto das navegações e a descoberta do Brasil.....	35
1.2 O povoamento do Brasil, os primeiros tempos da colônia	37
1.3 A administração colonial na capitania de Goiás	41
1.4 Brasil como sede do Império Português: ruptura e continuidade	43
1.5 O Conselho Ultramarino e a administração metropolitana das colônias do Ultramar.....	45
1.5.1 O fluxo burocrático dos documentos do Conselho Ultramarino.....	50
1.6 Arquivo Histórico Ultramarino	52
1.6.1 A criação do Arquivo Histórico Ultramarino e seus acervos.....	56
1.6.2 A documentação de interesse do Brasil existente no AHU.....	61
1.7 Conclusão do capítulo.....	63

Capítulo 2.

2 A documentação europeia de interesse para a história do Brasil – Pesquisas e Compilações no século XIX.	68
2.1 A historiografia no Brasil dos séculos XVI ao XVIII.....	68
2.2 Antecedentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB.....	79
2.2.1 Criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	80
2.2.2 O IHGB e a formação da identidade histórica nacional	81
2.2.3 O IHGB e as pesquisas nos arquivos brasileiros	82
2.2.4 O IHGB e a compilação de documentos em arquivos europeus	83
2.3 As pesquisas e compilações no século XIX.	89
2.3.1 Antônio Meneses Vasconcelos de Drummond	89
2.3.2 Francisco Adolf de Varnhagen	90
2.3.3 Antônio Gonçalves dias – 1851.....	92
2.3.4 João Francisco Lisboa – 1856.....	93
2.3.5 Antônio Gonçalves Dias, 2ª vez – 1863	95
2.3.6 João Ribeiro Aranha – 1874.....	95
2.3.7 Benjamin Franklin de Ramiz Galvão – 1873	96
2.3.8 Antônio Henrique Leal – 1875	96
2.3.9 Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo	97
2.3.10 Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque – 1880.....	97
2.3.11 José Higinio Duarte Pereira – 1885.....	98
2.3.12 Pesquisadores sobre as fronteiras brasileiras	98
2.4 As pesquisas e compilações no século XX: novos métodos.....	100
2.4.1 Manuel de Oliveira Lima – 1903	101
2.4.2 Norival de Freitas – 1907.....	102
2.4.3 Manuel Cícero Peregrino da Silva – 1907	103
2.4.4 Pedro Souto Maior - 1912.....	105
2.5 Pesquisas particulares no século XIX e primeira metade do século XX.....	105
2.5.1 José Maria da Silva Paranhos – 1893	106
2.5.2 Capistrano de Abreu – 1885	107
2.5.3 Barão de Studart – 1890	110
2.5.4 Afonso d’Escagnolle Taunay	110

2.5.5 Outros pesquisadores nos arquivos europeus.....	111
2.6 Conclusão do capítulo	116

Capítulo 3

3 O Projeto Resgate em Portugal.....	121
3.1 A formalização do Projeto	121
3.1.1 O Projeto Resgate: das negociações para prática	124
3.1.2 Os acordos entre Brasil e Portugal quanto à documentação histórica relativa aos dois países	127
3.1.3 O princípio do “patrimônio comum” declarado pela UNESCO	131
3.1.4 O Conselho Internacional de Arquivos e a intermediação para as pesquisas	133
3.1.5 Especificidade do Projeto Resgate	136
3.2 A logística em torno do Projeto Resgate.....	140
3.2.1 Recursos humanos, coordenação e equipes de trabalho.....	140
3.2.1.1 A coordenadoria técnica.....	141
3.2.1.2 A coordenadoria arquivística	144
3.2.2 Equipes e fontes financiadoras	145
3.2.2.1 Minas Gerais.....	146
3.2.2.2 Espírito Santo.....	148
3.2.2.3 Ceará.....	149
3.2.2.4 Sergipe	150
3.2.2.5 Mato Grosso.....	151
3.2.2.6 Alagoas	153
3.2.2.7 Rio Grande do Norte.....	154
3.2.2.8 Rio Negro.....	155
3.2.2.9 Maranhão	156
3.2.2.10 Pará	157
3.2.2.11 Santa Catarina.....	159
3.2.2.12 Goiás	159
3.2.2.13 Piauí	161
3.2.2.14 Paraíba	162
3.2.2.15 Rio Grande de São Pedro e Rio da Prata	163
3.2.2.16 São Paulo	164
3.2.2.17 Pernambuco	166
3.2.2.18 Bahia	167
3.2.2.19 Rio de Janeiro	168
3.2.2.20 Série Códices	169
3.2.2.21 Série Iconografia e Cartografia.....	170
3.3 Metodologia e técnica Arquivística utilizadas na organização e descrição dos documentos referentes ao Brasil.....	171
3.3.1 A constituição das equipes.....	172
3.3.2 O treinamento das equipes.....	174
3.3.3 O suporte do AHU, a metodologia utilizada e senões detectados	179
3.3.4 Projeto Resgate e leitura paleográfica	182
3.3.5 A construção dos verbetes	187
3.3.5 As últimas etapas – microfilmagem e digitalização.....	197
3.4 O Projeto Resgate em meio digital	198
3.5 Conclusão do capítulo	205

Capítulo 4

4	O Projeto Resgate em Portugal e sua expansão para outros países	212
4.1	A nova fase do Projeto Resgate e os percalços encontrados	212
4.1.1	A expansão do Projeto Resgate para outros países.....	215
4.2	A documentação de interesse da história do Brasil em outros países europeus e nos Estados Unidos.....	219
4.2.1	Holanda	220
4.2.2	França.....	224
4.2.3	Espanha	231
4.2.4	Reino Unido e Irlanda	241
4.2.5	Bélgica	250
4.2.6	Itália	254
4.2.7	Vaticano	258
4.2.8	Áustria.....	261
4.2.9	Estados Unidos.....	262
4.3	Os resultados do Projeto Resgate em Portugal	269
4.3.1	A documentação avulsa das capitanias	269
4.3.2	Os códices do AHU referentes ao Brasil.....	273
4.3.3	A cartografia e iconografia do AHU referentes ao Brasil	275
4.3.4	Catálogos referentes à documentação das capitanias existentes no AHU	279
4.4	O Projeto Resgate em outros países europeus e nos Estados Unidos, equipes e fontes financiadoras	285
4.4.1	Holanda	286
4.4.2	Espanha	287
4.4.3	França	288
4.4.4	Reino Unido e Irlanda	290
4.4.5	Bélgica.....	291
4.4.6	Estados Unidos	292
4.4.7	Vaticano	293
4.4.8	Itália.....	294
4.4.9	Áustria	295
4.5	Catálogos e guias de fontes dos arquivos da Holanda, França, Espanha, Reino Unido e Irlanda, Bélgica, Itália, Vaticano, Áustria e Estados Unidos	297
4.5	Conclusão do capítulo	300

Capítulo 5

5	Estudo de caso: o projeto Resgate, a historiografia e a interdisciplinaridade no uso das fontes no Estado de Goiás	304
5.1	O Projeto Resgate da documentação da capitania de Goiás em Portugal: implementação e resultados	304
5.1.1	O contato com a documentação, desafios e resultados	307
5.2	As fontes revisitadas, expansão do conhecimento sobre Goiás colonial.....	310
5.2.1	A historiografia de Goiás colonial anterior ao Projeto Resgate.....	311
5.2.2	A historiografia goiana dos anos 1990: ruptura e alento	316
5.2.3	Antecedentes e elaboração do Projeto Resgate da capitania de Goiás	320
5.2.4	Análise e tabulação dos dados quali-quantitativos.....	327

5.3 Diplomática e Paleografia: imprescindíveis para o trabalho com a documentação do Projeto Resgate	342
5.3.1 Aumento sensível de estudos e obras paleográficas e diplomáticas no Brasil	347
5.3.2 A valorização da Paleografia e Diplomática em Goiás após a disponibilização dos documentos do Projeto Resgate ...	355
5.4 Conclusão do capítulo	362
Conclusões e recomendações	367
1 Conclusões gerais	367
2 Confirmação das Hipóteses e Objetivos	373
3 Recomendações	381
4 Linhas de Investigação	383
Bibliografia	386
Apêndice.....	396
Anexos	415

Índice de Figuras

Figura 01 – Dicionário de dados.	202
Figura 02 – Documento selecionado aberto.	202
Figura 03 – Instrumento de filtragem para selecionar os arquivos em pastas.	203
Figura 04 – Arquivo selecionado aberto.	203
Figura 05 – Ferramenta para passar de página do documento acessível.	204
Figura 06 – Ferramenta de zoom para ampliar o documento e ter melhor visualização.	204

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Gênero dos Entrevistados.	329
Gráfico 2 – Cidade e Unidade de Federação dos Entrevistados.	330
Gráfico 3 – Titulação.	331
Gráfico 4 – Dados Laborais	332
Gráfico 5 – Finalidade da Pesquisa.	333
Gráfico 6 – Conhecimento da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate.	334
Gráfico 7 – Como teve acesso à documentação do Projeto Resgate?.....	335
Gráfico 8 – O acesso à documentação	336
Gráfico 9 – Houve um incremento no número de pesquisas e trabalhos sobre o século XVIII e XIX em Goiás?.....	337
Gráfico 10 – Na sua opinião o projeto resgate colaborou com a produção historiográfica brasileira sobre o período colonial?.....	338
Gráfico 11 – A Paleografia e a Diplomática auxiliam a pesquisa na documentação do Projeto Resgate?	339
Gráfico 12 – Necessidade do auxílio de um paleógrafo/diplomatista.....	340
Gráfico 13 – A importância dos cursos técnicos de paleografia e diplomática ministrados como suporte para a leitura e transcrição da documentação do século XVIII e XIX em Goiás?.....	341

Índice das tabelas

Tabela 01 – Capitânicas brasileiras no século XVIII.....	43
Tabela 02 – Levantamento da documentação brasileira existente no AHU antes do Projeto Resgate.....	61
Tabela 03 – Equipe de Minas Gerais	148
Tabela 04 – Fontes financiadoras de Minas Gerais.....	148
Tabela 05 – Equipe de Espírito Santo	149
Tabela 06 – Fontes financiadoras de Espírito Santo	149
Tabela 07 – Equipe do Ceará	150
Tabela 08 – Fontes financiadoras do Ceará	150
Tabela 09 – Equipe do Sergipe	151
Tabela 10 – Fontes financiadoras do Sergipe.....	151
Tabela 11 – Equipe do Mato Grosso	152
Tabela 12 – Fontes financiadoras do Mato Grosso	152
Tabela 13 – Equipe de Alagoas.....	153
Tabela 14 – Fontes financiadoras de Alagoas	153
Tabela 15 – Equipe do Rio Grande do Norte	154
Tabela 16 – Fontes financiadoras do Rio Grande do Norte	154
Tabela 17 – Equipe do Rio Negro	155
Tabela 18 – Fontes financiadoras do Rio Negro	156
Tabela 19 – Equipe do Maranhão	157
Tabela 20 – Fontes financiadoras do Maranhão.....	157
Tabela 21 – Equipe do Pará.....	158
Tabela 22 – Fontes financiadoras do Pará.....	158
Tabela 23 – Equipe de Santa Catarina	159
Tabela 24 – Fontes financiadoras de Santa Catarina.....	159
Tabela 25 – Equipe de Goiás.....	160
Tabela 26 – Fontes financiadoras de Goiás.....	160
Tabela 27 – Equipe de Piauí.....	161
Tabela 28 – Fontes financiadoras de Piauí.....	162
Tabela 29 – Equipe da Paraíba	162

Tabela 30 – Fontes financiadoras da Paraíba.....	163
Tabela 31 – Equipe de São Pedro do Rio da Prata.....	164
Tabela 32 – Fontes financiadoras de São Pedro do Rio da Prata.....	164
Tabela 33 – Equipe de São Paulo.....	165
Tabela 34 – Fontes financiadoras de São Paulo.....	165
Tabela 35 – Equipe de Pernambuco.....	166
Tabela 36 – Fontes financiadoras de Pernambuco.....	167
Tabela 37 – Equipe da Bahia.....	167
Tabela 38 – Fontes financiadoras da Bahia.....	168
Tabela 39 – Equipe do Rio de Janeiro.....	169
Tabela 40 – Fontes financiadoras do Rio de Janeiro.....	169
Tabela 41 – Tipologias diplomáticas.....	182
Tabela 42 – Palavras arcaicas e seus significados outrora e atualmente.....	184
Tabela 43 – Palavra híbrida.....	184
Tabela 44 – Palavra de origem indígena.....	185
Tabela 45 – Palavras que sofreram metátese.....	185
Tabela 46 – Exemplos de abreviaturas utilizadas e seus significados.....	185
Tabela 47 – Principais informações dos verbetes.....	187
Tabela 48 – Verbetes sem informação adicional.....	189
Tabela 49 – Verbetes com informação adicional.....	189
Tabela 50 – Verbetes com notação antiga e atual.....	190
Tabela 51 – Verbetes com datação presumida.....	191
Tabela 52 – Exemplo de verbete prolixo.....	193
Tabela 53 – Quantidade de documentos e imagens do Centro de Memória Digital.....	201
Tabela 54 – Capitâneas, número de caixas, datas extremas da documentação, quantidade de rolos de microfimes e CDs.....	270
Tabela 55 – Séries Ultramar e outras séries trabalhadas no AHU.....	271
Tabela 56 – Códices.....	274
Tabela 57 – Cartografia e iconografia.....	276
Tabela 58 – Total das caixas, documentos, rolos de microfimes e CDs.....	277
Tabela 59 – Total dos volumes (caixas, códices e documentos).....	277
Tabela 60 – Total dos códices, caixas de documentos, cartografia e iconografia do Conselho Ultramarino.....	278
Tabela 60 – Equipe da Holanda.....	287
Tabela 61 – Fontes financiadoras da Holanda.....	287
Tabela 62 – Equipe da Espanha.....	288
Tabela 63 – Fontes financiadoras da Espanha.....	288
Tabela 64 – Equipe da França.....	289
Tabela 65 – Fontes financiadoras da França.....	289
Tabela 66 – Equipe do Reino Unido e Irlanda.....	290

Tabela 67 – Fontes financiadoras do Reino Unido e Irlanda	290
Tabela 68 – Equipe da Bélgica.....	291
Tabela 69 – Fontes financiadoras da Bélgica.....	291
Tabela 70 – Equipe dos Estados Unidos	292
Tabela 71 – Fontes financiadoras dos Estados Unidos	292
Tabela 72 – Equipe do Vaticano	293
Tabela 73 – Fontes financiadoras do Vaticano	294
Tabela 74 – Equipe do Itália	294
Tabela 75 – Fontes financiadoras da Itália.....	295
Tabela 76 – Equipe da Áustria	296
Tabela 77 – Fontes financiadoras da Áustria	297
Tabela 78 – Total dos catálogos, índices, páginas, microfilmes e CDs produzidos pelo Projeto Resgate.	299
Tabela 79 – Tipos e soma dos índices que acompanham os catálogos e guias de fontes do Projeto Resgate.....	299
Tabela 80 – Dissertações com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 1974 – 1999.	321
Tabela 81 – Dissertações com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 2000 – 2014.	322
Tabela 82 – Teses com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 2003 – 2014.	323
Tabela 83 – Dissertações com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade de Brasília, 1978 – 1999.	324
Tabela 84 – Teses com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 1997 – 2011.	324
Tabela 85 – Dissertações e teses com assuntos referentes ao Brasil colonial em várias universidades e faculdades (UNL, UNESP, UnB, 2006 – 2015).	325
Tabela 86 – Áreas de Pesquisa dos Entrevistados.....	331
Tabela 87 – Atividades de Paleografia e Diplomática realizadas pelo IPEHBC de 2000 A 2015.....	360
Tabela 88 – A Paleografia e Diplomática nos Cursos de Especialização em Gestão de Arquivos.....	362

Lista de Abreviaturas

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

CEDEAM – Centro de Estudos da Amazônia.

CIA – Conselho Internacional de Arquivos.

CISC – Conselho Superior de Investigações Científicas.

CNCDP – Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CNRC – Centro Nacional de Referência Cultural.

COLUSO – Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental.

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos.

CORAG – Companhia Riograndense de Artes Gráficas.

DGLAB – Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.

EDUA – Editora da Universidade do Amazonas.

EDUFRN – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

EDUSC – Editora Universitária do Sagrado Coração.

FAG – Fundação Alexandre de Gusmão.

FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

FAPERS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

FBN – Fundação Biblioteca Nacional.

FUNCMA – Fundação Cultural do Maranhão.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical.

IPAD – Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico.

IPEHBC – Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

IPPC – Instituto Português do Patrimônio Cultural.

ISAD – Norma Internacional de Descrição Arquivística.

MCTES – Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional.

PUC Goiás – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

SAIN – Sociedade Auxiliadora de Indústria Nacional.

SASSE – Companhia de Seguros Gerais.

SINAR – Sistema Nacional de Arquivos

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UFG – Universidade Federal de Goiás.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade de Pernambuco.

UFS – Universidade Federal de Sergipe.

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.

UnB – Universidade de Brasília.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, ciência e cultura.

UNESP – Universidade do Estado de São Paulo.

UNL – Universidade Nova de Lisboa

UnUCSEH – Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas.

Apresentação

1 JUSTIFICATIVA

A motivação para este estudo sobre o “Projeto Resgate da Documentação Histórica sobre o Brasil Colônia Existente no Exterior “Barão do Rio Branco”, adveio da necessidade não somente de expor o que foi o Projeto Resgate, historiando sua concepção, implementação e resultados. A intenção vai além disso, pretende-se com esse estudo apresentar o Projeto Resgate como modelo para outros países que foram colônias.

Esta aspiração não quer indicar que o Projeto Resgate não tenha tido algumas falhas. Sim, elas existiram, mas até por isso é interessante apresentá-las para que em projetos semelhantes esses problemas não se repitam.

O Projeto Resgate foi um “força tarefa” imensa e para realizá-lo houve uma junção dos poderes públicos e iniciativa privada, durando esta parceria por todo o tempo em que o Projeto se desenvolveu com mais pujança.

Existem diferenças significativas entre o Projeto Resgate e outros projetos parecidos que se deram entre países antes colônias e metrópoles. A quase totalidade da

documentação administrativa entre a metrópole portuguesa e o Brasil Colônia foi toda descrita documento por documento, microfilmada e digitalizada, constituindo conjuntos de cópias distribuídas por diversas instituições no Brasil e exterior.

Demonstrar como se deram as negociações e acordos que possibilitaram a realização do Projeto Resgate, os percalços superados para implementá-lo, os resultados obtidos, mas também apontar os problemas e falhas detectados, têm o objetivo explícito de contribuir para que projetos similares de outras nações, ou mesmo uma nova edição do Projeto Resgate com outros países europeus ou da América Latina, não passem pelos mesmos contratempos.

A pesquisa relativa à documentação histórica de países que outrora foram colônias de outros países sempre esbarrou, no passado, em muitas dificuldades para a sua realização. No que concerne ao Brasil que fora colônia de Portugal, grande parte da documentação de interesse para a sua história colonial encontrava-se em outro continente, a Europa. Não somente a distância era real empecilho. As pesquisas históricas, em documentação manuscrita, demoram tempo. E neste caso o pesquisador teria de se demorar em Portugal o tempo necessário para levar a cabo sua investigação, tendo as despesas de praxe, além das exigidas para o transporte, ou seja, hospedagem e alimentação durante o tempo de permanência fora de seu país. Isto, é claro, era privilégio de poucos.

Após a independência do Brasil em 1822, o desejo de se conhecer a história colonial do novo país, impulsionou os curiosos da história brasileira à pesquisa em arquivos das províncias. A falta de documentação colonial nos arquivos desfalcados e mal cuidados daquele tempo, despertou a necessidade de se conhecer e poder pesquisar a documentação existente nos arquivos da antiga metrópole. Nasce, a partir daí, principalmente após a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1839, o envio de vários pesquisadores para copiar nos arquivos de Portugal e de outros países europeus, a documentação de interesse do Brasil.

Pesquisas particulares também ocorreram, mas eram condicionadas pelos mesmos problemas. Muitos arquivos não se encontravam de todo organizados; a documentação se encontrava espalhada em dezenas de arquivos de diversos países. Logicamente que os arquivos portugueses eram os mais procurados devido ao imenso acervo histórico sobre o Brasil colônia.

Era uma época, porém, em que as facilidades oferecidas pela tecnologia atual não existiam. As cópias eram manuais, demandavam muito tempo e quase sempre as pesquisas ocorriam sem método, o que prejudicava a credibilidade as mesmas cópias.

No século XX, até a década de 1970, apesar dos pesquisadores já disporem de métodos e de alguma tecnologia que facilitava a tiragem de cópias, as pesquisas continuavam esparsas, desintegradas, sem um plano que as dirigissem para um melhor resultado. Almejava-se, então, a elaboração de um grande projeto que pudesse ter cópias de toda a documentação de interesse do Brasil existente no Arquivo Histórico Ultramarino - AHU, instituição que guarda a documentação do antigo Conselho Ultramarino, órgão do governo português para a administração de suas colônias.

Entraves outros embargavam a realização desse sonho. Não havia um acordo entre Brasil e Portugal facilitando a obtenção de cópias de todo aquele acervo. Foi preciso que a UNESCO intervisse, solicitando que os países que antes foram metrópoles facultassem às antigas colônias a cópia da documentação que interessassem à sua história. É o chamado princípio do patrimônio comum que também visa facultar às antigas metrópoles os documentos de seu interesse existentes nas antigas colônias.

Nesta esteira de fatos surgiu o Projeto Resgate da Documentação Histórica Barão do Rio Branco que recebeu sensível impulso para sua implementação, tendo em vista as comemorações para os descobrimentos portugueses e os 500 anos do descobrimento do Brasil, no ano 2000. O Projeto Resgate em sua primeira fase em Portugal, organizou, descreveu e acondicionou toda a documentação histórica de interesse do

Brasil existente no Arquivo Histórico Ultramarino. Concomitante ao trabalho em Portugal, o Projeto seria expandido para outros países europeus e para os Estados Unidos.

O levantamento dos antecedentes do Projeto Resgate, sua implementação, logística, expansão, resultados, produtos e impactos justificam este trabalho.

Com o Projeto Resgate houve, também, uma revisitação da memória brasileira. A partir dos novos subsídios apresentados, facilitou a pesquisa em fontes históricas, antes facultada a poucos. Portanto, o Projeto Resgate, nos moldes em que foi elaborado, tornou-se incentivo e modelo para projetos no gênero relativos a outros países possuidores de documentação histórica que interessa ao Brasil. Os resultados propiciados pelo Projeto Resgate e sua influência na historiografia contemporânea do Brasil e Portugal são, sem dúvida, outro aspecto que justifica este projeto.

O Projeto Resgate trouxe em seu bojo a busca pelo sentido de um patrimônio documental que deveria ser facultado a todos os que de alguma forma tem sua história inserida e preservada em documentos que muitas vezes se encontram em outros territórios. A contribuição do Projeto Resgate para o Direito Internacional no que concerne ao patrimônio documental é, sem dúvida, prestante neste sentido.

No histórico do Projeto Resgate, seu caminhar e vicissitudes, procurou-se demonstrar as dificuldades oriundas da burocracia estamental e da soberania dos países. Vários obstáculos foram vencidos. Dezenas de reuniões em mais de 20 anos foram necessárias para que o Projeto Resgate deixasse os papéis dos gabinetes e se materializasse no trabalho diuturno e perseverante de mais de 100 pesquisadores e mais de 110 instituições brasileiras e portuguesas, públicas e privadas, que ampararam a pesquisa e se envolveram neste grande empreendimento.

2 AGRADECIMENTOS

É de justiça que expressemos nossos agradecimentos a todos quantos colaboraram para com a elaboração dessa tese. Foram tempos dedicados aos estudos e pesquisas, momentos nos quais tivemos de direcionar nosso tempo e energias para a consecução de nosso objetivo.

Em primeiro lugar agradecemos, penhoradamente, ao Professor Doutor Luis Hernández Olivera, diretor deste trabalho, pela ajuda fundamental na consecução da tese e pela paciência, presteza e competência com que nos orientou, oferecendo-nos suas observações sempre lúcidas e prestantes.

Aos meus pais e irmãos pela presença e incentivo, pelo carinho e segurança que o amor familiar nos proporciona.

A Jean Marcos de Moraes, companheiro sempre presente, o meu muito obrigado pelo ombro amigo e por dividir comigo as inúmeras horas de estudos e reflexões para a consecução da tese.

Às amigas Maria Terezinha Campos de Santana, Silvania Amorim e Hélen Sandra Dias Paiva, companheiras dos estudos em Salamanca, pela amizade e cumplicidade nos estudos e desejo de melhor capacitação para melhor servir a sociedade.

À amiga Maria de Fátima Garbeline, pela paciência e auxílio constante.

Ao sobrinho José Policeno, pela paciência e competência na formatação desta Tese.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás que me possibilitou o tempo necessário ao estudo e à pesquisa e Regina Célia da Silva, Wanda Fernandes Barbosa, Jacqueline Arruda e Eliane Borges, colegas do Instituto de Pesquisas e Estudos

Históricos do Brasil Central e ao seu diretor, Doutor Eduardo José Reinato pela compreensão, amizade e companheirismo.

À Doutora Ester Caldas Bertolotti, a grande dama da preservação da memória brasileira, pelo muito que tem realizado em prol da memória e da história do Brasil, pelos subsídios oferecidos e esclarecimentos prestados sempre com cordialidade.

À arquivista e historiadora Heloísa Liberalli Bellotto pelo seu amor ao ofício de arquivista e pelos subsídios preciosos aqui utilizados.

À Universidade de Salamanca pela formação humana e científica que recebemos de seus professores e aos funcionários dos diversos departamentos, sempre solícitos e amáveis.

E nosso agradecimento maior a Deus, memória e sentido de tudo, pelo dom da fé e da certeza de que o Amor sempre vencerá!

Capítulo 0

O conjunto de peças documentais oriundas do Arquivo Histórico Ultramarino, produzido ao talante das necessidades imediatas dos gestores públicos, realizou uma espécie de proto-história, na medida em que impõe rumos à interpretação, fruto de sua condição de textos-âncora e de guias do sentido das análises. A verdadeira questão reside, a partir de agora, no acicate que estes documentos venha a provocar no “milieu” dos historiadores [e pesquisadores em geral], colocados diante do problema da multiplicidade das fontes disponíveis e de variedade de possibilidades analíticas. Indubitavelmente, estes repertórios provocarão desassossego, aquela espécie de sentimento que costuma abrir as portas da imaginação criadora, tão bem-vinda.

José Jobson de Andrade Arruda - Catálogo de São Paulo.

Introdução

1 TEMA E INTERESSE

“Uma das manifestações das mais simpáticas da solidadriedade humana, é a de proporcionar uma ajuda eficaz para que um país possa encontrar sua história.”

Antal Szëdo

O direito que os países têm de conhecer a sua história é legítimo e justo. Ninguém há que possa negar isto. Conhecer a sua história é muito mais que estar a par de fatos, acontecimentos, datas. Na realidade, o direito à memória para dela conhecer a sua história passa por algo maior que somente um encadeamento de fatos localizados em diferentes épocas e elegidos como parte da história de um país. Conhecer a sua história tem a ver com identidade e a identidade está intimamente ligada à memória que

possibilita e engendra a formação de um sentimento de continuidade e de pertença a um grupo com heranças comuns.

A documentação que diz respeito a países que anteriormente estiveram ligados por laços de dependência como é o caso de Brasil, ex-colônia de Portugal, é importante para ambas as nações, pois além dos registros históricos propriamente ditos, existentes em seus acervos, a identidade dos dois países salta dos alfarrábios e se expressa, paradoxalmente, por meio da memória comum.

Não é tarefa de fácil solução, e no passado foi ainda mais difícil, equacionar o problema do direito de um país aos documentos para a sua história que estejam, fisicamente e historicamente, por direito, em outro país.

Pouco após a Primeira Grande Guerra, vários países, ex-colônias, manifestaram o desejo de possuir cópias da documentação de interesse de sua história existente nos arquivos das antigas metrópoles. De maneira mais tímida se dava o contrário, países antes metrópoles buscando documentos para a sua história nas ex-colônias.

Com este movimento, os primeiros contatos entre os países interessados e a mediação de organismos internacionais, foram ocorrendo.

Todos os países da América, os de língua latina, inglesa ou holandesa, têm, na Europa, parte de sua, de sua história, de sua identidade. Também a África, Oceania e Ásia possuem diversos países que foram ex-colônias e a documentação interessante para a sua história se encontra distante, geralmente nos países europeus.

O Conselho Internacional de Arquivos – CIA, foi um dos organismos que procuraram auxiliar os países que possuíam documentação importante para sua história em arquivos de outras nações. Algumas procedimentos foram implementados no sentido de facilitar a obtenção de cópia dessa documentação, principalmente nos casos em que os países possuíam acordos bilaterais contemplando essas ações.

Buscando desenvolver mecanismos que pudessem ainda mais mitigar os problemas e entraves para esses programas, a UNESCO passou a auxiliar por meio da diplomacia, e mesmo com aporte financeiro, aos países que buscavam obter cópias de documentos importantes para a sua história.

Mais tarde, já nos anos 1970 a UNESCO publicaria a Resolução nº 4212, de 1974, incentivando os Estados-membros a tratarem como patrimônio cultural comum, a documentação interessante para a história de países que no passado foram colônia e metrópole. O reconhecimento desse direito por parte dos Estados-membros não significava abrir mão de seus documentos históricos, pelo contrário, era o reconhecer que o acervo histórico de um país também o era para outro e essa documentação deveria ser compartilhada.

Se no passado a tarefa de “copiar” ou elaborar resumos dos documentos históricos era tarefa morosa, hoje, com as técnicas de referência e descrição e as modernas tecnologias de reprodução, muitos dos problemas foram solucionados. Dessa forma, alguns programas foram realizados, geralmente, com a assistência do Conselho Internacional de Arquivos, obtendo bons resultados em alguns países que tinham documentação de interesse conjunto, seja porque seus territórios integravam, anteriormente, outros países, seja porque foram colônias.

Não obstante essas ações favorecidas pela UNESCO e Conselho Internacional de Arquivos, não se tem notícia, de um projeto que tenha reproduzido quase a totalidade de uma documentação referente à administração de uma ex-colônia. O que muito se fez nos programas assistidos por esse organismos internacionais, foi a elaboração de instrumentos de pesquisa, quase sempre descrevendo conjuntos documentais e se cópias da documentação foram feitas, foram parciais, não de todo o conjunto importante para o país interessado.

O Projeto Resgate Barão do Rio Branco, objeto dessa pesquisa, não somente descreveu todos os itens documentais da documentação de interesse histórico do Brasil existente no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, como reproduziu todo este acervo. Este é o grande diferencial do Projeto Resgate em relação às outras ações empreendidas, anteriormente, por outras nações. Além disso, este Projeto seria expandido para outros países da Europa e Estados Unidos.

O interesse pela documentação brasileira existente em arquivos de outros países, não vem de hoje. Desde o início da nacionalidade brasileira, ocorrida em 22 de setembro de 1822, quando o Brasil se tornou independente da metrópole portuguesa, estudiosos buscavam construir uma história nacional que pudesse não só dar uma identidade ao país nascente, mas, de alguma forma, dar unidade histórico-social e cultural a uma nação continental, com um território enorme que naquele contexto poderia correr o risco de fragmentar-se, como ocorreu com algumas colônias espanholas da América.

Destarte, não se poderia escrever uma História do Brasil sem se referir aos 322 anos em que se permaneceu como colônia de Portugal. Muito ligava o Brasil ainda à antiga metrópole: a língua, a religião, os costumes, e própria família imperial brasileira, descendente dos reis portugueses. Se havia uma ruptura política com a antiga metrópole, havia, sem dúvida, uma continuidade histórica no sentido de que a classe dominante colonial descendia dos antigos reinóis que colonizaram a terra brasileira.

Assim, desde os anos seguintes à independência do Brasil, ocorrida em 1822, estudiosos e curiosos da história brasileira tinham em mente os arquivos portugueses. A pesquisa, porém teria de esperar. A independência, se não foi aguerrida, não deixou de atçar os ânimos de brasileiros e portugueses. Portugal somente reconheceria a independência do Brasil em 1825 e, ainda assim, o contexto pelo qual passava a velha metrópole, presa de séria instabilidade política, e a antiga colônia ainda se estruturando como país independente, não favoreceriam as pesquisas. Outras coisas urgentes estavam na ordem do dia.

Nos anos de 1830, acalmados os ânimos no Brasil, estudiosos procuram se congregarem em uma instituição que buscasse favorecer os estudos da história e geografia brasileiras. Surge, assim, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, que teria, no futuro, importância primordial na construção da memória nacional, patrocinada, de perto, pelo governo imperial do Brasil.

Neste trabalho levantou-se, também, o histórico das pesquisas encetadas pelo IHGB e as pesquisas particulares que ocorreram no século XIX e no século XX até a década de 1970. Isto como preparação para se conhecer o auge de todo este processo de levantamento de fontes para a história do Brasil começado no século XIX. Este auge a que se refere é o Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, gestado desde a década de 1960, mas, realmente implementado, a partir de 1995, num esforço gigantesco para se copiar a documentação brasileira dos arquivos europeus e Estados Unidos.

2 OBJETO DA PESQUISA

O objeto desta pesquisa, portanto, é o Projeto Resgate da Documentação Histórica Barão do Rio Branco (Projeto Resgate), criado institucionalmente, em 1995, por meio do protocolo assinado entre as autoridades portuguesas e brasileiras no âmbito da Comissão Bilateral Luso-Brasileira de Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental (COLUSO).

O Projeto Resgate se fundamentou na Resolução nº 4212, de 1974, da UNESCO, que considerou patrimônio comum os documentos do passado de dois países ligados anteriormente pelos laços de colonialismo¹.

2.1 AS DUAS FASES DO PROJETO RESGATE

Conhecer o Projeto Resgate em suas duas fases é importante para se conhecer os resultados, qual a influência desses resultados na pesquisa histórica, nos estudos de Diplomática Colonial e na expansão dos estudos paleográficos e mesmo na historiografia brasileira.

No que tange à implementação do Projeto Resgate, sua metodologia e resultados, foi preciso que se tivesse uma visão completa dos produtos resultantes do trabalho nas dezenas de arquivos europeus e nos Estados Unidos, levantando-se os arquivos pesquisados e instrumentos de pesquisas daí resultantes.

A farta documentação trabalhada pelo Projeto Resgate, apesar de quase sempre ser de ordem administrativa, versando sobre o poder burocrático da metrópole e sua atuação na colônia, apresenta informações importantíssimas não só relacionadas ao preenchimento de cargos, provisões, confirmações, requerimentos, instruções, e estruturação de corpos militares. Ela espelha os “olhos” da administração do Antigo Regime que na colônia, apesar da distância, tudo via e vigiava. Assim, em vários destes documentos, têm-se informações de todos os aspectos da vida na colônia, começando pelas cartas-denúncias, processos e autos nos quais figuram centenas de pessoas que falam do cotidiano, das lutas entre as classes sociais, a escravidão negra, as tentativas de contrabando dos produtos coloniais e muitos outros assuntos.

Precisamente aí está mais uma contribuição do Projeto Resgate. Os princípios de patrimônio comum e herança da humanidade foram respeitados e com isso os dois

¹ BERTOLETTI, Esther Caldas. Brasil-Portugal, um mar-oceano de documentos. IN Brasil e Portugal – 500 anos de enlacs e desenlacs. Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2000, p. 107.

países saíram ganhando. Aliás, no mundo de hoje, globalizado, não se pode mais apenas conhecer-se, ainda mais quando se está referindo a países que antes foram colônias, recebendo da metrópole não só ordens, mas também colonos com sua língua, cultura, religião, administração etc. Um país outrora colônia só poderá conhecer sua história se conhecer a história colonial ensejada pela metrópole. Neste sentido se imbricam as relações coloniais entre colônia e metrópole, registradas nos acervos centenários dos arquivos coloniais.

Toda esta documentação é manuscrita, existindo dificuldades para a sua transcrição devido às letras, palavras arcaicas, estado do suporte documental ou dos materiais utilizados para grafar a escrita. A Diplomática era matéria muito raramente estudada nas Universidades brasileiras, e praticamente inexistente nas Universidades do Estado de Goiás, desconhecida dos pesquisadores da região, ao qual se prende o caso concreto. A partir do Resgate houve incremento do estudo da Paleografia e Diplomática? Este desafio suscitou nos pesquisadores, professores de história e alunos o interesse por instrumentos que pudessem auxiliar na pesquisa documental à qual os alunos não estavam acostumados? O interesse pela Paleografia e Diplomática estaria ligado diretamente ao "impacto" do Projeto Resgate? São perguntas que se pretende responder no estudo de caso concreto.

3 HIPÓTESES E OBJETIVOS

Todo o processo de construção dessa pesquisa buscou atender às hipóteses e objetivos. Sendo assim, as hipóteses levantadas foram:

Hipótese 1: Antes da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate, a historiografia se ressentia de estudos acadêmicos sobre o Brasil Colonial. Os

novos pesquisadores quase sempre não revisitavam as fontes já que se encontravam em outros países e somente alguns poucos privilegiados tinham condições de arcar com os custos de viagens e estadias. No Estado de Goiás (povoado a partir de 1726), poucos pesquisadores se debruçaram sobre a documentação histórica da região, devido a grande massa documental encontrar-se em Portugal. O Projeto Resgate favoreceu a pesquisa sobre o século XVIII da história de Goiás e também uma revisita às fontes.

Hipótese 2: Quase nada se conhecia sobre a administração portuguesa na Capitania de Goiás, a burocracia da administração, e mesmo não se tinha um conhecimento do organograma administrativo, jurisdições e competências dos cargos, o que se obteve com a documentação oferecida pelo Projeto Resgate.

Hipótese 3: Houve, a partir da disponibilização das fontes históricas sobre o Brasil Colonial um incremento nos estudos diplomáticos e paleográficos em Goiás.

Hipótese 4: A constante valorização do profissional diplomata e paleógrafo nos cursos de especialização de arquivos em Goiás, se deve, em grande parte, à disseminação da documentação oferecida pelo Projeto Resgate e conhecimento sobre as tipologias documentais e valores administrativos e legais dos documentos diplomáticos.

Tendo como eixos norteadores para a confirmação dessas hipóteses, os objetivos são os apresentados abaixo:

OBJETIVO GERAL

Analisar o Projeto Resgate Barão do Rio Branco, as negociações entre Brasil e Portugal que o viabilizaram, o favorecimento do acesso à informação e às fontes da história do Brasil existentes na Europa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivo 1: Demonstrar a importância da documentação histórica da antiga colônia brasileira, para o conhecimento da história administrativa do Brasil Colônia.

Isto, por meio de um estudo apresentando a pesquisa realizada por diversos historiadores que desde o século XIX levantaram a documentação colonial brasileira do AHU e de outros países, apontando-a como importante para o conhecimento da história do Brasil.

Objetivo 2: Conhecer os antecedentes do Projeto Resgate, as primeiras tentativas do Brasil independente em possuir a documentação histórica de seu passado, existente em arquivos portugueses.

Para se conhecer a história do Projeto Resgate, seus resultados e impactos, fez-se necessário conhecer, primeiramente, os antecedentes desse Projeto, sua implementação e os documentos bilaterais luso-brasileiros que possibilitaram a realização do Projeto Resgate. Para contextualização, foi necessário, também, um estudo sobre o trabalho realizado por pesquisadores no século XIX e na primeira metade do século XX, quando logo após a Independência do Brasil, que se deu em 1822, vários estudiosos procuraram conhecer e copiar a documentação histórica existente em arquivos portugueses e que fosse de interesse aos pesquisadores brasileiros. Neste sentido buscou-se levantar os nomes destes pesquisadores, a que instituições estavam ligados, as fontes de financiamento e, quando possível, os resultados obtidos.

Objetivo 3: Conhecer as dificuldades e entraves para a celebração de acordos entre Portugal e Brasil a respeito de projeto para a cópia da documentação histórica existente no Arquivo Histórico Ultramarino e de interesse do Brasil.

Detectar e conhecer os problemas enfrentados pelo Projeto Resgate para a sua implementação para que os mesmos não se repitam em Projetos Congêneres.

Objetivo 4 Demonstrar e descrever as gestões entre Brasil e Portugal e os documentos pactuais oriundos do entendimento entre os dois países.

Para a consecução do Projeto Resgate em sua primeira fase em Portugal, foram necessários diversos entendimentos entre o Brasil e Portugal, sua antiga metrópole. A implementação do Projeto era dificultado não só pela distância, mas também devido à burocracia reinante em Portugal e no Brasil que não possuíam um acordo no âmbito cultural. Esta realidade só começaria a mudar a partir da Conferência Geral da UNESCO, de 1974, quando através da Resolução nº 4.212 convidava os Estados Membros a “examinarem favoravelmente a possibilidade de transferir as informações contidas nos documentos provenientes de arquivos constituídos no território de outros países ou se referindo à sua História”. Ainda, assim, diversos acordos de cooperação foram necessários para que o Projeto Resgate se iniciasse e acontecesse.

Objetivo 5: Conhecer a implementação do Projeto Resgate em Portugal, as equipes de trabalho e seus resultados.

Procurou-se reunir o maior número possível de informações sobre as equipes que atuaram no Projeto Resgate, especificando o trabalho da equipe da Capitania de Goiás, estudo de caso dessa investigação.

Objetivo 6: Conhecer a expansão e levantar os resultados do Projeto Resgate em outros países europeus com documentação de interesse para a História do Brasil.

Após se conhecer os resultados do Projeto em Portugal, essa pesquisa voltou-se para sua expansão em outros países, apresentando, igualmente, o resultado e impactos advindos. Esta segunda fase do Projeto Resgate na Holanda, França, Espanha, Reino Unido e Irlanda, Bélgica, Itália, Vaticano, Áustria e Estados Unidos, seja por se tratar de um número menor de documentos, seja por que estes mesmos documentos já se

encontravam em sua grande maioria organizados e descritos, as dificuldades foram muito mitigadas.

Objetivo 7: Conhecer o impacto e influência do Projeto Resgate na historiografia do Estado de Goiás.

Objetivo 8: Detectar e conhecer os problemas enfrentados pelo Projeto Resgate para a sua implementação e realização, para que os mesmos não se repitam em Projetos Congêneres.

Por fim, a pesquisa empreendeu um estudo de caso, o “Projeto Resgate da Documentação da Capitania de Goiás existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa”, projeto coordenado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Nesta parte, foram analisados os seus resultados, impactos e como tem influenciado os estudos históricos, valorizado os estudos diplomáticos e paleográficos nesse estado brasileiro.

Objetivo 8: Demonstrar que a pesquisa sobre o século XVIII em Goiás, antes somente de interesse de poucos historiadores, com a documentação do Projeto Resgate se ampliou e se tornou interdisciplinar, servindo a historiadores, arquitetos, engenheiros, economistas e profissionais na área de letras.

Para realizar este objetivo será levantada a produção historiográfica anterior e posterior ao Projeto Resgate, elaborada nas universidades do Estado de Goiás e região, comparando os períodos no sentido de se demonstrar se a documentação histórica disponibilizada pelo Projeto influenciou no aumento dessa produção.

Objetivo 9: Conhecer os resultados do Projeto Resgate por meio dos instrumentos de pesquisa elaborados pelas diversas equipes de pesquisadores.

Todos os catálogos referentes ao Projeto Resgate em Portugal e os guias de fontes resultantes do Projeto nos outros países serão estudados, extraindo-se as informações relativas aos arquivos pesquisado, equipes, documentação trabalhada, fontes financiadoras.

4 METODOLOGIA

A base teórica para essa pesquisa lançou mão obras publicadas no Brasil e no exterior, de artigos de periódicos e de informações contidas nos catálogos e guias de fonte resultantes do Projeto.

Para o bom resultado deste estudo, foi necessário elaborar um histórico do Projeto Resgate para se conhecer como ele pôde ser dinamizado e quais as fontes de seu financiamento. Também se fez necessário conhecer as equipes que o integraram.

Para isto, em um primeiro momento, foram levantados os acordos bilaterais entre Portugal e Brasil, antes metrópole e colônia, relativos à possibilidade de transferência de informações contidas em seus arquivos e que servissem para o enriquecimento da memória de ambos.

Os documentos diplomáticos oriundos desses Acordos, Encontros e Protocolos realizados entre Brasil e Portugal em preparação ao Projeto Resgate, com fulcro em normas da UNESCO e outros organismos internacionais, foram instrumentos importantes para a salvaguarda e valorização do patrimônio documental dos países.

No Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro, onde se encontrava o Escritório do Projeto Resgate, a pesquisa pode levantar uma série de documentos relacionados aos seus antecedentes. Entre esta documentação, o encontro de um dossiê com os

protocolos e acordos que resultaram dos diversos encontros e negociações entre Brasil e Portugal, lançou luzes sobre o período anterior à implementação do Resgate.

Não existem obras que falem especificamente do Projeto Resgate. Isto está por ser feito. A bibliografia aqui apontada facultou, principalmente, conhecer o histórico das pesquisas patrocinadas pelo governo brasileiro e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ocorridas em Portugal nos séculos XIX e na primeira metade do século XX. A pesquisa também, buscou conhecer as pesquisas particulares, custeadas pelos próprios pesquisadores.

Dentre as obras brasileiras consultadas, foi de grande valia o livro do historiador brasileiro José Honório Rodrigues, intitulado “A Pesquisa Histórica no Brasil²”, uma obra clássica sobre a história da pesquisa histórica no Brasil, no qual elencou os pesquisadores que desde o século XIX se aventuraram pelos arquivos europeus à cata da documentação relativa ao Brasil. O livro de Jose Honório Rodrigues é referência sobre a pesquisa histórica brasileira pela seriedade e abrangência de seu estudo.

O livro “Roteiro-sumário de arquivos portugueses de interesse para o pesquisador da História do Brasil”, de Caio César Boschi³, pesquisador e grande conhecedor dos arquivos portugueses e que integrou a equipe do Projeto Resgate, foi de grande valia. Esta obra apresenta informações interessantes para se conhecer a história da formação do acervo de documentos históricos do AHU.

Duas obras importantes da arquivista e historiadora Heloísa Liberalli Bellotto foram fundamentais para embasamento da pesquisa: “Arquivos Permanentes – tratamento documental” e “Arquivo: estudos e reflexões”. Estes estudos de Heloísa Bellotto possuem partes que não somente se referem ao Projeto Resgate, como tratam de seus

² RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2ª edição, São Paulo: Nacional, 1969.

³ BOSCHI, Caio César. *Roteiro-sumário de arquivos portugueses de interesse para o pesquisador da História do Brasil*. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 1995.

anteriores, do método utilizado na organização e descrição dos documentos e do impacto desta documentação nos estudos históricos no Brasil. Heloísa Liberalli Bellotto também participou do trabalho com a documentação no AHU e algumas de suas informações são fruto dessa sua experiência. §

Alguns artigos de Esther Caldas Bertolotti, coordenadora técnica do Projeto Resgate, foram importantes para o conhecimento dos antecedentes do Projeto e de todo o trabalho empreendido para a sua implementação e resultados. Foram publicados em dois números da Revista do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, e foram, talvez, as primeiras informações, ainda que sucintas, sobre as equipes no AHU, o andamento dos trabalhos e seus primeiros resultados.

Para o estudo referente às pesquisas empreendidas no século XIX em Portugal e outros países da Europa por pesquisadores brasileiros financiados pelo Império do Brasil, recorreu-se a vários números da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das quais constam diversos relatórios, relações e listas dos documentos levantados nessas pesquisas.

Dois livros de autores portugueses ligados ao Arquivo Histórico Ultramarino também forneceram importantes subsídios para esta investigação. O trabalho de Ana Canas Delgado Martins, diretora do AHU, intitulado “Governança e Arquivos: D. João VI no Brasil” é um estudo sobre a transferência da família real portuguesa para o Brasil e a conseqüente mudança no fluxo burocrático dos documentos da administração portuguesa. Ana Canas dedica um capítulo à história da administração portuguesa na colônia brasileira, centrando-se no Conselho Ultramarino, o órgão competente para a administração do ultramar. Em sua obra Ana Canas se ocupa pouco do Projeto Resgate, mas suas informações são importantes.

Outro estudo português de que se utilizou foi o trabalho “Principais Tipologias da Administração Central do Antigo Regime”, de José Sintra Martinheira, funcionário do Arquivo Histórico Ultramarino. Tratando-se de um estudo de diplomática que teve

como subsídios a documentação portuguesa do AHU, foi de grande valia para esta pesquisa que pode se inteirar de como as equipes do Projeto Resgate se capacitavam para trabalhar com a documentação.

No que tange, ao estudo de caso, realizou-se uma pesquisa direcionada para a produção de trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses) nas diversas Universidades do estado de Goiás e Brasília (que faz parte da região do Estado de Goiás) e mesmo de outras regiões do país que tiveram Goiás como objeto de pesquisa. Isto para se auferir se houve incremento na pesquisa sobre o século XVIII e início do século XIX referente à história colonial da capitania de Goiás. Esta produção historiográfica se buscou nos sites da pós-graduação das universidades mencionadas com datas limites de 1974 a 2014.

Ainda neste sentido foi preciso um levantamento e estudo das obras relacionadas à Diplomática e Paleografia que tenham surgido após o Projeto Resgate, para se confirmar ou não a influência dos documentos do Projeto Resgate nessas publicações.

O estudo de caso citado, seria para permitir uma análise mais aprofundada dos resultados do projeto em questão, analisando o seu impacto na historiografia e investigação do século XVIII em Goiás. Portanto, não se pôde deixar de realizar uma análise quantitativa da produção historiográfica a partir do Projeto Resgate.

A título de enriquecimento desta investigação, como mencionado, fez-se necessário um estudo de campo, quando foram realizadas entrevistas por meio de questionários entregues a profissionais (historiadores, arquitetos, arquivistas) e mesmo a coordenadores de Arquivos, no intuito de se averiguar a influência da documentação do Projeto Resgate e sua interdisciplinaridade. Estas entrevistas ou questionários foram coordenados e estruturados cientificamente, amparados em método eficaz e seguro.

Os questionários foram enviados por meio virtual, tendo-se contactado, anteriormente, os que seriam entrevistados. Indicou-se um prazo para a coleta das respostas, quando os dados recolhidos seriam tabelados.

A partir do questionário aplicado a 30 pesquisadores, foi possível o levantamento de dados quantificáveis bem como análise e interpretação das respostas e justificativas apresentadas pelos entrevistados. Assim, a pesquisa realizada foi quantitativa e qualitativa. Quanto ao objetivo da pesquisa, pode-se afirmar que foi uma pesquisa de caráter explicativo, pois visa o mapeamento dos dados sobre os produtos e impactos do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, por meio do qual a documentação colonial do Brasil existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa foi organizada, descrita, microfilmada e digitalizada.

Estas entrevistas se fizeram necessárias para se conhecer o impacto da documentação do Projeto Resgate, seu valor interdisciplinar e sua influência para além da história. Para elaboração do questionário, alguns cuidados foram observados: 1 – verificou-se se a pergunta era importante para a pesquisa⁴; 2 – analisou-se se era necessário que se tivesse mais de uma pergunta sobre o assunto em pauta; 3 – verificou-se se o entrevistado tinha conhecimento técnico necessário para responder à questão⁵.

Os resultados das entrevistas foram enfeixados e os dados representados por meio de gráficos e tabelas, cuja interpretação se baseou em trabalhos consagrados, de metodologia e pesquisa, de autores como Mário Sérgio Michaliszyn e Ricardo Tomasini⁶, Antônio Carlos Gil⁷, Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, Edvaldo Soares⁸ e Antônio Joaquim Severino⁹.

⁴ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos metodologia científica*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001, p. 210.

⁵ BOYD, H. W. J.; WESTFALL, R. *Pesquisa mercadológica: texto e caso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1964.

⁶ MICHALISZYN, M. S.; TOMASINI, R. *Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁷ GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

⁸ SOARES, Edvaldo. *Metodologia científica: lógica, epistemologia e normas*. São Paulo: Atlas, 2003.

⁹ SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

5 ESTRUTURA

O trabalho está organizado em CINCO capítulos, além da introdução e conclusão. As divisões são didaticamente planejadas para que o leitor, em um crescendo, possa ir se apercebendo do conteúdo paulatinamente. Para isso, os CINCO capítulos são, pode-se dizer, cronologicamente coordenados.

5.1 ADMINISTRAÇÃO COLONIAL NO BRASIL

O trabalho está organizado em CINCO capítulos, além da introdução e conclusão. As divisões são didaticamente planejadas para que o leitor, em um crescendo, possa ir se apercebendo do conteúdo paulatinamente. Para isso, os CINCO capítulos são, pode-se dizer, cronologicamente coordenados.

5.2 POVOAMENTO DO INTERIOR DO BRASIL

Acerca do povoamento do interior do Brasil a partir das descobertas das minas auríferas de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, incursionou-se pela história dessa última capitania. Destarte, o Estado de Goiás, povoado a partir de 1726, teve o seu “Projeto Resgate da Documentação da Capitania de Goiás Existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa” como estudo de caso, que analisou o trabalho do Projeto Resgate Barão do Rio Branco como um todo, mas incursionou com mais ênfase no trabalho empreendido pelo Projeto Resgate com a documentação da Capitania de Goiás, elaborado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, instituição da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Este Projeto

de Goiás, foi organizado e ligado ao Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Deste projeto analisou-se o trabalho da equipe com a documentação manuscrita, sua organização, descrição, acondicionamento, microfilmagem e digitalização.

5.2.1 A FAMÍLIA REAL PORTUGUESA NO BRASIL – MUDANÇA DA ESTRUTURA BUROCRÁTICA

Seguindo o programa proposto no primeiro capítulo, para se contextualizar a mudança ocorrida no fluxo documental, discorreu-se sobre a transferência da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, o que acarretaria a criação de novos órgãos administrativos, extinção de alguns e transferência de responsabilidades de uns para outros. É este o caso do Conselho Ultramarino, até então responsável pela administração colonial das colônias portuguesas que, com a família real no Brasil, teve suas funções passadas a outro órgão sediado no Rio de Janeiro¹⁰. Estudou-se também neste capítulo o fluxo burocrático dos documentos do Conselho Ultramarino e a criação do Arquivo Histórico Ultramarino que guardará a documentação colonial portuguesa e cujo acervo seria objeto do trabalho do Projeto Resgate em Portugal.

5.2.2 HISTÓRICO DO LEVANTAMENTO DA DOCUMENTAÇÃO EUROPÉIA DE INTERESSE DO BRASIL

No segundo capítulo abordou-se o levantamento da documentação europeia de interesse para o Brasil, as principais pesquisas e compilações ocorridas no século XIX e no século XX, com os nomes dos principais pesquisadores e resultados desses trabalhos. Levantou-se a produção historiográfica sobre o Brasil dos séculos XVI ao

¹⁰ Pelo Alvará de 22 de abril de 1808, Dom João VI determinou que a jurisdição do Conselho Ultramarino no Brasil fosse exercido pelo Tribunal do Desembargo do Paço. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Dicionário da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Editora Verbo, 1994, p. 206.

XVIII, historiando as dificuldades e falta de incentivo por parte do governo português para o florescimento de uma historiografia sobre a colônia. Continuando no estudo da pesquisa sobre a história do Brasil, dissertou-se sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que passaria a ser a instituição da memória nacional, no século XIX.

Com a independência do Brasil em 1822, e a criação em 1838 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o interesse pela história do Brasil se viu aumentado, pois o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB tencionava escrever, nos moldes da época, uma História do Brasil. Para isso, encabeça uma campanha, solicitando aos seus sócios-correspondentes nas províncias brasileiras o envio de material histórico para a sede do IHGB no Rio de Janeiro. Motivados por esta solicitação sócios de várias províncias enviaram cópias de documentos e mesmo documentos originais que iriam fazer parte do acervo do Instituto. Outros, pesquisando nos arquivos regionais, escreveram memórias e ensaios, enviando para o IHGB, sendo muitas dessas produções publicadas em sua Revista fundada em 1839 e ainda hoje existente.

Concomitante a esta campanha pelas províncias brasileiras, o IHGB iniciou sua ingente busca por documentos de interesse da história brasileira existentes em arquivos portugueses e de outros países europeus. Auxiliou o IHGB nesse instante o governo imperial que necessitava de uma história do Brasil que desse identidade à nação e ao império nascente.

Assim, no Segundo Reinado (1840 – 1889), o Imperador do Brasil, D. Pedro II, patrocinou a ida a Lisboa de vários pesquisadores brasileiros que deveriam copiar os documentos interessantes para a nossa história. Foram várias as missões que então se deram, algumas com poucos frutos, outras com melhores resultados. Logicamente que o primeiro país a ser pesquisado seria Portugal, que guardava cerca de 80% da documentação de interesse do Brasil existente na Europa. Porém, por falta de

embasamento metodológico e uma organização sistêmica, não se conseguiu copiar toda a documentação dita interessante existente em Portugal.

5.2.3 PESQUISADORES BRASILEIROS DOS SÉCULOS XIX E XX NA EUROPA

Como um dos grandes pesquisadores daquele tempo, Antônio Gonçalves Dias, conhecido estudioso e poeta brasileiro, foi um dos que se dedicou à tarefa de compilar os documentos relativos ao Brasil. Esta tarefa tomaria maior impulso quando um jovem, José Maria da Silva Paranhos, mais tarde conhecido por Barão do Rio Branco e daria nome ao Projeto Resgate, iria se debruçar sobre a documentação dos arquivos europeus para com ela fixar os limites do território brasileiro.

Outro grande pesquisador que durante toda a sua vida se dedicaria à história do Brasil, foi Capistrano de Abreu, que desde 1866 advogava a permanência de um pesquisador em Lisboa com o fito de copiar a documentação relativa ao Brasil Colônia.

Nesse sentido, alguns programas foram levados a efeito no século XIX com alguns resultados. Mas foi na primeira metade do século XX que se verão maiores frutos referentes à documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, como o caso da elaboração dos catálogos de Castro e Almeida, Mendes Gouveia e Luísa da Fonseca¹¹. Estes trabalhos reunidos representam longos verbetes-resumos de 339 caixas relativas somente às capitâneas da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, o que não chega a 15% da massa documental de interesse do Brasil.

No século XX, na década de 1970, sobre influência do historiador Capistrano de Abreu, cujo trabalho no campo da história é ainda hoje muito respeitado entre os

¹¹*Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*, elaborado por Eduardo de Castro e Almeida, publicado em 1913; *Catálogo dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*, elaborado por Alfredo Mendes Gouveia e publicado em 1954, em quinze tomos da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; *Documentos da Capitania da Bahia*, Catálogo elaborado por Luísa da Fonseca, publicado em 1950.

historiadores brasileiros, alguns estudiosos se dedicaram em inventariar a documentação brasileira do Arquivo Histórico Ultramarino. Eram, porém, inventários parciais que não atingiam todo o acervo documental relativo à capitania pesquisada.

O trabalho empreendido na compilação dos documentos de interesse do Brasil era dificultado não só pela distância, mas também devido à burocracia reinante em Portugal e no Brasil que não possuíam um acordo no âmbito cultural.

As pesquisas particulares, custeadas pelo próprio pesquisador também foram realizadas, se bem que em menor número. Mas de certa forma alentaram a perspectiva dos historiadores e pesquisadores da história do Brasil, indicando arquivos que continham a documentação interessante para a história brasileira. Dessa forma, com os trabalhos dos pesquisadores patrocinados pelo governo brasileiro, seja no Império ou na República, e com as pesquisas particulares, mesmo que a documentação não fosse toda compilada, foi se conhecendo os arquivos que continham documentos para a história do Brasil. Devagar foi se formando um rol de arquivos, bibliotecas e museus da Europa que guardavam documentos referentes ao Brasil.

5.3 FORMALIZAÇÃO DO PROJETO RESGATE

O terceiro capítulo tratou do Projeto Resgate Barão do Rio Branco e sua implementação, historiando, antes, os acordos Brasil/Portugal sobre o patrimônio comum dos dois países que viabilizaram o Projeto e as instâncias realizadas pelo Conselho Internacional de Arquivos no sentido de se facilitar as pesquisas em ambos os países.

Foi fundamental para a realização dos Acordos entre Brasil e Portugal a Conferência Geral da UNESCO, de 1974, que por meio da Resolução nº 4.212 convidou os Estados

Membros a “examinarem favoravelmente a possibilidade de transferir as informações contidas nos documentos provenientes de arquivos constituídos no território de outros países ou se referindo à sua História”. Nesse sentido, o Brasil, por sua vez, preceituou na Constituição Brasileira de 1988¹² o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, bem como o acesso à informação. (Art. 5, inciso XIV da Constituição Federativa do Brasil).

Assim, amparados pela Resolução da UNESCO, desde 1976 historiadores e pesquisadores luso-brasileiros procuravam elaborar, em comum, projetos que pudessem facilitar a pesquisa documental e mesmo a microfilmagem nos arquivos de Portugal e Brasil.

5.2.3 ACORDOS BRASIL/PORTUGAL

Pelo termo de compromisso de Porto Seguro, assinado em 22 de abril de 1996, e o Comunicado Final do Encontro dos Ministros da Cultura do Brasil e Portugal, em 24 de abril de 1997, quando o Projeto Resgate já se iniciara, acordavam os dois países um esforço mútuo de microfilmagem da documentação de interesse a ambos.

Assim, seguindo o objetivo de trazer para o Brasil a documentação microfilmada do Arquivo Ultramarino de Lisboa, foi pensado e se concretizou o Projeto Resgate de Documentação Histórica Sobre o Brasil Colônia Existente no Exterior “Barão do Rio Branco”. Este projeto visava microfilmar a documentação existente no AHU, em Portugal, de interesse do Brasil, mas também desejava se estender a países como Espanha, França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Áustria, Itália, e Vaticano e, na América, aos Estados Unidos.

¹² *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo, Editora Saraiva, 2007, p. 6.

Concomitante ao Projeto Resgate, segundo o acordo de cooperação cultural entre Brasil e Portugal, realizou-se o Projeto Reencontro¹³ abrindo-se o patrimônio documental do Brasil colonial aos portugueses.

No âmbito do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, nasceram outros projetos menores, agregados, porém, a este projeto maior; cada qual buscando organizar e microfilmear a documentação de interesse de um Estado do Brasil. Cada Estado (antes, no século XVIII, chamado de capitania), conseguiu seus recursos, seja com empresas públicas ou particulares, mantendo os pesquisadores em Lisboa.

5.3.2 A DOCUMENTAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Como o Projeto em Portugal se deu no Arquivo Histórico Ultramarino, historiou-se a sua criação e o acervo formado por documentos do antigo Conselho Ultramarino. Quanto ao Projeto Resgate propriamente dito, tratou-se de sua gênese, implementação e os trabalhos práticos. Analisou-se a sua especificidade, como um projeto diferenciado de outros no gênero, pois, principalmente no que concerne ao Arquivo Histórico Ultramarino, o trabalho desenvolvido com a documentação de interesse do Brasil, foi *sui generis*. A documentação foi toda organizada e descrita, documento por documento, elaborando-se um verbete unitário, bem como toda microfilmada e digitalizada. Analisou-se, ainda, a metodologia aplicada ao trabalho com a documentação, o treinamento das equipes, o suporte oferecido pelo AHU, apreciando-se o trabalho desenvolvido.

¹³ O Projeto Reencontro seria o equivalente português do Projeto Resgate. Portugal copiaria nos arquivos brasileiros os documentos de seu interesse. Ana Canas, diretora do AHU comentou que o Reencontro assumiu dimensões mais reduzidas e que não se levantou a documentação dos arquivos brasileiros interessantes para a história portuguesa, sendo o conhecimento sobre essa documentação “descontínuo”. Outros problemas relativos ao não sucesso do Reencontro foi a falta de financiamento e, ainda, dificuldades em acordar com instituições brasileiras as formas de microfilmagem. Cf. MARTINS, Ana Canas Delgado. *Governança e Arquivos: D. João VI no Brasil*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2006, p. 354.

5.4 A LOGÍSTICA EM TORNO DO PROJETO RESGATE

Para se entender bem o Projeto Resgate, conhecendo-se toda a logística que propiciou a sua realização, ainda no capítulo 3º tratou das equipes que atuaram nos diversos arquivos europeus e nos Estados Unidos, as fontes financiadoras, as coordenadorias técnica e arquivística e o Projeto Resgate em meio digital, esforço de um grupo de pesquisadores da Universidade de Brasília.

5.5 A EXPANSÃO DO PROJETO RESGATE PARA OUTROS PAÍSES

O Projeto Resgate que a princípio trabalharia apenas em Portugal com o Arquivo Histórico Ultramarino, a partir do alento dos resultados que se foram obtendo, expandiu-se para outros países da Europa e para os Estados Unidos. O capítulo 4º tratou, justamente, dessa expansão, analisando esta nova fase do Projeto Resgate e os percalços encontrados. Neste capítulo, apresentou-se os países, cidades, arquivos, bibliotecas e museus que possuíam documentação de interesse do Brasil e que foi levantada pelo Projeto Resgate. Ao final do capítulo, elenca-se em tabelas o resultado do Projeto Resgate no AHU, em Portugal, e nos diversos países em que se foram levantadas as fontes para a história do Brasil. Por estas tabelas demonstrou-se o número de caixas e o total dos documentos com as datas extremas do acervo de cada capitania, a quantidade dos rolos de microfilmes resultantes da microfilmagem da documentação, e o número de CDs resultantes da microfilmagem. Elencou-se, outrossim, todos os catálogos e guias de fontes das capitanias e dos países trabalhados, bem como os catálogos específicos da cartografia/iconografia e códices.

5.6 ESTUDO DE CASO – O PROJETO RESGATE DA DOCUMENTAÇÃO DA CAPITANIA DE GOIÁS

O 5º capítulo é um estudo de caso sobre o “Projeto Resgate da documentação histórica da capitania de Goiás existente do Arquivo Histórico Ultramarino”. Aqui dissertou-se sobre como se deu o desenvolvimento do trabalho da equipe de Goiás no AHU, o apoio técnico quanto à organização documental, sua leitura e descrição, bem como a metodologia adotada. Fez-se uma análise da própria documentação e o seu valor interdisciplinar, a partir da produção historiográfica em Goiás antes e depois do Projeto Resgate. Para a comprovação ou não das hipóteses apresentadas no Projeto de Pesquisa, foram quantificadas e qualificadas as respostas obtidas por meio de um questionário enviado a 30 pesquisadores que trabalharam com a história de Goiás colonial e tiveram contato com a documentação da capitania de Goiás do AHU trabalhada pelo Projeto Resgate. Abordou-se, ainda, a importância da Diplomática e Paleografia, no contexto do Estado de Goiás, para o aumento da pesquisa sobre Goiás colonial, apresentando o aumento da produção de obras paleográficas e diplomáticas como sintoma de um maior interesse pela pesquisa na documentação do século XVIII e início do século XIX em Goiás.

Este trabalho quis demonstrar a importância de se conhecer os meandros do Projeto Resgate Barão do Rio Branco e a sua prestante contribuição à salvaguarda e disponibilização do patrimônio documental comum a dois países. Não existindo registro escrito sobre os antecedentes e elaboração do Projeto Resgate, este trabalho investigou e registrou como o Projeto Resgate se formou e quais os seus frutos. A partir do Projeto Resgate, teve-se uma visão geral da memória do Brasil colonial, antes toldada por falta de uma visão global da documentação existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Este trabalho se justificou ao demonstrar a adesão

de todos os Estados da federação brasileira ao Projeto Resgate, contribuindo cada qual para o resultado alcançado.

Neste sentido, o Projeto Resgate, nos moldes em que foi elaborado, contando inclusive com o apoio do governo brasileiro, tornou-se incentivo e modelo para projetos no gênero, relativos a outros países possuidores de documentação histórica de interesse comum a nações que antes foram metrópole e colônia.

O Projeto Resgate poderá, portanto, servir de modelo para outros projetos, do Brasil ou de outros países, enriquecendo, assim, a herança patrimonial documental da humanidade. A partir do levantamento das tentativas de se compilar a documentação de interesse do Brasil existente em Portugal e outros países europeus e Estados Unidos, e da elaboração de um histórico do Projeto Resgate, procurou-se contribuir para a melhoria de futuros projetos que se refiram ao patrimônio documental de interesse comum a duas nações.

Especificamente este estudo quis conhecer os antecedentes do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, sua elaboração e aprovação e o trabalho diplomático realizado para que o Projeto Resgate pudesse ser instituído. A partir deste levantamento, pôde-se conhecer os produtos advindos do Projeto Resgate e sua conseqüente influência sobre a memória brasileira.

Por fim, buscou-se demonstrar os resultados obtidos pelo Projeto Resgate “Barão do Rio Branco” no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e nos arquivos, bibliotecas e museus da Holanda Espanha, França, Bélgica, Reino Unido e Irlanda, Itália, Vaticano e Áustria e, na América, nos Estados Unidos.

Nesta última parte, procurou-se conhecer mais detalhadamente a implantação e desenvolvimento do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, a metodologia utilizada, a partir das normas estabelecidas pelo Arquivo Histórico Ultramarino no tratamento desta documentação e seus frutos, como a democratização das fontes para a história do Brasil.

Capítulo 1

O documento fixa o passado, reflete um instante, uma circunstância, uma maneira de ser, de estar, de transmitir. Ao tratar o documento, o historiador estabelece com ele um diálogo, uma medição de culturas e de tempos que o habilita a formular valorações para o seu significado. O documento é a matéria-prima. O diálogo é o processo. Não há história sem um e outro. Entre os dois, entre o documento e o diálogo, medeia o tempo, a oposição passado/presente que, conforme ensina Jacques Le Goff, constitui o material fundamental da História. É através da memória que, no presente, o historiador se habilita a dialogar com o passado e, portanto, a atualizá-lo.

Heloísa Liberalli Bellotto – Arquivos Permanentes

1 A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL, O CONTEXTO GERADOR DA DOCUMENTAÇÃO

1.1 O CONTEXTO DAS NAVEGAÇÕES E A DESCOBERTA DO BRASIL

O Império Português foi uma das grandes epopeias humanas. Portugal, constituído de pequeno território e não tão povoado, viu-se, por força de circunstâncias, impelido às descobertas de novas terras. Já no início do século XV os portugueses se aventuravam pelo Atlântico, primeiro em viagens curtas, de reconhecimento, indo sempre mais longe a cada viagem. No século XVI os portugueses dominavam uma porção do mundo e o comércio enriquecia a nobreza do pequeno reino que se transformara em império.

Uma das primeiras conquistas portuguesas foi Ceuta em 1415 e a ilha da Madeira em 1418. Enquanto a Ilha da Madeira tornou-se grande produtora de trigo e açúcar que abastecia a metrópole e enriquecia o comércio português, o arquipélago dos Açores, encontrado em 1427, foi escolhido para servir de base para uma armada fixa, que protegeria as embarcações que saíssem de Lisboa, livrando-as dos então frequentes ataques de piratas e corsários¹⁴.

¹⁴ BOXER C. R. *O Império Marítimo Português 1415 – 1825*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 33.

O território de São Tomé e Príncipe, descoberto em 1471 e primeiramente chamado de Ano Bom e Fernão do Pó, foi para Portugal um verdadeiro laboratório de tipos de colonização. Portugal conquistou a região e depois de anos, só se fazia presente para deixar nessas ilhas populações de escravos, crianças judias tiradas dos pais e homens livres¹⁵.

Uma outra conquista estratégica, a ilha de Santa Helena, foi útil para a navegação para as Índias. Descoberta em 1502, ela se tornou um ponto de apoio às longas viagens, local de reabastecimento e revigoramento das forças dos marujos portugueses¹⁶.

Com as conquistas se sucedendo, instalaram colônias e entrepostos comerciais na África, meio caminho para o Oriente, onde não demorariam a chegar instalando feitorias e fortes, assumindo de pronto o controle do comércio de especiarias.

*“Em meados do século XVI os portugueses dominavam uma porção do mundo e do comércio superior a qualquer outro país. A África com as cadeias de postos comerciais e de fortes que chegavam ao Oriente e, para o Sul, às costas ocidentais, o domínio dos grandes portos em Ormuz e Goa deu-lhes o controlo do valioso comércio do golfo Pérsico e do oceano Índico. Firmemente estabelecidos na China e no Japão, traziam para a metrópole navios carregados com as sumptuosidades do Oriente – sedas, porcelanas e laca. O sonho que obcecara os homens no tempo do príncipe Henrique, o Navegador, tinha-se tornado uma realidade”.*¹⁷

Os portugueses chegaram à China em 1509. No Japão, aportaram em 1543 e foram os primeiros ocidentais a desembarcar na região, embora nunca tenham conseguido

¹⁵ SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América Ltda, 1998, 140.

¹⁶ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1995, p. 209.

¹⁷ BOXER, C.R, op. cit, p. 11.

estabelecer ali uma base firme. Na Índia, porém, estabeleceram-se em Goa, Diu e Damão¹⁸.

Foi em uma dessas viagens para a Índia que o português Pedro Álvares Cabral, afastando-se da costa da África e perdendo-se em uma calmaria¹⁹, descobriu terras a Oeste.

Não cabe aqui a discussão se essas terras foram descobertas intencionalmente ou acidentalmente, o certo é que Cabral acreditara estar chegando a alguma parte das índias, tanto que chamou os nativos de índios. Imaginava-se, também, que a terra era uma ilha, e por ser o dia 21 de abril de 1500, dia consagrado à Santa Cruz, a terra foi primeiramente chamada de Ilha de Vera Cruz e mais tarde de Terra de Santa Cruz. Posteriormente, devido ao comércio da madeira vermelha, da cor de brasa, abundante nas matas do litoral da nova terra descoberta, madeira utilizada para se tingir tecidos, a terra foi rebatizada de Brasil.

No princípio Portugal não organizou de pronto um sistema de colonização da nova terra descoberta. Apenas deixou no litoral brasileiro algumas dezenas de degredados, ou seja, portugueses em dívidas com a justiça, amargando na terra inóspita a pena por seus crimes.

Sendo o litoral brasileiro amiúde visitado por piratas e corsários que da terra levavam o precioso pau Brasil, por volta de 1530, Portugal, buscando impedir o comércio ilegal da madeira e temendo a invasão da nova terra por outros reinos, inicia sua colonização. O Brasil seria colônia portuguesa até 7 de setembro de 1822, quando se tornou independente da metrópole portuguesa.

1.2 O POVOAMENTO DO BRASIL, OS PRIMEIROS TEMPOS DA COLÔNIA

¹⁸ BOXER, C.R, op. cit. pp. 55 - 76.

¹⁹ Cessação dos ventos e do movimento das ondas. Cf. <http://dicionariodoaurelio.com/calmaria> (Consulta, 12 de outubro de 2015).

O Brasil, “descoberto” em 1500 pelos portugueses e batizado com o nome de “Terra de Santa Cruz” foi, em um primeiro momento, apenas um território desconhecido de onde se explorou apenas o pau-brasil. Esta madeira, que daria nome à terra descoberta era utilizada como corante, sendo a primeira riqueza aqui encontrada pelos portugueses então mais interessados no comércio de especiarias em suas possessões no Oriente. Destarte, na primeira metade do século XVI outros interesses ocupavam Portugal. O Brasil, no dizer do historiador Luis Palacín²⁰ que estudou a sociedade colonial brasileira, era apenas uma imensa costa hostil e a Índia com suas especiarias, a fonte e o sonho da riqueza. Todo esforço humano e todos os capitais disponíveis eram poucos para atender a grande empresa da Índia.

Na terceira década de 1500, como já mencionado, Portugal premido por incursões francesas à costa brasileira, delineia um projeto de ocupação da terra seguindo a experiência realizada nas ilhas do Atlântico. Nas ilhas de Cabo Verde e na Madeira, Portugal adotou o sistema de capitanias hereditárias²¹. Por ele, lotes de terra, imensos, eram cedidos a donatários, não como próprio bem pessoal, mas para serem administrados em nome da Coroa. Como contrapartida, os donatários possuíam grandes privilégios, mas arcavam com todos os gastos de instalação e colonização.

Foram dez as doações realizadas distribuindo as terras brasileiras desde o Amazonas até São Paulo: São Vicente (Martim Afonso de Sousa), Santana, Santo Amaro e Itamaracá (Pêro Lopes de Sousa), Paraíba do Sul (Pêro Gois da Silveira), Espírito Santo (Vasco Fernandes Coutinho), Porto Seguro (Pêro de Campos Tourinho), Ilhéus (Jorge Figueiredo Correia), Bahia (Francisco Pereira Coutinho), Pernambuco (Duarte

²⁰ PALACÍN, Luis. *Sociedade Colonial (1549-1599)*. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1981, p. 13. Padre da Companhia de Jesus, Palacín, já falecido, era natural de Valladolid, Espanha, e prestou enorme serviço à História Brasileira, principalmente à história da região do Brasil Central, notadamente do Estado de Goiás que abriga a Capital Federal, Brasília.

²¹ Capitanias hereditárias: divisão territorial doada pelo governo português no século XVI no Brasil e que se transmitia por herança. Ver DIAS, Manuel Nunes. *O descobrimento do Brasil*. São Paulo: s/Ed., 1967, p.23.

Coelho), Ceará (Antônio Cardoso de Barros), Baía da Traição até o Amazonas (João de Barros, Aires da Cunha e Fernando Álvares de Andrade). Destas prosperaram apenas seis: Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo e São Vicente. Muitos donatários desistiram ante o risco em se despender grandes capitais e as dificuldades oriundas das distâncias, em uma terra onde tudo estava por fazer-se. Acresce, ainda, as incursões dos indígenas, o ataque de corsários e a própria natureza tropical ainda pouco conhecida. Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, historiadora portuguesa:

*“O lugar de donatário era hereditário e ele e seus sucessores eram denominados “capitães e governadores”. A herança era mais liberal do que em Portugal: foi especificamente revogada a exclusão de bastardos e parentes colaterais. O capitão tinha o direito de nomear todos os funcionários, assim como o de criar vilas e cidades e superintender a eleição dos camaristas. Além disso, era ele que fazia as doações de terras (sesmarias) àqueles que quisessem fixar e cultivar a terra num limitado período de tempo”.*²²

O capitão-donatário possuía poderes judiciais, podendo inclusive condenar à pena capital. Também recebia alguns impostos que de outra maneira iriam para o rei. Entre estes impostos constava um décimo dos dízimos e um vigésimo do lucro obtido com o corte do pau-brasil²³. O capitão-donatário delegava poderes ao Alcaide-mor, e a justiça era exercida por meio de ouvidores, tabeliães do público e judicial, escrivães e meirinhos. As vilas eram administradas pela Câmara formada pelos vereadores, procurador, tesoureiro, escrivães, almotacés, juízes ordinários e meirinhos²⁴.

Esta experiência das capitanias, porém, propiciou a instalação permanente dos portugueses nas terras descobertas. Portugal, tendo mais conhecimento das riquezas

²² SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Dicionário da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Editora Verbo, 1994, p. 132.

²³ Pau-brasil, madeira muito procurada no século XVI e utilizada para tingir. Seu nome advém da cor vermelha “como brasa” e passou mais tarde a denominar a nova colônia: Brasil. O primeiro nome da terra descoberta foi Ilha de Vera Cruz. A partir do momento em que reconheceram ser a nova terra território continental, passou a denominar-se Terra de Santa Cruz. Em 1530, porém, a colônia já era conhecida por Brasil.

²⁴ TELES, José Mendonça (org.). *Catálogo de Verbetes do Manuscrito Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001, p. 513-532.

minerais e do extrativismo vegetal da nova colônia, organiza o Governo Geral em 1549, com sede em Salvador, capitania da Bahia. Surgem, assim, as capitanias régias, com governadores nomeados pelo rei. Aos governadores-gerais, agora, ficavam submissos os capitães donatários. Seguindo o processo de centralização do poder, as antigas capitanias-donatárias fracassadas seriam incorporadas ao governo geral. As capitanias donatárias que progrediram seriam adquiridas pela Coroa. Assim, cessa, na colônia o sistema de capitanias donatárias, centralizando a política de colonização portuguesa. Por algum tempo (1573 – 1578 e 1608-1620) tentou-se a divisão do Brasil em dois governos-gerais, com sedes em Salvador e no Rio de Janeiro, o que se viu ser ineficaz e dispendioso.

O governador-geral, como preposto régio, detinha a jurisdição militar, administrativa e judiciária. Assim exercia o comando da tropa, era o responsável pelo governo civil, relacionando-se com os governadores das outras capitanias. Tinha ainda o controle fazendário e era o supervisor do judiciário, exercido a partir do Tribunal da Relação, podendo nomear serventuários e mesmo comutar penas. No campo eclesiástico, o governador-geral fiscalizava a atuação dos eclesiásticos e poderia indicar às dioceses e arquidiocese nomes de párocos e capelães²⁵. A partir de 1720 os governadores-gerais passariam a usar o título de vice-reis.

No século XVII, portanto, a colônia brasileira já possuía todo o aparato administrativo ligado ao governo geral, com a Justiça em funcionamento, a criação da primeira Diocese, a da Bahia²⁶, e um corpo de funcionários para mover e funcionar toda a máquina administrativa calcada nas características da administração do Antigo Regime. Mesmo durante a união entre as Coroas portuguesa e espanhola, a chamada União Ibérica, de 1580 a 1640, que se deu após a morte do rei português, Cardeal Dom Henrique, sem sucessão, assumindo o trono português o rei Felipe II de Espanha, a administração permaneceu nos moldes implementados por Portugal.

²⁵ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op. cit, p. 375.

²⁶ SILVA, José Trindade da Fonseca e. *Lugares e Pessoas – subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. Goiânia: UCG, 2006, p. 78.

As mudanças internas que ocorreram no século XVIII, não seriam de grande impacto na colônia. Ocorriam mudanças na extinção de órgãos e criação de outros, mas a administração colonial continuaria sempre como da responsabilidade do Conselho Ultramarino.

1.3 ADMINISTRAÇÃO COLONIAL NA CAPITANIA DE GOIÁS

Com as incursões realizadas por portugueses e colonos brasileiros ao interior da colônia, temos a descoberta, no final do século XVII e nas duas primeiras décadas do século XVIII das minas auríferas de Minas Gerais (1693), Mato Grosso (1719) e Goiás (1726), aguçando o interesse português pelas regiões centrais da colônia brasileira. Ocorre, então, uma corrida para as minas descobertas. Algumas cidades quase ficam despovoadas. A cidade de São Paulo, de onde saíram a maioria dos descobridores das minas, quase se despovoa. As regiões das minas descobertas, ficam, em um primeiro momento ligadas à capitania de São Paulo.

Desde o início das descobertas das minas auríferas de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, a coroa portuguesa foi criando paulatinamente uma estrutura administrativa mais firme, cerceando as atribuições dos primeiros descobridores e que pudesse, com rigor, arrecadar impostos sobre o ouro e outros produtos da terra. Com o tempo e o aumento da população radicada nas regiões auríferas, essas regiões vão se separando da capitania de São Paulo e tornando-se capitanias autônomas. Assim, são criadas as chamadas capitanias de minas: Minas Gerais (1720), Goiás e Mato Grosso (1748), sendo os governadores capitães gerais nomeados pelo rei com instruções específicas de governo ligadas aos interesses da produção aurífera e à proteção das fronteiras com a América Espanhola.

Criadas as Capitanias de minas, Portugal não se descuroou de implantar de imediato sua máquina administrativa, organizando sua estrutura nos moldes centralizantes da metrópole. Para as três capitanias de minas foram destacados não somente

governadores, mas governadores e capitães gerais, ou seja governadores militares. Isto é compreensível: em uma região de adventícios, com toda espécie de gente nos garimpos, era necessário a presença do rei e da lei, personificados nos capitães gerais imbuídos de poderes administrativos e militares.

Outro motivo para o imediato aparato administrativo dessas regiões se deve ao motivo de que a região de Mato Grosso era fronteira com terras de Espanha, e Goiás, na região central da colônia, era local estratégico para o povoamento do Oeste. Lembremo-nos que as regiões de Goiás e Mato Grosso, pelo Tratado de Tordesilhas, pertenciam ao território espanhol. Visando regulamentar as fronteiras, celebrou-se entre as metrópoles portuguesa e espanhola, em 13 de janeiro de 1750, o Tratado de Madri que definiria, novamente, os limites entre as colônias sul-americanas, pondo fim às disputas. Por este tratado, ambas as partes reconheciam ter violado o Tratado de Tordesilhas na Ásia e na América e concordavam que, a partir de então, os limites deste tratado se sobreporiam aos limites anteriores²⁷.

CAPITANIAS BRASILEIRAS NO SÉCULO XVIII		
Nome	Ano de criação	Território do qual se desmembrou
Alagoas	1817	Pernambuco
Bahia	1534	Capitania hereditária
Ceará	Cerca de 1550	Capitania hereditária a princípio, depois integrada a Pernambuco e novamente criada capitania em 1799
Colônia do Sacramento	1680	Terras de Espanha
Espírito Santo	1535	Capitania hereditária
Goiás	1748	São Paulo
Maranhão	1531	Capitania hereditária
Mato Grosso	1748	São Paulo
Minas Gerais	1720	São Paulo
Pará	1772	Maranhão
Paraíba	1574	Itamaracá
Pernambuco	1734	Capitania hereditária
Piauí	1718	Maranhão

²⁷ As negociações basearam-se no chamado Mapa das Cortes, privilegiando a utilização de rios e montanhas para demarcação dos limites. O diploma consagrou o princípio do direito privado romano do *uti possidetis, ita possideatis* (quem possui de fato, deve possuir de direito), delineando os contornos aproximados do Brasil de hoje. CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid: Parte I Tomo I (1695-1735)*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950. 560 p. p. 110.

Rio de Janeiro	1565	Capitanias hereditárias de São Tomé e São Vicente
Rio Grande do Norte	1534	Capitania hereditária
Rio Grande do Sul	1760	Rio de Janeiro
Rio Negro (Estado do Amazonas)	1755	Maranhão
Santa Catarina	1738	São Paulo
Sergipe	1590	Capitania hereditária
São Paulo	1532	São Vicente

Tabela 1: Capitâneas brasileiras no século XVIII

1.4 BRASIL COMO SEDE DO IMPÉRIO PORTUGUÊS: RUPTURA E CONTINUIDADE

Com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, várias instituições da administração portuguesa também migraram para a colônia que passaria a 16 de dezembro de 1815 a ser a sede administrativa do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, designação oficial dada pelo Príncipe Regente Dom João, o futuro rei Dom João VI.

A estrutura administrativa foi, então, adaptada ao momento. Ana Canas que se debruçou sobre a administração de Dom João VI no Brasil, resume, assim, as mudanças e adaptações joaninas a partir da chegada da família real ao Rio e Janeiro, de onde governaria o mundo português por mais de dez anos:

*“Apresenta-se, inicialmente, a reconstrução do aparelho de estado central desde o Rio de Janeiro: o estabelecimento de organismos à imagem e semelhança dos que funcionavam em Lisboa, de novo, ou em menor número, a partir de organismos que existiam no Brasil; as mudanças de competências; a extinção de organismos e a extinção de outros; a nomeação e a sucessão de responsáveis político-administrativos”.*²⁸

Estas adequações e remanejamentos teriam, é claro, reflexos na documentação produzida.

²⁸ MARTINS, Ana Canas Delgado. Governação e Arquivos: D. João VI no Brasil. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2006, p. 17.

Pelo Alvará de 22 de abril de 1808, Dom João, organizando as secretarias e os órgãos essenciais da administração do império português, determinou que a jurisdição do Conselho Ultramarino no Brasil, fosse exercida pelo Tribunal do Desembargo do Paço²⁹. Desta forma,

*“Isso foi suficiente para que as funções regimentais do Conselho Ultramarino fossem suprimidas ao longo de 15 anos, deixando de exercer suas funções no Reino até 30 de junho de 1823. Uma das medidas tomadas por Dom João VI foi a criação de tribunais no Brasil: o Desembargo do Paço, Mesa da Consciência e Ordens e a Casa da Suplicação; todos eles instalados na Cidade do Rio de Janeiro. Esta mudança da Corte portuguesa para o Brasil alterou o trâmite documental, uma vez que foram criados novos tribunais”.*³⁰

Na realidade a mudança de jurisdição do que era de responsabilidade do Conselho Ultramarino se fez sentir apenas quanto aos trâmites documentais, o órgão que incorporou as funções do Conselho Ultramarino funcionava, agora, na colônia. Houve uma inversão no trâmite documental. Documentos saíam despachados da colônia, agora sede do império português, para a metrópole, na Europa.

O Conselho Ultramarino continuou funcionando em Lisboa apenas para o caso de se expedirem certidões. Esta situação perduraria até o retorno de Dom João VI a Portugal, quando o Conselho Ultramarino voltou a exercer as funções para as quais fora criado³¹. No tocante ao Brasil, praticamente em nada mais agiu, já que a 7 de setembro de 1822 a colônia que se acostumara a ser a sede do governo português, não mais aceitou as imposições lusitanas e se tornou independente de Portugal.

O Conselho Ultramarino, agora muito limitado em seu trabalho, pois o grande labor advinha da administração do Brasil, ainda prosseguiu existindo até 30 de agosto de

²⁹ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op. cit, p. 203.

³⁰ REIS, Gilson Sérgio Matos. *Conselho Ultramarino*. IN *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo*. 2º e 3º volumes, Bauru: EDUSC; São Paulo: 2000-2002, p. 782.

³¹ *Ibidem*, p. 785.

1833, quando por Decreto desta data, foi extinto, após 191 anos de funções institucionais³².

Como órgão voltado para a administração colonial portuguesa cuidou de todas as colônias de Ultramar. Nenhuma, porém, tão constante e complexa quanto o Brasil, seja em extensão e divisão territorial, produção de riquezas e população que excedia em muito a da metrópole. Com a independência do Brasil, reduzindo o trabalho com as colônias restantes, o Conselho Ultramarino seria substituído por secretarias e seu acervo seria, mais tarde, incorporado ao Arquivo Colonial.

1.5 O CONSELHO ULTRAMARINO E A ADMINISTRAÇÃO METROPOLITANA DAS COLÔNIAS DO ULTRAMAR

Antes do século XVI e da grande expansão marítima portuguesa, a administração real contava com os Secretários de El Rei, estes eram ministros, pessoas de confiança que cuidavam da correspondência régia e de assuntos ligados ao mundo da política, traduzindo e reproduzindo a vontade do soberano. Assim, foi criado em 1530 o cargo de secretário dos despachos e das coisas da Índia; em 1571 o cargo de secretário dos negócios e cousas da repartição da Índia, Mina, Guiné, Brasil e Ilhas. Mais tarde, com o aumento do trabalho e fluxo documental, a tarefa dos secretários foi entregue a um grupo de conselheiros³³. Durante a união das coroas de Portugal e Espanha, a união ibérica (1580 – 1640), foi criado, em 1586, o Conselho de Portugal, responsável pelo expediente das resoluções referentes às colônias portuguesas.

A expansão do império português, aumento do comércio e crescimento das colônias no século XVI, bem como o fim da União Ibérica em 1640, com a conseqüente retomada de suas colônias pela coroa portuguesa, forçaram Portugal a uma reforma administrativa que colocasse seu aparelho administrativo em condições de atender à realidade daquele momento.

³² Idem.

³³ CAETANO, Marcelo. *O Conselho Ultramarino: esboço da sua história*. Rio: Sá Cavalcante, 1969, p. 19.

A burocracia administrativa precisava estar de tal forma organizada que o arquivo administrativo da metrópole contivesse as informações necessárias referentes às colônias, administração de ultramar, o comércio, a justiça e outros aspectos da administração. Desta forma foram criadas instituições mais competentes, especializadas na administração e despachos da Fazenda. Nesse sentido foi gestado a criação de um Conselho voltado para a administração das colônias no ultramar. O Conselho Ultramarino foi o resultado dessa reorganização administrativa e viria, no futuro, a ser a principal instituição responsável pelas colônias ultramarinas. O contexto de sua criação foi marcado pelas medidas de Portugal no sentido de ampliar as bases da sua empresa colonizadora. E foi justamente naquele momento histórico, quando da proclamação, em 1640, de Dom Joao IV como soberano português, que Portugal se apercebeu da importância da colônia brasileira:

“A proclamação de Dom João IV como soberano de Portugal (1640) veio encontrar um problema de difícil solução, tanto no Brasil quanto na Ásia. Depois de uma primeira década de hesitações, a Coroa deu-se conta de que para salvar o Brasil, carecia de abandonar a Índia.”³⁴

Talvez este seja o primeiro momento em que Portugal via na colônia brasileira e não nas colônias do Oriente, o futuro promissor e garantidor da empresa mercantil e colonial portuguesa.

Foi com a restauração portuguesa e a ascensão de Dom João IV ao trono que se criou o Conselho Ultramarino, substituindo o então Conselho da Índia. O Conselho Ultramarino, criado por decreto de 14 de julho de 1642, foi o órgão encarregado da administração colonial nos domínios ultramarinos, herdando, outrossim, os arquivos ligados à administração de ultramar anteriores à sua criação. Para a instituição do Conselho Ultramarino, o governo português justificou a sua criação por “Não haver no Reino de Portugal hum tribunal separado para se tratarem nelle os negócios

³⁴ REIS, Gilson Sérgio Matos. Op. cit, p. 783.

daquelas partes [Estado da Índia e dos mais ultramarinos] e se fazer o despacho deles por Ministros obrigados a outras ocupações”.³⁵

Surgiu em substituição ao *Conselho das Índias e Conquistas Ultramarinas*, criado por Felipe III em 1604 durante a União Ibérica, e extinto em 1614. Seu crescimento como órgão controlador se deu no contexto da centralização do poder, concluindo o processo iniciado com a criação dos governos-gerais, em 1549, sujeitando cada vez mais os senhores donatários aos representantes régios. Desta forma, o Conselho Ultramarino buscou também enfraquecer os poderes e a autonomia das Câmaras que passaram apenas a executar as ordens emanadas dos governadores-gerais. Com o tempo, o Conselho Ultramarino passou a ser o órgão supremo da administração portuguesa para os domínios ultramarinos. Sua jurisdição era expressa no artigo 5º de seu regimento e abrangia *todas as materias e negocios, de qualquer qualidade que forem, tocantes aos ditos Estados da India, Brasil e Guiné, Ilhas de S. Thomé e Cabo Verde, e de todas as mais partes Ultramarinas, tirando as Ilhas dos Açores, Madeira e lugares da África [...]*³⁶.

Em mais de trezentos anos de colonização portuguesa no Brasil, constituiu-se o poder político e administrativo português expressado em órgãos disciplinadores do conjunto econômico e social da colônia. A malha administrativa se materializou na ação cotidiana do poder e nas relações entre a metrópole e a colônia, registrando-se esta relação complexa e burocrática na documentação colonial.

Logicamente outros órgãos administrativos coexistiram com o Conselho Ultramarino, o que demonstra que sob Dom João V (1707 – 1750) algumas medidas foram tomadas no sentido de adequar o aparelho administrativo à realidade do momento. Com Dom José I (1750 – 1777), porém, foi que ocorreram reformas mais extensas e abrangentes que influiriam na política e administração portuguesas. Era, então, primeiro-ministro, o Marquês de Pombal, que implementou a maioria das

³⁵ BARBOSA, Maria do Socorro Ferraz et al. *Anotações de História Colonial*. IN História Digital, nº 2, Brasília, 2009, p. 129.

³⁶ *Regimento do Conselho Ultramarino*. Boletim do Conselho Ultramarino, Legislação Antiga. 1446 a 1754. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.

reformas adequando as secretarias que já existiam organizadas pelo Alvará Régio de 28 de julho de 1736. Essas secretarias de Estado eram as seguintes:

“Negócios Interiores do Reino”, geralmente designada Secretaria de Estado dos Negócios do Reino; “Marinha e Domínios Ultramarinos”, também conhecida por Secretaria de Estado da Marinha e Conquistas, ou Marinha e Ultramar; finalmente “Estrangeiros e Guerra”. Quase meio século depois, em 18 de dezembro de 1788, outra Secretaria “da Repartição da Fazenda” ou “dos Negócios da Fazenda” foi delineada, embora não estivesse operacional antes de 6 de janeiro de 1801, quando foi regulamentada internamente”.³⁷

A estas quatro secretarias estavam afetas diferentes áreas do governo, o que se pode inferir pela denominação de cada uma. A primeira, a Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, cuidava dos negócios das ordens militares e da Universidade de Coimbra, negócios do Reino, administração da justiça, fazenda régia, polícia e negócios relativos ao bem comum, criação dos títulos e nomeação dos oficiais de graduação mais elevada da Casa Real, doações e senhorios, jurisdições, privilégios, rendas, homenagens e tudo o que fosse ligado ou dependesse de favor régio. Esta Secretaria de Estado dos Negócios do Reino atuava no âmbito de Portugal, Ilha da Madeira e dos Açores. A Secretaria de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos era responsável pela administração da justiça, fazenda régia e comércio, como também pelo governo dos Domínios Ultramarinos ou Conquistas. A terceira Secretaria de Estado, denominada Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra era responsável pelas negociações com outros países, estabelecia tratados de paz, guerra (e tudo o que dela se referisse, como hospitais, fortificações, arsenais etc), casamentos, alianças e outros. Também era responsável pelos contatos e conversações com ministros estrangeiros em Portugal, desde que não fosse alguém nomeado especificamente pelo rei. Cuidava, ainda, das nomeações de diplomatas e correspondências com soberanos estrangeiros. A última secretaria, a Secretaria de

³⁷ MARTINS, Ana Canas Delgado, op. cit., p. 3.

Estado dos Negócios da Fazenda, deveria apoiar o soberano português nos despachos das matérias referentes à Fazenda³⁸.

A administração das colônias, notadamente do Brasil, era efetuada por meio de muitas instituições e cargos. O Conselho Ultramarino e a Secretaria de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, porém, detinham a maioria das atribuições e competências quanto às colônias de ultramar: na África, América, Extremo Oriente até Macau, na Índia.

Com o passar dos anos, a necessidade de mais controle sobre as colônias e colonos, o florescimento do comércio, descoberta de ouro e diamantes, a competência do Conselho Ultramarino foi paulatinamente sendo expandida. No final do século XVII e no século XVIII, quando das descobertas das minas auríferas de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, o Conselho Ultramarino controlava a administração colonial brasileira. À sua competência escapavam somente algumas matérias de exceção, geralmente afeitas a assuntos eclesiásticos dos quais se incumbia a Mesa de Consciência e Ordens, assuntos relacionados a recursos de ordem financeira, de responsabilidade do Conselho da Fazenda e assuntos judiciais que eram afetos à Casa de Suplicação no tocante a recursos e apelações vindos da colônia. Ainda no âmbito judicial o Desembargo do Paço é que tinha competência sobre desembargadores e juízes locais. O Conselho de Guerra, o Tribunal da Bula da Santa Cruzada, a Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação e o Conselho do Almirantado eram órgãos da administração portuguesa que influíram na diminuição da competência do Conselho Ultramarino que, não obstante, continuou a ser o órgão controlador da administração colonial portuguesa.³⁹

Por estas informações se vê que o Conselho Ultramarino realmente foi o grande órgão da Coroa Portuguesa responsável pelos colônias de ultramar e daí se infere a importância de sua documentação para as ex-colônias portuguesas.

³⁸ MARTINS, Ana Canas Delgado, op. cit., pp. 4-9.

³⁹ MARTINS, Ana Canas Delgado, op. cit., p. 11.

As instituições coloniais no Brasil que acumulavam uma massa documental importante eram os arquivos da administração dos governos das capitâneas, dos cartórios públicos e das câmaras municipais. Ainda existiam os arquivos dos Tribunais da Relação⁴⁰ responsáveis pela aplicação da Justiça, dos quartéis militares, das paróquias e dioceses.

1.5.1 O FLUXO BUROCRÁTICO DOS DOCUMENTOS DO CONSELHO ULTRAMARINO

A Administração colonial nas possessões portuguesas, dava-se por meio do Conselho Ultramarino. Portanto, a dinâmica do funcionamento deste Conselho era toda voltada para a boa administração colonial. O fluxo burocrático da documentação que, acumulada, deu origem ao Fundo Conselho Ultramarino trabalhado pelo Projeto Resgate em Lisboa, nada mais é que a materialização documental da administração colonial portuguesa. A documentação produzida e recebida pelo Conselho Ultramarino e suas secretarias formaram um acervo riquíssimo de informações sobre as colônias portuguesas e grande parte dessa massa documental se refere ao Brasil, já que

“Todos os papéis referentes às questões originárias do Brasil, que ultrapassavam a competência do governador geral e vice-rei, eram remetidos a Lisboa e transformados em Consultas do Conselho, antes de chegarem ao rei para despacho final, o que culminou com a formação do mais rico acervo de documentos sobre a administração do Brasil colonial fora dos limites da metrópole”.⁴¹

Com o crescimento da burocracia e o conseqüente aumento dos papéis oriundos da administração portuguesa no ultramar, foi necessário rever a organização do Conselho Ultramarino que inicialmente era composto por três conselheiros, sendo

⁴⁰ SILVA, Maria Beatriz Nizza, op. cit., p. 691.

⁴¹ BARBOSA, Maria do Socorro Ferraz et al., op. cit., p. 131.

dois fidalgos, homens de guerra, também chamados de “capa e espada” e um homem de leis, o “letrado”, conhecedor não só da legislação, mas da burocracia do judiciário português. Posteriormente, o número de conselheiros foi aumentado para quatro devido o acúmulo de trabalho e o crescimento da demanda administrativa nas colônias:

*“A afluência de papéis era tão grande que obrigou os conselheiros a distribuir o serviço pelos vários dias da semana: às segundas-feiras, terças-feiras e quartas-feiras, negócios da Índia; às quintas-feiras e sextas-feiras, negócios do Brasil; aos sábados negócios de Guiné, Cabo Verde e mais partes ultramarinas”.*⁴²

Todos os processos que tinham de ser objeto de resolução régia eram direcionados ao Conselho Ultramarino. Poderia ocorrer algumas vezes que o próprio rei consultava o Conselho ou interpunha, oficialmente, parecer acerca dos negócios de ultramar. Nesse caso, era uma consulta do serviço real. Outras vezes o processo, por iniciativa da parte interessada, formava-se no próprio Conselho e subia ao rei para ser apreciado, esta era a chamada consulta das partes. No início, as consultas mais importantes eram apresentadas pelo presidente do Conselho à consideração do rei. As outras seguiam outro trâmite, dirigidas ao secretário do Conselho que as apresentava a despacho do rei⁴³.

Este sistema durou até a transferência da família real para o Rio de Janeiro, em 1808, quando da invasão de Portugal pelo franceses. Os arquivos do Conselho Ultramarino acompanharam o então príncipe regente Dom João, mais tarde Dom João VI, para o Brasil. Na colônia, agora sede do Império Português, Dom João, por meio do Alvará de 22 de abril de 1808, determinou que a jurisdição do Conselho Ultramarino no Brasil fosse exercida pelo Tribunal do Desembargo do Paço. Somente em 1823 o Conselho Ultramarino recomeçou suas atividades em Portugal, quando Dom João VI retornou à antiga metrópole. Subsistiu por mais dez anos, sendo extinto por decreto

⁴² SILVA, Maria Beatriz Nizza da, op. cit., p. 205.

⁴³ Idem.

de 30 de agosto de 1833, distribuindo-se sua competência entre outros órgãos da administração portuguesa⁴⁴.

1.6 ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Em Portugal o Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, é o “locus” privilegiado da memória colonial brasileira, pois ali se *concentra a melhor e mais volumosa documentação para a história do Brasil*⁴⁵ sendo, é lógico, por outro lado, a memória de mais de cinco séculos de Portugal no mundo, com suas possessões na América, Ásia e África e Oceania.

Precisamente por isto, o Arquivo Histórico Ultramarino (de agora em diante nomeado AHU) é procurado desde o século XIX por pesquisadores brasileiros interessados no conhecimento da história colonial brasileira, por guardar o resultado escrito da “monstruosa máquina burocrática portuguesa”, no dizer do historiador Caio Prado⁴⁶.

Segundo José Joaquim Sintra Martinheira, técnico superior de arquivo e funcionário do AHU desde 1974, na documentação ali guardada pode ser encontrada toda espécie de documentos relacionada com a administração colonial portuguesa no Brasil, nos seus mais variados aspectos:

“Legislação para a administração dos territórios; levantamentos geográficos, topográficos e outros; colonização, povoamento e

⁴⁴ ACIOLI, Vera Lúcia da Costa. *A Escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. 2ª edição, Editora Massangana, 2003, p. 58.

⁴⁵ BOSCHI, Caio César. *Roteiro-sumário de arquivos portugueses de interesse para o pesquisador da História do Brasil*. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 1995, p. 54.

⁴⁶ PRADO Jr., Caio. *Administração - Formação do Brasil Contemporâneo*. 15ª. ed., São Paulo, Brasiliense, 1977, p. 26.

*concessão de terrenos; progresso científico; demarcação de fronteiras; defesa dos territórios; construção de obras públicas, religiosas e civis; exploração de recursos naturais e explorações agrícolas; exposições coloniais; explorações marítimas e terrestres e missões científicas; ensino e evangelização; saúde e saneamento; relações de guerra; relações diplomáticas e seculares; aspectos etnográficos com informações preciosas sobre a terra e os naturais, os seus usos e costumes”.*⁴⁷

Tudo isso na documentação avulsa e nos mais de quatrocentos códices referentes ao Brasil. A esta documentação se deve acrescentar as coleções de cartografia e iconografia, com informações valiosas acerca da geografia, topografia, orografia, potamografia, itinerários e muitos outros assuntos referentes à terra brasileira. Segundo Maria Luísa Meneses Abrantes, ex-Diretora do AHU, a sessão cartográfica e iconográfica é uma das mais ricas de Portugal, comportando documentos diversos:

*“[...] plantas de variadíssimas regiões, de cidades, vilas, aldeamentos de índios; edifícios civis, militares e religiosos, de grande pormenor e exatidão; mapas de demarcações diamantinas, minas de ouro e prata, salinas; itinerários de rios, e muitas outras espécies de grande interesse. A par da cartografia, a coleção iconográfica é também extremamente variada: personagens várias com trajes da época; espécies de fauna e flora; habitações; modelos de armamento e figurinos militares; embarcações; aspectos de várias ocupações cotidianas como a lavagem do ouro e diamantes, a fabricação do anil, a colheita do café, a caça, a prensa do tabaco, os engenhos de açúcar, enfim, uma fonte inesgotável de informação”.*⁴⁸

Portanto, a documentação do AHU é de suma importância para a história brasileira, o que motivou, desde a Independência do Brasil, a 7 de setembro de 1822, um movimento dos pesquisadores brasileiros interessados em contar a sua história colonial. Esta importância era ainda maior naquele momento, devido à falta de acervos organizados, à inexistência de instrumentos de pesquisa nos arquivos da nação recém-criada. E mesmo porquê, em um primeiro momento, após a

⁴⁷ MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra. *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 24.

⁴⁸ ABRANTES, Maria Luísa Menezes Abrantes. *Fontes para a história do Brasil colonial existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 10, nº 1, p. 1-12, jan/jun 1997 – p. 5.

Independência, percebe-se, em um ímpeto exacerbado de nacionalidade, um ranço contra os portugueses aqui residentes, mesmo aqueles que aderiram à Independência, naturalizando-se. Isto se percebe mais claramente em 1831, quando ocorre por quase todo o País manifestações contra os portugueses, mesmo os naturalizados brasileiros, que exerciam cargos na administração pública do Império do Brasil⁴⁹. O povo sublevado obrigou os portugueses a deixarem seus cargos e em alguns lugares onde os ânimos se encontravam mais exaltados, ocorreram mortes e muitos portugueses tiveram de se refugiar em outras regiões⁵⁰.

Posteriormente os ânimos se tornam menos exaltados e já em 1838, quando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vários pesquisadores e interessados na história do Brasil almejavam viajar para Portugal em busca de documentos para a nossa história.

A documentação colonial é pródiga em informações que interessam aos estudiosos da história brasileira. Um levantamento das principais séries documentais mais comumente existentes na documentação colonial pode dar uma noção dos principais assuntos encontrados. O professor Caio Boschi transcreve em seu já citado trabalho sobre os arquivos portugueses, uma relação elaborada pela pesquisadora Virgínia Rau sobre os documentos do AHU que bem demonstram as séries documentais presentes nos arquivos coloniais portugueses e brasileiros:

⁴⁹ O Império do Brasil foi o Estado brasileiro existente entre 1822 e 1889, que precedeu a atual República Federativa do Brasil e teve a monarquia parlamentar constitucional como seu sistema político. O Império do Brasil foi governado por um dos ramos da Casa de Bragança, conhecido como família imperial brasileira. Iniciou-se em 7 de setembro de 1822 quando da declaração da Independência em relação a Portugal, tendo seu fim após o golpe de Estado militar que instaurou a República em 15 de novembro de 1889, na forma republicana presidencialista. Os historiadores dividem o Império brasileiro em dois períodos: o Primeiro Reinado, iniciado em 7 de setembro de 1822 governado por D. Pedro I que abdicou em 7 de abril de 1831, e o Segundo Reinado, que se iniciou nesta data com a aclamação de D. Pedro II, perdurando até a proclamação da República. Cf. VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, *passim*.

⁵⁰ BRASIL, Americano Antônio. *Súmula de História de Goiás*. Goiânia: UNIGRAF, 1982, p. 111.

“[...] de Portugal se remetiam para os domínios ultramarinos regimentos, leis, cartas régias, provisões e consultas sobre todos os assuntos; instruções referentes à administração política, econômica e eclesiástica; à boa inteligência ou guerra com os naturais (indígenas); à descoberta, troca e cultivo de plantas úteis e medicinais; projectos de construções e fortificação; normas e planos de explorações, missões e embaixadas; providências e preceitos sobre colonização de portugueses e estrangeiros, sobre guerras e delimitações, comércio e navegação, minas, escravos etc. Enquanto dos domínios ultramarinos vinham à Metrópole as mais variadas informações de carácter social, administrativo, econômico, político e religioso; ao lado de lista de produtos e culturas exóticas de animais e plantas; vinham as memórias sobre os povoadores, os bandeirantes e pombeiros, os índios, os palmares, os piratas, e os engenhos; queixas, requerimentos, representações ou petições dos moradores eram ladeados por pedidos de socorro de armas e munições, relatórios das lutas e guerras com o gentio e os estrangeiros; autos de vassalagem acompanhavam os tratados de paz, relações de donativos e tributos etc”.⁵¹

Como se pode observar, as séries documentais, as espécies e tipologias documentais existentes no AHU são importantíssimas para o conhecimento da história do Brasil. A disponibilização destas fontes contribuirá para que se tenha uma visão global da história brasileira, por meio de documentos encontrados tão somente no AHU. Outros arquivos existentes em Lisboa (Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Biblioteca da Ajuda, Sociedade de Geografia de Lisboa, Arquivo Histórico do Tribunal de Contas e outros) e também em outras cidades portuguesas (Arquivos Distritais de Braga, Porto, Coimbra, Évora, Bragança e de outras cidades, Arquivo da Universidade de Coimbra, Arquivo da Casa de Cadaval, Arquivo da Casa de Mateus (Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o 4º Morgado de Mateus, foi governador da capitania de São Paulo, 1765 – 1775), Arquivo da Casa de Cadaval, da família Pereira de Melo, Arquivo da Casa da Ínsua, do governador de Mato Grosso Luis Albuquerque de Melo e Castro e outras dezenas de arquivos) guardam documentos importantes para o Brasil, porém, a massa documental mais expressiva e naturalmente acumulada se encontra no AHU.

⁵¹ BOSCHI, Caio César. *Roteiro-sumário de arquivos portugueses de interesse para o pesquisador da História do Brasil*. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 1995, p. 54 - 58.

1.6.1 A CRIAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO E SEUS ACERVOS

Data de 1926 a reunião dos documentos relativos às colônias do ultramar que, antes espalhados e disseminados por várias repartições públicas em Portugal, foram reunidos em um único lugar em Lisboa. Queria-se reunir toda a documentação em um único local, para poder dar início a um trabalho de inventariação do rico acervo.

Para receber os documentos foi escolhido o antigo Palácio da Ega, no bairro lisboeta do Restelo, amplo edifício com salas enormes e uma área onde se poderiam construir novas unidades do mesmo arquivo. Sintomaticamente não ficou distante do local de onde partiam as naus para os descobrimentos que fizeram a glória da nação portuguesa no final do século XV e século XVI. Seu acervo soma mais de 16 quilômetros de documentos sobre a metrópole portuguesa e suas ex-colônias.

Reunidos os documentos no Palácio da Ega, por força do Decreto-Lei nº 19.868, de 9 de junho de 1931, foi constituído o Arquivo Histórico Ultramarino que, a partir desta data, passou a existir como pessoa jurídica. Em 1973, por meio do Decreto-lei de nº 583, datado de 6 de novembro, o AHU passou a integrar a Junta de Investigações Científicas do Ultramar, hoje com a denominação de Instituto de Investigação Científica Tropical – IICT, instituição subordinada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES)⁵².

O IICT definiu as competências do AHU “em arquivar, conservar e tratar tecnicamente a documentação existente nos seus depósitos e outra que interesse ao conhecimento da História Portuguesa e dos povos com os quais se contactaram.”⁵³

⁵² CF. *Arquivo Histórico Ultramarino – Quem Somos – História*. IN <http://www2.iict.pt/?idc=223&idi=12414>

⁵³ Texto *O Arquivo Histórico Ultramarino e o Brasil*, fotocopiado, sem autoria, p. 03.

O Instituto de Investigação Científica e Tropical sempre teve a consciência de que a enorme massa documental dos fundos arquivísticos do AHU interessava não só a Portugal, mas a todas as antigas colônias portuguesas. A todo tempo chegavam a Portugal pesquisadores de várias regiões do globo ligadas pela língua, cultura e religião, heranças deixadas pelos portugueses às suas antigas colônias, agora países que ansiavam por conhecer sua proto-história, a sua história colonial, cujos subsídios históricos se encontram, principalmente, no AHU, em Lisboa.

Registre-se, que por informações da atual Diretora do AHU, Dr^a Ana Canas, o Arquivo Histórico Ultramarino deixou a alçada do IICT e fundiu-se com a Direção Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas - DGLAB, Departamento do qual depende, também, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

O acervo oriundo do Conselho Ultramarino era formado por dois “Fundos de Arquivos” distintos: o do Conselho Ultramarino e o da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar⁵⁴. O Conselho Ultramarino, como já mencionado, fora criado por decreto de 14 de julho de 1642, já a Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar foi criada por alvará de 28 de julho de 1736. Os papéis dos dois fundos, porém, foram misturados e referenciados como pertencentes a um único fundo, o do Conselho Ultramarino. A respeito dessa “fusão” indiscriminada de papéis de fundos arquivísticos distintos, Ana Canas Delgado Martins, Diretora do AHU, assim se manifestou:

“Os documentos do Conselho Ultramarino e da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar até 1833 formaram a Primeira Secção do AHU, na linha de orientações de organização dos acervos da Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos que estão por estudar. Eventualmente, entre os anos 30 do séc. XX e 1950, aqueles documentos foram misturados e o conjunto referenciado como proveniente do Conselho Ultramarino”⁵⁵.

⁵⁴ É facilmente detectada, no manuseio da documentação do AHU esta mistura de fundos. Até a primeira metade do século XVIII (antes da criação da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, em 1736) a correspondência recebida das colônias é formada por cartas e requerimentos dirigidos ao rei; depois de criada a Secretaria de Estado, esta correspondência é formada por ofícios dirigidos ao secretário de estado. Cf. MARTINHEIRA, José Sintra. *Catálogos dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 27.

⁵⁵ MARTINS, Ana Canas Delgado. *Governança e Arquivos: Dom João VI no Brasil*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2006, p. 12.

Quando do início dos trabalhos do Projeto Resgate, o AHU optou por manter o fundo documental da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar unido ao do Conselho Ultramarino e sob a denominação deste último. Isto não só tendo em vista os trabalhos que se empreenderiam com o Projeto Resgate, mas porque a documentação pertencente às outras colônias de ultramar também se encontrava na mesma situação. José Sintra Martinheira, técnico superior de arquivo e funcionário do AHU desde 1974⁵⁶ e que conhece muito da documentação ali guardada, explica esta fusão:

“Assim, tendo em consideração as condicionantes apontadas e a inoportunidade de levar a efeito uma tentativa de reposição da originalidade e organicidade destes fundos, optou o Arquivo Histórico Ultramarino por manter reunida a documentação antiga, até 1833, e designar esse fundo de Conselho Ultramarino.”⁵⁷

Esta documentação, organizada em duas partes distintas, separadas cronologicamente, divide-se em duas seções: a Primeira Seção comporta os documentos que pertenceram ao Arquivo do Conselho Ultramarino, órgão da administração portuguesa, direcionado para o governo das colônias de além mar e que existiu até o ano de 1833. A Segunda Seção é formada por documentos do extinto Ministério das Colônias e abrange documentos posteriores a 1833, portanto, documentos referentes a outras colônias, não ao Brasil. Daí o porquê de não ter sido motivo de pesquisas dos historiadores brasileiros.⁵⁸

⁵⁶ Informações obtidas de Esther Caldas Bertoletti, Coordenadora Técnica do Projeto Resgate. Rio de Janeiro, novembro de 2014.

⁵⁷ MARTINHEIRA, José Sintra. *Catálogos dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 27.

⁵⁸ Apesar e não ter sido trabalhada pelo Projeto Resgate, esta documentação deve conter informações rarefeitas, mas importantes sobre o Brasil, já que muito do comércio português com a Ásia passava pelos portos do Brasil e também devido o fluxo do comércio escravo entre o Brasil colônia e as outras colônias portuguesas da África. Além disso, não se pode esquecer, que de 1808 a 1821 o Brasil foi a sede do Império Português e toda a relação das outras colônias com a metrópole era direcionada para o Brasil.

Portanto, a documentação de interesse do Brasil está guardada na chamada Primeira Seção no AHU que comporta documentos datados do século XVI ao século XIX e que assim se encontravam distribuídos antes do Projeto Resgate:

1 - Reino (1601 – 1834). São cerca de 454 caixas, correspondendo a aproximadamente 46.000 documentos. O Conselho da Fazenda era dividido em quatro repartições. “Reino” era a designação que tinha a primeira destas repartições que tratava, como o nome indica, dos negócios do Reino. A segunda repartição tinha a seu cargo os negócios da Índia, Mina, Guiné, Brasil, São Tomé e Cabo Verde. A terceira repartição cuidava dos mestrados das ordens militares e das Ilhas da Madeira e Açores. À quarta repartição competiam os negócios das outras colônias da África, Casa dos Contos e Contribuição dos Terços.

2 – Madeira (1513 – 1835), com cerca de 66 caixas, correspondendo a mais de 7.000 documentos.

3 – Açores (1607 – 1839), cerca de 208 caixas, totalizando perto de 21.000 documentos.

4 – Cabo Verde (1602 – 1837), com 113 caixas e aproximadamente 12.000 documentos.

5 – Guiné (1614 – 1834), 26 caixas, perfazendo mais ou menos 3.000 documentos.

6 – São Tomé e Príncipe (1538 – 1834), 62 caixas e perto de 6.000 documentos.

7 – Angola (1602 – 1891), um total de 181 caixas e cerca de 18.000 documentos.

8 – Moçambique (1608 – 1890), 240 caixas e aproximadamente 25.000 documentos.

9 – Índia (1509 – 1833), mais ou menos 410 caixas e cerca de 42.000 documentos.

10 – Macau (1603 – 1843), 72 caixas abrangendo cerca de 7.200 documentos.

11 – Timor e Solor (1642 – 1843), 03 caixas com perto de 310 documentos.

12 – Lugares da África – Marrocos e Argel – (1596 – 1832), aproximadamente 50 caixas perfazendo cerca de 5.200 documentos.

13 – Brasil (1548 – 1837), organizado em 20 capitânias⁵⁹ cujo quadro com o número de caixas, número aproximado de documentos e datas limites, apresenta-se a seguir:

Nº	CAPITANIAS	Nº DE CAIXAS	DATAS LIMITES ⁶⁰
01	Alagoas	05	1695-1833
02	Bahia	494	1599-1858
03	Ceará	21	1618-1856
04	Espírito Santo	08	1585-1825
05	Goiás	51	1731-1825
06	Maranhão	161	1610-1833
07	Mato Grosso	39	1720-1827
08	Minas Gerais	192	1682-1832
09	Nova Colônia do Sacramento	11	1682-1826

⁵⁹ Como já mencionado, Capitania, no início da colonização do Brasil, foi uma forma de administração territorial do império português uma vez que a Coroa, com recursos limitados, delegou a tarefa de colonização e exploração de determinadas áreas a particulares, através da doação de lotes de terra. No Brasil este sistema ficou conhecido, no início da colonização, como *capitânias hereditárias*. As capitânias existiram até a segunda década do século XIX, mas sem a hereditariedade. Seus governadores eram escolhidos pelo Rei e eram chamados de capitães. As capitânias adotadas como organização geográfica para a documentação do AHU correspondem, mais ou menos aos estados, atual divisão geográfica do Brasil, uma República Federativa composta de 26 estados e um distrito federal. O que ocorre é que muitas capitânias tiveram, ainda no século XVIII o seu território dividido. É o caso da capitania de São Paulo da qual se separou em 1748 as capitânias de Goiás e Mato Grosso. No século XIX, após a independência, as capitânias se transformaram em províncias. Em 1853 desmembrou-se da província de São Paulo o território que passou a chamar-se província do Paraná, hoje estado do Paraná; em 1977 criou-se o estado do Mato Grosso do Sul, desmembrado do estado de Mato Grosso, em 1988 o estado do Tocantins, desmembrado do estado de Goiás. Assim, outras unidades administrativas foram criadas no século XIX (províncias) e no século XX (estados), daí o porquê do número de capitânias no século XVIII ser inferior ao número dos estados atualmente.

⁶⁰ As datas-limites da documentação referente ao Brasil apresentam-se, às vezes, conflitantes com o Quadro da Documentação Brasileira Existente no Arquivo Histórico Ultramarino. Explica-se que no quadro as datas-limites eram as que se conheciam antes do Projeto Resgate. Com o trabalho encetado no AHU, documentos que não eram do Brasil e que se encontravam misturados, foram retirados. As datas-limites de 1548 a 1825 são as do final do Projeto. Cf. MARTINHEIRA, José Sintra. *Catálogos dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 24.

10	Pará	131	1616-1834
11	Paraíba	47	1593-1826
12	Pernambuco	234	1590-1836
13	Piauí	25	1684-1828
14	Rio Grande do Norte	10	1625-1826
15	Rio Grande de São Pedro	21	1712-1833
16	Rio de Janeiro	409	1614-1831
17	Rio Negro	13	1728-1825
18	Santa Catarina	13	1668-1830
19	São Paulo	95	1603-1823
20	Sergipe D’El Rei	09	1635-1822
TOTAL DE CAIXAS		1989	

Tabela 02 – Levantamento da documentação brasileira existente no AHU antes do Projeto Resgate

Atente-se para o seguinte: este quadro acima se refere à documentação avulsa referente às antigas capitanias brasileiras, em levantamento realizado antes do Projeto Resgate. Posteriormente, o número de caixas de muitas capitanias seria aumentado. Isto se deveu à organização de todo o conjunto documental referente às séries documentais do Brasil, o que propiciava o encontro de documentos guardados, erroneamente, em uma capitania, quando deveriam estar em outra.

1.6.2 A DOCUMENTAÇÃO DE INTERESSE DO BRASIL EXISTENTE NO AHU

Os documentos da Primeira Seção do AHU sempre foram de enorme interesse para o Brasil. Como não estavam de todo organizados e dado que nem sempre os pesquisadores podiam bancar suas pesquisas em Portugal, viam-se privados de uma documentação importantíssima para o conhecimento da memória brasileira. Neste acervo se encontra uma enorme massa documental formada por documentos avulsos, códices, plantas, desenhos e mapas diversos referentes à história política, administrativa, econômica e financeira das colônias portuguesas.

Como o acervo documental relativo ao Brasil não tivesse merecido ao longo de muito tempo um tratamento técnico adequado, optou-se pela ordenação geográfica dos documentos, agrupando-os, como se viu, em 20 capitanias distintas.

A documentação guardada no AHU é importantíssima para a história brasileira. A escolha do AHU como o grande Laboratório do Projeto Resgate tem tudo a ver com a sua documentação, única e necessária para o conhecimento da história do Brasil. Ali estão cerca de 80% da documentação sobre o passado colonial brasileiro que se encontra no exterior. Heloísa Bellotto, que lidou com esta documentação por mais de uma década, assim se expressou acerca de sua importância:

“O Arquivo Histórico Ultramarino, não sendo o Arquivo Nacional português, não guarda os originais dos atos dispositivos da Coroa, nem os documentos emanados das chancelarias dos reis, nem registros de órgãos administrativos em geral, mas sim os documentos que refletem o dia a dia das distantes colônias, e demonstram o verdadeiro pulsar da administração até nos mínimos detalhes da rede burocrática. Isso porque o Conselho Ultramarino e a Secretaria de Marinha e Ultramar eram os órgãos destinados a resolver questões mais burocráticas e administrativas, e não propriamente políticas. É por isso que, nesses documentos, os historiadores podem encontrar os testemunhos do desenvolvimento cotidiano daquelas colônias, entre elas, o Brasil.”⁶¹

Por levantamento realizado antes do Projeto Resgate, sabia-se que eram quase 2.000 caixas/gavetas de aço, referentes a 20 capitanias, com um montante de aproximadamente 240.000 documentos avulsos, perto de 600 iconografias (entre mapas, plantas e desenhos), e 560 códices, tudo de interesse para a História do Brasil.

Segundo o quadro apresentado acima, temos uma ideia do volume documental existente no AHU. Este levantamento, com o tratamento documental levado a efeito pelo Projeto Resgate, se viu modificado devido à separação, junção e organização das séries documentais. Outro motivo da modificação desse levantamento foi que documentos de uma capitania se encontravam erroneamente em outra, seja por descuido, seja por má leitura do texto, o que se corrigiu com a organização implementada pelo Projeto Resgate.

⁶¹ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 191.

1.7 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Este capítulo tem por escopo contextualizar a formação do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino. Para isso, foi necessário se faz regredir à época das navegações portuguesas que propiciaram descobertas de terras até então desconhecidas dos europeus e que mais tarde se tornariam colônias. Estas descobertas se deram nos continentes Africano, Americano, Asiático e Oceania e em cada um desses continentes, Portugal implantaria feitorias que mais tarde transformar-se-iam em colônias.

Logicamente, para a administração das colônias seria necessário todo um aparelho administrativo na terra descoberta ou conquistada, com organismos administrativos centralizados na metrópole.

Com o Brasil não foi diferente e após a descoberta foi se formando este aparelho burocrático administrativo impulsionado pela metrópole portuguesa. Descoberto em 1500, no início Portugal se preocupou mais com as colônias do Oriente de onde levava para a Europa especiarias, tecidos e pedras preciosas. Na Terra de Santa Cruz, o primeiro nome do Brasil, Portugal deixaria no início, alguns degredados, literalmente desterrados que ficavam no litoral, não adentrando a terra recém-descoberta. Somente por volta de 1530, pressionado pelos muitos corsários e contrabandistas que à nova terra aportavam para o comércio do chamado “Pau-Brasil”, é que Portugal, tendo perdido algumas feitorias no Oriente e percebendo que poderia perder a terra já então cobiçada por outros países, como França e Holanda, resolveu empreender sua ocupação com colonos.

Iniciando-se o processo de povoamento com as capitânicas hereditárias foi se formando um corpo administrativo colonial. Por sua vez, Portugal criou um organismo metropolitano que centralizasse a administração das colônias. Todo o fluxo documental da colônia para a metrópole e da metrópole para a colônia se

centralizaria em um órgão da administração portuguesa responsável pelas colônias d’além mar, as colônias ultramarinas.

Com a União Ibérica, de 1580 a 1640, existiram em Portugal outras estruturas administrativas que centralizavam a relação com as colônias de ultramar. Com a restauração portuguesa, ascende ao trono o monarca Dom João IV. Este, por decreto de 14 de julho de 1642, criou o Conselho Ultramarino, em substituição ao Conselho da Índia, da época da União Ibérica. O Conselho Ultramarino, seria o órgão da Coroa que se encarregaria da administração colonial nos domínios ultramarinos e, paulatinamente, o Conselho Ultramarino passaria a ser o órgão supremo da administração portuguesa para os domínios ultramarinos, recebendo, também, a documentação referente à administração de ultramar anterior à sua criação.

Reestruturando seu organograma de governo, fruto da chamada “Restauração Portuguesa” no final da União Ibérica, criou-se o Conselho Ultramarino, passando a administração do Brasil colonial, como todas as demais colônias portuguesas, a se reportar, burocraticamente, a este órgão da Coroa que acompanharia a vida colonial brasileira até a transferência da família real portuguesa para o Brasil.

O Conselho Ultramarino tornar-se-ia a grande instância responsável pelas colônias de ultramar, notadamente pela colônia brasileira que pouco a pouco foi suplantando as expectativas de Portugal com as colônias do Oriente, principalmente da Índia.

Destarte, o Conselho Ultramarino teria vida longa. Somente quando Dom João VI aportou no Brasil, tornando a colônia sede da monarquia lusitana, é que este determinou, por meio do Alvará de 22 de abril de 1808, que a jurisdição do Conselho Ultramarino no Brasil, fosse exercida pelo Tribunal do Desembargo do Paço. Este, porém, ainda não seria o fim do Conselho Ultramarino que seria restaurado mais tarde, quando do retorno da família real para Portugal.

No final do século XVII e inícios do século XVIII, dar-se-ia o movimento migratório de interiorização da colônia, consequência da descoberta das minas auríferas nos atuais territórios dos Estados de Minas Gerais (1689), Mato Grosso (1719) e Goiás (1722). O território do Brasil colônia seria alargado para o Oeste, invadindo mesmo terras de Espanha gerando alguns conflitos diplomáticos que seriam resolvidos, definitivamente, com o Tratado de Madri, em 1750.

Este movimento para Oeste, deslocando-se grande parcela da população que antes habitava o litoral, bem como o interesse da Coroa Portuguesa no ouro das capitanias de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, teve como corolário o aumento do fluxo documental da metrópole para estas capitanias.

Logicamente, que a Coroa controlava a vida de toda a colônia que tinha no Conselho Ultramarino o órgão máximo e vigilante sobre as colônias portuguesas. Com a descoberta do ouro nas regiões do Oeste do Brasil, passou a favorecer a ocupação desses territórios e criava uma malha burocrática que abarcava todos os meandros da vida nas três capitanias de minas, controlando a entrada e a saída de colonos, coibindo o contrabando de ouro e pedras preciosas, nomeando para a região governadores e capitães gerais militares, limitando a abertura de estradas, proibindo a navegação dos rios e outras medidas que visavam impedir o chamado “descaminho das riquezas” que outra coisa não foi senão uma medida contra o contrabando do ouro dessas minas.

Tudo isso, é claro, gerou um farto conjunto documental que se foi acumulando nos arquivos do Conselho Ultramarino. No século XX, precisamente em 1931 quando se criou o Arquivo Histórico Ultramarino, este acervo, assim como toda a documentação das outras colônias portuguesas, foi guardado nesta nova instituição arquivística da administração portuguesa.

Daí em diante, quem quisesse pesquisar sobre as colônias, e no caso sobre os documentos coloniais do Brasil, teria de se reportar ao AHU. Toda a documentação acumulada em quase dois séculos, desde a criação do Conselho Ultramarino em

1642, acrescida da documentação de órgãos anteriores responsáveis pelo ultramar português foi, então, transferida para o Arquivo Histórico Ultramarino, órgão responsável pela guarda da documentação referente às colônias⁶² e ex-colônias portuguesas, constituindo, sem dúvida, no maior repositório de documentação de interesse do Brasil existente em outro país.

⁶² Portugal manteve algumas colônias na África e na Oceania até os anos 80 do século XX.

Capítulo 2

Com a independência do Brasil em 1822, começa se a delinear uma nova etapa da história de uma nova nação, da pátria brasileira, que emerge como a projeção dos anseios, ideias e valores resultantes do longo e ininterrupto processo de sedimentação dos fatos da história passada, em grande parte produzidos e registrados por documentos. Começam a surgir as primeiras preocupações com a identificação dos registros da história pátria.

Esther Caldas Bertoletti – Brasil – Portugal : um mar - oceano de documentos.

2 A DOCUMENTAÇÃO EUROPÉIA DE INTERESSE PARA A HISTÓRIA DO BRASIL – PESQUISAS E COMPILAÇÕES NO SÉCULO XIX.

2.1 A HISTORIOGRAFIA NO BRASIL DOS SÉCULOS XVI AO XVIII

Colônia portuguesa de 1500 a 1822, o Brasil dos séculos XVI ao XVII conheceu poucos pesquisadores interessados em sua história, já que não havia um sentido identitário formado na colônia. As obras que surgem nos séculos XVI e XVII são quase sempre uma continuidade da história portuguesa, escrita, quase sempre por religiosos, geralmente portugueses natos.

Outro problema que se detecta e que colaborou para o pouco interesse na elaboração de uma história da novel colônia, foi que Portugal não dotou o Brasil de uma universidade, diferente da Espanha que desde o século XVI implantara universidades em diversas colônias da América e da Ásia⁶³.

⁶³ São as seguintes as universidades criadas antes do século XVIII na América de língua espanhola: Universidade Autônoma de Santo Domingo – 1538; Universidade de São Marcos, no Peru – 1551; Real e Pontifícia Universidade do México – 1551; Universidade de Córdoba – 1613; Universidade Maior, Real e Pontifícia São Francisco Xavier de Chuquisaca, Bolívia – 1624; Universidade de Rosário, Colômbia – 1653, e Universidade São Carlos, Guatemala – 1676. Cf.

A história dos dois países ibéricos quanto ao governo de suas colônias, se tem semelhanças, possuem muitas diferenças, sobressaltando entre elas, o amparo da metrópole espanhola à fundação de universidades nas colônias, tanto da Ásia como na América.

Em 1636, quando da fundação da Universidade de Havard, na colônia inglesa da América do Norte, a América Latina de língua espanhola já possuía 13 universidades. Ao tempo da independência do Brasil eram 27 universidades na América Espanhola, e no Brasil, nenhuma.

Mesmo com a transferência da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, este quadro pouco mudaria. Logo após a chegada do Príncipe Regente Dom João, foram criadas não uma universidade, nem faculdades, mas academias de carreira: Escola de Anatomia, Escola de Ginecologia e de Formação de Dentistas⁶⁴. Somente após a independência do Brasil seriam criadas as primeiras faculdades no país, as Faculdades de Direito de São Paulo e Olinda, ambas em 1827⁶⁵. Esta negligência da coroa portuguesa, certamente, colaborou para a falta de formação intelectual e a pouca disseminação do conhecimento na colônia. Manter os colonos alienados da busca do conhecimento, favorecendo somente a elite que poderia custear seus filhos na Universidade de Coimbra, na metrópole, era a política portuguesa. Isto explica o porquê de Portugal até mesmo impedir a publicação de obras nos séculos XVI e XVII que davam a conhecer aos países europeus as riquezas do Brasil⁶⁶. O medo de invasão por outros países fez Portugal deixar inéditas algumas obras escritas nos primeiros séculos do povoamento da terra brasileira, como se verá adiante.

CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã: O Ensino Superior, da Colônia à Era Vargas*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 15.

⁶⁴ SILVA, Antônio Gonçalves Pereira da. *Quadro Histórico da Fundação da Escola de medicina do Rio de Janeiro*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t.74, 2ª parte, 1911, p.263-276.

⁶⁵ Cf. BEVILAQUA, Clóvis, *História da Faculdade de Direito do Recife*. I Volume. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves: 1927. p.31-32; ⁶⁶VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a História da Academia de São Paulo*. Volume 1. São Paulo, Saraiva: 1924. p.31.

⁶⁶ ABREU, Capistrano. *Capítulos da História Colonial*. Rio de Janeiro: M. Orosco e Cia., 1907, p. 93.

Somente no século XVIII é que começariam a despontar alguns movimentos nativistas, de amor à terra Brasil, percebendo-se, na nova colônia, a formação de um povo miscigenado, em um imenso e rico território jungido à metrópole portuguesa.

No contexto dos séculos XVI e XVII, porém, surgem algumas obras sobre o Brasil, seu povoamento por europeus, suas potencialidades, mas se percebe uma exaltação do colonizador visto como a salvação civilizadora para o gentio (o indígena) apegado, como criam, a credences e superstições. Estas obras fazem uma defesa do *status quo*, escrevendo-se para agradar o colonizador e ainda mais o reinol. Era fruto da mentalidade de uma época e somente com a Independência do Brasil e a formação de uma identidade brasileira, surgiriam pesquisadores interessados em conhecer o passado colonial brasileiro para traçar o itinerário histórico até a formação do Império do Brasil.

No século XVI pode-se elencar algumas obras, todas elas descritivas, com o intuito de propagandear as riquezas da nova terra e os feitos lusitanos. A pesquisa histórica demoraria ainda um tempo para ser promovida no Brasil.

São poucas as obras do século XVI ao XVIII que versam sobre a história geral do Brasil Colônia. Delas dar-se-á notícias sucintas, já que fogem ao escopo deste trabalho. São obras, como já mencionado, descritivas, sem preocupação com a pesquisa documental. Em seguida estas obras serão relacionadas, por ordem cronológica de sua elaboração, levando-se em conta que algumas permaneceram inéditas durante décadas:

- “Tratado da Terra do Brasil: História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”⁶⁷, de Pero Magalhães de Gândavo⁶⁸. Obra

⁶⁷ *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ilmo senhor Lionis Pra, governador que foi de Malaca e das

propagandista da nova terra descreve as maravilhas da natureza tropical. Descreve a terra e seus produtos, os recursos naturais e sociais nela existentes, sempre com o fito de atrair colonos para povoá-la. Por isso pode-se dizer que seu livro faz propaganda da imigração para o Brasil. Descreve as povoações litorâneas e com muito tino revela ter noções de geografia. Cita vários animais, principalmente os de caça, nomes de árvores, plantas diversas e peixes. Sobre os índios deixou sucintas, mas importantes informações. Pero Magalhães de Gândavo esteve no Brasil, provavelmente, entre 1558 e 1572. Dessa viagem resultou o “Tratado da província do Brasil”, que, numa versão posterior, ganharia o título de “Tratado da terra do Brasil” e, finalmente, numa terceira versão, passaria a chamar-se “História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”.

- “Tratado da Terra e da Gente do Brasil”⁶⁹, do jesuíta português, Fernão Cardim⁷⁰, missionário e escritor. Sua obra descreve a terra, os indígenas e os colonos. Chegou ao Brasil em 1583 e sua obra foi escrita entre este ano e 1601, quando desempenhou o cargo de secretário do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia. Sua obra permaneceu inédita em língua portuguesa,

mais partes do Sul da Índia. Impressa em Lisboa, na oficina de Antônio Gonsalves, ano de 1576. Com várias reedições, consultou-se a editada pelo Senado Federal: GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 158 p.

⁶⁸ Pouco se sabe da vida de Pero Magalhães de Gândavo que natural de Braga, Portugal, filho de pai flamengo. Não se conhecem as datas de seu nascimento e morte, mas pensa-se que ainda vivia em 1576, quando sua obra foi impressa⁶⁸. Era humanista, conhecendo a fundo o latim. Em 1574 publicou “Regras que ensinam a maneira de escrever a ortographia da lingua Portuguesa”. Tinha grande facilidade para redigir. Bom leitor conhecia a obra de alguns de seus contemporâneos como João de Barros, Sá de Miranda, André de Resende e Luis de Camões, tendo este cooperado com alguns versos para a História da Província de Santa Cruz. Cf. GANDAVO, Pero de Magalhães, op. cit., 19-23.

⁶⁹ CARDIM, Fernão. *Tratado da Gente e da Terra do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1939, 379 p.

⁷⁰ Nasceu em Viana do Alentejo, Portugal. Em 1589, assumiu a reitoria do Colégio do Rio de Janeiro e em 1598 tornou-se procurador da província jesuítica do Brasil. Retornou à Europa em 1599, mas em 1600, viajando de volta para o Brasil foi aprisionado pelo corsário inglês Francis Cook. Este confiscou ao padre Fernão Cardim além de outros manuscritos, uma obra que escrevera sobre a etnografia brasileira, intitulada “Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e de seus Costumes, Adoração e Cerimônias”, publicada na Inglaterra em 1881. Depois de ter sido libertado, retornou, em 1604, ao Brasil, agora como provincial da Companhia, cargo que desempenhou de 1604 a 1609. Foi também reitor do colégio da Bahia, falecendo em Salvador. CARDIM, Fernão, op. cit., 14.

sendo publicada, nesta língua, somente em 1847⁷¹. O padre Fernão Cardim descreve o papel dos jesuítas na colonização do Brasil, dá notícias dos hábitos e costumes da vida nos engenhos, do clima, fauna, flora e da terra e os seus habitantes. Enaltece a colônia e propaga a importância que poderia ter no futuro. Por isso chama o Brasil de outro Portugal. Crítico, não deixou de apontar a opulência dos senhores de engenho, o desrespeito e desumanidade dos colonos contra os índios. Nomeado padre visitador, por força desta missão, viajou desde Pernambuco até ao Rio de Janeiro. Perspicaz, foi tomando contato com as terras brasileiras, cujas observações resultaram em dois tratados e duas cartas. O primeiro ocupa-se do clima e da terra do Brasil e o segundo das origens e dos costumes dos índios brasileiros. Esta obra foi publicada, em parte, na Inglaterra em 1625, a partir dos manuscritos confiscados por Francis Cook, corsário inglês que aprisionou Fernão Cardim em viagem para a Europa. Esta publicação inglesa, porém, não cita o nome de seu autor⁷².

- “Tratado Descritivo do Brasil”⁷³, de Gabriel Soares de Sousa, 1587. Refere-se às capitanias de Itamaracá, Ilhéus, Bahia, Espírito Santo, Porto Seguro, Rio de Janeiro e São Vicente. Propagandista da colonização, seu trabalho é um incentivo à imigração.⁷⁴ Foi escrito em Madri, durante a União Ibérica,

⁷¹ CARDIM, F. *Narrativa Epistolar de uma Narrativa e Missão Jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc, desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovam de Gouvea. Escripita em duas cartas ao P. Provincial em Portugal pelo P. Fernão Cardim Ministro da Companhia em Evora, etc, etc.* Imprensa Nacional: Lisboa, 1847.

⁷² Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, 1957, Volume 5, pg 892.

⁷³ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, 494 p.

⁷⁴ Gabriel Soares de Sousa, português, nasceu em Ribatejo. Chegou ao Brasil entre os anos de 1565 a 1569. Neste ano se estabeleceu na Bahia onde construiu o engenho Jaguaripe. Em 1584 retornou a Portugal para obter da Coroa o privilégio de exploração de minérios e pedras preciosas no vale do rio São Francisco. E foi por essa época, enquanto aguardava o beneplácito real que escreveu sua obra que fala das grandezas da Bahia, descreve a geografia, animais, plantas, costumes dos índios e a agricultura na colônia. Foi nomeado governador e capitão-mor da conquista das Minas e regressou ao Brasil com o governador-geral do Brasil, D. Francisco de Sousa, mais 360 colonos e quatro freiras carmelitas. Na Bahia, por força de seu posto e por ser dado a aventuras, organizou uma expedição que

quando ali estava para pedir favores ao Rei no intuito de organizar uma expedição em busca de metais e pedras preciosas, a partir de um roteiro deixado por João Coelho de Souza, seu irmão, que falecera às margens do Rio Paraguaçu. Seu Tratado chama a atenção do Rei e ministros para as riquezas da terra, alertando-os, também, para o perigo de perdê-la. Contém informações importantes sobre a geografia, a botânica, etnografia e aspectos linguísticos da terra.

No século XVII são estas as principais obras:

- “História do Brasil, 1500 – 1627”. De Frei Vicente do Salvador⁷⁵, franciscano, considerado o pai da historiografia brasileira ou o “Heródoto brasileiro”. Sua obra, porém, somente foi publicada em 1889. Para compô-la lançou mão de documentos e da história oral. Apesar de descrever o pitoresco da terra, o modo de viver e de falar dos colonos, elogia os governantes, mas inova ao criticar o sistema de colonização e defender os indígenas⁷⁶. A obra de Frei Vicente do Salvador afasta-se das suas congêneres de cunho somente historiográfico sobre o Brasil colônia. Dita alguns conselhos ousados para época, concitando os colonos a aventurar-se pelo interior do Brasil. Cunhou uma definição que ficou famosa, acerca dos colonos que não adentravam o interior da colônia: “sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao logo do mar como caranguejos.”⁷⁷ Perspicaz, registra informações sobre a colônia, a vida

percorreu grande extensão do rio São Francisco. Nesta viagem faleceu vítima de febre. Cf. LUCIANI, Fernanda Trindade. Prefácio. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Hedra, 2010, 418 p.

⁷⁵ Cf. SALVADOR, Vicente (Frei). *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1889. 313 p. A edição consultada para este trabalho: SALVADOR, Vicente (Frei). *História do Brasil, 1500 – 1627*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982, 437 p.

⁷⁶ Frei Vicente do Salvador, nome religioso de Vicente Rodrigues Palha, nasceu em 1577 em Salvador, Bahia, filho de João Rodrigues Palha e Messia de Lemos. Estudou no colégio dos Jesuítas em Salvador e cursou Direito e Teologia na Universidade de Coimbra onde se doutorou em cânones. Na colônia exerceu diversos postos de religião, entre estes o de vigário-geral do bispado da Bahia. Na ordem franciscana exerceu diversos cargos, fundando o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Faleceu no convento franciscano da Bahia, por volta de 1636. Cf. *Introdução de Capistrano de Abreu* IN SALVADOR, Vicente do (Frei). *História do Brasil 1500 -1527*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Weisflog Irmãos, 1918, p. III – XX.

⁷⁷ SALVADOR, Vicente do (Frei), op. cit., p. 19.

dos colonos e sua cultura, os costumes e as populações indígenas. Sua obra é rica em informações sobre a formação do Brasil colonial. Cultor da língua, esmera-se em uma escrita elegante, viva e particular, expondo as potencialidades da colônia portuguesa.

- “Diálogo das Grandezas do Brasil”, 1618, de Ambrósio Fernandes Brandão.⁷⁸ Este escrito trata da colônia portuguesa, sua geografia, indígenas, engenhos, comércio com a metrópole, os poucos colonos e os aventureiros que buscavam descobrir a terra desconhecida. Sua obra exalta a terra, seus produtos e potencialidades. Traz preciosas informações sobre as riquezas naturais da colônia, a forma de explorá-la, apontando como alternativas o aproveitamento do trabalho indígena e de escravos africanos. Sua obra narra sua estada no Brasil e foi publicada somente em 1930 pela Academia Brasileira de Letras⁷⁹. Esquecida durante muito tempo, em 1874 o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen fez uma cópia de um apógrafo que encontrou na Biblioteca de Leida, na Holanda. Segundo Clóvis Monteiro, professor de Língua Portuguesa da Universidade do Rio de Janeiro, o motivo desta obra ficar tanto tempo relegada ao esquecimento foi devido não ser conveniente para os portugueses revelarem aos estrangeiros os tesouros naturais do Brasil⁸⁰.

⁷⁸ Ambrósio Fernandes Brandão, um judeu português e médico, nasceu em 1555. Cristão-novo, foi denunciado à Inquisição portuguesa, acusado da prática de judaísmo. Após a denúncia, transferiu-se para o Brasil onde viveu durante 25 anos. Estabeleceu-se na Paraíba, Nordeste da colônia, onde foi senhor de engenho. Na Paraíba, em 1591, foi novamente denunciado ao Santo Ofício, acusado de frequentar uma sinagoga local. VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil colonial, 1500–1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p.594.

⁷⁹ BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo das Grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Progresso Editora, 1930. Para este trabalho consultou-se a seguinte edição: BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo das Grandezas do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2010, 332 p.

⁸⁰ MONTEIRO, Clóvis. *Esboços de história literária*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961 p. 81-83.

- “Memórias da Capitania de São Vicente”⁸¹, de Frei Gaspar da Madre de Deus, monge beneditino. A primeira edição de seu livro saiu em 1797⁸². Apesar do título esta obra fala de quase toda a colônia, já que a capitania de São Vicente, mais tarde denominada de capitania de São Paulo, abrangia um território enorme do qual se desmembrou as capitanias de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e a região Sul do Brasil. Nela seu autor se revela metódico, não trata da história geral da colônia, mas descreve as entradas para o interior do Brasil em busca de metais preciosos e indígenas. Celebra Martim Afonso de Sousa, o primeiro governador do Brasil e trata das expedições dos paulistas que expandiram o território brasileiro. A este respeito, sobre as chamadas Entradas e Bandeiras, tece especial elogio à fibra dos paulistas que adentrando o interior inóspito da colônia alargaram suas fronteiras. Põe em destaque a mistura de sangue dos paulistas, que segundo sua obra descendem dos mais ilustres portugueses chegados ao Brasil no início da colonização e de indígenas da região de São Vicente. Sua obra é emblemática, tratando também do momento político da capitania de São Vicente que sempre se manteve fiel a El Rei de Portugal. Frei Vicente deixou outras obras inéditas que seriam publicadas posteriormente, nos séculos XIX e XX.⁸³

⁸¹ Frei Gaspar da Madre de Deus, cujo nome no século foi Gaspar de Teixeira Azevedo. Nascido em São Vicente, freguesia de Santos, então capitania de São Paulo, descendia dos primeiros povoadores do Brasil. Monge beneditino, estudou Filosofia, Teologia, História e Ciências Eclesiásticas. Exerceu diversos postos na religião e em virtude disso residiu em Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. Frei Vicente faleceu em Santos no dia 28 de janeiro de 1800, aos 85 anos. Cf. introdução: MADRE DE DEUS, Gaspar (Frei). *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente Hoje Chamada de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1976.

⁸² A primeira edição saiu com o título: *Memórias para a história da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil*. Lisboa: Tipografia da Academia Real de Ciências, 1797, 266 p.

⁸³ COSTA, Renata Ferreira. *Um caso de apropriação de fontes textuais: Memória Histórica da Capitania de São Paulo, de Manuel Cardoso de Abreu, 1796*. 2012. Tese (Doutorado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012. 507 p.

Dentre os escritores e cronista do século XVIII que escreveram sobre a história da colônia, não restringindo suas obras a regiões⁸⁴ específicas da colônia brasileira, ressalta-se:

- “Cultura e Opulência do Brasil”, de André João Antonil⁸⁵, 1711. Padre Jesuíta, sua obra é excelente, versando sobre a economia, descreve, pormenorizadamente, os fatos históricos. Nela se percebe já um sentido nativista, de valorização da terra. É, na realidade um manual para os colonos, com dicas para o meneio da terra, tratamento dos escravos e indígenas. O título completo da obra é “Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas”. Atento e perspicaz, escreveu particularmente sobre a realidade econômica da colônia. Centrou sua atenção na produção do açúcar, a grande riqueza daquele momento, mas também dissertou sobre a criação de gado e a mineração. Interessante que além de apresentar dados sobre a produção, registrou as técnicas então utilizadas, as condições de trabalho, bem como descreveu as realidades sociais e políticas na colônia. Sua obra, considerada rara, foi impressa em Lisboa em 1711⁸⁶. A Coroa portuguesa, porém, a teve como indesejada e a mandou recolher e destruir todos os exemplares. O motivo era que a Coroa queria manter segredo sobre as riquezas do Brasil, no intuito de protegê-las dos interesses estrangeiros. Segundo Capistrano de

⁸⁴ As obras regionais da época do Brasil colonial são poucas e muitas ficaram inéditas até o século XX. Várias capitânias escreveram sua memória, em obediência à Provisão Régia do Conselho Ultramarino, datada de 20 de julho de 1782 que estipulava ao segundo vereador das Câmaras da Vila do Brasil, escrever, observando-se a cronologia dos acontecimentos, os fatos e fatos mais notáveis da história da colonização portuguesa. Muitas dessas memórias se perderam, outras não foram escritas, em desobediência à ordem régia e outras seriam publicadas centenas de anos depois. É o caso da Notícia Geral da Capitania de Goiás, escrita em 1783 e somente localizada na Biblioteca Nacional Brasileira nos anos 1990 e publicada em 1997. Cf. BERTRAN, Paulo (org). *Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás: Universidade Federal de Goiás; Brasília: Solo Editores, 1996, p. XXIX.

⁸⁵ João Antônio Andreoni, nome secular de André João Antonil, jesuíta italiano que nasceu em 1649. Veio para o Brasil, chegando em Salvador em 1681. Nesta cidade viveu toda a sua vida, falecendo em 1716. Por duas vezes exerceu o cargo de Reitor do Colégio dos Jesuítas. Cf. ABREU, Capistrano, op. cit, 1907, p. 15.

⁸⁶ ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Lisboa na Oficina Real Dislandesiana: 1711.

Abreu, historiador brasileiro, era realmente esse o motivo “o livro ensinava o segredo do Brasil aos brasileiros, mostrando toda a possança, justificando todas as suas pretensões, esclarecendo toda a sua grandeza”.⁸⁷

No século XIX, antes da independência do Brasil, apenas uma obra foi publicada:

- “História do Brasil”. Obra escrita de 1810 a 1819, pelo inglês Robert Southey,⁸⁸ foi lançada a primeira vez em quatro volumes⁸⁹. Seria a primeira história geral do Brasil. A primeira edição lançada no Brasil sairia somente em 1862⁹⁰. Para escrevê-la Southey lançou mão de sua rica biblioteca de mais de 14.000 volumes e de documentos originais sobre Portugal e América do Sul. Pesquisou, igualmente, na Torre do Tombo, em Portugal. Sua obra foi a primeira a cobrir um período tão extenso, desde os antecedentes da descoberta do Brasil até finais do século XVIII. Aprofundou o estudo dos séculos XVI e XVII, sendo a sua obra uma das mais completas para o estudo do Brasil colonial. Obra importantíssima para a história brasileira, nela se resente, é claro, a falta das histórias das capitanias, do cotidiano, de toda a estrutura administrativa portuguesa com seus aspectos e circunstâncias que só poderiam ser conhecidos quando da abertura do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino. Estudou, porém, amplamente, o período colonial, examinando e interpretando documentos com grande perspicácia e erudição⁹¹.

⁸⁷ ABREU, Capistrano, op. cit. 1907, p. 93.

⁸⁸ A História do Brasil, de Robert Southey, foi publicada em Londres, em três volumes, datados respectivamente de 1810, 1817 e 1819, todas “Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row”.

⁸⁹ A obra de Southey compulsada para este trabalho, é datada de 1965, sendo a sua 3ª edição, publicada em seis volumes.

⁹⁰ SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. 6 vol. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1862, 500 p.

⁹¹ Robert Southey nasceu em 1774, em Bristol, Inglaterra. Seu tio materno reverendo Herbert Hill, pastor anglicano, nomeado capelão da comunidade inglesa de Lisboa, levou-o consigo para a capital portuguesa. Em Lisboa, Southey tentou escrever uma história de Portugal, o que não levou adiante, mas deu-lhe roteiro para a história geral do Brasil. Southey faleceu no dia 2 de março de 1843. Cf. SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. 3ª edição, 1º volume, São Paulo: Editora Obelisco Ltda, 1965, p. 7-16.

Esta é praticamente a produção sobre a história do Brasil na época colonial. Muitas delas foram escritas em tom laudatório da terra a ser povoada, enaltecendo suas riquezas e potencialidades. Algumas dessas obras foram escritas a partir de observações, sem se basear em documentos. Outras, como de Frei Gaspar da Madre de Deus, Frei Vicente do Salvador e Robert Southey foram escritas a partir de pesquisa séria em fontes documentais. As que foram impressas em sua época, nos séculos XVI, XVII e XVIII, seriam publicadas a partir de editoras existentes na metrópole, mesmo porquê era proibida a impressão de livros e documentos no Brasil⁹². Excetua-se a obra de Robert Southey que foi impressa a primeira vez em Londres, em língua inglesa. As obras que permaneceram manuscritas e que não seriam publicadas até o início do século XIX, foram publicadas já no Brasil.

As obras escritas no Brasil colônia e que se basearam em documentos para a sua elaboração, foram escritas a partir de pesquisas em arquivos da colônia ou por informações, sendo de supor um tanto empíricas. A necessidade, por parte de brasileiros natos, de se identificar e reproduzir as fontes documentais existentes em Portugal e relativas à história do Brasil iria surgir apenas no século XIX, quando aflorariam com mais vigor os sentimentos de “brasilidade”. Mesmo os escritores natos que escreveram antes da independência e se dedicaram à história do Brasil, estavam imbuídos da condição de um Brasil colônia, e como tal em suas obras se percebe que não há um compreensão da história do Brasil, mas sim de uma continuidade da história portuguesa. Muitas vezes são obras laudatórias à expansão portuguesa e mesmo que existam críticas ao modo de colonização adotado por Portugal, não pregam a independência da colônia. Foi somente com a Independência do Brasil em 1822, que se começou a delinear uma nova etapa na história da nação até há pouco colônia portuguesa. Nesse contexto começam a surgir as primeiras preocupações com a identificação dos registros da história do novo país. Teve-se necessidade de pesquisar documentos que se encontravam espalhados pelo território

⁹² “A Censura no Brasil, do século XVI ao XIX”. IN Revista de Estudos Lingüísticos, n° XXXV, 2006, p. 234-243. Artigo de Aguinaldo Martino e Ana Paula Sapaterra. Cf. http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigos_censura_brasil.pdf

nacional e em outros arquivos estrangeiros, principalmente em Portugal, a antiga metrópole.

A consciência de que a nova nação deveria conhecer sua história, desde o descobrimento, em 1500, e o seu povoamento por europeus, congrega alguns estudiosos que almejam a criação de uma instituição voltada para o cultivo da história brasileira. Esta instituição fomentaria os estudos históricos no Brasil, ao mesmo tempo em que se empenharia na formação de um acervo documental em sua sede. Este acervo seria coletado em todo o território nacional, recebendo doações de acervos e coleções particulares, adquirindo documentação interessante para a história do Brasil e promovendo a pesquisa e cópia de documentos em arquivos brasileiros e portugueses. Desta forma, em 1838, surgiria o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado por políticos e intelectuais ligados ao Governo, com sede no Rio de Janeiro.

2.2 ANTECEDENTES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO - IHGB

A ideia da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (de agora em diante IHGB), partiu de alguns membros da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), criada em 1827, cinco anos após a Independência do Brasil. Seus criadores formavam um grupo expressivo de intelectuais e políticos da Corte do Rio de Janeiro. Este grupo era liderado pelo Marechal Raimundo José da Cunha Matos⁹³, português naturalizado brasileiro, e o Cônego Januário da Cunha Barbosa⁹⁴, brasileiro nato, natural do Rio de Janeiro.

Propondo incentivar o progresso e o desenvolvimento brasileiros a Sociedade Auxiliadora da Independência Nacional, tinha características iluministas e servia aos

⁹³ Raimundo José da Cunha Matos (Faro, Portugal 1776 – Rio de Janeiro 1839). IN BARBOSA, Antônio da Cunha. *Marechal Raymundo José da Cunha matos - Noticia bibliographica*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, tomo 66, 1903, p. 83-120.

⁹⁴ AZEVEDO, Moreira. *Os precursores*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 51, Suplemento, 1888. p. 49 – 54.

interesses do país naquele momento, constituindo-se em uma ferramenta para a integração das várias regiões do Brasil.

Desde a sua criação, teria papel fundamental na construção da memória nacional. Para isso contaria com o apoio do governo imperial e do grupo de intelectuais que passaria a se congregar em torno dos objetivos e missão da Sociedade, cujos dirigentes intuíram que se deveria criar uma entidade mais voltada para a pesquisa histórica e geográfica do novo país.

Esta instituição a ser criada, serviria à causa da nação e de sua unidade, com filiados em todas as províncias brasileiras, os chamados “Sócios Correspondentes”, de onde enviariam para o acervo do IHGB documentos, memórias e informações sobre a geografia e história de suas regiões.

2.2.1 CRIAÇÃO DO IHGB

Assim, dos anseios de um grupo de intelectuais membros da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, surgiria o IHGB, fundado no Rio de Janeiro em 21 de outubro de 1838⁹⁵. Esta instituição, a primeira a se preocupar com a construção da história nacional brasileira e ainda existente, tem por finalidade preservar a cultura nacional, estimular os estudos históricos e geográficos e de outras ciências sociais sobre o Brasil, reunir e divulgar os documentos relativos à sua formação e identidade, com vistas à preservação da memória nacional.

⁹⁵ A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, fundada no Rio de Janeiro em 1831, propunha-se ser científica e congregava cientistas, letrados, políticos e homens ligados ao mundo dos negócios. Segundo se depreende de seu Estatuto, era seu objetivo juntar o progresso econômico da nova nação com a produção do conhecimento científico. Cf. “Estatuto da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional”. Rio de Janeiro: Typographia Imperial D’ Émile Seignot Plancher, 1831, p. 01.

Os objetivos da instituição, estabelecidos no Art. 1º do Estatuto de 1838, são mantidos até a atualidade, adaptados às conjunturas nacionais e internacionais, de que é o primordial: "coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil"⁹⁶, objetivos hoje abarcando as demais Ciências Sociais.

Instituição que desde seu início recebeu a proteção do Imperador Dom Pedro II que era assíduo frequentador de suas reuniões⁹⁷, em 1841 passou a funcionar no Palácio da Cidade do Rio de Janeiro.

2.2.2 O IHGB E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HISTÓRICA NACIONAL

Os dias de glória do IHGB foram, justamente, no Segundo Reinado, quando o segundo imperador brasileiro, ávido por conhecimentos, intelectual admirado nas cortes europeias e apaixonado por história deu total apoio à novel agremiação. Sob a proteção imperial o Instituto organizaria, nos anos posteriores, várias missões em arquivos brasileiros e europeus, enviando jovens capazes e interessados em copiar a farta documentação de interesse para a história do Brasil existente nos arquivos não só de Portugal. Neste sentido, um ano após a sua fundação, o Instituto já podia se gabar de que

*“[...] Arrostando dificuldades de toda ordem, lutando contra a indiferença de uns e a má vontade de outros, o Instituto incessante prossegue em seu intento, e fiel e cuidadosamente vai acumulando abundantes e preciosos materiais para o excelso monumento da história do Brasil”*⁹⁸.

O IHGB foi a primeira ferramenta das autoridades civis e culturais brasileiras no intuito de estimular a formação da identidade nacional. Por meio da conservação do

⁹⁶ Cf. Objetivos do IHGB, IN <http://www.ihgb.org.br/ihgb.php> [Consulta 30 de julho de 2015].

⁹⁷ Segundo Lúcia Guimarães, o Imperador participou de 508 reuniões ordinárias, entre dezembro de 1849 e sua partida para o exílio. Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. IN: Revista do IHGB, n.388, jul./set. 1995, p. 486.

⁹⁸ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007, p. 21.

patrimônio cultural, fomentou a pesquisa e os estudos históricos no novo país. Desde o início, procurou meios de elaborar uma história brasileira lançando mão de documentos do exterior.

2.2.3 O IHGB E AS PESQUISAS NOS ARQUIVOS BRASILEIROS

Sob a inspiração do IHGB começava a se esboçar um interesse em elaborar uma história brasileira, não podendo, logicamente, relegar-se os trezentos e vinte e dois anos de história colonial. Assim, o Instituto tão logo instituído, cuidou em reunir as fontes para a história brasileira, buscando sedimentar a memória histórica do Brasil.

Uma das primeiras providências do IHGB foi solicitar aos seus sócios nas províncias, a remessa de documentos e notícias históricas e geográficas acerca do Brasil. Também solicitou aos sócios que se empenhassem em conseguir doações de acervos públicos e privados, de documentação manuscrita ou impressa, ou a cópia de documentos importantes para a história do Brasil:

“A sessão de 1º de novembro de 1838 marca, por conseguinte, não só a primeira iniciativa no campo da periodização da história do Brasil como também a primeira proposição de pesquisa e conquista de fontes. Não satisfeito com isto, Januário da Cunha Barbosa apresenta ao Instituto a “Lembrança do que devem procurar nas províncias os sócios do Instituto Histórico Brasileiro para remeterem à Sociedade central do Rio de Janeiro que é o primeiro plano de pesquisa histórica brasileira”⁹⁹.

Esta foi a primeira iniciativa de pesquisa nos arquivos brasileiros e se obteve algum resultado positivo, tendo-se notícias de envio de material histórico das províncias para o acervo do IHGB, bem como alguns sócios correspondentes enviaram suas

⁹⁹ RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3ª edição, São Paulo: Nacional, 1978, p. 38

pesquisas acerca de suas regiões¹⁰⁰. Os arquivos da Câmaras, nas quais trabalhavam homens grados das províncias e às vezes coincidia que estes eram sócios correspondentes do Instituto, enviaram cópias de algumas memórias e relatórios guardados entre seus papéis.

O IHGB teria, no correr do século XIX enorme influência nos círculos intelectuais brasileiros. Fomentou a pesquisa em várias províncias e sob sua inspiração foram surgindo Institutos Históricos e Geográficos provinciais. A exemplo, cita-se o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, fundado em 1862, com a missão de “coligir, verificar e publicar documentos, monumentos e tradições históricas que lhe for possível obter ou de que tiver notícia, pertencentes à história das províncias que formaram a antiga capitania de Pernambuco e Itamaracá, desde a época do seu descobrimento até nossos dias”¹⁰¹.

As províncias que não criaram instituições no gênero, mantiveram-se ligadas ao IHGB por meio dos sócios-correspondentes, geralmente estudiosos e pesquisadores que tendiam a enviar para o Instituto as notícias e documentação histórica de suas regiões.

2.2.4 O IHGB E A COMPILAÇÃO DE DOCUMENTOS EM ARQUIVOS EUROPEUS

Logo o Instituto se aperceberia que era necessário, para se organizar um acervo sobre a história do Brasil, a realização de pesquisas nos arquivos europeus. José Marcelino

¹⁰⁰ SILVA E SOUZA, Luiz Antônio da. *O descobrimento da capitania de Goyaz* (governo, população e coisas mais notáveis). Goiânia: Ed. da UFG, 1967. pp. 65 e 66.

¹⁰¹ IN Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, tomo 1, 1862, p. 22.

Rocha Cabral¹⁰² seria o primeiro membro do IHGB a se referir à necessidade de se pesquisar nos arquivos europeus, secundado por José Silvestre Rabelo¹⁰³:

“A primeira iniciativa de pesquisa no estrangeiro pertence a Rocha Cabral, ao pleitear que o Instituto Histórico empregasse todos os seus esforços para mandar vir de Portugal importantes manuscritos que lá deviam existir sobre o Brasil. Mas a melhor medida prática veio de José Silvestre Rebelo ao pedir que o corpo legislativo autorizasse o Ministro dos Negócios Estrangeiros a mandar um adido à Espanha e outros países, a fim de copiar os manuscritos importantes que ali existissem, relativos ao Brasil. A proposta foi aprovada pelo governo, assim como as instruções para o adido”¹⁰⁴.

Já em 1839 o IHGB lançava sua revista, ainda existente, na qual publica as principais pesquisas e as fontes para a história do Brasil. Esmerar-se-á, também, na elaboração dos Anais de congressos realizados pela instituição.

Na segunda metade do século XIX, o IHGB já promovia uma série de atividades e programações voltadas para a celebração do nacionalismo. Não era, porém, um fomento na massa. Essas manifestações não alcançavam o povo, mas uma elite intelectual. Apesar da boa-vontade dos pioneiros, essas manifestações assemelhavam-se ao que Eric Hobsbawn caracterizou como atuação de uma “minorité agissante”, formada por pioneiros e militantes da ideia nacional, que se dedicavam a campanhas com o propósito de externar e expandir esse ideário¹⁰⁵.

¹⁰² José Marcelino da Rocha Cabral (Macedo de Cavaleiros, Portugal, 1806 – Rio de Janeiro 1852). Jornalista, advogado, membro-fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Cf. FONTE, Barroso da (Org.). *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Dunienses*. 3º volume. Guimarães: Editora Cidade Berço, 2003, 765 p.

¹⁰³ José Silvestre Rebelo. Primeiro diplomata a apresentar credenciais em nome do governo brasileiro. Encarregado dos negócios em Washington de 1824 a 1829. Sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Revista Brasileira de Política Internacional. IN <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292001000100011> [Consulta 5 de agosto de 2015].

¹⁰⁴ RODRIGUES, José Honório, op. cit, p. 39.

¹⁰⁵ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal, op. cit, p. 81.

Com o seu trabalho pioneiro e perseverante o IHGB foi criando um sentido nacionalista, de amor à história brasileira, enaltecendo porém, a cultura portuguesa na formação do país. Daí que uma das características do movimento implementado pelo IHGB foi o traço de continuidade histórica do Brasil independente com o Brasil colônia.

Lúcia Maria Paschoal Guimarães, ao estudar o IHGB e suas campanhas e programas nacionalistas destaca justamente isto:

“[...] o Instituto Histórico e Geográfico construiu a memória nacional tendo como traço característico a continuidade. Deste modo, o Estado monárquico estabelecido em 1822 converteu-se no legítimo herdeiro e sucessor do império ultramarino português. Herança que se sustentava, inclusive, com a presença de um representante da Casa de Bragança no trono brasileiro. A antiga metrópole, por sua vez, transformou-se na “mãe pátria”¹⁰⁶.

Realmente os fatos da história do Brasil indicam esta continuidade e a isto se deve juntar a unidade nacional que sempre existiu no Brasil desde o século XVIII: um território enorme, com uma mesma língua, uma religião predominante e uma cultura diversificada mas impregnada da cultura da metrópole.

Esta cultura portuguesa presente no Brasil se intensificou a partir de 1808 com a vinda da família real para a sua colônia brasileira, fato único na história europeia e americana. Seguindo o príncipe regente Dom João e a rainha-mãe Dona Maria I, mais de quinze mil pessoas entre nobres, funcionários e servidores desembarcaram no Rio de Janeiro¹⁰⁷. No Brasil, com o falecimento de Dona Maria I, o príncipe regente seria coroado rei com o nome de Dom João VI e em 1815 o Brasil seria elevado à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves¹⁰⁸.

¹⁰⁶ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Op. cit p. 117.

¹⁰⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 217.

¹⁰⁸ GOMES, Laurentino. *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007, p. 218.

Os ares de liberdade e certa independência que propiciaram a residência da família real no Brasil não poderiam ser abafados posteriormente, após o retorno da família real portuguesa para Portugal, em 1821, premida pela nobreza e povo portugueses. Tão logo a volta do rei para a metrópole, políticos portugueses pregavam o retorno do Brasil à condição de colônia. Contra isto se insurgiriam os políticos brasileiros e o próprio príncipe Dom Pedro, filho de Dom João VI, que havia permanecido no Brasil como regente e que se imbuíra desde cedo do modo de ser e pensar do brasileiro.

Em 7 de setembro de 1822 Dom Pedro proclama a independência do Brasil e se torna o seu primeiro imperador com o nome de Dom Pedro I. Após a morte de Dom João VI em 1826, Dom Pedro I tornava-se Dom Pedro IV, rei de Portugal.”¹⁰⁹. Legalmente rei de Portugal, Dom Pedro nomeia sua filha Maria da Glória para regente do trono português. Com o acirramento das lutas partidárias em Portugal, tendo de um lado o príncipe Dom Miguel, irmão de Dom Pedro, que ambicionava o trono, Dom Pedro abdica em favor de sua filha Maria da Glória que se torna rainha de Portugal.

Governando por quase dez anos o Brasil, em 7 de abril de 1831 Dom Pedro I abdica do trono brasileiro em favor de seu filho Pedro e retorna a Portugal para lutar pelo reconhecimento do direito de sua filha ao trono português então requisitado pelo príncipe Dom Miguel ¹¹⁰. O Brasil seria governado, na prática, por um Regente até que o filho de Dom Pedro I ainda menor de idade, tivesse declarada, em 1840, sua maioridade pelo parlamento brasileiro, assumindo o trono com o nome de Pedro II e que reinaria até 15 de novembro de 1889, quando foi proclamada a República¹¹¹.

A continuidade histórica entre a metrópole portuguesa e a novel nação brasileira a que se refere o estudo de Lúcia Maria Paschoal Guimarães acima citado, memória

¹⁰⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira. Op. cit. p. 450.

¹¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: o processo de emancipação*. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976, 389 p.

¹¹¹ CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. vol. 1–5. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1975.

patrocinada pelo IHGB, fica bem demonstrada neste resumo da história política brasileira do primeiro e segundo impérios.

Quanto às pesquisas históricas patrocinadas pelo IHGB e o governo imperial no Brasil, esta iniciativa dar-se-ia concomitante às pesquisas no exterior. Particularmente às pesquisas no Brasil, o IHGB buscará localizar os acervos mais antigos e importantes referentes ao Brasil Colônia, obtendo cópias dessa documentação.

Alguns problemas, porém, existiam. É que os arquivos brasileiros da época, a par de não serem organizados, eram faltos de documentos, seja devido ao clima tropical danoso ao papel, principal suporte documental utilizado, seja devido à incúria da administração. Assim, o arquivo da Câmara de São Vicente, uma das primeiras cidades criadas no Brasil, marco inicial da capitania de São Paulo, deveria guardar uma documentação preciosa. O IHGB, em 1854, encarregou o pesquisador José Joaquim Machado de Oliveira, estudioso e residente na cidade de São Paulo, que levantasse a documentação desse arquivo, compilando e coletando a documentação que fosse de interesse para a história do Brasil. Não podendo Machado de Oliveira realizar a pesquisa, dela foi encarregado João Pereira Pinto, também pesquisador interessado na história do Brasil que legou-nos uma descrição do estado daquele arquivo em 1854¹¹².

Criada no século XVI, a Câmara de São Vicente possuía poucos códices e quase todos posteriores a 1700 e quase sempre arruinados pelas traças, sem tratamento algum. Queixa-se o pesquisador João Pereira Pinto de que por incúria das autoridades, códices importantes dos primeiros tempos do Brasil, foram subtraídos por pesquisadores nacionais ou estrangeiros, sem que as autoridades tomassem qualquer providência. Além disso, queimaram, por cabal ignorância, dezenas de

¹¹²Cf. *Ofício de J. Pereira Pinto dirigido ao Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira*. IN Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 19, pp. 154-156.

documentos centenários, privando a história pátria de uma riquíssima fonte documental¹¹³.

Ainda, acresce a isso, a cultura enganosa de alguns em quererem extirpar a lembrança dos tempos em que o Brasil estava submetido à Coroa Portuguesa, destruindo registros da época colonial¹¹⁴.

Contra isso o IHGB se insurge, coletando documentos importantes e fomentando a pesquisa em todo o país “procurando estabelecer um laço de continuidade entre a história do Brasil e a história europeia, fixando, dessa maneira, o Brasil na tradição civilizatória europeia”¹¹⁵.

Um problema real residia em que grande parte dos documentos da época colonial estavam em Portugal. Também na Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Vaticano, existiam documentos que contribuiriam enormemente para com o conhecimento histórico da ex-colônia portuguesa.

Era necessário, portanto, que as pesquisas demandassem Portugal e outros países europeus, coletando em seus arquivos as informações importantes para se escrever a história brasileira. Isto, porém, não contentava os estudiosos que queriam não apenas as informações retiradas dos arquivos do exterior, mas cópias dos documentos que serviriam de subsídios a outros tantos trabalhos sobre a história do Brasil.

¹¹³ RODRIGUES, José Honório, op. cit. p. 50.

¹¹⁴ Ilação nossa. Realmente, após a Independência do Brasil, surgiram em várias partes do território brasileiro movimentos nativistas. No Rio de Janeiro, em 1831, ocorreram grandes desordens e assassinatos de portugueses. Em algumas regiões, como na Cidade de Goiás, capital da então província do mesmo nome, todos os portugueses “adotivos”, ou seja, naturalizados brasileiros, foram aliados de seus postos, tendo de deixar a cidade devido à exaltação dos ânimos. Na província de Mato Grosso, em 1834, deu-se a chamada “Rusga” na qual foram assassinadas 28 pessoas, sendo 25 portugueses e 03 brasileiros que de alguma forma a eles estavam ligados ou os defenderam. Ver: CURADO, Sebastião Fleury. *Memórias Históricas*. Goiânia: s/Ed., 1956, fl. 33.

¹¹⁵ SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Ed. da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000, p. 81.

2.3 AS PESQUISAS E COMPILAÇÕES NO SÉCULO XIX

Nesse caminhar, no Segundo Reinado, com patrocínio de Dom Pedro II, Imperador do Brasil¹¹⁶, vários pesquisadores, quase sempre sob a supervisão do IHGB são enviados para Lisboa e outras capitais europeias a fim de levantarem a documentação de interesse brasileiro existente em seus arquivos. Devido à falta de método e dos meios reduzidos da época, sem instrumental para a extração de cópias que não fossem cópias manuscritas, pouco foi feito, copiando-se à mão alguns documentos que mais interessavam aos pesquisadores naquela altura. Por ordem cronológica, relacionar-se-á, abaixo, os principais pesquisadores particulares, subvencionados pelo governo imperial ou que, funcionários do governo, valeram-se das facilidades e meios diplomáticos para as suas pesquisas:

2.3.1 ANTÔNIO MENESES VASCONCELOS DE DRUMMOND

Diplomata e sócio do IHGB, desde 1839 dedicava-se à pesquisa histórica e de boa vontade atendeu aos pedidos do Instituto para compilar documentos históricos relativos ao Brasil e existentes nos arquivos europeus. De suas pesquisas particulares ofereceu muitas cópias de documentos que ele próprio pesquisara e copiara na Europa. Durante anos pesquisando nos países onde trabalhou, organizou uma rica documentação compilada de diversos arquivos. Estes documentos seriam utilizados por outros pesquisadores, sendo que destes, Francisco Adolf de Varnhagen, seria o que mais se celebrizaria e que contou com a amizade de Vasconcelos Drummond que o indicou para ingressar como adido, funcionário do governo brasileiro, em Lisboa. Antônio Meneses Vasconcelos de Drummond foi o primeiro pesquisador particular que buscou nos

¹¹⁶ Dom Pedro II, o segundo e último imperador do Brasil, exerceu seu reinado de 1840 a 15 de novembro de 1889, quando da proclamação da República Brasileira. Estudioso, assaz interessado no fomento das pesquisas históricas e no desenvolvimento das ciências no Brasil, concedeu benefícios a vários estudantes e pesquisadores para se aprimorarem nas universidades europeias. IN GUIMARÃES, Lúcia P. *Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

arquivos portugueses os documentos interessantes para a história do Brasil, copiando-os e enviando para o IHGB¹¹⁷.

2.3.2 FRANCISCO ADOLF DE VARNHAGEN

Filho do engenheiro militar alemão Ludwig Wilhelm Varnhagen e da portuguesa Maria Flávia de Sá Magalhães, Varnhagen foi um apaixonado pela pesquisa histórica¹¹⁸. Em 1840 foi eleito sócio correspondente do IHGB e daí por diante seria um grande cooperador do Instituto, ao qual doou, no mesmo ano de 1840, vários manuscritos que copiara em Portugal¹¹⁹. No Brasil pesquisou nos arquivos da Câmara de São Vicente e a respeito do estado dos arquivos brasileiros da época, a sua descrição do arquivo de São Vicente serve, certamente, de exemplo: “O Arquivo, pelo desleixo dos Camaristas passados foi não só desfalcado de muitas preciosidades e documentos mais antigos, como mal resguardado, dio que resulta achar-se pela maior parte carcomido e sem ordem.”¹²⁰ Pesquisou ainda os arquivos de São Paulo e os de muitas outras localidades brasileiras recolhendo subsídios para a sua História Geral¹²¹

Conhecida a sua competência em pesquisa histórica, aos 18 de maio de 1842 foi nomeado pelo governo brasileiro, por sugestão de Antônio Meneses Vasconcelos de

¹¹⁷ Revista do IHGB, tomo 2, ano de 1840, p. 138.

¹¹⁸ Francisco Adolf de Varnhagen entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1841, exercendo o cargo de primeiro-secretário. Em 1844 obteve a nacionalidade brasileira, podendo ser admitido na carreira diplomática. Serviu na legação de Lisboa e na de Madrid, obtendo reconhecimento como historiador com a publicação da História Geral do Brasil em dois volumes (1854-1857). Aproveitou o seu contato com o exterior para coletar documentos sobre o Brasil em bibliotecas e arquivos. Recebeu em 1872 o título de Barão de Porto Seguro, sendo elevado a visconde 2 anos mais tarde. Encerrou a sua carreira como representante diplomático em Viena, na Áustria, onde faleceu em 1878, aos 62 anos. IN IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 256 p.

¹¹⁹ Cf. Revista do IHGB, tomo 2, 1840, pp. 394-395.

¹²⁰ Cf. Idem, p. 526.

¹²¹ Informação que consta de uma sua carta datada de 15 de dezembro de 1840. Manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata 141, n. 2.827.

Drummond e esforços do IHGB, adido de primeira classe em Lisboa, com o encargo especial de coligir documentos para a história do Brasil¹²².

Pesquisou na Torre do Tombo em Lisboa, mas também em arquivos de Évora e Coimbra, em Portugal. Na Espanha, investigou o Arquivo Geral das Índias, em Sevilha, o Arquivo de Simancas, a Biblioteca do Escorial, Biblioteca do Palácio Real, Biblioteca de Santo Isidoro, Biblioteca Pública, Real Academia de História e Depósito Hidrográfico, todos estes arquivos em Madri. Mais tarde, nomeado Ministro Residente no Paraguai, trabalha, igualmente, na Venezuela, Chile, Peru e Equador, que devido a falta de documentos sobre o Brasil, pouco renderam em termos de pesquisa histórica.

Removido em 1868 para Viena, retoma suas pesquisas e compilações. Por esta época viaja pela França, Alemanha, Suécia, Noruega, Rússia, Espanha, Itália e Holanda, sempre procurando novos documentos para o Brasil¹²³

Foi de longe o mais profícuo pesquisador e compilador de documentos históricos referentes ao Brasil no século XIX e sua influência animará outros pesquisadores na busca por subsídios para a história do Brasil colonial. Varnhagen publicou vários trabalhos históricos, sobressaindo a História Geral do Brasil, cuja primeira edição, em dois volumes, data de 1857 e foi dedicada ao Imperador Dom Pedro II do Brasil¹²⁴.

¹²² GARCIA, Rodolpho. “Ensaio Biobibliográfico sobre Francisco Adolfo de Varnhagen” IN: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*. 3 ed. Integral. Volume 2. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1927, pp. 437-438.

¹²³ RODRIGUES, José Honório. Op. Cit, p. 49.

¹²⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 2 volumes. Rio de Janeiro: Casa de E. H. Laemmert, 1857.

2.3.3 ANTÔNIO GONÇALVES DIAS - 1851

Em meados do século XIX, Antônio Gonçalves Dias¹²⁵, célebre poeta brasileiro, membro do IHGB e estudioso da história do Brasil, foi incumbido pelo Imperador Dom Pedro II de realizar nos arquivos portugueses e de outros países as pesquisas históricas que iriam subsidiar a elaboração de uma história do Brasil nos moldes do IHGB¹²⁶. Era uma tarefa árdua, como podemos supor, levando-se em conta os recursos da época. Gonçalves Dias, porém, tinha experiência na pesquisa em diversos arquivos das províncias do Norte do Brasil. Em 1851, quando em missão para conhecer o método empregado na instrução pública das províncias do Norte do país, compilou e recolheu documentos que julgava serem de interesse histórico¹²⁷. Por isso, já estava de certo modo familiarizado com a documentação histórica e sua experiência e competência o credenciaram ao importante trabalho.

José Honório Rodrigues, historiador brasileiro, foi quem primeiro se interessou em historiar as tentativas de recolha e de se realizar cópias de documentos relativos ao Brasil existentes em países europeus. Segundo ele, a 08 de junho de 1854, Gonçalves Dias era incumbido da missão de pesquisar, coletar ou compilar na Europa os documentos interessantes para a nossa história:

“Deste modo, pode-se dizer que ele foi o único brasileiro incumbido de realizar pesquisas históricas de colheita e cópia de documentos, com caráter oficial, no Brasil e no estrangeiro. As pesquisas no Brasil foram sempre de iniciativa particular ou do Instituto Histórico, sem remuneração. Gonçalves Dias vinha substituir o mestre, o senhor, o maior pesquisador brasileiro. Agora, sim, era quase impossível o êxito. Aos 14 de junho

¹²⁵ Antônio Gonçalves Dias nasceu em Caxias, hoje Estado do Maranhão, a 10 de agosto de 1823, filho do comerciante João Manuel Gonçalves Dias, natural de Trás-os-Montes, Portugal, e de Vicência Ferreira, maranhense. Foi um dos maiores poetas brasileiros e um dos primeiros a se dedicar à pesquisa da história do Brasil em arquivos portugueses. Cf. CANDIDO, Antônio. *Gonçalves Dias consolida o Romantismo*. IN *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, 4ª ed., vol. II.

¹²⁷ RODRIGUES, José Honório, op. cit, p. 52.

*daquele mesmo ano partia para Portugal, onde esperava contar com auxílio de Alexandre Herculano.”*¹²⁸

Poucos resultados, porém, foram obtidos nessas pesquisas, sejam as subvencionadas pelo império brasileiro ou as particulares. No caso de Gonçalves Dias, como fora nomeado também para estudar os métodos da instrução pública em diversos países da Europa¹²⁹, não pode se dedicar totalmente à coleta e compilação dos documentos, ou não conseguiu conciliar uma e outra missão, como era esperado pelo IHGB.

Do trabalho de Antônio Gonçalves Dias tem-se notícia de que compilou 84 documentos datados de 1508 a 1630. Mas, foram, posteriormente, perdidos.¹³⁰ Alguns destes documentos, porém, já haviam sido compilados anteriormente e como Gonçalves Dias não se inteirara dos trabalhos de Varnhagen e não elaborara uma metodologia de trabalho, sua missão não obteve bons resultados nos mais de dois anos de pesquisa.

2.3.4 JOÃO FRANCISCO LISBOA - 1856

Por indicação do próprio Gonçalves Dias, por meio do Aviso de 08 de outubro de 1856, era cometida ao Comendador João Francisco Lisboa a tarefa de examinar, coletar e copiar documentos e notícias históricas que pudessem interessar ao Brasil¹³¹. João Francisco Lisboa, natural da província do Maranhão, era mais afeito à pesquisa e já há tempos se empenhava em ser escolhido para a tarefa.

Em Lisboa recebeu o ofício com as instruções acerca de como realizar o trabalho, atentando, principalmente, para não compilar documentos já compilados

¹²⁸ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 57.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 67. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1903.

¹³¹ Cf. Manuscrito da Coleção Marques de Olinda, intitulado *Comissões na Europa dos senhores Gonçalves Dias e Lisboa, 1857*. Manuscrito n. 6.332, Lata 217, IHGB.

anteriormente¹³². João Francisco Lisboa percebeu, na leitura do mesmo ofício, que estava autorizado a pesquisar não somente em Portugal, mas em todo e qualquer país europeu onde existissem documentos de interesse do Brasil. Para iniciar suas pesquisas solicita a Varnhagen¹³³, considerado o primeiro historiador brasileiro e que pesquisara em arquivos europeus, que o guiasse com seus conselhos e experiência na descoberta de importantes documentos que devessem ser, de preferência, copiados.¹³⁴

O trabalho de João Francisco Lisboa foi, seguramente, mais promissor que o de Gonçalves Dias que não obstante o preparo intelectual, não possuía método, e seu interesse se prendia mais ao estudo para o conhecimento dos métodos europeus para a instrução pública. João Francisco Lisboa estava mais preparado e não escondia suas dúvidas, aconselhando-se com os entendidos da época, entre os quais Varnhagen, que foi de longe quem mais o auxiliou, passando a ele sua experiência nos arquivos europeus.

Estas cópias tiradas à mão, porém, trariam problemas. Alguns copistas “consertavam” em suas cópias, o documento original. Tendia-se a resumir o documento, a utilizar abreviaturas facilitando as cópias. A pontuação se fosse mudada, poderia trocar o sentido das frases e, assim, induzir em erro de interpretação, problemas inerentes a toda cópia manuscrita. Muito tempo, porém, teríamos de esperar para que a tecnologia viesse socorrer os historiadores facilitando-lhes as cópias documentais *ipsis literis*.

¹³² Entre outras instruções quanto ao método e o repetido cuidado para não compilar documentos já compilados, consta a indicação de algumas obras que deveriam ser procuradas, delas fazendo-se cópias. Destas cita o Diálogo das Grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão (Cf. nota 16). Carta nº 6 de João Francisco Lisboa a Francisco Adolfo Varnhagen, datada de 3 de outubro de 1856. IN VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Os Índios Bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º*. Lima: Imprensa Liberal, 1867.

¹³³ Ver nota 101.

¹³⁴ Carta de J. F. Lisboa a Gonçalves Dias, datada de 09 de novembro de 1856. Biblioteca Nacional, manuscrito I-5, 2, 10, Rio de Janeiro.

Quanto à produção de João Francisco Lisboa, sabe-se, por informações, que compilou 34 documentos datados de 1523 a 1617, porém o seu trabalho foi de pouco mais de um ano¹³⁵. Estes documentos, compilados da Torre do Tombo e Conselho Ultramarino, constam de uma relação publicada em “Páginas Brasileiras”, do pesquisador Max Fleiuss, em 1919¹³⁶.

2.3.5 ANTÔNIO GONÇAVES DIAS, 2ª VEZ - 1863

Em 1863, com o falecimento de João Francisco Lisboa, Antônio Gonçalves Dias seria nomeado, novamente, pelo IHGB, para exercer a missão de copiar na Europa os documentos de interesse do Brasil. A par de sua inteligência e conhecimentos literários, Gonçalves Dias não era afeito à pesquisa, não se interessara em se aconselhar com quem era experiente no assunto e se percebe, por meio de sua correspondência, que às vezes não sabia o que fazer. Sua missão durou até 1864 quando José Bonifácio de Andrada e Silva¹³⁷ o dispensa do serviço, deixando de existir a comissão que dera tão poucos resultados¹³⁸.

2.3.6 - JOÃO RIBEIRO ARANHA - 1874

Em 1874, os anais registram o nome de João Ribeiro de Almeida que pesquisou e coletou informações preciosas relativas ao Brasil existentes no Paraguai, justamente no momento do conflito entre este país e o Brasil. A documentação que entregou ao IHGB, apesar de não ser numerosa, somente 22 documentos, é interessante e fala dos costumes, da formação do país e do povo paraguaio¹³⁹.

¹³⁵ FLEIUSS, Max. *Páginas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919, p. 220.

¹³⁶ A “Relação dos Documentos copiados no tempo de João Francisco Lisboa” consta do acervo do IHGB, Lata 122, Manuscrito 2.135.

¹³⁷ José Bonifácio de Andrada e Silva foi um dos grandes estadistas brasileiros do século XIX. Por sua atuação na Independência do Brasil foi cognominado “Patriarca da Independência”. IN CALDEIRA, Jorge (org.). *José Bonifácio de Andrada e Silva*. (Col. Formadores do Brasil). São Paulo: Editora 34, 2002.

¹³⁸ Pouco ou quase nada se sabe dessa nova empreitada de Gonçalves Dias. Os Relatórios do Império de 1863 a 1864 não se referem ao seu trabalho e infelizmente não há catálogo completo organizado pelo IHGB. Cf. RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 72.

¹³⁹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 33, 2ª parte, 1880, p. 186.

2.3.7 BENJAMIN FRANKLIN DE RAMIZ GALVÃO - 1873

Retomando a pesquisa em países europeus, temos Benjamin Franklin de Ramiz Galvão, bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Este, comissionado pelo governo imperial, dirige-se à Europa onde visita diversas bibliotecas em Berlim, Zurique, Florença, Milão, Roma, Paris, Lisboa e, na Inglaterra, o Museu Britânico. Desta sua passagem pela Europa deixou excelente relatório.¹⁴⁰

Concomitante à sua missão junto às bibliotecas, Ramiz Galvão recebeu a incumbência de pesquisar em quais bibliotecas e arquivos existissem manuscritos que interessavam ao Brasil. Ramiz Galvão descobre novos documentos e elabora instrumentos de pesquisas que iriam contribuir eficazmente para com os interessados na história brasileira. De volta ao Brasil, organiza um corpo de auxiliares para elaborar os primeiros instrumentos de pesquisas da Biblioteca Nacional¹⁴¹.

2.3.8 ANTÔNIO HENRIQUE LEAL - 1875

Nos anos seguintes alguns brasileiros comissionados pelo governo trabalham na Europa à cata da documentação, copiando-a ou elaborando instrumentos de pesquisas. Antônio Henrique Leal, em 1875, informava ao IHGB os resultados de sua pesquisa na Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca da Academia Real das Ciências e na Torre do Tombo, todos em Portugal. Os relatórios de seu trabalho foram publicados pela Revista do IHGB¹⁴².

¹⁴⁰ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 75.

¹⁴¹ FONSECA, Edson Nery. *Ramiz Galvão, Bibliotecário e Bibliógrafo*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1963.

¹⁴² Cf. Revista do IHGB, tomo XXXVIII, 2ª parte, 1875, p. 397 – 453; tomo XL, 2ª parte, 1977, p. 413-416.

2.3.9 FRANCISCO INÁCIO MARCONDES HOMEM DE MELO

Homem influente no Império, exerceu várias funções públicas de relevo, tendo sido presidente (governador) da província de São Paulo em 1864. Curioso da história do Brasil, foi presidente da província do Rio Grande do Sul (de 1867 a 1868) e sobre a história do Rio Grande do Sul publicou, em 1878, o trabalho “Documentos relativos à história da capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, compilados e copiados na Secretaria do Governo em Porto Alegre, de ordem do Conselheiro Barão Homem de Melo”

No IHGB, na sessão de 3 de agosto de 1860, propôs a nomeação de uma comissão que se encarregasse de orientar a confecção de uma coleção de documentos da história do Brasil¹⁴³. A pesquisa para o levantamento desses documentos dar-se-ia com o auxílio do governo imperial e o IHGB publicaria um trabalho sobre a coleção autêntica dos documentos da história do Brasil. Essa empresa, porém, não teve andamento.

2.3.10 JOAQUIM JOSÉ DE CAMPOS DA COSTA DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE - 1880

Em 1880, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, então Ministro do Império e Negócios Interiores, incumbiu a Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, um levantamento da documentação da Torre do Tombo, em Lisboa, centrando-se na criação de dioceses, prelazias, paróquias e curatos no Brasil. Missão tida como de grandes resultados, pesquisou quase que somente na Torre do Tombo, tendo, porém, examinado os museus de Lisboa, Coimbra e Porto, anotando o que encontrou de espécimes de produtos minerais do Brasil. O relatório de sua pesquisa com o levantamento das fontes foi publicado na Revista do IHGB¹⁴⁴.

¹⁴³ Cf. Revista do IHGB, tomo LXIV, 2ª parte, ano de 1901, pp. 149-151.

¹⁴⁴ Revista do IHGB, tomo 62, 2ª parte, 1899, 158 - 180.

2.3.11 JOSÉ HIGINO DUARTE PEREIRA - 1885

José Higinio Duarte Pereira realizou sua pesquisa no Arquivo Real de Haia e Arquivo dos Estados Gerais, Arquivo Particular do Rei, todos na Holanda, obtendo excelente resultado que compôs seis volumes¹⁴⁵. Metódico, bom pesquisador e rigoroso nas pesquisas levantou dezenas de retratos (pinturas), plantas e mapas que enriqueceram, sobremaneira, o conhecimento que se tinha do Brasil holandês, ao tempo do Conde Maurício de Nassau conquistador de Pernambuco, sobre quem compilou centenas de documentos. Sua pesquisa consta do Relatório publicado pela Revista do IHGB¹⁴⁶.

2.3.12 PESQUISADORES SOBRE AS FRONTEIRAS BRASILEIRAS

Outros nomes interessados na história do Brasil registrada nos documentos europeus foram Duarte da Ponte Ribeiro (Barão da Ponte Ribeiro)¹⁴⁷, encarregado, em 1853, de organizar os documentos relativos às nossas fronteiras; Paulino José Soares de Souza, Visconde do Uruguai¹⁴⁸, incumbido de estudar os limites do Brasil com a Guiana Francesa, e que realizou pesquisas durante a década de 1850 em Lisboa e Paris; e José Antônio Pimenta Bueno (Marquês de São Vicente), que de 1836 a 1838, quando presidente da província de Mato Grosso, coletou documentos relativos à fronteira do Brasil com os domínios espanhóis. Estes estudiosos trabalharam, quase sempre, oficialmente, levantando documentos de interesse brasileiro, visando

¹⁴⁵ PEREIRA, José Higinio Duarte. *Relatório sobre as pesquisas realizadas na Holanda*. IN Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, tomo 30, 1886. Recife: Tipografia Industrial, 1886, p. 11-12.

¹⁴⁶ Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, nº 30, 1886, pp. 11-12.

¹⁴⁷ Duarte da Ponte Ribeiro, foi um dos maiores estudiosos das fronteiras do Brasil, colecionando rica documentação sobre nossos limites territoriais. Foi Ministro em Buenos Aires e participou de missões diplomáticas em países do Pacífico. Cf. SOUZA, José Antônio Soares de. *Um diplomata do Império (Barão da Ponte Ribeiro)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

¹⁴⁸ Paulino José Soares de Souza exerceu a missão de Ministro Plenipotenciário em Missão Especial junto ao Imperador dos Franceses e também junto à Rainha da Inglaterra e ao Papa Pio IX. IN RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2ª edição, São Paulo: Nacional, 1969, p. 68.

justificar as fronteiras do país. Tinham, portanto, um objetivo e a ele se entregaram com denodo.

Ainda no que respeita a pesquisas para levantar os limites históricos do Brasil, de 1852 a 1861 o amanuense Joaquim Caetano da Silva estava pesquisando, oficialmente, nos arquivos da França e Holanda. Levantou diversos documentos e contribuiu enormemente para com a comprovação de nossas fronteiras¹⁴⁹. A pesquisa que empreendeu em Haia, na Holanda, foi uma das mais frutíferas, tendo compilado em oito volumes documentos inéditos não só para o Brasil, mas também desconhecidos na Europa. Publicou a obra “L’Oyapoc et l’Amazone, Question brésilienne et française”¹⁵⁰, sobre as fronteiras do Brasil com a Guiana Francesa, na região Norte do país.

Estes pesquisadores coletaram centenas de documentos como memórias coloniais, informações estatísticas, estudos sobre limites dos estados do Brasil com seus vizinhos¹⁵¹, formando um acervo ainda hoje importantíssimo para a salvaguarda dos limites brasileiros, existente no Arquivo Nacional e no Palácio do Itamarati.

Como demonstrado, o século XIX foi pródigo em iniciativas para a compilação dos documentos de interesse do Brasil existentes não só em Portugal, como em outros países da Europa, América Latina e nos Estados Unidos. Alguns pesquisadores brasileiros e portugueses lograram maior êxito devido à familiaridade com o trabalho, amparados em uma metodologia que lhes pudesse possibilitar resultados de melhor qualidade. Muitos destes pesquisadores elaboraram instrumentos de pesquisas que servem ainda hoje aos interessados na história do Brasil. Alguns destes instrumentos de pesquisa foram publicados no Brasil e em Portugal.¹⁵²

¹⁴⁹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, volume 13, 1850, p. 421.

¹⁵⁰ SILVA, Joaquim Caetano. *L’Oyapoc et l’Amazone, Question brésilienne et française*. 1ª Edição, Paris, 1861.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 68.

¹⁵² Citam-se aqui, como exemplo, o inventário de Castro e Almeida: ALMEIDA, Eduardo de Castro. *Inventário dos Documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 9 volumes, 1913-1951; o Índice de Luísa da Fonseca: FONSECA, Luísa. *Índice Abreviado dos Documentos do século XVII do Arquivo Histórico*

Apesar das dificuldades da época, vários pesquisadores custeados pelo Império do Brasil, sob as orientações do IHGB, pesquisaram não somente em arquivos portugueses, mas na Espanha, França, Bélgica, Holanda, Itália e Vaticano. A herança destes pesquisadores é importantíssima para a historiografia brasileira e os pesquisadores do século XX não podem prescindir dela quando realizam seus trabalhos nos arquivos europeus. Deram continuidade ao trabalho, aprimorando-o por meio dos recursos de sua época.

2.4 AS PESQUISAS E COMPILAÇÕES NO SÉCULO XX: NOVOS MÉTODOS.

O Século XX vê surgir uma plêiade de pesquisadores interessados em descobrir novos documentos para a história brasileira. As pesquisas que ocorreram no século XIX eram esparsas, não havia um programa e um método para a sua realização. Devido a isto alguns pesquisadores desavisados compilaram vários documentos que já haviam sido compilados¹⁵³.

O século XX vê surgir novos métodos. A fotografia passa a ser utilizada nas cópias e pesquisadores mais treinados são escolhidos para que não se repitam os erros. O IHGB, com o auxílio do governo brasileiro, ainda capitaneará os esforços e todo o empenho para enviar à Europa pesquisadores que pudessem trazer para o Brasil documentos interessantes para a nossa história. O interesse é por documentos inéditos que, já levantados, precisam ser compilados em vários arquivos europeus. O Instituto se encontrava, então, munido dessas informações e levantamentos acerca da documentação que foi identificada pelos pesquisadores do século XIX. Eles já

Colonial de Lisboa. Rio de Janeiro: Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia, 1950, vol. 2, pp. 7-353.

¹⁵³ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 87

apontavam outros arquivos e valorizavam não só a documentação portuguesa, mas documentos existentes em outros países europeus.

2.4.1 MANUEL DE OLIVEIRA LIMA - 1903

Manuel de Oliveira Lima já citado como o grande pesquisador que desbravou o Arquivo Britânico à cata de documentos de interesse para a história do Brasil, já dera à luz, em 1903, a “Relação dos manuscritos portugueses e estrangeiros de interesse para o Brasil, existentes no Museu Britânico de Londres”¹⁵⁴. Esta “Relação” veio a ser um enorme serviço para a pesquisa histórica brasileira, indicando as fontes interessantes para a história do Brasil existentes no Museu Britânico, colocando-as, assim, mais facilmente, ao alcance dos pesquisadores brasileiros.

Apaixonado pela história pátria, Oliveira Lima conhecia profundamente as necessidades da historiografia brasileira e o que se deveria fazer para solucionar os problemas que impediam o acesso às fontes históricas existentes fora do Brasil. Em 1913 pronunciou uma conferência sobre o papel do IHGB na historiografia do país. Nesta conferência traçou as normas de uma orientação moderna, visando auxiliar o estudioso em história, fornecendo-lhe métodos, programas, revelando quais arquivos possuíam documentos sobre o Brasil, e incentivando as pesquisas. Opina que a revista do IHGB deveria publicar a documentação encontrada, para que, sociabilizada, pudesse servir aos estudiosos em seus trabalhos:

*“É preferível que na Revista sobrelevem os documentos a ensaios’. Aconselhava que se arrecadassem arquivos particulares e lembrava que ‘em Portugal os arquivos públicos estão longe de se acharem esgotados. Pelo contrário, impõe-se como trabalho inicial um estudo paciente, seguido e minucioso dos papéis do Conselho Ultramarino, que tão de perto nos dizem respeito. Eles encerram a verdadeira história social e econômica do Brasil colonial, assim como as atas do antigo Conselho de Estado contêm a história política e diplomática do Império na sua trama íntima.”*¹⁵⁵

¹⁵⁴ LIMA, Oliveira. *Relação dos manuscritos portugueses e estrangeiros de interesse para o Brasil existentes no Museu Britânico de Londres*. Revista do IHGB, tomo 65, 2ª parte, 1903, p. 1-139.

¹⁵⁵ LIMA, Oliveira. *Atual papel do Instituto Histórico*. IN Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 76, 2ª parte, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913. p. 485 -493.

Oliveira Lima, chama, ainda, a atenção, para o fato da riqueza documental não estar somente nos arquivos públicos de Portugal. Existiam arquivos particulares que guardavam importante documentação. Dos arquivos do governo português, realça o acervo do antigo Conselho Ultramarino, mas não fica adstrito aos arquivos públicos. Enumera diversos arquivos particulares pertencentes às famílias nobres¹⁵⁶ que de uma maneira ou de outra participaram do governo no Brasil: “Não há quase casa fidalga em Portugal que não possua papéis brasileiros, e semelhantes papéis cumpre conhecê-los e recolhê-los antes que se dispersem e se percam”.¹⁵⁷

Além de citar os arquivos portugueses pertencentes às antigas famílias da nobreza, cita, sendo talvez quem o fez com mais ênfase, os arquivos existentes em outros países como Holanda e Vaticano.

2.4.2 NORIVAL DE FREITAS - 1907

Em 1907, Max Fleiuss, então secretário do Instituto Histórico indicou o jovem Norival de Freitas¹⁵⁸ para investigar nos arquivos e bibliotecas portuguesas, extraindo cópias dos documentos valiosos para a história do Brasil. A missão de Norival de Freitas deveria se dar dentro de quatro meses e pelo pouco tempo de que dispunha já se pode perceber os poucos resultados. Acresce a isto a falta total de preparo para uma missão desse jaez. Norival de Freitas era jovem, na casa dos 24 anos, não conhecia as fontes e mesmo a bibliografia básica sobre a história do

¹⁵⁶ Arquivo da Casa da Ínsua, do governador de Mato Grosso Luis Albuquerque de Melo e Castro; Arquivo da Casa de Cadaval, da família Pereira de Melo, Casa de Mateus, em Vila Real, solar do Morgado de Mateus que foi governador de São Paulo; e outros acervos de famílias portuguesas que participaram da administração da colônia, como o do Conde dos Arcos, governador de Goiás em 1750, com parte de seu acervo na Universidade de Coimbra.

¹⁵⁷ RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. 85.

¹⁵⁸ Norival Soares de Freitas foi membro e tesoureiro do IHGB, deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro nas legislaturas de 1918 a 1920, 1921-1923, 1924-1926, 1929-1930. Em 1930 conquistou outro mandato e foi deposto pela Revolução de 1930. IN <http://www.ihgb.org.br/ihgb27.php> [Consulta 20 de julho de 2015].

Brasil¹⁵⁹. Sem treinamento em pesquisa, despreparado para leituras paleográficas e sem ter executado nenhum trabalho nessa área, o resultado de sua missão deixaria muito a desejar. Ficou restrito a um relatório e a uma lista dos documentos encontrados no Arquivo da Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional de Lisboa, no Palácio da Ajuda, na Biblioteca Pública do Porto, na Biblioteca da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Pública de Évora. Mesmo apresentando tantos defeitos, o trabalho de Norival que não deixa claro se sua lista é dos documentos copiados ou dos existentes nas instituições onde pesquisou, foi louvado por alguns membros do IHGB que, talvez, desconheciam os senões de sua pesquisa.

2.4.3 MANUEL CÍCERO PEREGRINO DA SILVA - 1907

No mesmo ano em que Norival de Freitas foi comissionado para o trabalho nos arquivos e bibliotecas de Portugal, o Dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva, então diretor da Biblioteca Nacional do Brasil e filiado ao IHGB, seguiu para a Europa e depois Estados Unidos para pesquisar documentos relativos ao Brasil e estudar métodos de organização bibliotecária. Sua pesquisa foi financiada pelo governo brasileiro e um de seus objetivos seria examinar os catálogos de manuscritos das bibliotecas e arquivos elaborando uma relação dos documentos que se referissem ao Brasil¹⁶⁰. Apesar de não ter dado grandes resultados e de se não conhecer um relatório sobre essa viagem, a missão ensejou uma proposição ao Ministro da Justiça solicitando a organização de um inventário da documentação do Conselho Ultramarino. O resultado disso foi um trabalho excelente. Este inventário foi realizado por Eduardo de Castro e Almeida¹⁶¹, e ainda hoje é reputado como um dos melhores instrumentos de pesquisa referentes às fontes portuguesas para a história do Brasil colonial.

¹⁵⁹ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 87

¹⁶⁰ Relatório do Diretor da Biblioteca Nacional ao Sr. Ministro da Justiça, apresentado aos 15 de fevereiro de 1908. ABN, Vol. 30, 1908.

¹⁶¹ ALMEIDA, Eduardo de Castro. *Inventário dos Documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 9 volumes, 1913-1951

Por iniciativa do Dr. Manuel Cícero, em 1911, a Biblioteca Nacional contratou com Rodolfo R. Schuller¹⁶² investigações nas bibliotecas e arquivos da Europa, notadamente em Madri e Sevilha, visando copiar documentos e cartografias referentes à Bacia do Amazonas e subsídios para os estudos das línguas indígenas sul-americanas. Rodolfo Schuller, segundo José Honório Rodrigues

“Não era um investigador comum; era um homem altamente competente não só na exata colocação dos problemas sobre os quais desejava investigar, como treinado metodologicamente para tarefas de busca, colheita e reprodução legítima. No momento em que escrevia ao diretor da Biblioteca Nacional, oferecendo-se para tais exames, servia no Museu Goeldi do Pará, onde já lhe haviam confiado a missão de verificar a documentação das bibliotecas e arquivos da capital. Diante das deficiências bibliográficas e documentais que impediam o exato conhecimento dos problemas históricos, geográficos, cartográficos e linguísticos da bacia amazônica, ele propõe ao Dr. Manuel Cícero, como o apoio de Jacques Huber, diretor do Museu Goeldi, realizar essa investigação na Espanha”
¹⁶³.

As investigações de Rodolfo R. Schuller resultaram em excelente trabalho. Metódico, dedicado e interessado no assunto coligiu e copiou uma série de documentos que remetia de Sevilha. Em fevereiro de 1912 seu contrato com a Biblioteca Nacional foi renovado. Criterioso, Schuller enviou diversos documentos que já haviam sido publicados nos Anais da Biblioteca Nacional e que, quando por ele comparados com os originais, ofereciam tantos erros e variantes, que sentiu a necessidade de copiá-los novamente. O trabalho de Rodolfo R. Schuller foi de grande valia e enriqueceu, sobremaneira, o conhecimento acerca das fontes para a história do Brasil existentes nos arquivos espanhóis. Os documentos levantados por Schuller estão relacionados no “Inventário dos Documentos consultados por

¹⁶² Rodolfo R. Schüller (1873-1932) funcionário da Biblioteca Nacional como pesquisador e copador de documentos históricos de outras instituições de guarda. Vide Coleção Rodolfo Schüller no acervo da Divisão de Manuscritos/FBN, Rio de Janeiro.

¹⁶³ RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 89.

Schueller no Arquivo Nacional das Índias”, bem como as listas dos documentos enviados de outros arquivos europeus¹⁶⁴.

2.4.4 PEDRO SOUTO MAIOR – 1912

O último pesquisador financiado pelo governo brasileiro foi Pedro Souto Maior, que em 1912, designado pelo Barão do Rio Branco, representava o IHGB na Sociedade de Geografia de Lisboa. Sua pesquisa, porém, se deu na Holanda, nos Arquivos de Haia onde rendeu poucos resultados. Faltavam-lhe o tino de um verdadeiro pesquisador e o método, a capacidade crítica, o conhecimento bibliográfico e de fontes, necessário a um historiador. Ainda que se leve em conta seu pouco conhecimento histórico, também o seu conhecimento da língua holandesa deixava a desejar e tudo isso contribuiu para que sua missão não fosse satisfatória. O resultado de sua pesquisa durante os cinco meses e meio que passou na Holanda, ele mesmo apresentou em seu discurso proferido quando de sua recepção como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁶⁵.

2.5 PESQUISAS PARTICULARES NO FINAL DO SÉCULO XIX E PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Se as instituições relacionadas à preservação da memória brasileira como o IHGB e a Biblioteca Nacional realizavam pesquisas e levantamentos acerca da documentação existente na Europa, também pesquisadores, por si só, realizavam suas pesquisas. Não eram financiados pelo Governo Brasileiro ou instituições. Custeavam eles mesmos suas pesquisas para a publicação de seus livros, ensaios e artigos, científicos ou não. Estas pesquisas particulares nem sempre eram pesquisas acadêmicas, mas pesquisas livres, de historiadores e curiosos da história nacional, voltados para o

¹⁶⁴ Este material se encontra arquivado na Biblioteca Nacional. Cf. RODRIGUES, José Honório, op. cit., p.91.

¹⁶⁵ “Atas das Sessões do IHGB de 1912: discurso do Sócio Pedro Souto Maior”. IN Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 75, 2ª parte, 1912. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913, 247 – 266.

conhecimento da história do Brasil. Impulsionavam estes pesquisadores a busca de novos documentos que pudessem subsidiar seus trabalhos.

Lógico está que eram privilegiados, sendo poucos os favorecidos que podiam custear a viagem e hospedagem na Europa. Eram, geralmente, oriundos de famílias abastadas.

2.5.1 JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS - 1893

Dando continuidade ao projeto de coletar as fontes para a história brasileira, ainda em meados do século XIX, surge a figura impoluta de José Maria da Silva Paranhos Júnior¹⁶⁶, dedicado professor de História do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, estabelecimento de ensino secundário de maior prestígio no país à época. Apaixonado pela pesquisa histórica, José Maria da Silva Paranhos, mais tarde elevado à dignidade de Barão do Rio Branco, deu impulso ao ingente trabalho de copiar os documentos sobre o Brasil existentes em vários países europeus, como Portugal, Espanha, França, Holanda, Itália e Vaticano.

Com o seu trabalho de pesquisas e uma farta correspondência com outros pesquisadores, solicitando informações históricas, o Barão de Rio Branco pode documentar e fixar as fronteiras brasileiras, alargando nosso território e dando-lhe os contornos que possui ainda hoje. Os documentos levantados acerca dos limites com a Argentina, em 1893, resolveram de uma vez por todas os litígios há muito tempo

¹⁶⁶ José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio Branco, (Rio de Janeiro, 20 de abril de 1845 — Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1912), era filho de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco e de Teresa de Figueiredo Faria. Estudioso, foi advogado, diplomata, geógrafo e historiador, exercendo a docência como professor de história do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. O Barão do Rio Branco é o patrono da diplomacia brasileira e uma das figuras mais importantes da história do Brasil. Sua maior contribuição ao país foi a consolidação das fronteiras brasileiras, em especial por meio de processos de arbitramento ou de negociações bilaterais. Cf. SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2010; PEREIRA, Manuel Gomes (Org.). *Barão do Rio Branco – 100 anos de memória*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 42.

existentes¹⁶⁷. Pelo seu trabalho o Barão do Rio Branco é tido, justificadamente, como o patrono do Ministério das Relações Exteriores, protótipo de Diplomata, amante dos documentos históricos, valorizando a memória histórica brasileira. Sua influência ultrapassará o século XIX e seu incentivo à coleta e cópia de documentos muito contribuirá para com o conhecimento de nossa história existente nos milhares de documentos coletados e copiados por ele mesmo ou por copistas pagos.

Exímio pesquisador, contou com o auxílio de um grupo de assistentes na localização e cópias de documentos. Diplomata, necessitava de provas documentais, principalmente para defender os limites da nação brasileira nas questões em litígio. Para isso, não poupou esforços em amearhar o maior número possível de documentos que pudessem servir ao seu trabalho. Sua pesquisa tinha por objetivo documentos que pudessem fazer prova do que defendia, ou seja, os limites, as fronteiras do Brasil. Seu trabalho foi deveras facilitado por ter o auxílio do serviço diplomático o que favoreceu, sobremaneira, a investigação e a tiragem de cópias das fontes históricas nos diversos arquivos em que pesquisou.

O Barão do Rio Branco utilizava a documentação como prova jurídica, mas possuía interesse em escrever uma contribuição histórica. Adianta-se, que seu nome seria dado ao maior projeto brasileiro implementado para a obtenção de cópias dos acervos referentes à documentação histórica brasileira existente no Arquivo Histórico Ultramarino, em Portugal, e em outros países europeus.

2.5.2 CAPISTRANO DE ABREU - 1885

Capistrano de Abreu foi outro pesquisador cujo trabalho profícuo muito enriqueceu nosso conhecimento das fontes para a história do Brasil. Deve-se a ele várias iniciativas de publicação de instrumentos de pesquisa referentes à documentação brasileira levantada por pesquisadores no século XIX, a expensas de Dom Pedro II em Portugal, sob a orientação do Instituto Histórico. Historiador devotado,

¹⁶⁷ Carta do Barão do Rio Branco, datada de 25 de setembro de 1893 e endereçada a Viana de Lima. Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro.

Capistrano conhecia como ninguém as deficiências da historiografia brasileira. Buscou divulgar as fontes levantadas em Portugal, disponibilizando um Catálogo de Documentos que foi elaborado por pesquisadores ao tempo de Dom Pedro II, assim como tornou acessível ao público interessado as cópias de documentos que foram realizadas por Antônio Gonçalves Dias e João Francisco Lisboa. Estudioso, Capistrano estava em dia com a historiografia brasileira e seus problemas, por isso se movimentava, correspondendo-se com pesquisadores que estavam trabalhando nos arquivos europeus, solicitando informações, dirigindo pesquisas, consultando arquivistas em Portugal e Espanha:

“Capistrano de Abreu conhecia como ninguém as deficiências e as necessidades de nossa historiografia: sabia que pouco se poderia fazer enquanto novas fontes não fossem dominadas e divulgadas. E por isso, desde cedo, na sua obra e na sua correspondência, talvez maior e tão importante quanto aquela, ele dirigia aqui pesquisas na Europa, instava por exames, inquiria amigos, consultava arquivistas, especialmente os portugueses e espanhóis”¹⁶⁸.

Historiador circunspecto e escritor primoroso, Capistrano publicou diversas obras, sempre baseado em farta documentação¹⁶⁹. Conhecia os arquivos onde os documentos para a história do Brasil estavam hibernando, à espera de que pesquisadores pudessem tirá-los do olvido. Sabia que a história do Brasil só poderia ser conhecida quando os arquivos europeus, principalmente de Portugal e Espanha, fossem estudados e se obtivessem cópias da documentação.

Capistrano, em uma de suas correspondências, escrevendo a Lino da Assunção, historiador português, tratou da importância dos arquivos portugueses para o Brasil, do grande acervo documental que guardavam e de como era pouco conhecido e pesquisado por estudiosos brasileiros. Aludiu, também, ao trabalho enorme que seria

¹⁶⁸ SILVEIRA, Luiz da. *Cartas de Capistrano de Abreu a Lino da Assunção*. Lisboa: Oficina Gráfica Ltda, 1946, p. 40.

¹⁶⁹ Algumas das obras de Capistrano de Abreu: “O Descobrimento do Brasil” (1883), “Capítulos de História Colonial” (1907), “Dois documentos sobre Caxinauás” (1911-1912), “Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil” (1930).

a pesquisa nesses arquivos: “A história do Brasil é um mundo e o que existe nos arquivos portugueses pelo menos um continente. Seria preciso passar muitos anos aí, sem ter outra coisa a fazer, para dar cabo da tarefa”¹⁷⁰. Dentre esses acervos documentais, o do Conselho Ultramarino sempre lhe despertou grande interesse e julgava ser de grande importância a reprodução dos documentos referentes ao Brasil pertencentes àquela instituição tão rica em documentos do passado colonial do ultramar português¹⁷¹.

Ainda no século XIX, Capistrano lembrava ao governo imperial brasileiro a necessidade de se enviar a Lisboa uma pessoa que fosse jovem e curiosa, com manifesta propensão para a pesquisa histórica, para, na capital portuguesa, ficar residindo, copiando a documentação do AHU.

Apesar do respeito votado ao nome de Capistrano de Abreu, seu apelo não foi ouvido, fenecendo alguns esforços no sentido de se alavancar o projeto. Assim, os trabalhos efetivados no século XIX nos arquivos europeus foram profícuos apenas no sentido de que os documentos escolhidos o foram tendo em vista a necessidade da novel nação de firmar suas fronteiras. Eram documentos pinçados em vários arquivos, sem método, deixando de lado os milhares de documentos interessantes para a nossa história e que continham informações sobre a economia, governo, formação social, cotidiano da população e muitas outras informações.

No século XX, em 1910, foi outra vez com Capistrano de Abreu, após quase meio século de quando se falara da necessidade de se enviar a Lisboa um pesquisador brasileiro, que tomou novo alento a pesquisa sobre a história do Brasil em arquivos europeus. O próprio Capistrano sentia a dificuldade em se escrever uma história do Brasil sem que tivesse como substrato documental as informações contidas nos milhares de códices e documentação avulsa existentes em dezenas de arquivos do velho mundo. Os catálogos existentes no AHU eram falhos e a consulta aos documentos daquele arquivo se tornava necessidade inadiável, visto o Brasil carecer

¹⁷⁰IN Anais da Biblioteca Nacional, vol. 73, Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. p. 18.

¹⁷¹ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 95.

de obras sobre a sua formação histórica e seu desenvolvimento como colônia portuguesa e o acervo do AHU era, de longe, o mais importante para a história colonial brasileira.

2.5.3 BARÃO DE STUDART - 1890

Guilherme Chambly Studart, Barão de Studart¹⁷², foi médico e historiador renomado, sua pesquisa foi notória e se desenvolveu nos arquivos da Inglaterra, França, Holanda, Itália e Portugal. Já em 1892 sua coleção de documentos brasileiros era valiosa e também se dedicou à publicação de bibliografias e instrumentos de referências auxiliando, sobremaneira, os pesquisadores. Publicou várias obras onde relaciona os documentos interessantes para a história do Brasil e do estado do Ceará, assim como vários documentos referentes a vultos da história do Brasil”. Vários desses escritos foram publicados na Revista do Instituto do Ceará¹⁷³.

2.5.4 AFONSO D’ESCRAGNOLLE TAUNAY

Afonso d’Escragnolle Taunay¹⁷⁴ foi outro pesquisador emérito e escritor de largos recursos. Dedicou-se ao estudo das Bandeiras Paulistas¹⁷⁵ e sua pesquisa é admirável, principalmente do ponto de vista da investigação, exame e análise das fontes. Daí

¹⁷² Nascido em Fortaleza, capital do estado do Ceará, no Nordeste do Brasil a 5 de janeiro de 1856 e falecido na mesma cidade a 25 de setembro de 1938. Era médico e historiador, filho de John Willian Studart, comerciante e primeiro vice-cônsul britânico no Ceará. Cf. STUDART, Guilherme (Barão de). *Dicionário Biobibliográfico Cearense*. Fortaleza: Minerva, 1910 – 1915, 3 volumes, 5ª reedição da Universidade Federal do Ceará, 1980.

¹⁷³ Revista do Instituto do Ceará, tomo 24, p. 215-399; tomo 34, p. 231-330; tomo 35, p. 31-137; tomo 37, p. 97-230.

¹⁷⁴ MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil – perfil biográfico e ensaio bibliográfico*. São Paulo: Universidade de São Paulo e Fundo de Pesquisas do Museu Paulista. Coleção Museu Paulista, série Ensaios. Vol.1, 1977, 267 p.

¹⁷⁵ As expressões “Bandeiras, Entradas e Monções” são utilizadas para designar, de modo genérico, as expedições que demandavam o interior do Brasil em busca de ouro e pedras preciosas, ou mesmo com intenção de escravizar índios ou capturar escravos negros fugidos. Geralmente as Bandeiras e Entradas se davam por terra e as monções por meio dos rios.

que se tenha notabilizado, também, como estudioso de heurística, tendo mesmo publicado nos Anais do Museu Paulista o trabalho: “Heurística Paulista e Brasileira”¹⁷⁶. Trabalhou para a reedição de obras significativas para a história do Estado de São Paulo e do Brasil, deixando introduções e apresentações críticas importantes sobre as obras publicadas. Era ele mesmo pesquisador, mas custeava, também, pesquisadores para os seus trabalhos. Sua maior contribuição advém da pesquisa realizada no Arquivo Geral das Índias de Sevilha. As cópias foram realizadas por Santiago Monteiro Díaz e Francisco N. del Valle e esta documentação, publicada nos Anais do Museu Paulista¹⁷⁷ foi de grande importância para a regularização das fronteiras do Brasil com o Uruguai.

2.5.5 OUTROS PESQUISADORES NOS ARQUIVOS EUROPEUS

Nos arquivos da França, destacou-se em suas pesquisas Alberto do Rego Rangel¹⁷⁸, diplomata de carreira e escritor. Para subsidiar suas obras, coletou documentos interessantes sobre a história do Brasil. Por iniciativa de Dom Pedro de Orleans e Bragança, herdeiro da família imperial brasileira que fora desterrada para a França, elaborou o “Inventário dos Documentos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil no Castelo d’Eu” que foi publicado nos Anais da Biblioteca Nacional¹⁷⁹. Trabalhou, extraindo cópias da documentação, em diversos arquivos franceses, mas não deixou uma lista dos documentos encontrados. Da mesma forma, os pesquisadores Tobias do Rego Monteiro¹⁸⁰ e Alberto Lamego¹⁸¹ agiram. Aquele, bom pesquisador, aproveitou

¹⁷⁶ TAUNAY, Afonso d’Escragnolle. *Heurística paulista e brasileira*. Anais do Museu Paulista, tomo 4, 1931, p. 411-425.

¹⁷⁷ Anais do Museu Paulista, tomos 1(1922), 3 (1925) e 5 (1931). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

¹⁷⁸ Alberto do Rego Rangel nasceu em Fortaleza, Estado do Ceará, Nordeste do Brasil a 29 de maio de 1871 e falecido em Nova Friburgo, Rio de Janeiro a 14 de dezembro de 1945. Foi engenheiro e escritor e como Diplomata de carreira viajou para a França, Inglaterra, Espanha e Portugal. Quando nestes países coligiu a farta documentação que utilizou para a escrita de seus livros referentes à história e biografia Cf. LEANDRO, Rafael Voigt. *Alberto Rangel e seu Projeto Literário para a Amazônia*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, UnB, 2011.

¹⁷⁹ Publicado nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volumes 54 (1938) e 55 (1939), Rio de Janeiro: M.E.S. Serviço Gráfico.

¹⁸⁰ Tobias Monteiro nasceu em Natal, Estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste do Brasil, a 29 de julho de 1866 e faleceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, a 4 de agosto de 1952. Foi jornalista, político e banqueiro, considerado um dos maiores historiadores do Brasil. Cf. MEREGE, Ana Lúcia; SILVA, Carla Isabel Neves da, et al. Arquivo Tobias Monteiro: Inventário Analítico. Rio de Janeiro: Fundação Bibliotecas Nacional, 2007, p. 9-13. IN

o tempo para copiar documentos sobre a história brasileira, visitando o castelo d’Eu em busca de documentos sobre a família imperial brasileira. Este viajou, em 1906, para a Europa, onde residiu quatorze anos na França, Bélgica e Portugal. Neste tempo, em meio a suas pesquisas, especializou-se em História. Estes escritores pesquisaram para seus próprios trabalhos, não deixando uma maior contribuição no que respeita a um levantamento das fontes para a história do Brasil existentes nos arquivos pesquisados.

Avultam, também, outros pesquisadores em arquivos do exterior e que contribuíram para a disponibilização de fontes históricas relativas ao Brasil: Jerônimo de Avelar Figueira de Melo pesquisou a correspondência do Barão de Wenzel de Mareschall, austríaco que residiu por cerca de dez anos no Brasil onde desempenhou as funções de diplomata¹⁸². Este seu trabalho foi realizado no arquivo do Ministério dos Estrangeiros de Viena, mas outras pesquisas e cópias de documentos foram realizadas nos arquivos do Vaticano. Neste mesmo tempo, Luís Camilo de Oliveira Neto trabalhou a documentação brasileira existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, do Arquivo Histórico Colonial e da Torre do Tombo, todos em Portugal. Seu trabalho se constituiu, em grande parte, na elaboração de instrumentos de pesquisa desses arquivos, mas publicou cópia dos documentos da Torre do Tombo da seção intitulada “Notícias Antigas do Brasil”, datados de 1531 a 1551, todos, então, inéditos. A Luís Camilo de Oliveira Neto se deve, também, a continuação do Inventário do Conselho Ultramarino realizado por Castro e Almeida. A este respeito José Honório Rodrigues conhecendo a importância do trabalho intentado por Luís Camilo escreveu:

http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2255&li=32&lcab=1921-1923&lf=32 [Consulta 3 de agosto de 2015].

¹⁸¹ Alberto Frederico de Moraes Lamego, nasceu em Itaboraí, Rio de Janeiro, em 1870 e faleceu no Rio de Janeiro em 1951. Cf. BATISTA, Marta Rosseti. *ABC do IEB – Guia Geral do Acervo*. São Paulo: Editora da USP, 1997, p. 27-28.

¹⁸² Esteve no Brasil, como Diplomata, de 1821 a 1831. Cf. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 79, 1914, 1ª parte, p. 169-244 e tomo 80, 1916, p. 1-148.

“Luís Camilo estabeleceu que o trabalho seria iniciado por um suplemento aos documentos do Rio de Janeiro e Bahia, que havia escapado ao inventário de Castro e Almeida e que o mínimo seria de 1.000 a 2.000 verbetes por mês. A organização do Inventário dos Documentos do Arquivo Histórico Colonial relativos ao Brasil e Portugal e, deste modo, seria negociado pela Embaixada do Brasil com o Governo português. É de lamentar-se que Luís Camilo não tivesse podido levar adiante um trabalho tão útil”.¹⁸³

Este trabalho de cooperação entre Brasil e Portugal iniciado por Luís Camilo no Arquivo Histórico Colonial, seria retomado apenas na última década do século XX com o Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, após décadas de negociações diplomáticas entre os dois países.

Outro pesquisador que buscou demonstrar aos historiadores brasileiros a importância dos arquivos portugueses, foi Pedro Calmon¹⁸⁴. Do seu conhecimento sobre os acervos portugueses com documentação histórica referente ao Brasil, Pedro Calmon elaborou a comunicação intitulada “Arquivos Portugueses e a História do Brasil” no qual expõe a importância dos arquivos portugueses, especificando, entre outros o Arquivo Histórico Colonial¹⁸⁵.

No ano de 1950, pelo período de quatro meses, o historiador José Honório Rodrigues realizou pesquisas em diversos arquivos de Portugal, França, Itália, Espanha e Inglaterra. Desta sua empreitada escreveu a obra “As Fontes da História do Brasil na Europa”¹⁸⁶ na qual registra “as principais fontes, apontando a riqueza, anotando os catálogos e inventários em andamento, e os ajustes promovidos para a obtenção de cópias e microfilmes”¹⁸⁷. José Honório Rodrigues publicou, em 1951, a parte final do catálogo de documentos do Arquivo Histórico Ultramarino, em continuidade ao

¹⁸³ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 103.

¹⁸⁴ Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, nasceu em 23 de dezembro de 1902 na cidade de Amargosa, Estado da Bahia, e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de junho de 1985. Erudito, foi professor, historiador, político, biógrafo e orador consagrado, membro da Academia Brasileira de Letras. Cf. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª edição, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

¹⁸⁵ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 192, julho a setembro, 1946. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948 p. 134.

¹⁸⁶ RODRIGUES, José Honório. *As Fontes da História do Brasil na Europa*. Rio de Janeiro, 1950.

¹⁸⁷ RODRIGUES, José Honório. *A Evolução da Pesquisa...* Op. cit, p. 103.

trabalho de catalogação da Biblioteca Nacional do Brasil iniciado em 1913 e então paralisado.

Após a década de 1950, as pesquisas esparsas, e com financiamento privado, continuaram a ser realizadas em arquivos europeus. De tempos em tempos algum pesquisador se dirigia à Europa para, principalmente nos arquivos de Portugal, copiar a documentação ou os catálogos e inventários que pudessem servir aos pesquisadores brasileiros. Po essa mesma época, Guilherme Auler, pesquisou em Portugal, padre Arnaldo Bruxel, jesuíta, na Itália, Jaime Cortesão em Portugal e Vaticano, Ernesto Cruz em Portugal e Espanha, general Francisco de Paula Cidade, Itália, e José Antônio Gonçalves Neto, Espanha e Holanda. Estes pesquisadores estavam entre os maior monta desta época, cujas pesquisas contribuíram para que os pesquisadores e historiadores brasileiros tivessem em mãos mais documentos para subsidiar seus trabalhos.

Até então não existira um projeto que ambicionasse copiar todos os documentos de interesse do Brasil existentes em arquivos europeus. Muitos pesquisadores competentes realizaram, é claro, excelente trabalho. Mas nem sempre foi assim. O que se realizou desde o século XIX foi, com algumas exceções, um trabalho superficial e muitas vezes, por falta de método, programação e treinamento, os resultados foram documentos e instrumentos de pesquisa copiados em duplicidade¹⁸⁸ e, por serem copiados sem muito critério, não gozaram da confiança dos futuros pesquisadores que buscavam conferir, quando possível, as cópias com os originais. Neste sentido, o historiador José Honório Rodrigues que como ninguém estudou as pesquisas realizadas por brasileiros na Europa, bem como os seus resultados, resume os problemas enfrentados por pesquisadores sem preparo e os resultados não confiáveis dessas pesquisas. Ao descrever o trabalho desenvolvido por Norival de Freitas em Portugal, na primeira década do século XX, deixa registrada sua análise

¹⁸⁸ Por isso Norival de Freitas solicitava a lista dos documentos já copiados, justamente para não serem copiados novamente.

sobre os produtos dessa empreitada, análise que, segundo José Honório Rodrigues, pode ser estendida a outros trabalhos no gênero:

*“[...] o seu Relatório não deixa claro se as listas são dos documentos copiados ou dos existentes nos arquivos e bibliotecas sobre o Brasil. A primeira hipótese parece pouco plausível, já que seria muito trabalho para quatro meses [...] A segunda mostraria sua incompetência, julgando fazer em tão pouco tempo listas de documentos que não dispunham de catálogos. Seriam sempre listas incompletas, “au vol d’oiseau”, como ele se exprime. Norival de Freitas não estava preparado para leituras paleográficas e confrontos textuais. Não houve, provavelmente, confronto do original com a cópia [...]”.*¹⁸⁹

Destarte, um projeto maior e mais ambicioso tardaria a ser elaborado e sua implementação dependeria de negociações diplomáticas entre Brasil e Portugal. Isso se faria realidade com o Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, sobre o qual discorreremos no capítulo seguinte.

As pesquisas empreendidas por particulares ligados ou não à academia, trazem sempre um ganho para a historiografia. Não se pode deixar de levar em conta que os subsídios levantados nas pesquisas subsidiarão outros tantos trabalhos, ganhando a produção científica que terá informações oriundas de documentos para a construção de seus trabalhos.

Os pesquisadores do passado, com seus métodos e a deficiente infraestrutura dos arquivos e a falta quase que completa da comodidade que empresta à pesquisa os modernos meios tecnológicos, desenvolveram, a par das dificuldades daquele contexto, um trabalho admirável.

Quando dos modernos projetos de pesquisa nos arquivos europeus, praticamente a documentação de interesse do Brasil, com algumas exceções, já estava levantada. As relações e índices de documentos elaborados foram importantes para a identificação desses documentos e um tempo enorme foi poupado. Oxalá a tenacidade e

¹⁸⁹ Ibidem, p. 87.

perseverança para a pesquisa continuem impulsionando a pesquisa atual, e que esses pesquisadores e desbravadores dos arquivos dos séculos XIX e inícios do século XX sirvam de modelo para uma pesquisa séria e prestante. Que ao trazer os vestígios do passado para o presente, seja para que os homens e mulheres de hoje não repitam os mesmos erros e se construa uma sociedade mais justa e humana.

Não obstante as diferenças da pesquisa ao longo do tempo, influenciada por métodos e práticas contextuais, todas as missões que realizaram o levantamento documental nos arquivos europeus, têm em comum uma característica bem singular: da mesma forma que seu trabalho gerou um importante acervo de informações que possuem uma relevância intrínseca, de utilidade interdisciplinar, propõem, também, transformar os dados em conhecimento. Aí está, nas mãos dos pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, a tarefa, corolário almejado pelo Projeto Resgate.

2.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O Brasil tendo sido colonizado por um país europeu e, no decorrer de sua história tendo presenciado seu território ser invadido pela Holanda, França e Inglaterra, bem como seus limites sendo causa de conflitos com a Coroa Espanhola, não poderia deixar de ser objeto de uma enorme massa documental acumulada nestes mais de quinhentos anos de história nos países europeus acima citados e em outros países com os quais viria a se relacionar.

Logicamente que 90% dessa documentação de interesse para o Brasil está em Portugal e cerca de 80% dela no AHU, em Lisboa, órgão criado para guardar a

documentação do Conselho Ultramarino, instância da Coroa Portuguesa criado para administrar as colônias de ultramar de Portugal.¹⁹⁰

A curiosidade sobre a história do Brasil surgiu ainda no século de sua descoberta, no século XVI. Não obstante terem existido homens interessados em registrar a história dos primeiros tempos do Brasil, a elaboração de obras literárias sejam ligadas à história ou não, nunca foi incentivada pela Coroa Portuguesa que temia que a propaganda das riquezas de sua colônia americana aticasse a cobiça de outros países que pudessem querer se estabelecer no imenso território brasileiro. Até mesmo algumas obras escritas teriam a proibição da Coroa, impedindo a sua publicação. Isto explica a grande diferença entre o mundo colonial espanhol e o português. A Espanha favoreceu, desde o século XVI, a criação de universidades em suas colônias e, conseqüentemente, as letras foram incentivadas, livros foram escritos sobre as colônias, registrou-se a vida pré-colonial de seus habitantes, sua cultura. O Brasil como colônia portuguesa pelo contrário, não incentivaria a produção de obras sobre o Brasil colônia e até pelo contrário, impediria a publicação de algumas produções sobre a colônia.

Do século XVI ao século XVIII foram publicadas oito obras sobre o Brasil em geral, e no século XIX até a independência do Brasil apenas uma, assim mesmo escrita não por um brasileiro ou português, mas por um inglês e publicada na Inglaterra.

Com o advento da independência do Brasil aguçou-se o espírito de investigação acerca da história do Brasil. Um país independente começava a surgir. Era necessário dar uma identidade histórica ao novo país. Nesse contexto um grupo de estudiosos da história do Brasil se reúne. Têm em mente a criação de uma instituição voltada para a pesquisa histórica que pudesse elaborar uma história do Brasil, fomentando os estudos históricos e geográficos sobre o novo país.

¹⁹⁰ Estimativa a partir de estudo da arquivista Heloísa Liberalli Bellotto. Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli, op. cit., *Arquivos Permanentes: tratamento documental...* p. 296.

Nesse contexto surgiu em 1839, o IHGB, que seria o primeiro responsável por fomentar a pesquisa e os estudos históricos no Brasil no século XIX, estimulando a formação de uma identidade brasileira. Para isso, é claro, seria preciso levantar a história colonial, pesquisar nos diversos arquivos das províncias e mesmo no exterior onde jaziam fontes documentais esquecidas, mas sobretudo importantes para a elaboração de uma história do Brasil.

O IHGB começava a inspirar este movimento e o Instituto mesmo irá dar os primeiros passos da pesquisa, solicitando aos seus sócios nas províncias, a busca e o envio de documentos, memórias e notícias históricas e geográficas porventura existentes nas províncias. Da mesma forma, solicitou aos sócios que se empenhassem em conseguir doações de acervos públicos e privados, de documentação manuscrita ou impressa, ou a cópia de documentos importantes para a história do Brasil, documentos que pudessem compor o acervo do IHGB. Assim agindo, o Instituto tomava a frente no sentido de esboçar uma história brasileira, valorizando, logicamente, os trezentos e vinte e dois anos de história colonial. Dessa forma, o IHGB, desde sua fundação, empenhou-se para a reunião das fontes para a história brasileira, buscando sedimentar a memória histórica nacional.

Aos poucos, com o auxílio do próprio imperador do Brasil, alguns pesquisadores são enviados a Portugal e depois a outros países europeus como Espanha, França e Holanda para levantarem a documentação de interesse do Brasil existentes em seus arquivos. Foram dezenas de pesquisadores patrocinados pelo império do Brasil e acompanhados pelo IHGB que pesquisaram na Europa durante o século XIX. Muitas pesquisas particulares, também, foram encetadas por outros pesquisadores. Estes eram quase sempre oriundos das classes mais favorecidas e podiam custear a estadia e despesas maiores pelos países pesquisados. Alguns eram servidores da diplomacia brasileira (como embaixadores, diplomatas, cônsules) e aproveitavam que estavam nos países que possuíam documentação de interesse do Brasil e pesquisavam. Outras vezes faziam parte de missões políticas, como o caso do Barão do Rio Branco que

buscava documentos para pacificar os conflitos de limites do Brasil com alguns países da América Latina.

Estes pesquisadores lidavam, é claro, com os métodos de sua época. Havia, então, dificuldades de se elaborarem cópias. Geralmente estas cópias eram manuscritas o que demandava tempo e muitas vezes, por isso, resumia-se o documento, quase sempre não havendo confrontação entre o original e a cópia.

Adentrando o século XX as pesquisas contariam com as facilidades da fotografia e mais tarde com as formas de reprografia nem sempre permitidas nos arquivos. O certo é que as pesquisas particulares sobrepujaram as financiadas pelo poder público, mas continuava-se com um grande problema: não se conseguia ter, no Brasil, para pesquisas dos estudiosos interessados, todo o conjunto documental de interesse dos pesquisadores brasileiros existente nos arquivos europeus. Contava-se, até então, com o bom discernimento do pesquisador que julgava qual documento era digno de ser copiado. Isto, levando-se em conta as idiossincrasias humanas, fragmentava as informações e, de certa forma, as informações que os documentos ofereciam, eram muitas vezes, parciais.

Ansiava-se, portanto, por uma forma de se ter todo o conjunto documental de interesse da história do Brasil junto às universidades e centros de estudos brasileiros. A documentação histórica existente no AHU era, sobretudo, conhecida e se desejava que cópias dela pudessem estar no Brasil servindo aos pesquisadores.

Desde a década de 1950 pesquisas esparsas e particulares continuaram a ser realizadas, com poucos resultados, porém. Seria preciso esperar os anos de 1970 com a evolução tecnológica, como a popularização do microfilme para que uma parte, ainda pequena da documentação de interesse do Brasil, chegasse às instituições de pesquisa histórica. Ainda, assim, eram poucos documentos, esparsos, não o conjunto documental que espelhasse toda uma época e conjuntura, eram partes muito fragmentadas compostas de documentos escolhidos a partir do critério de um pesquisador.

Capítulo 3

O Projeto Resgate como um todo, nos diversos estados do país representará uma inflexão nas pesquisas históricas, no sentido abrangente desta última palavra: não só profissionais historiadores, mas antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, geógrafos, ambientalistas, poderão se valer da riqueza de dados e informações contidos na volumosa documentação, resgatada para o Brasil, acerca de suas bases coloniais, sem cujo entendimento porção significativa de sua formação histórica ficará lacunar.

Rosa Maria Godoy Silveira – Catálogo da Paraíba.

3 O PROJETO RESGATE EM PORTUGAL

3.1 A FORMALIZAÇÃO DO PROJETO

As tentativas de localizar em países, principalmente europeus, a documentação histórica relativa ao Brasil, esbarravam em diversos problemas. Primeiro, o alto custo de uma pesquisa no exterior e a falta de fomento das instituições brasileiras. Eram poucas as instituições que investiam neste campo. Segundo, e talvez o problema de mais difícil resolução, não havia entre Portugal e Brasil, àquela época, uma política que facilitasse e pudesse fomentar as missões e ações envolvidas nas pesquisas relacionadas à documentação histórica de ambos os países. Faltava, portanto, um respaldo legal, na legislação brasileira e portuguesa que ditasse o direito que estes países tinham de conhecer e possuir, por meio de cópias, os documentos importantes para a sua história.

No que se refere ao Brasil, ex-colônia de Portugal, a necessidade de pesquisas nos arquivos da ex-metrópole era expressa por historiadores e pesquisadores que sentiam a falta de documentação colonial nos arquivos brasileiros. Geralmente, as pesquisas realizadas até então pelas ex-colônias, ficavam jungidas à aquiescência dos países, antigas metrópoles, que concediam, dentro de sua soberania, permissões para as pesquisas, condicionadas, é claro, à lei comum vigente em cada um.

Heloísa Liberalli Bellotto, historiadora e arquivista brasileira, que participou do Projeto Resgate como consultora arquivística¹⁹¹, historiando as tentativas que se deram nos séculos XIX e XX de se copiar a documentação de interesse do Brasil no exterior, principalmente na Europa, lembra que a ideia de um grande projeto era renovada de tempos em tempos, geralmente quando da comemoração de alguma data importante da história brasileira. Reporta-se, principalmente, às tentativas que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980, quando o próprio governo brasileiro se esforçou no sentido de que pesquisadores pudessem “resgatar” informações históricas de interesse do Brasil:

“Nas décadas de 1970 e 1980, foram feitas tentativas governamentais, sem muito êxito, no sentido de dar suporte a pessoas e grupos de pesquisadores que pudessem buscar documentos de interesse brasileiro na Europa. A ideia de novos projetos de descrição de documentos referentes ao Brasil fora de suas fronteiras foi fortalecida quando se preparavam as comemorações dos centenários da libertação dos escravos (1988), da Proclamação da República (1989), o bicentenário da “Inconfidência Mineira” (1989) e, também, os 500 anos da chegada dos portugueses ao país.”¹⁹²

Assim, em 1975, visando elaborar um projeto que pudesse copiar a documentação de interesse do Brasil existente em arquivos portugueses, reuniu-se no Rio de Janeiro o Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC¹⁹³. Nesta reunião, com base em um estudo do professor Rubens Borda de Moraes, discutiu-se o problema dos arquivos luso-brasileiros. Neste encontro foi elaborado não um projeto, mas um *working paper*¹⁹⁴ e ficou acertado que a primeira coisa a se fazer seria levantar o estado em

¹⁹¹ Como consultora arquivística do Projeto Resgate, Heloísa Bellotto durante duas vezes ao ano, transferia sua residência para Lisboa, demorando-se meses na capital portuguesa. Deu suporte ao Projeto Resgate de 1998 a 2012. Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 199.

¹⁹² BELLOTTO, Heloísa Liberalli, op. cit., p. 189.

¹⁹³ O Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) é uma instituição dedicada à análise da cultura brasileira. Sua sede fica em Recife, capital do Estado de Pernambuco. Foi criado em 1975 por Aloisio Magalhães, pintor, pioneiro do design gráfico no Brasil, administrador cultural, defensor do patrimônio histórico e artístico brasileiro.

¹⁹⁴ Este documento, assinado por Rubens Borba de Moraes, bibliotecário, historiador e pesquisador brasileiro, professor convidado da Universidade de Brasília, intitula-se *Nota Sobre o Levantamento e Microfilmagem dos Documentos no Estrangeiro, Relativos ao Brasil*. Universidade

que se encontravam os projetos esparsos existentes no Brasil, financiados pelo Governo ou instituições particulares¹⁹⁵, com a intenção de copiar documentos europeus. Nesse sentido foram elaboradas algumas ações que deveriam ser realizadas a partir de três etapas principais com os seus naturais desdobramentos:

- Primeira etapa – seria realizada no Brasil por um pequeno grupo de historiadores que teria a tarefa de:
 - 1º - levantar o que já foi copiado no estrangeiro¹⁹⁶;
 - 2º - estudar os catálogos publicados de documentos brasileiros em instituições estrangeiras;
 - 3º - estabelecer a lista dos arquivos e bibliotecas a serem investigadas e estabelecer prioridades para a cópia.
- Segunda etapa – seria a da execução do trabalho no exterior. Recomendava-se que se deveriam evitar missões de numerosos historiadores de nomeada. Não há necessidade de eruditos para recolher documentos sobre o Brasil num arquivo e mandá-los microgravar. É preferível escolher (para cada país) um jovem historiador com prática comprovada de pesquisa e um “secretário executivo” encarregado da inevitável burocracia¹⁹⁷.
- Terceira etapa – quando se receberiam as cópias e o respectivo processamento, a partir de um trabalho conjugado entre bibliotecários e arquivistas do local onde deveriam ficar as cópias.

Foram um avanço essas ações programadas e principalmente no que respeita aos pesquisadores que mais tarde trabalhariam no Projeto Resgate, isto foi seguido à risca. Os pesquisadores eram, em sua grande maioria, jovens historiadores, e não

de Brasília, Centro Nacional de Referência Cultural. Relatório Técnico nº 6, de 25 de agosto de 1975. (VER ANEXO I).

¹⁹⁵ O Governo Brasileiro e o Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, enviaram à Europa, por aquela época, alguns pesquisadores com a missão de localizar e copiar documentos.

¹⁹⁶ Certamente para não se repetir os erros das pesquisas empreendidas no século XIX, quando pesquisadores desavisados copiaram documentos dos quais já existiam cópias elaboradas por outros pesquisadores em missões anteriores.

¹⁹⁷ *Nota Sobre o Levantamento e Microfilmagem dos Documentos no Estrangeiro, Relativos ao Brasil*. Universidade de Brasília, op. cit., p. 02.

nomes conhecidos da historiografia nacional.¹⁹⁸ Em auxílio às negociações entre países ex-colônias e suas antigas metrópoles, a UNESCO teria papel importante, a partir do princípio de patrimônio comum.

3.1.1 O PROJETO RESGATE: DAS NEGOCIAÇÕES PARA A PRÁTICA

No contexto das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, o Ministério da Justiça da República Federativa do Brasil assinou, em 16 de agosto de 1995, com a Presidência do Conselho de Ministros da República Portuguesa, um Protocolo de Colaboração. Este Protocolo tinha como objetivo estimular a permuta de informações contidas nos acervos arquivísticos existentes no Brasil e em Portugal, e que fossem de interesse de ambos os países. Daí em diante não houve mais óbices à implantação do Projeto Resgate que ganharia corpo e força nos anos seguintes.

Neste sentido, e para operacionalizar o desenvolvimento dos trabalhos, criou-se uma comissão bilateral, em obediência ao item 5 do referido Protocolo de Colaboração que assim preconizava:

- “5. Ambas as Partes nomearão uma comissão bilateral que se encarregará de:*
- a) inventariar e selecionar o patrimônio arquivístico ou documental à guarda de cada um dos Estados a ser objeto do processo de microfilmagem nos termos da segunda cláusula do presente Protocolo;*
 - b) propor as bases que orientarão o processo de microfilmagem e permuta dos microfilmes*
 - c) promover a organização do colóquio e da exposição referidos na terceira cláusula do presente Protocolo.*

¹⁹⁸ BERTOLETTI, Esther Caldas. *Brasil-Portugal, um mar-oceano de documentos*. IN Brasil e Portugal – 500 anos de enlacs e desenlacs. Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2000, p. 109.

6. *Ambas as partes acordam ainda em fomentar o intercâmbio de especialistas na área das bibliotecas e dos arquivos, assim como a troca de informações entre as respectivas instituições, em particular as que concernem aos seus programas de informatização.*
7. *Ambas as partes se declaram dispostas a facilitar a participação dos seus nacionais em ações de formação que levem a cabo na área das bibliotecas e dos arquivos”.*¹⁹⁹

Assim, pela Portaria nº 1248, de 25 de setembro de 1995, do Ministro de Estado da Justiça, o Conselho Nacional de Arquivos foi designado como o órgão executor do referido Protocolo.

Neste mesmo ano foi firmado o Acordo entre o Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal e o Ministério da Cultura do Brasil para a microfilmagem da documentação sobre o Brasil-colônia existente no AHU, acordo datado de Lisboa, 10 de outubro de 1995²⁰⁰.

Na sequência, o Presidente do CONARQ, por meio da Portaria nº 12, de 27 de fevereiro de 1996, criou a Seção Brasileira da mencionada comissão bilateral, que recebeu a denominação de “Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental – COLUSO”. Esta proposta do CONARQ, foi devidamente aprovada pelos membros da Seção Portuguesa da referida Comissão.

Em um primeiro momento, este acordo previa a microfilmagem da documentação do Estado de Minas Gerais que já há anos se estava organizando e descrevendo no AHU sob a coordenação do professor Caio César Boschi, trabalho que havia sido viabilizado por outros projetos anteriores. Aproveitando o ensejo da microfilmagem da documentação da capitania de Minas Gerais, em 1996 dar-se-ia novo acordo contemplando os demais Estados brasileiros.

¹⁹⁹ *Protocolo de Colaboração entre os Governos do Brasil e de Portugal*. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1995. (Cf. Anexo V).

²⁰⁰ (Cf. Anexo VII).

Assim, pelo termo de Compromisso de Porto Seguro, assinado em 22 de abril de 1996²⁰¹, e do Comunicado Final do Encontro dos Ministros da Cultura do Brasil e Portugal²⁰², em 24 de abril de 1997, ficava acertado o Plano Luso-brasileiro de Microfilmagem²⁰³, que seria assinado no Rio de Janeiro a 23 de outubro de 1997. Acordavam, assim, os dois países, num esforço mútuo de microfilmagem da documentação de interesse a ambos.

O Projeto Resgate que receberia o nome de “Projeto Resgate Barão do Rio Branco” em homenagem ao Estadista que tanto incentivara e contribuía para com o conhecimento e a preservação da memória histórica brasileira, deixava de existir apenas no papel para se tornar realidade. Para a consecução do projeto, mais de uma centena de pesquisadores, desde 1995 e durante mais de uma década se embrenhariam na farta documentação do AHU, em Lisboa.

Agora não seria mais uma “compilação” ou reprodução parcial das fontes, que por ser parcial muitas vezes não serviam para o propósito dos estudiosos. Toda a documentação de interesse do Brasil existente no AHU seria, agora, organizada, descrita, microfilmada e digitalizada:

Antes, o que se fazia na reprodução das fontes documentais era uma microfilmagem esporádica, com muitas restrições burocráticas e técnicas, muitas exigências prévias, autorizações difíceis de obter etc. E assim, muitas vezes, em razão da fragmentação das informações, o resultado acabava por não ser útil aos pesquisadores. Mas, como afirma a coordenadora geral do Projeto, Esther Caldas Bertoletti, “o que fazemos agora é uma microfilmagem sistemática, de ponta a ponta. Sem exceção alguma”. Isso serve melhor aos historiadores. “Atualmente, a historiografia preconiza que um documento não fala sozinho. Ele se inclui em um contexto e fala com outros documentos [...]”²⁰⁴

²⁰¹ (Cf. Anexo VIII).

²⁰² (Cf. Anexo IX).

²⁰³ (Cf. Anexo X).

²⁰⁴ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo...* op. cit, p. 193.

Os resultados advindos do Projeto Resgate, após mais de uma década de reuniões, protocolos e acordos, foram alvissareiros. Toda a documentação de interesse do Brasil existente no AHU foi organizada, microfilmada e digitalizada. A partir da experiência do Projeto Resgate no AHU, onde se encontra a mais volumosa e mais valiosa documentação referente ao Brasil, outros arquivos europeus seriam trabalhados. As dificuldades antes existentes devido à falta de acordos diplomáticos neste campo, já haviam sido solucionadas, e o resultado do Projeto Resgate no AHU viria coroar todos estes anos de entendimentos. Para o futuro se descortinava novos projetos, tanto do Brasil nos arquivos portugueses, quanto de Portugal buscando microfilmar a documentação de seu interesse existente no Brasil por meio do Projeto Reencontro, o correspondente português do Projeto Resgate.²⁰⁵

3.1.2 OS ACORDOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL QUANTO À DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA RELATIVA AOS DOIS PAÍSES

Como bem lembrou Heloísa Bellotto, o início propriamente dito da cooperação bilateral Brasil-Portugal para a disponibilização de informações históricas do Brasil em arquivos portugueses, notadamente no AHU, data de 1987, “quando dos esforços do historiador brasileiro professor Caio César Boschi para descrever documentos concernentes ao estado de Minas Gerais no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, com sua equipe de arquivistas e pesquisadores brasileiros e portugueses”.²⁰⁶

Nos três anos que medeiam entre a constituição da comissão criada pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil até 1987 quando se deu início aos trabalhos da capitania de Minas Gerais, realizaram-se vários encontros entre Brasil e Portugal, superando-se, paulatinamente os óbices burocráticos.

Neste mesmo ano, seguindo a evolução do entendimento entre Brasil e Portugal no tocante aos acervos de interesse de ambos, deu-se o Acordo de Intercâmbio Cultural entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República

²⁰⁵ Ver Nota 4

²⁰⁶ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo...* op. cit., p. 189.

Portuguesa²⁰⁷ através da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional de Lisboa, datado do Rio de Janeiro, 03 de abril de 1987. Estas duas instituições possuem, além do acervo bibliográfico, um rico acervo constituído de documentos importantes para a história luso-brasileira. O acordo visou o conhecimento mútuo do acervo, estabelecendo um plano regular de intercâmbio de microformas (microfilmes e microfichas) dos respectivos acervos, incluindo livros, periódicos, manuscritos e materiais especiais.

Posteriormente, em 1989, dar-se-ia a assinatura de outro Acordo, desta vez com o Instituto Português do Patrimônio Cultural – IPPC e a Fundação Pró-Memória, brasileira, no sentido de ampliar os estudos e pesquisas luso-brasileiros, facultando e facilitando o acesso às fontes documentais.

Como observado, os acordos se sucediam, cada qual especificamente elaborado para uma dada instituição. Não eram, porém, implementados, seja por falta de continuidade das negociações, seja por carência de recursos financeiros. A burocracia reinante nos dois países, porém, foi óbice difícil de superar. Os pesquisadores e instituições interessados em obter cópia da documentação já estavam conscientes e convencidos da importância dos acordos culturais entre ambos os países, mas precisavam contar, também, além dos recursos financeiros, com a vontade política de ambas as nações.

Tendo em vista a já citada Resolução 4.112 da UNESCO, de 13 a 15 de março de 1989 ocorreu em Brasília, a VII Reunião da Comissão Mista Luso-Brasileira, onde se enfatizou o respeito e o direito à partilha do patrimônio arquivístico-documental comum a ambos os países²⁰⁸.

²⁰⁷ (Cf. Anexo III).

²⁰⁸ Ata Final da VII reunião da Comissão Mista Cultural Luso-Brasileira. Biblioteca do Arquivo Histórico e Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros, Lisboa. CÓD. REFERÊNCIA: PT/AHD/1/MNE-SE/SACO-004/DC00056/DS00015.

A partir deste momento, motivado pela aproximação das comemorações do descobrimento do Brasil, no bojo das comemorações dos descobrimentos portugueses, há uma intensa aproximação entre Brasil e Portugal. Ocorrem vários encontros em Lisboa entre os Embaixadores brasileiro e português, tendo em vista a retomada para a efetivação do Projeto Resgate. Ocorrem, também, as negociações para dar continuidade à implantação do Plano-Luso-Brasileiro de Microfilmagem, sendo responsável pelas negociações a Dr^a Esther Caldas Bertoletti.

Em 1992 foi realizado em Lisboa o II Encontro da Comissão Mista Brasil-Portugal para o Projeto Resgate²⁰⁹. No outro ano, 1993, foi redigido o Memorandum de Entendimento entre os Ministros de Cultura do Brasil, Dr. Antônio Houaiss, e a Secretaria de Estado da Cultura de Portugal²¹⁰, sendo secretário o Dr. Pedro Santana Lopes. Entre outras ações, mais uma vez discutiu-se e ficou decidido realizar o levantamento sistemático do acervo cultural de um país existente em território de outro, visando a microfilmagem destes acervos. A diferença aqui, é que esta ação era já referente ao Projeto Resgate, como a denominação do Encontro indica.

Caminhando as negociações, ainda em 1993, deu-se a requisição da Dr^a Esther Caldas Bertoletti, da Biblioteca Nacional Brasileira, para trabalhar na Secretaria de Intercâmbio e Projetos Especiais, do Ministério da Cultura, diretamente com o Embaixador Wladimir Murtinho, tendo em vista a efetiva implantação do Projeto Resgate. A requisição de Dr^a Esther foi, sem dúvida, o grande impulso na implantação do Projeto Resgate, devido a sua experiência com microfilmagem de acervos históricos. Será ela, quando de sua efetiva implantação, a sua Coordenadora e incansável batalhadora para a sua concretização, pois já realizara no Brasil um enorme trabalho de microfilmagem de jornais brasileiros, do século XIX e XX, espalhados por todo o território nacional.

²⁰⁹ O primeiro Encontro se deu em Brasília, em junho de 1984. Ver nota 203.

²¹⁰ (Cf. Anexo IV) Este *Memorandum* foi assinado no Rio de Janeiro a 24 de abril de 1993. IN *Comissão Luso-brasileira para a Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental – COLUSO, Seção Brasileira*.
http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/coluso/livro_coluso_novo.indd.pdf

Em 1994 continuaram os encontros e acertos para a realização do projeto. No Brasil ocorreram as negociações para assinatura de Acordo entre o Ministério da Cultura, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Educação e Desporto e Ministério da Ciência e Tecnologia, buscando levantar os bens culturais existentes no exterior, principalmente em Portugal, facilitando, no, futuro o plano de microfilmagem e elaboração de instrumentos de pesquisa.²¹¹

Aproximando-se as comemorações do quinto centenário de descoberta do Brasil, tendo Portugal também se engajado nas comemorações das descobertas portuguesas pelo mundo, após mais de vinte anos de negociações, foi assinado, finalmente, em 1995, o Protocolo de Colaboração entre os Governos do Brasil e de Portugal. Este previa a criação e uma comissão bilateral encarregada de inventariar e selecionar o patrimônio arquivístico ou documental guardado pelos Estados e que seriam objeto do processo de microfilmagem, propondo, outrossim, as bases que orientariam o processo de microfilmagem e permuta de microfilmes²¹².

Para elaborar um Projeto Global de recuperação e microfilmagem de documentos de interesse para a memória nacional tanto do Brasil quanto de Portugal foi formada, em 1995, uma Comissão²¹³ da qual fizeram parte o Professor Jaime Antunes da Silva, diretor geral do Arquivo Nacional Brasileiro, Professor Dr. Caio César Boschi, representante da comunidade acadêmica e Dr^a Esther Caldas Bertoletti, da Fundação Biblioteca Nacional, à disposição do Gabinete do Ministro da Cultura. Esta comissão seria primordial para o alavancamento do Projeto Resagate.

²¹¹ Pelas Portarias 1.750 e 1.751, de 21 de dezembro de 1994, o governo brasileiro por meio do ministro de Estado da Educação e do Desporto, criou o comitê assessor destinado a apoiar a Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, deixando claro que uma das áreas temáticas contempladas seria a documentação histórica. Cf. BOSCHI, Caio César. *Antecedentes do Projeto Resgate*. IN *Revisitando a História Colonial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001, pp.6-11.

²¹² *Protocolo de Colaboração entre os Governos do Brasil e de Portugal*. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1995, Item 5º, letras “a” e “b”. (Cf. Anexo V).

²¹³ Esta Comissão foi criada por força da Portaria do Ministério da Cultura, nº 131, de 09 de outubro de 1995. (Cf. Anexo VI).

3.1.3 O PRINCÍPIO DO “PATRIMÔNIO COMUM” DECLARADO PELA UNESCO

Os esforços dos países ex-colônias se ressentiam de uma legislação internacional que facilitasse as pesquisas no exterior. Naquele contexto, porém, surge uma luz. No ano anterior à “Nota Sobre o Levantamento e Microfilmagem dos Documentos no Estrangeiro, Relativos ao Brasil”, do Centro Nacional de Referência Cultural, a Resolução nº 4212, da UNESCO²¹⁴, convidava os estados participantes a examinarem a possibilidade de transferirem, dentro de acordos recíprocos, as informações provenientes de arquivos existentes em outros países. Esta Resolução considerou como “Patrimônio Comum” os documentos relativos ao passado de dois países que em algum momento histórico foram metrópole e colônia. A Resolução nº 4212, da UNESCO²¹⁵, diz, textualmente, o seguinte:

4.212 - La Conferencia General,

Teniendo en cuenta que gran número de Estados Miembros de la Unesco han estado en el pasado, durante más o menos tiempo, bajo dominación, administración, u ocupación extranjeras,

En vista de que, como consecuencia de ello, ciertos archivos constituidos en el territorio de aquellos Estados, han sido trasladados de ese territorio,

Consciente de que esos archivos son de gran importancia para la historia general, cultural, política y económica de los países que han estado bajo ocupación, administración o dominación extranjera,

Recordando la recomendación 13 de la Conferencia Intergubernamental sobre el Planeamiento de las Infraestructuras Nacionales de Documentación, Bibliotecas y Archivos, celebrada en septiembre de 1974, y deseosa de extender su alcance,

1. Invita a los Estados Miembros de la Unesco a acoger favorablemente la posibilidad de transferir documentos procedentes de los archivos constituidos en el territorio de otros países o relativos a su historia, dentro del marco de acuerdos bilaterales,

2. Recomienda que, previa consulta con las organizaciones no gubernamentales competentes, El Director General estudie la posibilidad

²¹⁴ Actas de la Conferencia General - Organización de las Naciones Unidas para la Educación, 18ª reunión París, 17 de octubre - 23 de noviembre de 1974. Volumen 1, Resoluciones la Ciencia y la Cultura, p. 70.

²¹⁵ Cf. Actas de la Conferencia General de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 18ª reunión, vol. 1 *Resoluciones*. Paris, 17 de outubro de 1974, p. 70.

de efectuar una encuesta detallada sobre esas transferências y que informe, a su respecto, a la Conferencia General en su 19.a reunión.

A UNESCO ao solicitar que os estados membros acolhessem a possibilidade da transferência de informações existentes em documentos oriundos de arquivos de outros países, incentivou o acesso às fontes documentais de interesse comum a mais de um país.

O princípio de patrimônio comum adotado pela UNESCO reforçou o Direito Internacional que reconhece a todos os países o direito ao acesso às fontes documentais para a sua história, mesmo que estes documentos não estejam em seu território. Assim, legitima-se o direito à pesquisa e obtenção de cópias dos documentos históricos não só dos países que foram colônias, mas também dos que foram metrópoles. Neste sentido, o princípio arquivístico de que os documentos originais devem permanecer fisicamente “nos próprios domicílios arquivísticos de produção/recebimento/acumulação”²¹⁶, não precisa ser desrespeitado. Os documentos identificados, referenciados e descritos podem ser reproduzidos em outros suportes.

Na realidade, o princípio de patrimônio comum é um direito inalienável que todos os países têm de alguns possuem a propriedade física, real, dos documentos originais, e outros, sua cópia, seja em que suporte for: microfilmes, mídias virtuais, fac-símiles e outras formas que a tecnologia vai dispor para as cópias.

Sobre a Resolução da UNESCO, Esther Caldas Bertoletti, que seria a primeira Coordenadora do Projeto Resgate, assim se manifestou:

“O moderno princípio de “patrimônio comum” atribuído aos documentos do passado de dois países ligados pelos laços de colonialismo e que hoje seguem com independência cada um o seu rumo, parte do pressuposto de

²¹⁶ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos, Estudos e Reflexões... op. cit., p. 189.

que uma sociedade para conhecer a sua verdadeira identidade, tem de, necessariamente, conhecer o seu passado, forjado em fatos, na sua maioria, descritos em documentos... Se esgota, assim, o princípio de “propriedade exclusiva” do documento histórico, atribuída a uma das partes da relação colonizador/colonizado e que tendia a privilegiar a parte mais forte da relação, com os possíveis vetos e manipulações que dificultavam e mesmo impediam a identificação da verdadeira identidade do mais fraco.”²¹⁷

A democratização das informações contidas nos documentos históricos referentes a mais de uma nação presta um enorme serviço aos países que foram colônias e que procuram conhecer sua história colonial. Estes documentos originais, testemunhos socioculturais de um passado comum, são patrimônio de ambos os países unidos por um elo histórico. Se fisicamente os originais pertencem ao país colonizador, sendo sua propriedade, seu conteúdo, porém, é patrimônio de ambos.

3.1.4 O CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS E A INTERMEDIÇÃO PARA AS PESQUISAS

A Resolução nº 4212, da UNESCO foi o coroar de um trabalho iniciado quando da fundação do Conselho Internacional de Arquivos – CIA, em agosto de 1950. O CIA representou o surgimento de uma coordenação, de âmbito internacional, da Arquivística. Com o CIA surgem normas arquivísticas que estruturaram e embasaram, mais tarde, acordos e protocolos internacionais. Inicia-se os primeiros estudos de cooperação entre países, na organização de congressos, seminários, encontros, mesas-redondas que fomentam a conscientização e a importância dos arquivos para a formação identitária dos países²¹⁸. Uma das ações empreendidas pela UNESCO foi a de coordenar a elaboração dos Guias de Fontes para a História das Nações. Estes instrumentos de pesquisa são o resultado de um grande programa desenvolvido, desde 1959, pela UNESCO e Conselho Internacional de Arquivos. Este programa, denominado “Programa de Publicação de Guias de Fontes para a História das Nações”, visou facilitar a pesquisa histórica sobre os países do terceiro

²¹⁷ BERTOLETTI, Esther Caldas. *Brasil-Portugal...* op. cit., p. 102.

²¹⁸ REIS, Luis. *O Arquivo e a Arquivística – Evolução Histórica*. Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información. Abril-junio, 2006, vol. 7, nº24.

mundo e a divulgação, completa e orgânica, de fontes documentais existentes nos arquivos europeus. Os guias foram divididos em três séries: Série A América Latina, Série B África e Sul do Saara, Série C África Setentrional, Ásia e Oceania²¹⁹.

Alguns países que foram metrópoles coloniais, como a França, já na década de 1940 programavam ações na recolha e compilação de documentos interessantes para a sua história.

Destarte, após a Primeira Guerra Mundial, houve um crescente interesse de países antes colônias, pela documentação existente nas antigas metrópoles ou, vice-versa, antigos países colonizadores buscando conhecer a documentação existente em suas ex-colônias. Assim começam a se esboçar os primeiros documentos que viriam normatizar a compilação de documentos de interesse de países que tiveram uma história conjunta, como no caso das antigas colônias portuguesas.

Por meio do Conselho Internacional de Arquivos, muitos países realizaram programas de busca da documentação interessante para a sua história em outras nações. Algumas vezes, por força de tratados internacionais, alguns países tiveram de devolver acervos documentais a outros países. É o caso da cidade italiana de Turim que em decorrência de um tratado de paz, se viu obrigada a recolher aos Arquivos Nacionais da França, em 1947, documentos referentes a Nice e Savóia²²⁰. Neste mesmo ano a Hungria fez a entrega de parte de seus arquivos à ex-Iugoslávia. Em alguns casos já existiam acordos bilaterais que facilitavam a cópia da documentação de interesse de ambos os países, outras vezes o Conselho Internacional de Arquivos realizou a intermediação e os trabalhos ocorreram sob a sua supervisão, como no

²¹⁹ Cf. BERTOLETTI, Esther Caldas. Apresentação Geral do projeto Resgate. IN *Guias dos Arquivos Americanos sobre o Brasil: Coleções Documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos*. Brasília: FUNAG, 2010, p. 24.

²²⁰ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanente: tratamento documental*. 2ª edição, rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 284.

caso de Hungria e Polônia, e Inglaterra e Espanha com algumas de suas respectivas colônias²²¹.

No sentido de facilitar a pesquisa e cópia documental, a Unesco, por meio do Conselho Internacional de Arquivos tem dado grande contribuição não somente através da diplomacia, mas, inclusive, prestando auxílio financeiro para que países possam microfilmar a documentação de interesse para a sua história. Entre os países auxiliados monetariamente para esta consecução, cita-se o Sri Lanka, a República Dominicana e a Índia.²²²

Acerca da Índia, por ter sido colônia britânica durante muito tempo e ter tido em seu território colônias pertencentes a Portugal, França e Dinamarca, existe no exterior uma grande documentação sobre sua história. De outra parte, o Arquivo Nacional da Índia possui documentos importantes para a história do Nepal, Birmânia, Afeganistão e outros países que, de uma forma ou de outra, relacionou-se no passado. A Unesco, tem prestado seu auxílio à Índia, assim como ao Canadá, México e Guatemala para que obtenham acesso e cópia da documentação sobre sua história existente em outros países.²²³

A UNESCO, ouvindo o clamor de seus estados membros, veio do encontro dos anseios dos pesquisadores e historiadores brasileiros e portugueses²²⁴ com a Resolução nº 4212, de 1974. Os projetos e programas de compilação das fontes históricas de interesse de dois países estavam agora amparados internacionalmente. A partir desta Resolução da UNESCO vários encontros e reuniões vão se sucedendo entre Brasil e Portugal, aparando as arestas, resolvendo toda sorte de problemas

²²¹BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Cooperación archivística y patrimonio cultural: el acceso informacional a las fuentes de Historia do Brasil existentes en Europa* (1995-2012). IN apalopez.info/ivcoindear/X1bellotto_txt.pdf (consulta de 16 de agosto de 2015).

²²² BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanente: tratamento documental...* op. cit., p. 284.

²²³ Ibidem, p. 284.

²²⁴ A vertente do Projeto Resgate do lado português recebeu o nome de Projeto Reencontro. Com objetivos similares ao Projeto Resgate, é coordenado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, por meio do Centro de Estudos Damião de Góis. O Projeto reencontro objetiva a organização e microfilmagem dos documentos interessantes para a história portuguesa existentes em arquivos e bibliotecas brasileiros.

dentro de critérios legais, para que se efetivassem os acordos que possibilitariam o Projeto Resgate.

3.1.5 ESPECIFICIDADE DO PROJETO RESGATE

O Projeto Resgate possui uma clara especificidade, diferenciando-se dos programas e projetos incentivados e auxiliados pela UNESCO que tratavam de copiar parcialmente documentos de interesse dos países a que diziam respeito os programas e projetos. No bojo do Projeto Resgate, ao contrário, trabalhou-se e microfilmou-se no Arquivo Histórico Ultramarino toda a documentação referente ao Brasil, seja a documentação manuscrita avulsa, seja os códices. O trabalho não foi parcial. Outro diferencial é que os instrumentos de pesquisa elaborados, foram construídos levando-se em conta cada item documental, ou seja, foi descrito documento por documento. Todos os documentos foram resumidos e verbetados e constituem os trinta e quatro volumes de catálogos das capitanias (compostos de vinte um títulos), dois catálogos da Série Ultramar, um catálogo dos códices e um da cartografia, todos referentes à documentação existente no AHU.

Uma das ações que antecederam o Projeto Resgate, foi a criação, no Rio de Janeiro, em 1982, de um Arquivo Central de Microfilmes dos Documentos Relativos ao Brasil no Exterior. Esta iniciativa se deveu à Fundação Alexandre de Gusmão²²⁵, fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Destaca-se como um dos elaboradores deste projeto o historiador José Honório Rodrigues que fazia parte da Comissão de Estudos e Textos para a História do Brasil e era grande conhecedor dos arquivos portugueses.

²²⁵ Fundação Alexandre de Gusmão, entidade pública instituída pela Lei 5.717, de 26 de outubro de 1971. Entre seus objetivos básicos, está promover atividades culturais e pedagógicas no campo das relações internacionais e da história diplomática do Brasil. Cf. <http://www.funag.gov.br/pt-br/> (Consulta dia 26 de novembro de 2015).

Em 1983, o Governo Brasileiro e o Governo Português firmariam um Protocolo assinado pelo Secretário da Educação e Cultura do Brasil, Prof. Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, e o Secretário da Cooperação da República Portuguesa, Dr. Luís Gaspar da Silva. Celebrado em Lisboa a 15 de dezembro de 1983²²⁶, visava elaborar, em comum, um projeto para a microfilmagem de documentos de interesse para a história nacional de Portugal e do Brasil em seus respectivos arquivos. O contexto daquele momento contribuiu para a celebração do Protocolo. Portugal estava preparando as comemorações dos descobrimentos portugueses, e o Brasil os 500 anos de sua descoberta. A documentação existente nos arquivos de ambos os países era fundamental para se fomentar novos estudos e mesmo revisitar a historiografia um tanto estacionada e ávida por informações novas.

Este Protocolo foi um dos primeiros documentos assinados entre Portugal e Brasil no sentido de facilitar os projetos de microfilmagem da documentação de interesse de ambos. Imbuído de força diplomática e amparado pela Resolução nº 4.212 da UNESCO, será a base legal a partir do qual se desenrolará todo um esforço do Brasil no sentido de implementar o Projeto Resgate. Em suas considerações e resoluções diz o Protocolo:

*“Considerando a existência em seus arquivos de documentos de interesse relevante para a Memória Nacional dos dois países;
Considerando, dentro do quadro das resoluções da UNESCO, nomeadamente a nº 4.112, aprovada na sessão de 1974, na qual convida os Estados Membros a examinar favoravelmente a possibilidade de transferir, no quadro de acordos bilaterais, as informações contidas nos documentos provenientes de arquivos constituídos no território de outros países ou se referindo à sua história,
Considerando que países de tradição cultural comum podem manifestar o desejo de ter acesso a documentos que se refiram à sua História Nacional.*

²²⁶ (Cf. Anexo II).

RESOLVEM:

1. *Elaborar, em comum, um projeto para a microfilmagem de documentos de interesse para a Memória Nacional de Portugal e do Brasil existentes em seus respectivos arquivos;*
2. *Designar, oportunamente, por via diplomática, as respectivas entidades que se ocuparão de desenvolver, em cada país, a execução do programa de microfilmagem;*
3. *Consignar a sua intenção de examinar, em conjunto, quando solicitados, a possibilidade de participação de países de tradição cultural comum nesse projeto”.*²²⁷

A partir deste Protocolo, as conversações entre Brasil e Portugal fluíram mais a contento dos pesquisadores. Chegou-se ao ponto de elaboração de um projeto para microfilmagem dos documentos de interesse de ambos os países. Note-se que o Protocolo no ponto 03 registrou a possibilidade da participação de outros países de tradição cultural comum. Não se almejava apenas a cópia dos documentos portugueses, mas também o acesso e levantamento da documentação de interesse do Brasil e Portugal existente em outros países. Este projeto se materializaria com o nome de “Projeto Resgate Barão do Rio Branco” e seria a retomada dos antigos ideais de se obter cópia dos documentos existentes nos arquivos europeus.

Ainda em 1983 a Fundação Alexandre de Gusmão, então presidida pelo Embaixador Wladimir Murinho organizou, no Rio de Janeiro, uma reunião para se estudar o “Protocolo Brasil-Portugal”. Para esta reunião, objetivando analisar as ações e avanços empreendidos entre os dois países para dar início ao Projeto Resgate, foram convidados mais de 20 especialistas de várias universidades brasileiras, inclusive todos aqueles que já haviam mourejado nos arquivos de Lisboa. Aliás, esta é uma característica do Projeto Resgate, ou seja, registrar os esforços de todos os pesquisadores e instituições que com seu trabalho pessoal ou de fomento,

²²⁷ Protocolo Entre a República Federativa do Brasil e a República Portuguesa, assinado em Lisboa, aos 15 de dezembro de 1983, assinado pelo Secretário da Educação e Cultura do Brasil, Professor Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça e o Secretário de Estado da Cooperação da República Portuguesa, DR. Luis Gaspar da Silva. Cf. http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1983/b_70/ (Consulta, 26 de novembro de 2015). (Cf. Anexo II)

contribuíram para que se conhecesse a documentação de interesse do Brasil existente em países europeus e americanos. Esta democratização do projeto possibilitou uma maior adesão ao mesmo. Praticamente todos os Estados brasileiros apoiariam e participariam do Projeto Resgate.

Dando prosseguimento à elaboração do Projeto Resgate, pela Portaria do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, nº 01, de 15 de fevereiro de 1984, foram designados três especialistas brasileiros para iniciarem os estudos em Portugal. Esta Comissão foi constituída pelo Conselheiro Paulo Renato Rocha Santos, do Departamento do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, com competência diplomática para tratar de assuntos entre os dois países; Dr^a. Esther Caldas Bertoletti, da Biblioteca Nacional Brasileira, com experiência no trabalho de microfilmagem, a partir de um projeto implementado no Brasil, quando microfilmou praticamente toda a hemeroteca brasileira, em vários Estados da nação; e Leopoldo Collor Jobim, historiador da Universidade de Brasília, Fundação Pró-Memória e Secretaria da Educação e Cultura do Rio de Janeiro.

É importante registrar que esta Portaria do Ministério da Cultura não fechava em três membros os componentes da comissão. O Protocolo em que se baseou a Portaria dizia da designação de entidades, sem delimitar o seu número. Outras entidades poderiam se juntar a esta comissão. Destarte, o professor Caio César Boschi, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, grande conhecedor e estudioso dos arquivos portugueses e autor do livro “Roteiro Sumário dos Arquivos Portugueses de Interesse para o Pesquisador da História do Brasil”, passou a integrar a comissão²²⁸.

²²⁸ O professor Caio César Boschi, integrante desta Comissão, contava com o apoio da Fundação Cultural Brasil-Portugal e na ocasião se encontrava em Lisboa para revisar seu trabalho que seria publicado pelo Arquivo do Estado de São Paulo em 1986 e Edições Universitárias Lusófonas, como caderno do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Lusófona de Humanidades Tecnológicas, em 1995. Cf. BOSCHI. Caio César. *Roteiro - Sumário dos Arquivos Portugueses de Interesse para o Pesquisador da História do Brasil*. Edições Universitárias Lusófonas, 1ª Edição, Lisboa, 1995.

Nenhum arquivista fez parte desta comissão, já que o objetivo era apenas implementar meios do Projeto Resgate se efetivar. Posteriormente, quando dos trabalhos com a documentação no AHU, convidou-se a arquivista Heloísa Liberalli Bellotto, também historiadora, para acompanhar, em Lisboa, todo o trabalho. Esta comissão se reuniu várias vezes em Brasília, no Rio de Janeiro e em Lisboa, buscando meios jurídicos e financeiros para efetivação do Projeto Resgate. A primeira dessas reuniões ocorreu em junho de 1984 em Brasília, no Palácio do Itamaraty e foi denominada de I Encontro da Comissão Mista Brasil-Portugal por dela constar os diretores do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, por parte de Portugal. Na ocasião, tratou-se de estabelecer o “modus operandi” do Projeto Resgate²²⁹. As outras reuniões foram preparatórias para os acordos e entendimentos que se celebrariam entre Brasil e Portugal.

3.2 A LOGÍSTICA EM TORNO DO PROJETO RESGATE

3.2.1 RECURSOS HUMANOS, COORDENAÇÃO E EQUIPES DE TRABALHO

Para a consecução do Projeto Resgate foi necessário uma logística especial no sentido de que o Projeto tivesse todo um aparato que contribuísse para a sua implementação, sem quebra de continuidade. Tarefa hercúlea, a sua implementação não seria fácil e contaria com alguns percalços que, ao invés de arrefecer os ânimos da coordenação, alimentava o desejo de levar o projeto adiante, transpondo os obstáculos, tendo em vista os fins a que o Projeto se propôs.

²²⁹ Dossiê “Atos Oficiais que possibilitaram a microfilmagem sistêmica dos documentos coloniais e termos de compromisso de Porto Seguro”. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Arquivos, 1999, pp. 3-4.

Estavam ainda bem vivas as lembranças das tentativas empreendidas desde a década de 1960 no sentido de se realizar acordos e tratados entre Portugal e Brasil para facilitar a pesquisa nos arquivos portugueses. Foi preciso mais de três décadas de conversações para que se conseguisse, diplomaticamente, facilitar a elaboração de um projeto macro. É claro que as negociações entre Brasil e Portugal facilitaram a pesquisa de professores e estudiosos que em Portugal iriam encontrar os dados necessários para subsidiar seus trabalhos. Esses, eram, porém, poucos privilegiados. Nem todos tinham condições de atravessar o Atlântico e permanecer semanas ou meses nos arquivos portugueses à cata de informações históricas. E havia outros problemas. No que tange ao Arquivo Histórico Ultramarino, muitas séries documentais referentes ao Brasil, não se encontravam de todo organizadas, de tal forma que o pesquisador não tinha uma visão total do conjunto documental. Foi com o Projeto Resgate e todo o seu trabalho que a documentação do AHU foi, de fato, organizada e descrita.

Para trabalhar com o que se acreditava ser mais ou menos cem mil documentos²³⁰, seria necessário uma logística especial: fontes financiadoras, centenas de pesquisadores especializados, estada em Portugal com todos os desdobramentos que viriam daí, como hospedagem e alimentação. Para a boa realização do trabalho, seria necessário um acompanhamento de professores capacitados, como historiadores, paleógrafos, diplomatas, arquivistas. Era, realmente, um trabalho gigantesco.

3.2.1.1 A COORDENADORIA TÉCNICA

Em 1995, quando da efetiva implementação do Projeto Resgate, tendo em vista as comemorações dos descobrimentos portugueses e os 500 anos de descoberta do Brasil, em uma junção de forças do Ministério da Cultura do Brasil, Universidades

²³⁰ Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 198.

Brasileiras e institutos de fomento para pesquisas, o Projeto Resgate foi entrando em sua fase operacional.

De 1995 até 2011, foram muitos os frutos do Projeto Resgate. Na realidade, à medida que o Projeto ia se estruturando, mais instituições, professores e pesquisadores iam aderindo à sua causa. Foi um esforço conjunto que propiciou resultados promissores.

Parte importante, porém, seria reservada à coordenação Técnica do Projeto Resgate que ficou a cargo da historiadora Esther Caldas Bertoletti. Dra. Esther conhecia bem os arquivos portugueses por trabalhar há muitos anos na Biblioteca Nacional do Brasil. Antes, na década de 1960, trabalhara no Estado do Vaticano, tendo sido a primeira radialista mulher da Rádio Vaticano. Conhecia, portanto os arquivos da Santa Sé e de outros países europeus. No Brasil, já trabalhando na Biblioteca Nacional, coordenou um projeto importantíssimo para a microfilmagem de periódicos brasileiros (revistas, jornais, Anais, Relatórios), conseguindo microfilmar em quase todos os estados brasileiros estas fontes para a história do Brasil que antes se encontravam dispersas, sem meios de pesquisa e muitas vezes desaparecendo por falta de preservação.

Por meio deste projeto, Dra. Esther Caldas Bertoletti pode conhecer em todo o Brasil as pessoas que lidavam com a memória histórica de sua região. Dinâmica, buscou manter um canal de comunicação da Biblioteca Nacional com os Institutos Históricos Geográficos dos estados, com os Arquivos Históricos públicos e privados, com Universidades, pesquisadores e historiadores. Tornou-se conhecida em todo país, o que muito facilitaria, no futuro, a adesão dos estados ao Projeto Resgate.

Sobre os primeiros contatos para que pudesse ser a coordenadora do projeto Resgate, Dr^a. Esther concedeu uma entrevista à historiadora Juciene Ricarte Apolinário²³¹, na

²³¹ Doutora em História pela Universidade de Pernambuco, trabalhou no Projeto Resgate com os documentos da Capitania de Goiás.

qual resume este primeiro momento, quando a perspectiva de um projeto de microfilmagem da documentação brasileira guardada no AHU começava a se delinear. Perguntada sobre os seu trabalho com a microfilmagem dos periódicos brasileiros e o convite para que coordenasse o Projeto Resgate, disse:

*“Desde que comecei a trabalhar na Biblioteca Nacional, em meados dos anos 70, ouvia falar de um grande projeto de resgatar a documentação sobre o Brasil existente no exterior, principalmente em Portugal, através da microfilmagem sistêmica. Fui durante muitos e muitos anos a coordenadora do PLANO NACIONAL DE MICROFILMAGEM DE PERIÓDICOS BRASILEIROS cuja finalidade era o resgate das coleções dos periódicos brasileiros, revistas, jornais, e outras publicações seriadas do tipo Anais, Relatórios...Sempre ouvia o grande historiador José Honório Rodrigues falar, em várias ocasiões, de um PROJETO de resgate da documentação manuscrita existente no exterior...Aos poucos fui sendo "convocada" como especialista em coordenação de projetos de microfilmagem a participar de reuniões sobre o nascente PROJETO RESGATE...É assim que, em 1983, participei de uma grande reunião no Itamaraty, no Rio de Janeiro, convocada pelo Embaixador Wladimir Murтинho que seria o grande incentivador e coordenador do PROJETO RESGATE, responsável sem dúvida alguma pelo caminho seguro que fomos trilhando sobre a sua orientação e liderança.”*²³²

Portanto, a coordenação do Projeto Resgate recaiu em pessoa altamente gabaritada para a sua condução. Apaixonada pelo que faz, Dr^a Esther não mediu esforços para que o Projeto Resgate conseguisse realizar a sua meta. Não só cuidou de sua parte burocrática, mas buscou junto às instituições de fomento, públicas e privadas, fontes de financiamento para os trabalhos. Com seu trabalho à frente do programa de microfilmagem da Biblioteca Nacional nas décadas de 1970 e 1980, Dr^a Esther pode conhecer em todo o Brasil dezenas de instituições ligadas à memória documental, como universidades, institutos históricos e centros de documentação. Como exemplo desse relacionamento com instituições de todo o Brasil, cita-se que é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dos Institutos Históricos e Geográficos da Bahia, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Sergipe²³³. No

²³² IN *Mnemosine Revista*, Vol. 1, n. 1, jan/jun. Campina Grande: UFCG, 2010, pp. 259-266.

²³³ Cf. *Esther Caldas Guimarães Bertoletti*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. IN <http://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ECGBertoletti.html> (Consulta, 29 de novembro de 2015).

Projeto Resgate, valeu-se desse conhecimento contactando os responsáveis por essas instituições, recrutando técnicos, pesquisadores e professores que formaram as equipes que atuaram no Projeto Resgate. Sua rede de relacionamentos culturais Brasil afora, permitiu-lhe obter de Bancos, Universidades, entidades mantenedoras, instituições de fomento de pesquisas de diversos Estados, empresas públicas e privadas, Ministérios do Governo do Brasil, Embaixadas e instituições culturais de diversos países o financiamento para a efetivação e os trabalhos do Projeto Resgate. Foi a responsável, também, por coordenar burocraticamente o plano de microfilmagem dos documentos do AHU, e a digitalização dos microfilmes, estando presente em todos os Estados brasileiros que participaram do Projeto Resgate, quando da entrega a instituições culturais.

Durante todo o Projeto, foi a ponte entre o Ministério da Cultura do Brasil e diversas frentes do Resgate em Portugal e em diversos países. Por isso, durante os anos do Projeto Resgate, realizou dezenas de viagens para diversos países da Europa e para os Estados Unidos. Sem dúvida o Projeto Resgate deve muito de sua realização à pertinácia e devotamento de Esther Bertolletti.

3.2.1.2 A COORDENADORIA ARQUIVÍSTICA

Para a coordenadoria técnica arquivística, Dr^a. Esther Bertolletti convidou a historiadora e arquivista Heloisa Liberalli Bellotto. Conhecedora do intrincado mundo dos arquivos, Heloísa Bellotto não só dava o suporte arquivístico necessário à organização física do acervo documental, mas buscou conhecer, por meio de estudo sério e minucioso, a máquina burocrática do Conselho Ultramarino, necessidade sem a qual não se poderia realizar, a contento, uma boa organização documental.

No tocante ao conhecimento que se deveria ter da tipologia documental para a etapa de descrição, foi primordial a assessoria de Heloísa Bellotto especialista em

Diplomática. Foi auxiliada de perto pelo funcionário do AHU, José Sintra Martinheira, conhecedor de Diplomática e autor do trabalho “Principais Tipologias Diplomáticas da Administração Central do Antigo Regime”.²³⁴

A disponibilidade de Heloísa Bellotto e José Sintra Martinheira, foi significativa para a boa descrição documental. Era necessário “chamar o documento pelo nome”, daí que as noções sobre “espécie e tipo documental”²³⁵ eram condições, realmente, importantes para a boa realização do Projeto. Os técnicos-pesquisadores que trabalharam no Projeto Resgate necessitavam a todo o momento dessa assessoria sem a qual os resultados não teriam a qualidade que lhe emprestam a seriedade de produção científica.

Arquivista com largo conhecimento em arquivos históricos, Heloísa Bellotto antevendo as dificuldades que os pesquisadores que trabalhariam no Projeto Resgate enfrentariam, organizou, inicialmente, um curso²³⁶ sobre noções de arquivística e diplomática, o que muito contribuiu para com o bom êxito do projeto.

Residindo em Lisboa durante a maior parte do ano, Heloísa Bellotto foi apoio sempre constante em todas as equipes, auxiliando na identificação tipológica, leitura paleográfica e ainda como coordenadora acadêmica da capitania de São Paulo, atuando também no tratamento técnico das capitanias de São Paulo, Colônia do Sacramento e Rio da Prata.

3.2.2 EQUIPES E FONTES FINANCIADORAS

²³⁴ Este trabalho que só um grande conhecedor da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino poderia realizar, foi publicado no catálogo de códices referentes ao Brasil e existentes no Arquivo Histórico Ultramarino. Cf. MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra (org.). *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 32 *et seq.*

²³⁵ Espécie documental: Configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas. Tipo documental: Configuração que assume uma espécie documental de acordo com a atividade que a gerou. Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli; CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord.). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, núcleo regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996, p. 34 e 74.

²³⁶ Este curso ocorreu em Lisboa de 18 a 22 de janeiro de 1999.

Para se ter uma visão mais abrangente do que foi o Projeto Resgate, buscou-se realizar um levantamento em cada capitania e país trabalhado para se conhecer o número e perfil dos pesquisadores, as fontes financiadoras, se públicas ou privadas e os instrumentos de pesquisa resultantes. Este levantamento quer ser o mais abrangente possível, mas não tem a pretensão de ser total, visto faltarem dados para isto. As informações apresentadas foram tiradas das apresentações e introduções dos catálogos de cada capitania e dos guias de fontes dos arquivos dos países pesquisados. Crê-se, mesmo, que a própria coordenação do Projeto Resgate não conheça de todo este levantamento, fruto das duas décadas do trabalho no AHU em Portugal, em outros países europeus e nos Estados Unidos.

Alguns pesquisadores trabalharam anos organizando e descrevendo os documentos do AHU, outros, apenas semanas; nos demais países, porém, como a documentação era menor e o pesquisador foi escolhido também por dominar a língua, sendo específico para aquele país, este levantamento pôde ser realizado com mais constância, sem a troca de pesquisadores.

Relaciona-se, abaixo, seguindo a ordem do início dos trabalhos no AHU, as equipes que lidaram com os acervos das diversas capitanias, dos códices, cartografia e iconografia.

3.2.2.1 MINAS GERAIS

Existe uma especificidade quanto a esta documentação. Quando da implementação do Projeto Resgate, em 1995, ela já se encontrava em processo avançado de organização e descrição, processo iniciado em 1989 sob a coordenação do Professor Caio César Boschi, coordenador acadêmico que dirigiu a equipe formada por Maria José S. L. Gonçalves da Silva Leal, Afzal Ahmad, Carlos Filomeno Azevedo

Agostinho das Neves, Luís Alberto Azevedo, Maria Filomena Lopes de Barros, Maria Odete Duarte Martins.

A elaboração do catálogo contou com a coordenação geral do professor Caio César Boschi e Júnia Ferreira Furtado, na coordenação editorial. Fizeram parte da equipe os seguintes pesquisadores: Andréa Massena Gabirobertz, Evaldo Pereira, Fernando Camilo Paes, Juliana Alves Assis, Maria do Carmo Pinto Silva, Marcus Geraldo Bruneta, Maria Nazareth Ferreira, Roberto Felipe Dias Ferreira da Rocha, Gianne Aline Marques Pereira, José Filipe Souza Pessanha Brito Ferreira, Ludmila Barros de Jesus e Nívea Tironi Pinto.

O Catálogo, em três volumes, foi publicado pela Fundação João Pinheiro, de Minas Gerais²³⁷.

Foram diversas as fontes financiadoras: Ministério da Cultura do Brasil, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Fundação Vitae, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Microservice, TAP–Air Portugal, VARIG Linhas Aéreas.

MINAS GERAIS	
Período de Trabalho 1994-1997	
Equipe	
Coordenador	Caio César Boschi, pesquisador
Tratamento Técnico	1. Afzal Ahmad, pesquisador 2. Carlos Filomeno Azevedo Agostinho das Neves, pesquisador 3. Luís Alberto Azevedo, pesquisador

²³⁷ Cf. *Inventário dos Manuscritos Avulsos Relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998, vol 1, p. 09.

	<ol style="list-style-type: none"> 4. Maria Filomena Lopes de Barros, pesquisadora 5. Maria José S. L. Gonçalves da Silva Leal 6. Maria Odete Duarte Martins, pesquisadora
Elaboração do catálogo	<p>Caio César Boschi, coordenador geral Júnia Ferreira Furtado, coordenação editorial</p>

Tabela 03 - Equipe de Minas Gerais

MINAS GERAIS	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ministério da Cultura do Brasil 2. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)
Privadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fundação João Pinheiro, de Minas Gerais. 2. Fundação Vitae 3. Microservice 4. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais 5. VARIG Linhas Aéreas 6. TAP –Air Portugal

Tabela 04 – Fontes financiadoras de Minas Gerais

3.2.2.2 ESPÍRITO SANTO

Existia já um trabalho sobre este acervo que fora levantado pelo paleógrafo João Eurípedes Franklin Leal, Professor da Universidade Federal do Espírito Santo e que mais tarde passou a trabalhar na Universidade do Rio de Janeiro. Este trabalho que se deu nos anos 1970, foi todo revisto e reorganizado dentro da metodologia do Projeto Resgate. Colaborou nesta nova fase de trabalhos com a documentação da capitania do Espírito Santo o paleógrafo Gilson Sérgio de Melo Reis e os trabalhos com os documentos do Espírito Santo se deram em 1997.

Foram fontes financiadoras portuguesas a Fundação Caloust Gulbenkian, de Portugal e TAP –Air Portugal. No Brasil, financiaram a capitania do Espírito Santo Governo do Estado do Espírito Santo, DIO – Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, a Fundação Cultural Brasil Portugal, Real Gabinete Português de leitura, sediado no Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, Microservice, Instituto Jones dos Santos

Neves, de Vitória,. O Catálogo foi publicado com o apoio da Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo²³⁸.

ESPÍRITO SANTO Período de Trabalho 1997	
Equipe	
Coordenador	João Eurípedes Franklin Leal, pesquisador
Tratamento Técnico	1. Gilson Sérgio de Melo Reis, pesquisador 2. João Eurípedes Franklin Leal, pesquisador
Elaboração do catálogo	1. João Eurípedes Franklin Leal, pesquisador

Tabela 05 - Equipe de Espírito Santo

ESPÍRITO SANTO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo 2. DIO – Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo
Privadas	1. Fundação Cultural Brasil Portugal 2. Instituto Jones dos Santos Neves, de Vitória, Estado do Espírito Santo 3. Microservice 4. Real Gabinete Português de Leitura Rio de Janeiro 5. Xerox do Brasil 6. TAP – Air Portugal 7. Fundação Caloust Gulbenkian, de Portugal

Tabela 06 – Fontes financiadoras de Espírito Santo

3.2.2.3 CEARÁ

Parte desta documentação já fora trabalhada ainda no final do século XVIII pelo Barão de Studart, em missão por ele mesmo financiada. Nos anos de 1975 a 1976, Maria Célia de Araújo Guabiraba, historiadora cearense, levantou no AHU 1.100 peças documentais, das quais elaborou um índice de uma parte, visto que o Barão de Studart já havia publicado um índice alusivo à outra parte da documentação. Com os trabalhos encetados no AHU a documentação do Ceará se viu acrescida e foi totalmente reordenada, organizada e descrita em verbetes dentro da padronização proposta pelo Resgate. Nesta fase o professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, permaneceu, em 1998,

²³⁸ *Catálogo de Documentos Manuscritos e Avulsos da capitania do Espírito Santo: 1585-1822*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2000, p. 9.

alguns meses em Lisboa prosseguindo nas pesquisas antes encetada pela professora Maria Célia de Araújo Guabiraba.

O apoio financeiro para o projeto do Ceará adveio do Ministério da Cultura do Brasil, da Companhia de Seguros Gerais – SASSE, da Caixa Econômica Federal, Instituto do Ceará e Banco Nordeste do Brasil e. A publicação do catálogo²³⁹ se deveu ao apoio da Fundação Waldemar Alcântara e Fundação Demócrito Rocha, ambas do Estado do Ceará.

CEARÁ Período de Trabalho 1997	
Equipe	
Coordenador	Gisafran Nazareno Mota Jucá, pesquisador
Tratamento Técnico	1. Gisafran Nazareno Mota Jucá, pesquisador 2. Maria Célia de Araújo Guabiraba, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Gisafran Nazareno Mota Jucá, pesquisador

Tabela 07 - Equipe do Ceará

CEARÁ	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil 2. Companhia de Seguros Gerais – SASSE, da Caixa Econômica Federal
Privadas	1. Banco Nordeste do Brasil 2. Fundação Demócrito Rocha 3. Fundação Waldemar Alcântara 4. Instituto do Ceará

Tabela 08 – Fontes financiadoras do Ceará

3.2.2.4 SERGIPE

Como a documentação das capitanias acima citadas, Sergipe também trabalhou este acervo na década de 1970, mais precisamente em 1979 quando a professora Dra.

²³⁹*Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará: 1618-1832.* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha, 1999, p. 9 – 14.

Maria Thetis Nunes, da Universidade Federal de Sergipe, trabalhou esta documentação. O que resultou desse seu contato com o AHU foi aproveitado pelo Resgate, reorganizando-se a documentação e descrevendo-a. Na fase do Projeto Resgate o professor Mestre Lourival Santana Santos, reordenou a documentação de Sergipe, inserindo nova documentação encontrada junto aos documentos da capitania da Bahia, e Gilson Sérgio de Melo Reis, paleógrafo sergipano, revisou os verbetes antes elaborados. Isto no primeiro semestre de 1997.

Foram as seguintes as instituições de fomento para os trabalhos com a documentação de Sergipe e que também participaram da publicação do catálogo: Ministério da Cultura do Brasil, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Governo do Estado de Sergipe, Fundação Clemente Mariani ²⁴⁰.

SERGIPE	
Período de Trabalho 1997	
Equipe	
Coordenador	Lourival Santana Santos, coordenador acadêmico
Tratamento Técnico	1. Lourival Santana Santos, pesquisador 2. Maria Thetis Nunes, pesquisador
Elaboração do catálogo	Lourival Santana Santos, pesquisador

Tabela 09 - Equipe do Sergipe

SERGIPE	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Ministério da Cultura do Brasil 2. Governo do Estado de Sergipe
Privadas	1. Fundação Clemente Mariani

Tabela 10 – Fontes financiadoras do Sergipe

3.2.2.5 MATO GROSSO

A documentação de Mato Grosso havia sido trabalhada, uma pequena parte, no passado, pela professora Maria Cecília Guerreiro de Souza, professora do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR, do Instituto de Ciências

²⁴⁰ Cf. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Sergipe (1619-1822)*. São Cristóvão: Ed. UFS, 1999, 185 p.

Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). No projeto Resgate, estiveram no labor do AHU os pesquisadores Dora Ribeiro e Edvaldo de Assis que aproveitaram o trabalho de Maria Cecília, ampliando-o e adequando-o à metodologia então adotada.

Foram parceiros apoiando o trabalho com a documentação de Mato Grosso, a Casa da Memória Arnaldo Estevão Figueiredo, os Institutos Históricos e Geográficos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Cuiabá, Universidade Católica Dom Bosco, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal e Centro Universitário da Grande Dourados. O catálogo²⁴¹ foi publicado devido instâncias da Casa da Memória Arnaldo Estevão Figueiredo.

MATO GROSSO	
Período de Trabalho 1997 -1998	
Equipe	
Coordenador	Dora Ribeiro
Tratamento Técnico	1. Dora Ribeiro, pesquisador 2. Edvaldo de Assis, pesquisador
Elaboração do catálogo	João Eurípedes Franklin Leal, revisor Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro, pesquisador

Tabela 11 - Equipe do Mato Grosso

MATO GROSSO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Universidade de Cuiabá 2. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul 3. Universidade Federal de Mato Grosso 4. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Privadas	1. Casa da Memória Arnaldo Estevão Figueiredo 2. Centro Universitário da Grande Dourados 3. Institutos Históricos e Geográficos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul 4. Universidade Católica Dom Bosco

²⁴¹ *Catálogo de Verbetes dos documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Mato Grosso (1720-1827)*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1999, 526 p.

5. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
--

Tabela 12 - Fontes financiadoras do Mato Grosso

3.2.2.6 ALAGOAS

O Professor Mestre Lourival Santana Santos foi quem trabalhou a documentação de Alagoas no AHU no ano de 1997. É um acervo pequeno que constava de cinco caixas que ao longo do trabalho, recebendo documentos de Alagoas que se encontravam, erroneamente, em outras capitanias, somaram sete caixas. Ao todo, são 532 documentos, um dos menores acervos de capitanias brasileiras do AHU.

Apoiaram o Projeto Resgate de Alagoas, a Universidade Federal de Alagoas, o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Os documentos da Capitania de Alagoas trazem as datas limites de 1680 a 1826. O catálogo²⁴² foi publicado pela Universidade Federal de Alagoas com apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e Ministério da Cultura do Brasil.

ALAGOAS	
Período de Trabalho 1997	
Equipe	
Coordenador	Lourival Santana Santos, pesquisador
Tratamento Técnico	1.Lourival Santana Santos, pesquisador
Elaboração do catálogo	Lourival Santana Santos, pesquisador

Tabela 13 - Equipe de Alagoas

ALAGOAS	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil 2. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Universidade Federal de Alagoas 3. Universidade Federal de Alagoas
Privadas	1. Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

Tabela 14 – Fontes financiadoras de Alagoas

²⁴² Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Alagoas. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1999, 190 p.

3.2.2.7 RIO GRANDE DO NORTE

Da mesma forma que algumas das séries acima citadas, a documentação do Rio Grande do Norte havia sido, em parte, arrolada, ainda na década de 1970, pelo Professor Ivoncísio Meira de Medeiros. Aproveitou-se este trabalho, agregando centenas de outros documentos que foram encontrados misturados à documentação de outras capitânicas, reordenando e atualizando os verbetes descritivos da documentação que foi trabalhada em Lisboa pela Professora Fátima Martins Lopes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Foram instituições apoiadoras o Ministério das Relações Exteriores/Departamento Cultural, o Ministério da Justiça do Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, também responsável pela publicação do catálogo²⁴³ e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

RIO GRANDE DO NORTE	
Período de Trabalho 1997-1998	
Equipe	
Coordenador	Fátima Martins Lopes, pesquisadora
Tratamento Técnico	1. Fátima Martins Lopes, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Fátima Martins Lopes, pesquisadora

Tabela 15 - Equipe do Rio Grande do Norte

RIO GRANDE DO NORTE	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Justiça do Brasil 2. Ministério das Relações Exteriores/Departamento Cultural 3. Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Privadas	1. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Tabela 16 – Fontes financiadoras do Rio Grande do Norte

²⁴³ *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Rio Grande do Norte (1623-1823)*. Natal: EDUFERN, 2000, 218 p.

3.2.2.8 RIO NEGRO

Antes do Projeto Resgate, a documentação referente à capitania do Rio Negro, encontrava-se misturada à documentação das capitanias do Maranhão e Pará. O primeiro desafio foi separar a documentação dessas três capitanias. A coordenação coube ao Professor Caio César Boschi, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Esther Caldas Bertolletti, coordenadora técnica. A equipe foi formada por Carlos Alberto Pires Pereira, João Paulo da Silva Aparício, Luiz Guilherme Gonçalves Machado, Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, Paula Cristina Anastácia Pelúcia, Paula Cristina Ramos Gonçalves, Sandra Cristina Ribeiro Duarte e Sandra Isabel Ramos de Oliveira²⁴⁴. Por ser complexa esta tarefa, os prazos foram algumas vezes dilatados até a conclusão dos trabalhos com este acervo.

Apoiaram o trabalho a Universidade do Amazonas e Museu Amazônico/CEDEAM - Centro de Estudos da Amazônia. O catálogo contou com o apoio da Universidade do Amazonas e foi publicado no ano 2000²⁴⁵. A elaboração do catálogo contou coordenação de Caio César Boschi, organização de Francisco Borges dos Santos e revisão de Maria Luísa Abrantes e Miguel Infante.

RIO NEGRO	
Período de Trabalho 1996-1999	
Equipe	
Coordenador	1. Caio César Boschi, coordenador acadêmico 2. Esther Caldas Bertolletti, coordenadora técnica.
Tratamento Técnico	1. Carlos Alberto Pires Pereira, pesquisador 2. João Paulo da Silva Aparício, pesquisador 3. Luiz Guilherme Gonçalves Machado, pesquisador

²⁴⁴ A equipe formada por um número maior de pesquisadores se deveu à necessidade do complexo trabalho de separar a documentação das três capitanias, organizá-la e descrevê-la.

²⁴⁵ A região que se chamou Rio Negro faz parte hoje dos estados do Maranhão, Pará e Amazonas. Durante o processo de colonização a mão-de-obra fundamental foi a do indígena, a economia foi baseada na extração de produtos naturais, havia uma legislação específica; e apropriada situação geográfica concorreu para que a Amazônia se tornasse uma possessão administrada diretamente de Lisboa, não passando pelo Governo do Brasil, constituindo-se um estado independente em relação ao Estado do Brasil. Recebeu, sucessivamente, as seguintes denominações: Estado do Maranhão (1621), Estado do Maranhão e Grão-Pará (1654), Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751), e Estado do Grão-Pará e Rio Negro (1772). Cf. Introdução - *Catálogo do Rio Negro: Documentos Manuscritos Avulsos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (1723-1825)*. Manaus: EDUA, 2000, p. 1.

	<ol style="list-style-type: none"> 4. Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, pesquisadora 5. Paula Cristina Anastácia Pelúcia, pesquisadora 6. Paula Cristina Ramos Gonçalves, pesquisadora 7. Sandra Cristina Ribeiro Duarte, pesquisadora 8. Sandra Isabel Ramos de Oliveira, pesquisadora
Elaboração do catálogo	<p>Caio César Boschi, coordenador geral Francisco Jorge dos Santos, organizador Maria Luisa Abrantes, revisor Miguel Infante, revisor</p>

Tabela 17 - Equipe do Rio Negro

RIO NEGRO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Universidade do Amazonas. 2. Museu Amazônico 3. Centro de Desenvolvimento Energético Amazônico - CDEAM
Privadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Centro de Estudos da Amazônia.

Tabela 18 – Fontes financiadoras do Rio Negro

3.2.2.9 MARANHÃO

A mesma equipe formada por Carlos Alberto Pires Pereira, João Paulo da Silva Aparício, Luiz Guilherme Gonçalves Machado, Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, Paula Cristina Anastácia Pelúcia, Paula Cristina Ramos Gonçalves, Sandra Cristina Ribeiro Duarte e Sandra Isabel Ramos de Oliveira e coordenada pelo Professor Caio César Boschi, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais trabalhou com a documentação do Maranhão.

Foram instituições financiadoras o Ministério da Cultura do Brasil, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Governos dos Estados do Maranhão, Pará e Amapá, a CNCDP – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, AUVEPAR/MA – Automóveis e Peças Ltda, com o apoio cultural do. O catálogo foi organizado sob a coordenação da diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão, historiadora Maria Raimunda

de Araújo e Josmar Moraes, presidente da Academia Maranhense de Letras²⁴⁶, instituições que patrocinaram a publicação do catálogo.

MARANHÃO	
Período de Trabalho 1997 -1999	
Equipe	
Coordenador	Caio César Boschi, coordenador acadêmico
Tratamento Técnico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Caio César Boschi, pesquisador 2. Carlos Alberto Pires Pereira, pesquisador 3. João Paulo da Silva Aparício, pesquisador 4. Luiz Guilherme Gonçalves Machado, pesquisador 5. Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, pesquisadora 6. Paula Cristina Anastácia Pelúcia, pesquisadora 7. Paula Cristina Ramos Gonçalves, pesquisadora 8. Sandra Cristina Ribeiro Duarte, pesquisadora 9. Sandra Isabel Ramos de Oliveira, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Jomar Moraes, organizador

Tabela 19 - Equipe do Maranhão

CAPITANIA DO MARANHÃO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ministério da Cultura do Brasil 2. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Governos dos Estados do Maranhão, Pará e Amapá. 3. Arquivo Público do Estado do Maranhão 4. CNCDP – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Privadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. AUVEPAR/MA – Automóveis e Peças Ltda.

Tabela 20 – Fontes financiadoras do Maranhão

3.2.2.10 PARÁ

O trabalho com a documentação da capitania do Pará esteve, também, sob a coordenação do Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Caio César Boschi e sua equipe formada por portugueses e brasileiros: Carlos Alberto Pires Pereira, João Paulo da Silva Aparício, Luiz Guilherme Gonçalves Machado, Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, Paula Cristina Anastácia Pelúcia, Paula

²⁴⁶ *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos Relativos ao Maranhão existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. São Luís: FUNCMA/AML, 2002, 662 p.

Cristina Ramos Gonçalves, Sandra Cristina Ribeiro Duarte e Sandra Isabel Ramos de Oliveira.

Foram financiadores dessa empreitada o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e o Governo do Estado do Pará/Arquivo Público do Estado do Pará. O catálogo²⁴⁷ foi publicado pela SECULT – Secretaria de Cultura do Estado do Pará.

PARÁ	
Período de Trabalho 1996 -1999	
Equipe	
Coordenador	Caio César Boschi, pesquisador
Tratamento Técnico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Caio César Boschi, pesquisador 2. Carlos Alberto Pires Pereira, pesquisador 3. João Paulo da Silva Aparício, pesquisador 4. Luiz Guilherme Gonçalves Machado, pesquisador 5. Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, pesquisadora 6. Paula Cristina Anastácia Pelúcia, pesquisadora 7. Paula Cristina Ramos Gonçalves, pesquisadora 8. Sandra Cristina Ribeiro Duarte, pesquisadora 9. Sandra Isabel Ramos de Oliveira, pesquisadora 10. Teresa do Carmo Cação da Silva, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Caio César Boschi: coordenador geral José Joaquim Sintra Martinheira, pesquisador Antônio Jorge Ferreira Afonso, pesquisador Avanete Pereira Sousa, pesquisadora José Francisco Lima Xavier, pesquisadora Maria da Glória Guimarães Correia, pesquisadora Maria Letícia Vieira Trindade, pesquisadora Maria Nazareth Ferreira, pesquisadora

Tabela 21 - Equipe do Pará

PARÁ	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) 2. Governo do Estado do Pará/Arquivo Público do Estado do Pará 3. SECULT – Secretaria de Cultura do Estado do Pará
Privadas	

Tabela 22 – Fontes financiadoras do Pará

²⁴⁷ *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Pará existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*. Belém: SECULT, Arquivo Público do Pará, 2002, 3 vols. 1976 p.

3.2.2.11 SANTA CATARINA

Documentação trabalhada, em parte, nos anos 1970 pelo Professor Walter Piazza, contou, no Projeto Resgate com o trabalho qualificado dos Professores Élio Cantalício Serpa e Maria Bernardete Ramos Flores, ambos do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho com a documentação se deu no segundo semestre de 1998.

Foram financiadores do projeto o Ministério da Cultura do Brasil, a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e a Fundação VITAE. O catálogo foi editado com o apoio da Universidade Federal de Santa Catarina e da Assembléia Legislativa do mesmo Estado²⁴⁸.

SANTA CATARINA	
Período de Trabalho 1998	
Equipe	
Coordenador	Élio Cantalício Serpa, pesquisador
Tratamento Técnico	1. Élio Cantalício Serpa, pesquisador 2. Maria Bernardete Ramos Flores, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Élio Cantalício Serpa, pesquisador

Tabela 23 - Equipe de Santa Catarina

SANTA CATARINA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil 2. Universidade Federal de Santa Catarina 3. Assembléia Legislativa de Santa Catarina 4. FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Privadas	1. Fundação VITAE.

Tabela 24 – Fontes financiadoras de Santa Catarina

3.2.2.12 GOIÁS

A documentação da capitania de Goiás nunca havia sido trabalhada. Foi toda organizada, descrita e acondicionada, de agosto de 1998 a agosto de 1999, pelos

²⁴⁸ *Catálogo de Documentos Avulsos Manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717-1827*. Florianópolis: UFSC, 2000, 174 p.

historiadores Antônio César Caldas Pinheiro, do estado de Goiás, e Juciene Ricarte Apolinário, do estado do Tocantins cujo território pertenceu à capitania de Goiás. Foi coordenador o professor José Mendonça Teles, então diretor do IPEHBC/Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central da PUC Goiás - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que deu continuidade ao *Projeto Resgate da Documentação Goiana existente no Arquivo Histórico Ultramarino*, elaborado pelo diretor anterior, historiador Paulo Bertran.

Os recursos para o projeto vieram do Bank Boston e muito contribuiu para com a efetivação do projeto o vice-chanceler da PUC Goiás e Vice-presidente da Sociedade Goiana de Cultura, mantenedora da PUC Goiás, padre José Pereira de Maria. As fontes financiadoras foram o Bank Boston, a Sociedade Goiana de Cultura e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás. O catálogo²⁴⁹ foi editado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

GOIÁS	
Período de Trabalho 1998 - 1999	
Equipe	
Coordenador	Antônio César Caldas Pinheiro
Tratamento Técnico	1. Antônio César Caldas Pinheiro, pesquisador 2. Érika Simone de Almeida Carlos, pesquisador 3. Juciene Ricarte Apolinário, pesquisador 4. Maria Aparecida Vasconcelos Lopes, pesquisador 5. Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, pesquisador 6. Paula Cristina Anastácio Pelúcia, historiador 7. Teresa do Carmo Cação da Silva, historiador
Elaboração do catálogo	José Mendonça Teles, coordenador Antônio César Caldas Pinheiro, pesquisador Fabiane de Moraes Bueno, pesquisador

Tabela 25 - Equipe de Goiás

GOIÁS	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil

²⁴⁹ Catálogo de Verbetes dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal (1731-1822). Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001, 533 p.

	2. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)
Privadas	1. Bank Boston 2. Pontifícia Universidade Católica de Goiás 3. Sociedade Goiana de Cultura

Tabela 26 – Fontes financiadoras de Goiás

3.2.2.13 PIAUÍ

Os documentos da capitania do Piauí haviam sido trabalhados, no âmbito do Projeto Resgate pelo pesquisador Lourival Santana Santos, que não o finalizou²⁵⁰. Posteriormente, de agosto a outubro de 1999, a documentação foi toda revista, organizada, descrita e acondicionada pelo historiador Antônio César Caldas Pinheiro, que trabalhara com a documentação de Goiás e que assumiu a tarefa a pedido do vice-chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Vice-presidente da Sociedade Goiana de Cultura, mantenedora dessa Universidade, padre José Pereira de Maria, piauiense de origem.

Contou este projeto com o apoio do Bank Boston e o catálogo foi editado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás por meio da mediação do vice-presidente da Sociedade Goiana de Cultura, padre José Pereira de Maria²⁵¹.

PIAUI Período de Trabalho 1997 - 1999	
Equipe	
Coordenador	Lourival Santana Santos e Antônio César Caldas Pinheiro
Tratamento Técnico	1. Antônio César Caldas Pinheiro, pesquisador 2. Érika Simone de Almeida Carlos, pesquisadora 3. Lourival Santa Santos, pesquisador 4. Maria Aparecida Vasconcelos Lopes, pesquisadora 5. Paula Cristina Anastácio Pelúcia, pesquisadora 6. Teresa do Carmo Cação da Silva, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Lourival Santana Santos, pesquisador

²⁵⁰ BERTOLETTI, Esther Caldas. *Agradecimentos*. IN Catálogo de Verbetes dos Manuscritos Avulsos da Capitania do Piauí existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2002, p 14.

²⁵¹ *Catálogo de Verbetes dos Manuscritos Avulsos da Capitania do Piauí existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2002, 352 p.

Tabela 27 - Equipe de Piauí

PIAUI	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil 2. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)
Privadas	1. Bank Boston 2. Pontifícia Universidade Católica de Goiás 3. Sociedade Goiana de Cultura

Tabela 28 – Fontes financiadoras de Piauí

3.2.2.14 PARAÍBA

Nos anos 1970 a professora Elza Régis de Oliveira trabalhou esta documentação elaborando um catálogo parcial da mesma. No âmbito do Projeto Resgate, a documentação se viu acrescida, e a professora Elza coordenou os trabalhos da equipe e dela fez parte, juntamente com os historiadores Mozartt Vergetti Menezes e Maria Vitória Barbosa de Lima, isto de setembro de 1998 a abril de 1999. Os trabalhos de revisão dos verbetes e correção do catálogo foi realizado, após o retorno da equipe para o Brasil por meio virtual.

Financiaram os trabalhos da Paraíba o Governo do Estado da Paraíba, o Fundo Nacional de Cultura e a Universidade Federal da Paraíba. O catálogo foi editado pela Universidade Federal da Paraíba²⁵².

Quadro de equipes

PARAÍBA 1998 - 1999	
Período de Trabalho	
Equipe	
Coordenador	Elza Régis de Oliveira, pesquisadora
Tratamento Técnico	1. Elza Régis de Oliveira, pesquisadora 2. Maria Vitória Barbosa de Lima, pesquisadora

²⁵² *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania da Paraíba, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, 663 p.

	3. Mozartt Vergetti Menezes, pesquisador
Elaboração do catálogo	Elza Régis de Oliveira, coordenadora Maria Vitória Barbosa de Lima, pesquisadora Mozartt Vergetti Menezes, pesquisador

Tabela 29 - Equipe da Paraíba

PARAÍBA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Universidade Federal da Paraíba 2. Fundo Nacional de Cultura 3. Governo do Estado da Paraíba
Privadas	

Tabela 30 – Fontes financiadoras da Paraíba

3.2.3.15 RIO GRANDE DE SÃO PEDRO E RIO DA PRATA (Brasil Limites, Buenos Aires, Montevidéu e Paraguai)

Os documentos referentes à região sul do Brasil, a saber Rio Grande de São Pedro (hoje Rio Grande do Sul), Colônia do Sacramento²⁵³ e um acervo pequeno intitulado “Brasil Limites,” comporta documentos do Paraguay, Montevidéu e Buenos Aires, acerca dos países limítrofes com relação histórica com o Brasil Colônia em várias épocas. Uma especificidade desta documentação é que muitos documentos estão em espanhol e francês. A equipe que no Projeto Resgate trabalhou esta série, com exceção do acervo referente à Colônia do Sacramento, foi formada pelas professoras Ana Regina Berwanger, Susana Bleil de Souza e Hélen Osório e o trabalho se deu de 1998 a 1999. A documentação da Colônia do Sacramento contou com o trabalho do historiador e paleógrafo professor Sérgio Conde de Albite Silva.

Foram instituições financiadoras o Ministério da Cultura do Brasil, a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo²⁵⁴, a FAPERS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul e a Fundação VITAE. Os catálogos da Colônia do Sacramento e o do Rio da Prata foram publicados em um

²⁵³ Povoação fundada pelos portugueses em 1680 na margem Norte do estuário do Rio da Prata. A Espanha sempre reivindicou o território e alguns conflitos ocorreram na região que hoje pertence ao Uruguai. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Dicionário da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 181.

²⁵⁴ A região Sul do Brasil pertenceu à capitania de São Paulo, da qual se desmembrou no século XVIII. Daí o interesse de uma instituição de fomento paulista, em patrocinar os trabalhos com esta documentação.

mesmo volume, com apoio da FAPERS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul²⁵⁵.

SÃO PEDRO E RIO DA PRATA	
Período de Trabalho 1998 - 1999	
Equipe	
Coordenador	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hélen Osório, pesquisadora da Colônia do Sacramento e Rio da Prata 2. Susana Bleil de Souza, pesquisadora do Rio Grande do Sul (São Pedro)
Tratamento Técnico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ana Regina Berwanger, pesquisadora 2. Érika Simone de Almeida Carlos, pesquisadora 3. Maria Aparecida Vasconcelos Lopes, pesquisadora 4. Sérgio Conde de Albite Silva, pesquisador
Elaboração do catálogo	Ana Regina Berwanger, coordenadora Hélen Osório, pesquisadora Susana Bleil de Souza, pesquisadora

Tabela 31 - Equipe de São Pedro do Rio da Prata

SÃO PEDRO E RIO DA PRATA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ministério da Cultura do Brasil 2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul 3. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP 4. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERS
Privadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fundação VITAE

Tabela 32 – Fontes financiadoras de São Pedro do Rio da Prata

3.2.2.16 SÃO PAULO

Ao território da capitania de São Paulo pertenceram, antes de serem desmembradas, as capitanias de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul. Esta documentação, portanto, é importantíssima para a história brasileira. Em 1954, foi publicado um catálogo sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em comemoração aos quatrocentos anos da cidade

²⁵⁵ *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania do Rio Grande do Sul existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*, Lisboa. Porto Alegre: CORAG, 2001, 239 p.

de São Paulo. Este catálogo fora organizado por Alfredo Mendes de Gouveia, português contratado pelo Governo do Estado de São Paulo. Aproveitando-se o catálogo de Mendes Gouveia, a equipe que trabalhou a documentação de São Paulo no Projeto Resgate organizou e descreveu mais de trinta caixas com documentação que não fora manuseada por Mendes Gouveia. A equipe do Resgate foi formada pela professora Heloísa Liberalli Bellotto, historiadora e arquivista, também consultora arquivística do Projeto Resgate, e os historiadores José Roberto de Souza, Eliane Bisan Alves e Gilson Sérgio Matos Reis.

Para a consecução dos trabalhos, as instituições financiadoras foram as seguintes: CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Governo do Estado de São Paulo e a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O Catálogo em três volumes foi editado em uma parceria da EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

SÃO PAULO	
Período de Trabalho 1998 - 2000	
Equipe	
Coordenador	1. Gilson Sérgio de Matos Reis, pesquisador 2. Heloísa Liberalli Bellotto, pesquisadora
Tratamento Técnico	1. Heloísa Liberalli Bellotto, pesquisadora 2. Gilson Sérgio de Matos Reis, pesquisador 3. José Roberto de Souza, pesquisador 4. Eliane Bisan Alves, pesquisadora 5. Paula Cristina Ramos Gonçalves Campos, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Heloísa Liberalli Bellotto, pesquisadora Gilson Sérgio de Matos Reis, pesquisador

Tabela 33 - Equipe de São Paulo

SÃO PAULO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) 2. Governo do Estado de São Paulo 3. FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo 4. FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Privadas	EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração.

Tabela 34 – Fontes financiadoras de São Paulo

2.2.2.17 PERNAMBUCO

Um dos maiores conjuntos documentais das capitanias brasileiras, o acervo de Pernambuco estava muito misturado e foi preciso uma força tarefa para a sua organização, descrição e acondicionamento. Trabalharam com esta série no Projeto Resgate, sob a coordenação da professora Dr^a Maria do Socorro Ferraz Barbosa, os historiadores Hildo Leal da Rosa e Aneide Maria de Santana, os Mestres em História Alexandre Alves Dias, Erika Simone de Almeida Carlos, Maria Aparecida Vasconcelos Lopes, Maria Leda de Oliveira Alves da Silva e a paleógrafa Virgínia Almoedo.

Financiaram os trabalhos no AHU o Ministério da Cultura do Brasil, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o Governo do Estado de Pernambuco, a Prefeitura da Cidade de Olinda. O catálogo, em 03 volumes, foi editado pela Universidade Federal de Pernambuco. Um quarto volume foi publicado mais tarde, com os índices referentes aos verbetes do catálogo.²⁵⁶

PERNAMBUCO	
Período de Trabalho 1997 - 2005	
Equipe	
Coordenador	Maria do Socorro Ferraz Barbosa, pesquisadora
Tratamento Técnico	1. Alexandre Alves Dias, pesquisador 2. Aneide Maria de Santana, pesquisadora 3. Erika Simone de Almeida Carlos, pesquisadora 4. Hildo Leal da Rosa, pesquisador 5. Maria Aparecida Vasconcelos Lopes, pesquisadora 6. Maria Leda de Oliveira Alves da Silva, pesquisadora 7. Virgínia Almoedo, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Maria do Socorro Ferraz Barbosa, coordenadora Alexandre Alves Dias, pesquisador Aneide Maria de Santana, pesquisadora Hildo Leal da Rosa, pesquisador Virgínia Almoedo, pesquisadora

Tabela 35- Equipe de Pernambuco

²⁵⁶ *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco*. Recife: Ed. Da UFPE, 2006, 3 vols. 3.206 p. Cf. <https://books.google.com.br/books?isbn=8573153776> (Consulta 20 de setembro de 2015).

PERNAMBUCO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ministério da Cultura do Brasil 2. CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Universidade Federal de Pernambuco 3. Governo do Estado de Pernambuco 4. Prefeitura da Cidade de Olinda
Privadas	

Tabela 36 – Fontes financiadoras de Pernambuco

3.2.2.18 BAHIA

Documentação importante para todo o Brasil, pois a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, foi capital da colônia até 1763. Na primeira metade do século XX, a documentação foi trabalhada e de 1910 a 1950 foram publicados dois catálogos sobre a capitania da Bahia, elaborados por Eduardo de Castro Almeida e Luísa da Fonseca²⁵⁷ que lidaram, porém, com apenas um terço dos documentos. No âmbito do Projeto Resgate trabalharam com esta série os Mestres em História Neusa Esteves Fernandes, Avanete Pereira Sousa, Onildo Reis David, Lourival Santana Santos e Márcia Gabriela de Aguiar Barreto.

O Governo do Estado da Bahia, Fundação Cultural da Bahia, a Fundação Clemente Mariani e o Banco BBM foram as fontes financiadoras do projeto. O catálogo, em dois volumes, foi publicado pela Fundação Pedro Calmon, Arquivo Público da Bahia e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.²⁵⁸

BAHIA
Período de Trabalho 1997 - 2008
Equipe

²⁵⁷ Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, elaborado por Eduardo de Castro e Almeida, publicado em 1913; Catálogo dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, elaborado por Alfredo Mendes Gouveia e publicado em 1954, em quinze tomos da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Documentos da Capitania da Bahia, Catálogo elaborado por Luísa da Fonseca, publicado em 1950.

²⁵⁸ *Catálogo de Documentos Manuscritos “Avulsos” da Capitania da Bahia (1604-1828)*. Vols. I e II. Salvador: Fundação Pedro Calmon/Arquivo Público da Bahia, 2009, 707 p. vol I e 477 p. vol II.

Coordenador	
Tratamento Técnico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Avanete Pereira Sousa, pesquisadora 2. Lourival Santana Santos, pesquisador 3. Márcia Gabriela de Aguiar Barreto, pesquisadora 4. Neusa Esteves Fernandes, pesquisadora 5. Onildo Reis David, pesquisador
Elaboração do catálogo	<p>Avanete Pereira Sousa, pesquisador Érika Simone de Almeida Carlos Dias, pesquisadora Gilson Sérgio Matos Reis, pesquisador Márcia Gabriela de Aguiar Barreto, pesquisadora Neuza Rodrigues Esteves, pesquisador Onildo Reis David, pesquisador Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida Alves, pesquisador</p>

Tabela 37- Equipe da Bahia

BAHIA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Governo do Estado da Bahia 2. Arquivo Público da Bahia 3. Fundação Clemente Mariani 4. Fundação Cultural da Bahia 5. Fundação Pedro Calmon da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
Privadas	Banco BBM

Tabela 38 – Fontes financiadoras da Bahia

3.2.2.19 RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro, conquanto tenha se tornado capital da colônia em 1763, sempre teve papel preponderante entre as capitanias no Brasil Colonial, sendo grande sua relação com as capitanias de minas como Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. A partir de 1910 a Biblioteca Nacional publicou o catálogo organizado por Eduardo de Castro e Almeida referente a 88 caixas das 450 que formam esta série. Este catálogo, no âmbito do Projeto Resgate foi confrontado com os documentos e refeitos vários verbetes. As outras quase 380 caixas foram trabalhadas pelos historiadores Paulo Knauss de Mendonça, Alexandre Samis, Margareth da Silva, Luiz Henrique Sombra, César Augusto Ornelas Ramos e Gilson Sérgio de Melo Reis e as portuguesas Paula Gonçalves, Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida e Teresa do Carmo Cação da Silva.

Financiaram os trabalhos com a documentação do Rio de Janeiro o Ministério da Cultura do Brasil, a FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. O catálogo foi publicado pela FAPERJ e Museu Imperial do Brasil.²⁵⁹

RIO DE JANEIRO	
Período de Trabalho 1997 - 2008	
Equipe	
Coordenador	
Tratamento Técnico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Alexandre Samis, pesquisador 2. César Augusto Ornelas Ramos, pesquisador 3. Gilson Sérgio de Melo Reis, pesquisador 4. Luiz Henrique Sombra, pesquisador 5. Margareth da Silva, pesquisadora 6. Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida, pesquisadora 7. Paula Gonçalves, pesquisadora 8. Paulo Knauss de Mendonça, pesquisador 9. Teresa do Carmo Cação da Silva, pesquisadora
Elaboração do catálogo	Alexandre Samis, pesquisador César Augusto Ornelas Ramos, pesquisador Gilson Sérgio de Melo Reis, pesquisador Luiz Henrique Sombra, pesquisador Margareth da Silva, pesquisadora Paulo Knauss de Mendonça, pesquisador

Tabela 39- Equipe do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ministério da Cultura do Brasil 2. Museu Imperial do Brasil 3. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ 4. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Privadas	

Tabela 40 – Fontes financiadoras do Rio de Janeiro

3.2.2.20 SÉRIE CÓDICES

O trabalho com os códices no AHU ficou a cargo do técnico superior arquivista José Sintra Martinheira, funcionário do AHU com auxílio de outros funcionários da casa.

²⁵⁹ *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos Referentes à Capitania do Rio de Janeiro Existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. 1583 p. actd.iict.pt/eserv/actd:CUc017/CU-RioJaneiro.pdf (Consulta 20 de setembro de 2015)

Aproveitou-se o catálogo de Alberto Iria²⁶⁰ que referenciava apenas 435 códices dos 831 que ao final foram microfilmados, isto com recursos do Ministério da Cultura do Brasil e da Fundação Calouste Gulbenkian que, juntamente com o Real Gabinete Portugues de Leitura, do Rio de Janeiro, financiaram a publicação do catálogo²⁶¹.

3.2.2.21 SÉRIE ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA

A cartografia e a iconografia do AHU referente ao Brasil forma um rico e único acervo procurado por muitos pesquisadores que até então tinham pela frente um problema: como tirar cópias de imagens que as vezes excedem a objetiva das câmeras. O Projeto Resgate sanou esta dificuldade. As imagens foram realizadas em cromo e não microfilmadas, já que os microfilmes por serem em preto em branco, bem como a sua dimensão de 33 mm não seriam apropriados para se fazerem as cópias.

Os recursos foram do Ministério da Cultura do Brasil, sendo fotógrafos Paulo Cintra e Laura Castro Caldas. O catálogo²⁶² foi elaborado por Maria Dulce de Faria e contou com o patrocínio do Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Rio de Janeiro.

Esta documentação das capitâneas, dos códices e da cartografia do AHU perfaz cerca de 80% de todo o acervo do AHU. É uma documentação importantíssima para a história regional e geral do Brasil colônia. Antes do Projeto Resgate, pela dificuldade de se vislumbrar todo o conjunto, a documentação era consultada, mas como não

²⁶⁰ IRIA, Alberto. *Inventário geral dos códices do Arquivo Histórico Ultramarino apenas referentes ao Brasil* (fontes para a história luso-brasileira). Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966. Separata de Studia, n. 18, 1966, Agosto.

²⁶¹ *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 184 p.

²⁶² Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011, 438 p.

estava de todo organizada, por isso a pesquisa ficava prejudicada. Com o Projeto Resgate, pode-se transitar de uma série (capitanias) para outra, principalmente no tocante àquelas que foram desmembradas de outras capitanias cujo acervo, importante para a história de ambas, necessitava ser consultado.

Os pesquisadores em Brasil colônia ainda não despertaram totalmente para a riqueza dessa documentação. Somente o tempo, quando as pesquisas forem avançando e as discussões científicas forem aguçando os ânimos é que se poderá aquilatar o manancial de informações ali contidas.

3.3 METODOLOGIA E TÉCNICA ARQUIVISTICA UTILIZADOS NA ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS REFERENTES AO BRASIL.

Como vimos, de tempos em tempos, durante o século XIX até os anos 70 do século XX, pesquisadores contratados por instituições brasileiras, pesquisadores não ligados a nenhuma instituição e alguns historiadores mais afortunados se aventuravam nesse acervo, organizando pequenos projetos que cobriam pequena parcela da documentação, quase sempre relativa a São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Os outros Estados brasileiros conheciam apenas em parte a documentação, existindo algumas relações de documentos, índices parciais e catálogos seletivos de pequena parcela dos documentos custodiados pelo AHU de Lisboa. Estes instrumentos de pesquisa, além de parciais, esbarravam no problema de que a documentação não estava tratada e organizada, existindo documentos de uma capitania misturados aos de outra, com centenas de processos desfeitos, sem descrição, desarranjados.

O contato com a documentação manuscrita avulsa relativa ao Brasil existente do AHU demonstrou que, para a sua microfilmagem, seria necessário antes de tudo, todo um trabalho de arranjo, organização e descrição das unidades documentais. De imediato se percebeu que o trabalho seria imenso, principalmente no que concernia ao tratamento técnico-arquivístico.

Era lógico este pensamento, ou seja, para que a documentação pudesse ser microfilmada, deveria, primeiramente, estar, fisicamente, organizada, arranjada e descrita, pois o microfilme espelha a organização física dos documentos. Segundo Anne R. Kenney,

*“O preparo do material de arquivo para a microfilmagem tem uma série de objetivos. O principal deles é ajudar os futuros leitores a usar a coleção. O preparo feito anteriormente à filmagem é especialmente importante porque o conteúdo da coleção não pode ser disposto de maneira diferente após a filmagem e, como o microfilme é um meio linear, o leitor está limitado a manusear o material sequencialmente. Um segundo objetivo do preparo do material é reduzir o tempo gasto pelo operador de filmadora em atividades que não dizem respeito à filmagem sem si [...]. Um bom preparo reduz o custo da microfilmagem ao mesmo tempo em que salvaguarda o arranjo da coleção [...]”.*²⁶³

Para este trabalho com a documentação, deixando organizada, acondicionada e descrita, centenas de pesquisadores passariam pelo AHU no âmbito do Projeto Resgate. Um esforço imenso que a pertinácia e perseverança, enfrentando e transpondo obstáculos, fariam com que obtivesse os melhores resultados.

3.3.1 A CONSTITUIÇÃO DAS EQUIPES

As equipes que participaram do Projeto Resgate foram formadas por pesquisadores e professores de todos os Estados brasileiros, ligados tanto às universidades públicas quanto às particulares, quanto a arquivos públicos do país. Os recursos para os projetos que surgiram dentro do projeto maior, vieram de diversas empresas e instituições governamentais e privadas.

²⁶³ KENNEY, Anne R. *Preparação dos Materiais*. IN ELKINGTON, Nancy E. (Org.). *Manual do RLG para microfilmagem de arquivos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001, p. 37.

No AHU, já no contato com a documentação, as equipes tinham como primeira tarefa, dar uma organização cronológica à documentação, pois apesar das caixas-arquivo estarem numeradas e etiquetadas como se tivessem uma ordem cronológica, isto era apenas aparente. Como exemplo cita-se que as dez primeiras caixas referentes à capitania de Goiás tinham as datas limites de 1730 a 1822, sendo lógico a falta de critério cronológico da documentação, o que obrigava o pesquisador a consultar todo o conjunto das unidades de instalação²⁶⁴. Este desarranjo se deveu tanto à incúria do AHU que dava mais atenção ao acervo das colônias africanas e do oriente (que se tornaram independente muito mais tarde, algumas já no século XX), como também devido à incúria dos funcionários e pesquisadores que após consulta na sala de leitura ou trabalhos no setor de microfilmagem, não inseriam a fonte consultada no local de origem, inserindo-a até mesmo em acervo de outra capitania.

Neste tocante, para se ter uma idéia das idas e perdas de documentos de capitania para capitania, o acervo da capitania de Goiás, antes do Projeto Resgate, era composto de 52 unidades de instalação, (as caixas-arquivo). Com o arranjo e ordenação dos documentos de outras capitanias, o acervo de Goiás se viu acrescido de mais de 20 caixas, tendo chegado ao montante de 85, que foi reduzido a 56 ao final dos trabalhos, devido ter-se acondicionado a documentação goiana em caixas maiores nas quais cabiam maior número de documentos.

Não obstante isso, o mais grave é que, com o passar dos anos, e o manuseio documental sendo feito sem critérios, os documentos que via de regra não são peças únicas, e quase sempre contém uma ou mais páginas manuscritas, encontravam-se destrinchados. É o caso de processos formados no âmbito da administração das capitanias, como os autos de devassa, de residência, de seqüestro de bens, os quais constam de cópias de documentos que informam o processo, como certidões, rol de testemunhas, traslados e outros, documentos estes que anexados a um principal são peças informativas anexas à esta fonte geradora. Com o destrinchamento das partes de

²⁶⁴ PINHEIRO, Antônio César Caldas. Pesquisando em Lisboa. IN *Catálogo de Verbetes dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa – Portugal (1731 – 1822)*. Brasília: Ministério da Cultura; Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, 2001, p. 14.

um processo, perdia-se a percepção global do conteúdo expresso no documento gerador ou principal. Por isso, durante todo o tempo em que se trabalhou a documentação relativa ao Brasil, seja na fase de sua identificação, sua descrição crônica e tópica, a cotação (numeração sistemática) e a reinserção de documentos vindos de outras capitanias, não se descurava de reintegrar e juntar aos documentos principais as peças que dele se encontravam separadas.

O novo pesquisador que chegava demorava um tempo para se acostumar com o método de trabalho e, claro, cada qual possuía um olhar diferente sobre a documentação. Cada pesquisador tinha sua redação e estilos próprios, muitas vezes não dominando a concisão do resumo, como a utilização de termos específicos que pudessem informar com maior clareza o assunto. Ainda a disparidade da formação de cada pesquisador (historiadores, advogados, sociólogos, arquivistas) que, às vezes trabalhando isolados, perderam uma oportunidade preciosa de intercâmbio interdisciplinar que muito poderia contribuir para uma maior excelência do trabalho.

3.3.2 O TREINAMENTO DAS EQUIPES

Os técnicos-pesquisadores brasileiros, geralmente historiadores, e mesmo os portugueses, quase sempre também historiadores, contratados para auxiliarem na organização e descrição dos documentos referentes ao Brasil não eram, na realidade, totais conhecedores da complexidade de se lidar com uma documentação manuscrita dos séculos XVI ao XIX. Esta dificuldade se referia não somente à leitura documental, mas, também, quanto à falta de conhecimento relacionado ao suporte, forma, formato²⁶⁵ e principalmente, espécie e tipo documentais. Este conhecimento era estranho aos pesquisadores brasileiros por não fazer parte dos projetos pedagógicos dos cursos de história ou áreas afins. O estudo das chancelarias reais e a

²⁶⁵ Suporte: Material sobre o qual as informações são registradas; Forma: Estágio de preparação e de transmissão de documentos; Formato: Configuração física de um suporte, de acordo com a sua natureza e o modo como foi confeccionado. Idem, p. 72 e 39.

documentação diplomática utilizada na comunicação no Antigo Regime não era usual nas universidades brasileiras. O conhecimento que se tem é raso, quase sempre sem perceber a força intrínseca de um documento, a sua natureza e a disposição das informações nele contidas, o que irá caracterizá-lo como um documento específico, por se referir a um ato inerente apropriado ao documento.

Acerca dessa dificuldade encontrada pelos pesquisadores no primeiro contato com a documentação do AHU, a arquivista Heloísa Bellotto muito bem registrou:

*“Se considerarmos que a conceituação das espécies documentais, utilizadas pela administração portuguesa no Brasil dos séculos XVI ao XIX, não faz parte, como área de estudo, da formação dos historiadores nem dos arquivistas, justamente os dois pólos profissionais que lidam com estas unidades de conhecimento, sendo ela, entretanto, bastante útil, pois pode iluminar as razões, contextos, e circunstâncias da criação destes documentos, podemos deduzir a importância de um glossário deste gênero.”*²⁶⁶

Após o primeiro contato com a documentação, procedendo-se à ordenação cronológica e refazimento dos processos desfeitos, as equipes sentiram a necessidade de terem um maior conhecimento sobre organização arquivística e noções de Diplomática, no sentido de poderem identificar tipologicamente, pelo nome, os documentos.

Outro conhecimento necessário para o trabalho com a documentação do AHU refere-se à Paleografia. José Sintra Martinheira também auxiliou os pesquisadores quanto à leitura paleográfica. Os documentos em sua quase totalidade são manuscritos, espelhando letras e expressões do tempo em que foram grafados, do século XVI ao XIX. A presença de José Sintra Martinheira e de outros funcionários do AHU acostumados à leitura paleográfica foi motivo de garantia de uma leitura e transcrição documental seguras.

A leitura correta de um documento é condição sem a qual não se pode realizar uma interpretação precisa para com ela elaborar-se o verbete. Se não se realiza uma boa

²⁶⁶ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Glossário das Espécies Documentais*. IN ARRUDA, José Jobson de (Coord.) et alii. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830)*. 1º volume. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2000, p. 301.

leitura do documento, a compreensão do mesmo ficará prejudicada e a informação que irá dispor nos instrumentos de pesquisa ficará truncada ou não irá condizer com a real informação contida no documento. Portanto, as noções de Paleografia e Diplomática passadas aos pesquisadores foram importantes para o bom andamento e resultados dos trabalhos de leitura e construção dos verbetes que constituiriam os instrumentos de pesquisa.

Com vista a uma catalogação científica dos documentos, de acordo com as normas arquivísticas, contou-se com a assistência da arquivista Heloísa Liberalli Bellotto da Universidade de São Paulo. A arquivista ofereceu aos pesquisadores de todos os Estados um curso básico de introdução à arquivística e noções de diplomática, conhecimentos necessárias à descrição das tipologias documentais, à classificação e inventariação do acervo. Este curso ocorreu em Lisboa de 18 a 22 de janeiro de 1999 e foi de fundamental importância para os trabalhos realizados, padronizando, a partir de 1998, o trabalho de todas as equipes que lidavam com a documentação. Organizado pela própria Heloísa Bellotto, o curso foi gratuito e sua necessidade surgiu a partir da constatação da própria arquivista e de pedidos de membros das equipes.

O trabalho, como se disse, por ter se utilizado de centenas de pesquisadores, durante quase vinte anos, não foi padronizado desde o início, mas somente a partir da implementação do Projeto Resgate e as reuniões entre os técnicos do AHU e membros do Projeto Resgate que discutiram a padronização dos verbetes. Então, a partir de 1998, adotando-se uma metodologia para todo o Projeto Resgate, as equipes trabalharam em sintonia com as orientações do AHU e da consultora arquivística, historiadora Heloísa Liberalli Bellotto. O resultado obtido foi um trabalho de melhor qualidade, sem grandes diferenças na metodologia adotada, tendo

por base a Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística – ISAD (G)²⁶⁷ e o programa da Unesco do Guia de Fontes para a História das Nações²⁶⁸.

Os Guias de Fontes para a História das Nações, como o próprio nome indica, compõe-se de um levantamento de documentos selecionados em vários fundos, ou em vários arquivos de diferentes países. Não referencia os itens documentais e objetiva orientar os pesquisadores indicando as instituições que possuem em seus acervos documentos referentes às diferentes nações.

O Projeto Resgate em Portugal foi além por construir, na realidade, catálogos, instrumentos de pesquisa que descrevem unitariamente as peças documentais e são muito mais específicos, ao contrário das informações dos guias de fontes que são muito gerais, com informações sobre o conjunto documental. Os catálogos originados a partir da documentação do AHU foram cuidadosamente elaborados, contando com uma introdução temática, historiando a documentação e descrevendo a técnica e metodologias utilizadas. Além disso, quase todos os catálogos foram complementados com a elaboração de índices temáticos, sejam antroponímicos, toponímicos e ideográficos, que facilitam a localização dos documentos de interesse do pesquisador. Ressalta, porém, sendo esta a grande diferença do Projeto Resgate com projetos congêneres, que toda a documentação do AHU referente o Brasil, foi, além de descrita, microfilmada e digitalizada ²⁶⁹. Dessa forma, foram constituídos conjuntos formados dos rolos de microfilmes, CD-ROMs e catálogos que foram distribuídos pelas universidades, instituições arquivísticas, Institutos Históricos dos Estados brasileiros e bibliotecas, o que fomentou um maior contato com os

²⁶⁷ Em inglês: “International Standart Archival Description (General)”. Adotou-se aqui a tradução livre, que está de acordo com a terminologia brasileira.

²⁶⁸ Os Guias de Fontes para a História das Nações é o resultado de um grande programa desenvolvido pela Unesco desde 1959, através do Conselho Internacional de Arquivos. Este programa, denominado “Programa de Publicação de Guias de Fontes para a História das Nações”, visa facilitar a pesquisa histórica sobre os países do terceiro mundo e a divulgação, completa e orgânica, de fontes documentais existentes nos arquivos europeus. Os guias foram divididos em três séries: Série A América Latina, Série B África e Sul do Saara, Série C África Setentrional, Ásia e Oceania. Cf. BERTOLETTI, Esther Caldas. Apresentação Geral do projeto Resgate. IN *Guias dos Arquivos Americanos sobre o Brasil: Coleções Documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos*. Brasília: FUNAG, 2010, p. 24.

²⁶⁹ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo...* op. cit., p. 192.

documentos do passado colonial brasileiro. Cada documento microfilmado e digitalizado, conta com o verbete descritivo, o mesmo que consta dos catálogos.

No tocante à metodologia adotada, se o trabalho não saiu totalmente padronizado, deveu-se mais ao motivo de algumas capitanias terem aproveitado catálogos parciais e seletivos elaborados em princípios do século XX, não realizando nova descrição dos documentos. Deveu-se, também, como no caso da capitania de Minas Gerais, a uma metodologia diferente usada para a descrição. Como o trabalho com a documentação de Minas Gerais no AHU havia começado bem antes da implementação do Projeto Resgate, sendo mais tarde encampado por este, respeitou-se a metodologia até então adotada.

Estes problemas apontados, como a falta de padronização da elaboração dos verbetes descritivos no início dos trabalhos no AHU, propiciou que alguns dos trabalhos realizados antes de 1998 diferissem quanto ao método empregado e, mesmo formalmente, do trabalho posterior. É bom lembrar que os trabalhos com a documentação da capitania de Minas Gerais, conforme já relatado, começaram em 1987, ainda antes do Projeto Resgate ter sido implementado e portanto, quando se implantou uma metodologia única para todo o Projeto, muito do acervo de Minas Gerais já havia sido verbetado.

Neste mesmo sentido, algumas capitanias que já contavam com alguns catálogos elaborados no início do século XX, como São Paulo e Bahia, que contavam com os catálogos de Mendes Gouveia, aproveitaram os verbetes desses instrumentos de pesquisa. Nesse particular é sensível a diferença dos verbetes se comparados aos do Projeto Resgate posterior a 1998. Isto se explica em parte porque no início do século XX não havia as modernas técnicas de microfilmagem ou digitalização que propiciam cópias fidedignas e integrais. Naquele tempo, os pesquisadores, ao resumirem os documentos para a construção dos catálogos, já que não teriam a cópia do documento, procuravam colocar todas as informações possíveis no verbete. Dessa forma, alguns

verbetes são enormes, descendo o resumo a minúcias, diferentemente do que se fez no Projeto Resgate que privilegiou um verbete sucinto, realmente resumido, com palavras-chaves que indicassem aos interessados os assuntos contidos no documento.

3.3.3 - O SUPORTE DO AHU, A METODOLOGIA UTILIZADA E SENÕES DETECTADOS

O trabalho com a totalidade da documentação relativa ao Brasil existente no AHU, não seguiu as normas internacionais do Conselho Internacional de Arquivos, referentes aos níveis que formam os conjuntos documentais. Isto porque o AHU autorizou o trabalho de descrição dos documentos referentes à história do Brasil e não a reorganização do quadro de arranjo de fundos e a ordenação interna de seus documentos. Foi mantida a organização geográfica por capitânias e, como visto, um fundo único denominado Conselho Ultramarino²⁷⁰.

Alguns problemas mais pontuais surgiram quando do início dos trabalhos das equipes no AHU, principalmente problemas referentes à parte formal dos verbetes, no que tange à parte gramatical.

É sabido que o português falado em Portugal difere, em certos aspectos, do português do Brasil. Na questão verbal, os portugueses quase nunca usam os verbos de movimento no gerúndio, e sim, no infinitivo. No Brasil, ao contrário, é comum o uso do gerúndio para os verbos em movimento, quase não se usando no infinitivo. Ora, este modo diferente de expressar o português, gerou, no início do Projeto Resgate, um certo mal estar entre os funcionários do AHU responsáveis pela conferência da documentação trabalhada e as equipes constituídas de brasileiros. Até que se entrasse em acordo, alguns entraves foram motivo de desconforto. Para exemplificar, no Brasil o resumo de um ofício no qual se solicitava a um governador alguma mercê, seria assim redigido: “Ofício solicitando a mercê...”. Em Portugal, o documento teria o

²⁷⁰ Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivo: estudos e reflexões. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 198.

seguinte resumo: “Ofício a solicitar...”. No final das contas é a mesma coisa, mas os portugueses, depois de anos de trabalho das equipes, queriam que todo o trabalho fosse revisado e que, deixando de lado os verbos no gerúndio, que se corrigisse para o infinitivo. Seria um enorme atraso nos trabalhos. Enfim, após várias conversações, convencionou-se que o trabalho estava sendo feito quase que totalmente por brasileiros, com recursos quase que totais de instituições brasileiras. Destarte, nada mais justo que se redigisse os verbetes de acordo com o português falado no Brasil, mesmo porquê a discussão era bizantina, não havia nenhuma dificuldade do entendimento do gerúndio em Portugal. Apenas que o tempo verbal empregado pelos brasileiros não era usual no português europeu. Isso resultou que uma ou outra capitania permaneceu com os dois tempos verbais, seja por não ter mais tempo de corrigir, seja porque o verbete fora redigido por portugueses contratados para o Projeto.

Estes problemas citados foram logo superados ante o entendimento com os responsáveis pelo AHU e o projeto seguiu sem maiores entraves neste sentido.

O modelo dos verbetes descritivos para todas as equipes que compuseram o Projeto Resgate foi elaborado, como já mencionado, a partir de reuniões do corpo científico do AHU e membros do Projeto Resgate . Desta forma a descrição unitária dos documentos avulsos referentes ao acervo do Brasil Colônia existentes no AHU, obedeceu criteriosamente as normas estabelecidas nas reuniões conjuntas. São normas que descrevem a contento os documentos e aconselham que a identificação e resumo tenham em média cinco linhas, cuidando para que o vocabulário utilizado fosse padronizado, já tendo em vista a elaboração de índices que comporiam os catálogos . O resultado foram verbetes claros e concisos. Logicamente, porém, que a elaboração dos verbetes, mesmo normatizada, dependeu de cada pesquisador e sua capacidade de síntese, visão geral do documento, controle do vocabulário e sinonímia. Assim, algumas discrepâncias ocorreram e serão apontadas adiante.

Os pesquisadores contaram com o auxílio do já mencionado funcionário do AHU e técnico superior de arquivo, José Sintra Martinheira, para a identificação das tipologias documentais. É bom lembrar que a documentação trabalhada vai do século XVI ao XIX. Um conhecimento mínimo de Diplomática se fazia necessário na identificação do documento, se este era uma Carta, Decreto, Carta-Régia, Provisão ou Provisão-Régia, Consulta etc. Muito auxiliou os pesquisadores o trabalho elaborado pelo já mencionado José Sintra, intitulado “Principais Tipologias Diplomáticas da Administração Central do Antigo Regime”²⁷¹, no qual elenca as tipologias diplomáticas mais encontradas na documentação. Trabalho didático e único sobre a documentação do AHU, nele Sintra Martinheira auxilia o pesquisador a identificar o documento e a enquadrá-lo tipologicamente. Como exemplo, apresenta-se, abaixo, o modelo identificador da tipologia Alvará:

	TIPOLOGIA		CONCEITUAÇÃO
	ALVARÁ		
ELEMENTOS IDENTIFICADORES	1	Intitulação pelo nome do soberano (apelativo): Podem por exceção ter a intitulação da lei:	Eu El-Rei Dom João por graça de Deus, etc
	2	Notificação	Faço saber
	3	Narrativa ou exposição	Motivo que deu origem ao ato
	4	Dispositivo	Hei por bem Sou servido ordenar
	5	Cláusulas finais: <ul style="list-style-type: none"> • Cominatórias • Garantia • Renúncia • Corroboração autenticação e validação: 	(sanções) (obrigações) (direitos) (que passem pela chancelaria, ou declararem que valham como se passassem)
	6	Ptocolo final: <ul style="list-style-type: none"> • Local • Data • Subscrição 	Dada em Aos tantos de E eu Fulano a fiz escrever
	7	Assinatura com seu título sem precedência de artigo:	Rei, Rainha, Príncipe
	8	Referendo Ou assinatura Ou levar vista	Pelo Secretário de Estado se se expedir pela Secretaria de Estado, ou pelo Presidente do Tribunal ou Conselho, se a expedição é pelo Tribunal ou Conselho
	9	Subscrição ou sumário	Da matéria da providência, sem a qual é declarada de nenhum

²⁷¹ Tipologias Diplomáticas. Fonte: MARTINHEIRA, José Sintra. *Catálogos dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 33.

			feito.
	10	Assinatura	Pelos Conselheiros quando não há Presidente ou Tribunal

Tabela 41 - Tipologias diplomáticas. Fonte: MARTINHEIRA, José Sintra Catálogos dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino.

3.3.4 PROJETO RESGATE E LEITURA PALEOGRÁFICA

É estreita a relação entre leitura paleográfica e a experiência no Projeto Resgate, este empreendimento histórico cultural que foi buscar no AHU, em Lisboa, Portugal, a documentação referente ao Brasil colonial. Com quase cem por cento dos documentos manuscritos, datando, no caso da Capitania de Goiás, de 1731 a 1822, se não houvesse um mínimo de conhecimento paleográfico, o trabalho seria prejudicado e correr-se-ia o risco de não se conseguir descrever, com exatidão, a documentação manuseada.

A realidade da maioria dos pesquisadores que trabalharam com a documentação no AHU era, até então, de pouco contato com documentos manuscritos. A realidade do Estado de Goiás, por exemplo, era, então bem mais diferenciada. Poucas pesquisas haviam ocorrido sobre o século XVIII e XIX e a documentação manuscrita, de certa forma, causava, nos alunos e pesquisadores, um temor quanto às dificuldades de leitura e transcrição.

No AHU os pesquisadores foram socorridos pelos funcionários e pelos pesquisadores mais experientes, mas na realidade de cada estado brasileiro, as dificuldades da leitura e transcrição paleográficas assustavam e afugentavam o interesse pelas pesquisas na documentação manuscrita. As noções sobre Paleografia passadas aos pesquisadores pelos funcionários do AHU tiveram, ainda, o condão, de suscitar nos estados brasileiros que receberam cópias em microfilme e digitalizadas da documentação a conscientização da necessidade de se conhecer melhor as técnicas e métodos paleográficos, bem como as tipologias documentais estudadas pela Diplomática.

As noções a respeito da Paleografia e o estudo do documento a partir da visão que a Paleografia oferece, foram importantes para se obter do documento a informação de que se necessita. A experiência no Projeto Resgate pôs às claras a angústia de alguns pesquisadores diante dos documentos, das letras, palavras arcaicas, abreviaturas, construções indiretas e outras características dos documentos manuscritos do século XVIII, principalmente. Era imprescindível, para se fazer a descrição documental, que se realizasse a leitura do documento. E foi na persistência, na pertinácia da leitura, auxiliados pelos funcionários experientes do AHU, que se conseguiu realizar um bom trabalho, ler, com segurança os documentos para, com sua resenha, construir os instrumentos de pesquisa, quais os catálogos dos documentos das diversas capitanias.

Em Lisboa, os pesquisadores contaram com a assistência dos funcionários do AHU que, na lida diária com a documentação, tornaram-se excelentes paleógrafos. Os brasileiros que ali trabalhavam também se uniram, cada qual ajudando um ao outro na decifração dos muito diferentes tipos de letra, o que dificultava muito o trabalho.

Mas as dificuldades não foram apenas quanto às letras. Muitas vezes trabalhava-se com documentos danificados pela corrosão da tinta feita à base de vitríolo²⁷², ou tintas ferrogálicas²⁷³, com pigmentos que descoram com o passar dos anos, com manchas e borões devido ao contato com água, e documentos mutilados²⁷⁴.

Também o vocabulário foi outra faceta que trouxe algum percalço. Vocábulos arcaicos, palavras não usadas hoje em dia, ou cujo significado ao tempo da feitura do

²⁷² Pó de vidro moído que entrava na composição das tintas para escrever, funcionando como inseticida e como fixador. Cf. LEAL, João Eurípedes Gualandi Franklin. *Glossário de Paleografia*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1994, p. 59.

²⁷³ Tinta que tem um de seus componentes formados da resina extraída da árvore de noz de galha, da qual se extraem o ácido gálico e o ácido tânico, componentes de várias tintas. Estes ácidos são misturados a moléculas de ferro, produzindo uma tinta escura que com o tempo, por ser ácida destrói o suporte (no caso, o papel), no tracejado da escrita. Cf. MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953, p. 90.

²⁷⁴ Outras dificuldades comuns, a troca do *v* pelo *b*, muito comum ainda hoje em Portugal e pouco utilizado atualmente no Brasil, como *travalho*, por trabalho, *trabessia*, por travessia e muitas outras palavras. Abreviaturas diversas, nem sempre padronizadas, siglas, letras que se confundem como o *n* e o *u*, o *u* e o *v*, palavras ligadas, falta de pontuação, pontuação errônea e outras dificuldades. Acresce-se a isso, a falta de alfabetização dos autores dos textos documentais, aumentando as dificuldades com a troca de letras, confusões no uso do *ss*, *z*, *ç*, e aí por diante, o que requer do leitor muita atenção e responsabilidade, para não transcrever gato por lebre.

documento era outro. Mesmo que a Paleografia não se volte para a interpretação documental, ficando, esta, mais restrita à Diplomática, se houver dificuldade de leitura de uma palavra, o contexto auxilia na sua decifração. Ora, se ocorre com a palavra em questão, a mudança de seu significado do século XVIII para atualidade, este contexto fica confuso, dificultando ainda mais a leitura documental para a sua descrição em verbete. Quanto ao vocabulário pode-se elencar como exemplo as seguintes palavras encontradas na documentação:

PALAVRAS ARCAICAS	SIGNIFICADO ARCAICO	SIGNIFICADO ATUAL
Arratel	Peso de 16 onças	Peso de 16 onças (não usual)
Exterminar	Desterrar, lançar fora dos limites	Eliminar matando, fazer desaparecer (acepção moderna, mais usual)
Fábrica	Organismo que administra o patrimônio e os rendimentos de uma paróquia católica e zela pela conservação de seus bens móveis e imóveis.	Estabelecimento ou lugar onde se fabrica alguma coisa (acepção moderna, mais usual)
Fazenda	Bens, haveres, mercadorias.	Terras de lavoura, ou de gado, rendimentos públicos.
Fogo	Casa	Um dos quatro elementos.
Formidável	Pavoroso, temeroso, que é para temer.	Que desperta admiração e entusiasmo, excelente, ótimo.
Infestar	Assolar, devastar (campos, costas, mares).	Existir em grande quantidade em; abundar (mais usual)
Parada	Correio (popular, adveio do lugar onde chegavam (paravam) as tropas com as correspondências).	Desfile de tropas em dias festivos; ponto de ônibus.
Peão (pião)	Homem de pé nas tropas	Indivíduo que se emprega nos trabalhos de roça com vencimentos diários ou mensais.
Púcara	Panela pequena	Palavra desusada
Rapariga	Moça, feminino de rapaz.	Prostituta, meretriz, safada.
Residência	Informação que se tira do procedimento de juízes, governadores etc, mais ou menos como uma sindicância.	Morada habitual, lugar onde se reside.
Tráfico	Negócio, comércio.	Negócio fraudulento, indecoroso (mais usual)
Trastes	Peças do uso de casa, de uso doméstico.	O que não tem mais valor (mais usual)

Tabela 42 – Palavras arcaicas e seus significados outrora e atualmente.

PALAVRA HÍBRIDA PORTUGUÊS E TUPI)	PALAVRA PORTUGUESA	PALAVRA INDÍGENA	SIGNIFICADO
Casacossu (açu, uçü)	Casaco: Peça de vestuário de homem, com mangas e abas; sobretudo.	Assú ou açú: grande	Casaco grande. Referia-se ao Governador que usava um sobretudo.

Tabela 43– Palavra híbrida.

PALAVRA DE ORIGEM INDÍGENA: PARANAÍBA	
Como escrita em documento do Resgate	<i>Prana a hyva</i>
Grafia correta à época	<i>Paranahyba</i>
Grafia atual	<i>Paranaíba</i>

Tabela 44 – Palavra de origem indígena.

METÁTESE²⁷⁵	GRAFIA CORRETA
Tramela	Taramela
Pertende	Pretende
Percisa	Precisa
Perjuízo	Prejuízo
Estrovo	Estorvo

Tabela 45– Palavras que sofreram metátese.

Esta é apenas uma amostra das palavras mais comuns, mas muitas outras surgiram, sem falar na pontuação esdrúxula, na escrita dos números, nas inúmeras abreviaturas que em um documento podiam ter um significado e em outro, significado diferente. Dependia-se, às vezes, do contexto para se identificar a palavra abreviada, outras vezes, uma palavra possuía mais de uma abreviatura. Abaixo, como exemplo, algumas abreviaturas desenvolvidas²⁷⁶:

ABREVIATURAS	SIGNIFICADO 1	SIGNIFICADO 2	SIGNIFICADO 3
Am^o.	Amigo	Amaro	
Agt^e.	Agente	Aguardente	
Cat^o.	Cativo	Católico	
Barr^o.	Barreiro	Barreto	Barroso
Br^o.	Brigadeiro	Brito	
C^{ta}.	Costa	Conta	
C^{te}.	Cavalcante	Corrente	Comandante
C^{to}.	Castro	Cativo	Couto

Tabela 46– Exemplos de abreviaturas utilizadas e seus significados.

Com o andamento dos trabalhos das diversas equipes que trabalhavam cada qual com a documentação e sua capitania, foi se encontrando documentos que pertenciam a outras capitanias. Muitos documentos de Goiás estavam erroneamente na capitania do Rio de

²⁷⁵ Transposição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 362.

²⁷⁶ Diz-se “desenvolver” a abreviatura quando, na transcrição, escreve-se a palavra inteira que no documento se encontra abreviada. Cf. *Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos*. IN BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. 2ª edição, Santa Maria: Editora UFSM. 1995, p. 68.

Janeiro e isso pode ser explicado. O nome Goiás, no século XVIII era escrito muitas vezes Goyazes ou Guayazes, o que colaborou para se confundir com a localidade denominada Goytacazes, cidade da capitania do Rio de Janeiro. Também houve equívoco com vários documentos com data tópica de Vila Rica, capital da capitania de Minas Gerais ou Vila Bela, capital da capitania de Mato Grosso. Funcionários descuidados confundiam essas localidades com Vila Boa, a capital de Goiás e assim muitos documentos datados de Vila Boa, estavam, equivocadamente, naquelas capitanias.

Aliás, a palavra Goiás no século XVIII, encontra-se grafada de várias formas: Goiás, com i e s, como atualmente se escreve; Goiazes, com i e z, Guaiazes, Guaiás, Goiaiazes, e Goyaz com y e z.

Essas dificuldades, ligam-se à chamada Paleografia elementar – que se preocupa com a leitura e transcrição. Mas lançou-se mão, também, da Paleografia crítica, que estuda a classificação dos tipos gráficos nos diversos momentos da escrita, a evolução e história dos estudos paleográficos, cujo estudo é de grande importância e grande auxiliar na contextualização do documento, auxiliando na sua datação, na compreensão de certas particularidades devidas ao autor. Particularmente na datação de documentos cuja data não estava legível ou mesmo não constava do documento é que a Paleografia crítica foi utilizada no Projeto Resgate.

Atualmente, com a necessária e crescente profissionalização do historiador, várias áreas do conhecimento são beneficiadas pelos que se dedicam à Paleografia. Diversas áreas profissionais como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, entre outras, se beneficiam dos estudos paleográficos, os quais, junto com a Diplomática, contribuem para a pesquisa da decifração e evolução das línguas, prestando, assim, um serviço também à Linguística e à Filologia. No dizer de Ubirajara Dolácio Mendes, paleógrafo brasileiro, dificilmente se compreenderia a existência da Filologia sem a

Paleografia²⁷⁷. Ao facilitarem a leitura e garantirem a autenticidade ou a falsidade dos mais variados documentos, configuram-se como ciências auxiliares da Antropologia e da História. Sobretudo quando essa passa a se ocupar mais particularmente dos costumes, das mentalidades, da literatura. Ainda a Paleografia presta relevante serviço à chamada crítica genética, quando busca revelações novas em rascunhos de documentos e de obras literárias. Sem falar no inestimável serviço nas relações internacionais, esclarecendo dúvidas quanto a tratados e divergências de fronteiras.

O conhecimento paleográfico no trabalho com os documentos da capitania de Goiás foi importante para se ter uma segurança maior na transcrição dos documentos manuscritos, ação necessária para a construção dos instrumentos de pesquisa.

3.3.5 A CONSTRUÇÃO DOS VERBETES

Na explicação metodológica elaborada pela arquivista Heloísa Liberalli Bellotto e constante do Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo²⁷⁸, a arquivista descreve a sequência das informações constantes do verbete descritivo de cada documento: data crônica, data tópica, tipo documental, tradição documental, (cargo, títulos, nome), destinatário (se for o caso, cargo, títulos, nome), assunto, observações (língua, estado do documento), anexos, cota (notação) antiga e atual.

Para se exemplificar esta metodologia utilizada no Projeto Resgate na descrição da documentação avulsa, apresenta-se, a seguir, o quadro sintético com a sequência utilizada no verbete:

1.	Data Crônica -
2.	Data Tópica -
3.	Tipo Documental -
4.	Autor -

²⁷⁷ MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia...* op. cit., p.15.

²⁷⁸ BELLOTTO, Heloísa Liberalli (org.), ARRUDA, José Jobson de (Coord.) et alii. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830)*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2000, p. 289.

5.	Destinatário -
6.	Assunto -
7.	Observações -
8.	Anexo -
9.	Notação (Atual) -
10.	Notação Antiga -

Tabela 47 – Principais informações dos verbetes

Adiante elenca-se alguns verbetes constantes do *Catálogo dos Verbetes dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Goiás Existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (1731-1822)*²⁷⁹ como exemplos da aplicação desta metodologia.

Os verbetes escolhidos são os que apresentam informações técnicas diferentes: um sem qualquer informação adicional, outro com observação, outro com notação atual e a antiga, e outro com data presumida. Os colchetes são utilizados quando o documento não possui uma informação, mas por meio de pesquisa bibliográfica ou em outro documento, a informação é encontrada. Quanto à notação atual e antiga é necessário que se esclareça que durante o Projeto Resgate documentos que se encontravam erroneamente em outras caixas ou séries, foram realocados, sendo necessário indicar a notação antiga dos mesmos como informação útil aos pesquisadores.

Veja, abaixo, o exemplo de verbete sem informação adicional. Note-se que nos campos “observações e anexo”, nada consta. Os dados elencados foram os que se obtiveram, dentro necessária concisão, da leitura e observação do documento que está em bom estado de conservação e não contém anexo:

²⁷⁹ TELES, José Mendonça (org.), PINHEIRO, Antônio César Caldas (Coord.). *Catálogo de Verbetes do Manuscrito Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001.

1740, Dezembro, 14, Lisboa CARTA do ouvidor-geral de Goiás, Manuel Antunes da Fonseca, ao rei Dom João V, sobre algumas ordens necessárias ao bom cumprimento de seu ofício. AHUGoiás AHU- ACL-CU-008, Cx. 2, D. 117	
Data Crônica	1740, Dezembro, 14
Data Tópica	Lisboa
Tipo Documental	CARTA
Autor	Ouvidor-geral de Goiás, Manuel Antunes da Fonseca
Destinatário	Rei D. João V
Assunto	Ordens necessárias ao bom cumprimento de seu ofício
Observações	Não contém
Anexo	Não contém
Notação Atual	AHU- ACL-CU-008, Cx. 2, D. 117 Desenvolvida, a notação quer dizer: AHU - Arquivo Histórico Ultramarino ACL – Arquivo Central CU – Conselho Ultramarino 008 – é o número da série Capitania de Goiás Cx. – Caixa D. – Documento número

Tabela 48 - Verbetes sem informação adicional

O verbete com informação adicional é aquele que além do resumo de seu conteúdo, apresenta informações interessantes seja para o pesquisador, seja para a conservação do próprio documento. O quadro abaixo apresenta um verbete em que além do resumo documental, refere-se, na observação, ao mau estado de conservação do documento seguida da informação de que o documento possui dois documentos anexos:

1745, Abril, 22, Lisboa DECRETO do rei D. João V nomeando Bernardo de Oliveira Leitão na serventia do ofício de inquiridor, contador e distribuidor de Vila Boa, comarca de Goiás. Obs.: m. est. Anexo: 02 documentos AHUGoiás AHU- ACL-CU-008, Cx. 3, Do. 269	
Data Crônica	1745, Abril, 22
Data Tópica	Lisboa
Tipo Documental	DECRETO
Autor	Rei D. João V
Destinatário	Bernardo de Oliveira Leitão
Assunto	Nomeação para o ofício de inquiridor, contador e distribuidor de Vila Boa
Observações	m. est. (documento em mau estado de conservação)
Anexo	02 documentos
Notação Atual	AHU- ACL-CU-008, Cx. 3, D. 269

Tabela 49 - Verbetes com informação adicional

Os documentos que contém a notação antiga, além da notação atual, são documentos que estavam guardados indevidamente em caixas ou séries e que com os trabalhos do

Projeto Resgate no AHU se constatou que haviam sido classificados erroneamente. Dessa forma foram transferidos para o acervo devido. Assim sendo, é necessário que a notação antiga conste da referência atual como informação aos pesquisadores, mesmo porquê este documento pode ter sido citado em algum trabalho anterior, no qual se indicou sua notação antiga. Para que esta informação chegasse completa ao pesquisador, seria necessário que na série de onde saiu o documento, constasse, também, que foi inserido em outra caixa ou série, o que não aconteceu na consecução dos trabalhos. Veja exemplo abaixo com notação antiga e o anexo com a informação adicional:

1760, Maio, 4, Goiás CARTA do intendente e provedor da Fazenda Real de Goiás, Luís Antônio Rosado da Cunha, ao rei D. José, sobre a alteração da formalidade praticada nas correspondências oficiais e se deve ou não colocar nos ofícios da administração o nome dos ministros muito por baixo dos nomes dos generais. Anexo: 03 documentos. AHU- Mato Grosso, Cx.12, D.05 AHU- ACL-CU-008, Cx. 16, D. 963	
Data Crônica	1760, Maio, 4
Data Tópica	Goiás
Tipo Documental	CARTA
Autor	intendente e provedor da Fazenda Real de Goiás, Luís Antônio Rosado da Cunha
Destinatário	Rei Dom José
Assunto	Alteração da formalidade praticada nas correspondências oficiais
Observações	Não contém
Anexo	03 documentos
Notação antiga	AHU- Mato Grosso, Cx.12, D.05
Notação Atual	AHU- ACL-CU-008, Cx. 3, D. 269

Tabela 50 - Verbete com notação antiga e atual.

O verbete com datação presumida é aquele em que o documento não se apresenta datado, seja falta da data cronológica ou tópica, mas que por pesquisas bibliográficas ou conhecimento a partir de outros documentos se pode inferir. É o caso de um documento sem data e enviado à Rainha Dona Maria I. Seu nome não é citado, mas devido o ano, sabe-se que é do seu reinado, por isso seu nome está entre colchetes. O despacho existente à margem do documento traz a data de 25 de janeiro de 1783, portanto, logicamente, o Requerimento foi escrito antes da data do despacho, por isto a data está dentro dos colchetes com a referência que de o documento é “anterior” à aquela data. Veja abaixo:

[ant. 1783, Janeiro, 25] REQUERIMENTO de Manuel Pereira de Moraes, à rainha [D. Maria I], solicitando confirmação da carta patente do posto de capitão de Ordenanças do arraial de Arraias, capitania de Goiás. Anexos: 01 documento. AHUGoiás AHU- ACL-CU-008, Cx. 34, D. 2081	
Data Crônica	[ant. 1783, Janeiro, 25]
Data Tópica	Não contém
Tipo Documental	REQUERIMENTO
Autor	Manuel Pereira de Moraes
Destinatário	Rainha Dona Maria I
Assunto	solicitando confirmação da carta patente
Observações	Não contém
Anexo	01 documentos
Notação Atual	AHU- ACL-CU-008, Cx. 34, D. 2081

Tabela 51 - Verbete com datação presumida.

Esta padronização, como já mencionado, só veio a ocorrer quando o trabalho de algumas capitanias já se encontrava adiantado, não sendo possível, devido ao tempo empregado e à enorme despesa que seria necessário fazer, corrigir todo o trabalho já realizado. No entanto, a partir de 1998, todo o trabalho no AHU seguiu esta metodologia, padronizando-se. Sem isso seria uma enorme confusão e a apresentação formal dos catálogos e mesmo a organização de todo o Fundo Brasil ficaria comprometida devido à diferença de metodologias que poderiam ser utilizadas.

Também os códices referentes ao Brasil, com datas limites que vão do século XVI ao XIX foram microfilmados e digitalizados como toda a documentação do AHU referente ao Brasil²⁸⁰. O Trabalho do Projeto Resgate no AHU se deu em relação aos documentos avulsos, quanto aos códices que já se encontravam inventariados, apenas custeou a microfilmagem, digitalização e a impressão do catálogo organizado por José Sintra Martinheira.

Para a realização de todo este trabalho, equipes foramdas por mais de cem pesquisadores pertencentes a mais de uma centena de instituições públicas e privadas, brasileiras e portuguesas, debruçou-se sobre a documentação do AHU. O número de componentes das equipes variava de acordo com o tamanho das séries documentais

²⁸⁰ Segundo o método adotado pelo Resgate, toda a documentação foi microfilmada no AHU pelas Empresas EMECO e SCANSYSTEM, empresas brasileiras com filiais em Portugal. Posteriormente, no Brasil, os microfilmes foram automaticamente digitalizados. Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes...* op. cit., p. 292; BERTOLETTI, Esther Caldas. *Brasil e Portugal...* op. cit., p. 127.

que seriam trabalhadas. Os pesquisadores que compunham as equipes eram oriundos de universidades públicas e privadas e de outras instituições ligadas à pesquisa histórica. Apesar disso, os membros das equipes possuíam formação muito díspare. Mesmo os que eram historiadores não estavam, muitas vezes, preparados para trabalhar com a documentação manuscrita dos séculos XVI ao XIX. A aprendizagem quase sempre foi empírica e os pesquisadores aprendiam, também, a partir da experiência dos que estavam há mais tempo no AHU. O certo é que o Projeto Resgate foi uma iniciativa sem paralelo nos países lusófonos, e seu resultado só será reconhecido a longo prazo. No entanto já se percebe, na historiografia atual, avanços significativos no estudo do passado brasileiro, por influência da documentação organizada, microfilmada e digitalizada, agora ao alcance dos interessados.

Em trabalho de tal monta e que tenha durado tanto tempo, passando por fases diversas, é difícil não haver falhas. Diga-se, porém, que as falhas detectadas foram poucas e não afetaram o escopo principal do Projeto Resgate, o de disponibilizar as fontes para a história do Brasil existentes no AHU, em Portugal.

Os problemas detectados, como já dito, não deslustram o resultado do Projeto Resgate, são apontados aqui, apenas, para que em projetos semelhantes se possa corrigir estes senões que se pode dizer, são superficiais. Nesse sentido, detectou-se os seguintes problemas:

- Falta, desde o início do projeto, de padronização dos verbetes;
- Aproveitamento de antigos catálogos elaborados na primeira metade do século XX, sem métodos, ou com métodos diferentes dos atuais,;
- Troca, às vezes constante, de pesquisadores no trabalho com a documentação de algumas capitanias;
- Falta de padronização gramatical e de vocabulário comum;
- Finalização tardia do trabalho com a documentação das capitanias do Rio de Janeiro e da Bahia, que continham muita documentação pertencente às outras capitanias.

Na realidade Alfredo mendes Gouveia era excelente funcionário e desincumbiu-se bem de sua missão. Criterioso, buscou distinguir os documentos que mereciam apenas o resumo, daqueles que, devido sua importância e abrangência de informações, deveriam ser totalmente ou parcialmente reproduzidos. Portanto, os verbetes prolixos de Mendes Gouveia foram elaborados conscientemente, tentando sanar a dificuldade de cópias naquele tempo.

Os catálogos da capitania de São Paulo foram editados em dois volumes. O primeiro com verbetes elaborados pela equipe do Projeto Resgate, possui verbetes bem resumidos, já o segundo volume difere, pois foi, praticamente, a reedição do catálogo de Mendes Gouveia. Ao se aproveitar os verbetes de Mendes Gouveia que constituiu o segundo volume do catálogo da capitania de São Paulo, houve, apenas, conferência entre documento e o verbete, certificando-se que um verbete correspondia realmente ao documento, para não incidir em erro, já que os documentos estavam numerados, com notação que foi mantida. Desta forma, os documentos mais relevantes foram reproduzidos quase que na íntegra nos verbetes e assim foram mantidos pelo Projeto Resgate. Daí a clara distinção entre o volume primeiro e o segundo do Catálogo da Capitania de São Paulo²⁸¹. Como exemplo, apresenta-se um verbete de Mendes Gouveia que ilustra bem a prolixidade de muitos de seus verbetes:

DOC. Nº	77
DATA CRONOLÓGICA E TÓPICA	[ant. 1706, Novembro, 7, Câmara da Vila de São Paulo]
TIPOLOGIA	INFORMAÇÃO e INSTRUÇÃO
VERBETE	
INFORMAÇÃO e INSTRUÇÃO que se dá para se resolver sobre o caso de um terreno do (governador e capitão-mor da capitania de São Paulo e Minas), Pedro Taques de Almeida, com notícia do que contém os papéis, inclusos, o que moveu o requerimento e o que neste se pretende, no Conselho Ultramarino a que pertence. Na informação diz-se que no bairro de Santo Amaro, distante 800 braças de São Paulo, está uma terra a que chamam capão, por ser mato cercado por terreno cultivado por todos os lados, e que confina com um sítio chamado Pinheiros. Aqui junto fica uma fazenda de Fernão Dias, que a cultivou juntamente com aquele capão. O dito Fernão Dias foi o primeiro possuidor desta terra e possui não só aquele capão mas também a fazenda Pinheiros que é agora de um neto, Fernão Dias de Barros e outra que pertence agora ao capitão Manuel Carvalho e a Pedro Porrata Penedo, com direito de nunca pagarem foro a Câmara da vila de São Paulo. Confronta	

²⁸¹ *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1618 -1823)*. Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 36.

esse capão, na parte que fica mais perto da vila de São Paulo: numa ponta para o lado dos Pinheiros, com a fazenda do capitão Fernão Pais de Barros e do lado do mar, parte com terras de Francisco Correia de Figueiredo, chamadas Ipiranga por onde vão as estradas de Santo Amaro e bairro de Pedro Bianco. A terra deste capão, passou depois a Manuel João Branco, filho do seu possuidor e a David Ventura e deste passou, por herança, a Francisca de Lima. Em 1673, parte dela foi vendida a Enemon Carrier e, em 1702, Francisca de Lima vendeu-as ao capitão mor Pedro Taques de Almeida, por bom preço pois as terras em volta da vila de São Paulo já tinham subido muito de valor. Este, em 1703, comprou a parte de Emerson Carrier, vindo assim possui todo o capão. O capitão Pedro Taques de Almeida, de posse da terra, cultivou-a, construiu uma casa e um curral, e deu parte dela a dois genros; o capitão D. Francisco Rondon, e Bartolomeu Pais de Abreu, que também construíram casas e desenvolveram lavoura. Sendo estes os seus possuidores legítimos, os oficiais da Câmara da vila de São Paulo que sem qualquer título aforaram toda a terra em volta daquela vila, no ano de 1704, aforaram-na a Manuel Pinto Guedes. O dito capitão mor Pedro Taques de Almeida pôs então uma questão, que ganhou, e os seus genros continuaram na posse. Em 1705, sendo juiz ordinário da vila de São Paulo, o capitão Bartolomeu Pais de Abreu, teve ele uma questão com os vigários e mais eclesiásticos. Nesse tempo eram ali juizes, Pedro Alves Fagundes e João da Cunha Leme que, ainda que desonestamente o quisessem, não puderam modificar a decisão da sentença, que viera da Relação da Bahia, a favor de Bartolomeu Pais de Abreu. Então, aqueles juizes, fomentados pelos eclesiásticos, deram-se por ofendidos, procuraram prejudicar o dito capitão e seu sogro, tirando-lhe o capão e mandando em nome dos oficiais da Câmara que não continuassem ali com benfeitorias. Tendo o dito capitão-mor apresentado já sua petição, que foi despachada pelo ouvidor feral da vila de São Paulo, Bento do Amaral Silva, para que se entregasse ao escrivão da Ouvidoria, este apresentou-a ao juiz, Pedro Alves Fagundes e ao procurador do Conselho, Salvador de Oliveira, que recolheram a petição, sob o pretexto de não querer demandas, e impediram assim os meios ordinários de se resolver o assunto, e, nos últimos dias do seu julgado, mandara, então notificá-lo que não continuasse com benfeitorias até ordem do Rei, a quem recorreram.

NOTAÇÃO ATUAL	AHU-São Paulo-MGouveia, cx.1, doc.77
NOTAÇÃO ANTIGA	AHU_ACL_CU_023-01, Cx.1, D.77.

Tabela 52 - Exemplo de verbete prolixo. Fonte: Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1618 -1823).

Como se depreende, o verbete é quase um outro documento. O que ocorreu, como já mencionado, é que os verbetes elaborados por Mendes Gouveia não foram refeitos, mas apenas conferidos com os documentos e os verbetes reaproveitados no catálogo de São Paulo. Por isso, seguindo o critério adotado por Mendes Gouveia, muitos verbetes apresentam o documento quase inteiro, não sendo conciso, mas, pelo contrário, prolixo e narrativo.

Pode se constatar, ainda, que a troca constante de pesquisadores no trabalho com a documentação do Projeto Resgate, pode ser aventada como uma das causas que, mesmo não influenciando diretamente na qualidade dos verbetes, colaborou para que o trabalho durasse mais tempo no AHU.

Percebe-se uma melhor uniformização dos verbetes nos catálogos das capitâneas menores, que possuem um menor número de documentos e que por isso demandou menos tempo, podendo começar e terminar com uma só equipe.

Isto leva a perceber uma sensível falha na adoção de um vocabulário comum, de uma normatização gramatical, opções de grafia e controle da sinonímia, homonímia e quase-sinonímia. A este respeito, algumas exemplos podem ser dados:

O nome da capitania de Goiás, vem também grafado: Goyazes, Guaiases, Goyaz. Como a equipe que trabalhou a documentação de Goiás permaneceu uma só, do início ao final do trabalho, e já havia ocorrido o consenso com o AHU quanto ao uso do português do Brasil, convencionou-se que a grafia do nome da capitania seria Goiás, e a da tribo indígena que deu nome ao território seria Goiazes, com “i” e “s” como na atualidade.

Na identificação, organização e descrição dos documentos da capitania de Minas Gerais, certamente devido os trabalhos com esta documentação terem começado no AHU ainda antes da implementação do Projeto Resgate, como já demonstrado, propiciou que os catálogos de Minas Gerais não seguissem o mesmo padrão formal das outras capitâneas, no que concerne à elaboração dos verbetes. Nesse sentido pode-se detectar as seguintes discrepâncias quanto à descrição dos documentos e elaboração dos verbetes quando o documento não apresentava data, o que diferiu do método adotado após a padronização do Projeto Resgate:

- A inserção da letra **A** em substituição ao número 1, na data do ano/milênio da emissão do documento. Por exemplo, **A740** significa documento produzido anteriormente ao ano de 1740;
- A inserção da Letra **P** em substituição ao número 1, na data do ano/milênio da emissão do documento. Por exemplo, **P740** significa documento produzido posterior ao ano de 1740;

- A inserção da letra **C** em substituição ao número 1, na data do ano/milênio da emissão do documento. Por exemplo, **C740** significa documento produzido em cerca do ano de 1740²⁸².

Além disso, não há uma rigorosa sequência cronológica dos documentos quanto à referência aos meses e dias.

As outras capitanias padronizaram a utilização das abreviaturas “ant.” (anterior), “post.” (posterior) e “c.” (cerca) para os documentos sem data, da seguinte forma: [ant. 1740], [post. 1740], [c. 1740], sempre dentro dos colchetes que indicam que o dado não estava expresso no documento, mas que a sua datação aproximada se deu por pesquisa bibliográfica, por ilação do próprio conteúdo documental ou informações obtidas nos documentos anteriores ou posteriores.

Outro ponto que chama a atenção é que as capitanias da Bahia e Rio de Janeiro que detinham o maior número de documentos e que foram as capitais do Brasil colonial (Salvador da Bahia até 1763, e Rio de Janeiro a partir daquele ano), foram as últimas a finalizarem o trabalho no AHU. Como foram sedes do governo português no Brasil, ocorreu que muita documentação que deveria estar nas outras capitanias, encontravam-se misturadas com os documentos das capitanias da Bahia e Rio de Janeiro.

Uma solução encontrada para este problema, foi a elaboração de índices. Por meio dos índices toponímicos que constam dos catálogos, pode-se recuperar as informações referentes a documentos que dizem respeito a outras capitanias.

No entanto, foi altamente positivo o resultado alcançado pelo Projeto Resgate “Barão do Rio Branco” que, apesar das dificuldades soube vencer a todas elas, constituindo para o Brasil em um valiosíssimo arsenal de fontes para a sua história.

²⁸² BOSCHI, Caio César (Coord). *Inventário dos manuscritos avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998.

3.3.6 AS ÚLTIMAS ETAPAS – MICROFILMAGEM E DIGITALIZAÇÃO

Após percorrer as etapas necessárias: identificação, conferência, leitura do documento e sua descrição e elaboração digital do verbete-resumo, o documento, integrado em seu conjunto, está descrito, com a devida notação e acondicionado.

Com vista à da microfilmagem, a descrição dos documentos foi sempre muito cuidadosa no AHU, seguindo passo a passo uma metodologia. Após a leitura documental, etapa intelectual do processo, passava-se para a elaboração do verbete-resumo, digitando-o. Este verbete, digitado já em ordem cronológica, portanto datado, seria fisicamente recortado e colado na capilha que cobre o documento. O último ato da alçada dos técnicos do Projeto Resgate que trabalharam diretamente com a documentação seria escrever a notação em lugar específico da capilha e numerar o documento.

Chegava-se, assim, à etapa da microfilmagem onde os técnicos dessa área microfilmavam primeiro a capilha contendo o verbete-resumo, notação e datação e logo após, o documento.

A microfilmagem produziu rolos referentes aos conjuntos documentais; no caso do AHU a maior parte são referentes às séries “capitanias”. O processo de microfilmagem pensado desde o início do Projeto Resgate foi realizado pelas empresas brasileiras EMECO e SCANSYSTEM com filiais em Portugal, seguindo, na época, os mais modernos critérios e normas internacionais.

Os microfilmes foram duplicados em quatro conjuntos. Como medida protetiva, a Biblioteca Nacional do Brasil está de posse de uma cópia de segurança e, posteriormente, cópias em negativo de segunda geração, sendo uma em saís de prata que podem manter ou inverter a polaridade do microfilme copiado (negativo para positivo ou positivo para negativo) e são compatíveis com todos os equipamentos. Outras cópias em negativo seriam entregues em cada Estado brasileiro a

universidades, arquivos públicos, instituições ligadas à pesquisa histórica. Em Lisboa, no AHU, ficaram os primeiros rolos produzidos pelo Projeto Resgate e uma cópia para pesquisa²⁸³.

A partir dos rolos de microfimes realizou-se a digitalização automática do acervo em suporte microfilmico, sendo responsável pelo trabalho uma empresa especializada que desenvolveu um software específico para o processo de digitalização.

Para facilitar a pesquisa, uma base de dados foi criada, contendo as informações principais. A pesquisa foi muito facilitada, já que se pode acessar diretamente o documento procurado, apenas digitando no campo específico o seu número.

Também um conjunto de CDs com toda a documentação microfilmada no AHU foi entregue às instituições brasileiras quando da entrega dos microfimes, e várias instituições do exterior, de diferentes países, receberam um conjunto de CDs e os catálogos.

3.4 O PROJETO RESGATE EM MEIO DIGITAL

O grande acervo levantado pelo Projeto Resgate e quase todo referenciado em Catálogos e Guias, impactou a pesquisa histórica brasileira, oferecendo, com facilidade a documentação que, após microfilmada, foi digitalizada, atingindo um número maior de pesquisadores que podem ter em suas casas a rica documentação sobre a história do Brasil.

O trabalho com a documentação obedeceu a etapas que já visavam, ao longe, a microfilmagem e a digitalização. Quando do manuseio com o acervo, os técnicos no

²⁸³ Cf. FREIRE, Luis Gustavo Lima. *O projeto Resgate e a história da educação brasileira: pontos de convergência*. IN *Jornal da Ciência – SBPC*. <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=45714>. (Consulta, 02 de dezembro de 2015).

AHU recortavam o verbete referente a cada documento e o colava à capilha (bifólio em cartolina) que cobre o documento. Na mesma capilha vem o número do documento, a série a que pertence e a data. Assim, quando da microfilmagem do documento, as informações existentes na capilha, identificam-no. Dessa forma, foram produzidos rolos correspondentes aos grandes conjuntos documentais. A partir desses rolos, extraíram-se os CD-ROMs que conservam as mesmas informações (notação, datas) existentes nas capilhas que cobrem os documentos originais acondicionados em caixas-arquivos no AHU.

Para a realização da microfilmagem procedeu-se, primeiro, a um estudo das mais modernas técnicas que estivessem dentro das normas internacionais. Observou-se, portanto, a duplicação dos microfilmes com a guarda das matrizes (cópias de segurança) buscando-se preservar o microfilme original, realizado com tecnologia apropriada, tudo no sentido de que, necessitando-se, as matrizes estejam perfeitas para delas se tirarem novas cópias. A arquivista Heloísa Bellotto que participou de perto dos trabalhos no AHU assim descreve a ação do Projeto Resgate nesta fase:

*“O processo de microfilmagem obedeceu às mais modernas normas internacionais, sendo os microfilmes duplicados em quatro conjuntos, que foram trazidos para o Brasil, ficando em Lisboa a cópia máster e uma cópia de pesquisa. Na Biblioteca Nacional conserva-se a cópia de segurança, um negativo de segunda geração em saís de prata, e nos arquivos públicos estaduais fica a outra cópia negativa, com a documentação relativa a cada um deles. As cópias positivas de pesquisa já estão disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e nos referidos arquivos.”*²⁸⁴

Democratizando ainda mais a pesquisa, os microfilmes foram digitalizados. O conjunto dos CDs, comportando os documentos de todas as capitânicas e outras séries microfilmadas e digitalizadas, foram entregues a diversas instituições nos estados brasileiros.

Para a digitalização foi elaborado um *software* mono-usuário que, automaticamente, digitalizava a partir dos microfilmes. Utilizou-se de uma base de dados, desenvolvida

²⁸⁴ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanente: tratamento documental*. 2ª edição, rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 291.

a partir das normas internacionais de digitalização, facilitando a investigação pelo pesquisador que poderá escolher o documento, imprimi-lo em parte ou no todo, aumentá-lo ou diminuí-lo, clareá-lo ou escurecê-lo conforme a necessidade. Para a efetivação a disponibilização *on line* dos documentos, contou-se com o apoio do laboratório do Curso de Engenharia de Redes da UnB (Universidade de Brasília).

Alguns problemas, porém, ocorreram por falta de atualização tecnológica do Projeto, obviamente necessária em área que constantemente está a evoluir. Assim o funcionamento do sistema tem apresentado alguns senões que se espera sanar a partir de parcerias e outros projetos de captação.

A apresentação do Projeto Resgate Digital do Centro de Memória Digital da UnB, resume bem o porquê da elaboração do Projeto Resgate em Conteúdo Digital:

*“O Projeto Resgate em Conteúdo Digital desempenha o papel de âncora do CMD. Resultou na criação do maior arquivo de documentação histórica em meio digital do Brasil, com aproximadamente 1,5 milhão de imagens on line pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. A aplicação das tecnologias de informação e comunicação na educação e cultura constitui, por definição, mecanismo de democratização e barateamento de acesso aos bens culturais. O CMD comunga, neste sentido, com políticas públicas de inclusão digital no campo educacional, científico e cultural por meio da pesquisa, criação e disponibilização de conteúdo digital sobre o patrimônio histórico e cultural nacional com acesso livre e gratuito.”*²⁸⁵

Acerca das imagens disponibilizadas pelo Projeto Resgate em Conteúdo Digital da UnB, é interessante conhecer o seu montante em números que chegam a mais de um milhão de imagens, faltando ainda a inclusão de outras séries como Reino, Brasil-limites entre outras:

²⁸⁵ SANTOS, Corcino Medeiros dos et al. *Introdução - O Projeto Resgate no Centro de Memória Digital da UnB*. IN *História Digital*. Ano 2, n. 2. Brasília: Gráfica e Editora Imagem, 2009, p.14.

CAPITANIA	Número de documentos	Número de Imagens
Pernambuco	20.029	185.377
Bahia - Avulsos	0	0
Bahia - Eduardo Castro de Almeida	3.021	62.232
Bahia - Luísa da Fonseca	3.280	19.567
Rio Grande do Sul	821	9.119
Piauí	1.716	19.439
Colônia de Sacramento e Rio da Prata	1.224	43.749
Paraíba	3.523	31.341
Goiás	2.950	33.906
Minas Gerais	13.921	92.441
Pará	12.690	97.887
São Paulo - Avulsos	1.383	17.104
São Paulo - Alfredo Mendes Gouveia	4.994	34.520
Alagoas	532	4.528
Ceará	1.436	10.907
Espírito Santo	549	3.505
Maranhão	13.118	105.039
Mato Grosso	2.221	18.590
Rio Grande do Norte	684	6.221
São José do Rio Negro - Amazonas	841	10.301
Santa Catarina	619	5.250
Sergipe	494	3.234
Códices	790	79.802
Secr. do Conselho Ultramarino - Avulsos	2.020	12.731
Rio de Janeiro - Avulsos	20.953	150.200
Rio de Janeiro - Eduardo Castro de Almeida	3.349	41.545
Total	117.158	1.098.535

Tabela 53 – Quantidade de documentos e imagens do Centro de Memória Digital. Fonte: Revista História Digital

Auxiliando a missão de democratização das fontes para a história do Brasil levantadas pelo Projeto Resgate, a Biblioteca Nacional do Brasil²⁸⁶ tem disponibilizado online os catálogos e os documentos de todas as capitanias, do Conselho Ultramarino e códices.

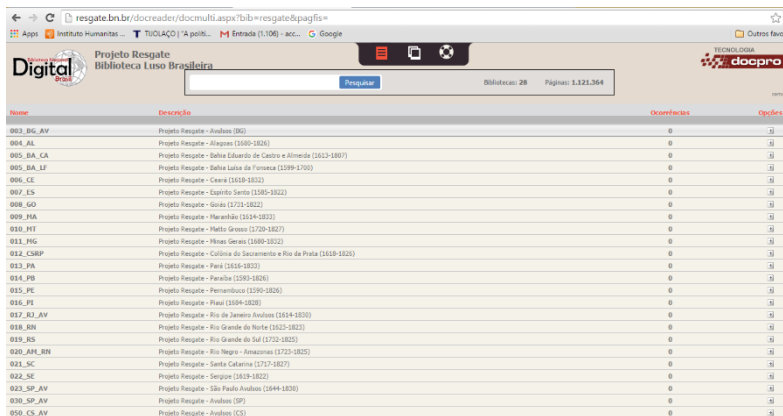
A Fundação Biblioteca Nacional – FBN, no seu papel de democratizar as fontes para a história do Brasil, criou, dentro do programa Biblioteca Digital, o Projeto Resgate - Biblioteca Luso Brasileira, com acesso a partir do link < <http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate&pagfis> >:

Esta iniciativa da FBN é um importante fomento para o estudo relacionado ao Brasil colonial por disponibilizar as fontes trabalhadas pelo Projeto Resgate no AHU, em Lisboa.

286 Cf. Biblioteca Luso-brasileira. IN

<http://resgate.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=resgate&pagfis> = (Consulta 20 de agosto de 2015).

Para a pesquisa no Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira, são apresentados em tabela 28 campos referentes às séries documentais do Brasil colonial existentes no AHU. São mais de 1.000.000 de imagens e mais de 200.000 documentos disponíveis em um dicionário de dados (Fig. 01) Contendo em colunas o nome das séries e descrição do arquivo com a data-limite.



Nome	Descrição	Ocorrencias	Opções
003_BG_AV	Projeto Resgate - Avulsos (90)	0	-
004_AL	Projeto Resgate - Alagoas (1600-1826)	0	-
005_BA_CA	Projeto Resgate - Bahia Eduardo de Castro e Almeida (1612-1807)	0	-
005_BA_M	Projeto Resgate - Bahia Lobo de Fomosa (1599-1700)	0	-
006_CE	Projeto Resgate - Ceará (1610-1822)	0	-
007_ES	Projeto Resgate - Espírito Santo (1580-1822)	0	-
008_GO	Projeto Resgate - Goiás (1721-1822)	0	-
009_MA	Projeto Resgate - Maranhão (1614-1822)	0	-
010_MT	Projeto Resgate - Mato Grosso (1700-1827)	0	-
011_MG	Projeto Resgate - Minas Gerais (1600-1822)	0	-
012_CSNP	Projeto Resgate - Colônia do Sacramento e Rio da Prata (1610-1822)	0	-
013_PA	Projeto Resgate - Para (1510-1822)	0	-
014_PB	Projeto Resgate - Paraíba (1500-1826)	0	-
015_PE	Projeto Resgate - Pernambuco (1590-1826)	0	-
016_PI	Projeto Resgate - Piauí (1604-1820)	0	-
017_RJ_AV	Projeto Resgate - Rio de Janeiro Avulsos (1614-1820)	0	-
018_RN	Projeto Resgate - Rio Grande do Norte (1603-1822)	0	-
019_RS	Projeto Resgate - Rio Grande do Sul (1722-1825)	0	-
020_AM_BN	Projeto Resgate - Rio Negro - Amacimas (1722-1825)	0	-
021_SC	Projeto Resgate - Santa Catarina (1717-1827)	0	-
022_SE	Projeto Resgate - Sergipe (1620-1822)	0	-
023_SP_AV	Projeto Resgate - São Paulo Avulsos (1644-1826)	0	-
026_SP_AV	Projeto Resgate - Avulsos (SP)	0	-
028_CS_AV	Projeto Resgate - Avulsos (CS)	0	-

Figura 01 - Dicionário de dados. Fonte: Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira

O próximo passo depois de selecionado o documento abrirá a janela do documento (Fig. 02).



Figura 02 - Documento selecionado aberto.

Fonte: Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira

O sistema possui uma ferramenta de filtro para selecionar os arquivos na pasta (Fig. 03).



Figura 03 - Instrumento de filtragem para selecionar os arquivos em pastas.

Fonte: Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira

Isto permite encontrar com mais agilidade a informação, no caso, a documentação da capitania ou o documento almejado (Fig. 04). Assim, apresentam-se as alternativas de busca dos documentos que se encontram separados em blocos dentro das pastas. Ao visualizar o documento, a primeira página será sempre a capilha, dela constando o verbete-resumo, a notação e numeração do documento.

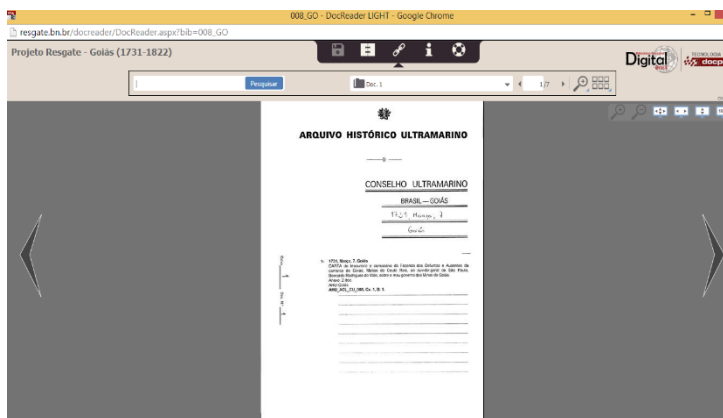


Figura 04, Arquivo selecionado aberto.

Fonte: Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira

O próximo passo utiliza-se a ferramenta para acessar as próximas páginas do documento, aqui, o manuscrito (Fig. 05).

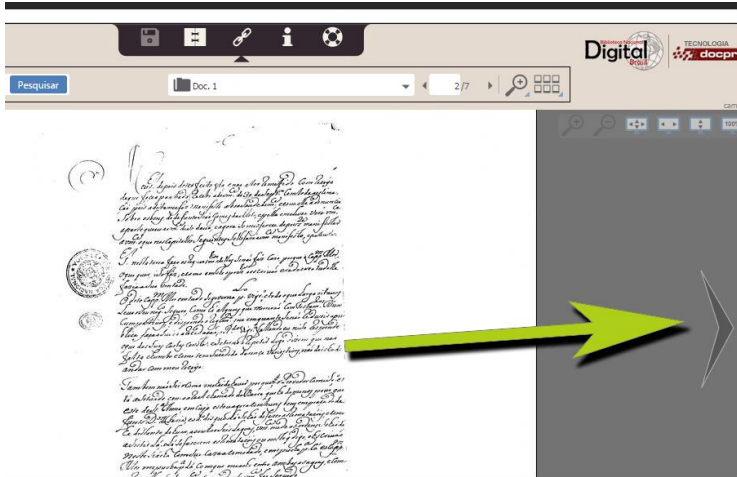


Figura 05 - Ferramenta para passar de página do documento acessível.

Fonte: Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira

A ferramenta do zoom auxilia sobremaneira a pesquisa (Fig. 06), possibilitando aumentar até 75 por cento, facilitando assim a leitura paleográfica. Há a possibilidade de se obter informações sobre: as pastas em que se encontram os documentos, apresentando no cabeçalho o acervo de que se trata, com as datas-limite, os números de pastas e de páginas de todo o acervo e o número de páginas dos documentos individuais.

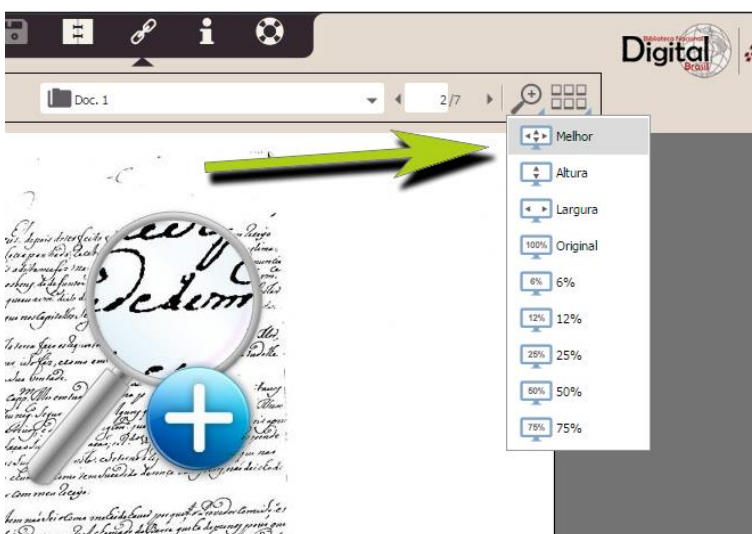


Figura 06 - Ferramenta de zoom para ampliar o documento e ter melhor visualização.

Fonte: Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira

O link < <http://bndigital.bn.br/sobre-a-bndigital/?sub=estatisticas-da-bnd> >, no qual se apresenta a estatística de visitas ao site, não mostra o cômputo individualizado para visitas ao Projeto Resgate – Biblioteca Luso Brasileira, mas para todo o site BN digital, não podendo, portanto, conhecer o número de acesso.

O Arquivo Histórico Ultramarino²⁸⁷ também disponibilizam *online* os catálogos de documentos digitalizados em suas páginas. Este é mais um esforço conjunto de promover a disponibilização das fontes históricas do passado comum Brasil/Portugal.

O Projeto Resgate Digital, abriu um campo antes difícil de ser trilhado no que se refere à busca de patrocínio para a sua realização e manutenção. Conseguiu superar alguns obstáculos na captação de recursos para projetos sobre patrimônio documental. Apostou na Lei do Mecenato, que, no Brasil faculta a empresas e instituições, a renúncia fiscal, aplicando em projetos culturais e sociais o que deveria ter sido pago como imposto. O “Resgate Digital”, nesse caminho conseguiu se estruturar e se mantém razoavelmente atendendo os pesquisadores.

3.5 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O Desejo de que a documentação de interesse do Brasil existente no Arquivo Ultramarino pudesse ser copiada e disponibilizada no Brasil para os pesquisadores e estudiosos da história brasileira, foi ganhando corpo e cada vez mais instituições e pesquisadores se juntaram neste afã. Muitos óbices existiram, entre eles o de caráter diplomático. Há anos arrastavam-se as negociações entre o Brasil e Portugal no sentido de se facultar, mutuamente, as fontes históricas de interesse dos dois países. Talvez o momento histórico daquela época em Portugal e no Brasil, que estavam sob

²⁸⁷ Para acessar os catálogos, inventários e informações sobre o número de documentos e microfilmes: Arquivo Científico Tropical Digital - Repository. IN <http://actd.iict.pt/collection/actd:CUF004> (Consulta 20 de agosto de 2015).

um regime ditatorial, não favorecia acordos neste campo. Faltava, na realidade, uma política que pudesse nortear e informar os dois países quanto à necessidade de se permitir a ambos cópia da documentação de seu interesse histórico existente em seus arquivos.

Muitos e múltiplos encontros, acordos e protocolos foram celebrados entre Brasil e Portugal, não logrando, porém, efeitos práticos em sua época. Porque estas iniciativas não deram resultados práticos? São várias as suposições que podem ser levantadas a partir do que se infere das pesquisas realizadas para este trabalho de tese. Três dessas suposições acerca da demora e procrastinação do início dos trabalhos do Projeto Resgate em Portugal e duas sobre os motivos que convergiram para a implementação do Projeto Resgate, o que seria a culminância dos diversos acordos e protocolos celebrados entre Brasil e Portugal:

- Apesar dos diversos encontros e acordos, não havia, na realidade vontade política de ambos os países o que havia era vontade por parte das instituições devotadas à pesquisa histórica, das universidades e do público pesquisador. A isto, deve-se somar, também, o contexto daquele tempo. O Brasil por estar na década de 1980 enfrentando um processo grave de inflação econômica e estar se reorganizando socialmente após quase vinte anos de regime ditatorial, e Portugal, reticente em autorizar a cópia dos documentos referentes ao Brasil existentes em seus arquivos, por crer que isto influiria na redução de pesquisadores nos arquivos portugueses²⁸⁸;
- Os acordos e protocolos se sucediam sem eficácia prática, por falta de uma coordenação maior que os concretizassem, o que viria ocorrer a partir da implementação do Projeto Resgate;
- Quando da implementação do Projeto Resgate, normas internacionais quanto ao direito dos países que antes foram colônias poderem copiar a

²⁸⁸ É sintomático que a dificuldade encontrada para efetivação das pesquisas se deu apenas em Portugal. Nos outros países para os quais se expandiria o Projeto não houve resistência quanto ao trabalho de levantamento das fontes e mesmo da realização de cópias dos documentos.

documentação de seu interesse existentes nas antigas metrópoles, apesar de já existentes há tempos, passaram a ser observadas e invocadas para estes casos;

- A aproximação das comemorações dos descobrimentos portugueses e dos 500 anos de descoberta do Brasil que ocorreu no ano 2000, propiciou uma maior celeridade e implementação dos acordos e protocolos, tendo em vista estas comemorações em ambos os países;
- O momento de implantação do Projeto Resgate se deu justamente quando o Brasil ajustou sua economia e conseguiu estabilidade político-financeira, o que propiciou investimentos públicos na área da pesquisa.

Após anos de negociações, em 1995 o projeto foi ganhando forma e implementado com o nome de Projeto Resgate Barão do Rio Branco, organizado pelo Ministério da Cultura do Brasil, tendo em vista as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil no ano 2000.

O Ministério da Cultura, para viabilizar o Projeto Resgate, convidou, em cada estado do Brasil que havia sido capitania na época colonial, instituições, geralmente ligadas ao mundo universitário, para que cada qual elaborasse um projeto ligado ao projeto maior - o Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Em Lisboa, cada equipe organizaria e descreveria a documentação referente a uma capitania. Após essa organização e descrição, os documentos seriam microfilmados e digitalizados, entregando-se um conjunto de CDs a instituições universitárias, bibliotecas e arquivos de todos os estados brasileiros.

Dentro de cada série referente às capitanias, a organização foi cronológica, não separando em grupos ou seções as espécies documentais e suas tipologias. Assim, tem-se diferentes tipologias organizadas cronologicamente, a partir da data tópica e cronológica mais antiga para a mais atual.

O cuidado com a identificação da tipologia documental seria fundamental para a elaboração dos instrumentos de pesquisa que cada capitania deveria elaborar posteriormente. Nesse particular, um estudioso de Diplomática do Antigo Regime,

funcionário do AHU, auxiliou as equipes brasileiras, elaborando, para consulta durante os trabalhos com a documentação, um manual identificador de tipologias.

Mesmo com todo este preparo, alguns senões impossibilitaram que a organização dos documentos referentes ao Brasil fosse uniforme. E isso se deveu mais à forma como se deu a implementação do Projeto Resgate que abarcou trabalhos que já estavam há algum tempo sendo realizados com metodologia um pouco diferenciada. Não obstante, essas diferenças não deslustram o projeto, até mesmo porquê ficaram circunscritas a apenas algumas capitânicas que, em seu conjunto particular, foram uniformemente organizadas.

Tanto tempo se gastou em encontros, acordos e protocolos que, quando da realização prática do Projeto Resgate, alguma série referente a capitânicas já haviam sido trabalhadas e apesar da metodologia adotada pelo Projeto Resgate não de diferir totalmente dos modelos adotados nos trabalhos anteriores, existiram diferenças pontuais.

Outro ponto que se destaca é que o treinamento oferecido às equipes se deu após adiantados os trabalhos de várias capitânicas. Muitos membros das equipes não eram tarimbados no trabalho com a documentação manuscrita e tinham pouco conhecimento sobre a técnica arquivística, principalmente quanto ao método de descrição documental. O curso oferecido pela arquivista Heloísa Bellotto foi importante para a capacitação das equipes e veio sanar os problemas de desencontro quanto ao método adotado pelo Projeto Resgate.

Para um projeto de tal envergadura, com alto custo de realização, haja vista a estadia dos pesquisadores em Portugal e demais países, levando-se em conta que cada equipe levou meses e algumas até anos na organização, acondicionamento e descrição dos documentos, os resultados foram muito bons. Notadamente, o Projeto Resgate enfrentou enormes desafios e necessitou de uma boa logística, de patrocinadores que

contribuísssem com este grande movimento em busca das fontes para a história do Brasil.

Mesmo os membros das equipes que trabalharam no Projeto Resgate, seja em Portugal ou em outros países da Europa e nos Estados Unidos, teriam de ser pesquisadores capacitados para o trabalho especializado. Por isso a grande maioria dos pesquisadores tinham laços com universidades e principalmente com os cursos de História de diversas instituições de nível superior do Brasil.

Sem dúvida, o grande patrocinador foi o Ministério da Cultura do Brasil, mas outras fontes de financiamento e patrocínio foram importantes, tanto públicas quanto privadas. Foi, na realidade, um juntar de forças, todos cooperando para a realização do Projeto tão sonhado e tantas vezes adiado por circunstâncias as mais diversas.

No Arquivo Histórico Ultramarino, onde a documentação de interesse do Brasil alcança 80% de todo o acervo ali guardado, o trabalho foi realizado com muita pertinácia, enfrentando-se a falta de infraestrutura do AHU, mas contando sempre com a boa vontade dos diretores e funcionários da Casa.

Foram vinte e quatro séries documentais trabalhadas no AHU, referentes ao Brasil. Destas, dezenove eram referentes às antigas capitanias do Brasil colonial e cinco a outras séries como Brasil-limites, Buenos Aires, Montevidéu e Paraguai, Códices, Iconografia e Cartografia.

Este acervo documental possui informações preciosas sobre o Brasil, e levando-se em conta que muito desta documentação não fora pesquisada porque se encontrava sem organização e descrição e por isso não se encontrava aberta, totalmente, à pesquisa, muitas informações inéditas aguardam os pesquisadores. E nesse sentido, o impacto sobre a historiografia brasileira só será devidamente conhecido quando as pesquisas com este acervo tiverem alcançado toda a documentação, o que somente ocorrerá após anos de pesquisa devido o grande volume de documentos disponibilizados.

Na realidade, um impacto sobre a historiografia se dá somente após muitas obras publicadas e não apenas a partir de um estudo. É necessário que diferentes olhares e diferentes métodos históricos esquadrihem a documentação para poderem contribuir com a historiografia de um lugar. A partir da mudança de paradigmas, as reflexões em torno das informações contidas nos documentos serão abalizadas e novos conceitos surgirão influenciando a historiografia.

No caso referente à documentação das capitanias, esta mudança se dará mais rapidamente nas Universidades cujos programas de pós-graduação em história enquadrarem-se na pesquisa do Brasil colônia, favorecendo a elaboração de monografias, dissertações e teses subsidiadas pela documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate.

Quanto à documentação encontrada em outros países, fora de Portugal, mesmo a pesquisa nas fontes precisa ser especializada e diferenciada, devido à língua e porque grande parte da documentação está apenas localizada e referenciada, não se tendo ainda cópias dos acervos. É claro que só dos documentos estarem localizados e referenciados, não necessitando que o pesquisador fique dias e dias apenas no levantamento das fontes existentes em diversos arquivos de alguns países, já é uma grande contribuição para a pesquisa histórica. Outra dificuldade, consequência disso, é a viagem para os países onde está a documentação, levando-se em conta todo o gasto e manutenção dos pesquisadores interessados.

Nesse mister, programas do Ministério da Cultura do Brasil e das universidades brasileiras têm fornecido bolsas para o exterior, o que tem concorrido para um aumento das pesquisas em outros países.

Capítulo 4

Antiga reivindicação, que remonta aos primeiros anos de atividade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e reaparece com forte “animus” no quadro das comemorações do V Centenário da Chegada de Pedro Álvares Cabral à “terra brasilis”, o Projeto Resgate envolveu pesquisadores de todos os Estados brasileiros, vinculados tanto a Universidades públicas e particulares, quanto a arquivos públicos, e recebeu o aporte financeiro de diversas empresas e instituições governamentais e privadas.

Francisco Corrêa Weffort - Ministro da Cultura do Brasil (1995/2002)

4 O PROJETO RESGATE EM PORTUGAL E SUA EXPANSÃO PARA OUTROS PAÍSES

4.1 A NOVA FASE DO PROJETO RESGATE E OS PERCALÇOS ENCONTRADOS.

Como visto, logo após a independência do Brasil, ocorrida em 1822, e dentro do espírito de formação da nacionalidade, surge, no país recém independente, a necessidade de conhecer a sua formação histórica. Para isso seria imprescindível, logicamente, a pesquisa nos arquivos de Portugal, a antiga metrópole.

Naturalmente que devido aos estremecimentos havidos entre Brasil e Portugal, somente após o acirramento dos ânimos é que brasileiros puderam dar início à pesquisa nos arquivos portugueses. Lembre-se que somente a 29 de agosto de

1825²⁸⁹ Portugal reconheceria a independência do Brasil, isto após algumas lutas ocorridas entre brasileiros e portugueses nas províncias do Maranhão, Piauí e Pará²⁹⁰.

Consolidando este reconhecimento, a Inglaterra teve papel importante nas mediações entre Brasil e Portugal, inclusive emprestando à nova nação dois milhões de libras esterlinas que deveriam ser pagos a Portugal, a título de indenização²⁹¹.

Quase que concomitante ao início dos primeiros empreendimentos de pesquisa nos arquivos portugueses, realizados, primeiramente pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, a partir de 1839, percebeu-se que não se poderia prescindir dos documentos históricos existentes em outros países que tiveram, de alguma forma, relação com o Brasil colonial.

O IHGB identificou estes países e alguns pesquisadores mantidos pela Coroa Brasileira puderam ensaiar as primeiras pesquisas fora de Portugal. Detectou-se que os países europeus com documentação de interesse para o Brasil eram Espanha, França, Holanda, Reino Unido e Irlanda, Bélgica, Áustria, Itália, Estado do Vaticano e Estados Unidos.

As missões financiadas pelo poder público e enviadas a estes países puderam mapear a documentação de interesse do Brasil. Para isso se valeu, também, de instrumentos de pesquisas referentes à documentação portuguesa existente em alguns desses

²⁸⁹ O reconhecimento da independência do Brasil, mediado pela Inglaterra, deu-se mediante a assinatura do Tratado do Rio de Janeiro, chamado, também, Tratado Luso-brasileiro, de Amizade e Aliança firmado entre Brasil e Portugal, assinado no Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1825. Cf. MARQUES, A.H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. 3ª edição, Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 428.

²⁹⁰ A chamada Guerra da Independência do Brasil foi, na opinião de muitos historiadores, uma guerra civil luso-brasileira, isto porque brasileiros e portugueses combateram em ambos os lados. Algumas capitâneas brasileiras não aderiram de pronto à independência lutando a favor de Portugal e muitos portugueses apoiavam a independência, lutando contra seus irmãos. As batalhas se deram nas regiões onde Portugal possuía maior concentração de tropas, como Salvador, na Bahia, Maranhão, Piauí e na Cisplatina, sendo que esta veio a formar o Uruguai. Cf. TAVARES, Luis Henrique Dias. *A Independência do Brasil na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 202.

²⁹¹ MORAES, Alexandre José de Mello. *A Independência e o Império do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2004, p. 290.

arquivos, pois no bojo da documentação de interesse de Portugal muitos documentos relacionados ao Brasil foram relacionados. Aliás, nada mais natural que na documentação respeitante a Portugal existam documentos sobre o Brasil, que por mais de trezentos anos foi colônia portuguesa. Mas as pesquisas foram além dos documentos mencionados nos guias, inventários e catálogos elaborados por portugueses. Uma massa grande de documentos que diziam respeito somente ao Brasil não chamaram a atenção dos pesquisadores portugueses, principalmente quando estes documentos eram de datas posteriores à independência do Brasil.

Muitos pesquisadores com financiamento próprio ou privado, também trabalharam a documentação referente ao Brasil e existente em arquivos europeus. Muitos deixaram instrumentos de pesquisa, guias, listas e inventários sobre esta documentação. Não era, porém, um trabalho metódico, além de conter falhas e omissões. Não se tinha uma visão total da documentação de interesse do Brasil em outros países, e muitas vezes o pesquisador elencava apenas a documentação de interesse próprio, que interessava à sua pesquisa, não registrando a existência de outros documentos referentes a outros assuntos.

Sentia-se, portanto a necessidade de um projeto que pudesse mapear nos diversos arquivos de diferentes países esta documentação, e que se obtivesse não um conhecimento parcial da documentação referente ao Brasil, com assuntos específicos. Almejava-se que um trabalho organizado, com método e técnica, pudesse localizar os documentos e, mesmo que não se elaborassem catálogos descrevendo documento a documento, que outros instrumentos de pesquisa como os guias, inventários e índices pudessem dar conta de informar ao público pesquisador a existência e a localização do item documental.

4.1.1 A EXPANSÃO DO PROJETO RESGATE PARA OUTROS PAÍSES

Estando adiantados os trabalhos dos pesquisadores do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco” em Portugal, resultando já alguns produtos desse trabalho como a finalização da organização, descrição e microfilmagem dos documentos de várias capitanias, a Coordenadora do Projeto Dra. Esther Caldas Bertolletti ensaiava os primeiros passos no levantamento da documentação existente em outros países europeus e nos Estados Unidos.

Muitos documentos levantados em outros arquivos europeus além do AHU e nos arquivos espanhóis que possuem vasta documentação referente ao Brasil, resultado das relações, sempre próximas, entre Espanha, Portugal e sua colônia americana.

As pesquisas realizadas por pesquisadores nos séculos XIX e parte do século XX, demonstraram a importância não somente dos documentos espanhóis para a história do Brasil, mas, também, documentos existentes em outros países europeus que de alguma forma se relacionaram com o Brasil colônia. Durante os séculos XVI e XVII, o Brasil sofreu saques, ataques e ocupações de alguns países europeus. Estes ataques ocorreram na região litorânea, eram organizados por corsários ou mesmo projetados pelos governos. Tinham como objetivos o saque de recursos naturais ou até mesmo o domínio de determinadas regiões. Ingleses, franceses e holandeses foram os povos que mais participaram destas invasões nos primeiros séculos da História do Brasil Colonial. Como testemunho destas incursões em território brasileiro, documentos registram informações que vão além dos registros oficiais e administrativos. Missões científicas aqui estiveram coletando material sobre a fauna e a flora, os índios, a forma de vida da colônia e pintores registraram o cotidiano da colônia.

A disponibilização dessas fontes, antes acessíveis a poucos privilegiados, é motivo de júbilo no meio dos estudiosos da história brasileira. Os países que invadiram regiões brasileiras nos séculos XVI, XVII e XVIII ocupando-as durante alguns anos até serem expulsos, foram Holanda e França. A invasão inglesa foi curta e a

documentação guardada na Inglaterra se deve a outros fatores que serão, a seu tempo, abordados.

A gênese, porém, do Projeto Resgate fora de Portugal, pode ser percebida a partir de uma reunião ocorrida no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, em 1983. A partir daquela reunião, foi-se clareando a necessidade de se organizar uma pesquisa ampla não somente em Portugal, mas, também, em outros países que tivessem documentação referente à história brasileira. Naquela ocasião o Embaixador Wladimir Murtinho²⁹² reuniu os poucos professores universitários que trabalhavam com o período colonial brasileiro. Estava presente à reunião o historiador José Honório Rodrigues, pesquisador conhecido e autor do clássico “*A Pesquisa Histórica no Brasil*”, livro aqui citado. Esta obra foi uma das fontes de que se utilizaria para identificar os arquivos europeus e dos Estados Unidos que continham documentação referente ao Brasil. A coordenadora técnica do Projeto Resgate, Dr^a. Esther Caldas Bertoletti, presente àquela reunião, registrou as informações prestadas por José Honório Rodrigues, exímio conhecedor dos arquivos em questão:

“E estava presente José Honório Rodrigues, figura ímpar na historiografia brasileira que conseguiu não só pesquisar para escrever seus livros mas que nos deixou inúmeros textos com diversas indicações de fontes existentes no exterior, ajudando a todos os pesquisadores que começaram a se interessar, nos anos 60-70, pelo passado colonial. Muitas indicações de bibliografia de história foram relidas e muitos arquivos e bibliotecas no Brasil e no exterior foram revisitados, seguindo a orientação do ilustre historiador. Foi ele quem, pessoalmente, nos chamou a atenção para o importante projeto em andamento de elaboração dos Guias de Fontes para a História das Nações, coordenado pela UNESCO. Em função do Projeto da UNESCO, diversos países identificaram nos seus acervos os documentos importantes para a história dos outros países, muitos dos quais com um passado comum.”²⁹³

²⁹² Embaixador brasileiro, foi Assessor para Assuntos Internacionais do Ministério da Cultura do Brasil.

²⁹³ BERTOLETTI, Esther Caldas. *Apresentação*. IN *Guia de Fontes Manuscritas para a história do Brasil na Bélgica (1500 – 1922)*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura do Brasil/Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”: 2011, p. 7.

Os Guias de Fontes para a História das Nações foi, portanto, outra fonte onde se encontrou informações indicando os arquivos de diversos países que possuíam documentação de interesse à história do Brasil. Estas informações foram sendo agrupadas e quando da implantação do Projeto Resgate, vislumbrando-se que o Projeto poderia ser ampliado para outros países, já se havia elaborado um levantamento dos países e arquivos que continham documentos referentes ao Brasil. O que ocorreria, às vezes, e que tornaria um pouco mais complexo o trabalho, é que alguns arquivos e bibliotecas de países europeus, sofreram alguns rearranjos, transferindo-se acervos ou reorganizando-os, obrigando os pesquisadores a realizarem uma nova localização dos documentos.

Por levantamentos realizados, sabia-se que cerca de 80% da documentação de interesse para a história colonial do Brasil estava no Arquivo Histórico Ultramarino, cuja documentação estava sendo trabalhada e já se vislumbrava a finalização das pesquisas. Aproximadamente 20% de documentos históricos respeitantes ao Brasil se encontravam em outros arquivos portugueses e em arquivos de países europeus com os quais o Brasil manteve, de alguma forma, relacionamentos no correr de sua história. O Projeto Resgate, obviamente, não poderia prescindir desta documentação que era conhecida de poucos pesquisadores e importante para o conhecimento histórico brasileiro, devido, muitas vezes, ao seu ineditismo.

O bom êxito do Projeto Resgate em Portugal, animou os coordenadores e pesquisadores a encetar esta nova fase em outros países. Muitas das fontes documentais localizadas eram realmente inéditas, o que causou frenesi no meio dos historiadores brasileiros. Com a documentação dos outros países reunida ao acervo documental de Portugal, ganharia a historiografia brasileira. A historiadora e arquivista Heloísa Bellotto percebeu a riqueza dessas fontes e a importância para os estudos históricos no Brasil: “[...] o ineditismo de muitas das fontes ora descritas proporcionará uma visão renovada do Brasil colonial e imperial, apontando novos

rumos para a historiografia e possibilitando um melhor conhecimento da evolução do país”²⁹⁴.

O projeto Resgate Barão do Rio Branco chegava, assim, a um novo patamar. Se as relações históricas entre Brasil e Portugal contavam já com os milhares de testemunhos documentais, as relações entre o Brasil e outros países precisavam ser levantadas, clareando, pode-se dizer, a realidade histórica também das relações do Brasil com outros países europeus e americanos. Portanto o Projeto Resgate foi ampliado para outros países, e com esta ação, no dizer dos técnicos envolvidos na coordenação do Projeto:

*“Não é somente a realidade luso-brasileira que vem à tona, agora com contornos mais nítidos, permitindo um retrato mais consistente do Brasil dos séculos XVI a XIX, mas também, pelos levantamentos em outros países da Europa, esta mesma nitidez se poderá auferir nas nossas relações, em épocas passadas, com a Espanha, com a França, com a Itália, com a Holanda, com o Vaticano e com a Inglaterra. Observa-se que apesar de não ter havido uma ligação tanto no período colonial como no imperial com os Estados Unidos, naquele país se encontra o acervo da Biblioteca do grande historiador brasileiro, Oliveira Lima e diversos conjuntos documentais adquiridos por universidades norte-americanas, tendo sido, pois, oportuno, realizar um Guia de Fontes daquele país.”*²⁹⁵

É claro que para um trabalho dessa envergadura a ser realizado em vários países, além do zelo e o cuidado com a qualidade das pesquisas e seus produtos, necessitava-se de um amplo movimento para a sua implementação. Um empreendimento dessa monta, precisaria de apoio financeiro para a manutenção dos pesquisadores no exterior e de uma coordenação eficaz que pudesse dar uma normatização, uniformizando o trabalho realizado nos diversos países.

²⁹⁴ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes – tratamento documental*. 2ª edição, ver. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 296.

²⁹⁵ *O Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco: acesso às fontes da história do Brasil existentes no exterior*. IN *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*, n. 29 – Dossiê sobre história colonial 1, Universidade Federal de Pernambuco, 2011, p. 22.

O financiamento para esta fase do Projeto Resgate contou com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil, do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI, que apoia e incentiva a pesquisa no Brasil, da Fundação Vitae, Fundação Clemente Mariano e de outras instituições públicas e privadas.

Da pesquisa empreendida em outros países europeus resultou, diferentemente do que ocorreu em Portugal, não a descrição do documento como unidade, como item documental. Partiu-se para uma referência simples, geralmente dos grupos ou séries de documentos cujo tema fosse Brasil. O resultado, como se verá, foram os chamados guias de fontes²⁹⁶ que apontam, muitas vezes, mais de uma instituição de guarda de arquivos em um determinado país, identificando os documentos relacionados com o tema Brasil.

4.2 A DOCUMENTAÇÃO DE INTERESSE DA HISTÓRIA DO BRASIL EM OUTROS PÁISES EUROPEUS E NOS ESTADOS UNIDOS

Ideal há muito tempo almejado, eram alvissareiras as circunstâncias e diligências para que o Projeto Resgate pudesse levantar em outros países europeus e nos Estados Unidos, a documentação de interesse do Brasil existente em dezenas de arquivos, bibliotecas e museus. Destarte, vários instrumentos de referência encontrados nos diversos arquivos já haviam sido levantados, organizando-se como que um mapeamento dos países e arquivos que deveriam ser trabalhados.

Logicamente, já se esperava que a maior documentação na Europa, fora de Portugal, estivesse na Espanha, isto devido à história sempre próxima de Portugal e Espanha, a

²⁹⁶ Guia de Fontes – instrumento de pesquisa que identifica e localiza fundos, grupos ou séries de um ou mais arquivos, relativos a determinados temas. Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberali; CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord.). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, núcleo regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996, p. 42.

União das Coroas Ibéricas, bem como os limites de várias colônias espanholas com o Brasil. A surpresa foi que nos outros países supracitados existia uma documentação também importante, se bem que não tão numerosa e diversificada como em Espanha onde além de fontes manuscritas narrativas, os documentos cartográficos são uma preciosidade.

O Projeto Resgate se expandiu na Europa para a Holanda, França, Espanha, Reino Unido e Irlanda, Bélgica, Vaticano, Itália e Áustria; na América trabalhou com os arquivos dos Estados Unidos. A pesquisa, o levantamento, elaboração e publicação dos guias de fontes sobre a documentação referente ao Brasil existente nestes países resultaram em um importantíssimo subsídio para os pesquisadores. Abaixo, elencar-se-ão pela ordem de publicação do instrumento de pesquisa produzido, os países em que o Projeto Resgate se efetivou, lembrando que isto não quer dizer que o trabalho em tal país tenha começado primeiro do que em outro. Como exemplo, citamos o trabalho com a documentação dos arquivos espanhóis que foi um dos países primeiro trabalhados, mas devido o grande número de documentos, seu guia de fontes foi publicado em terceiro lugar, após os da Holanda e França.

4.2.1 HOLANDA

A documentação levantada nos arquivos holandeses se não é tão volumosa quanto a documentação sob a história do Brasil que se encontra nos arquivos espanhóis, é da mesma forma importante por retratar uma época ainda pouco estudada na história brasileira. A Holanda, no século XVII era inimiga da Espanha, e Portugal estava sob a União Ibérica, daí a colônia brasileira estar na mira das invasões holandeses. Mas não era somente por esse motivo, a Holanda almejava, há muito, estabelecer-se no Novo Mundo, em busca de suas riquezas naturais e plantação da cana de açúcar para exportação de seu produto. A produção açucareira e a ofensiva à Espanha, parece terem sido, realmente, os verdadeiros motivos da invasão:

“A riqueza da capitania de Pernambuco na primeira metade do século XVII, bem conhecida em todos os portos do Velho Mundo, veio a despertar a atenção dos Países Baixos que, em guerra com a Espanha, sob cuja coroa estava Portugal e suas colônias, necessitavam de todo o açúcar produzido no Brasil para suas refinarias (26 só em Amsterdã).

A produção de 121 engenhos de açúcar, “correntes e moentes” no dizer de van der Dussen, viria despertar a sede de riqueza dos diretores da Companhia²⁹⁷, que armou uma formidável esquadra sob o comando do almirante Hendrick Corneliszoon Lonck, que, com 65 embarcações e 7.280 homens, apresentou-se nas costas de Pernambuco em 14 de fevereiro de 1630, iniciando assim a história do Brasil holandês”.²⁹⁸

Ainda no final do século XVI, as cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Santos tinham sido atacadas pelos holandeses, precisamente no ano de 1599. Em 1603 foi a vez da Bahia. Com a ajuda dos espanhóis, os portugueses expulsam os holandeses da Bahia em 1625. Refeitos e preparados, os holandeses não desistiriam da colônia portuguesa. Em 1630 tem início o maior processo de invasão de terras brasileiras. Os holandeses invadem a região do litoral de Pernambuco, no Nordeste do Brasil e, avançando sempre, entre 1630 e 1641, ocupam áreas no litoral dos atuais estados do Maranhão, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte.

Controlando a região, em 1637, o Conde holandês Maurício de Nassau chegou em Pernambuco com o objetivo de organizar e administrar as áreas invadidas. Com Maurício de Nassau, veio para Pernambuco uma comitiva formada por uma verdadeira missão artística e científica que ainda hoje desperta a atenção dos estudiosos daquele período.

“Com 33 anos de idade, o novo governador fez-se acompanhar do latinista e poeta Franciscus Plante, do médico e naturalista Willem Piso, do astrônomo e naturalista George Macgrave, dos pintores Frans Post e Albert Eckhout, do médico Willen van Milaenen, além de outros nomes. Durante o seu governo pôde ainda contar com os serviços de especialistas de relevo, como o do

²⁹⁷ A “Companhia das Índias Ocidentais”, não foi criada com um objetivo exclusivamente comercial. Foi, na realidade, um instrumento da política exterior holandesa para conquistar colônias portuguesas e espanholas na América e na África Ocidental. IN ALBUQUERQUE, Roberto Chacon. *A Companhia das Índias Ocidentais: uma sociedade anônima?* Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, v. 105, p. 25-38 jan./dez. 2010.

²⁹⁸ SILVA, Leonardo Dantas. *Brasil Holandês: Os caminhos do conhecimento*. IN Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês. Organização de Marcos Galindo e Lodewijk Hulsman. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001. p. XI e XII.

*humanista Elias Herckmans, dos cartógrafos Cornelis Bastianzonn Golijath e Joannes Vingboons, do desenhista Gaspar Schmalkalden, do pintor Zacharias Wagener, além do urbanista e arquiteto Pieter Post, que vieram a se integrar em datas posteriores a esta missão de cientistas”.*²⁹⁹

Em 1644 começou uma forte reação para expulsar os holandeses do Nordeste, tendo início no ano seguinte, em 1645, a chamada Insurreição Pernambucana. Já em 1648 as tropas holandesas foram vencidas na famosa e sangrenta Batalha dos Guararapes. Porém, a expulsão definitiva dos holandeses ocorreu somente no ano de 1654, terminando, assim, o domínio holandês no Brasil.

Como se pode perceber, não era somente os documentos referentes à administração do domínio holandês em Pernambuco que interessava ao Brasil. Além da documentação administrativa, um rico acervo iconográfico, cartográfico, de relatórios e obras científicas jaziam quase desconhecidos, ou conhecidos por poucos privilegiados que puderam pesquisar nos arquivos holandeses antes do Projeto Resgate. Este acervo importantíssimo aguardava um projeto que pudesse indicar sua existência a um maior número de pesquisadores. Isto se tornou realidade após vencidos alguns percalços como a língua, a distância, o custo de manutenção de pesquisadores e a elaboração de instrumentos de pesquisa que identificassem os documentos, facilitando a pesquisa nos arquivos holandeses documentos manuscritos e impressos, cartografia e iconografia relativos ao Brasil Holandês.

Em toda a Holanda, foram os seguintes os arquivos e bibliotecas que receberam pesquisadores pertencentes ao Projeto Resgate para o levantamento das fontes de interesse do Brasil:

Arquivos e bibliotecas holandeses com documentação referente ao Brasil

²⁹⁹ SILVA, Leonardo Dantas, Op. cit. p. XIII.

Arquivo Geral

1. **Algemeen Rijksarchief – ARA (Arquivo Geral do Estado)** – Haia
Encontram-se neste arquivo os documentos da Companhia das Índias Ocidentais, muitos deles referentes ao Brasil Holandês.

Arquivo Real

2. **Koninklijk Huisarchief (Arquivo da Casa Real)** – Haia A coleção mais importante para o Brasil é formada pelos papéis privados do Conde João Maurício de Nassau, governador do Brasil Holandês.

Arquivos de províncias

3. **Rijksarchief in Noord-Holland (Arquivo Real da província da Holanda do Norte)** – Haarlem
Este arquivo contém documentos da Igreja Reformada e sua missão no Brasil Holandês.
4. **Rijksarchief in de provincie de Groningen (Arquivo Real da Província de Groningen)** - Groningen
Os documentos de interesse histórico para o Brasil existente nesse arquivo referem-se aos vários Sínodos da Igreja Reformada do século XVII.
5. **Zeeuws Archief (Arquivo da Zelândia)** – Middelburgo
Esse arquivo guarda também documentos relacionados a Companhia das Índias Ocidentais.

Arquivo Municipal

6. **Gemeent Archief Amsterdam (Arquivo Municipal de Amsterdã)** – Amsterdã

De interesse histórico para o Brasil, existem neste arquivo documentos sobre o comércio atlântico entre Europa e América.

Arquivo Universitário

7. Biblioteca Rijksuniversiteit te Lijden (Seção de Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Leiden – Leiden

Encontra-se neste arquivo entre outros documentos de interesse para o Brasil, o manuscrito “Dialogo das grandezas do Brasil”, de 1618, atribuído a Ambrósio Fernandes Brandão.

Devido a importância da documentação holandesa de interesse para o Brasil, foram elaborados um “Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês” e uma publicação em três volumes: “O Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)”, sendo o primeiro volume uma introdução aos Países Baixos do século XVII e os outros dois volumes os inventários da documentação dos diversos arquivos pesquisados.

4.2.2 FRANÇA

As relações entre França e Brasil, segundo alguns estudiosos, parece ter nascido ainda antes do descobrimento oficial das terras brasileiras pelo português Pedro Álvares Cabral, em 1500. Segundo alguns, os arquivos franceses comprovam que desde o final do século XV navegadores franceses visitavam a costa da terra que mais tarde seria chamada de Brasil. Entre estes navegadores aventureiros, Jean Cousin teria descoberto a foz do Rio Amazonas em 1488. Seja como for, a presença francesa nas costas brasileiras foi uma realidade com a qual Portugal e Espanha, quando da União Ibérica, tiveram de conviver e envidar esforços no sentido de expulsá-los. Das investidas periódicas em busca de madeira e outros produtos da

terra, sem, porém, interesse de permanência, os franceses, no final do século XVI já tencionavam criar em terras brasileiras uma colônia francesa.

Comandados pelo almirante francês Nicolas Villegaignon, já em 1555, os franceses fundaram a França Antártica, no Rio de Janeiro. Foram expulsos somente doze anos mais tarde, em 1567, pelos portugueses, com a ajuda de tribos indígenas do litoral. Ainda hoje se discute se o fundador da Cidade do Rio de Janeiro foi o francês Villegaignon ou o português Estácio de Sá. O certo é que os franceses não desistiram:

*“O fracasso da França Antártica não desanimou os franceses de comerciar com o Brasil, nem de se instalar permanentemente em nosso país. [...] Outras tentativas de implantação aconteceram sem melhores resultados, como as de Jean de Coligny na mesma Baía da Guanabara (1576), de Jean Noyer no Recife (1595), de La Tremblade na Bahia, de Lecoq no Nordeste e de Pontel, no Cabo Frio, todas em 1599”.*³⁰⁰

Em 1612, sob o comando do capitão da marinha francesa Daniel de La Touche, os franceses fundaram a cidade de São Luis, hoje a capital do estado do Maranhão, criando naquela região do Nordeste do Brasil a França Equinocial. Seriam expulsos três anos depois. Ainda entre os anos de 1710 e 1711, os franceses tentaram novamente, mas sem sucesso, invadir e ocupar o Rio de Janeiro³⁰¹. Foi a última tentativa da França de criar uma colônia em terras brasileiras. A motivar estas invasões estava, sem dúvida, a cobiça da riqueza e prosperidade da colônia portuguesa, mas, também, a França se via inconformada com a Espanha e suas conquistas na América. Estudioso das invasões francesas no litoral brasileiro, o historiador Guilherme Frota assim definiu esta última expedição francesa de invasão do litoral brasileiro:

“As expedições de Du Clerc e Duguay-Trouin no Rio de Janeiro não passaram do último capítulo das correrias francesas no litoral brasileiro.

³⁰⁰ MARIZ, Vasco. *Estudo Introdutório*. IN *Guia de Fontes para a História Franco-Brasileira: Brasil Colônia, Vice-Reino e Reino Unido*, organização de Marco Antônio Gonçalves Machado. Recife: L. Dantas Silva: 2002, p. 17.

³⁰¹ MARIZ, Vasco. *Estudo Introdutório*. IN *Guia de fontes para a História franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice Reino e Reino Unido*. Recife: L.Dantas Silva: 2002, p. 21.

*Isso não só porque jamais a França se conformou do adiantamento rápido das nações ibéricas na conquista de um império ultramarino, como também por causa da antiga e sólida amizade dos portugueses aos ingleses, fruto de interesses mútuos”.*³⁰²

Todas estas relações de conquista, invasões, depois de comércio e mais tarde, no século XIX, a invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte, imperador dos franceses, o que obrigou o então regente português, príncipe Dom João VI, a se transferir com sua corte para a colônia brasileira, bem como o revés de Portugal invadindo a Guiana Francesa em 1809³⁰³, gerou um importante acervo documental guardado nos arquivos franceses. Pesquisadores do Projeto Resgate puderam levantar esta documentação nos seguintes arquivos e bibliotecas da França:

Arquivos Públicos Franceses

Arquivos do Estado

Arquivos Nacionais

1. Centre Historique – Paris

Acervo rico para o Brasil, sobressai por sua importância os documentos referentes a missão artística francesa no Brasil em 1816.

2. Centre Historique d’Outre Mer – Aix-en-Provence

De interesse para o Brasil algumas memórias de expedições ao Brasil e navegação do Amazonas dos Séculos XVII e XVIII.

3. Centre des Archives du Monde Du Travail – Roublaix

³⁰² FROTA, Guilherme Andrea. *Corsários Franceses na Guanabara no século XVIII*. IN Revista Ocidente, volume LXXIII, Lisboa, 1967, p. 115.

³⁰³ Após a queda de Napoleão, Dom João VI, devolveu a Guiana Francesa ao rei francês Luis XVIII, em 1817. Cf. LIMA, Oliveira. D. João VI no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 421.

Os documentos de interesse centram-se no comércio marítimo do Século XVIII.

Arquivos Ministeriais

Ministère de la Défense

4. Service Historique de l’Armée de Terre – Armees

Importantes nesse acervo são os mapas e topografias de autoria portuguesa referentes aos séculos XVIII e XIX.

5. Service Historique de la Marine à Brest – Brest Naval

Possui este arquivo um manuscrito sobre o cerco do Rio de Janeiro em 1715.

Ministère des Affaires Étrangères

6. Quai d’Osay – Paris

Contem manuscritos que dizem respeito aos períodos Brasil colônia, vice-reino e Reino Unido.

7. Centre des Archives Diplomatiques de Nantes – Nantes

Importantes são as correspondências políticas e comerciais entre a França e o Brasil no século XIX.

Arquivos Territoriais

8. Bayonne (archives communales) – Bayonne

De interesse, poucos manuscrito referentes a navios e comercio do Brasil colônia séculos XVII e XVIII.

9. Bouches-du-Rhône (archives départementales) – Marseille

Contem registros dos cartórios de Marselha relativos a contratos marítimos comerciais com o Brasil colônia século XVII.

10. Havre (archives municipales) – Le Havre

Interessante para o Brasil um manuscrito do século XVI escrito por “Joyeuse et gentilshommes”.

11. Ille-et-Vilaine (archives départementales) – Rennes

Possui documentos relativos a navios e fragatas, bem como correspondências de interesse para o Brasil, dos séculos XVI ao XIX.

12. Nantes (archives communales) – Nantes

A parte dos arquivos antigos conservam dois documentos relativos ao pau-brasil e tabaco.

13. Pyrénées Atlantiques (archives départementales) – Pau

Contém alguns documentos relativos as riquezas naturais do Brasil. Século XVI.

14. Rouen (archives communale) – Rouen

Documentos do Conselho cidade de Rouen relativos ao Brasil no século XVI.

15. Saint-Malo (archives municipales) – Saint-Malo

Contém poucos documentos, entre eles, um “Extrait des Grandes recherches de l’abbé Manet”, de 1820, sobre o Maranhão em 1612.

16. Seine-Maritime (archives départementales) – Rouen

Possui documentos do séculos XVI e XVII relativos a viagens ao Brasil, bem como outros documentos interessantes para a história brasileira.

17. Seine-et-Marne (archives départementales) – Dammarie-lès-Lys

Possui apenas um manuscrito relacionado ao Brasil, que oferece pistas sobre Villegagnon, segundo alguns fundador do Rio de Janeiro.

18. Tarn (archives départementales) – Albi

Apenas um documento de 1693 sobre o tabaco do Brasil.

19. Yvelines (archives départementales) – Versailles

Guarda alguns documentos do século XVIII relacionados ao interesse francês no Brasil.

Câmaras de Comércio e de Indústria

20. Chambre de Commerce de Bayonne – Bayonne

Um documento apenas de interesse do Brasil: “Commerce Avec Rio de Janeiro. 1817”.

21. Chambre de Commerce de Marseille – Marseille

Possui também apenas um documento “Relations Avec les pays étrangers, Brésil 1814-1899”.

Bibliotecas Públicas Tombadas

22. Bibliothèque Centrale du Muséum National d’Histoire Naturelle – Paris

De grande importância para o Brasil, os vários manuscritos e catálogos sobre a fauna, flora, mineralogia, oceanografia e ecologia. Séculos XVIII e XIX.

23. Bibliothèque de Châlons-en-Champagne - Châlons-en-Champagne

Importante a obra “João Armitage. Histoire du Brésil, depuis l’arrivéede la famille royale de Bragance à Rio de Janeiro en 1808 jusq’à l’abdication de l’Empereur du Brésil en 1831”.

24. Bibliothèque de l’Arsenal – Paris

Entre outros documentos uma declaração da primeira expedição francesa ao Brasil de 1503, e um fragmento de uma memória relativa a viagem ao Brasil do século XVIII.

25. Bibliothèque de La Rochelle – La Rochelle

São poucos os documentos relativos ao Brasil, sobressaindo partes de obras do século XVIII referentes aos jesuítas.

26. Bibliothèque de Valenciennes – Valenciennes

Possui interessante acervo de mapas geográficos e marítimos comentados, alguns de interesse do Brasil.

27. Bibliothèque du Havre – Le Havre

De interesse para o Brasil alguns manuscritos sobre a América do Sul, o Brasil propriamente dito e Rio da Prata. Contém mapas pintados sobre pergaminhos. Século XVI

28. Bibliothèque du Service Historique de l’Armée de Terre – Armees

A cosmografia manuscrita de Guillaume Le Testu, de 1555 é de interesse para o Brasil.

29. Bibliothèque du Historique Centrale de la Marine – Armees

Entre os vários documentos, ressalta-se alguns sobre os rios Maranhão e Amazonas. Século XVIII.

30. Bibliothèque du Historique des Archives Nationales – Paris

Um manuscrito sobre tratado entre França e Portugal relativo aos limites entre a Guiana Francesa e Brasil. Datado 1701.

31. Bibliothèque Inguimbertaine (Archives et Musées de Carpentras) – Carpentras

A biblioteca possui alguns documentos do século XVII ao XIX relativos a correspondências sobre diversos assuntos relativos ao Brasil.

32. Bibliothèque Municipale de Rouen – Rouen

Guarda um importante manuscrito de 1550 cuja nona miniatura se refere a um espetáculo de índios brasileiros levados para França.

33. Bibliothèque Municipale de Saint Malo – Saint-Malo

Entre o rico acervo de Saint Malo são importantes as informações biográficas de Du Guay-Trouin, um dos conquistadores franceses no Brasil século XVI.

34. Bibliothèque Nationale de France – Paris

Possui grande número de manuscritos em relação ao Brasil do século XVI ao XIX.

35. Bibliothèque Sainte Geneviève à Paris – Paris

As cartas de Ferdinand Denis de 1816 a 1820 são datadas do Brasil.

Arquivos Privados

Arquivos Missionários

36. Ordre de Capucins – Paris

São poucos os manuscritos referentes ao Brasil mas são importantes para se conhecer a missão desses religiosos no século XVII no Nordeste Brasileiro.

4.2.3 ESPANHA

Como dito, a documentação referente ao Brasil existente em arquivos espanhóis, constitui o maior acervo documental de interesse para a história brasileira fora de Portugal. Desde meados do século XIX esta documentação foi, em parte, levantada.

As missões patrocinadas por instituições brasileiras como o IHGB e as pesquisas empreendidas e custodiadas por estudiosos brasileiros deram um mapeamento geral dessa documentação espanhola. Sua importância era conhecida, mas as dificuldades de locomoção e comunicação próprias do século XIX contribuíram para que muitos documentos e arquivos não tivessem sido, naquela época, identificados. A proximidade de Espanha e Portugal, a história comum dos dois povos que por sessenta anos se viram reunidos sob a Coroa Espanhola, bem como as colônias da América do Sul, pertencentes aos dois países e quase sempre fronteiriças às possessões de um e outro desses países, foram os motivos dessa documentação ser tão relevante e volumosa. Desde o início dos trabalhos com a documentação portuguesa a pesquisa nos arquivos espanhóis era uma meta certa, pelo motivo da importância do acervo espanhol, o que era conhecido pelos coordenadores do Projeto Resgate:

“Relativamente à Espanha, a vizinhança do Brasil com suas possessões na América, significou uma convivência nem sempre pacífica, mas, em outras vezes, em franco diálogo. São muitos os cruzamentos desta história comum, como se pode verificar [...]. De outro lado, o período da União Ibérica, tornou-nos, todos os países da América Espanhola e o Brasil, sob o mesmo domínio dos Áustrias, muito embora houvesse peculiaridades, tais como a manutenção de várias áreas de autoridade portuguesa no Brasil e mesmo em território português, como é de notório conhecimento dos historiadores.”³⁰⁴

A documentação de interesse do Brasil existente na Espanha, portanto, prende-se não só ao acontecimento histórico chamado “União Ibérica”, quando se deu a união das coroas espanhola e portuguesa, e que ocorreu de 1580 a 1640. Além disso foram muitos os tratados, as negociações e as relações entre Portugal e Espanha, referentes à repartição das terras na América do Sul, bem como disputas por territórios como a

³⁰⁴ BERTOLETTI, Esther Caldas et al. *O Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco: acesso às fontes da história do Brasil existentes no exterior*. IN *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*, n. 29 – Dossiê sobre história colonial 1, Universidade Federal de Pernambuco, 2011, p. 23.

região dos Sete Povos das Missões, no Sul do Brasil ou a região que formaria o Uruguai. De longe, é certo, a documentação espanhola, depois da existente em Portugal, é a de maior interesse para a história brasileira, pois que se refere à formação do próprio território brasileiro e sua expansão no século XVIII, ultrapassando a linha imaginária divisória entre as terras pertencentes à Espanha e Portugal, o chamado “Tratado de Tordesilhas”³⁰⁵, acordo feito, mais tarde, pelo “Tratado de Madri”³⁰⁶.

A documentação espanhola, como visto, foi motivo de interesse de pesquisadores brasileiros desde o século XIX. Os arquivos de Simancas e de Sevilha eram os mais procurados pelo valor histórico da documentação, mas também pela grande coleção de cartografia neles existentes. No tocante à cartografia, não era somente sua importância histórica, também sua força jurídica de prova, dada a necessidade de se estabelecer os limites territoriais com os países de língua espanhola. Na consecução do Projeto Resgate levantou-se a documentação de cerca de trinta e oito arquivos e bibliotecas espanholas. As fontes manuscritas (não cartográficas) foram levantadas nos seguintes arquivos e bibliotecas da Espanha:

Archivos Históricos Generales, Regionales y Provinciales

1. Archivo Histórico Nacional – Madrid

É muita e variada a documentação de interesse para o Brasil existente em vários fundos e seções, datada dos séculos XVII a XIX.

2. Archivo General de Simancas – Simancas (Valladolid)

³⁰⁵ O Tratado de Tordesilhas foi assinado em 1494 e se mataria em vigor até meados do século XVIII. Celebrado entre Dom João II de Portugal e os Reis Católicos, de Espanha, delimitava para estes reinos, as terras descobertas e a descobrir, através de um meridiano localizado a 370 léguas a ocidente do arquipélago de Cabo Verde. O hemisfério Este caberia a Portugal e o Oeste a Espanha. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Dicionário da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 798.

³⁰⁶ O Tratado de Madri foi assinado a 13 de janeiro de 1750 entre Portugal e Espanha e estabeleceu o reconhecimento da soberania da Coroa Espanhola sobre a Colônia do Sacramento, o território da margem setentrional do Rio da Prata e sobre as ilhas Filipinas. Pelo mesmo Tratado foi reconhecida a soberania de Portugal sobre os territórios do Pará, Mato Grosso, Amazonas e mais terras a Oeste. Ibidem, p. 799.

Conservam-se em Simancas um número significativos de documentos referentes ao Brasil principalmente da época em que Portugal esteve debaixo do governo dos Felipes (1580-1640).

3. **Archivo General de Indias** – Sevilha

São muitos os fundos e as séries que possuem documentos relativos ao Brasil, referenciados em dois instrumentos de pesquisa, sendo um, uma Relação dos manuscritos que interessam ao Brasil, de Pedro Solto Maior, e o outro o catálogo O Arquivo das Indias e o Brasil. Documentos para a história do Brasil existentes no Arquivo das Indias em Sevilha, com documentos de 1493 a 1830.

4. **Arquivo do Reino de Galícia** – A Coruña

Os fundos “Jerónimo Nuñez”, “Audiencia” e “José Andrés Saavedra y Folgueira” são de interesse para o Brasil, assim como diversos mapas.

5. **Archivo del Reino de Mallorca** – Palma de Maiorca

O fundo do colégio Jesuítas da Ilha de São Martí fundado em 1630 possui documentos para a história do Brasil.

6. **Archivo General de la Guerra Civil Española** – Salamanca

Os fundos da seção “Exilio español en Argentina” são de interesse para o Brasil.

7. **Archivo Histórico Provincial de Tenerife** – Santa Cruz de Tenerife

Existem documentos ligados a história brasileira na seção “Protocolos Notoriales”, séculos XVI e XVII.

8. Archivo Histórico de Protocolos de Madrid – Madri

Sobre o Brasil as referencias documentais estão no instrumento de pesquisa intitulado “Americanos en la documentacion notarial de Madrid”. Elaborado por Antônio Matilla Tascón, de 1990.

Archivos de la Administración Central**9. Archivo General de la Administración – Alcalá de Henares, Madri**

A principal documentação referente ao Brasil se encontra na seção de assuntos exteriores, século XVIII ao XIX.

10. Archivo del Congreso de los Diputados – Madri

Apenas um manuscrito da seção de “Documentación Parlamentaria” é de interesse para o Brasil, século XIX.

11. Archivo General de Palacio – Madri

São pocos os documentos que se referem ao Brasil. É importante a coleção de fotografias sobre a Amazônia.

12. Archivo del Ministerio de Asuntos Exteriores – Madri

Na seção do Arquivo Histórico é que se encontra a maior parte da documentação de interesse do Brasil. Também as séries Tratados (1801-1935), mapas e projetos (século XVII) e Manuscritos possuem documentos para a história do Brasil.

13. Archivo Central del Ministerio de la Presidencia – Madri

Existem alguns manuscritos referentes ao Brasil no fundo “Jefatura de Estado/Asuntos Exteriores”

Archivos de la Administración Autonómica**14. Archivo Historico de la Diputación Foral de Vizcaya – Bilbao**

Em vários fundos se encontra documentação referente ao Brasil, principalmente no fundo “Judicial, Corregimiento” séculos XVII a XIX.

Archivos Militares

15. Archivo General Militar “Alcázar de Segovia” – Segóvia

A maioria dos documentos referentes ao Brasil se encontram em fundos da segunda seção procedentes do Ministério da Guerra séculos XIX e XX.

16. Archivo General Militar de Madrid – Madri

São muitos os documentos referentes ao Brasil, quase sempre relativos a limites, conflitos entre Espanha e Portugal e missões jesuíticas séculos XV ao XIX.

17. Servicio Geográfico del Ejército – Madri

Muito importantes para a história do Brasil os mapas, cartas esféricas, projetos para colônia do Sacramento, croquis e outros documentos correlatos século XVIII ao XIX.

18. Archivo General de la Marina “Alvaro de Bazán” – Ciudad Real

São muitas as referencias ao Brasil, porém dispersas em diferentes fundos, séculos XVIII e XIX.

19. Museo Naval – Madri

Na série geral de manuscritos existem muitos documentos referentes ao Brasil, datados dos séculos XVI ao XIX. Também a Cartografia é de importante para a história brasileira.

Archivos Eclesiásticos

20. **Archivo Historico de la Provincia de Toledo de la Compañia de Jesús** – Alcalá de Henares, Madri

A documentação referente ao Brasil se encontra na estante nº 2 sobre a história da Companhia de Jesus e sua missão na América. Séculos XVII e XVIII.

21. **Archivo Diocesano de Barcelona** – Barcelona

Sobre o Brasil existe documentação em vários fundos entre os quais o “Archivo Pontificio y Del Reino de Nápoles” dos séculos XVIII e XIX.

Bibliotecas com Fondos Manuscritos

22. **Biblioteca Nacional** – Madri

Existem muitos manuscritos referentes ao Brasil em diversos fundos. Na cartografia também existem documentos importantes para a história brasileira.

23. **Real Biblioteca** – Madri

A documentação sobre o Brasil está no fundo de manuscritos, na segunda seção e datam dos séculos XVI ao XX.

24. **Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial** – San Lorenzo del Escorial, Madri

São apenas cinco os manuscritos que se referem ao Brasil. Encontram-se nos “Fundos Americanos”. É de citar por sua importância, a “História de la provincia de Santa Cruz”, do século XVI, de Pedro Magalhães de Gândavo.

25. **Biblioteca de Catalunya** – Barcelona

Os documentos referentes ao Brasil aqui encontrados são relacionados com intercambio comercial entre a Espanha e Brasil e Brasil e Grã Bretanha, séculos XIX e XX.

26. Biblioteca “Pavelló de la República” (Universidad de Barcelona) – Barcelona

Foram encontradas quatro caixas com documentos sobre o Brasil, no entanto ainda estão por classificar. Século XX.

27. Biblioteca de la Universidad de Barcelona – Barcelona

Apenas um documento sobre o Brasil, um Discurso sobre a restauração da cidade Salvador, tomada aos holandeses, em 1624.

28. Biblioteca General i Historica de la Universitat de València – Valência

Para localizar a documentação de interesse do Brasil existe o catálogo “Documentos Manuscritos y Varias Impresas Referentes a la Historia de Brasil, existentes en Valencia (España)”, publicado por José Martínez Ortiz. Séculos XVIII.

29. Biblioteca Francisco de Zabálburu – Madri

O fundo “Casa de Altamira” conserva diversos documentos referentes ao Brasil. Século XVI ao XVIII.

Archivos Nobiliarios

30. Archivos Ducal de Alba – Madri

Não são muitos os manuscritos referentes ao Brasil, os que existem são quase sempre correspondências sobre conflitos e situação militar entre Portugal, Espanha e suas colônias. Séculos XVI ao XVIII.

Instituciones Culturales

31. Real Academia de la Historia – Madri

Os documentos interessantes para o Brasil são muitos e estão em diversas coleções, são geralmente sobre questões de limites, tratados e missões jesuíticas. Século XVI ao XVIII.

32. Museo Nacional de Ciencias Naturales – Madri

Em várias coleções se encontram referências ao Brasil. São relatórios de expedições e pesquisas, sobressaindo a documentação da Comissão Científica do Pacífico. Séculos XVIII e XIX.

33. Biblioteca General de Humanidades (Consejo Superior de Investigaciones Cientificas - CSIC) - Madri

As seções *Americanista*, *Limites*, *Zoólogo* e *Papeles Personales* possuem documentos referentes ao Brasil. Século XIX.

34. Real Jardín Botánico – Madri

Existem referências ao Brasil na primeira seção, divisão I (Fundo Antigo/Jardim) e na segunda seção, divisões II e VIII. Séculos XVIII e XIX.

Fundaciones

35. Fundación Bartomeu March – Palma de Maiorca

Dois manuscritos são referentes ao Brasil: “Linajes de Portugal”, século XVIII e “Decubrimiento de las Indias por los portugueses”, este manuscrito descreve a Armada de Pedro Alvares Cabral.

36. Fundación Francisco Largo Caballero – Madri

Em mais de uma seção existem documentos sobre o Brasil sobressaindo a correspondências da Secretaria Geral com o comitê da seção do Rio de Janeiro. Século XX.

37. Fundación Pablo Iglesias – Madri

As informações sobre o Brasil estão presentes no fundo “Federación N. Juventudes Socialistas España en el exilio”, 1944 a 1979.

38. Fundación Universitaria Española – Madri

Há apenas uma referência ao Brasil no fundo “Gordón Ordás” com informes do Centro Republicano Espanhol da cidade de Livramento. 1937.

Devido a importância da cartografia referente ao Brasil guardada nos arquivos espanhóis, elaborou-se um catálogo próprio da *Cartografía Manuscrita do Brasil nas Coleções Espanholas*. Para o levantamento da cartografia existente nos arquivos e bibliotecas da Espanha, o Projeto Resgate empregou pesquisadores nas seguintes instituições:

Arquivos pesquisados na Espanha para o levantamento cartográfico de interesse do Brasil

39. Archivo General de Indias – Sevilha

Possui 89 documentos cartográficos referentes ao Brasil. Séculos XVI ao XIX.

40. Archivo General de Simancas – Simancas (Valladolid)

Com documentos dos séculos XVI ao XVIII, são 40 o número de documentos cartográficos referentes ao Brasil.

41. Archivo Historico Nacional – Madri

Guarda este arquivo 52 cartografias importantes para a história brasileira, datadas do século XVIII.

42. Biblioteca Nacional – Madri

A Biblioteca Nacional possui em seu acervo 29 documentos cartográficos referentes ao Brasil. Séculos XVI ao XVIII.

43. Real Biblioteca del Palacio Real – Madri

São 6 os documentos de interesse do Brasil, todos do século XVIII.

44. Real Academia de la Historia – Madri

No Departamento de Cartografia e Artes Gráficas existem 10 documentos referentes ao Brasil. Séculos XVI ao XIX.

45. Archivo General Militar del Instituto de Historia y Cultura Militar – Madri

Os acervos cartográficos, em número de 26, conservados neste arquivo, referentes ao Brasil, datam dos séculos XVIII e XIX.

46. Archivo Cartográfico del Centro Geografico del Ejército – Madri

São 27 os mapas existentes neste arquivo que se referem ao Brasil. Século XVIII.

47. Museu Naval – Madri

Entre as 72 obras cartográficas do Museu Naval de Madrid referentes ao Brasil, é preciso ressaltar o Mapa-mundi de Juan de la Cosa, de 1500, a primeira representação cartográfica da América, e do Brasil. Século XVI ao XVIII.

4.2.4 REINO UNIDO E IRLANDA

A documentação do Reino Unido, aqui privilegiando-se Inglaterra e Irlanda, de interesse para a história brasileira, não se prende às invasões inglesas ao território

brasileiro. Essas invasões foram rápidas, deixando pouco lastro histórico. Sobre elas, sabe-se que em 1591, sob o comando do corsário inglês Thomas Cavendish, ingleses saquearam, invadiram e ocuparam, por quase três meses, as cidades de São Vicente e Santos, hoje cidades do estado de São Paulo. Logo expulsos, não houve mais tentativas de invasão do Brasil por parte dos ingleses. Estes, porém, sempre muito próximos de Portugal por interesses comerciais, estiveram, também próximos da colônia brasileira, logicamente por interesse na riqueza natural do Brasil. Estes séculos de estreita amizade entre Portugal e Inglaterra ensejou uma fartura de documentos históricos guardados em dezenas de arquivos ingleses e irlandeses. Sempre parceiros de Portugal, que se valia do exército inglês para sua proteção e às vezes proteção de suas colônias, mesmo a transferência da família real portuguesa para o Brasil em 1808, fugindo da invasão de Napoleão Bonaparte, só pôde se concretizar com a ajuda da Inglaterra, por meio de sua marinha e armada. Dando uma visão sobre a origem da documentação guardada nos arquivos ingleses e irlandeses, o pesquisador Oliver Marshall resume o contexto de formação do acervo existente nos dois países do Reino Unido:

“Uma das mais duradouras heranças dessa estreita ligação que se desenvolveu entre o Reino Unido e o Brasil é a existência, nas Ilhas Britânicas, de uma riqueza de documentos históricos relativos ao Brasil [...]. A transferência da família real portuguesa para o Brasil, fato que possibilitou a independência do Brasil, as revoltas regionais e os conflitos com os países vizinhos, a abolição da escravidão, a construção das ferrovias e o desenvolvimento da lavoura cafeeira, como também os negócios bancários, são exatamente alguns exemplos dos assuntos tratados nas

*importantes fontes manuscritas que existem na Grã-Bretanha e na Irlanda”.*³⁰⁷

Esta documentação dos arquivos ingleses e irlandeses contém documentos dos séculos XVII ao XX, abarcando documentos de anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial. Para uma melhor compreensão, cita-se, a seguir, as cidades e as instituições pesquisadas:

Arquivos Públicos:

- 1. British Postal Museum & Archive** – Londres
Os documentos relativos ao Brasil dizem respeito aos acordos postais com o Reino Unido. Século XIX e XX.
- 2. Guildhall Library** – Londres
Possui documentos relativos a empresas inglesas que atuaram no Brasil no século XIX e XX.
- 3. Imperial War Museum** – Londres
Neste acervo encontram-se fotografias do exército brasileiro em treinamento no Brasil durante a segunda Guerra Mundial.
- 4. India Office Library** – Londres
Contém documentos referentes ao subcontinente da Índia e o Brasil. Séculos XVII ao XX.
- 5. The National Archives (Public Record Office)** – Londres
Encontram-se neste arquivo vasta documentação dos séculos XVI ao XX referentes a Portugal e ao Brasil colônia.
- 6. National Archives of Scotland** – Edimburgo
Possui poucos documentos relativos ao Brasil, porém relevantes. Séculos XIX e XX.
- 7. National Library of Scotland** – Edimburgo
Os documentos de interesse do Brasil, são referentes à infraestrutura de modernização do Brasil. Séculos XIX e XX.

³⁰⁷ MARSHALL, Oliver. *Introdução*. IN *O Brasil nos Arquivos Britânicos e Irlandeses: Guia de Fontes*. Center for Brazilian Studies University of Oxford, Londres/Ministério da Cultura do Brasil, 2007, p. XIII.

- 8. National Library of Wales / Llyfrgell Genedlaethol Cymru – Aberystwyth**
São poucos os manuscritos relativos ao Brasil, geralmente são correspondências pessoais e familiares. Séculos XVIII ao XX.
- 9. Natural History Museum – Londres**
São importantes para o Brasil o acervo de manuscritos ligados aos naturalistas que viajaram pelo Brasil nos séculos XVIII e XIX.
- 10. National Maritime Museum – Londres**
A coleção de manuscritos relativa ao Brasil é dispersa mas substancial, com documentos dos séculos XVI ao XX.
- 11. Royal Botanic Gardens, Kew – Londres**
Importantes são as anotações sobre plantas da Amazônia e outras partes do Brasil. Século XIX.
- 12. Royal Naval Museum – Portsmouth**
Poucos documentos referentes ao Brasil, sobressaindo esboços das ilhas de Fernando de Noronha, Trindade e Martins Vaz. Séculos XVIII ao XX
- 13. The British Library – Manuscripts collections – Londres**
O departamento de manuscritos mantém um número considerável de itens relativos ao Brasil. Séculos XVI ao XIX.
- 14. The Island Archives – Guernsey**
Existem documentos relativos ao comércio com o Brasil do século XIX.

Arquivos e Bibliotecas Universitários

- 15. All Souls College – Oxford**
De interesse para o Brasil os manuscritos de documentos diplomáticos do século XIX.
- 16. Bodleian Library – Oxford**
Possui uma das mais importantes coleções de livros relativos ao Brasil, muitos dos quais preciosos por sua raridade. Guarda também alguns manuscritos do século XVII referentes ao Brasil.
- 17. Cambridge University Library – Cambridge**

Existem poucos manuscritos referentes ao Brasil no acervo de Cambridge.

18. Durham University Library – Durham

Guarda poucos documentos relativos ao Brasil, mas os que existem são de grande importância. Séculos XVIII e XIX.

19. Glasgow University Archive – Glasgow

Possui documentos relativos ao comércio de Glasgow com o Brasil. Séculos XIX e XX.

20. John Rylands University Library of Manchester – Manchester

Existem poucas pistas de documentos relativos ao Brasil.

21. Oxfam Archive – Oxford

Documentos relativos à assistência social, principalmente no Nordeste do Brasil. Século XX.

22. Rhodes House Library – Oxford

Existem dois importantes manuscritos sobre a escravidão que fazem referência ao Brasil. Século XIX.

23. University College London Library – Londres

Possui algumas coleções de manuscritos relativos ao Brasil. Séculos XVIII e XIX.

24. University of Aberdeen Library – Aberdeen

Apenas uma coleção de manuscritos relativos ao Brasil foi identificada. Século XIX.

25. University of Birmingham Library – Birmingham

Com documentos relativos à história comercial e missões anglicanas na América do Sul são poucas as referências ao Brasil. Séculos XIX e XX.

26. University of Dundee Archives – Dundee

Apenas uma coleção com diversos documentos relativos ao Brasil. Século XIX.

27. University of Hull – Hull

Apenas duas coleções de manuscritos relativos ao Brasil se encontram em seus arquivos. Século XIX.

28. University of Liverpool Library – Liverpool

São reduzidas as coleções de manuscritos referentes ao Brasil, mas de importância considerável. Séculos XVII ao XX.

29. University of Nottingham, Manuscripts and Special Collections – Nottingham

Documentos referentes às relações comerciais com o Brasil. Século XIX.

- 30. University of Southampton, Hartley Library** – Southampton
Possui importantes coleções de manuscritos para o Brasil. Séculos XVIII e XIX.
- 31. University of Warwick Library: Modern Records Centre** – Coventry
Interessa ao Brasil alguns manuscritos referentes à indústria britânica de motores automotivos. Século XX.

Arquivos de Condados, Distritos, Cidades e Territórios

- 32. Black Country Living Museum** – Dudley
Guarda documentos referentes à construção e equipamentos para ferrovias no Brasil. Séculos XIX e XX.
- 33. Bradford District Archive** – Bradford
Contém apenas uma coleção relativa ao Brasil.
- 34. Caernarfon Record Office / Archifdy Caernarfon** – Caernarfon
Interessa ao Brasil os documentos relativos à frota mercante. Século XIX e XX.
- 35. Centre for Buckinghamshire Studies** – Aylesbury
Uma única coleção possui documentos relativos ao Brasil. Século XIX.
- 36. Cornwall Record Office** – Truro
São poucos, neste arquivo, os documentos isolados relativos ao Brasil. Séculos XVIII e XIX.
- 37. Devon Record Office** – Exeter
Identificou-se apenas uma série de documentos referentes ao Brasil. Século XIX.
- 38. Dorset Record Office** – Dorchester
Identificou-se apenas uma coleção de documentos relativos ao Brasil. Século XIX.
- 39. Dundee City Archive and Record Centre** – Dundee
Neste arquivo foi identificada somente uma coleção relativa ao Brasil Século XX.
- 40. Essex Record Office** – Chelmsford
São duas as coleções que se referem ao Brasil. Século XIX.

- 41. Glamorgan Record Office / Archifdy Morgannwg – Cardiff**
Identificaram-se poucas referências ao Brasil. Séculos XIX e XX.
- 42. Gloucestershire Archives – Gloucester**
Identificou-se apenas uma coleção referente ao Brasil. Século XIX.
- 43. Lancashire Record Office – Preston**
Tem importância para o Brasil os documentos relacionados ao comércio com a América do Sul.
- 44. Leeds District Archive – Leeds**
Possui poucos documentos referentes ao Brasil. Séculos XIX e XX.
- 45. Liverpool Record Office – Liverpool**
Possui apenas uma coleção de relevância para o Brasil. Séculos XIX e XX.
- 46. Norfolk Record Office – Norwich**
Apenas uma coleção com documentos relativos ao Brasil. Século XX.
- 47. North Yorkshire County Record Office - Northallerton**
Apenas uma coleção com documentos de interesse do Brasil. Século XIX.
- 48. Priaulx Library – Guernsey**
Possui somente uma coleção de manuscritos com referências ao Brasil. Séculos XVII ao XX.
- 49. Shetland Archives - Lerwick**
O arquivo mantém apenas uma série de documentos relativos ao Brasil. Século XIX.
- 50. Southampton Archives Office – Southampton**
Poucos registros relativos ao Brasil. Séculos XIX e XX.
- 51. Staffordshire Record Office – Stafford**
O arquivo possui duas coleções com documentos relacionados ao Brasil. Século XVIII e XIX.
- 52. Warwickshire County Record Office – Warwick**
Os itens documentais de interesse do Brasil são poucos. Século XIX.
- 53. West Sussex Record Office – Chichester**
Apenas uma coleção que inclui documentos referentes ao Brasil foi encontrada. Século XIX.
- 54. Wigan Archives Service - Leigh**
Encontrou-se apenas um item significativo em relação ao Brasil. Século XIX.

55. Wiltshire and Swindon Record Office – Chippenham

Referem-se ao Brasil apenas duas coleções do acervo. Século XIX.

56. Wolverhampton Archives - Wolverhampton

Identificou-se um item da coleção de história comercial deste arquivo que se refere ao Brasil. Século XIX.

Arquivos Particulares

57. Bolton Archive and Local Studies Service - Bolton

Somente em uma coleção foram identificados documentos relativos ao Brasil. Século XIX.

58. Cable & Wireless Archive – Porthcurno

São muitas as referências ao Brasil na vasta documentação deste arquivo. Século XIX.

59. Hatfield House – Hatfield

São poucos os documentos relativos ao Brasil. Século XVII ao XIX.

60. Institution of Mechanical Engineers – Londres

Poucos documentos referentes ao Brasil no século XIX, geralmente relativos a ferrovias.

61. Labour History Archives and Study Centre – Manchester

São limitados o documentos referentes ao Brasil. Século XX.

62. Merseyside Maritime Museum – Liverpool

Possui documentos de companhias de navegação, com poucos referências ao Brasil. Séculos XIX e XX.

63. Polish Institute and Sikorski Museum – Londres

Sobre o Brasil existem relatórios de embaixadas, legações e consulados. Século XX.

64. Rothschild Archive – Londres

Possui livros de contas de vários tipos referentes ao Brasil no século XIX. Interessam mais os documentos do Banco relativos aos negócios envolvendo o Brasil no início do século XX.

65. Royal Geographic Society Archives – Londres

Os documentos relativos ao Brasil estão espalhados em várias coleções. Dizem respeito a expedições científicas dos séculos XIX e XX.

66. School of Oriental and African Studies Library - Londres

Poucos documentos de interesse do Brasil.

67. The Wiener Library – Londres

O material relativo ao Brasil se refere ao judeus refugiados durante os anos de 1930.

Arquivos Industriais

68. Reckitt’s Heritage – Hull

Registros comerciais da década de 1920 e 30 são interessantes para o Brasil.

Arquivos de Bancos

69. Bank of England – Londres

Guarda coleções relativas ao Brasil referentes aos anos de 1923 a 1980.

70. Baring Archive – Londres

Documentos relacionados aos negócios do Banco no Brasil nos séculos XIX e XX.

71. Lloyds TSB Group Archives – Londres

A coleção consiste de livros de contabilidade e balanço, embora outros documentos também possam ser encontrados. Séculos XIX e XX.

Arquivos Religiosos

72. Birmingham Archdiocesan Archives – Birmingham

Contém correspondência relativa a investimentos de empresas no Brasil e à imigração de católicos irlandeses para Santa Catarina no século XIX.

73. Centre for the Study of Christianity in the Non-Western World Library – Edimburgo

Poucas publicações referentes ao Brasil, algumas com relatórios dos missionários que trabalharam em Pernambuco e Amazônia. Séculos XIX e XX.

74. Churchill Archives Centre – Cambridge

Possui algumas transcrições de entrevistas orais com ex-diplomatas britânicos com referências ao Brasil. Século XX.

75. Mission to Seafarers – Londres

De interesse para o Brasil os relatórios anuais da missão anglicana. Séculos XIX e XX.

IRLANDA

Arquivos Públicos

76. National Archives of Ireland / An Chartlann Náisiúnta – Dublin

Os documentos referentes ao Brasil se referem à imigração irlandesa e ao comércio com o Brasil.

77. National Library of Ireland / Leabharlann Náisiúnta an hÉireann – Dublin

São escassos os manuscritos relativos ao Brasil encontrados nesse arquivo. Séculos XIX e XX.

78. Public Record Office of Northern Ireland – Belfast

Os itens referentes ao Brasil estão dispersos em várias coleções datadas dos séculos XVIII ao XX.

Arquivo Religioso

79. Trinity College Library – Dublin

Apenas dois manuscritos das coleções do arquivo referem-se ao Brasil. Séculos XVII ao XX.

4.2.5 BÉLGICA

As relações entre o Brasil e a Bélgica nunca foram muito intensas. Também nunca foram contínuas, mas apesar disso já no século XVI encontram-se informações de flamengos e valões nas capitanias da Bahia e Pernambuco. Quando da invasão holandesa ao Nordeste do Brasil, soldados belgas serviram na Companhia das Índias Ocidentais, empreendimento holandês. Tem-se notícia, também, de que entre 1855 e 1859 cerca de 500 belgas imigraram para o Brasil e nas Universidades de Gent e Louvain muitos brasileiros estudaram no século XIX. Também algumas ordens

religiosas instaladas na Bélgica, sobressaindo os Beneditinos, enviaram diversas levadas de missionários para o Brasil em diversas épocas³⁰⁸. Assim, no correr da história do Brasil, as relações entre Brasil e Bélgica se não foram muitas, existiram e deixaram vestígios em documentos de várias regiões da Bélgica atual. O trabalho encetado pelo Projeto Resgate na Bélgica, encontrou documentos de interesse do Brasil em dezesseis arquivos:

Região de Flandres

Arquivos Públicos

1. **FelixArchief te Antwerpen (FAA)** – Antuérpia

Documentos datados do século XVI e XVIII, sendo importante o “Livro de Memória do Sr. Baltasar André”, que começa em 15 de janeiro de 1594.

2. **Rijkarchief te Antwerpen (RA)** – Antuérpia

O interesse para o Brasil está nos Fundos das Províncias Jesuíticas Belgas, com documentos dos séculos XVI ao XIX.

3. **Rijkarchief te Beveren (RABn)** - Beveren

Possui poucos documentos, e estes se referem ao comércio com o Brasil. Século XIX.

4. **Rijkarchief te Brugge (RBR)** - Brugge

Apenas um documento de interesse do Brasil foi encontrado, a nomeação do vice-consul do Império do Brasil – 1829.

5. **Archives de l’Académie Royale des Sciences, des Letres et des Beaux Arts de Belgique (ARSLBAB)** – Bruxelas

Identificarm-se 4 documentos nesse arquivo, todos do século XIX, sobre o estabelecimento de empresa e comércio belgas no Brasil.

³⁰⁸ EVERAERT, John G. *Introdução*. Guia de Fontes Manuscritas para a História do Brasil na Bélgica (1500-1922). Rio de Janeiro: Ministério da Cultura do Brasil / Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, 2011, p. 22.

Arquivo Religioso

6. Arquivo da Abadia de Saint-André Zevenkerken – Brugge

Vários documentos de diferentes fundos referentes à missão dos beneditinos em Roraima. Século XX.

Região de Bruxelas

Arquivos Públicos

7. Archives Générales du Royaume (AGR) – Bruxelas

Importante para o Brasil, o Fundo d’Urzel, com mapa de um Engenho do século XVII. Em outros fundos existem documentos de interesse do Brasil. Séculos XVI ao XX.

8. Archives du Palais Royal de Belgique (APR) – Bruxelas

O Fundo Leopoldo I possui informações sobre o Brasil. São interessantes os documentos relativos ao arbitramento de conflito entre Brasil e Inglaterra realizado pelo rei belga. Século XIX.

9. Bibliothèque Royal de Belgique (BRB) – Bruxelas

Importante para o Brasil uma carta de Erasmo de Roterdã enviada a um senhor de engenho do Brasil no século XVI. Documentos da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, ao tempo de Maurício de Nassau, estão guardados nesse arquivo, bem como uma importantíssima coleção de mapas do Brasil, datados dos séculos XVI e XVII.

10. Archives du Ministère des Affaires Étrangères em Belgique (AMAEB) – Bruxelas

Guarda documentos da Embaixada belga no Rio de Janeiro e em outros fundos existem documentos referentes ao Brasil. Séculos XIX e XX.

Região Namur

Arquivos Públicos

11. Archives Musée Royal l’Armée et d’Histoire Militaire (AMRAHM) –
Bruxelas

Possui documentos, geralmente correspondências, sobre a construção de estradas de ferro no Brasil, no século XIX.

12. Musées Royaux d’Art et d’Histoire (MRAH) – Bruxelas

De interesse para o Brasil um manto tupinambá levado para a Europa por Maurício de Nassau. Século XVI.

13. Archives de l’État à Bruxelles (Anderlecht) (AEBA) – Bruxelas

Nos Fundos Câmara do Comércio de Bruxelas, Sociedade Geral da Bélgica e Arquivo de Sequestro Barth e Cia, existem vários documentos sobre o Brasil. Séculos XIX e XX.

14. Archives de l’État à Namur (AEN) – Namur

Duas correspondências a respeito do Brasil foram identificadas, uma, de 1773, relativa a uma viagem ao Brasil e outra sobre a imigração para os Estados Unidos e Brasil no século XIX.

15. Archives de l’État à Liège (AEL) – Liège

O Fundo Câmara do Comércio de Verviers possui um dossiê sobre a cartas do vice-consul da Bélgica no Rio de Janeiro. 1838 – 1839.

Arquivo Religioso

16. Société des Bollandistes – Bruxelas

Para a história do Brasil é importante a biografia manuscrita do jesuíta italiano Gabrielis Malagrida, que viveu 30 anos no Brasil, século XVIII.

Em todos esses arquivos e bibliotecas foram encontrados documentos importantes para a história do Brasil, ressaltando-se a coleção de mapas do Brasil, datados dos séculos XVI ao XVII, guardados na Biblioteca Real da Bélgica.

4.2.6 ITÁLIA

É conhecida a contribuição italiana aos descobrimentos dos séculos XV e XVI. Muitos italianos, navegadores experientes, empregaram-se nas navegações de Portugal e Espanha, sobressaindo-se os nomes de Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio. As relações entre Itália e Portugal e, portanto, de quebra, o Brasil colônia, não são de hoje. Para o Brasil, ainda colônia, viajaram vários italianos que deixaram por escrito suas impressões, sobressaindo o já citado Antonil (João Antônio Andreoni), jesuíta italiano que escreveu o livro *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, publicado em 1711³⁰⁹. Mais tarde um arquiteto italiano, Antônio Giuseppe Landi, natural de Bolonha, construiu em Belém do Pará o palácio dos governadores, sendo ainda autor de projetos de vários edifícios e igrejas daquela capital³¹⁰. Na capitania de Goiás, em meados do século XVIII, estava o cartógrafo Francesco Tosi Colombina que legou os primeiros mapas do território goiano, um deles datado de 1751³¹¹. Ainda em Goiás, um de seus primeiros médicos era de origem italiana, Moretti Foggia que atendeu à população da cidade de Goiás desde 1830 a 1899, quando faleceu quase centenário³¹². No século XIX, a partir de 1850 o Brasil recebeu milhares de italianos que no novo mundo buscavam uma nova vida. A influência da cultura e da língua italianas ainda são presentes no Brasil de hoje. Também as ordens e congregações religiosas italianas enviaram centenas de missionários e missionárias para o Brasil. Portanto, esta relação antiga entre o Brasil,

³⁰⁹ Ver nota 68.

³¹⁰ AVELLA, Aniello Angelo. *O Brasil na Itália. Documentos, Emoções, Reflexões*. IN Guia de Fontes para a História do Brasil Colonial Conservadas nos Institutos e Arquivos Italianos (Guida alle Fonti per la Storia del Brasile Coloniale Conservate negli Archivi e Istituti di Conservazione Italiani). Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 2013, p. 21.

³¹¹ TUBINO, Nina. *Uma Luz na História*. Goiânia: Editora Kelps, 2015, pp. 25-27.

³¹² MORAES, Maria Augusta Sant’Ana. *Dos Primeiros Tempos da Saúde Pública em Goiás à Faculdade de Medicina*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012, pp. 99 – 104.

desde a colônia, e a Itália, mesmo antes da unificação, gerou documentos. Muitos pesquisadores brasileiros almejavam conhecer os arquivos italianos e copiar a documentação de interesse para o Brasil. Foi o historiador brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda, desde os anos 1950 quando foi professor de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade de “La Sapienza”, quem primeiro realizou pesquisas em diversos arquivos e bibliotecas italianas, notadamente nas cidades de Roma, Florença e Veneza, levantando importante documentação que informa sobre a relação da Itália, antes da reunificação, e o mundo luso-brasileiro. O Projeto Resgate, por sua vez, utilizou as informações coletadas por Sérgio Buarque de Holanda e localizou muitos outros arquivos e bibliotecas que possuem documentos de interesse da história do Brasil. Estas instituições são as abaixo relacionadas:

Documentação conservada nos Arquivos de Estado Italianos

1. Arquivo de Bolonha

Os documentos sobre o Brasil se encontram nos arquivos referentes às magistraturas públicas municipais, corporações religiosas, famílias da nobreza e notários. Séculos XIX.

2. Arquivo de Cagliari

Poucos documentos foram localizados sobre o Brasil, estes se encontram no acervo da Secretaria de Estado da Guerra. Séculos XVIII e XIX.

3. Arquivo de Florença

Os poucos documentos encontrados trazem informações gerais sobre as colônias da América do Sul. Séculos XVI ao XIX.

4. Arquivo de Gênova

São poucos os documentos sobre o Brasil aqui existentes. As informações encontradas são a partir das relações com Portugal e Espanha. Século XVIII.

5. Arquivo de Lucca

São vários os documentos, em vários Fundos que interessam ao Brasil, por se referirem a Portugal. Séculos XVIII e XIX.

6. Arquivo de Mântua

Existem notícias do Brasil na correspondência com Portugal. Séculos XV ao XIX.

7. Arquivo de Milão

Foram identificados poucos documentos relacionados ao Brasil. Estão quase todos no Fundo Religião. Séculos XVI ao XIX.

8. Arquivo de Modena

São poucas informações sobre o Brasil. Séculos XVIII e XIX.

9. Arquivo de Nápoles

A documentação importante para o Brasil refere-se às relações entre a Casa dos Bourbons e a de Bragança no século XIX.

10. Arquivo de Parma

Foram identificados poucos documentos referentes ao Brasil. Estão na correspondência farnesiana e bourbônica século XVIII.

11. Arquivo de Roma

Neste arquivo foram encontrados apenas documentos avulsos e fascículos referentes ao Brasil. Século XIX.

12. Arquivo de Trieste

Os documentos encontrados referem-se ao comércio entre Brasil e Trieste no século XIX.

13. Arquivo de Turim

Existem documentos sobre o Brasil, principalmente na correspondência com as Cortes de Espanha e Portugal, como também existem Tratados diversos. Séculos XVII ao XIX.

14. Arquivo de Veneza

São poucos os documentos de interesse do Brasil e referem-se ao comércio de mercadorias. Século XIX.

Arquivos e Institutos de Conservação com sede em Roma**15. Escritório Histórico da Marinha Militar**

Os documentos de interesse do Brasil são relacionados à atividades da Marinha Sarda na América Meridional. Século XIX.

16. Museu Central do Risorgimento

Nos Fundos Jessie White Mario, Fabrizi e outros, existem documentos referentes ao Brasil no século XIX.

17. Biblioteca Nacional Central de Roma

O interesse maior para o Brasil é o Fundo Jesuítico, com documentos dos Séculos XVI ao XVIII.

Arquivos Religiosos**18. Carmelitas**

Documentos relacionados às missões da Ordem na Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão e Pernambuco. Séculos XVI ao XIX.

19. Dominicanos

A documentação do Século XIX, refere-se a missão no Brasil.

20. Franciscanos

Importante a documentação sobre a atuação da Ordem Franciscana no Brasil.

21. Frades Menores

A documentação mais importante está relacionada à Província de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro. Séculos XVI ao XIX.

22. Companhia de Jesus – ARSI

Existe uma farta documentação de interesse do Brasil sobre as missões jesuíticas e os colégios do Brasil. Séculos XVII ao XVIII.

23. Capuchinhos

Presentes na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro desde o século XVII esta documentação possui informações sobre missões. Séculos XVII ao XIX.

24. Lazaristas

A documentação referente ao Brasil trata dos primeiros padres Lazaristas que se estabeleceram em Minas Gerais e Goiás no Século XIX.

25. Padres dos Sagrados Corações

Os documentos de interesse do Brasil são do século XX sobre a atuação desses religiosos no país.

26. Servos de Maria

No Brasil desde 1920, alguns documentos referem-se à atuação dessa Congregação em várias regiões brasileiras.

4.2.7 - VATICANO

Colonizado por um país católico, o Brasil herdou dos portugueses a pertença a esta fé. Desde o início da colonização, ou melhor, desde o descobrimento que a Igreja

Católica Apostólica Romana possui papel de relevo na história brasileira. Frades franciscanos eram capelães das naus que conduziram, em 1500, os navegantes descobridores em sua travessia do Atlântico. A Igreja, em muitos momentos da história brasileira, desempenhou papel importante como pacificadora e aglutinadora não somente de uma cultura religiosa, mas de uma cultura laica imbrincada na religiosidade. Muitas vezes onde o estado não chegava, a Igreja ali estava com suas casas de oração, curatos, paróquias, e dioceses, sendo a primeira, a de Salvador na Bahia, criada a 25 de fevereiro de 1551³¹³.

Não há negar o acervo riquíssimo guardado no arquivo secreto do Vaticano referente ao Brasil. Francisco Welffort, ex-ministro da cultura do Brasil, a respeito da documentação referente ao Brasil e que se encontra nos arquivos do Vaticano, assim se manifestou:

“A Santa Sé, pelo seu papel fundamental desde os primórdios da colonização e povoamento do Brasil, é depositária natural de relatos e dados que nos permitem melhor entender de onde viemos e o que somos. Desde a primeira missa rezada nas areias da Coroa Vermelha, na instituição e trabalho das missões indígenas, no papel profundo que desempenhou na educação do nosso povo e na formação do pensamento brasileiro, na contribuição para a riqueza de nossa espiritualidade, a Igreja Católica, como indicou o historiador Charles Boxer, deve ser entendida como um dos pilares sobre os quais se sustentou o esforço português de expansão no mundo, Ao lado dos processos econômicos que foram responsáveis pela formação do Brasil estão os processos mentais e espirituais que compuseram nossa cultura. Daí a importância do estudo dos arquivos religiosos, tanto do Vaticano propriamente dito, quanto das ordens religiosas que estamos procurando desvelar através do levantamento dos documentos.”³¹⁴

Essa documentação do Arquivo Secreto do Vaticano é um importante subsídio para a história do Brasil. As relações do Brasil com o Vaticano na época colonial e depois

³¹³ A diocese de São Salvador da Bahia foi criada em 25 de fevereiro de 1551 pelo Papa Júlio III, por meio da bula *Super specula militantes Ecclesiae*, com área desmembrada da Arquidiocese de Funchal. Em 03 de julho de 1551, tornou-se arquidiocese sufragânea da Sé Metropolitana de Lisboa. Cf. BEOZZO, José Oscar. Dicionário de História Religiosa de Portugal. Vol. I. Lisboa: 2000, pp. 264-271.

³¹⁴ WELFFORT, Francisco. *Apresentação*. IN *Catálogo dos documentos de interesse para a história do Brasil depositados no Arquivo Secreto do Vaticano*. Não editado. A cópia consultada é o “boneco” para a sua publicação. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central/Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

da independência foram, quase sempre, amistosas, outras vezes carregadas de tensões, sempre devido ao chamado “Padroado Régio”³¹⁵, que limitava o poder e a influência da Igreja Católica Romana, o que se deu tanto na colônia como no Brasil independente. A documentação levantada não alcança a República, vai do século XVI à primeira metade do século XIX.

Arquivos Pontifícios³¹⁶

1. Arquivo Secreto do Vaticano

É riquíssimo o acervo sobre o Brasil, datado do século XVI ao XX.

2. Congregação dos Negócios Eclesiásticos e Extraordinários

Os documentos de importância para o Brasil encontram-se quase sempre nos “Facículos” do século XIX.

3. Congregação De Propaganda Fide

Os documentos dos Séculos XVII ao XIX referem-se às missões no Brasil.

4. Fábrica de São Pedro

As Séries Protocolo, Súplicas e Rescritos possuem documentos sobre o Brasil. Séculos XVI ao XIX.

5. Penitenciária Apostólica

De interesse os processos de nulidade matrimonial. Séculos XVI ao XX.

6. Pontifícia Universidade Gregoriana

³¹⁵ Na acepção mais usual e genérica, designa o direito de administrar os assuntos religiosos no ultramar, concedido pela Santa Sé aos reis de Portugal e de que, posteriormente, também gozaram os imperadores do Brasil em relação ao novo país. Essa instituição, contudo, sofreu uma longa evolução, marcada por intrincadas questões de natureza jurídica. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *op. cit.*, p. 606.

³¹⁶ Com exceção do Arquivo Secreto do Vaticano, cujo catálogo está em fase de elaboração para publicação, os outros arquivos aqui citados foram trabalhados e constam do Guia.

São importantes os documentos referentes aos jesuítas que atuaram no Brasil. Séculos XVII ao XVIII.

4.2.8 - ÁUSTRIA

O Projeto Resgate na Áustria ainda não foi finalizado. A par da surpresa com a rica documentação de interesse do Brasil, existente no país, a pesquisa se estendeu por mais tempo por se ter encontrado mais de duzentas caixas de documentos que deverão ser levantados, como informou a atual Coordenadora/Assessora acadêmica e técnica Projeto Resgate “Barão do Rio Branco, Kátia Jane de Souza Machado. Até o momento foram pesquisadas as seguintes instituições, todas em Viena³¹⁷:

Arquivos de Viena

- 1. Arquivo do Zoo Schombrum**
- 2. Biblioteca Nacional**
- 3. Biblioteca de Música**
- 4. Museu do Globo**
- 5. Museu do Mapa**
- 6. Museu de Belas Artes**
- 7. Arquivo de Iconografia**
- 8. Arquivo do Albertina Museum**
- 9. Museu Militar**
- 10. Arquivo de Música da Faculdade de Teatro de Viena**
- 11. Arquivo da Prefeitura**
- 12. Arquivo Biblioteca da Academia de Ciências**
- 13. Biblioteca do Museu Etnográfico**
- 14. Museu de História Natural e Museu Etnográfico**
- 15. Igreja Jesuítica de Viena**
- 16. Arquivo Fonográfico de Viena**

³¹⁷ Projeto Regate Brasil-Áustria, IN <http://www.webartigos.com/artigos/projeto-resgate-brasil-austria-palestra-dia-15-de-julho-de-2009-no-ihgb/20990/> (Consulta 10 de setembro de 2015).

Em 2014 ainda faltava visitar, entre outras cidades, o acervo documental de Salzburg, Insbruck e Melk. O guia de fontes da Áustria não está concluso.

4.2.9 - ESTADOS UNIDOS

Apesar de não ter havido uma ligação mais estreita com os Estados Unidos, tanto no período colonial como no imperial, o acervo documental referente ao Brasil é apreciável naquele país. Dos mais diferentes modos de aquisição foram se formando os acervos referentes ao Brasil nos Estados Unidos, uns, ou por doação de brasileiros ali residentes, outros por compra. Estes acervos se encontram em diversos estados confederados, e formam coleções importantes para a história do Brasil. Em Washington se encontra, inclusive, a Biblioteca do grande historiador brasileiro, Oliveira Lima, da mesma forma que diversos conjuntos documentais referentes ao Brasil se encontram em diversas universidades norte-americanas³¹⁸.

Na apresentação ao Guia de Arquivos Americanos sobre o Brasil, os organizadores da publicação, historicizam as relações entre Brasil e Estados Unidos, dando uma visão dos acervos de interesse do Brasil encontrados neste país:

“Aspecto menos conhecido dessas múltiplas interações entre o Brasil e os Estados Unidos, a não ser dos historiadores e especialistas em arquivos, são os documentos de natureza histórica – expedientes oficiais e relatos oficiosos, que comprovam a intensidade das relações bilaterais, praticamente desde antes da nossa independência e de modo bastante intenso a partir do século XX. Com efeito, como a esta coletânea pretende demonstrar, o “país” Brasil, mas também as “coisas” brasileiras de modo geral estão muito presentes, mesmo desde antes da independência, nos registros diplomáticos, consulares e nos papéis de negócios de agentes privados e de agentes oficiais americanos. Assim como não se pode compreender a história do Brasil moderno e contemporâneo sem levar em conta essas múltiplas interações com os Estados Unidos ao longo de mais de dois séculos, tampouco se pode pretender escrever sua história – oficial, nacional ou mesmo “popular” – sem

³¹⁸ BERTOLETTI, Esther Caldas et al., op. cit., p. 23.

*uma referência às fontes documentais guardadas nos arquivos americanos”.*³¹⁹

A documentação referente ao Brasil constante de arquivos e bibliotecas nos Estados Unidos pertence, como dito, a coleções³²⁰ e não fundos de arquivos. Como se poderá constatar abaixo, são muitas as instituições espalhadas pelos Estados Unidos que foram pesquisadas, levantando-se a documentação nelas existentes:

1. National Archives and Records Administration I – Washington D.C.

Em vários grupos documentais, existem documentos referentes ao Brasil datados dos séculos XIX e XX.

2. National Archives and Records Administration II – College Park

No setor de iconografia é possível acessar a base de dados bibliográficos referentes a revistas de sociedades históricas americanas.

Bibliotecas Presidenciais

3. Herbert Hoover Library - West Brach – Iowa

No acervo da Biblioteca, podem ser encontrados documentos interessantes referentes ao serviço diplomático.

4. Franklin D. Roosevelt Library - Albany Post Road – New York

Correspondências, diários, memorandos, relatórios, notas, discursos, artigos e muitos outros documentos de interesse do Brasil, podem ser encontrados. Século XX.

5. Harry Truman Library – Independence – Missouri

³¹⁹ *Guia dos arquivos americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos*. Organizadores: Paulo Roberto Almeida; Rubens Antônio Barbosa e Francisco Rogido Fins. Brasília, FUNAG, 2010, p. 17.

³²⁰ Coleção: reunião artificial de documentos que, mantendo relação orgânica entre si, apresentam alguma característica comum. Cf. CAMARGO, Ana Maria; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (Organizadoras). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, núcleo regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996, p. 17.

Podem ser encontrados documentos, impressos e audiovisuais que interessam ao Brasil. Século XX.

6. Dwight D. Eisenhower Library – Abilene – Kansas

Possui material referente ao Brasil: correspondências oficiais, relatórios, memorandos, entrevistas e outros todos do século XX.

7. John F. Kennedy Library – Boston – Massachusetts

Entre outros documentos, são interessantes as entrevistas orais de embaixadores no Brasil. Século XX.

8. Lyndon B. Johnson Library – Austin – Texas

O material disponível refere-se a estudos, relatórios, correspondências, clippings, fotografias e outras tipologias. Século XX.

9. Nixon Presidential Materials Staff – College Park – Maryland

Possue documentos oficiais sobre o Brasil e na Série sobre a América Latina existe uma pasta sobre o Presidente Médici. Século XX.

10. Gerald R. Ford Library and Museum – Ann Arbor – Michigan

Entre os vários grupos de documentos que interessam ao Brasil, o material acerca dos pedidos de assistência à viajantes americanos ou residentes no Brasil, assuntos comerciais e direitos humanos no Brasil, são interessantes. Século XX.

11. Jimmy Carter Library – Atlanta – Geórgia

São vários os grupos com material sobre o Brasil e América Latina. Século XX.

12. Ronald Regan Library – Simi Valley – Califórnia

São poucos os documentos referentes ao Brasil, quase sempre são discursos do ex-presidente em viagens ao Brasil. Datam de 1981 a 1986.

13. George Bush Library – College Station – Texas

Dados de 1989 a 1992, a documentação referente ao Brasil é composta de discursos, memorandos e outros documentos oficiais.

14. William J. Clinton Presidential Library and Museum – Little Rock – Arkansas

Identificou-se, nesse acervo, 645 documentos relativos ao Brasil, referentes a viagens e contatos, notas do Departamento de Estado e relatos de conversas com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Século XX.

15. George W. Bush Presidential Library – Lewisville – Texas

O material referente ao Brasil, em formatos textos e pdf, dizem respeito a viagens e conversações com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Século XXI.

Outras Bibliotecas e Instituições

16. Library of Congress – Washington, DC

O acervo da Instituição é riquíssimo e possui muito material de interesse do Brasil em diversas Coleções: Literatura e filosofia, artes. A cartografia é interessantíssima para o Brasil assim como os jornais e periódicos. Na parte de manuscritos existem cartas de Thomas Jefferson ao abade José Correia da Serra e parte da correspondência de D. Pedro II e Alexander Graham Bell. Séculos XVI ao XX.

17. Oliveira Lima Library – Washington, DC

Uma das maiores bibliotecas brasileiras no exterior é formada, além de livros, por mapas e manuscritos dos séculos XVIII e XIX e muitas outras Coleções importantes para o Brasil. Séculos XV ao XX.

18. Benson Latin American Collection – Austin, TX

Das várias Coleções interessantes para o Brasil, destaca-se a referente à Companhia de Mineração St. John D’El Rey Mining Company, de 1830 a 1960.

19. John Carter Brown Library – Providence, RI

Esta biblioteca possui provavelmente a melhor Coleção de livros raros impressos no e sobre o Brasil referente ao período colonial. São quase 1300 títulos publicados antes de 1822.

20. Columbus Memorial Library – Washington, DC

São mais de 1800 referências ao Brasil, geralmente, relativas à OEA- Organização dos Estados Americanos.

21. Yale University – New Haven, CT

A coleção Latino-Americana de Yale é uma das mais importantes coleções de interesse do Brasil, com documentação dos séculos XIX e XX.

22. Howard-Tilton Memorial Library – New Orleans, LA

Existem várias coleções de jornais referentes ao Brasil, obras impressas de instituições brasileiras (IHGB e ABL). Séculos XVIII e XIX.

23. Joseph Mark Lauinger Library – Washington, DC

Possui diversos documentos sobre o Brasil, sobressaindo um relatório de exploração da Amazônia, de 1854, e uma notícia biográfica de Dom Pedro I, de 1876.

24. Newberry Library – Chicago, IL

Importantíssima a coleção sobre a história luso-brasileira. Sua biblioteca possui inúmeras obras sobre Portugal e suas ex-colônias. Séculos XV ao XVIII.

25. Smithsonian Institution – Washington, DC

O acervo de interesse do Brasil refere-se, entre outros assuntos, à Antropologia, História Natural e Etnografia. Séculos XIX ao XX.

26. New York Public Library – New York, NY

O arquivo abriga coleções imensas, com milhares de títulos sobre o Brasil, entre obras impressas e manuscritas. Século XVIII ao XX.

27. National Security Archive – Washington, DC

Contém pouco material referente ao Brasil. Alguns dos documentos se referem à cooperação do regime militar brasileiro com outras ditaduras da América do Sul. Século XX.

28. Center for Research Libraries – Latin American Microform

A documentação é acessada *on line* e refere-se a Relatórios Ministeriais, Relatórios dos Presidentes de Províncias e outras publicações. Séculos XIX e XX.

29. General Records of the Department of State – Washington

O arquivo guarda muita documentação referente ao Brasil, seja em originais, microfilmes ou digitalizados. Séculos XVIII ao XX.

30. Central Intelligence Agency – Langley – Virgínia

Os arquivos do *Record Group 263*, possuem documentação sobre o Brasil. Séculos XIX e XX.

Ao todo, foram 263 instituições pesquisadas (arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação), em 128 cidades de 9 países. De quase todas as instituições foram elaborados guias de fontes com as referências aos conjuntos documentais ali guardados. Excetuam-se os instrumentos de pesquisa da Espanha e Holanda, que devido a importância da documentação, descrevem mais esmiuçadamente a documentação a partir do item documental, constituindo, na realidade, não guias de fontes, mas catálogos da documentação referente ao Brasil existente em instituições desses países.

Com o Projeto Resgate, não é somente a realidade da história luso-brasileira que emergirá a partir de trabalhos os mais diversos, acadêmicos ou não. Os subsídios sobre o Brasil dos séculos XVI ao XIX estão disponibilizados para a pesquisa e outra realidade avulta com o levantamento das fontes sobre o Brasil existentes em outros países europeus e nos Estados Unidos. Estudiosos poderão conhecer as relações do Brasil com a Espanha, França, Holanda, Áustria, Bélgica, Reino Unido e Irlanda, Áustria, Itália, Vaticano e Estados Unidos.

Ganha com todo este trabalho encetado nesses nove países a historiografia brasileira. Ganha igualmente, a história dos países que foram visitados por pesquisadores do Projeto Resgate. Afinal, a memória histórica é relacional e em um mundo globalizado, conhecer-se e conhecer o outro são aspectos que favorecem o entendimento e o respeito mútuo.

As navegações e descobertas do século XV e XVI foram, talvez, o início da globalização que hoje se acentua de forma tão nítida em todos os campos do viver. Há pouco mais de 550 anos o homem europeu entrou em contato com terras desconhecidas, um mundo se descortinava a seu olhar. Era o início de uma permanente relação que os documentos do Projeto Resgate querem dar a conhecer, apresentando este farto material histórico como subsídios para a historiografia brasileira e dos países com os quais se mantem, historicamente, ligado.

4.3 OS RESULTADOS DO PROJETO RESGATE EM PORTUGAL

Após mais de 20 anos de pesquisas e levantamentos da documentação histórica de interesse do Brasil em Portugal, quais os resultados, quais os produtos do Projeto Resgate no AHU?

Em Portugal o Projeto Resgate se limitou ao AHU que contém a maior massa documental de interesse do Brasil em outro país. Como visto, o trabalho no AHU foi muito além do levantamento da documentação relacionada à ex-colônia portuguesa na América Latina. Os técnicos do Projeto Resgate organizaram, acondicionaram e descreveram a documentação; muitas vezes tiveram de reorganizar processos desfeitos ao longo dos anos, de juntar anexos desaparecidos ao documento principal. Foi um trabalho hercúleo que somente uma força tarefa como Projeto Resgate, que contou com mais de cem técnicos pesquisadores, durante duas décadas, poderia realizar.

O saldo do trabalho no Arquivo Ultramarino foi realmente satisfatório. Mais da metade de todo o acervo do AHU foi trabalhada, organizando, descrevendo, acondicionando, microfilmando e digitalizando a documentação referente ao Brasil. Os números impressionam: foram cerca de 205.000 documentos descritos, assim especificados: 204.708 documentos referentes à capitânias, acrescidos das séries Rio da Prata, Conselho Ultramarino – Diversos, Reino e Conselho Ultramarino Vários, acondicionados em 2428 caixas-arquivo; 831 códices; 573 documentos cartográficos e iconográficos referentes a 700 imagens. Toda esta documentação foi microfilmada e digitalizada, o que gerou 2748 rolos de microfilme e 318 CDs. Os catálogos e guias de fontes somam 71 volumes, com 68 índices e 16.903 páginas.

4.3.1 A DOCUMENTAÇÃO AVULSA DAS CAPITANIAS

Para uma melhor visualização desses produtos e números do Projeto Resgate relacionar-se-á, abaixo, as séries da documentação trabalhada no AHU, número de

caixas, datas extremas (limites) da documentação, quantidade de rolos de microfilme e CDs resultantes.

SÉRIE	CAIXAS	NÚMERO TOTAL DE DOCUMENTOS	DATAS EXTREMAS	ROLOS DE MICROFILMES	CDS
003-Brasil-Geral	46	3799	1610 - 1832	44	18 CDs (nos CDs do CU-Diversos)
004-Alagoas	7	532	1680 - 1826	9	1
005-Bahia	281	19610	1604 - 1828	293	32
005-01 BA_CA³²¹	151	30374	1613 - 1807	143	25
005-02 BA_LF³²²	34	4384	1599-1700	38	6
006-Ceará	24	1436	1618 - 1832	22	3
007-Espírito Santo	8	1549	1585 - 1822	7	2
008-Goiás	56	2950	1731 - 1822	73	7
009-Maranhão	180	13118	1614 - 1833	199	14
010-Mato Grosso	44	2221	1720 - 1827	39	9
011-Minas Gerais	189	13969	1680 - 1832	174	54
012-Sacramento	8	662	1682 - 1826	9	2 CDs Rio da Prata
01361-Pará	165	12690	1616 - 1833	178	16
014-Paraíba	50	3523	1593 - 1826	57	6
015-Pernambuco	290	20029	1590 - 1825	336	25
016-Piauí	32	1716	1684 - 1828	37	5
017-Rio de Janeiro	295	20964	1614 - 1830	287	20
017-01³²³ RJ_CA	88	20485	1617 - 1757	83	7
018-Rio Grande do Norte	10	684	1623 - 1823	12	1

³²¹ Esta parte dos documentos da Bahia, haviam sido classificados e descritos na primeira metade do século XX por Eduardo de Castro e Almeida, o que originou o “Catálogo de Castro e Almeida”. ALMEIDA, Eduardo de Castro. *Inventário dos Documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 9 volumes, 1913-1951.

³²² Esta parte dos documentos da Bahia, haviam sido classificados e descritos na primeira metade do século XX por Luísa da Fonseca, o que originou o Índice de Luísa da Fonseca: FONSECA, Luísa. *Índice Abreviado dos Documentos do século XVII do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa*. Rio de Janeiro: Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia, 1950, vol. 2, pp. 7-353.

³²³ Da mesma forma que com a documentação da Bahia, Eduardo de Castro e Almeida elaborou um catálogo do Rio de Janeiro publicado nos Anais da Biblioteca Nacional: *Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil Existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar*, organizado para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por Eduardo de Castro e Almeida, 1º conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa e diretor da Secção IX do Arquivo da Marinha e Ultramar – Rio de Janeiro, 1576 – 1757. Anais da Biblioteca Nacional, vol. 71, s/d. pp. 11-170.

019-Rio Grande do Sul	13	822	1732 – 1825	15	2
020-Rio Negro	18	750	1723 – 1825	21	2
021-Santa Catarina	10	619	1717 – 1827	11	1
022-Sergipe	6	495	1619 – 1822	7	2
023-São Paulo	30	1383	1644 – 1830	33	4
023-01 SP-MG	66	5113	1618 - 1805	70	7
TOTAL DA SÉRIE	2.101	183.697		2197	253

Tabela 54 – Capitânicas, número de caixas, datas extremas da documentação, quantidade de rolos de microfilmes e CDs.

O quadro acima apresenta o número de caixas, documentos, rolos de microfilmes e CDs referentes ao trabalho com a documentação das capitânicas brasileiras existente no AHU. O número das caixas se viu aumentado pelo motivo de terem sido encontrados centenas de documentos em outras séries ou em acervos que não estavam com a documentação identificada. Na organização interior das séries encontravam-se, muitas vezes, documentos que na verdade não formavam um item documental, estavam agrupados erroneamente, devendo ser separados para a descrição, o que também veio aumentar o cômputo final da documentação.

Pode-se estranhar que as datas limites dos acervos e várias capitânicas são posteriores à independência do Brasil, em 1822. O motivo é que algumas províncias (a partir de 1822 as antigas capitânicas passaram a ser províncias do Império Brasileiro), demoraram para aderir à independência, ocorrendo mesmo algumas lutas internas entre o poder imperial e as províncias que queriam se manter unidas a Portugal.

SÉRIE	CAIXAS	NÚMERO TOTAL DE DOCUMENTOS	DATAS EXTREMAS	ROLOS DE MICROFILMES	CDs
030-Serviço de Partes	5	684	1618 – 1807	4	Nos CDs do CU-Diversos
035-Ultramar	36	3053	1581 – 1832	26	Nos CDs do CU-Diversos
050-Contratos do Sal	2	138	1700 – 1801	3	Nos CDs do CU-Diversos
059-Brasil-Limites	4	289	1699 – 1843	5	
065-Montevidéu	4	224	1778 – 1824	3	No mesmo CD do Rio da Prata
066-Buenos	1	22	1753 – 1823	1	Rio da Prata

Aires					
071-Paraguai	1	27	1618 - 1762	1	Rio da Prata
076-Reino	Cerca de 500 caixas, porém foram feitas 251 (Reino e vários)	12000	Séculos XV-XX		
084-Visita do Ouro	1	54	1771 - 1788	1	No CD do CU-Diversos
089-Conselho Ultramarino	22	2020	1642 - 1833	22	1
Conselho Ultramarino Vários³²⁴		2500		78	18
TOTAL	327	21.011		144	19

Tabela 55 - Séries Ultramar e outras séries trabalhadas pelo Projeto Resgate no AHU.

Como se pode depreender pela tabela apresentada, os produtos do Projeto Resgate no AHU, quanto às séries Capitâneas, foram expressivos. Com estas séries descritas, descortina-se ao olhar do pesquisador um mundo que instiga perguntas e reflexões. A investigação científica munida de seus métodos, técnicas e conhecimentos teóricos necessita deste material bruto, o documento, para subsidiar seus trabalhos. São preciosidades registradas em suporte papel que precisam ser entendidas e interpretadas pelos estudiosos. Parece pouco o tempo que nos separa do século XVIII e XIX, mas para a realidade da América, ainda mais da América Latina, às vezes tão conturbada politicamente, é muito tempo. Os resultados advindos dos estudos e reflexões que esta documentação propiciará, são promissores. No estudo do passado, poder-se-á melhor compreender o presente e projetar o futuro.

Mas não foram apenas estas séries que foram trabalhadas. As séries “Códices” e “Cartografia e Iconografia” tiveram resultados altamente positivos, como se demonstrará em seguida.

³²⁴ Documentos encontrados em diversas séries e que pertenciam à Série Conselho Ultramarino que já havia sido trabalhada. Nomeou-se de Conselho Ultramarino Vários.

4.3.2 OS CÓDICES DO AHU REFERENTES AO BRASIL

Os Códices³²⁵ do AHU referentes ao Brasil, eram conhecidos por terem sido referenciados no Inventário de Alberto Iria³²⁶, elaborado na década de 1960. Acreditava-se, porém, que eram apenas os 435 códices ali referenciados. O aumento do número de códices trabalhados pelo Projeto Resgate se deu pelo motivo de se ter referenciado, também, os códices que não eram relativos somente ao Brasil, mas alguns referentes a “todas as conquistas, outros a cada um dos territórios ultramarinos, ou a conjuntos de territórios, capitania ou comarcas”³²⁷. Ou seja, alguns códices contém informações de mais de uma das possessões ultramarinas e, para não se perder as informações, optou-se por microfilmar os códices relativos a todas as conquistas, os quais contém registros de documentos sobre o Brasil. Foram totalizados 759 códices, sendo estes os que estão referenciados no “Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino”, mas o número total foi 831 volumes, pois ocorre que alguns desses códices que estão sob uma mesma denominação, constituem mais de um volume.

A importância dos Códices do Conselho Ultramarino referentes ao Brasil é reconhecida pelos historiadores brasileiros que se dirigiam ao AHU para suas pesquisas. Os códices são, na realidade, livros de registros. Um grande número de informações que não constam da documentação avulsa, encontram-se registradas nos códices que contém “*cópias de alvarás, decretos, provisões, consultas, cartas, escritos, avisos e outros papéis dos reis, dos Conselhos Ultramarinos e o da Fazenda, dos secretários de Estados e diferentes autoridades metropolitanas e*

³²⁵ Códice: livro manuscrito organizado em cadernos cozidos entre si. Cf. CAMARGO, Ana Maria; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (Organizadoras). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, núcleo regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996, p. 16; MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra (org.). *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 29.

³²⁶ IRIA, Alberto. *Inventário geral dos códices do Arquivo Histórico Ultramarino apenas referentes ao Brasil (fontes para a história luso-brasileira)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966. Separata de *Studia*, n. 18, 1966, Agosto.

³²⁷ SINTRA, 2001, op. cit., p. 22 e 23.

coloniais.”³²⁸ Além desses documentos, os códices contém os compromissos de irmandades, documentos importantes, sendo, praticamente, os *estatutos das irmandades religiosas laicas conservados em livros, os quais descreviam as restrições quanto à aceitação de membros, o seu objetivo e suas regras*³²⁹. No Brasil Colonial as irmandades foram importantes e poderosas, e seus compromissos são muito procurados para o estudo da sociedade, sua relação com a igreja e a segmentação social, pois havia irmandades de brancos, de negros, de pardos; de comerciantes, militares.

Os códices foram nomeados no AHU por conjuntos, como Códices I, II e III. Abaixo os códices referenciados e microfilmados pelo Projeto Resgate, com a quantidade deles, número de microfimes e CDs resultantes:

CÓDICES	QUANTIDADE DE CÓDICES	CDs	TOTAL DE CÓDICES	TOTAL DE ROLOS DOS CÓDICES	TOTAL de CDs
Código I	232	26	831	232 rolos de microfimes	44
Código II	21	18			
Código III	578	Os conjuntos dos Códices II e III nos mesmos conjuntos de CDs.			

Tabela 56 - Códices

Muitos termos de assentos que não se registravam em papéis avulsos, foram registrados nos códices. Era uma série não muito conhecida dos pesquisadores, mesmo porquê muitos códices estavam desaparecidos dentro do AHU, fruto das mudanças, idas e vindas de acervos de uma para outra instituição. Com o trabalho do

³²⁸ O Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco: acesso às fontes da história do Brasil existentes no exterior. IN Clio – Revista de Pesquisa Histórica, n. 29 – Dossiê sobre história colonial I, Universidade Federal de Pernambuco, 2011, p. 15.

³²⁹ Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da, op. cit., p. 195.

Projeto Resgate, a maioria desses códices foi encontrada, restando apenas dois desaparecidos³³⁰.

Os assuntos dos códices como já mencionado, são variados, indo desde o registro de ordens e correspondência, ofícios, provisões, mandados do Conselho da Fazenda. Muito procurados são os códices com os compromissos das diversas irmandades religiosas presentes em todo o mundo português. Portanto, é uma documentação que se pode dizer inédita e que traz informações importantes para os investigadores do passado brasileiro, principalmente ao se cruzar os documentos registrados nos códices com a documentação avulsa.

4.3.3 A CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA DO AHU REFERENTES AO BRASIL

A cartografia e iconografia do AHU, mereceu um trabalho especial no que tange à busca de informações sobre os mapas, vistas e perfis existentes, referentes ao Brasil. Isso pelo motivo de que em muitas situações os documentos manuscritos expositivos narrativos que remetiam estes documentos como anexos (quase sempre cartas, ofícios, ou requerimentos), encontravam-se separados da cartografia e iconografia. Nem sempre, em organizações passadas no AHU, manteve-se a informação constante do documento que cobria as imagens. Realizou-se, por isso, um trabalho primoroso de juntar a referência do documento identificador à imagem. Dessa forma, a informação ficou mais completa, pois nem sempre o autor do mapa ou iconografia assinava o trabalho, remetendo-o coberto por ofício ou relatório nos quais informava a autoria. Com isso, sanou-se, também, a dificuldade de se datar trabalhos que não foram datados pelo autor. Pelo documento narrativo, ofício ou relatório, pôde-se conhecer as datas de execução de muitos dos desenhos cartográficos e iconográficos que antes eram descritos “sem data”.

³³⁰ Cf. MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra (org.), op. cit., 159.

A documentação cartográfica e iconográfica do AHU constitui importante testemunho para a análise do Brasil colonial, acerca de sua territorialidade, hidrografia, topografia, limites com outras colônias, ocupação territorial e muitos outros assuntos. Mas salta aos olhos a importância da documentação no que tange a particularidades espaciais, acerca de sua territorialidade. A este respeito, a Dra. Ana Canas diretora do AHU em sua apresentação ao *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*, escreveu:

*“O reconhecimento do território perpassa em muitos outros documentos. Ficaram registadas áreas da extensa costa, com a representação de enseadas, baías, cais, portos e respectivas barras, pontas e cabos e ainda praias, restingas e inúmeras ilhas. Entrando no interior, surgiram as referências a lagoas, rios, córregos ou cachoeiras. Assinalaram-se recifes e assoreamentos e a navegabilidade das águas e ainda morros e serras. Traçaram-se muitas fortificações, traduzindo programas de fixação sistemática de fronteiras e desenharam-se edifícios de instituições religiosas e da administração, para vilas e cidades, deles transparecendo formas de povoamento e processos de urbanização”.*³³¹

Os números da cartografia e iconografia do AHU, referentes ao Brasil, são os seguintes:

SÉRIE	CAIXAS	DOCUMENTOS	DATAS EXTREMAS	TOTAL ROLOS DE MICROFILMES	TOTAL DE DVDs
Cartografia		313	Séculos XVII - XIX	Foram apenas digitalizados	01
Iconografia		260	XVII - XIX	Foram apenas digitalizados	Está no DVD de cartografia
TOTAL		573		Foram apenas digitalizados	01

Tabela 57 – Cartografia e iconografia³³²

³³¹ FARIA, Maria Dulce de. *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011, p. 15.

³³² São ao todo 435 verbetes publicados no *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*, sendo 303 mapas, 05 vistas, 01 roteiro e 04 perfis que perfazem 700 imagens.

Sem dúvida o acervo cartográfico e iconográfico do AHU sobre o Brasil é um dos mais importantes testemunhos visuais da antiga colônia. A reunião desse material enriquecerá, sobremaneira, a pesquisa com imagens. Será interessante também, para a pesquisa e estudos que se relacionam com as práticas científicas e técnicas daquele tempo e a que almejavam os governantes ao valorizarem o trabalho de cartógrafos e desenhistas que da Europa se imiscuíam por selvas e montanhas, América do Sul adentro. Perpassa por este acervo a reflexão sobre a expansão e o controle do espaço territorial na conquista ultramarina, presente nas centenas de mapas e plantas do acervo, bem como a dominação que se dá, também a partir de um protótipo, de um modelo tido como o melhor, expresso muito bem nos desenhos das vilas e edifícios públicos que materializavam na colônia o ideal dominador da metrópole também no gosto da arquitetura, nas construções e nas artes.

Abaixo, nas tabelas, o total com a somatória das caixas, documentos, rolos de microfilmes e CDs:

TOTAL DE TODAS AS SÉRIES	TOTAL DE CAIXAS	TOTAL DE DOCUMENTOS	DATAS EXTREMAS	TOTAL DE ROLOS MICROFILMES	TOTAL DE CDs
TOTAL	2428	204.708	1581 - 1843	2573	318

Tabela 58 – Total das caixas, documentos, rolos de microfilmes e CDs

A cartografia e iconografia do AHU referente ao Brasil foi toda descrita e dela elaborou-se um catálogo. As cópias foram feitas em cromo aconselhados para posterior ampliação em papel com boa qualidade de resolução. Um CD com todas as imagens acompanha o catálogo, além dos catálogos constarem do site do AHU.

Os números totais dos volumes formados pelas caixas, códices, documentos, rolos de microfilmes e CDs, são especificados no quadro abaixo:

TOTAL DE CAIXAS	2177 Caixas
TOTAL DE CÓDICES	831 Códices
TOTAL DE DOCUMENTOS	204.708 docs. (capitanias, Rio da Prata e Conselho Ultramarino Diversos), mais os do Reino (12 mil) e mais os do Conselho Ultramarino Vários (2500)

	CERCA DE 205 MIL DOCUMENTOS TRATADOS PELO RESGATE.
TOTAL DE PÁGINAS TRABALHADAS	Cerca de 3.000.000 (três milhões de páginas ³³³ , sendo 2.000.000 (dois milhões no AHU, e 1.000.000 (um milhão) nos demais países europeus trabalhados e nos Estados Unidos ³³⁴).
TOTAL DE ROLOS (caixas e códices)	2805 Rolos (2573 das caixas e 232 dos códices)
TOTAL DE CDs	318

Tabela 59 - Total dos volumes (caixas, códices e documentos):

Número total de códices do Conselho Ultramarino	Cerca de 2195 ³³⁵
CÓDICES TRABALHADOS PELO PROJETO RESGATE	831, cerca de 41,5% dos códices do AHU
Total de caixas de documentos existentes no AHU	4279
CAIXAS TRABALHADAS PELO PROJETO RESGATE	2428 Sendo 2177 das capitânicas +251 (referentes ao Reino e vários): cerca de 56,7%
Total da cartografia e iconografia do AHU	900 documentos ³³⁶
TOTAL DA CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA MANUSCRITA DO AHU TRABALHADO PELO PROJETO RESGATE	435 documentos (referentes a 700 imagens) Cerca de 50% da cartografia e iconografia manuscrita do AHU
Totais de volumes (caixas e códices) do AHU	6279
TOTAL DE CAIXAS E CÓDICES TRABALHADOS PELO PROJETO RESGATE	3258 (das caixas e códices do AHU), Cerca de 51,9% do total de volumes do AHU foi trabalhado pelo Resgate.

Tabela 60 - Total dos códices, caixas de documentos, cartografia e iconografia do Conselho Ultramarino.

Os quadros que foram apresentados têm um único escopo, o de apresentar, esmiuçadamente, os produtos do Projeto Resgate na Europa e Estados Unidos. Logicamente que a documentação de Portugal é a de maior volume, mas a documentação referente ao Brasil existentes nos outros países é igualmente

³³³ Esta é uma estimativa. Cf. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes...* op. cit., p. 291.

³³⁴ FARIA, Maria Dulce de. *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011, p. 9.

³³⁵ Cf. MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra (org.). *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 31

³³⁶ FARIA, Maria Dulce de. *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011, p. 14.

importante e seus documentos, em grande parte, são inéditos para os pesquisadores brasileiros.

São bastante significativos os números que envolvem toda a dinâmica do Projeto Resgate, bem como seus produtos. A pesquisa nos diferentes arquivos dos diversos países foi realizada por mais de 100 especialistas, desde arquivistas, historiadores, paleógrafos e pesquisadores. Deste esforço conjunto em 10 países, contando com Portugal, resultaram 71 volumes de catálogos e guias de fontes, 68 índices que vêm acoplados aos catálogos e guias de fontes, complementando-os.

Foram 2.427 caixas de documentos trabalhados; 831 códices; 204.708 documentos; cerca de 5.000.000 (cinco milhões de páginas) dos documentos dos países europeus e Estados Unidos; 2.805 rolos de microfilme; 318 CDs.

Se o número de produtos é significativo, a instigação que todo este esforço deve provocar nos pesquisadores é o que realmente fará tudo valer a pena. A produção científica tem um farto material para os seus trabalhos, mas uma característica a mais, e muito importante, avulta do Projeto Resgate: como o conhecimento pode estar a serviço dos povos. Que a consequência de todo este trabalho seja a união de povos que têm tanto em comum: uma história e um povo entrelaçado, tudo envolto em sentimentos e desejos, uniões e rupturas que de alguma forma estão registrados na documentação, fruto materializado das relações históricas que, contextualizadas, humanizam e irmanam os povos.

4.3.4 CATÁLOGOS REFERENTES À DOCUMENTAÇÃO DAS CAPITANIAS EXISTENTES NO AHU

O arranjo que se dá aos acervos existentes nos arquivos, classificando-os em fundos, torna o arquivo histórico, também chamado “arquivo permanente”, melhor organizado e lógico. O acondicionamento adequado da documentação contribui para a sua preservação. Não obstante, a descrição arquivística é também fundamental para

que a informação chegue aos pesquisadores e isto se deu, no tocante à documentação trabalhada pelo Projeto Resgate em Portugal e em outros países da Europa e Estados Unidos, por meio dos instrumentos de pesquisa. Para a consecução do objetivo final, ou seja, colocar à disposição do público pesquisador as informações contidas na documentação trabalhada pelo Projeto Resgate, utilizou-se de guias, inventários, catálogos e índices. Estes instrumentos de pesquisa, possibilitam a identificação, o rastreamento, a localização e a utilização dos dados informacionais contidos nos documentos.

Os instrumentos de pesquisa, são, pois, fundamentais para, com facilidade e rapidez, obter-se a informação desejada em um acervo. Eles referenciam a documentação e podem ser mais restritos ou amplos, quer descrevam os fundos como um todo, quer as séries ou grupos, quer as unidades documentais, o item documental.

A respeito do termo “instrumentos de pesquisa”, utilizado no Brasil, bem como os diferentes tipos de instrumentos de pesquisa, a arquivista Heloísa Liberalli Bellotto registra:

*“Os instrumentos de pesquisa são, em essência, obras de referência que identificam, resumem e localizam, em diferentes graus e amplitudes, os fundos, as séries documentais e/ou as unidades documentais existentes em um arquivo permanente. A denominação “instrumentos de pesquisa” é a usual no Brasil e vem do francês instruments de recherche, embora a arquivística francesa também adote a expressão instruments de travail. Alguns espanhóis também usam instrumentos de trabajo, mas a maioria dos teóricos e profissionais da Espanha adota o termo instrumentos de descripción. Os arquivistas portugueses e dos países lusófonos africanos chamam de meios de busca esses componentes do conjunto de instrumentos que nos dão acesso intelectual ao documento. Na arquivística de língua inglesa, a denominação utilizada para essas mesmas publicações é finding aids”.*³³⁷

³³⁷BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes...* op. cit., p. 180.

A grande massa documental trabalhada pelo Projeto Resgate no AHU em Portugal, é a documentação referente às antigas capitanias, divisão territorial em que estava dividido o Brasil Colonial. Como se pode constatar da tabela n. 01, apresentada acima, a quase totalidade dos documentos trabalhados pelo projeto resgate no AHU refere-se às capitanias. E é nesta documentação que estão as informações relativas não só à administração da metrópole nas capitanias, mas também informações sobre o cotidiano da população, “modus-vivendi”, economia, comércio, extrativismo, mineração, religião e outros dados interessantes para a história do Brasil.

Os documentos foram referenciados e descritos um a um, resultando nos catálogos publicados, cada qual, no estado brasileiro de origem dos técnicos que trabalharam a documentação no AHU. Com exceção do estado do Piauí que foi publicado pela Universidade Católica de Goiás.

Destes catálogos referentes às capitanias, já se encontram publicados em papel ou em suporte digital, os seguintes:

1. *Inventário dos Manuscritos Avulsos Relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998, 3 vols.
2. *Catálogo de Verbetes dos documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Mato Grosso (1720-1827)*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1999, 526 p.
3. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Sergipe (1619-1822)*. São Cristóvão: Ed. UFS, 1999, 185 p.
4. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará: 1618-1832*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha, 1999, 358 p.
5. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Alagoas*. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1999, 190 p.
6. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830)*. 1º volume. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2000, 340 p.

7. *Catálogo de Documentos Avulsos Manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717-1827*. Florianópolis: UFSC, 2000, 174 p.
8. *Catálogo de Documentos Manuscritos e Avulsos da Capitania do Espírito Santo: 1585-1822*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2000, 169 p.
9. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Rio Grande do Norte (1623-1823)*. Natal: EDUFRN, 2000, 218 p.
10. *Catálogo do Rio Negro: Documentos Manuscritos Avulsos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (1723-1825)*. Manaus: EDUA, 2000, 249 p.
11. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania do Rio Grande do Sul existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*, Lisboa. Porto Alegre: CORAG, 2001, 239 p.
12. *Catálogo de Verbetes dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal (1731-1822)*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001, 533 p.
13. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania da Paraíba, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, 663 p.
14. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo*. 2º e 3º volumes, Bauru: EDUSC; São Paulo: 2000-2002, 804 p.
15. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Pará existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*. Belém: SECULT, Arquivo Público do Pará, 2002, 3 vols. 1976 p.
16. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos Relativos ao Maranhão existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. São Luís: FUNCMA/AML, 2002, 662 p.
17. *Catálogo de Verbetes dos Manuscritos Avulsos da Capitania do Piauí existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia:

Sociedade Goiana de Cultura, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2002, 350 p.

18. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco*. Recife: Ed. Da UFPE, 2006, 3 vols. 3.206 p.
19. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos Referentes à Capitania do Rio de Janeiro Existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. 1583 p. (ONLINE)³³⁸.
20. *Catálogo de Documentos Manuscritos “Avulsos” da Capitania da Bahia (1604-1828)*. Vols. I e II. Salvador: Fundação Pedro Calmon/Arquivo Público da Bahia, 2009, 707 p. vol I e 477 p. vol II.

Catálogos de outras séries: do Ultramar e Brasil- Limites.

1. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 302 p.
2. *Catálogo de Documentos da Colônia do Sacramento e Rio da Prata: existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa*. Rio de Janeiro: Nórdica, 2002, 376 p³³⁹.

Catálogo referente aos Códices

1. *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 184 p.

Catálogos referentes à cartografia e iconografia do AHU

1. *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011, 438 p.

³³⁸ “Catálogo de documentos manuscritos avulsos referentes à Capitania do Rio de Janeiro existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa”. IN *actd.iict.pt/eserv/actd:CUc017/CU-RioJaneiro.pdf* (Consulta 20 de setembro de 2015)

³³⁹ São dois catálogos editados em um só volume.

O resultado da elaboração dos catálogos referentes à documentação das capitanias do Brasil existentes no AHU foi a publicação de 20 catálogos, ou seja, todas as capitanias publicaram um instrumento de pesquisa com o resumo de cada documento de seu acervo. Estes 20 catálogos formam 34 volumes, já que várias capitanias publicaram seu catálogo em mais de um volume.

Foi uma tarefa hercúlea que somente a junção de esforços de dezenas de pesquisadores e instituições públicas e privadas poderia alcançar êxito. Muitos catálogos foram publicados por editoras ligadas às universidades públicas e privadas dos Estados correspondentes às antigas capitanias, outros por instituições públicas e privadas de fomento à pesquisa histórico-cultural. Enriquecendo os catálogos, as equipes em seus Estados de origem elaboraram diferentes índices: antroponímicos, toponímicos e ideográficos que facilitaram ainda mais para o pesquisador o encontro da informação buscada.

Cada catálogo contém os verbetes-resumos, numerados, sequencialmente, do primeiro ao último documento, constando do verbete a data cronológica e tópica, notação atual e antiga, observações acerca do documento, se está em mau estado de conservação, incompleto, se possui anexos. Ao final os catálogos trazem um quadro com as diferentes estruturas de governo do Brasil colônia desde 1531 a 1822, e a lista dos governadores das capitanias a que se referem.

Os catálogos foram entregues, juntamente com os conjuntos de microfilmes e CDs, às diversas instituições de pesquisa, arquivos históricos, universidades e Institutos Históricos do Brasil.

4.4 O PROJETO RESGATE EM OUTROS PAÍSES EUROPEUS E NOS ESTADOS UNIDOS, EQUIPES E FONTES FINANCIADORAS

Primeiramente pensado para Portugal, o Projeto Resgate tendo em vista a globalização, decidiu levantar as fontes para a história do Brasil presentes em outros países. O Projeto Resgate foi, portanto, um projeto internacional de cooperação entre o Ministério da Cultura do Brasil e arquivos de vários países europeus e Estados Unidos, bem como cooperação entre o mesmo Ministério da Cultura do Brasil e diversas instituições brasileiras e estrangeiras, como universidades, arquivos, fundações e instituições de fomento à pesquisa.

As pesquisas realizadas nos diversos países além de Portugal, levantaram os documentos de interesse do Brasil existentes em centenas de instituições, quais sejam arquivos, bibliotecas e museus. Esta documentação foi referenciada, quase sempre em seu conjunto e não documento a documento como no AHU.

O trabalho das equipes nos diversos países foram simultâneos ao trabalho no AHU e, pelo motivo de ser menor o número de documentos a levantar, não foram precisos acordos e protocolos como para a implantação do Projeto Resgate em Portugal. Mesmo porquê o trabalho desenvolvido nos outros países europeus e nos Estados Unidos foi diferente de como se deu em Portugal.

No AHU as equipes tiveram de trabalhar diretamente com a documentação, organizando-a cronologicamente, descrevendo-a e acondicionando-a. Em outra etapa, geralmente com as equipes já no Brasil, foram elaborados os catálogos a partir dos verbetes-resumo.

Nos outros países o trabalho das equipes foi o levantamento das fontes, daí que os instrumentos de pesquisa elaborados foram os guias de fontes que não relacionam documento por documento, mas os arquivos, museus e bibliotecas que contenham documentação de interesse do Brasil e algumas vezes descrevem no geral um conjunto de documentos que interessam à história brasileira.

Para o trabalho fora de Portugal foram utilizados os diferentes instrumentos de pesquisa existentes nos diversos arquivos. Também se utilizou dos antigos instrumentos de pesquisa elaborados pelos pesquisadores brasileiros dos séculos XIX e XX. Houve casos em que se necessitou de uma pesquisa mais aprofundada na documentação, até mesmo para averiguar se os instrumentos de pesquisa elaborados no passado ainda eram válidos. Era necessário saber se a documentação estava classificada da mesma forma, se não houve baixa ou destruição de documentos por diferentes motivos ou se o acervo foi transferido para outra instituição.

Seguindo a ordem da publicação dos guias de fontes, relaciona-se, abaixo, os países pesquisados e os resultados do Projeto Resgate nesta fase fora de Portugal.

4.4.1 HOLANDA

Alguns arquivos da Holanda, como já visto, haviam sido pesquisados por Joaquim Caetano da Silva em 1854, José Hygino Duarte Pereira em 1886 e no século XX, de 1957 a 1962 por José Antônio Gonçalves de Melo. Mas essas pesquisas ficaram longe de esgotar o levantamento da documentação holandesa de interesse do Brasil. O Guia elaborado veio facilitar o acesso dos interessados a essa documentação existente na Holanda. Para o levantamento dos arquivos e documentos holandeses referentes ao Brasil, foram contratados os serviços dos pesquisadores Marcos Galindo, da Universidade Federal de Pernambuco, e Lodewijk Hulsman, da Universidade de Amsterdã. Marcos Galindo concluiu a primeira fase de pesquisas e levantamentos em junho de 2000. Em 2001 foi publicado o *Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês: acervos de manuscritos em arquivos holandeses*³⁴⁰, no qual se incluiu os relatórios dos pesquisadores que ali estiveram no século XIX e meados do século

³⁴⁰ *Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês: acervos de manuscritos em arquivos holandeses*. Recife: Brasília: Minc, Projeto Resgate; Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana/ Instituto de Cultura, 2001, 376 p

XX. Para a elaboração e publicação do Guia, contou-se com a coordenação administrativa do IPAD – Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico, organização e produção editorial pela Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco. O trabalho seguiu sendo aprofundado, inclusive publicando-se em três volumes os Catálogos - *O Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*, organizados por Marianne L. Wiesebron publicados em edição bilíngue português e holandês, pela Universidade de Leidem.

HOLANDA Período de Trabalho 2000	
Equipe	
Coordenador	Marcos Galindo
Tratamento Técnico	Marcos Galindo, Lodewyjk Hulsman – pesquisadores
Elaboração do guia de fontes	Marianne L. Wiesebron – organizadora do catálogo

Tabela 60 – Equipe da Holanda

HOLANDA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco 2. Universidade de Leidem.
Privadas	1. IPAD – Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico

Tabela 61 – Fontes financiadoras da Holanda

4.4.2 ESPANHA

No século XIX, Francisco Adolfo de Varnhagen e mais tarde Afonso Taunay levantaram alguma documentação na Espanha, seguidos posteriormente por Pedro Souto Maior, na segunda década do século XX, e João Cabral de Melo Neto na década de 1960. O *Guia de Fontes Manuscritas para a História do Brasil conservadas em Espanha*, em edição bilíngue, na realidade é mais que um Guia. Dir-se-ia que é um catálogo pois a maior parte da documentação foi referenciada documento a documento. A pesquisa na Espanha foi correndo por Katia Jane de Souza Machado e José Manuel de Santos Pires. Isto se deu, logicamente, pela importância para a história do Brasil da documentação existente nos vários arquivos

espanhóis trabalhados. Depois de Portugal, são, sem dúvida, os arquivos espanhóis os mais ricos em informação sobre o Brasil. O catálogo foi organizado por Elda Evangelina González Martínez, do Instituto de História, CISC (Conselho Superior de Investigações Científicas). Auxiliaram no levantamento e referências das fontes Roseli Santaella Stella, no que respeita aos dados contidos nos arquivos de Simancas e Tenerife³⁴¹, Célia Romaos e Juan Carlos Garcia sobre o Arquivo Geral de Índias e Ana Maria Ribero com informações dos Arquivos de Bilbao e Barcelona. Os recursos foram da Fundación Mapfre Tavera, da Espanha, e do Ministério da Cultura do Brasil.

ESPAÑA	
Período de Trabalho 2004 -2008	
Equipe	
Coordenador	Elda Evangelina González Martínez
Tratamento Técnico	1. Ana María Ribera, pesquisadora 2. Elda Evangelina González Martínez, pesquisadora 3. Juan Carlos Garcia, pesquisador 4. Roseli Santaella Stella, pesquisadora 5. Célia Romero, pesquisadora
Elaboração do guia de fontes	Elda Evangelina González Martínez – organizadora do catálogo

Tabela 62 – Equipe da Espanha

ESPAÑA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil
Privadas	1. Fundación Mapfre Tavera

Tabela 63 – Fontes financiadoras da Espanha

4.4.3 FRANÇA

A pesquisa para o levantamento da documentação de interesse ao Brasil existente nos arquivos franceses era, há muito tempo, uma necessidade apontada por historiadores. No século XIX e no século XX alguns pesquisadores levantaram poucas referências sobre essa documentação. Na década de 1970 foram publicados dois catálogos

³⁴¹ Guía de Fuentes manuscritas para a história do Brasil conservadas em Espanha. Madrid: Fundación MAPFRE TAVERA, 2002, p. 50.

produzidos por Cícero Dias, pesquisador Pernambucano³⁴². Um dos catálogos foi publicado pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil e o outro pelo Institut Français de Hautes Études Brésiliennes, em Paris. O *Guia de fontes para a História franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice Reino e Reino Unido*³⁴³, organizado por Marco Antônio Gonçalves, é um inventário sucinto das fontes primárias manuscritas localizadas nos arquivos franceses sobre o Brasil. Faz referência a documentos datados do século XVI ao XIX. Esta pesquisa nos arquivos franceses contou com a parceria do Banco Santos, da Fundação Casa França Brasil e da FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Contou ainda com o apoio do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores e da Embaixada do Brasil em Paris.

FRANÇA Período de Trabalho 1998 - 2002	
Equipe	
Coordenador	Marco Antônio Gonçalves Machado
Tratamento Técnico	Marco Antônio Gonçalves Machado, pesquisador.
Elaboração do guia de fontes	Marco Antônio Gonçalves Machado

Tabela 64 – Equipe da França

FRANÇA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores e da Embaixada do Brasil em Paris 2. FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Governo do Estado do Rio de Janeiro 3. Fundação Casa França Brasil
Privadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Banco Santos.

Tabela 65 – Fontes financiadoras da França

³⁴² Guia de fontes para a História franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice Reino e Reino Unido. Recife: L.Dantas Silva: 2002, p. 09.

³⁴³ WELFORT, Francisco Corrêa. *Apresentação*. IN 2. Guia de fontes para a História franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice Reino e Reino Unido. Recife: L.Dantas Silva: 2002. 320p. il.

4.4.4 REINO UNIDO E IRLANDA

O trabalho nos arquivos do Reino Unido e Irlanda foi muito favorecido pelo Centro de Estudos Brasileiros, fundado em 1997, na Universidade de Oxford, tendo como principais objetivos promover o conhecimento do Brasil. Assim, tem publicado uma série de documentos e levantamentos de arquivos do Reino Unido e Irlanda com documentos de interesse do Brasil. O instrumento de pesquisa *Brasil nos Arquivos Britânicos e Irlandeses: Guia de Fontes*, procurou informar aos interessados as fontes diversificadas e ricas de coleções manuscritas ou impressas, públicas e privadas sobre o Brasil, existentes em arquivos, museus e bibliotecas do Reino Unido e Irlanda. A pesquisa para o guia publicado em inglês, bem como sua revisão e ampliação para a edição brasileira foram realizados por Oliver Marshall, do Centro de Estudos Brasileiros de Oxford. Este guia é, na realidade, a reedição revista e aumentada de um guia de documentação sobre o Brasil publicado em 2002 “Brazil in British and Irish Archives”³⁴⁴. A documentação referenciada vai do século XVI ao século XX. Foram financiadores a Fundação Vitae; o Departamento Cultural do Itamaraty que financiou a edição do guia em português. A coordenadora técnica do Projeto Resgate Dr^a. Esther Caldas Bertolotti e Maria das Graças Santana Salgado realizaram a tradução do original inglês para o português.

REINO UNIDO E IRLANDA	
Período de Trabalho 2002 - 2007	
Equipe	
Coordenador	Oliver Marshall
Tratamento Técnico	1. Oliver Marshall, pesquisador
Elaboração do guia de fontes	Oliver Marshall Esther Caldas Bertolotti, tradutora Maria das Graças Santana Salgado, tradutora

Tabela 66 – Equipe do Reino Unido e Irlanda

REINO UNIDO E IRLANDA

³⁴⁴ BETHELL, Leslie. *Prefácio*. IN *Brasil nos Arquivos Britânicos e Irlandeses: Guia de Fontes*. Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2007, p. 11.

Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Departamento Cultural do Itamaraty.
Privadas	1. Fundação Vitae.

Tabela 67 – Fontes financiadoras do Reino Unido e Irlanda

4.4.5 BÉLGICA

Dezesseis arquivos belgas foram visitados e trabalhados pela professora Sônia Maria Xavier de Araújo Ulrich, bibliotecária e documentarista da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, Coordenadora e Pesquisadora-Responsável pelo Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco na Bélgica. Contou com o patrocínio do Ministério da Cultura do Brasil e apoio da Embaixada do Brasil na Bélgica. O *Guia de Fontes para a História do Brasil na Bélgica (1500 – 1922)*³⁴⁵, publicado em 2011, sob o patrocínio do Ministério da Cultura do Brasil, foi elaborado pela coordenadora do projeto na Bélgica, professora Sônia Maria Xavier de Araújo-Ulrich. Para a elaboração desse Guia, utilizou-se o *Guide des Sources de l’Histoire d’Amérique Latine conservée en Belgique*, publicação dos Archives Générales du Royaume, de autoria de Léone Liagre e Jean Baerten, de 1967.

BÉLGICA	
Período de Trabalho 2008 -2010	
Equipe	
Coordenador	Sônia Maria Xavier de Araújo Ulrich, coordenadora
Tratamento Técnico	1. Sônia Maria Xavier de Araújo Ulrich, pesquisadora
Elaboração do guia de fontes	Sônia Maria Xavier de Araújo Ulrich

Tabela 68 – Equipe da Bélgica

BÉLGICA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil e Embaixada do Brasil na Bélgica.
Privadas	

Tabela 69 – Fontes financiadoras da Bélgica

³⁴⁵ *Guia de Fontes Manuscritas para a História do Brasil na Bélgica (1500-1922)*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura do Brasil / Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”. 2011, 235 p., il.

4.4.6 ESTADOS UNIDOS

Os arquivos e bibliotecas dos Estados Unidos guardam muitos documentos importantes para a história brasileira, haja vista a importante biblioteca Oliveira Lima, doada por este historiador brasileiro à Universidade Católica da América, em Washington³⁴⁶. O levantamento dessas fontes é de interesse para aqueles que, em seus trabalhos científicos ou não, buscam conhecer nosso passado. O esforço empenhado na produção do *Guia dos arquivos americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos*³⁴⁷, buscou oferecer ao público interessado e em primeiro lugar aos historiadores, um guia útil das fontes primárias disponíveis nos Estados Unidos sobre a história do Brasil. Foram organizadores do Guia os pesquisadores Paulo Roberto de Almeida, Doutor em Ciências Sociais, Rubens Antônio Barbosa, Embaixador nos Estados Unidos de 1999 a 2004, e Francisco Rogido Fins, bacharel e mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Projeto Resgate nos Estados Unidos. Financiaram esta empreitada nos Estados Unidos, a Fundação Vitae e o Ministério da Cultura. O Guia foi financiado pela Fundação Alexandre de Gusmão.

ESTADOS UNIDOS	
Período de Trabalho 2000 - 2002	
Equipe	
Coordenador	Francisco Rogido Fins
Tratamento Técnico	1. Paulo Roberto de Almeida, pesquisador 2. Rubens Antônio Barbosa, pesquisador
Elaboração do guia de fontes	Paulo Roberto de Almeida, pesquisador Rubens Antônio Barbosa, pesquisador

Tabela 70 – Equipe dos Estados Unidos

ESTADOS UNIDOS	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil, Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG.

³⁴⁶ BERTOLETTI, Esther Caldas. *Apresentação Geral do projeto Resgate*. IN Guia dos arquivos americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos. Brasília: FUNAG, 2010, p. 26.

³⁴⁷ Guia dos arquivos americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos. Brasília: FUNAG, 2010. 244p. : il.

Privadas	1. Fundação Vitae
----------	-------------------

Tabela 71 – Fontes financiadoras dos Estados Unidos

4.4.7 VATICANO

Não se ignora a importância dessa documentação para a história brasileira, tão imbricada está a formação religiosa do povo brasileiro com o catolicismo, desde os primeiros momentos do povoamento do Brasil. Para a consecução e elaboração desse catálogo aproveitou-se, após licença de praxe e de direito, o trabalho executado por Portugal sob a coordenação, primeiro, do professor Dr. Arthur Teodoro de Matos, do Centro Damião de Góis da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e, depois, de José Eduardo Franco. Do trabalho encetado pelos portugueses, tirou-se a documentação referente ao Brasil. Foram pesquisadores: Cláudia Castelo, Fernanda Santos, Maria Filomena Borja de Melo, Giulia Rossi Vairo, José Carlos Lopes de Miranda, José Eduardo Franco, Luis Pinheiro, Mário Neves Santos e Paula Xavier pesquisadores portugueses. O *Catálogo dos Documentos de interesse para a História do Brasil depositados no Arquivo Secreto do Vaticano*, ainda não foi publicado e está sendo corrigido, confrontando-se o documento com o verbete descritivo, em um trabalho moroso, visto a documentação estar escrita em português, italiano, francês, espanhol e grande parte, em latim. Todo este trabalho e a elaboração dos índices está sendo realizado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás³⁴⁸.

VATICANO	
Período de Trabalho 2005 - 2011	
Equipe	
Coordenadores	Arthur Teodoro de Matos José Eduardo Franco
Tratamento Técnico	1. Cláudia Castelo 2. Giulia Rossi Vairo 3. José Carlos Lopes de Miranda 4. Maria Filomena Borja de Melo

³⁴⁸ O Catálogo dos Documentos de interesse para a História do Brasil depositados no Arquivo Secreto do Vaticano ainda não foi publicado.

	5. Paula Xavier
Elaboração do guia de fontes	Centro Damião de Góis (Publicado em Portugal em 3 partes: 1 - Costa Ocidental de África e Ilhas Atlânticas, 2 – Oriente e 3 – Brasil. (Não foi, ainda, publicada a edição brasileira)

Tabela 72 – Equipe do Vaticano

VATICANO	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Centro Damião de Góis da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses
Privadas	1. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central 2. Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Tabela 73 – Fontes financiadoras do Vaticano

4.4.8 ITÁLIA

No início do Projeto Resgate não se considerava, até mesmo por desconhecimento, o trabalho nos arquivos públicos italianos (os do Vaticano, sim, desde o início). Para o levantamento da documentação italiana de interesse para o Brasil, datados de 1500 a 1850, excluindo-se os arquivos romanos que seriam objeto de outro projeto, foi contratada a Cooperativa de Arquivistas e Pesquisadores de Bolonha para a realização do trabalho. Desde o início dos trabalhos foi uma surpresa a quantidade e qualidade das informações dos documentos levantados. Em 2001 deu-se por terminada a primeira fase do levantamento, seguindo-se o trabalho com os arquivos sediados em Roma. O resultado foi o catálogo bilíngue com a documentação levantada pelos pesquisadores Aniello Angelo Avella, com a colaboração especial de Federico Bertolazzi e a organização de Adriana Scalera. Foram pesquisados arquivos e bibliotecas em 18 cidades. O Guia da Itália foi publicado em 2013³⁴⁹.

ITÁLIA Período de Trabalho 2009 - 2012
Equipe

³⁴⁹ *Guia de Fontes para a História do Brasil Colonial Conservadas nos Institutos e Arquivos Italianos* (Guida alle Fonti per la Storia del Brasile Coloniale Conservate negli Archivi e Istituti di Conservazione Italiani). Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 2013, 576 p. Edição bilíngue.

Coordenador	Aniello Angelo Avella
Tratamento Técnico	1. Aniello Angelo Avella pesquisador 2. Federico Bertolazzi, pesquisador
Elaboração do guia de fontes	Adriana Scalera, organização Aniello Angelo Avella Federico Bertolazzi

Tabela 74 – Equipe do Itália

ITÁLIA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	
Privadas	1. Cooperativa de Arquivistas e Pesquisadores de Bolonha

Tabela 75 – Fontes financiadoras do Itália

4.4.9 ÁUSTRIA

O contato com a documentação de interesse do Brasil existente nos arquivos, museus e bibliotecas na Áustria revelou uma grande surpresa. Logo no início a pesquisadora, museóloga Patrícia Moura, especialista em Coleções Expatriadas para a Áustria, surpreendeu-se com o número bem maior de fontes referentes ao Brasil, até então conhecidas na Áustria. E o mais interessante é que muitas dessas fontes são de natureza “palpável e tridimensional”, fruto das coleções museológicas, de natureza etnográfica, antropológica, geológica, botânica, etimológica, biológica, bibliográfica que as missões científicas realizadas por naturalistas, artistas e outros cientistas austríacos realizaram no Brasil no período em que a família real estava no Rio de Janeiro. Também, mais tarde, com o casamento do primeiro imperador brasileiro, Dom Pedro I com a princesa Leopoldina, filha de Francisco José, imperador da Áustria, esta relação com a Áustria se tornaria mais estreita. Acompanhando a princesa Leopoldina ao Brasil, veio uma comitiva científica, sendo ela mesma, a princesa, uma apaixonada pelas ciências naturais. Os principais cientistas e artistas austríacos que estiveram no Brasil foram: Johann Natterer, colecionador zoológico, botânico, permaneceu 15 anos nos trópicos; Thomas Ender (aquarelista), Johann Pohl, naturalista, J.C.Mikan, professor de botânica da Universidade de Praga, M. Sochor, caçador a serviço da Arquiduquesa, M. Schott, inspetor do jardim botânico do Belvedere, John Buchberger, pintor de plantas e flores, M.Schiich, bibliotecário

da Corte³⁵⁰. Assim como os alemães, von Spix e von Martius, que realizaram expedição pela região sudeste, centro oeste e Norte, com importantíssima contribuição para o conhecimento da flora brasileira³⁵¹. Os trabalhos na Áustria foram apoiados pela Embaixada do Brasil em Viena e o Ministério da Cultura do Brasil. A elaboração do catálogo precisou cessar, por terem encontrado cerca de duzentas caixas com informações sobre o Brasil. Após a pesquisa e descrição desses documentos, encetar-se-á, novamente, a elaboração do *Guia de Fontes da História do Brasil em Arquivos e Museus Austríacos*.

Esta documentação referente à Holanda, Espanha, França, Reino Unido e Irlanda, Itália, Vaticano, Bélgica, Áustria e Estados Unidos vem subsidiar trabalhos que irão preencher uma grande lacuna na historiografia brasileira. Não só porque poucos afortunados puderam pesquisar nestes países, mas porque grande parte desses documentos são inéditos. No século XIX e na primeira metade do século XX, quando se intensificaram as pesquisas de brasileiros nesses arquivos do estrangeiro, muitas dessas instituições não tinham todo o seu acervo descrito e indexado. Hoje, quase tudo está classificado, ordenado e descrito, pelo menos os conjuntos documentais.

Espera-se que para o futuro esta documentação possa, também, a exemplo do que se realizou no AHU, ser microfilmada e descrita item por item documental.

ÁUSTRIA	
Período de Trabalho 2007 - 2012	
Equipe	
Coordenador	Patrícia Moura
Tratamento	1. Patrícia Moura, pesquisadora

³⁵⁰ Gomes, Laurentino. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 131.

³⁵¹ Palestra “Projeto Resgate Áustria – considerações iniciais e pesquisas em instituições vienenses”, proferida pela museóloga Patrícia Moura no dia 15 de julho de 2009 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. <http://www.webartigos.com/artigos/projeto-resgate-brasil-austria-palestra-dia-15-de-julho-de-2009-no-ihgb/20990/> - (Consulta dia 20 de setembro de 2015).

Técnico	
Elaboração do guia de fontes	Patrícia Moura (inconcluso)

Tabela 76 – Equipe da Austria

ÁUSTRIA	
Fontes Financiadoras	
Públicas	1. Ministério da Cultura do Brasil e Embaixada do Brasil em Viena
Privadas	

Tabela 77 – Fontes financiadoras da Austria

4.5 CATÁLOGOS E GUIAS DE FONTES DOS ARQUIVOS DA HOLANDA, FRANÇA, ESPANHA, REINO UNIDO E IRLANDA, BÉLGICA, ITÁLIA, VATICANO, ÁUSTRIA E ESTADOS UNIDOS

Em Portugal o trabalho com a documentação foi bem específico, resultando, como instrumentos de pesquisa os catálogos das capitâneas descrevendo documento a documento. Nos demais países, com exceção da Espanha, Holanda e Vaticano, cuja documentação, devido o relacionamento histórico com o Brasil colônia foi duradoura, a descrição foi de conjuntos documentais, descrevendo-se fundos e séries, sem resumir o item documental.

Como resultado do trabalho das equipes do Projeto Resgate nesses países, tem-se os Catálogos e Guias de Fontes referentes à documentação existentes em outros países europeus e nos Estados Unidos:

1. *Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês: acervos de manuscritos em arquivos holandeses*. Recife: Brasília: Minc, Projeto Resgate; Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana/ Instituto de Cultura, 2001, 376 p
2. *Guia de fontes para a História franco-brasileira: Brasil Colônia, Vice Reino e Reino Unido*. Recife: L.Dantas Silva: 2002. 320p. il.
3. *Guía de Fontes manuscritas para a história do Brasil conservadas em Espanha*. Madrid: Fundación MAPFRE TAVERA, 2002, 702p.

4. *Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*. Coleção Maurítiana, vol. I. Leiden: Research School CNWS, 2004, 206 p. (Edição bilingue).
5. *Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*. Coleção Maurítiana, vol. II. Leiden: Research School CNWS, 2005, 632 p. (Edição bilingue).
6. *Brasil nos Arquivos Britânicos e Irlandeses: Guia de Fontes*. Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2007, 276 p.
7. *Cartografia Manuscrita do Brasil nas Coleções Espanholas (1500 – 1822)*. Salamanca: Centro de estudos brasileiros/Globalia Ediciones Anthema, 2008, 193p. il.
8. *Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*. Coleção Maurítiana, vol. III. Leiden: Research School CNWS, 2008, 628 p. (Edição bilingue).
9. *Guia dos arquivos americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos*. Brasília: FUNAG, 2010. 244p. : il.
10. *Guia de Fontes Manuscritas para a História do Brasil na Bélgica (1500-1922)*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura do Brasil / Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”. 2011, 235 p., il.
11. *Guia de Fontes para a História do Brasil Colonial Conservadas nos Institutos e Arquivos Italianos* (Guida alle Fonti per la Storia del Brasile Coloniale Conservate negli Archivi e Istituti de Conservazione Italiani). Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 2013, 576 p. Edição bilíngue.
12. *Catálogo do Arquivo Secreto do Vaticano*. (Aguardando publicação)³⁵²
13. *Fontes da História do Brasil nos Arquivos, Bibliotecas e Museus Austríacos*. (Aguardando publicação)

A soma total dos catálogos, índices, páginas, microfimes e CDs produzidos pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco em seus trabalhos desenvolvidos em Portugal,

³⁵² Toda a documentação já se encontra resumida e verbetada, com os índices Antroponímico, Toponímico e Cronológico organizados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, instituição com a qual foram realizadas conversações para a publicação do Catálogo.

Holanda, França, Espanha, Reino Unido e Irlanda, Bélgica, Itália, Vaticano, Áustria e Estados Unidos, vem especificada abaixo nos quadros 14 e 15:

QUANTIDADE DE CATÁLOGOS, SOMA DE SUAS PÁGINAS, ÍNDICES, MICROFILMES E CDS	
CATÁLOGOS CAPITANIAS (títulos)	21
CATÁLOGOS CAPITANIAS (volumes ao todo)	34 ³⁵³
CATÁLOGOS DAS SÉRIES DE ULTRAMAR	02
GUIAS DE FONTES/PAÍSES	06
CATÁLOGOS/PAÍSES	06
CATÁLOGO CARTOGRÁFICO	01
CATÁLOGOS DOS CÓDICES	01
TOTAL DOS CATÁLOGOS E GUIAS (em volumes)	71
TOTAL DE PÁGINAS (TODOS OS CATÁLOGOS E GUIAS)³⁵⁴	19.903
ROLOS MICROFILMES	Cerca de 3.000 ³⁵⁵
CD-ROMs	316

Tabela 78 - Total dos catálogos, índices, páginas, microfilmes e CDs produzidos pelo Projeto Resgate.

ÍNDICES QUE ACOMPANHAM OS CATÁLOGOS E GUIAS DE FONTES	
TIPOS DE ÍNDICES	
Toponímicos:	18
Onomásticos	16
Antroponímicos	8
Assunto	8
Temático	4
Instituições	2
Cronológicos	2
Ideográficos	2
Documental	2
Geral	2
Nomes de navios	2
Títulos	1
Tipologias documentais	1
TOTAL	68

Tabela 79 – Tipos e soma dos índices que acompanham os catálogos e guias de fontes do Projeto Resgate.

Os índices podem ter vida própria ou virem acoplados a outros instrumentos de pesquisa. No caso dos catálogos, inventários e guias de fontes do Projeto Resgate, os índices os complementam, facilitando a busca de informações pelos pesquisadores.

³⁵³ O catálogo da capitania de Pernambuco possui 04 volumes; os catálogos das capitanias de São Paulo, Minas Gerais e Pará, possuem, cada uma, 03 volumes, e a capitania da Bahia 02 volumes, aguardando-se a publicação do terceiro volume que contém os índices. Na somatória levou-se em consideração apenas o número de títulos.

³⁵⁴ Excetuam-se os catálogos da Áustria e Vaticano que ainda não foram publicados.

³⁵⁵ Alguns dos catálogos não trazem informações sobre o número de rolos de microfilmes.

O Projeto Resgate foi pródigo na elaboração de índices, consequência da descrição documental. Com os índices se pode localizar nomes de pessoas de cidades e regiões, de instituições e mesmo assuntos que por acaso se esteja buscando. O verbete, ou seja o resumo dos documentos, que formam os catálogos, é o texto do qual se retiram as palavras-chave que comporão os diversos índices. Daí a importância de um bom resumo que contenha palavras que realmente transmitam o que seja o documento. Cita-se como interessante os índices organizados por nomes de navios e elaborados para os guias de fontes da Holanda.

4.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

À medida que o Projeto Resgate foi adiantando os trabalhos no AHU em Lisboa, e o Projeto em Portugal já caminhava para o seu final, restando apenas as caixas do Reino, Conselho Ultramarino e alguma documentação problemática quanto à classificação, a coordenadora técnica do Projeto Resgate, Dr^a. Esther Caldas Bertolletti, ia dando encaminhamento à expansão do Projeto Resgate para outros países europeus e Estados Unidos.

Sabia-se que muitos arquivos existentes em vários países europeus possuíam documentos referentes ao Brasil. Alguns desses arquivos haviam sido pesquisados no século XIX e no século XX por estudiosos brasileiros que levantaram, mesmo que parcialmente, a documentação de interesse do Brasil neles existente. Dessa forma, foi se mapeando quais arquivos deveriam ser pesquisados e contatando-se com pesquisadores com perfis que servissem para o trabalho. Neste aspecto havia enorme diferença do trabalho que ocorreu no AHU em Lisboa. Estava se falando de países cuja língua não era o português. Portanto, o pesquisador deveria dominar a língua escrita e falada e ter disponibilidade de percorrer, às vezes, dezenas de arquivos

existentes nesses países, pois, também, diferentemente do AHU, a documentação referente ao Brasil estava guardada em arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação desses países europeus e dos Estados Unidos. Geralmente essa documentação é constituída de documentos avulsos, ou coleções. Não obstante isso esta documentação era importante para a História do Brasil e deveria ser identificada e referenciada em catálogos, guias e índices.

Vencidas as dificuldades comuns em projetos desse feitio, como o contato com os pesquisadores, a busca de fontes de financiamento e estadias nos vários países, o Projeto Resgate Barão do Rio Branco foi se expandindo para fora de Portugal.

Não se esperava que houvesse tanta documentação de interesse do Brasil fora de Portugal. E foi surpreendente a grande quantidade de documentos importantes para a história do Brasil que se conseguiu identificar e referenciar. Como exemplo o caso da Áustria ilustra bem essas surpresas.

Sabia-se que havia documentos de interesse do Brasil nos arquivos austríacos, notadamente porque a primeira imperatriz do Brasil, Leopoldina, era filha de Francisco I, imperador da Áustria. Também porque quando da ida de Leopoldina para o Brasil, acompanhou-a alguns naturalistas austríacos que ali desenvolveram suas pesquisas. Isso possibilitou que não somente uma documentação manuscrita importante para o Brasil estivesse nos arquivos austríacos, mas que os museus austríacos contivessem muitas peças relativas aos indígenas, os primeiros habitantes do Brasil, artefatos de cerâmica, plumagens, e ainda exemplares da flora e fauna, como animais taxidermizados, fósseis e muitos outros “documentos tridimensionais”.

Ainda no que concerne à Áustria, quando se estava finalizando os trabalhos no país, encontrou-se uma documentação manuscrita de interesse do Brasil, em cerca de duzentas caixas, cuja documentação ainda estava em fase de identificação. Surpresas assim ocorreram e muitas vezes atrasavam o trabalho. Em consequência disso, o guia

de fontes dos arquivos austríacos ainda não foi publicado, sendo o último que se espera remanescente do Projeto Resgate em outros países europeus³⁵⁶.

O resultado foi altamente satisfatório. De quase todos os países foram elaborados guias de fontes, mapeando os arquivos onde existem documentos referentes ao Brasil. De alguns países com conjuntos documentais mais importantes sobre o Brasil, como Espanha, Holanda e Estado da Cidade do Vaticano (Santa Sé), foram elaborados catálogos referenciando os itens documentais; da Bélgica, França, Itália, Reino Unido e Irlanda e Estados Unidos, foram elaborados guias de fontes, bem como da Áustria, sendo que este ainda aguarda publicação.

Esta documentação já localizada e referenciada será, a seu tempo, microfilmada e digitalizada, oferecendo maior comodidade para o pesquisador que não precisará se deslocar aos países de origem dos documentos.

Só o tempo dirá quanta informação nova existe nestes acervos levantados. Esta documentação referenciada existente em outros países que não Portugal, é importante para se conhecer a relação de Portugal, antiga metrópole, com outros países europeus, relação quase sempre conflituosa, já que alguns desses países como Holanda e França invadiram o território da ex-colônia portuguesa em mais de uma ocasião. É um novo desafio para o pesquisador que se dedica à história do Brasil, um horizonte novo para a historiografia brasileira.

³⁵⁶ MACHADO, Kátia Jane de Souza. *História, Manuscritos, Memória... o Resgate da Historiografia de Continentes no Caminhar Arquivístico das Nações*. Cf. http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372276881_ARQUIVO_OKOKNovoFormatoKatieJaneSMachadoTEXTOCOMPLETOXXVIISIMPACHISTANPUHNATAL15JULHO2013.pdf (Consulta dia 20 de setembro de 2015). Kátia Jane de Souza Machado é a atual coordenadora geral do Projeto Resgate.

Capítulo 5

“Da mesma forma como antes salientam-se que o Projeto Resgate Barão do Rio Branco é um ponto de chegada, ele igualmente baliza um ponto de partida, o da reescrita, em escala avançada, da história do Brasil colonial.”

Dr. Geraldo Mártires Coelho
Diretor do Arquivo Público do Estado do
Pará

5 ESTUDO DE CASO: O PROJETO RESGATE, A HISTORIOGRAFIA E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DAS FONTES NO ESTADO DE GOIÁS

5.1 O PROJETO RESGATE DA DOCUMENTAÇÃO DA CAPITANIA DE GOIÁS EM PORTUGAL: IMPLEMENTAÇÃO E RESULTADOS

A escolha do “Projeto Resgate da Documentação da Capitania de Goiás em Portugal” como estudo de caso, justifica-se pelo motivo do autor dessa pesquisa ter sido membro da equipe que trabalhou com a documentação da capitania de Goiás, desde o início do Projeto até a sua finalização com a publicação do catálogo.

Nos anos 1980, o padre José Pereira de Maria, Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, entusiasmou-se com a possibilidade trazer para Goiás a documentação referente à história desse Estado brasileiro, existente no AHU. Entretanto, não era, ainda, o momento. Além da dificuldade política da época, pois o Brasil se encontrava saindo de uma ditadura militar e se redemocratizando, a burocracia portuguesa contribuiu para o arrefecimento dos ânimos.

Em 1997, um ano após a fundação do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central - IPEHBC, instituição da Pontifícia Universidade Católica de Goiás,

surgiu a oportunidade dessa instituição elaborar um projeto para se integrar ao Projeto Resgate Barão do Rio Branco, do Ministério da Cultura, por ocasião da celebração dos 500 anos da descoberta do Brasil.

Os primeiros contatos se deram entre a coordenadora técnica do Projeto Resgate, Dr^a. Esther Caldas Bertoletti e o primeiro diretor do IPEHBC, Paulo Bertran, que há anos almejava trazer para o Instituto de Pesquisas a documentação referente a Goiás mediados pelo professor José Mendonça Teles, amigo de longa data de Dr^a Esther Caldas Bertoletti.

O IPEHBC, então órgão da Sociedade Goiana de Cultura³⁵⁷, foi convidado pelo Ministério da Cultura a participar dessa grande empreitada que diz respeito à história de Goiás. O apoio financeiro veio do Banco de Boston e, graças à sensibilidade de seu Presidente, o goiano Henrique Meireles, pôde o IPEHBC executar o notável trabalho. Este envolveu a permanência do pesquisador Antônio César Caldas Pinheiro, em Lisboa, durante quatorze meses, auxiliado pela professora Juciene Ricarte Apolinário, da Universidade do Tocantins e, também, de pesquisadores portugueses remunerados pelo IPEHBC.

Entre os projetos referentes às antigas capitanias em que estava dividido o Brasil Colonial e que surgiram no âmbito do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, tem-se o projeto “Resgate da Documentação da Capitania de Goiás em Portugal”, financiado em parte pela Sociedade Goiana de Cultura/Pontifícia Universidade Católica de Goiás³⁵⁸ e pelo Bank Boston por meio da Lei do Mecenato.

A escolha do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central - IPEHBC, instituição da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para fazer parte deste projeto, deveu-se ao trabalho que o mesmo vinha desenvolvendo, por empenho de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, Arcebispo de Goiânia, Padre José Pereira de Maria,

³⁵⁷ Em 2003 o IPEHBC deixou a condição de mantida da Sociedade Goiana de Cultura e passou para a alçada da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, esta, mantida pela Sociedade Goiana de Cultura.

³⁵⁸ A Sociedade Goiana de Cultura é uma instituição sem fins lucrativos, pertencente à Arquidiocese de Goiânia e mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Vigário Geral da Arquidiocese, Paulo Bertran, historiador, e José Mendonça Teles, estes últimos coordenadores do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Esta instituição cuida, propriamente, da investigação da história e da cultura do homem do Brasil Central, levantando as fontes documentais, cartográficas, iconográficas e bibliográficas concernentes à história da região dos cerrados³⁵⁹.

O Projeto de Goiás foi financiado pelo Bank Boston. É necessário registrar que o presidente do Bank Boston à ocasião era o brasileiro Henrique Meirelles, natural do Estado de Goiás e formado pela PUC Goiás. Procurado para cooperar como patrocinador do Projeto indicou o departamento cultural do Banco que financiou o empreendimento.

O segundo diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, professor José Mendonça Teles, citava sempre uma frase de Gelmires Reis, pesquisador goiano, falecido na década de 1980: *"O pesquisador é um ajuntador de gravetos para o historiador acender a fogueira."* Citando esta frase, o professor Mendonça ressaltava a figura do pesquisador que, quase sempre no anonimato de sua paciente função, colige documentos e mais informações que irão subsidiar os historiadores na construção de suas obras. Nesta esteira é que o IPEHBC, sob a direção do professor José Mendonça Teles, não só buscou valorizar o trabalho do pesquisador como fomentou a investigação da história e da cultura do homem do Brasil Central, levantando as fontes documentais referentes a esta região da qual Goiás ocupa o centro.

³⁵⁹ O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, ocupando uma área de 2.036.448 km², cerca de 22% do território nacional. A sua área contínua incide sobre os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além dos encaves no Amapá, Roraima e Amazonas. Neste espaço territorial encontram-se as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata), o que resulta em um elevado potencial aquífero e favorece a sua biodiversidade. Cf. "O Bioma Cerrado" IN www.mma.gov.br/biomas/cerrado (Consulta 25 de setembro de 2015).

Seguindo esse objetivo, o IPEHBC procurou formar um amplo acervo especializado que viesse servir aos interessados na história do Brasil Central. Assim, quando o IPEHBC foi convidado pela representante do Ministério da Cultura, Dr^a. Esther Caldas Bertoletti, para participar do Projeto Barão do Rio Branco, idealizado como parte das comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, a Sociedade Goiana de Cultura, à época mantenedora do IPEHBC, que mais tarde seria integrado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, por meio de seu vice-presidente, padre José Pereira de Maria e do diretor do Instituto, professor José Mendonça Teles, envidou todos os esforços para que Goiás tivesse participação em tão importante acontecimento.

Dessa forma, nasceu o projeto "Resgate da Documentação da Capitania de Goiás em Portugal", financiado em parte pela Sociedade Goiana de Cultura e em parte pelo Bank Boston por meio da Lei do Mecenato³⁶⁰.

5.1.1 O CONTATO COM A DOCUMENTAÇÃO, DESAFIOS E RESULTADOS

No dia 13 de agosto de 1998, o pesquisador Antônio César Caldas Pinheiro embarcou para Lisboa, onde passaria quatorze meses lidando diariamente³ com a farta documentação goiana existente no Arquivo Histórico Ultramarino e, posteriormente, com a documentação do Piauí, a qual foi por ele revista e reorganizada.

Em Lisboa, o primeiro contato da equipe de Goiás foi, naturalmente, com a então diretora do Arquivo Histórico Ultramarino, Dra. Maria Luíza Abrantes de Menezes, que explicou ao pesquisador as condições em que se encontrava o AHU, sua pouca infraestrutura e limitações. Deixou-o, porém, à vontade para o trabalho, fazendo com que se sentisse em casa. Aliás, o aspecto humano, de acolhida e amizade, presente em todos os funcionários e técnicos do AHU, foi ingrediente importantíssimo para o bom andamento dos trabalhos. Todos estavam sempre à disposição para qualquer ajuda, seja no trabalho diário com a documentação, seja no auxílio ao conhecimento da cidade de Lisboa, da vida cultural lisboeta. Logo após a apresentação do AHU, a

³⁶⁰ BERTOLETTI, Esther Caldas. *Brasil-Portugal, um mar-oceano de documentos*, op. cit., p. 104.

diretora apresentou o recém-chegado aos funcionários e aos outros brasileiros que estavam trabalhando no acervo de seus respectivos Estados.

Instalado em um palacete do século XVII, que pertenceu à condessa de Egas, célebre por ter sido amante do invasor francês, general Junot, e por isto, expatriada quando da libertação portuguesa, o arquivo tem bastante espaço para a guarda da enorme massa documental das ex-colônias portuguesas que antes do Projeto Resgate não estava de todo organizado. O Projeto Resgate possibilitando a organização e descrição de grande parte do acervo do AHU, (cerca de 80% de todo o acervo do AHU)³⁶¹, prestou um enorme serviço à pesquisa histórica, o que apenas com o tempo se poderá conhecer a abundância dos frutos.

Após o primeiro contato com a documentação de Goiás, percebeu-se que o primeiro trabalho a ser feito era o de dar uma organização cronológica à mesma, procurando adiantar o trabalho com o acervo e deixá-lo com uma primeira ordenação antes da chegada da professora Juciene Ricarte Apolinário, da Universidade do Tocantins, que iria auxiliar no projeto. Após este trabalho inicial, passou-se à leitura minuciosa do acervo, catalogando e fazendo um resumo de todos os documentos, muitos dos quais eram volumosos, contendo até cinquenta, como foi o caso de um Manifesto do governador e capitão-general de Goiás, Dom Álvaro José Xavier Botelho de Távora, conde de São Miguel, ao Rei Dom José I³⁶². Para a consecução dos trabalhos, contou-se, além do auxílio da professora Juciene Ricarte Apolinário, historiadora, professora da Universidade do Tocantins, com a ajuda das portuguesas Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida e Teresa do Carmo Cação da Silva, historiadoras que foram

³⁶¹ *O começo de uma nova história do Brasil*, IN Revista Pesquisa FAPESP –Cf. <http://revistapesquisa.fapesp.br/1998/08/01/o-comeco-de-uma-nova-historia-do-brasil/> (Consulta 28 de setembro de 2015).

³⁶² *Catálogo de Verbetes do Manuscrito Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001, p. 134, documento 700: MANIFESTO do [governador e capitão-general de Goiás], conde de São Miguel, [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real], sobre os problemas acontecidos entre ele e o [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros, conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo].

contratadas pela Sociedade Goiana de Cultura para, durante três meses, auxiliarem no resumo documental e na digitação dos verbetes. As brasileiras Maria Aparecida Lopes Vasconcelos e Érika Simone de Almeida Carlos, que trabalhavam com a documentação das capitanias de Pernambuco e São Paulo, auxiliaram na revisão dos documentos catalogados pela professora Juciene.

Para dar assistência diária às equipes técnicas que trabalhavam com a documentação das capitanias, o AHU destacou o funcionário José Sintra Martinheira, responsável pela documentação do AHU, e a historiadora Isabel Amado que ficaram à disposição do Projeto Resgate. Esta assessoria foi valiosa; colocaram-se sempre à disposição das equipes, auxiliando na solução das dúvidas que se apresentavam, principalmente no tocante à descrição das tipologias documentais, necessária à classificação e inventariação do acervo.

Na ordenação do acervo, a dificuldade maior que se encontrou esteve relacionada à remontagem de muitos processos que se encontravam desarranjados ou à junção de vários documentos que originalmente eram apensos a um documento principal. Pacientemente, as centenas de documentos que tinham sido por incúria dos pesquisadores, ou por descaso dos funcionários, destacados de seus respectivos processos, foram novamente reagrupados.

Outro aspecto que os pesquisadores do Resgate tiveram de enfrentar, foi a leitura dos muito diferentes tipos de letras de uma documentação quase cem por cento manuscrita e em português arcaico. No início, permanecia-se algum tempo tentando decifrar a algaravia de algum funcionário da administração portuguesa. Entre os documentos que continha letras difíceis de decifrar, causava sensação a letra do conselheiro do Conselho Ultramarino, Manoel Caetano Lopes de Lavre (século XVIII), que também exercia terror entre os brasileiros de outros Estados e até mesmo ao mais experiente paleógrafo do Arquivo Ultramarino. A equipe de Goiás teve, às vezes de se valer de

um verdadeiro espírito de Champollion para desvendar a péssima letra do conselheiro³⁶³.

O saldo final do trabalho com os documentos da capitania de Goiás no AHU, foi a catalogação de 2.950 documentos (eram mais de 4.000 antes da junção dos apensos aos documentos principais), com as datas extremas de 1731 a 1822, acondicionados em 56 caixas-arquivo (antes do trabalho com a documentação de Goiás eram 52 caixas de documentos). A massa documental se viu muito aumentada pelo motivo das caixas nas quais se acondicionou, definitivamente, a documentação, serem maiores que as caixas antigas. À medida que o trabalho de outras equipes ia ocorrendo, foi-se encontrando documentação de Goiás em outras capitanias sendo este um dos motivos pelo qual o acervo de Goiás se viu aumentado em número de caixas.

5.2 AS FONTES REVISITADAS, EXPANSÃO DO CONHECIMENTO SOBRE GOIÁS COLONIAL

Por muitos anos, estudiosos, historiadores e pesquisadores interessados na história de Goiás ou do Brasil Central, região da qual faz parte o estado de Goiás, encontravam empecilhos e dificuldades na obtenção de documentos históricos necessários para fundamentar seus artigos, monografias, dissertações ou teses referentes à história de Goiás.

Socorriam-se, quase sempre, com as obras publicadas, geralmente ultrapassadas, escritas no século XIX ou meados do século XX. Obras sérias, é claro, mas escritas em um outro contexto, muitas vezes laudatórias aos governantes, sem referências aos documentos pesquisados, às vezes tendenciosas, sem observar a imparcialidade

³⁶³ PINHEIRO, Antônio César Caldas. *Pesquisando em Lisboa*. IN Catálogo de Verbetes dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal (1731-1822). Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001, p 15.

científica. Dessa forma eram consultadas as obras do Cônego Luiz Antônio da Silva e Sousa, considerado o pai da historiografia goiana, de Raimundo José da Cunha Matos (português), José Pereira de Alencastre (que fora governador de Goiás), dos viajantes, principalmente Auguste de Saint Hilaire, francês, e Johann Emanuel Pohl, austríaco, todos estes do século XIX, e de alguns poucos historiadores goianos do século XX, como Antônio Americano do Brasil e Colemar Natal e Silva, que deixaram obras e informações sobre a história de Goiás.

5.2.1 A HISTORIOGRAFIA DE GOIÁS COLONIAL ANTERIOR AO PROJETO RESGATE

Com baixa produção historiográfica, o Estado de Goiás se ressentia da falta de obras mais atuais sobre a sua história. O que havia disponível eram antigas produções escritas por curiosos, amantes da história, mas não seguiam métodos de produção científica, não citando fontes, arquivos pesquisados ou construindo análises sobre o contexto. Eram obras narrativas, importantes, sim, dentro do contexto em que foram escritas. Masurgia que se produzissem novas obras sobre a história de Goiás, reportando-se a documentação inédita e revisitando as fontes porventura já pesquisadas. Era, praticamente, esta, a biblioteca historiográfica goiana até a primeira metade da década de 1930. Muitos dos livros foram escritos no século XIX e depois reeditados. Lista-se, abaixo, estas obras, por ordem cronológica:

1. SOUZA, Luis Antonio da Silva e (Cônego). *O descobrimento da Capitania de Goyaz. Governo, População e Coisas mais notáveis*. 30 de setembro de **1812**. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, nº 16, 4º Bimestre de 1849.
2. POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil (1818)*. São Paulo: Itatiaia, 1976. 417 p.
3. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás (1820)*. São Paulo: Itatiaia, 1975. 158 p.
4. MATOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia histórica da Província de Goyaz (1824)*. Goiânia: Líder, 1979. 185 p.

5. _____. *Itinerário do Rio de Janeiro e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial, **1836**.
6. ALENCASTRE, José Martins Pereira de Alencastre. *Anais da província de Goiás*. **1863**. Goiânia: SUDECO, 1979.
7. BRASIL, Antônio Americano. *Súmula da história de Goiás (1932)*. 3 ed. Goiânia: Unigraf, 1982. 181p.
8. SILVA, Colemar de Natal e. *História de Goyaz*. 3 vols. Rio de Janeiro: Editora Borsoi & C., 1935.

Os poucos estudos que se realizaram sobre Goiás, deram origem a uma historiografia repetitiva; uma monótona repetição dos mesmos fatos, por serem pesquisados nas mesmas obras, sem a busca da fonte primária, o documento em si. Por isso, a historiografia goiana ficou durante muito tempo nas obras já publicadas, estagnaram-se as pesquisas até mesmo por se encontrarem os arquivos sem infraestrutura para receber o público interessado, desorganizados, sem instrumentos de pesquisa que facilitasse o encontro das informações buscadas.

Estas obras são quase sempre factuais presas às genealogias das principais famílias da época, elogiosas aos primeiros descobridores do território, sem uma análise crítica dos acontecimentos e sem contextualização. Para se entender a tão pouca produção historiográfica daquele momento é preciso que se atente para a realidade goiana daquele tempo. Havia falta sensível de indivíduos letrados na capitania de Goiás no século XVIII e XIX. Ainda nas primeiras décadas do século XX persistiam a mesma deficiência. Goiás era afastado dos principais centros políticos e produtores de conhecimento do país. Dentre os autores citados, expoentes da historiografia goiana da primeira metade do século XX, apenas dois, Antônio Americano do Brasil e Colemar Natal e Silva, são goianos.

Três desses autores são europeus viajantes pela capitania de Goiás: Johann Emanuel Pohl, austríaco, Auguste de Sainte-Hilaire, francês, e Raymundo José da Cunha Matos,

português. Estes estavam imbuídos de sua visão europeia, tendendo a descrever a história de Goiás comparando-a com a realidade europeia da época.

Após um interregno de mais de vinte anos, na década de 1970 tivemos um alento na pesquisa histórica sobre Goiás, fruto, com certeza, das duas Universidades criadas no Estado, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 1959, a primeira Universidade do Centro-Oeste do Brasil, e a Universidade Federal de Goiás, em 1960³⁶⁴. Esbarrava-se, porém, no mesmo problema, a falta de arquivos organizados e o desconhecimento das fontes para a história do Estado de Goiás existentes em Portugal.

Pode-se elencar a seguinte produção historiográfica goiana a partir dos anos 1970 até 1999, ano de disponibilização dos documentos do Projeto Resgate referentes a Goiás:

1. PALACÍN, Luís. 1722-1822 – Goiás: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas. 1972. Tese de Livre-Docência. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal de Goiás, 1972.
2. CHAIM, Marivone de Matos. *Os Aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás: Sua Importância na Política de Povoamento (1749-1811)*. Goiânia: Edição do Departamento Estadual de Cultura, Editora Oriente, 1974, 240 p., ilustr.
3. CHAIM, Marivone de Matos. *Sociedade Colonial Goiana 1749 – 1822. Goiânia: Gráfica Oriente, 1978, 114 p.*
4. PALACÍN, Luís.. *Sociedade Colonial: 1549-1599*. Goiânia: Ed. da UFG, 1981.
5. _____. *Subversão e Corrupção: Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1983.
6. _____. *Quatro Tempos de Ideologia em Goiás*. Goiânia: Cerne, 1986.
7. SALLES, G V. F. de. *Economia e escravidão na Capitania de Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992

³⁶⁴ Cf. CORDEIRO, Darcy. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 1959 – 2009, Identidade na Diversidade. Goiânia, Editora da PUC Goiás, 2010, p. 59; REIS, Heloísa Esser dos; SANTANA, Maria Teresinha Campos de [et al]. Universidade Federal de Goiás: imagens e memórias (1960 – 1964). Goiânia: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2010, p 12.

8. PALACIN, Luis; GARCIA, Ledonias F; AMADO, Janaina. História de Goiás em documentos I. Colônia. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. (Coleção documentos goianos, 29).
9. BERTRAN, Paulo. *Notícia geral da capitania de Goiás (2vol.)*. 1a edição: Goiânia/Brasília, Editoras UCG e UFG / Solo Editora, 1997.

A historiografia goiana da década de 1970, como apontado pelas publicações mencionadas acima, foi criando corpo. Vários historiadores goianos especializaram-se em alguma área da história, cursando mestrados e doutorados geralmente em São Paulo. A necessidade de fontes inéditas para os seus trabalhos impulsionou a pesquisa fora de Goiás. É claro que as fontes existentes em Goiás foram consultadas à exaustão, mas partiu-se para pesquisas na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, e em vários arquivos do estado de São Paulo.

Dos autores citados, o padre Luis Palacin e Paulo Bertran foram, respectivamente, professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Univeridade de Brasília. Suas obras foram pioneiras na análise dos primeiros tempos do povoamento, economia da produção aurífera, agrária e organização política da capitania. Marivone Matos Chaim, professora ligada à Universidade Federal de Goiás, dedicou-se ao estudo dos aldeamentos e nações indígenas, a catequese empreendida como forma de “civilização” e a extinção de muitas tribos. Gilka Vasconcelos Ferreira Salles, também professora da Universidade Federal de Goiás estudou a escravidão negra e a economia da capitania de Goiás.

Neste contexto, os professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás tiveram o incentivo, ainda hoje lembrado, dos padres Jesuítas que administravam a Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Estes padres, vindos da Espanha, chegaram a Goiás no início da década de 1950 e foram incansáveis do afã de disseminar a cultura no Estado. Vieram a chamado do então Arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, já com vistas a administrarem a futura

Universidade Católica que seria fundada em 1959 e em cuja direção permaneceriam até 1979³⁶⁵. Tão logo estes abnegados educadores chegaram a Goiás, colocaram-se a serviço da formação intelectual e moral de um povo até então carente de formação universitária. Professores como, por exemplo, o padre jesuíta espanhol, Luís Palacin Gómez³⁶⁶ e o escritor goiano, Gilberto Mendonça Teles³⁶⁷, ultrapassaram as fronteiras brasileiras, dirigindo-se para os arquivos portugueses, justamente buscando trazer à luz a documentação inédita que pudesse subsidiar a nova produção historiográfica, mas também a necessidade de revisitar as fontes para a história de Goiás e mesmo a construção de um arcabouço crítico da historiografia já existente. No Arquivo Histórico Ultramarino e na Torre do Tombo, em Lisboa, descobriram dezenas de caixas contendo documentos avulsos e inéditos sobre a história de Goiás, datando do início do povoamento do território goiano, no século XVIII até a segunda década do século XIX.

Notícia alvissareira, repercutiu, de imediato, entre os interessados, estudiosos e intelectuais goianos, despertando e tirando do letargo, de modo especial, os professores de história do mundo universitário de Goiás. Destarte, foi aumentando sempre a busca por uma documentação que trouxesse novas informações sobre a história goiana, em especial o desejo de ter acesso à documentação colonial do Centro-Oeste do Brasil, guardada nos arquivos portugueses. Desses arquivos, a documentação do Arquivo Histórico Ultramarino era de suma importância e aguçava a vontade de conseguir trazer seus acervos para Goiás, no todo ou em parte.

Dos pesquisadores que, naquela época, pesquisaram em Lisboa, foi o padre Luiz Palacín Gomez que, realmente, produziu uma historiografia goiana. Noé Freire Sandes escrevendo sobre a produção historiográfica em Goiás, diz, categoricamente, que a obra de Palacín

³⁶⁵ CORDEIRO, Darcy, op. cit., p. 71.

³⁶⁶ Ver nota 20.

³⁶⁷ Gilberto Mendonça Teles (nascido e Bela Vista de Goiás em 1931) é escritor e poeta. Pesquisador emérito, esteve ainda nos anos de 1970 pesquisando no AHU. Recebeu do Governo Português, em, 1987, a Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique. Cf. REIS, Heloísa Esser dos; SANTANA, Maria Teresinha Campos de [et al], op. cit., p. 277.

*“foi a primeira contribuição expressiva da Universidade à História da região. Elaborada com grande zelo pela pesquisa documental, Palacín procura reconstituir a vida econômica, social e política de Goiás. Através de dados documentais obtidos, discute a função sócio-econômica da capitania, penetrando em questões fundamentais: a dinâmica da população, início da crise do ouro, a vida social em Goiás e o quadro de decadência instalado localmente graças à exaustão das minas, a partir da segunda metade do século XVIII”.*³⁶⁸

Na esteira de Palacín foi se formando a primeira geração de historiadores nascidos em Goiás e que romperam com a mesmice anterior aos anos 1970, da repetição dos fatos, sem pesquisa na fonte documental. São poucos, porém, os dessa geração que deixaram produções sobre Goiás ou o Brasil Colonial, como visto acima. Pode-se enumerar, a começar do professor padre Luiz Palacín Gómez, as historiadoras, suas discípulas, Gilka Vasconcelos Ferreira Salles, Marivone Mattos Chain e mais tarde Paulo Bertran, economista e historiador.

5.2.2 A HISTORIOGRAFIA GOIANA DOS ANOS 1990: RUPTURA E ALENTO

Como visto, a historiografia sobre Goiás da época colonial se manteria sem novidades até o final da década de 1990.

Eram poucos os historiadores sobre Goiás colonial, mas foram formando a próxima geração que já se sentia à vontade para buscar nas mesmas fontes e quase sempre as mesmas obras, revisitando-as, os subsídios para os seus trabalhos. Porém, apesar da busca ter se dado com outro olhar, ficava-se limitado às mesmas fontes, direcionado pelos mesmos paradigmas. Almejava-se conhecer a documentação que não estava em Goiás, como os relatórios, mapas da produção aurífera, documentos do cotidiano, denúncias, a correspondência administrativa da capitania com a metrópole.

³⁶⁸ SANDES, Noé Freire; RIBEIRO, José E. *Dezoito anos de Goiás 1722 -1822*. IN Cadernos de Pesquisa do ICHL – Instituto de Ciências Humanas e Letras, n. 3, p. 25.

Não se podia mais transigir, permanecer com as mesmas conceituações e análises consolidadas monoliticamente na historiografia goiana. Um desses conceitos que perdurou e se cristalizou na historiografia de Goiás, foi o de “decadência”, presente em todos os que escreveram sobre Goiás no século XIX e grande parte do século XX. Nasr Chaul, historiador nascido em Goiás, baseado em outro historiador conterrâneo, Paulo Bertran, rompeu com este conceito por acreditar que a historiografia goiana não se desenvolvia por estar embebida desse conceito a seu ver errôneo e capcioso:

“Acreditamos assim que o conceito de decadência é uma representação que foi gestada pelos cronistas, governadores, de Província e, posteriormente, reproduzida pela historiografia goiana, com base no isolamento da Província, por meio da visão europeizante dos que vieram a Goiás e do que pensavam ter existido (o fausto e a riqueza) na sociedade mineradora. Encontraram, porém, uma sociedade em transição para a agropecuária, senhora de seus limites e de suas carências de toda ordem.”³⁶⁹

Com essa cristalização impediu-se que se pensasse a história e a historiografia goianas a partir de um outro olhar que não este da “decadência”, o que foi, de alguma forma, impulsionado pelos viajantes europeus do século XIX que viam a sociedade goiana, ainda em formação, pelo olhar europeu, acostumado a uma outra realidade.

Paulo Bertran, historiador e economista foi, quiçá, o primeiro a se afastar desse conceito de “decadência”³⁷⁰ e mesmo a criticá-lo. Sintomaticamente, Paulo Bertran foi um dos poucos pesquisadores de Goiás a pesquisar, na década de 1990, no AHU e a conseguir algumas cópias dos documentos levantados. Munido de novos subsídios, teve outra percepção e ansiava por ter em Goiás todo o acervo referente à sua história no século XVIII e começos do século XIX, guardados no AHU. Seguindo-o viriam outros historiadores que, como ele, partindo de novas pesquisas, identificando nova documentação e cruzando fontes, foram construindo uma nova historiografia, livre das

³⁶⁹ CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 76.

amarras conceituais do passado, o que Paulo Bertran chamou de “despoluição” sobre a história de Goiás:

“Há duas ou três coisas sobre a história de Goiás que é oportuno despoluir para obtermos mais úteis e iluminados, para nosso deleite e sapiência e consumo de futuras gerações. Um deles é o paradigma da decadência de Goiás no passado que no sentir de alguns escritores iria desde a abrupta queda da mineração em 1780 até um variável fim, segundo uns até 1914 com a entrada da estrada de ferro, segundo outros até 1937 com o Estado Novo e a construção de Goiânia. Haja decadência! No caso extremo nada menos do que 157 anos de decadência. Deve ser erro de denominação ou erro de conceito.”

371

Para Nasr Fayad Chaul, na realidade “além da carência de pesquisas sobre o século XIX em Goiás, há um equívoco secular que se mesclou e associou a decadência do ouro com a da própria Província”³⁷². Ou seja, mais uma vez a falta de pesquisas é levantada como uma das causas da estagnação da historiografia goiana que se apegava à tese da “decadência”. Seria preciso que o Projeto Resgate trouxesse a rica documentação guardada no AHU e conhecida de pouquíssimos goianos, para que a historiografia de Goiás, referente aos séculos XVIII e XIX, fosse bafejada por novos ventos.

É preciso recordar, porém, que mesmo aqueles como o padre Luiz Palacín, o escritor Gilberto Mendonça Teles e Paulo Bertran, que pesquisaram no AHU, também não puderam ter uma visão de conjunto das informações contidas na documentação. Todos os que estiveram no AHU antes do Projeto Resgate e pesquisaram a documentação referente a Goiás, esbarraram nos seguintes problemas:

³⁷¹ BERTRAN, Paulo. *A memória consútil e a goianidade*. Ciências Humanas em Revista, p. 6.

³⁷² CHAUL, Nasr Fayad, op. cit., p. 70.

1. A documentação não estava organizada, portanto não estava cronologicamente datada, dificultando a busca de informações;
2. Muitos processos estavam desfeitos, impedindo-se que se obtivesse uma melhor informação desses documentos;
3. A documentação não estava descrita e, portanto, pesquisava-se quase que às cegas. Era preciso ter sorte para encontrar um documento que respondesse ou que viesse a servir ao assunto estudado;
4. Como não havia ocorrido ainda, no AHU, um projeto da monta do Projeto Resgate que trabalhou toda a documentação referente ao Brasil de uma só vez, muitos documentos estavam misturados aos documentos de outras capitanias, problema que seria solucionado somente com os trabalhos dos técnicos do Projeto Resgate.

Dessa forma, foi surgindo a necessidade de se elaborar um projeto que fosse capaz de colocar a documentação colonial referente a Goiás e existente em Portugal, ao alcance dos estudiosos goianos.

Desta forma solucionou-se um problema ainda maior: as fontes para a história goiana existentes no Estado de Goiás são falhas. Perdeu-se muito da documentação do século XVIII e XIX, seja devido à incúria dos governantes, seja pela ação do tempo. O clima goiano, realmente impróprio para a conservação de documentos em papel. São seis meses de seca e seis meses de chuva abundante, afetando a vida útil do documento. O clima, ainda, propicia a propagação de insetos xilófagos, antes não combatidos. Este problema foi agravado pelo descaso do poder público. Ainda a respeito da documentação do século XVIII há que se lembrar que muitos documentos referentes à produção aurífera e limites de Goiás com a capitania de Mato Grosso que limitava com terras de Espanha, eram tidos como estratégicos para a Coroa portuguesa, não ficando cópias na capitania. É o caso de vários mapas elaborados em Goiás e que serviram de base para os tratados de Madri e Santo Ildefonso que redesenharam as fronteiras entre as possessões de Espanha e Portugal na América do Sul. Em Goiás não havia ficado nenhum destes mapas, assim como os relatórios da produção aurífera das minas.

No final do século XIX, logo após a abolição da escravatura, o governo central estimulou a destruição dos arquivos com referência à escravidão negra. Muito foi perdido. Outro motivo: Goiás tinha a sua capital na antiga Vila Boa fundada em 1726. No ano de 1933 foi construída uma nova capital, Goiânia. Durante o processo de transferência das repartições e departamentos públicos, muito acervo foi destruído. Os pesquisadores goianos, portanto, tinham falta sensível de uma documentação que não fosse fracionada e incompleta para se ter uma visão total do contexto.

5.2.3 A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE GOIÁS COLONIAL APÓS O PROJETO RESGATE

O Projeto Resgate por meio do catálogo de sua documentação e a facilidade para a pesquisa nos microfiches e CDs tem contribuído para o aumento de estudos relacionados à capitania de Goiás.

A produção acadêmica da última década em Goiás tem tido um sensível aumento no que respeita à pesquisa com o século XVIII e XIX. Produziu-se mais sobre Goiás colonial em uma década, se comparado às quase três décadas anteriores, desde a criação dos primeiros cursos de mestrado e doutorado na região do Estado de Goiás.

Os estudos sobre Goiás colonial, porém, sofrem, ainda, com a falta de incentivo das instituições de ensino superior goianas, cujas linhas de pesquisa ultimamente, se por um lado tem dado abertura aos estudos coloniais, por outro, pela própria formação e direcionamento dos professores, não incentivam a pesquisa com o século XVIII e XIX.

Percebe-se que, quase sempre, o desinteresse por parte dos professores em trabalhar com o século XVIII e XIX parte igualmente do desconhecimento e como trabalhar estas fontes. Pela produção historiográfica goiana, mesmo sendo certo um aumento da

pesquisa histórica sobre Goiás colonial, sente-se o predomínio de uma historiografia que privilegia as fontes impressas, a entrevista oral e temas relacionados à história recente. É claro que há, na escolha dos temas das pesquisas, muito de interesse pessoal e idiossincrasias. Todas as linhas de pesquisa devem contar com uma boa produção historiográfica.

Não obstante esta constatação, ainda que timidamente a história colonial goiana vai emergindo a partir das dissertações e teses elaboradas na região. O aumento da produção historiográfica sobre Goiás colonial nos últimos 15 anos é patente quando se comparado com períodos anteriores ao Projeto Resgate.

A partir de 1999 começariam a surgir mais trabalhos acadêmicos (mestrado e doutorado) sobre o século XVIII e XIX até a independência do Brasil. Para se ter uma ideia dessa produção, relacionar-se-á abaixo, as dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades da região:

	Ano	Nº de Dissertações
Dissertações de mestrado com assuntos referentes ao Brasil Colonial – Universidade Federal de Goiás de 1974 a 1999. De um total de 124 dissertações	1978	01
	1990	02
	1991	02
	1992	02
	1996	01
	1997	01
	1998	03
	1999	01
Total		13

Tabela 80 – Dissertações com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 1974 – 1999.

Pelo quadro acima somam-se 13 o número de dissertações defendidas no Departamento de Pós-graduação em História da Universidade Federal e Goiás, de 1974³⁷³ a 1999. Estes anos limites tem um porquê. 1974 foi o ano de defesas das primeiras dissertações do Programa Pós-graduação em História e 1999 o ano em que foi disponibilizada a documentação do Projeto Resgate referente a Goiás. Ou seja, em 25 anos de existência do Programa de Pós-graduação em História da Univeridade

³⁷³ O Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal foi criado em 1972. As primeiras defesas ocorreram no ano de 1974. Dissertações e teses por ano de defesa da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. IN <https://pos.historia.ufg.br/p/6716-dissertacoes-e-teses> (Consulta, 20 de setembro de 2015).

Federal de Goiás, foram produzidas 13 dissertações sobre Goiás colonial de um total de 124 dissertações.

Os temas ligados à história de Goiás dessa época, eram quase sempre relacionados a assuntos já tratados em obras antigas e, como já mencionado, estas obras não foram escritas dentro do rigor científico. A pesquisa era basicamente bibliográfica. A pesquisa documental ocorria, mas os arquivos não estavam (e muitos ainda não estão) organizados e, portanto, não se contava com instrumentos de pesquisa. Aqueles que enfrentavam a pesquisa nos arquivos que não possuíam um mínimo de infraestrutura, ainda esbarravam em uma documentação muito fragmentada, dificultando uma análise de longo tempo e uma visão de conjunto que pudesse contribuir para um maior conhecimento do contexto e, assim, uma melhor análise histórica do tema e períodos estudados.

Após a disponibilização dos documentos do Projeto Resgate da Capitania de Goiás em 1999, a produção acadêmica do Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás sobre Goiás Colonial, foi a seguinte:

	Ano	Nº de Dissertações
Dissertações de mestrado com assuntos referentes ao Brasil Colonial – Universidade Federal de Goiás de 2000 a 2014, de um total de 179 (Os documentos do Resgate já à disposição para pesquisas)	2000	05
	2001	01
	2002	01
	2003	02
	2004	01
	2005	01
	2007	01
	2008	01
	2009	01
	2010	01
	Total	

Tabela 81 – Dissertações com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 2000 – 2014.

É sintomático o aumento da produção historiográfica sobre Goiás colonial nos anos posteriores à disponibilização das fontes do Projeto Resgate, se comparado com o período anterior ao Projeto. Observando-se o quadro acima, de 2000 a 2009, ou

seja, em 9 anos, foram defendidas 15 teses sobre Goiás colonial no Programa de Pós-graduação em História da UFG, contra as 13 defendidas em 25 anos, de 1974 a 1999.

Duas causas podem explicar este aumento: a disponibilização propriamente dita, dos documentos do Resgate e, ligada a esta causa, os cursos e oficinas de Paleografia e Diplomática ofertados pelo IPEHBC, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como contribuição para a leitura e identificação tipológica dos mesmos documentos. Esta iniciativa do Instituto de Pesquisas contribuiu para desmistificar as dificuldades apontadas por pesquisadores desavisados quanto à pesquisa em manuscritos.

Mas a produção sobre Goiás colonial não ficou restrita às dissertações da Pós-graduação em História da UFG. A partir de 2003, este Programa de Pós-graduação criou o Doutorado em História, sendo seguinte o número das teses referentes a Goiás na época do Brasil Colônia³⁷⁴:

Teses de doutorado com assuntos referentes ao Brasil Colonial – Universidade Federal de Goiás de 2007 a 2014. De um total de 31 teses	Ano	Nº de teses
		2012
Total	03	

Tabela 82 – Teses com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 2003 – 2014.

As teses de doutorado em História da UFG não foram muitas. De 31 teses, 3 foram sobre Goiás colonial. Pode-se aventar a hipótese de que com a criação de mestrados e doutorados em história em Goiás e região, estes programas de pós-graduação tenham atraído pesquisadores goianos que estudam o século XVIII e XIX.

Nesse sentido, a Universidade de Brasília, na região do Estado de Goiás, e mesmo universidades do Estado de São Paulo são procuradas por terem linhas de pesquisa que favoreçam o estudo da história colonial brasileira. Assim, é interessante conhecer a produção historiográfica sobre Goiás colonial em outras universidades.

³⁷⁴ Cf. Teses do Programa de Doutorado em História da Universidade Federal de Goiás, IN <https://pos.historia.ufg.br/p/6716-dissertacoes-e-teses> (Consulta, 20 de setembro de 2015).

Em 1960 foi criada a nova capital do Brasil, Brasília, no centro do Estado de Goiás. A Universidade de Brasília – UnB, atraiu vários estudantes de Goiás que procuravam a nova instituição onde pudessem dar continuidade a seus estudos. Relacionou-se as seguintes dissertações de mestrado do Departamento de História da Universidade de Brasília³⁷⁵:

	Ano	Nº de Dissertações
Dissertações de mestrado em História com assuntos referentes ao Brasil Colonial, UnB – Universidade de Brasília de 1978 a 2009, de um total de 316 dissertações.	1992	01
	2002	01
	2006	02
	2008	01
Total	05	

Tabela 83 – Dissertações com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade de Brasília, 1978 – 1999.

O quadro acima demonstra que as dissertações do mestrado em História da UnB foram, de 1992 a 2008, em número de 5, sendo 4 posteriores à disponibilização das fontes do Projeto Resgate. O incremento na produção historiográfica sobre Goiás colonial se deu, também, no caso da UnB, após a reestruturação das linhas de pesquisa do mestrado e do doutorado, que se deu em 1994³⁷⁶. Deve-se levar em conta, porém, o número das teses do doutorado em História da UnB, fundado em 1994, demonstrado no quadro abaixo:

	Ano	Nº de Dissertações
Teses de doutorado em História com assuntos referentes ao Brasil Colonial – Universidade de Brasília de 1997 a 2011. De um total de 137 teses.	2007	01
	2010	02
Total	03	

Tabela 84 – Teses com assuntos referentes ao Brasil colonial da Universidade Federal de Goiás, 1997 – 2011.

³⁷⁵ O Programa de Pós-Graduação em História da UnB, foi criado em 1976 com o mestrado. Em 1994 foi criado o doutorado. Cf. Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília. IN <http://www.poshis.unb.br/> (Consulta 20 de setembro de 2015)

³⁷⁶ Cf. Página inicial da Universidade de Brasília – Departamento de História. IN <http://www.his.unb.br/> (Consulta, 30 de setembro de 2015).

Quanto ao doutorado em História da UnB³⁷⁷, as teses defendidas e que contemplam o século XVIII e primeiras décadas do XIX até a independência do Brasil, foram em número de 3, de 1997 a 2011, isto, de um total de 137, sendo as três posteriores ao Projeto Resgate.

Os programas de pós-graduação de outros cursos da UnB e de outras universidades brasileiras e de Portugal, cujos programas e linhas de investigação favorecem os estudos históricos sobre a época colônial, produziram dissertações e teses referentes a esse período:

	Universidade	Ano	Nº de Dissertações	Nº de Teses
Outros Cursos Universitários trabalhos referentes a colonial cujos foram Goias	Universidade Nova de Lisboa, UNL – História (Doutorado)	2006		01
	Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo – Arquitetura – UNESP (Mestrado)	2007	01	
	Universidade do Estado de São Paulo – Franca – História UNESP - (Mestrado)	2009	01	
	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB (Mestrado)	2011	01	
	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB (Doutorado)	2015		01
	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB (Doutorado)	2015		01
	Total		03	03
	TOTAL GERAL DA TABELA			
TOTAL de Dissertações e Teses com assuntos referentes ao Brasil Colonial – UFG, UnB, UNL, UNESP				31

Tabela 85 – Dissertações e teses com assuntos referentes ao Brasil colonial em várias universidades e faculdades (UNL, UNESP, UnB, 2006 – 2015).

Como se depreende do quadro acima, os cursos de Arquitetura e Urbanismo da UnB tiveram suas produções de teses e dissertações utilizando os documentos coloniais brasileiros. Mestrados e doutorados de História de outras universidades brasileiras e

³⁷⁷ O site da Pós-graduação em História da Universidade de Brasília, disponibilizou a lista das dissertações e teses somente até o ano de 2011. Cf. Dissertações e teses do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. IN <http://www.poshis.unb.br/pt/teses-e-dissertacoes> (Consulta 20 de setembro de 2015)

de Portugal, como as Universidades do Estado de São Paulo - UNESP³⁷⁸ e Universidade Nova de Lisboa³⁷⁹, também produziram dissertações e teses sobre o período colonial goiano.

Pelo quadro apresentado, de 2006 a 2015, foram 3 dissertações e 3 teses defendidas em universidades brasileiras e de Portugal referentes a Goiás colonial.

Interessante este dado por dar pistas quanto ao potencial interdisciplinar da documentação colonial referente ao Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Por se referir à história do Brasil pode-se pensar, erroneamente, que esta documentação seja prestante apenas para historiadores. As produções científicas dos mestrados e doutorados ligados às Faculdades de Arquitetura e Urbanismo da UnB e da UNESP de Franca, demonstram a interdisciplinaridade do acervo.

Analisando e computando os dados sobre a produção historiográfica das universidades do Estado de Goiás e região, têm-se as seguinte somatória: de 1974 a 1999, num período de 25 anos, foram defendidas 14 dissertações e teses referentes aos séculos XVIII e XIX em Goiás. Do ano 2000 a 2014, ou seja, em 14 anos, após a disponibilização das fontes do Projeto Resgate, foram produzidas 17 teses e dissertações, constatando-se que houve um aumento considerável da produção historiográfica sobre Goiás colonial.

³⁷⁸ Programa de Pós-graduação em História da UNESP de Franca. IN <http://www.franca.unesp.br/index.php#!/pos-graduacao/stricto-sensu/historia/dissertacoes/1883---2000/>

³⁷⁹ Cf. MORAES, C. C. P. *Do corpo místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na Capitania de Goiás 1736-1808*. Goiânia: Ed. UFG, 2009. v. 1. 220 p. (Tese defendida na Universidade Nova de Lisboa, 2006).

5.2.4 ANÁLISE E TABULAÇÃO DOS DADOS QUALIQUANTITATIVOS

Para fundamentar o aumento dos estudos sobre Goiás colonial, a pesquisa da produção científica nas universidades da região e naquelas regiões próximas, precisa ser amparada em outros dados.

Para isso se lançou mão de um questionário enviado a 30 pessoas entre professores universitários, arquivistas, pesquisadores de várias cidades do estado de Goiás e de outros estados do Brasil, que tiveram contato com as fontes do Projeto Resgate.

Estes entrevistados pertencem a diversas áreas do saber: História, Geografia, Arqueologia, Arquitetura, Urbanismo, Arquivologia, Educação e Sociologia.

A escolha do envio do questionário para profissionais pertencentes a diversas áreas, foi no sentido de se demonstrar não somente a interdisciplinaridade da documentação do projeto, mas que esta interdisciplinaridade ocorre na prática da pesquisa.

Existem duas formas de abordagem do problema que se propõe investigar: quantitativa ou qualitativamente³⁸⁰. Enquanto a quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, a qualitativa considera que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. A pesquisa quantitativa requer o uso de recursos, tais como entrevistas e questionários, e de técnicas estatísticas. A pesquisa qualitativa requer a interpretação dos fenômenos, bem como a atribuição de significados³⁸¹. A partir do questionário aplicado a 30 pesquisadores, foi possível o levantamento de dados quantificáveis bem como análise e interpretação das respostas e justificativas apresentadas pelos entrevistados. Assim, pode-se afirmar que a pesquisa é quantitativa e qualitativa. Quanto ao objetivo da pesquisa, pode-se afirmar que é uma pesquisa de caráter

³⁸⁰ SOARES, Edvaldo. *Metodologia científica: lógica, epistemologia e normas*. São Paulo: Atlas, 2003, p.

³⁸¹ SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 123.

explicativo, pois visa o mapeamento dos dados sobre os produtos e impactos do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, por meio do qual a documentação colonial do Brasil³⁸² existente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa foi organizada, descrita, microfilmada e digitalizada. Segundo Antônio Carlos Gil³⁸³, a pesquisa explicativa tem como objetivo básico a identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois tenta explicar a razão e as relações de causa e efeito dos fenômenos. Para Lakatos & Marconi³⁸⁴, este tipo de pesquisa procura estabelecer relações de causa-efeito através da manipulação direta das variáveis relativas ao objeto de estudo, buscando, deste modo identificar as causas do fenômeno. Quanto à natureza das fontes, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, haja visto a utilização de referencial teórico, análise de documentação e aplicação de questionário.

³⁸² O questionário se referiu apenas ao Projeto Resgate em Portugal, já que focou a documentação brasileira referente à Capitania de Goiás.

³⁸³ GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999, p.

³⁸⁴ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos metodologia científica*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

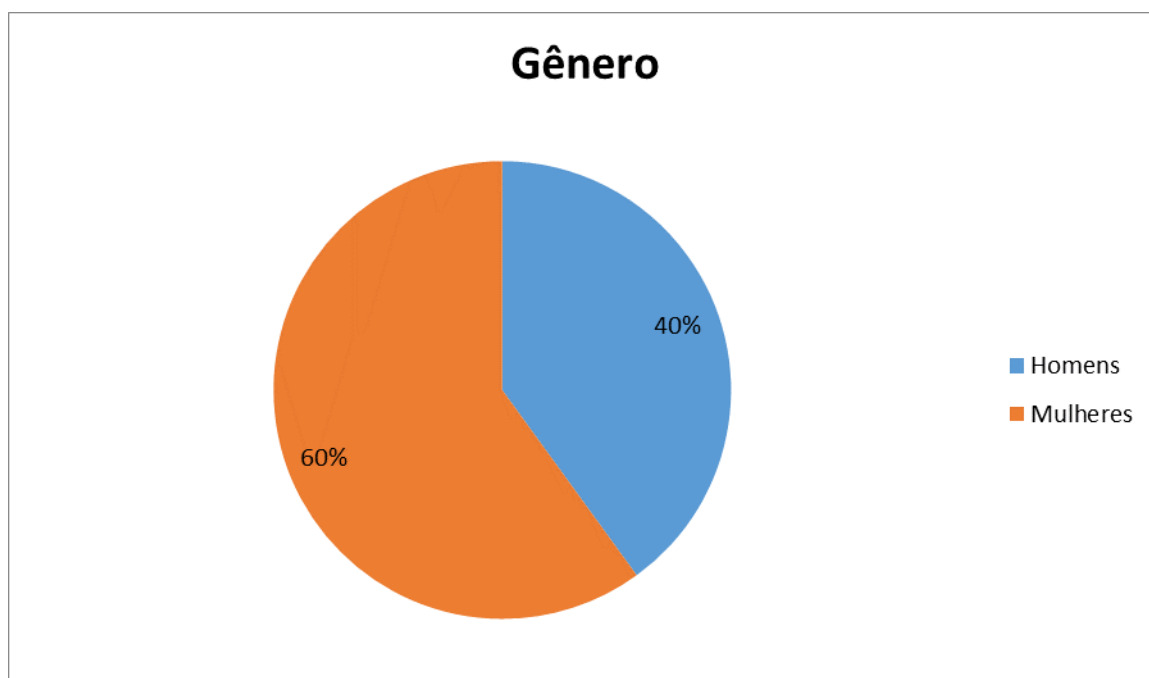


Gráfico 1 – Gênero dos Entrevistados. Fonte: Pesquisador

Dentre as 30 pessoas entrevistadas, 60% são mulheres e 40% são homens. O número de 30 entrevistados se deu a partir de uma consulta as fichas dos pesquisadores que frequentaram o IPEHBC em busca de dados para os seus trabalhos, como também a partir da indicação de professores das universidades goianas acerca de pesquisadores que se utilizaram dos documentos do Projeto Resgate. Este número não pretende apontar a totalidade dos que se utilizaram dessa documentação. No contexto goiano da pesquisa sobre Goiás colonial, é um número expressivo.

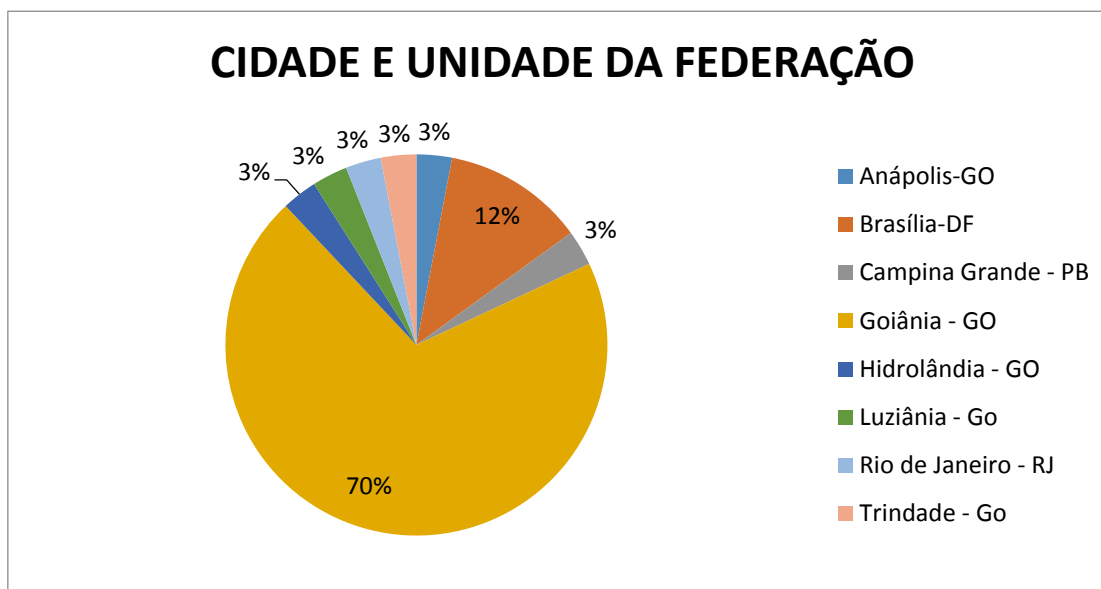


Gráfico 2 – Cidade e Unidade de Federação dos Entrevistados. Fonte: Pesquisador

Pode-se perceber por meio do gráfico 2 que 70% dos entrevistados moram em Goiânia, 12% moram em Brasília e os que moram em Anápolis-Go, Campina Grande-PB, Hidrolândia-GO, Luziânia-GO, Rio de Janeiro-RJ e Trindade-GO integram o gráfico com 3% cada.

O gráfico se refere a várias cidades e estados onde residem os entrevistados. É preciso esclarecer que a cidade de Anápolis, Hidrlândia e Trindade são próximas a Goiânia, capital de Goiás. Brasília, a capital do país, fica no território goiano, assim como Luziânia. Campina Grande no estado da Paraíba é onde reside a pesquisadora que anteriormente residia no estado do Tocantins, que antes de ser criado era parte do território do estado de Goiás. O pesquisador que reside no Rio de Janeiro foi professor da PUC Goiás e sua pesquisa ainda se refere ao estado de Goiás.

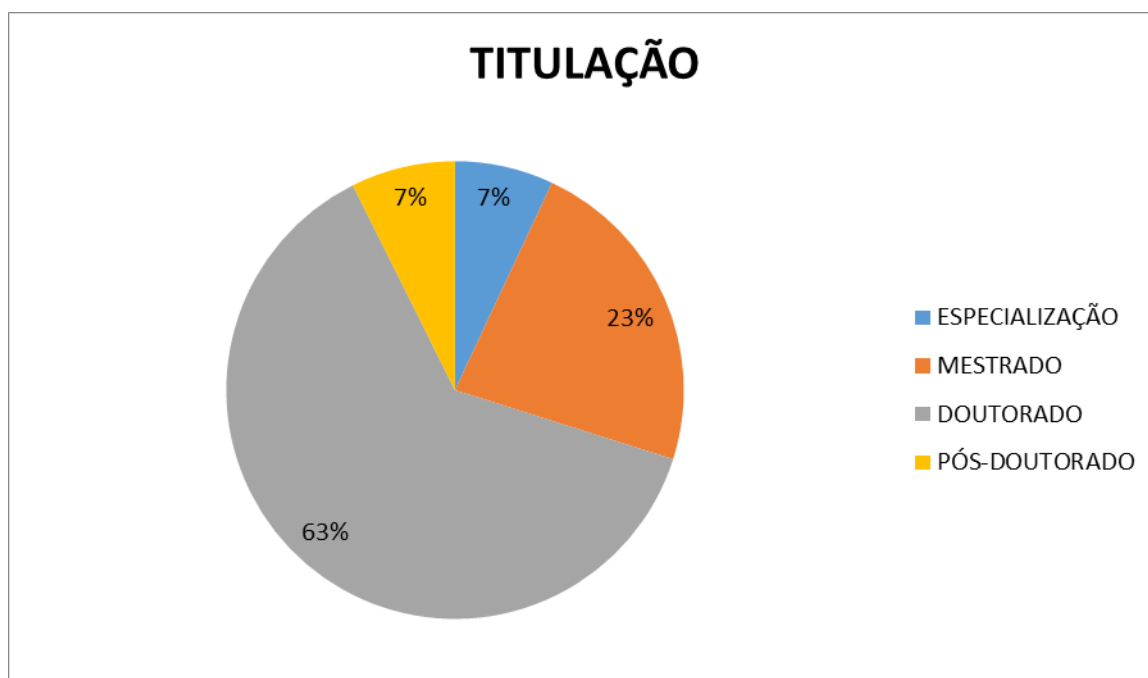


Gráfico 3: Titulação. Fonte: Pesquisador

Todos os pesquisadores são pós-graduados, conforme se vê no gráfico 3: 7% são especialistas, 23% são mestres, 63% são doutores e 7% são pós-doutores. Apesar da predominância da pós-graduação em História, o Projeto Resgate serve como suporte para a pesquisa em áreas multidisciplinares, haja vista a sua importância em oferecer dados sobre a documentação colonial do Brasil, conforme pode-se observar na Tabela 1.

ÁREA	QUANTIDADE DE PESQUISAS/ÁREA
Arqueologia	1
Arquitetura	2
Arquitetura e Urbanismo	1
Arquivística	1
Arquivologia, Museologia, Antropologia, Arqueologia	1
Arte	1
Educação	1
Geografia	1
História	16
História das Ideias Religiosas	1
História Social	1
Pedagogia	1
Sociologia	1
Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo	1

Tabela 86: Áreas de Pesquisa dos Entrevistados Fonte: Pesquisador

A tabela demonstra em números o que o gráfico apontou em porcentagem. Foram 14 as áreas de conhecimento referentes às pesquisas dos entrevistados. Avulta, logicamente a área de História com 18 pesquisas, seguida da Arquitetura com 2. As outras áreas apontadas na tabela possuem, cada qual, 1 pesquisa em cada área. Mais uma vez fica demonstrado a importância interdisciplinar do acervo do Projeto Resgate.

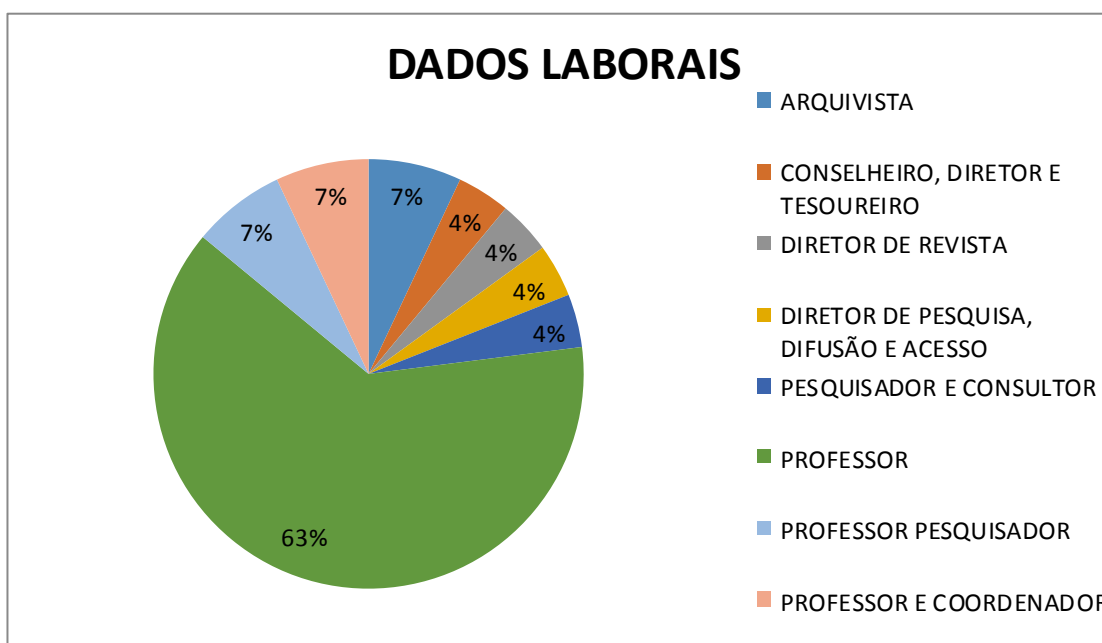


Gráfico 4: Dados Laborais. Fonte: Pesquisador

É interessante perceber que, dentre os entrevistados, 63% são professores.

Outras profissões podem ser percebidas, como Arquivista, 7%; Conselheiro, Diretor e Tesoureiro, 4%; Diretor de Revista, 4%; Pesquisador e Consultor, 4%; Professor e Pesquisador, 7%; Diretor de Pesquisa, Difusão e Acesso, 4%; e Professor e Coordenador, 7%.

As respostas foram obtidas à pergunta: Qual a função desempenhada em seu trabalho? O que motivou essa pergunta foi a necessidade de se conhecer não o cargo

que o entrevistado ocupa, mas a sua função. No caso de o entrevistado ter indicado a sua profissão como professor, o registro de professor pesquisador refere-se à sua função, como também a indicação de pesquisador se refere à aqueles cujas pesquisas foram realizadas para elaboração de teses, dissertações e artigos.

As respostas, portanto, espelham a realidade não somente profissional dos entrevistados, além dos cargos que possuem em seus empregos, mas as funções que desempenham e ainda se foram ou são pesquisadores.

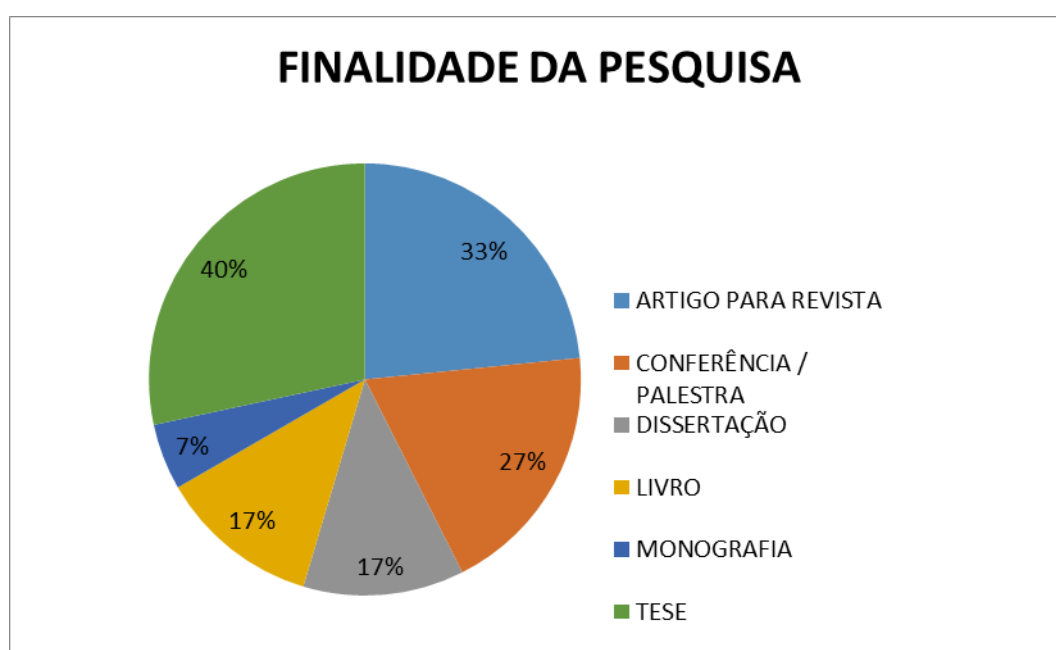


Gráfico 5: Qual a Finalidade da Sua Pesquisa. Fonte: Pesquisador

O gráfico mostra que os entrevistados realizaram a pesquisa para mais de um fim. Desta forma, pode-se verificar que 40% dos pesquisados utilizaram o Projeto Resgate como fonte pesquisa na elaboração de suas Teses. E 33% para produção de Artigos para revista, 17% para escrita de livros, 27% para suas conferências e palestras, 17% utilizaram o Projeto Resgate em suas Dissertações e, por último, 7% dos entrevistados, acessaram o projeto no momento da elaboração de suas Monografias.

A motivação do contato com a documentação do Projeto Resgate, como se depreende do gráfico acima, é múltipla. Observa-se, porém, que não apenas utilizaram o Projeto Resgate, os que o fizeram para buscar subsídio para suas teses (40%), ou dissertações (17%). Um número significativo (7%) entrou em contato com o Projeto Resgate para elaboração de suas monografias, o que demonstra um maior conhecimento acerca do projeto Resgate por parte dos alunos de graduação. Outras deduções interessantes são apontadas pelo gráfico: 17% utilizaram a documentação para escrita de livros, 33% para produção de artigos e 27% como subsídio para suas palestras e conferências. São dados reveladores e apontam para necessidade de se ampliar a investigação sobre a utilização das fontes disponibilizadas pelo Projeto Resgate para além da produção de teses e dissertações.

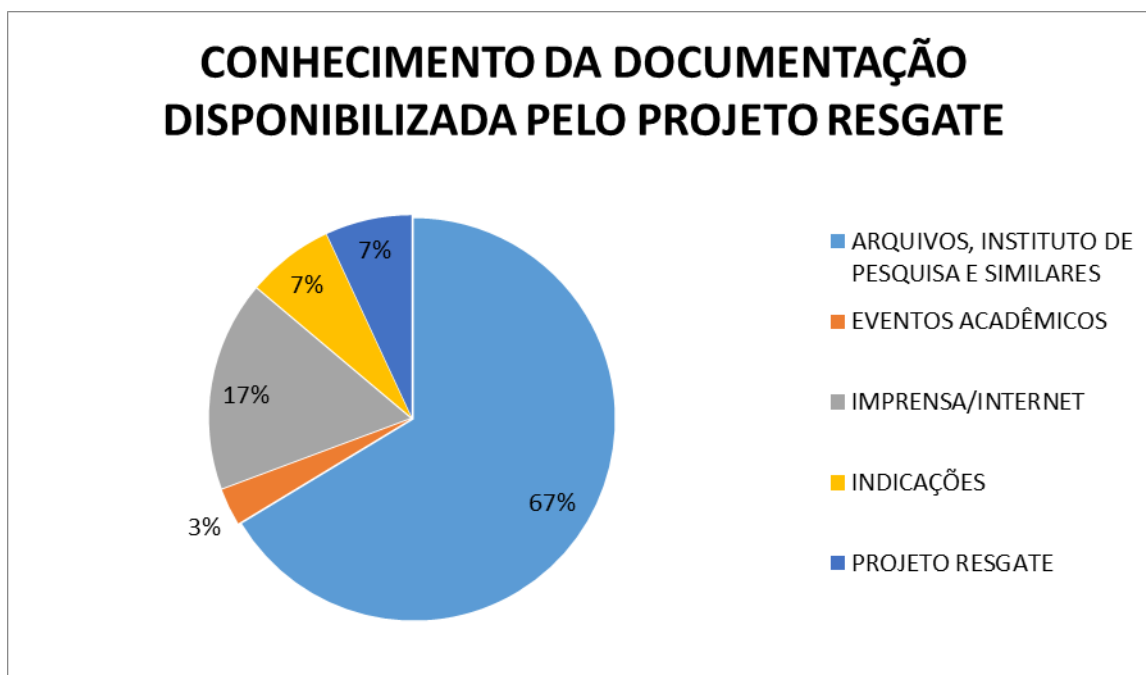


Gráfico 6: Como teve conhecimento da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate. Fonte: Pesquisador

Ao serem questionados sobre a forma como tiveram conhecimento da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate, 67% dos entrevistados afirmaram que foi por meio de Arquivos, Institutos de Pesquisas e Similares; 3% disseram que foi através

de eventos acadêmicos, 17%, através da Imprensa ou Internet; 7% por meio de indicações e 7% afirmaram que foi a partir do próprio Projeto Resgate.

O conhecimento sobre a documentação do Projeto Resgate, deu-se, segundo as respostas dos entrevistados, de várias formas: 67% informaram que tiveram conhecimento através dos Arquivos, Institutos de Pesquisas e similares, como Centro de Documentação, Museus e Bibliotecas. Alguns dados são interessantes, apenas 3% tiveram contato através de eventos acadêmicos. Este dado demonstra a deficiência existente em Goiás, de Encontros, Conferências e Simpósios referentes a história colonial brasileira ou goiana. Isto é sintomático e espelha a realidade do estado de Goiás, onde os estudos históricos universitários privilegiam o tempo presente e a história recente.

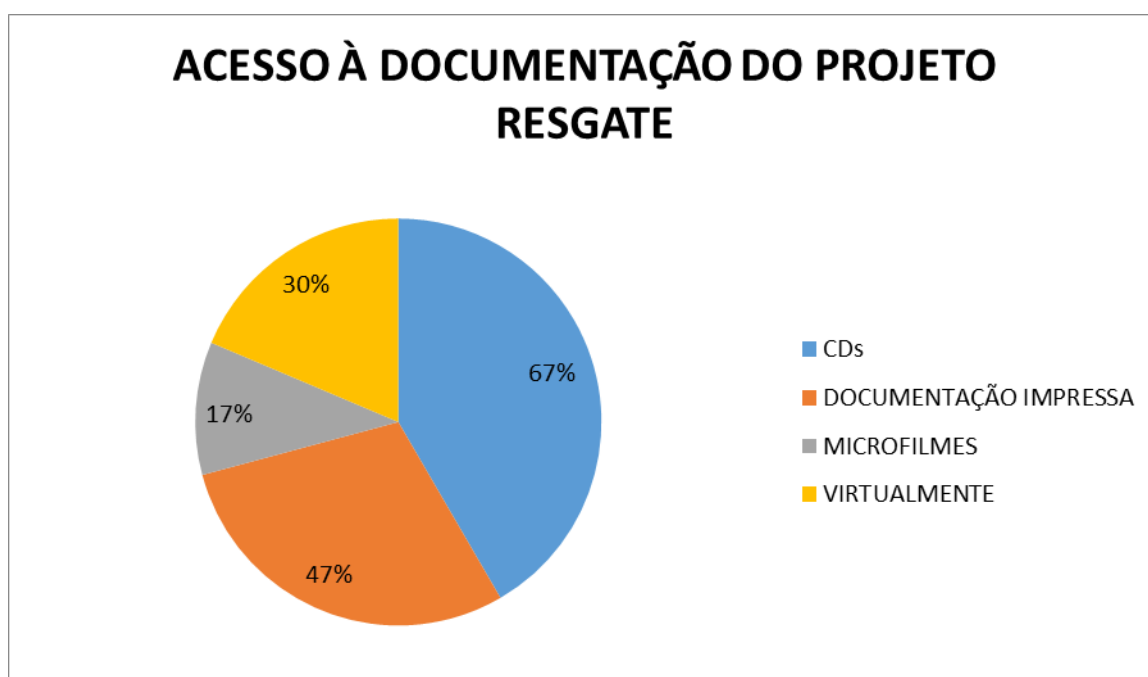


Gráfico 7: Como teve acesso à documentação do Projeto Resgate? Fonte: Pesquisador

Quando perguntados sobre o acesso à documentação do Projeto Resgate, 40% dos entrevistados alegaram terem tido acesso por mais de uma plataforma. E os outros 60% apontaram apenas um meio de acesso. Em decorrência disto, é correto afirmar que 67% dos pesquisados acessaram o projeto por intermédio dos CDs. Ficando a documentação impressa como a segunda via de acesso mais procurada, com 47% dos

votos. Acessaram virtualmente 30% dos pesquisados. E por último, 17% dos entrevistados, apontaram os microfimes como meio de acesso.

As respostas confirmam como se dão as pesquisas à documentação do Projeto Resgate em Goiás. A pesquisa pelo microfilme é a menos procurada, tendo em vista infraestrutura necessária, como a máquina leitora. Com a disponibilização dos documentos em CDs e na mídia virtual cada vez mais o microfilme deixa de ser procurado, permanecendo as matrizes microfilmicas como cópia de segurança.

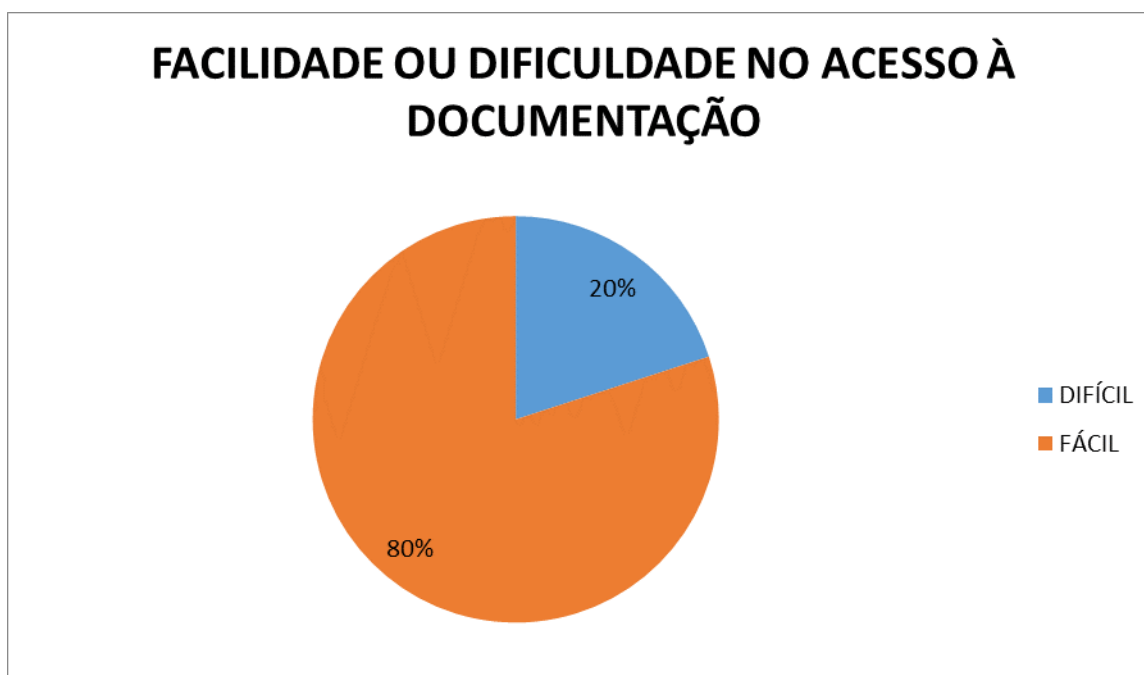


Gráfico 8: O acesso à documentação foi fácil ou difícil? Fonte: Pesquisador

Os entrevistados responderam a esta questão julgando fácil ou difícil o acesso à documentação do Projeto Resgate. Como aponta o gráfico, 80% julgou o acesso fácil. E os 20% que julgou difícil o acesso, apontou para problemas que ocorreram, tais como: a) as instituições não sabiam do que se tratava, não sabiam como trabalhar com os documentos, criavam normas próprias de acesso, não possuíam computadores para visualização e estruturas adequadas ao pesquisador; b) não havia CDs à disposição em bibliotecas e arquivos públicos (municipais) fora da capital e

nas universidades do interior; c) o acesso virtual não atendia às demandas do pesquisador³⁸⁵.

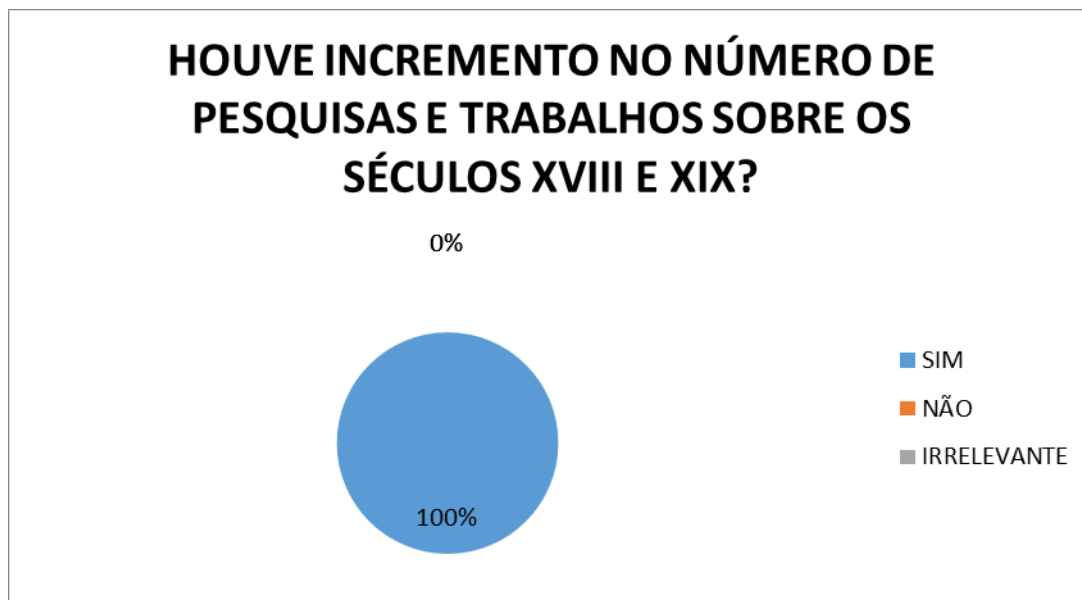


Gráfico 9: Com o Projeto Resgate e a Disponibilização das fontes Manuscritas sobre o Brasil Colonial, houve um maior incremento no número de pesquisas e trabalhos sobre o século XVIII e XIX em Goiás? Fonte: Pesquisador

Analisando o gráfico acima, percebe-se que 100% dos entrevistados apontam que houve crescimento no número de pesquisas e trabalhos sobre o século XVIII e XIX em Goiás, após a implantação do Projeto Resgate.

Analisando o gráfico a partir das respostas obtidas, é necessário a seguinte reflexão. 1- todos os entrevistados se utilizaram, de uma forma ou de outra, da documentação do Projeto Resgate; 2- todos são igualmente, de uma forma ou de outra, ligados às pesquisas acadêmicas, seja como pesquisador ou professores universitários. A pergunta a eles endereçada poderia obter as respostas de sim, não ou irrelevante, caso o entrevistado acreditasse que o número de pesquisas fosse insignificante.

³⁸⁵ À época da pesquisa, o Centro de Memória Digital da Universidade de Brasília era o único meio virtual de pesquisa da documentação do Projeto Resgate. Deixava muito a desejar e os pesquisadores reclamavam da baixa resolução das imagens. O próprio Centro de Memória Digital apresentou em sua página os problemas pelos quais passava sendo o principal a falta de repasses financeiros do órgão responsável. Atualmente a Biblioteca Nacional disponibilizou a documentação do Projeto resgate referente ao Brasil.

A totalidade das respostas indicando que houve, a partir do Projeto Resgate, incremento no número de pesquisas sobre o século XVII e XIX em Goiás, parte, seguramente, do cotidiano profissional dos entrevistados. Estes, lidam e convivem diariamente com pesquisadores, conhecem a produção historiográfica e a tendência da pesquisa atual.



Gráfico 10: Na sua opinião o projeto resgate colaborou com a produção historiográfica brasileira sobre o período colonial? Fonte: Pesquisador

O gráfico acima permite interpretar que 100% dos pesquisados alegaram que o Projeto Resgate colaborou com a produção historiográfica brasileira sobre o período colonial.

Este trabalho tem como estudo de caso a pesquisa empreendida com a documentação referente a capitania de Goiás. O Projeto Resgate, porém, disponibilizou a documentação colonial brasileira em geral, o que foi saudado por todos os que se dedicam ao estudo desse período. Os entrevistados, a partir de suas redes de contato em universidades de todo o país e do conhecimento que têm da produção científica da área, responderam afirmativamente à pergunta, por conhecimento próprio.



Gráfico 11: Você acha que a Paleografia e a Diplomática auxiliam a pesquisa na documentação do Projeto Resgate? Fonte: Pesquisador

O gráfico 11 mostra que 100% dos entrevistados acreditam que sim, a Paleografia e a Diplomática auxiliam a pesquisa na documentação do Projeto Resgate.

Essa constatação é coerente com as respostas anteriores. Se os entrevistados avaliaram que o Projeto Resgate cooperou para com o aumento da produção historiográfica brasileira referente ao período colonial, é lógico também acreditarem ser a Paleografia e Diplomática, ferramentas indispensáveis para a leitura e identificação documental.



Gráfico 12: Se você necessitou em algum momento do auxílio de um paleógrafo e ou diplomata, ou se utilizou de seu próprio conhecimento dessas ciências em sua pesquisa? Fonte: Pesquisador.

No que tange ao auxílio de um paleógrafo e ou diplomata em algum momento das pesquisas dos entrevistados, 50% dos pesquisados alegaram que “Sim, necessitaram de um paleógrafo/diplomatista”. Outros 30% apontaram que “Sim, serviram de seus próprios conhecimentos dessas ciências”. E 13% responderam que “não necessitaram de um paleógrafo/diplomatista. Apenas 7% dos entrevistados “Não necessitaram utilizar dessas ciências”.

As respostas dos entrevistados demonstram que os conhecimentos da Diplomática da técnica paleográfica são importantes para a pesquisa que embasará o trabalho científico. Os números dizem por si, mas os 7% dos entrevistados que não necessitaram se utilizar dessas ciências referem-se, em parte, aos que não se

utilizaram dos documentos do Projeto Resgate como suporte para os seus trabalhos científicos, mas utilizaram informações sobre o Projeto Resgate para suas conferências e palestras.

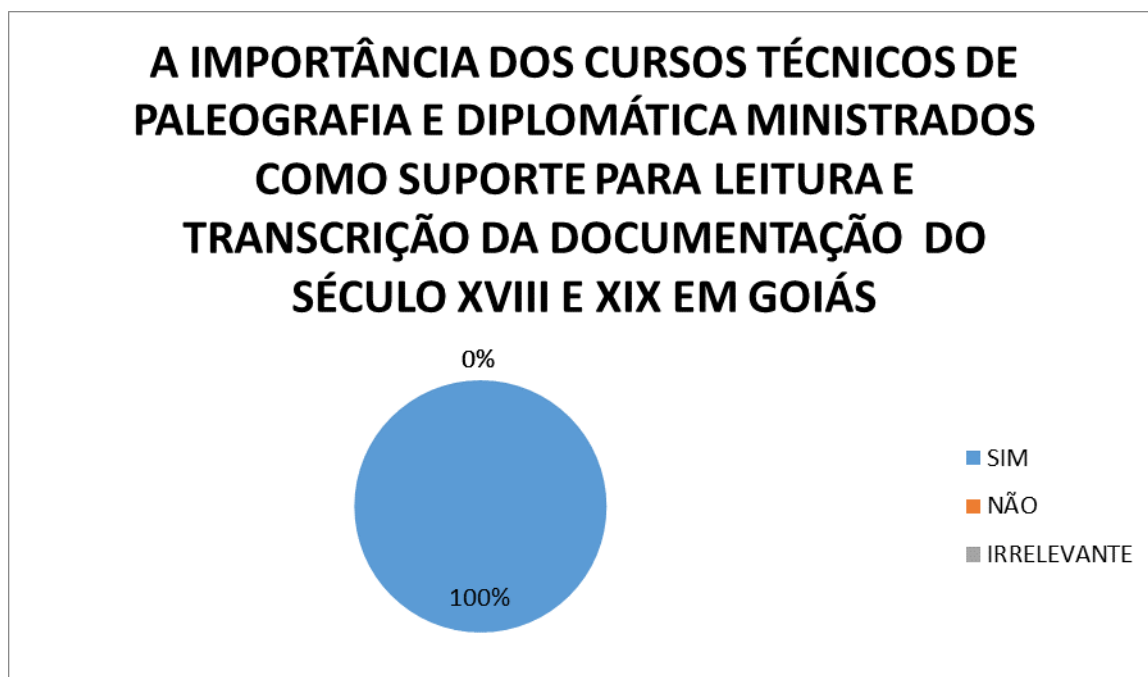


Gráfico 13: Você julga importantes os cursos técnicos de paleografia e diplomática ministrados como suporte para a leitura e transcrição da documentação do século XVIII e XIX em Goiás? Fonte: Pesquisador

O gráfico 13 mostra que 100% dos entrevistados julgam serem importantes os cursos técnicos de Paleografia e Diplomática como suporte para leitura e transcrição da documentação anterior ao século XX. Há coerência nas respostas ainda mais sabendo que os entrevistados, quase todos professores ou ligados de alguma forma a universidade perceberam a necessidade dos conhecimentos paleográficos e diplomáticos como suporte para os trabalhos sobre o século XVIII e XIX. Muitos dos entrevistados solicitaram a realização dos cursos de Paleografia e Diplomática em suas unidades. Isto, por conhecerem as dificuldades dos alunos em relação a leitura e identificação diplomática dos documentos.

5.3 DIPLOMÁTICA E PALEOGRAFIA: IMPRESCINDÍVEIS PARA O TRABALHO COM A DOCUMENTAÇÃO DO PROJETO RESGATE

O termo Paleografia é formado por duas palavras de origem grega, PALAIOS e GRAPHEIN, passando para o latim PALEO e GRAPHUS, significando o estudo da grafia antiga³⁸⁶. O conceito de Paleografia, porém, mudou através dos tempos. Para Maurice Prou, paleógrafo francês, era “a ciência das antigas escritas, cujo objetivo era a decifração dos escritos da antiguidade e Idade Média”.

Por este conceito de Maurice Prou, não se poderia dizer um trabalho paleográfico a leitura e transcrição dos documentos brasileiros da colônia e império, já que não datam da antiguidade. Porém, outras conceituações deram à Paleografia maior abrangência. Assim, Dom Jesus Muñoz y Rivero, define a Paleografia como sendo “A ciência da decifração dos manuscritos, tendo em consideração as vicissitudes sofridas pela escrita em todos os séculos e nações, seja qual for a matéria em que ela apareça”³⁸⁷ e Salomon Reinach a define como “a ciência da decifração dos manuscritos”³⁸⁸, não cerceando a Paleografia a determinada época, cunhando, então, esta conceituação bem geral.

Dessa forma, levando-se em conta a realidade brasileira, aplicam-se aos nossos manuscritos as técnicas paleográficas necessárias para uma boa leitura e transcrição dos documentos brasileiros dos séculos XVI ao XX.

Para o brasileiro professor João Eurípedes Frankilin Leal coautor com a professora Ana Regina Berwanger, do livro *Noções de Paleografia e Diplomática, Paleografia*“, a Paleografia é o estudo técnico de textos antigos, na sua forma exterior, que

³⁸⁶ MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953, p.11.

³⁸⁷ Ibidem.

³⁸⁸ Cf. IN BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. 2ª edição, Santa Maria: Editora UFSM. 1995, p. 11.

compreende o conhecimento dos materiais e instrumentos para escrever a história da escrita e a evolução das letras, objetivando sua leitura e transcrição”³⁸⁹.

Assim, nestes conceitos, a Paleografia abrange não só o estudo da grafia, mas também dos materiais usados para a escrita, como penas, grafites, canetas, a tinta usada, a evolução dos símbolos fonéticos e mesmo a abrangência cronológica dos manuscritos que não mais dizem respeito apenas à antiguidade e Idade Média, mas, conforme a opinião de Alphonse Dain, paleógrafo francês, o limite formal de aplicação da Paleografia deve ser o que mais se aproxime da época em que vivemos, já que os escritos manuais mudaram muito rapidamente e por isso se tornam objeto de história.

Os documentos paleográficos têm como característica ser manuscrito e ter como suporte papel, tecido ou matéria branda, como seja o pergaminho, papiro e tabuinhas enceradas e papel.

A Paleografia teve sua origem no século XVII, na Alemanha, durante a Guerra dos 30 anos, chamada também Guerra Diplomática, luta renhida em torno da autenticidade de documentos de Estado. Os estudos paleográficos evoluiriam rapidamente na Europa, sobressaindo escolas na Itália, França e Alemanha. Em Portugal, de 1810 a 1836, foi publicada, em cinco volumes, o primeiro manual de paleografia e diplomática, por João Ribeiro³⁹⁰.

O estudo da Paleografia no Brasil teve início no final do século XIX por influência da Paleografia europeia. Os brasileiros que pesquisavam na Europa, entravam em contato com as técnicas paleográficas ali já estudadas há muito tempo e percebiam o quanto a Paleografia poderia contribuir para uma melhor qualidade do trabalho encetado de copiar a documentação histórica de interesse do Brasil.

³⁸⁹ Cf. IN BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. Op. cit, p. 12.

³⁹⁰ João Pedro Ribeiro (Porto, 27 de maio de 1758, Porto, 4 de janeiro de 1839). Presbítero secular, era doutor pela Universidade de Coimbra, exerceu diversos cargos eclesiásticos e civis. Cronista dos domínios ultramarinos, foi censor régio do Desembargo do Paço e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Foi um dos escritores mais eruditos de Portugal e precursor das investigações históricas dos documentos existentes nos arquivos e cartórios de Portugal. É considerado o fundador da ciência diplomática em Portugal. Cf. *Portugal – Dicionário Histórico*. <http://www.arqnet.pt/dicionario/ribeirojp.html> (Consulta, 12 de outubro de 2015).

O nome de dois pesquisadores do final do século XIX e início do século XX, Antônio de Toledo Piza, diretor do Arquivo do Estado de São Paulo de 1893 a 1905, e Orville Derby, americano naturalizado brasileiro, estão ligados aos primeiros estudos paleográficos no Brasil³⁹¹. Apesar de nada deixarem escrito sobre Paleografia, estudavam a ciência e aplicavam suas técnicas nas transcrições que realizavam.

Assim, pouco a pouco, pesquisadores e historiadores brasileiros foram se capacitando e se convencendo da necessidade de uma boa leitura paleográfica. Afonso de Taunay e Washington Luiz foram outros grandes pesquisadores do início do século XX que valorizaram a Paleografia, tendo este último, como seu auxiliar, o taquígrafo Manuel Alves de Souza, paleógrafo curioso e competente.

No início dos anos 1940, deu-se a tentativa de se criar um curso para aprendizado de Paleografia junto à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, idéia que não vingou.

O Estado de São Paulo, ao que tudo indica, foi pioneiro na publicação de documentos históricos e talvez, por isso mesmo, se criou em 1935 na Prefeitura da cidade de São Paulo, o cargo de Paleógrafo lotado na Seção do Arquivo e adjunto à Divisão do Departamento de Cultura. Passados alguns anos, porém, em 1946, o cargo de paleógrafo foi reclassificado para arquivista.

Ainda em São Paulo, o curso de Biblioteconomia criado em 1938, possuía no currículo de suas disciplinas noções de Paleografia, mas eram ministradas dentro de outras disciplinas, sem programa próprio. Somente em 1947 seria criada a Cadeira de Paleografia.

Quanto aos outros Estados brasileiros, as notícias sobre o ensino da Paleografia são poucas e desconstradas. O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, cuja biblioteca

³⁹¹ MENDES, Ubirajara Dolácio, op. cit., p. 109.

conserva importantes alfarrábios importantes sobre a história do Brasil, manteve, durante algum tempo, em meados do século XX, um curso de Paleografia, frequentado não apenas pelos monges.

A Bahia, Estado que possui uma documentação das mais antigas do Brasil, no final da década de 1940 organizou um curso breve de Paleografia voltado para os funcionários do Arquivo Público da Bahia.

No final de 1950 e início de 1951, durante um curso intensivo de Arquivologia promovido pelo Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro, naquela época), sua parte inicial começava com Noções Gerais de Paleografia. E no ano de 1952 o Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo promoveu o Curso Livre de Paleografia não somente para funcionários, mas para historiadores, pesquisadores e demais interessados³⁹².

Atualmente não existem cursos de especialização em Paleografia no Brasil. A Paleografia faz parte, geralmente, de uma das disciplinas dos cursos de especialização em Arquivos ou dos cursos de graduação em Arquivologia. O que há, em todo o país, são cursos técnicos de Paleografia, quase sempre organizados por instituições que lidam com o patrimônio histórico documental brasileiro.

Quanto a Diplomática que surgiu unida à Paleografia, começou a ser estudada mais tarde no Brasil. Nos anos 1970 os estudos diplomáticos tiveram alento não no terreno da história, mas no campo jurídico, acerca da autenticidade de documentos públicos. Não que os historiadores desconhecem a Diplomática, mas cursos e estudos mais sistemáticos somente viriam a ocorrer na década de 1980, sendo expoente principal Heloísa Liberalii Bellotto, cujas publicações têm influenciado os estudos diplomáticos no Brasil.

Heloísa Bellotto que possui publicações nesta área, elaborou, também, o “Glossário da Espécies Documentais”, referente às tipologias encontradas nos documentos relativos

³⁹² RAMÓN BLANCO, Ricardo. *Lâminas de paleografia*. São Paulo: EDUSP; FFCL, 1956, p. 8.

ao Brasil e existentes no AHU, trabalho que foi publicado nos catálogos referentes aos documentos da Capitania de São Paulo³⁹³.

Da mesma forma que a Paleografia, não existem no Brasil cursos de especialização em Diplomática. Ela é estudada nos cursos de especialização em arquivos e faz parte, geralmente, no mesmo bloco da Paleografia, dos cursos de graduação em Arquivologia. Cursos técnicos de Paleografia e Diplomática, muitas vezes chamados de “Oficinas”, são ministrados por todo o país.

Enquanto a Paleografia auxiliou na leitura e decifração dos caracteres extrínsecos dos manuscritos do AHU (letras, números, abreviaturas, ligações e outros sinais gráficos) a Diplomática auxiliou na análise e identificação de seus caracteres intrínsecos (idioma, teor, tipologia documental, estilo).

A Diplomática como auxiliar da arquivística, na organização do acervo referente ao Brasil existente no AHU, foi de fundamental importância para se reconhecer as tipologias com as quais se estava trabalhando. Para facilitar a identificação das tipologias, o funcionário do AHU, José Sintra Martinheira, elaborou um rol com as Principais Tipologias Documentais da Administração Central do Antigo Regime. Este trabalho de José Sintra foi julgado de tanto valor que foi publicado no Catálogos de Documentos das Capitanias de Santa Catarina e no Catálogo dos Códices do AHU.

³⁹³ Os documentos diplomáticos podem ser ascendentes (se partem dos súditos em direção as autoridades supremas ou delegadas, ou se destas às supremas); descendentes (se das autoridades supremas às delegadas ou aos súditos ou, se for o caso, das autoridades delegadas aos súditos); poderão ser horizontais, quando o fluxo documental se dá na mesma instância, entre membros da mesma categoria hierárquica ou entre dois particulares. IN BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Glossário da Espécies Documentais*. Anexo 6 do *Catálogo dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo, 1644 – 1830*. Vol. I. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP: IMESP, 2000, p. 301 – 316.

5.3.1 AUMENTO SENSÍVEL DE ESTUDOS E OBRAS PALEOGRÁFICAS E DIPLOMÁTICAS NO BRASIL

Pode se dizer que o impacto da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate, fez surgir nas universidades e também suscitou nos pesquisadores a necessidade do estudo da técnica paleográfica, para uma melhor transcrição dos documentos. Mas também a metodologia utilizada para a transcrição, como as Normas Técnicas de Transcrição Paleográfica³⁹⁴ foi importante por dar suporte aos trabalhos de transcrição que antes eram realizados sem critérios e de muitos e diferentes modos.

Contando com algumas publicações sobre Paleografia e Diplomática editadas na década de 1950 até a década de 1990, foi após o Projeto Resgate que surgiram mais publicações nesta área. No Brasil, podemos computar, por ordem cronológica de publicação, as seguintes publicações mais conhecidas, anteriores ao Projeto Resgate:

1. MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953.
2. RAMÓN BLANCO, Ricardo. *Lâminas de paleografia*. São Paulo: EDUSP; FFCL, 1956.
3. VALENTE, José Augusto Vaz. *De re paleografia*. Marília: Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras – FAFI, 1970.
4. FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1979.
5. VALENTE, José Augusto Vaz. *Álbum de Paleografia Portuguesa*. São Paulo: Universidade de São Paulo -USP/ECA, 1983.
6. RAMON BLANCO, Ricardo. *Estudos Paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987.

³⁹⁴ As Normas Técnicas para Edição e Transcrição Documentos Manuscritos, foram preconizadas durante o I Encontro Nacional de Normatização Paleográfica e de Ensino de Paleografia, realizado em São Paulo nos dias 28 e 29 de novembro de 1990. Cf. IN BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. 2ª edição, Santa Maria: Editora UFSM. 1995, p. 68.

7. BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. Santa Maria: Editora UFSM. 1990.
8. ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1994.
9. LEAL, João Eurípedes Franklin. *Glossário de Paleografia*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1994.

Estas obras foram publicadas a partir dos anos 1950, iniciando-se com as “Noções de Paleografia” de Ubirajara Dolácio Mendes, em 1953, funcionário do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, cuja valor da obra por seu conteúdo e forma didática de lidar com a Paleografia é inquestionável. Em 1956, Ricardo Ramon Blanco, professor da Universidade e Instituto Nacional “Zorrilla” de Valladolid e também professor da Universidade de São Paulo, publicou uma série de lâminas com fac-símiles de documentos datados da Alta Idade Média até o século XVII, sendo espanhóis todos os documentos. Na década de 1970 as obras de José Augusto Vaz Valente e Maria Helena Flexor foram importantes por fomentares os estudos paleográficos naquele momento em que o conhecimento e estudos sobre a Paleografia jaziam adormecidos. José Augusto se atém mais ao estudos histórico do surgimento dos estudos paleográficos, enquanto Maria Helena Flexor, a partir de seu largo contato com diversos arquivos históricos organizou um glossário de abreviaturas dos séculos XVI ao XIX ate hoje o único no gênero no Brasil e por seu conteúdo presta relevante serviço a historiadores e pesquisadores brasileiros. Sua obra seria reeditada em 2008.

Nos anos 1980, José Augusto Vaz Valente publica o *Álbum de Paleografia Portuguesa*, excelente auxiliar no aprendizado da técnica de transcrição paleográfica, infelizmente hoje difícil de ser encontrado. Em 1987 Ricardo Ramon Blanco publica os seus estudos paleográficos, fruto de sua dedicação à pesquisa e ensino.

Na década de 1990 destaca-se o professor João Eurípedes Franklin Leal, que em conjunto com a arquivista Ana Regina Berwanger publicaram um livro sobre noções de Paleografia e Diplomática, já na 5ª edição. O professor João Eurípedes Franklin Leal publicou, também, um pequeno glossário de Paleografia. Ainda na década de 1990 a historiadora Vera Lúcia Costa Acioli lançou a obra “A Escrita no Brasil Colônia”, excelente guia para a leitura de manuscritos com uma introdução histórica à Paleografia e diversas “pranchas” com reprodução de documentos e sua transcrição.

Esta produção bibliográfica, incentivou um maior número de pessoas a buscarem na Paleografia um auxiliar para os seus trabalhos de pesquisa com manuscritos. Foi, realmente, um avanço, e algumas dessas obras, por sua qualidade e prestância, seriam reeditadas futuramente.

Como demonstrado, em mais de 40 anos publicou-se pouco, mais ou menos 09 obras sobre Paleografia e Diplomática, e quase todas em universidades do Sul e Sudeste onde existem há tempos, cursos de Arquivologia. Após o Projeto Resgate tem-se várias publicações em todo o território Nacional, bem como reedições revistas e aumentadas, quase todas ostentando documentação do Projeto Resgate ou publicadas por pesquisadores que fizeram parte do Resgate:

1. PINHEIRO, Ana Virgínia. *Glossário de codicologia e documentação*. In: Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: 115, p. 123-213, 1995-1998.
2. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Glossário das espécies documentais*. In: *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo: catálogo 1*. São Paulo: FAPESP, 2000, p. 301-316.
3. MARTINHEIRA, José J. Sintra. *Tipologia Documental nos arquivos: um caso: Tipologias documentais da administração central do Antigo Regime*. IN. *Catálogo de Documentos Avulsos Manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717-1827*. Florianópolis: UFSC, 2000, 174 p
4. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como Fazer Análise Diplomática e Análise Tipológica de Documentos de Arquivo* (Projeto Como Fazer 8). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002, 120 p.

5. PINHEIRO, Antônio César Caldas. *Paleografia: Manifesto e Carta ao Amigo*. IN Revista Fontes. Palmas: Editora da Unitins, 2002.
6. ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2003. (A primeira edição é de 1994)
7. MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
8. COELHO, Gustavo Neiva. PINHEIRO, Antônio César Caldas. *O Diário de Viagem do barão de Mossâmedes: 1771-1773*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
9. SAMARA, Eni de Mesquita. *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. Estudos Cedhal, n. 11. São Paulo: USP, 2005.
10. ROCHA JÚNIOR, Deusdedith Alves; VIEIRA JÚNIOR, Wilson; CARDOSO, Rafael Carvalho C. *Viagem Pela Estrada Real dos Goyazes*. Brasília: Paralelo 15, 2006.
11. LIMA, Yêdda Dias. “*Paleografia*”. In: *Apostila do curso sobre paleografia*. São Paulo: IEB, Universidade de São Paulo, 2006.
12. FACHIN, Pablo Roberto Marchis. *Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.
13. LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de Paleografia e Diplomática*. 3ª edição revista e aumentada. Santa Maria, 2008. (Este livro com a 1ª edição de 1991, 2ª edição de 1995, 3ª edição em 2008, 4ª edição 2012, está agora em sua 5ª edição, ano 2015).
14. FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora do Arquivo Nacional, 2008.
15. ANDRADE, Elias Alves. *Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX*. IN Revista de Filologia e Linguística Portuguesa, n. 10-11. São Paulo: USP, 2009 p. 142-172 (Eletrônica)
16. ANDRADE, Elias Alves. *Cotejo de manuscritos do século XIX*. IN Caligrama: Revista de Estudos Românicos. Volume 15, n.2, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

17. SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). *Paleografia, documentação e metodologia histórica*. São Paulo: Humanitas, 2010.
18. ANDRADE, Elias Alves. DELGADO, Marisa Soares de Lima. *Estudo Paleográfico de um documento do século XVIII*. Edições fa-similar e semi-diplomática. Anais do Congresso de Língua e Filologia. IN Cadernos do CNLF, vol. XV, n. 5, t. 2, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011.
19. Cadernos de Paleografia, Nº 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2014, 264 p³⁹⁵.

Em duas décadas foram cerca de 15 obras, mas contando que algumas foram reeditadas mais de uma vez, tem-se 18 obras sobre Paleografia publicadas, não entrando neste cômputo os vários trabalhos não publicados e utilizados nas Faculdades de História ou em cursos técnicos ministrados junto a essas faculdades ou ainda nos cursos de graduação e especialização em arquivos.

Muitas destas obras publicadas a partir do final dos anos 1990, quando já disponibilizados boa parte dos documentos do Projeto Resgate, utilizaram-se da documentação do AHU, como as obras escrita em conjunto por Gustavo Neiva Coelho e Antônio César Caldas Pinheiro, de 2002, e a também escrita em conjunto por Desdedith Alves Rocha Júnior e Wilson Vieira da Silva Júnior, de 2006. Nestas obras seus autores transcrevem e comentam extensos documentos transcritos dentro das normas de transcrição paleográfica.

Trabalho excelente realizado com critério científico é intitulado “Por Minha Letra e Sinal”, de Heitor Megale e Silvio de Almeida Toledo Neto. Os autores se utilizaram, também de documentos do Projeto Resgate referentes ao tempo da corrida do ouro nas Minas Gerais, no final do século XVII. Na mesma esteira, o livro de Paulo Roberto Machis Fachin aborda as dificuldades da leitura paleográfica em manuscritos do século XVIII, apresentando diversos documentos com muitas e diferentes letras, muitos deles referentes ao AHU.

395 www.academia.edu/12519854/Cadernos_de_Paleografia_Número_1. (Consulta 15 de setembro 2015).

Ainda não publicado em livro, mas muito estudado e conhecido Brasil afora, pois é adotado pelo Curso de Especialização em Gestão de Arquivos da Universidade de São Paulo há muitos anos, o trabalho “Paleografia”, de Yêda Dias Lima, professora do mesmo curso, ministrando aulas de Paleografia. Bastante didático é muito procurado por estudantes interessados em se iniciarem nos estudos paleográficos.

Outro livro citado, o de João Franklin Leal e Ana Berwanger, está em 5ª reedição e isto demonstra a procura que dele fazem os estudantes, principalmente de História, por ser didático, não prolixo e apresentar os instrumentos técnicos que um historiador deve conhecer para bem transcrever um manuscrito.

Também reeditado, o glossário “Abreviaturas manuscritas dos séculos XVI ao XIX, de Maria Helena Flexor. Outra obra desse gênero, o “Glossário de Codicologia e Documentação”, de Ana Virgínia Pinheiro, foi publicado em 1998 nos Anais da Biblioteca Nacional e tem servido muito aos interessados em codicologia e documentação, familiarizando-os com a terminologias específicas dessas áreas.

Em 2010 Eni de Mesquita Samara publicou “Paleografia, Documentação e Metodologia Histórica” do qual constam diversos documentos coloniais brasileiros a partir dos quais se dão os exercícios de transcrição documental. Os documentos trabalhados são quase sempre relacionados a tipologias referentes ao tema demografia histórica.

Algumas revistas têm publicado trabalhos paleográficos, como a Revista Caligrama - Revista de Estudos Românicos, da Universidade Federal de Minas Gerais, que em número 15 publicou “Cotejo de manuscritos do século XIX”, de Elias Alves Andrade. A Revista “História”, da Biblioteca Nacional tem sempre deixado um espaço para um documento e sua transcrição e por ser uma revista conhecida e bem divulgada em todo

o país, inclusive entre os alunos do ensino médio, tem prestado um bom serviço ao conhecimento da Paleografia.

Os estudos linguísticos tem valorizado a Paleografia nos últimos anos. Assim como a *Caligrama – Revista de Estudos Românicos*, os *Anais do Congresso de Linguística e Filologia do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos – CIFEFIL*, publicaram o trabalho “Estudo Paleográfico de um Documento do Século XVIII”, em edição fac-similar e semi-diplomática. Ainda na área da Linguística, o estudo intitulado “Aspectos Paleográficos em manuscritos do século XIX”, de Elias Alves Andrade, foi publicado na *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, revista eletrônica, em 2009. Trata-se de trabalho que se esmera no respeito às normas de transcrição, indicando a interdisciplinaridade da Paleografia e sua interface como auxiliar não somente da História, mas também de outras ciências e disciplinas. Estes trabalhos paleográficos que servem à linguística tem contribuído muito para um maior conhecimento e aprofundamento dos estudos paleográficos no Brasil.

Por fim, as obras sobre Diplomática se são poucas, são, no entanto, muito importantes para se conhecer estes estudos no Brasil. Heloísa Liberalli Bellotto é quem, na realidade, tem publicado nesta área. Sua obra “Como Fazer Análise Diplomática e Análise Tipológica de Documentos de Arquivo”, publicada pela “Coleção Como Fazer” do Arquivo Público do Estado de São Paulo é muito procurada pelos profissionais de arquivos. Também em Diplomática, a obra do português José Sintra Martinheira, funcionário do AHU, “Tipologia Documental nos arquivos; um caso: Tipologias documentais da administração do Antigo Regime”, sobre os documentos do AHU referentes ao Brasil, foi publicada no *Catálogo de Documentos Avulsos referentes à Capitania de Santa Catarina*, no ano 2000.

Além do aumento de publicações em meio físico e virtual a partir do ano 2000, outro sintoma de que a Paleografia e Diplomática estão sendo valorizadas nas universidades de uma maneira geral pelos pesquisadores, foi a realização do Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática, já em sua terceira edição.

O “I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática” ocorreu em 2011³⁹⁶, o II Congresso em 2013, e o III Congresso em 2015, todos no Estado do Rio de Janeiro³⁹⁷. Em todos estes encontros o Projeto Resgate e sua documentação foi lembrado e, inclusive, vários coordenadores e pesquisadores do Projeto Resgate foram convidados para palestras e oficinas. No primeiro Congresso ocorrido em Campos dos Goitacazes, no estado do Rio de Janeiro, a Coordenadora Técnica do Projeto Resgate. Dr^a. Esther Caldas Bertoletti foi homenageada e foi uma das palestrantes; no segundo Congresso³⁹⁸ estiveram presentes e apresentaram trabalhos: Heloísa Liberalli Bellotto, Ana Regina Berwanger, João Eurípedes Franklin Leal, Paulo Knauss e Katia Jane de Souza Machado; no terceiro³⁹⁹ João Eurípedes Franklin Leal, Patrícia Moura, Virgínia Almoedo e Heloisa Liberalli Bellotto. Todos estes participaram do Projeto Resgate.

Outro sintoma da valorização da Paleografia e Diplomática, impulsionada pelo aumento da pesquisa com a documentação colonial manuscrita no Brasil é a criação da Câmara Técnica de Paleografia e Diplomática do Arquivo Nacional Brasileiro, criada pela Portaria n. 97 de 13 de dezembro de 2011. Esta Câmara tem como finalidade 1 – “elaborar estudos, diretrizes, procedimentos e orientação no que se refere à terminologia, normatização, práticas e ao tratamento arquivístico; 2 - apoiar os órgãos integrantes do Sistema Nacional de Arquivos – SINAR” que custodiam documentos manuscritos ou não e, 3 – oferecer às universidades que tenham em seus currículos as disciplinas de Paleografia e Diplomática subsídios referentes às novas didáticas e

³⁹⁶ I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática. IN.

<http://www.paleografia.arquivista.net/1cbpd/> (Consulta, 20 de setembro de 2015).

³⁹⁷ O primeiro ocorreu em Campos dos Goitacazes de 18 a 20 de maio de 2011; o segundo no Rio de Janeiro a 19 a 21 de junho de 2013 e o terceiro também no Rio de Janeiro, de 01 a 03 de julho de 2015.

³⁹⁸ II Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática IN.

<http://www.paleografia.arquivista.net/2cbpd/programacao/> (Consulta, 14 de setembro de 2015).

³⁹⁹ III Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática IN.

<http://www.paleografia.arquivista.net/3cbpd/programacao/> (Consulta, 14 de setembro de 2015).

estudos acerca dessas ciências, bem como, dentro da realidade do país, favorecer os estudos tipológicos dos manuscritos brasileiros⁴⁰⁰.

É significativo saber que esta Câmara foi idealizada pelo professor João Eurípedes Franklin Leal, com o apoio de Heloísa Bellotto, Esther Bertoletti e Ana Berwanger, todos eles integrantes do Projeto Resgate em Portugal. Interessante, também, que na mesma ocasião em que se tratou da criação da Câmara Técnica de Paleografia e Diplomática do Arquivo Nacional Brasileiro, o Conselheiro Paulo Knauss, do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, manifestou-se a favor da criação da Câmara e disse, a partir de sua experiência como um dos integrantes do Projeto Resgate, das dificuldades que enfrentou quando do desenvolvimento do Projeto em Portugal, no tocante à falta de padronização da terminologia adotada para a descrição dos documentos do AHU⁴⁰¹.

5.3.2 A VALORIZAÇÃO DA PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA EM GOIÁS APÓS A DISPONIBILIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO PROJETO RESGATE

Em Goiás tem-se notícia de um único curso de paleografia ministrado por um professor da Universidade de São Paulo, na década de 1970⁴⁰², que o veio ministrar a convite da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás. Após o ano 2000, quando a documentação do Projeto Resgate já estava disponibilizada para as pesquisas, o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás passou a ser contatado para oferecer cursos de Paleografia e Diplomática. Os cursos e também palestras, conferências e oficinas sobre documentação, foram ministrados pelo pesquisador que trabalhou com a

⁴⁰⁰ Câmara Técnica de Paleografia e Diplomática. IN

<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=721&sid=24> (Consulta, 23 de setembro de 2015).

⁴⁰¹ CF. Ata da 62ª Reunião Plenária do CONARQ, 13 de julho de 2011. IN

http://conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=1&inford=737&sid=47 (Consulta, dia 06 de dezembro de 2015).

⁴⁰² Segundo a historiadora Lena Castelo Branco Ferreira Freitas que à época era Coordenadora do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás, este professor foi o paleógrafo Ricardo Ramón Blanco, autor do trabalho de *Estudos Paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987.

documentação no AHU e foi o responsável pela divulgação desse acervo digitalizado junto às Universidades do estado de Goiás e dos estados a ele ligados por laços históricos, como o Estado do Tocantins, que até o ano de 1980 fazia parte do território do Estado de Goiás⁴⁰³.

Abaixo, as palestras, conferências, oficinas e minicursos ministrados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central⁴⁰⁴, a partir da disponibilização dos documentos manuscritos da capitania de Goiás existentes no AHU:

1. **Preservação de Documentos Históricos: a experiência do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central**, palestra proferida em Palmas, Tocantins, no dia 22/05/2000.
2. **História Colonial do Centro Oeste**, alocação proferida na USP, no Congresso “Projeto Resgate e Agenda do Milênio”, no dia 26/09/2000.
3. **Fontes Históricas: Patrimônio da Sociedade** e minicurso **Introdução à Paleografia**, realizado pela Fundação Universidade do Tocantins.
Data: 22 a 25 de maio de 2000. Local: Palmas – TO.
4. **Resgate de documentos: dos jornais aos manuscritos coloniais**, conferência proferida na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, no dia 13/10/2000.
5. **Oficina de Paleografia ministrada II Seminário Fontes Históricas: Patrimônio da Sociedade**, promovido pela Universidade do Tocantins em Palmas – TO, nos dias 24 e 25/05/2002
6. **O Projeto Resgate da Documentação Histórica – Capitania de Goiás, comunicação proferida no I Ciclo de Estudos Coloniais do Brasil Central: Contribuição da Documentação colonial para a historiografia goiana –**

⁴⁰³ O território do Tocantins se separou do Estado de Goiás constituindo-se o 17º Estado brasileiro, em 05 de outubro de 1988. Cf. SILVA, Otávio Barros da. *Breve História do Tocantins e de sua gente – Uma luta secular*. Araguaína: Federação das Indústrias do Estado do Tocantins, Brasília: Solo Editores, 1996, p. 177.

⁴⁰⁴ Estes cursos e oficinas foram levantados a partir dos certificados fornecidos pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

- Dois anos após o Projeto Resgate**, promovido pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, em Goiânia, no dia 20 de novembro de 2002.
7. **Contribuições da paleografia para a transcrição documental dos documentos coloniais**, comunicação proferida no I Ciclo de Estudos Coloniais do Brasil Central: *Contribuição da Documentação colonial para a historiografia goiana* – Dois anos após o Projeto Resgate da Capitania de Goiás, promovido pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, em Goiânia, no dia 19 de novembro de 2002.
 8. **Paleografia: a escrita nos caminhos da História**, minicurso ministrado no programa de Pós-Graduação em História, oferecido conjuntamente com a Associação Nacional de História Anpuh-Go, na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, de 08 a 22 de maio de 2004.
 9. **Paleografia** minicurso ministrado no III Seminário Fontes Histórico: Patrimônio da Sociedade – Memória, História e Preservação, promovida pelo Curso de História da Universidade Federal do Tocantins, em Palmas, TO, de 25 a 28 de maio de 2004.
 10. **O Arquivo Ultramarino e a Documentação Histórica da Capitania de Goiás**, mesa-redonda apresentada no III Seminário Fontes Histórica: Patrimônio da Sociedade – Memória, História e Preservação, promovido pelo Curso de História da Universidade Federal do Tocantins, em Palmas – To, de 25 a 28 de maio de 2004
 11. **Introdução à Leitura Paleográfica**, mini-curso ministrado no II Ciclo de Estudos do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central: Documentação, história e historiografia político-administrativa do Brasil Central, em Goiânia, nos dias 14 a 17 de setembro de 2004.
 12. **Noções Básicas de Paleografia Portuguesa**, curso de extensão ministrado na Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis, nos dias 12 e 13 de novembro de 2004.
 13. **O Documento como fonte de interpretação da história de Goiás**, palestra proferida para os alunos do 4º ano de Licenciatura Plena em História, turno

noturno, da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, no dia 04 de abril de 2005.

14. **Paleografia: instrumento de leitura documental** oficina ministrada durante a V Semana de História: História e Documentação da UnUCSEH – Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da UEG – Universidade Estadual de Goiás, na Cidade de Anápolis, de 13 a 17 de setembro de 2005.
15. **Noções Básicas de Paleografia, Diplomática e Interpretação Documental.** Curso ministrado no Centro de Documentação da Unidade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Estadual de Goiás, nos dias 12 e 13 de maio de 2006, em Anápolis – Go.
16. **Introdução à preservação documental.** Oficina ministrada no IV Fontes Históricas Patrimônio da Sociedade “História, Educação e Práticas Culturais”. Universidade Federal do Tocantins, Palmas – TO, de 11 a 14 de setembro de 2006.
17. **A Escrita na Capitania de Goiás: Introdução à Leitura Paleográfica dos Documentos do século XVIII**, mini-curso ministrado no III Ciclo de Estudos do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central “História, Arte e Religião”, realizado em Goiânia, na Universidade Católica de Goiás, nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2006.
18. **Oficina História de Goiás em Imagens: Fontes Iconográficas do Século XVIII**, durante a 4ª Semana de Cultura e Cidadania da Católica. Goiânia 21 de Maio de 2008.
19. **Oficina de Leitura Documental e Leitura Paleográfica**, promovida pela Graduação em História da UCG, do Departamento HGSR/UCG, totalizando noventa minutos/atividades. Goiânia 10 de Março de 2008.
20. **Curso Noções Práticas de Paleografia Diplomática e Interpretação Documental**”, no Museu das Bandeiras/ IBRAM, nos dias 16 e 17 de Abril de 2010, na Cidade de Goiás.

21. **Noções práticas de Paleografia – Leitura e transcrição de documentos dos séculos XVIII e XIX**, durante a 6ª Semana de Cultura e Cidadania PUC GOIAS, nos dias 21 a 23 de Abril de 2010.
22. **Minicurso Diplomática e Interpretação Documental em documentos dos séculos XVIII e XIX**, durante a 6ª Semana de Cultura e Cidadania PUC GOIAS, nos dias 21 a 23 de Abril de 2010.
23. **Curso Noções de Paleografia, Diplomática e Interpretação Documental**, organizado pelo Centro de Documentação – CEDOC da Unidade Universitária de Ciências Sócio Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em Anápolis-GO, no dia 21 de Agosto de 2010.
24. **Palestra e Minicurso de Paleografia**. Evento da Academia Itaberina de Letras e Artes, dentro da Semana Nacional dos Museus. Itaberaí, 17 de maio de 2011.
25. **Paleografia e Diplomática – leitura de documentos do século XVIII**. VII Semana de Cultura e Cidadania da PUC Goiás, 24 de maio de 2011.
26. Ministrou a Oficina **Iniciação à Leitura e Transcrição Paleográfica – Documentos Manuscritos dos séculos XVIII e XIX** – 7ª Semana de Cidadania da PUC Goiás, nos dias 23 de maio de 2011.
27. **Oficina de Paleografia, Diplomática e Interpretação Documental**. Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Anápolis. 25 de junho de 2011.
28. **Oficina - A Paleografia - noções básicas de transcrição de documentos dos séculos XVIII e XIX**. 10ª Semana de Museus Goiânia 16 de maio de 2012.
29. **Oficina de Diplomática – documentos goianos do século XVIII e XIX**. 10ª Semana de Museus Goiânia 17 de maio de 2012.
30. Oficina de Paleografia e Diplomática, **Documentos do Antigo Regime Português do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino**. Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba, 19 de dezembro de 2012.
31. **Oficina - Paleografia - noções básicas de transcrição de documentos dos séculos XVIII e XIX**. 11ª Semana de Museus Goiânia 17 e 18 de maio de 2013.
32. **Oficina de Diplomática – documentos goianos do século XVIII e XIX**. 11ª Semana de Museus. Goiânia 16 de maio de 2013.

33. Oficina de Paleografia e Diplomática: Documentos do Antigo Regime Português do acervo do Arquivo Histórico Ultramarino. 13ª Semana de Museus. Goiânia, 21 e 22 de maio de 2015.

A partir das atividades ligadas à Paleografia e Diplomática realizadas pelo IPEHBC e apresentadas acima, temos o seguinte quadro:

ATIVIDADES DE PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA REALIZADAS PELO IPEHBC DE 2000 A 2015	
Atividades em conjunto: Paleografia e Diplomática	Paleografia 22
	Diplomática 12
Atividades somente de Paleografia	15
Atividades somente de Diplomática	03
Total de atividades por modalidade	12 Oficinas 09 Minicursos 08 palestras 05 Cursos “Noções Básicas

Tabela 87 - Atividades de Paleografia e Diplomática realizadas pelo IPEHBC de 2000 A 2015

Muitos dos eventos de Paleografia foram em conjunto com os de Diplomática e vice-versa, daí que o cômputo de todos eles ultrapasse o número total das atividades listadas acima. Estes cursos, minicursos e oficinas apresentaram uma primeira parte teórica, mas a maior parte do tempo os cursos se deram em meio à prática de leitura e transcrição dos documentos.

Estes cursos ministrados em universidades, geralmente em faculdades de História e Letras, contribuíram para desmistificar a pesquisa com o século XVIII e inícios do século XIX em Goiás. Até então, havia uma cultura que dizia da dificuldade enfrentada pelos pesquisadores que se dispunham pesquisar uma documentação manuscrita. Além disso, pelo motivo dos arquivos do Estado de Goiás estarem quase sempre desorganizados e não descritos, a pesquisa realmente era penosa, e precisava que se tivesse paciência e perseverança nas pesquisas desenvolvidas nos arquivos históricos

da região. Estes dois fatores: a dificuldade que se sentia para se realizar a leitura e transcrição paleográficas, bem como a falta de arquivos organizados, foram de alguma forma sanados com a disponibilização da documentação do Projeto Resgate e com os cursos que apresentando a técnica paleográfica, desconstruíram a antiga aversão pelo documento manuscrito do século XVIII e XIX em Goiás.

É preciso citar, igualmente, os Cursos de Especialização em Gestão de Arquivos que tiveram início em 2005⁴⁰⁵ no Estado de Goiás, todos contando com disciplinas sobre Arquivos Permanentes, com módulos de Paleografia e Diplomática. O professor pertence ao quadro de servidores do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, instituição responsável pelo Projeto Resgate da Documentação da Capitania de Goiás:

1. **Disciplina: Gestão da Informação em Arquivos Permanentes.** Curso de Especialização em Gestão de Arquivos e Tecnologia da Informação do Instituto de Pós-Graduação de Goiás e Faculdades Oswaldo Cruz, de São Paulo. Goiânia, 2005.
 2. **Disciplina: Paleografia e Diplomática aplicada a Arquivos Históricos.** Curso de Especialização em Gestão de Arquivos e Tecnologia da Informação do Instituto de Pós-Graduação de Goiás e Faculdades Oswaldo Cruz, de São Paulo. Goiânia, 2007
 3. **Disciplina: Paleografia e Diplomática como suporte nos Arquivos Permanentes.** Curso de Especialização em Gestão de Arquivos e Tecnologia da Informação da Faculdade Ávila, Goiânia, 2012.
 4. **Disciplina: Paleografia e Diplomática nos Arquivos Permanentes e Centros de Documentação.** Curso de Especialização em Gestão de Arquivos e Tecnologia da Informação da Faculdade Ávila, Goiânia, 2013.
-

As disciplinas com conteúdo de Paleografia e Diplomática foram oferecidas desde o primeiro curso em 2005 e apesar do nome da disciplina do primeiro curso “Gestão da Informação em Arquivos Permanentes”, a Paleografia e Diplomática fizeram parte do conteúdo. Dessa forma, a partir das informações acima, pode-se delinear o seguinte quadro sobre as disciplinas com conteúdo inerentes à Paleografia e Diplomática nos cursos de gestão de arquivos

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE ARQUIVOS		
Quantidade	04 CURSOS	ANOS
Disciplinas	Gestão da Informação em Arquivos Permanentes	2005
	Paleografia e Diplomática aplicada a Arquivos Históricos	2007
	Paleografia e Diplomática como suporte nos Arquivos Permanentes	2012
	Paleografia e Diplomática nos Arquivos Permanentes e Centros de Documentação	2013

Tabela 88 – A Paleografia e Diplomática nos Cursos de Especialização em Gestão de Arquivos

Cada curso teve em média 20 alunos e o interesse dos mesmos quanto à melhoria de conhecimentos acerca da leitura paleográfica e transcrição documental foi, segundo os coordenadores, além da expectativa. Estes cursos de especialização em gestão de arquivos, pioneiros em Goiás, ao oferecerem as disciplinas com o conteúdo voltado para a Paleografia e Diplomática, tiveram o condão de demonstrar que, a par dos poucos arquivos históricos que possuem manuscritos no Estado de Goiás, existe demanda para a atividade de paleógrafos e diplomatas.

5.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O “Projeto Resgate da Documentação da Capitania de Goiás existente em Portugal” foi elaborado compondo o Projeto Resgate Barão do Rio Branco e teve início em

agosto de 1998, durando o trabalho no AHU até outubro de 1999. Em 2001 foi lançado o *Catálogo dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Goiás 1731 – 1822*, com 2.950 documentos referenciados. Todo o custeio do Projeto Resgate de Goiás se deu com patrocínio do Bank Boston e Sociedade Goiana de Cultura, instituição mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

O Estado de Goiás, por ser um estado central, muito distante dos grandes centros do litoral como o Rio de Janeiro e São Paulo, possui uma realidade distinta desses estados onde a pesquisa histórica se desenvolveu há mais tempo.

No que concerne à produção historiográfica sobre o Brasil colônia, no caso, Goiás colonial, antes do Projeto Resgate disponibilizar as fontes manuscritas do AHU, eram poucos os pesquisadores de Goiás que se dedicavam ao estudo do século XVIII e princípios do século XIX, até a independência do Brasil em 1822.

Após a disponibilização das fontes do Projeto Resgate sobre Goiás, deu-se um aumento significativo da produção historiográfica, principalmente nas duas universidades mais antigas do estado. Sintomaticamente, houve também um aumento na procura por cursos de Paleografia e Diplomática, instrumentos para a leitura documental e identificação tipológica. Estes cursos foram em sua quase totalidade ministrados por funcionário do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, instituição que elaborou e foi responsável pelo Projeto Resgate da documentação de Goiás no AHU.

Nas pesquisas empreendidas para a realização desse trabalho de tese, pode se perceber o quanto a Paleografia e a Diplomática influenciaram pesquisadores para que se interessassem pela história colonial goiana. Pouco a pouco as pesquisas com a documentação do Projeto Resgate foram crescendo, sem dúvida devido à comodidade para a pesquisa em um material digitalizado, mas também por se ter perdido o “medo” de pesquisar em documentação manuscrita. Neste sentido é que os cursos de Paleografia e Diplomática contribuíram para com a pesquisa na documentação do Projeto Resgate.

Olhando para a realidade do Estado de Goiás, isso foi alvissareiro. Observando-se a produção historiográfica de Goiás, do Curso de História da Universidade Federal de Goiás, o curso de história mais antigo do estado, percebe-se, claramente, esta maior procura por Goiás colonial. De 1972, ano no qual se inaugurou a pós-graduação do Curso de História da Universidade Federal de Goiás, a 1999, ano em que se disponibilizou a documentação do Projeto Resgate, foram elaboradas apenas treze dissertações de mestrado sobre Goiás colonial. Ou seja, em 25 anos somente treze trabalhos versaram sobre Goiás no século XVIII e XIX até 1822, ano da independência do Brasil. Em contrapartida, em quatorze anos, do ano 2000 a 2014, último ano em que o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás atualizou a lista de dissertações e Teses, foram quinze dissertações de mestrado que se utilizaram da documentação do Projeto Resgate. A isto se deve acrescentar que a Universidade Federal de Goiás criou o Doutorado em História em 2003, e de um total de seis produções, duas são sobre o século XVIII.

Mas a região de Goiás conta, também, com a Universidade de Brasília - UnB, que possui, desde 1978 o curso de mestrado em História e, a partir de 1997, o Curso de Doutorado em História. Muitos jovens de Goiás cursam pós-graduação em Brasília, apesar de poucos professores se disponibilizarem a orientar trabalhos sobre a época colonial. No curso de mestrado em História da UnB, de 1978 a 2008, foram seis dissertações sobre Goiás colonial e no doutorado, de 2007 a 2010, foram duas teses sobre Goiás ao tempo da colônia. Também na UnB, mas no Curso de Arquitetura e Urbanismo foram duas teses e uma dissertação sobre a colônia. Fora isso, levantou-se a produção em universidades fora de Goiás: na Universidade do Estado de São Paulo, na cidade de Franca, houve um trabalho sobre o século XVIII em Goiás e na Universidade Nova de Lisboa, uma tese sobre as Irmandades Religiosas em Goiás colonial.

Conclui-se que houve um aumento da pesquisa sobre Goiás colonial, mas que muito ainda resta por fazer. É preciso aproveitar esta documentação disponibilizada e produzir outros trabalhos sobre a região na época colônia portuguesa. Isso perpassa, também, pelo interesse manifestado pelos professores que de tempos a esta parte tem encontrado nos Documentos do Projeto Resgate um rico manancial de fontes sobre uma época que começa a ser estudada com mais afinco em Goiás. Também os programas de pós-graduação da região, voltado quase sempre para as ciências agrárias, não favorecem a pesquisa sobre o Brasil colônia.

Considerações e Recomendações

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

1 CONCLUSÕES GERAIS

Ao longo deste trabalho de investigação, após as pesquisas e leituras que o embasaram, reflexões sobre os dados levantados e a materialização de tudo isto na escrita da tese, é preciso que as conclusões sejam explicitadas.

Todas as informações aqui apontadas vieram subsidiar a construção dessa pesquisa e contribuir, a partir do levantamento acerca do que foi o Projeto Resgate, seus antecedentes, implementação e resultados, para a confirmação ou não das hipóteses apresentadas no início dessa pesquisa.

Objetivou-se com este trabalho, dar a conhecer a elaboração do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, audacioso empreendimento que pôde ser realizado a partir dos entendimentos havidos entre o Brasil e Portugal, no intuito de microfilmar e digitalizar a documentação referente ao Brasil existente no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, e que depois se expandiu para outros países.

Antigo sonho acalentado desde a primeira metade do século XIX com a Independência do Brasil, a pesquisa em documentos de interesse do Brasil existentes

em Portugal atravessou o século XX, vindo a se tornar realidade já às portas do ano 2000.

Apesar da escassez de fontes para historiar as tentativas de vários pesquisadores brasileiros que em Portugal buscaram a documentação de interesse para a história do Brasil, este trabalho conseguiu, a este respeito, apresentar uma notícia geral, elencando pesquisadores e o resultado de seu labor em Portugal.

No século XIX este estudo identificou 9 pesquisadores patrocinados pelo governo brasileiro para levantar a documentação histórica de interesse do Brasil em arquivos, bibliotecas e museus de diversos países europeus. Praticamente todos foram indicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ou por alguns de seus membros com influência no Governo. São os seguintes os pesquisadores, por ordem cronológica: Antônio Menezes Vasconcelos de Drumond (1839, pesquisou em Portugal), Francisco Adolf de Varnhagen (1842 – Portugal, Espanha, França, Itália, Holanda, Alemanha, Suécia, Noruega e Rússia); Antônio Gonçakves Dias (1851 e 1863, Portugal); João Francisco Lisboa (1856, Portugal); Benjamin Franklin de Ramiz Galvão (1873, Alemanha, Suíça, Itália, França, Inglaterra e Portugal); Antônio Henrique Leal (1875, Portugal); Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1880, Portugal) e José Higinio Duarte Pereira (1885, Holanda).

Ainda no século XIX, para levantamento de documentos sobre as fronteiras brasileiras, tendo em vista dirimir conflitos com os países vizinhos, o Governo Brasileiro financiou o trabalho de 3 pesquisadores na Europa: Duarte da Ponte Ribeiro – Barão de Ponte Ribeiro (1853, Portugal); Paulino José Soares de Souza – Visconde do Uruguai (1850, Portugal e França) e Joaquim Caetano da Silva (1852 - 1861, França e Holanda).

No século XX o Instituto Histórico enviou à Europa 4 pesquisadores, subvencionados pelo Governo: Manuel de Oliveira Lima (1903, Inglaterra); Norival de Freitas (1907, Portugal); Manuel Cícero Peregrino da Silva (1907, Portugal) e Pedro Souto Maior (1912, Holanda).

Quanto às pesquisas particulares Capistrano de Abreu pesquisando em 1885, investigou os arquivos de Portugal e Guilherme Chambly Studart, Barão de Studart, pela mesma época, levantou a documentação sobre o Brasil em arquivos da Inglaterra, França, Holanda, Itália e Portugal. Mais para o final do século XIX, em 1893, José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, empreendeu pesquisas em Portugal, Espanha, França, Holanda, Itália e Vaticano; e Afonso de Taunay patrocinou a cópia de vários documentos do Arquivo Geral de Índias, em Sevilha, nos anos 1920.

Outros pesquisadores brasileiros que estiveram em arquivos europeus realizando suas investigações na primeira metade do século XX, foram Alberto do Rego Rangel (França), Tobias do Rego Monteiro (França), Alberto Lamago (França, Bélgica e Portugal), Jerônimo de Avelar Figueira de Melo (Áustria), Luis Camilo de Oliveira Neto (Portugal), Pedro Calmon (Portugal). Na década de 1950 José Honório Rodrigues realizou pesquisas nos arquivos de Portugal, França, Itália, Espanha e Inglaterra e os pesquisadores Guilherme Auler (Portugal), padre Arnaldo Bruxel (Itália), Jaime Cortesão (Vaticano e Portugal), Ernesto Cruz (Portugal e Espanha), Francisco de Paula Cidade (Itália) e José Antônio Gonçalves Neto (Portugal e Espanha) realizaram suas pesquisas na mesma década.

No século XIX foram 12 os pesquisadores na Europa, sendo 8 financiados pelo Governo Brasileiro e 4 pesquisadores privados. No século XX foram 4 os que pesquisaram subvencionados pelo Governo e 21 os que realizaram pesquisas particulares. Este trabalho identificou, portanto, 37 pesquisadores brasileiros nos arquivos europeus. É claro que este número se refere aos pesquisadores mais conhecidos, que deixaram obras ou são citados pela historiografia nacional. Outros pesquisadores realizaram pesquisas fora do Brasil, mas foram pesquisas muito

específicas, não com o propósito de levantar as fontes como subsídios para outros pesquisadores.

Acerca dos resultados obtidos por esses pesquisadores, há que ressaltar as dificuldades da época. No século XIX as cópias eram quase sempre manuscritas. O que se fazia muito resumir os documentos ou apenas anotar as referências, levantando as fontes. Quanto às pesquisas do século XX, mesmo com mais tecnologia à disposição, as fontes levantadas o eram, geralmente, para trabalhos específicos, selecionando a documentação. Não se realizou a cópia de um conjunto de documentos e nem mesmo instrumentos de pesquisa que referenciassem toda uma série documental. Os instrumentos de pesquisa eram parciais e ainda havia o problema dos acervos não se encontrarem totalmente organizados.

Quanto ao surgimento do Projeto Resgate e a sua concretização, o levantamento das conversações entre Brasil e Portugal e os documentos que surgiram em consequência destas conversações, não foi fácil encontrá-los todos. A burocracia é um entrave que a custo se consegue ultrapassar, no entanto levantou-se mais de uma dezena de documentos firmados entre os dois países, o que muito contribuiu para o entendimento de como caminharam as conversações e o seu resultado.

No que tange à implementação do Projeto Resgate, sua metodologia e resultados, deu-se uma visão completa, analisando os acertos e detectando alguns problemas que, como foi demonstrado, deram-se mais devido ao longo período de atividade do Projeto Resgate que constou com dezenas de equipes. Isto, sem dúvida, contribuiu para que a metodologia aplicada ao Projeto não fosse padronizada em toda a sua inteireza. Como exemplo cita-se a Capitania de Minas Gerais cujo trabalho com a documentação havia começado anos antes da implementação do Projeto Resgate. A metodologia que Minas seguiu, no início, era diferente, e logo depois com a implementação do Projeto Resgate, como a maior parte do acervo mineiro já estava descrito, não se refez o trabalho da equipe. Os verbetes da capitania de São Paulo

também apresentaram diferenças em relação às outras capitanias que adotaram um método único. Isto se deveu a São Paulo ter aproveitado alguns catálogos antigos, do início do século XX, referentes à sua documentação. Como na época não foram padronizados, os resumos eram enormes, prolixos, com informações desnecessárias. Demonstrou-se, igualmente, que estas diferenças são, porém, formais, não interferindo na informação que se quer passar ao pesquisador.

Reuniu-se informações importantes sobre as equipes que trabalharam no Projeto Resgate. Foram 30 equipes que participaram do Projeto Resgate, formadas por 110 pesquisadores que lidaram com o tratamento técnico da documentação (organização, descrição e acondicionamento); 67 pesquisadores trabalharam na elaboração dos catálogos e guias de fontes.

Foram 113 as instituições públicas e privadas que financiaram o Projeto Resgate, sendo que 67 são públicas e 39 privadas. Dessas empresas e instituições financiadoras, 10 são internacionais.

Como estudo de caso, especificou-se o trabalho da equipe da Capitania de Goiás, sobre a qual se obteve maiores informações desde a elaboração do projeto que se ligou ao projeto maior, o Projeto Resgate Barão do Rio Branco, a sua implementação, a equipe em Lisboa, as dificuldades e percalços experimentados na lida com a documentação. Demonstrou-se que o conhecimento da técnica paleográfica e noções de Diplomática foram importantes para se realizar um bom trabalho na capitania de Goiás e em todas as outras equipes, como se requeria no Projeto Resgate. Que esta dificuldade estava além da simples leitura de um manuscrito, mas passava pela sua interpretação e conhecimento de sua tipologia. Sem estes conhecimentos a descrição documental ficaria a desejar e poderia não condizer com a real informação do documento, refletindo esta inexatidão nos instrumentos de pesquisa.

Ainda no estudo de caso, o impacto do Projeto Resgate na produção historiográfica e na valorização dos estudos diplomáticos e paleográficos no estado de Goiás,

demonstrou a procura pelos documentos disponibilizados pelo projeto, bem como a busca da capacitação diplomática e paleográfica para melhor se trabalhar os documentos. Quanto a esta parte da pesquisa foi preciso que se atentasse para a realidade do Estado de Goiás, bem diferente da realidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Mesmo os professores de Goiás não estavam acostumados à pesquisa documental manuscrita. Os trabalhos se voltavam, quase sempre, para pesquisas bibliográficas, sobre assuntos referentes ao século XX. Quando da chegada da documentação às universidades, percebeu-se que havia dificuldades dos alunos entenderem o texto manuscrito (Paleografia) e de identificar o documento (Diplomática). Por isso as universidades se aperceberam que a Paleografia e Diplomática seriam um "instrumento" que, de certa forma, traria maior segurança e suporte ao aluno.

A partir do Projeto Resgate os pesquisadores tiveram acesso irrestrito às fontes para a História do Brasil, o que antes era acessível a alguns privilegiados. Os *corpus* documentais microfilmados e digitalizados em sua inteireza, prestam-se à reconstituição histórica em várias facetas, seja a da relação da metrópole e sua colônia brasileira, seja do cotidiano administrativo e social do Brasil Colônia, cujo conhecimento antes do Projeto Resgate era eivado de lacunas, dificultando uma visão geral do processo histórico brasileiro.

A farta documentação trabalhada pelo Projeto Resgate, apesar de administrativa, versando sobre o poder burocrático da metrópole e sua atuação na colônia, traz informações importantíssimas não só relacionadas ao preenchimento de cargos, provisões, confirmações, requerimentos, instruções, e estruturação de corpos militares. Esta documentação espelha os "olhos" da administração do Antigo Regime que na colônia, apesar da distância, tudo via, vigiava tudo. Assim, em vários destes documentos, têm-se informações de todos os aspectos da vida na colônia, começando pelas cartas-denúncias, processos e autos nos quais figuram centenas de pessoas que falam do cotidiano, das lutas entre as classes sociais, a escravidão negra, as

tentativas de contrabando dos produtos coloniais e muitos outros assuntos que interessam aos investigadores do passado colonial brasileiro e àqueles que estudam a administração colonial europeia.

Para se chegar a estas considerações foi necessário refletir sobre o Projeto Resgate como um todo, partindo do objetivo para o qual o Projeto foi pensado, a materialização do trabalho, os resultados em produtos, na Europa e Estados Unidos, assim como a utilização das informações (os documentos) disponibilizados pelo Projeto Resgate no Estado de Goiás. Nesse sentido, investigou-se o impacto de toda esta documentação nas pesquisas sobre Goiás colonial, se houve aumento delas e se a ampliação do interesse pelo conhecimento da técnica paleográfica e da Diplomática teve a ver com esta documentação manuscrita colocada à disposição dos pesquisadores. Refletiu-se, ainda, se o aumento do interesse pela documentação do Projeto Resgate propiciou o surgimento de uma interdisciplinaridade no interesse por estas fontes documentais.

2 CONFIRMAÇÃO DAS HIPÓTESES E OBJETIVOS

Destarte, pontos específicos precisam ser considerados a fim de se concluir esta Pesquisa de Doutorado. Desse modo, retoma-se as hipóteses e os objetivos:

Hipótese 1: Antes da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate, a historiografia se ressentia de estudos acadêmicos sobre o Brasil Colonial. Os novos pesquisadores quase sempre não revisitavam as fontes já que se encontravam em outros países e somente alguns poucos privilegiados tinham condições de arcar com os custos de viagens e estadias. No Estado de Goiás (povoado a partir de 1726), poucos pesquisadores se debruçaram sobre a documentação histórica da região, devido a grande massa documental encontrar-se em Portugal. O Projeto Resgate favoreceu a pesquisa sobre o século XVIII da história de Goiás e também uma

revisita às fontes. Esta hipótese foi confirmada. Houve, realmente, um aumento da produção historiográfica sobre Goiás colonial. De 1978, ano da criação do Departamento de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, até 1999, ano em que foi disponibilizada a documentação do Projeto Resgate referente a Goiás, foram elaboradas 13 dissertações sobre Goiás colonial, isto em um período de 25 anos. Do ano 2000 (já com a disponibilização das fontes do Projeto Resgate em Goiás), ao ano de 2014, foram 30 trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, elaborados nas universidades da região e em outras universidades cujos programas e linhas de pesquisa aceitaram trabalhar com Goiás colonial. Ou seja, em 14 anos, foram produzidos 30 dissertações e teses, contra 14 produzidas em 22 anos anteriores ao Projeto Resgate. Nesse quesito houve certa dificuldade de obtenção dos dados pelo motivo dos programas de pós-graduação não atualizarem os dados de sua produção científica.

Hipótese 2: Quase nada se conhecia sobre a administração portuguesa na Capitania de Goiás, a burocracia da administração, e mesmo não se tinha um conhecimento do organograma administrativo, jurisdições e competências dos cargos, o que se obteve com a documentação oferecida pelo Projeto Resgate. Confirmada. Para a organização dos documentos da capitania de Goiás, levantou-se o “organograma” da administração colonial desde os mais altos órgãos da administração portuguesa na metrópole e a capilarização das jurisdições e competências na capitania, tendo o Governador e Capitão-General como representante máximo da Coroa Portuguesa. Este trabalho se deu para todas as capitanias, sendo necessário para se conhecer o fluxo documental, limites de jurisdições e competências dos cargos e postos. Assim, sabe-se que o órgão responsável pela administração das possessões ultramarinas de Portugal foi o Conselho Ultramarino, daí a importância de seu acervo guardado no AHU.

Hipótese 3: Houve, a partir da disponibilização das fontes históricas sobre o Brasil Colonial um incremento nos estudos diplomáticos e paleográficos em Goiás.

Hipótese confirmada e comprovada pelo aumento significativo de cursos de Paleografia e Diplomática solicitados ao Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, responsável pelo Projeto Resgate da Capitania de Goiás. Igualmente, a publicação de 3 obras sobre paleografia em Goiás e região a partir da disponibilização dos documentos do Projeto Resgate confirmam isto.

Hipótese 4: A constante valorização do profissional diplomata e paleógrafo nos cursos de especialização de arquivos em Goiás, se deve, em grande parte, à disseminação da documentação oferecida pelo Projeto Resgate e conhecimento sobre as tipologias documentais e valores administrativos e legais dos documentos diplomáticos. Confirmada. A partir de 2005 foram criados cursos de especialização em arquivos em Goiás. Nos quatro realizados, as disciplinas Paleografia e Diplomática foram contempladas, como demonstrado. Estas disciplinas foram ministradas por profissional do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, que coordenou o Projeto Resgate da Capitania de Goiás.

A seguir apresentam-se os objetivos que foram os eixos norteadores para a resolução do problema, interrogantes e hipóteses desta investigação e como se buscou o cumprimento destes:

CONSECUÇÃO DOS OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

OBJETIVO GERAL

Analisar o Projeto Resgate Barão do Rio Branco, as negociações entre Brasil e Portugal que o viabilizaram, o favorecimento do acesso à informação e às fontes da história do Brasil existentes na Europa. Este objetivo foi plenamente alcançado. Levantou-se todos os documentos diplomáticos oriundos dos Acordos, Encontros e Protocolos realizados entre Brasil e Portugal em preparação ao Projeto Resgate e com fulcro em normas da UNESCO e outros organismos internacionais.

Instrumentos importantes para a salvaguarda e valorização do patrimônio documental dos países, estes acordos viabilizaram a implementação do Projeto Resgate.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivo 1: Demonstrar a importância da documentação histórica da antiga colônia brasileira, para o conhecimento da história administrativa do Brasil Colônia. A importância dessa documentação é indubitável. O AHU guarda toda a documentação administrativa dos 322 anos em que o Brasil foi colônia da metrópole portuguesa. As referências apresentadas nesta pesquisa de historiadores e pesquisadores dos séculos XIX e XX, sobre a importância dessa documentação, demonstra o seu valor.

A importância da documentação disponibilizada pelo Projeto Resgate é inquestionável. A grande procura encetada por inúmeros pesquisadores desde o século XIX, as “missões” organizadas por diversas instituições ligadas à pesquisa histórica com o intuito de referenciá-la, comprovam sua relevância para o conhecimento histórico do Brasil.

Objetivo 2: Conhecer os antecedentes do Projeto Resgate, as primeiras tentativas do Brasil independente em possuir a documentação histórica de seu passado, existente em arquivos portugueses. Para a consecução desse objetivo, retrocedeu-se ao século XIX, levantando-se, e historiando as primeiras tentativas de se compilar a documentação de interesse do Brasil existente nos arquivos europeus. Nesse sentido, resultou evidenciado o desejo de historiadores, pesquisadores e instituições ligadas à memória nacional de terem cópias dessa documentação, desejo que tomou força após os anos 1980 quando das primeiras tentativas de se dar corpo a um projeto de microfilmagem da documentação histórica do Brasil colonial existentes em outros países.

Objetivo 3: Conhecer as dificuldades e entraves nas primeiras tentativas de acordo entre Portugal e Brasil a respeito da documentação histórica existente no Arquivo Histórico Ultramarino e de interesse do Brasil. Não existindo entre Brasil e Portugal entendimentos diplomáticos que amparassem projetos que objetivavam copiar a documentação histórica de interesse do Brasil existentes nos arquivos portugueses, a Resolução nº 4212, de 1974, da UNESCO, que considerou patrimônio comum os documentos do passado de dois países ligados anteriormente pelos laços de colonialismo, veio embasar todos os entendimentos que ocorreriam entre Brasil e Portugal a partir dos anos 1980.

Demonstrou-se que estes entraves se deram por vários fatores, como a falta de vontade política, a intensa burocracia brasileira e portuguesa que, apesar das diversas reuniões, Acordos e Protocolos assinados, não empreendiam meios de implementar as ações práticas para a viabilização de um projeto que pudesse levantar, descrever e microfilmear a documentação histórica de interesse de ambos os países. Apontou-se, ainda, como um dos óbices para a efetivação dos Acordos e Protocolos a causa econômica, a falta de financiamento para a realização prática do que se propunha realizar, o que em parte seria sanado com a estabilidade econômica do Brasil no final dos anos 1990.

Objetivo 4: Demonstrar e descrever as gestões entre Brasil e Portugal e os documentos pactuais oriundos do entendimento entre os dois países. Os encontros e protocolos entre os dois países foram citados e apresentou-se o resultado diplomático desses acordos que foram não só referenciados, mas transcritos nessa investigação. Foram muitos os encontros e documentos resultantes, sendo 3 os Acordos e três Protocolos entre os dois países e 5 reuniões para tratar dos planos de microfilmagem e implementação do Projeto, não mencionando aqui as reuniões preparatórias que antecederiam aos Encontros que redundariam na assinatura conjunta dos Acordos e Protocolos.

Uma reflexão, porém, é necessário. Gastaram-se anos em negociações, celebraram-se acordos e protocolos, encontros e reuniões no Brasil e em Portugal. A velha prática

burocrática, porém, conjuntamente com a falta de vontade política, impedia que o Projeto deixasse as mesas de negociações e se implementasse. Os empecilhos somente foram superados tendo em vista as comemorações dos descobrimentos portugueses e dos 500 anos de descoberta do Brasil, em 2000, pois as instituições brasileiras contavam com o Projeto Resgate como um marco nas comemorações e Portugal, com o Projeto Reencontro, que objetivava copiar no Brasil a documentação de seu interesse. Nesse sentido, também, a estabilidade econômica do Brasil no final do anos 1990 seria um fator dinamizador do Projeto. Naquele momento as instituições públicas e privadas podiam financiar a estadia dos pesquisadores em outros países, bem como a reprodução de toda a documentação trabalhada em Portugal. O que ocorreu, na realidade, foi um junção de fatos, tudo concorrendo para a concretização do Projeto Resgate.

Objetivo 5: Conhecer a implementação do Projeto Resgate em Portugal e seus resultados.

Historiou-se a implementação do Projeto Resgate em Portugal e seus resultados: aproximadamente 205.000 documentos (perto de dois milhões de páginas manuscritas relativas ao Brasil), foram descritos, classificados, microfilmados e digitalizados; 900 iconografias (entre mapas, plantas e desenhos), e 831 códices, tudo de interesse para a História do Brasil. Foram publicados, ao todo, 38 catálogos, sendo 34 referentes às capitanias, 2 catálogos das séries Ultramar, 1 catálogo referente aos Códices e mais um catálogo com a cartografia do AHU.

Por levantamento realizado antes do Projeto Resgate, sabia-se que eram quase 2.000 caixas/gavetas de aço, referentes a 20 capitanias, com um montante de aproximadamente 240.000 documentos avulsos, Como saldo final, porém, foram trabalhadas 2.428 caixas/gavetas de aço, contendo aproximadamente 204.708

documentos (somando-se os documentos principais e os anexos) e quase 3.000.000 de folhas manuscritas.

Objetivo 6: Conhecer a expansão e levantar os resultados do Projeto Resgate em outros países europeus e nos Estados Unidos, com documentação de interesse para a História do Brasil. Da mesma forma, historiou-se as relações do Brasil com a Espanha, França, Reino Unido e Irlanda, Holanda, Itália, Vaticano, Bélgica e Áustria e Estados Unidos, países onde o Projeto Resgate ocorreu, bem como apresentou-se os resultados do levantamento das fontes para a história do Brasil existentes em dezenas de arquivos desses países. Nesse sentido arrolou-se um a um os guias de fontes publicados.

Dos outros países estima-se em um milhão o número de páginas relativas aos documentos referenciados⁴⁰⁶. Sobre este último trabalho, porém, não se pôde quantificar o número de documentos já que a referência é, em sua maioria, aos conjuntos documentais e não aos itens documentais individualizados.

Contando com Portugal, o Projeto Resgate levantou a documentação de interesse do Brasil em 263 instituições de 128 cidades de 9 países. Da Holanda, Espanha, França, Bélgica, Itália, Reino Unido e Irlanda, Áustria e Vaticano foram elaborados 13 instrumentos de pesquisas, sendo 6 guias de arquivos, e 7 catálogos, sendo que o guia de fontes da Áustria e o catálogo do Vaticano ainda não foram publicados.

Objetivo 7: Conhecer o impacto e influência do Projeto Resgate na historiografia do Estado de Goiás. Por meio de uma pesquisa nas universidades da região este objetivo foi alcançado e demonstrou que houve sim, um aumento da produção historiográfica sobre Goiás colonial: de 1974 a 1999, num período de 25 anos, foram defendidas 14 dissertações e teses referentes aos séculos XVIII e XIX em Goiás. Do ano 2000 a 2014, ou seja, durante 14 anos após a disponibilização das fontes do Projeto Resgate, foram produzidas 17 teses e dissertações, constatando-se um aumento considerável da produção historiográfica sobre Goiás colonial.

⁴⁰⁶ BELLOTTO, Heloiás Liberalli. *Arquivo, estudos e...*, op. cit., p. 193.

Objetivo 8: Demonstrar que a pesquisa sobre o século XVIII em Goiás, antes somente de interesse de poucos historiadores, com a documentação do Projeto Resgate se ampliou e se tornou interdisciplinar, servindo a historiadores, arquitetos, engenheiros, economistas e profissionais na área de letras. A hipótese foi confirmada por meio do questionário. É claro que um maior número de historiadores trabalharam e trabalham com as fontes do projeto Resgate, mas outras áreas do conhecimento ao tomarem conhecimento dos subsídios oferecidos pelo Projeto Resgate lançam mão de suas informações. O questionário demonstrou que historiadores, arquitetos, um arqueólogo, um sociólogo e um pedagogo trabalharam Goiás colonial e tiveram contato com as documentação do Projeto Resgate.

Objetivo 9: Conhecer os resultados do Projeto Resgate por meio dos instrumentos de pesquisa elaborados pelas diversas equipes de pesquisadores. Todos os instrumentos de pesquisa foram referenciados. O resultado do Projeto Resgate em Portugal foi mais esmiuçadamente demonstrado até mesmo pela natureza dos instrumentos de pesquisas elaborados. No que toca a este respeito, do AHU foram elaborados catálogos que pela sua própria natureza descrevem documento a documento. Acerca da documentação dos outros países, elaboraram-se guias de fontes dos arquivos, bibliotecas e museus pesquisados, descrevendo-se os conjuntos documentais e não o item documental, com exceção de Espanha e Holanda cuja documentação foi referenciada, a maior parte documento por documento. Este objetivo foi, portanto, contemplado, apresentando-se os 71 volumes de catálogos e guias de fontes publicados ou a publicar, levando-se em conta, que os instrumentos de pesquisa da Áustria e Vaticano ainda estão sendo elaborados.

3 RECOMENDAÇÕES

Este trabalho investigativo propiciou subsídios que servem de base para algumas recomendações que se julga prestantes para elaboração de trabalhos sobre o Brasil colônia. Este campo investigativo encontra-se amplamente aberto e o estudo do passado colonial brasileiro poderá responder a muitas das indagações que atualmente se fazem acerca do presente. Ao longo do tempo, no Brasil, uma sociedade foi sendo construída em meio a erros e acertos, como toda sociedade humana, “Deste passado, já bem distante, mas ainda não remoto, temos de conhecer, se quisermos cumprir com o que nos cabe, e vivermos conscientemente o presente, analisando o passado, a fim de construirmos o futuro.”⁴⁰⁷ Dessa forma, algumas recomendações são propostas:

1. Uma melhor divulgação das fontes disponibilizadas pelo Projeto Resgate, desde seus instrumentos de pesquisa aos documentos digitalizados em CDs e na web, passando por Encontros, Simpósios e Seminários que levem a um maior conhecimento e contato com essas fontes.
2. A necessidade de se criar mais linhas de pesquisa sobre o Brasil colonial nas universidades brasileiras que, atualmente, privilegiam muito o passado recente e pela documentação oferecida pelo Projeto Resgate uma enorme amplitude de pesquisas podem ser suscitadas. Aliás, a própria documentação do projeto Resgate tem demonstrado que o passado colonial brasileiro precisa ser revisitado, já que os trabalhos existentes não contaram com os subsídios dos milhares de documentos agora disponibilizados;
3. O Projeto Resgate foi realizado em países europeus e nos Estados Unidos. Ora, os países da América do Sul e Central que também foram colônias, principalmente aqueles que limitam-se com o Brasil devem possuir documentação de interesse da história brasileira. Seria interessante que uma nova edição do Projeto Resgate, ou um outro projeto semelhante levantasse

⁴⁰⁷ BERTOLETTI, Ester Caldas. Brasil e Portugal... Op. cit, p. 111.

esta documentação e dela tivesse cópias. Isto enriqueceria o conhecimento das relações do Brasil com os seus vizinhos americanos. Recorde-se que de 1580 a 1640 o Brasil estava, como as demais colônias da América Latina, jungido à Coroa Espanhola, devido a União Ibérica;

4. O ensino da Paleografia e Diplomática nos cursos de história, o que não acontece atualmente, desmistificaria a “dificuldade” apontada no contato com manuscritos anteriores ao século XIX e contribuiria para uma melhor qualidade das pesquisas, no que tange às transcrições documentais;
5. O Projeto Resgate em Portugal, além de descrever a documentação pesquisada, ainda microfilmou e digitalizou toda ela, entregando às universidades brasileiras e instituições ligadas à preservação da memória, conjuntos de microfilmes e CDs com a documentação. Para o futuro poder-se-ia fazer o mesmo com a documentação levantada na Holanda, Espanha, França, Bélgica, Reino Unido e Irlanda, Áustria, Itália, Vaticano e Estados Unidos. Isto facilitaria muito a pesquisa na documentação de interesse do Brasil existente em nestes países.
6. A experiência advinda com o Projeto Resgate será prestante, ainda, no sentido de que os problemas enfrentados para a sua implementação e realização, não se repitam em outros projetos. Para novos trabalhos no gênero será necessária uma padronização metodológica desde o início, o que faltou ao Projeto Resgate. As equipes de trabalho deverão passar por um treinamento conhecendo não só a padronização metodológica, mas deverão ter treinamento em leitura paleográfica e conhecimentos de Diplomática, imprescindíveis para uma boa descrição documental.

4 LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

O que foi estudado nesta tese não esgota as reflexões e análises a respeito do tema abordado. Algumas questões ficam pendentes e poderão ser objeto de novas pesquisas. O campo de pesquisa propiciado pela documentação do Projeto Resgate é amplo e precisa ser explorado para dotar a historiografia brasileira de trabalhos inovadores e instigantes.

Foi demonstrado que o acervo do Arquivo Histórico Ultramarino é formado, fundamentalmente, por documentos da rotina burocrática dos órgãos metropolitanos da Coroa portuguesa. Em sua essência, estes documentos espelham político-administrativas entre a metrópole e a colônia.

O trabalho de descrição realizado pelo Projeto Resgate em Portugal, teve-se em descrever o documento principal e no máximo registrar o número de anexos. Ocorre que os documentos principais são quase sempre documentos diplomáticos, e como tais possuem uma fórmula, um modelo, são padronizados e orientados pelas chancelarias administrativas, submetidos a uma sistematização imposta pelo direito. Estes documentos é que, na maioria das vezes, foram descritos. Para a história do Brasil colônia, muitas vezes são os anexos os documentos de maior importância, que trazem informações sobre o cotidiano, a vida nas vilas e cidades, a convivência diária, os conflitos, a religiosidade, o trabalho nas minas auríferas ou no campo, as relações interpessoais e muitos outros assuntos que não se encontram nos documentos principais, diplomáticos.

Quanto à Diplomática, seria de bom alvitre que se criassem nos cursos de história e arquivologia das universidades, grupos de pesquisa e estudo da diplomática colonial brasileira. A grande massa documental disponibilizada pelo Projeto Resgate oferece subsídios importantes para os estudos diplomáticos referentes à época colonial brasileira. Pouco estudada no Brasil, a diplomática colonial seria uma área de estudo instigante que lançaria luzes sobre aspectos ainda pouco estudados da história administrativa colonial.

O próprio estudo da administração portuguesa no Brasil, a burocracia documental como organização e controle político-social, o fluxo documental contrário, ou seja da colônia para a metrópole, são assuntos para novos e interessantes estudos.

A partir do projeto Resgate os pesquisadores tiveram acesso irrestrito às fontes para a história do Brasil, o que antes era acessível a alguns privilegiados. Os corpus documentais microfilmados e digitalizados em sua inteireza, prestam-se à reconstituição histórica em várias facetas, seja a da relação da metrópole e sua colônia brasileira, seja do cotidiano administrativo e social do Brasil Colônia, cujo conhecimento antes do Projeto Resgate era eivado de lacunas, dificultando uma visão geral do processo histórico brasileiro.

No estudo sobre o Projeto Resgate pôde-se notar como Portugal, em um primeiro momento se fez reticente quanto aos objetivos do Projeto. No início do processo de conversação, não houve facilidade quanto aos acordos entre os dois países. Muitos encontros, protocolos até que os países acordassem e favorecessem a um e outro a pesquisa, microfilmagem e digitalização do acervo de interesse comum. Um pesquisa mais aprofundada sobre as negociações diplomáticas entre Brasil e Portugal seria interessante para se conhecer os meandros da questão. Levantar mais documentos a este respeito, não somente no Brasil, mas também em Portugal, ajudaria a esclarecer ainda mais os entraves que ocorreram, quicá, fruto de interesses ainda não de todo conhecidos.

Mas outro aspecto avulta quando se estuda o Projeto Resgate: é como o conhecimento pode estar a serviço da união dos povos e nações. Nesta pesquisa pôde-se notar como Portugal, em um primeiro momento se fez reticente quanto aos objetivos do projeto brasileiro. No início do processo de diálogo, não houve facilidade quanto aos acordos entre os dois países. Muitos encontros e protocolos

foram necessários até que os países acordassem e favorecessem a um e outro a pesquisa, microfilmagem e digitalização do acervo de interesse comum.

Bibliografia

BIBLIOGRAFIA

- “A CENSURA no Brasil, do século XVI ao XIX”. IN *Revista de Estudos Lingüísticos*, nº XXXV, 2006, p. 234-243. Artigo de Aguinaldo Martino e Ana Paula Sapaterra. Cf.
http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigos_censura_brasil.pdf
- ABRANTES, Maria Luísa Menezes Abrantes. “Fontes para a história do Brasil colonial existentes no Arquivo Histórico Ultramarino”. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 1, p. 1-12, jan/jun 1997 – p. 5.
- ABREU, Capistrano. *Capítulos da História Colonial*. Rio de Janeiro: M. Orosco e Cia., 1907.
- ACIOLI, Vera Lúcia da Costa. *A Escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. 2ª edição, Editora Massangana, 2003, p. 58.
- ACTAS de la Conferencia General - Organización de las Naciones Unidas para la Educación, 18ª reunión París, 17 de octubre - 23 de noviembre de 1974. Volumen 1, Resoluciones la Ciencia y la Cultura, p. 70.
- “ATAS das Sessões do IHGB de 1912: discurso do Sócio Pedro Souto Maior”. *Revista do IHGB*, tomo 75, 2ª parte, 1912. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913, 247 – 266.
- ANAIS do Museu Paulista, tomos 1(1922), 3 (1925) e 5 (1931). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- ALBUQUERQUE, Roberto Chacon. *A Companhia das Índias Ocidentais: uma sociedade anônima?* *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*. São Paulo: USP, v. 105, p. 25-38 jan./dez. 2010.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. BAROBOSA, Rubens Antônio de. FINS, Francisco Rogido. *Guia dos arquivos americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos* – Brasília: FUNAG, 2010.
- ANGELO, Aniello. *Guida alle Fonti per la Storia del Brasile Coloniale Conservate negli Archivi e Istituti di Conservazione Italiani*. Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ, 2013.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade (Coordenação Geral); BELLOTTO, Heloísa Liberalli, REIS, Gilson Sérgio Matos. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo*. 2º volume, Bauru: EDUSC; São Paulo: 2000-2002.
- AZEVEDO, Moreira. “Os precursores”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 51, Suplemento, 1888. p. 49 – 54.

- BARBOSA, Antônio da Cunha. “Marechal Raymundo José da Cunha Matos - Notícia bibliográfica”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 66, 1903, p. 83-120.
- BARBOSA, Maria do Socorro Ferraz de (Coordenação). *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco*. Recife: Ed. Da UFPE, 2006, 3 vols.
- BARBOSA, Maria do Socorro Ferraz et al. “Anotações de História Colonial”. IN *História Digital*, nº 2, Brasília, 2009, p. 129.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli (org.), ARRUDA, José Jobson de (Coord.) et alii. *Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830)*. 1º volume. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2000.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- *Arquivos Permanentes – tratamento documental*. 2ª edição, rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- *Cooperación archivística y patrimonio cultural: el aceso informacional a las fuentes de Historia do Brasil existentes en Europa (1995-2012)*. IN apalopez.info/ivcoindear/X1bellotto_txt.pdf (consulta de 16 de agosto de 2015).
- “Glossário das Espécies Documentais”, IN *Catálogo dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo, 1644 – 1830*. Anexo 6 do Vol. I. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP: IMESP, 2000, p. 301 – 316.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord.). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, núcleo regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.
- BERTOLETTI, Esther Caldas. “Apresentação”. IN *Guia de Fontes Manuscritas para a história do Brasil na Bélgica (1500 – 1922)*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura do Brasil/Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”: 2011, p. 7-9.
- “Brasil-Portugal, um mar-oceano de documentos”. IN *Brasil e Portugal – 500 anos de enlaces e desenlaces*. Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2000.
- BERTRAN, Paulo. “A memória consútil e a goianidade”. *Ciências Humanas em Revista*, Ciências Sociais. (Goiânia), v. 5, n.1, jan/jun, 1994.
- BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. 2ª edição, Santa Maria: Editora UFSM. 1995.
- BERWANGER, Ana Regina; OSÓRIO, Helen; SOUZA, Susana Bleil de (orgs.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania do Rio Grande do Sul existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*, Lisboa. Porto Alegre: CORAG, 2001.
- BOSCHI, Caio Caio. (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos Relativos ao Maranhão existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. São Luís: FUNCMA/AML, 2002.
- (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Pará existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*. Belém: SECULT, Arquivo Público do Pará, 2002, 3 vols.

- (org.). *Inventário dos Manuscritos Avulsos Relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998, 3 vols.
- *Roteiro - Sumário dos Arquivos Portugueses de Interesse para o Pesquisador da História do Brasil*. Edições Universitárias Lusófonas, 1ª Edição, Lisboa, 1995.
- BOXER, C.R. *O Império Marítimo Português 1415 – 1825*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*. Marianne L. Wiesebron (ed.). Coleção Maurítiana, vol. I. Leiden: Research School CNWS, 2004.
- Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*. Marianne L. Wiesebron (ed.). Coleção Maurítiana, vol. II. Leiden: Research School CNWS, 2005.
- Brasil em Arquivos Neerlandeses (1624 – 1654)*. Marianne L. Wiesebron (ed.). Coleção Maurítiana, vol. III. Leiden: Research School CNWS, 2008.
- BRASIL, Americano Antônio. *Súmula de História de Goiás*. Goiânia: UNIGRAF, 1982.
- CAETANO, Marcelo. *O Conselho Ultramarino: esboço da sua história*. Rio: Sá Cavalcante, 1969.
- CALDEIRA, Jorge (org.). *José Bonifácio de Andrada e Silva*. (Col. Formadores do Brasil). São Paulo: Editora 34, 2002.
- CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. vol. 1–5. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1975.
- CÂMARA Técnica de Paleografia e Diplomática. IN <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=721&sid=24> (Consulta, 23 de setembro de 2015).
- CANDIDO, Antônio. “Gonçalves Dias consolida o Romantismo”. IN *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1971, 4ª ed., vol. II.
- CARDIM, Fernão. *Tratado da Gente e da Terra do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1939.
- CARTA de J. F. Lisboa a Gonçalves Dias, datada de 09 de novembro de 1856. Biblioteca Nacional, manuscrito I-5, 2, 10, Rio de Janeiro.
- CATÁLOGO do Arquivo Secreto do Vaticano - Brasil. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2011, 757 p.
- CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- “CONGRESSO Brasileiro de Paleografia e Diplomática”. IN. CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid: Parte I Tomo I (1695-1735)*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950. 560 p.
- COSTA, Renata Ferreira. *Um caso de apropriação de fontes textuais: Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu, 1796. 2012. Tese (Doutorado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.
- CURADO, Sebastião Fleury. *Memórias Históricas*. Goiânia: s/Ed., 1956.
- DIAS, Manuel Nunes. *O descobrimento do Brasil*. São Paulo: s/Ed., 1967.
- DICIONÁRIO de Terminologia Arquivística. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, núcleo regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996, p. 16;
- DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª edição, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

- DISSERTAÇÕES e teses do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. IN <http://www.poshis.unb.br/pt/teses-e-dissertacoes> (Consulta 20 de setembro de 2015).
- FARIA, Maria Dulce de. *Catálogo: Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011.
- FIGUEIREDO, Arnaldo Estevão de (org.). *Catálogo de Verbetes dos documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Mato Grosso (1720-1827)*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1999.
- FLEIUSS, Max. *Páginas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos; SERPA, Élio (orgs.). *Catálogo de Documentos Avulsos Manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717-1827*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- FONTE, Barroso da (Org.). *Dicionário dos mais Ilustres Transmontanos e Alto Dunienses*. 3º volume. Guimarães: Editora Cidade Berço, 2003.
- FROTA, Guilherme Andrea. “Corsários Franceses na Guanabara no século XVIII”. IN *Revista Ocidente*, volume LXXIII, Lisboa, 1967.
- GAKINDO, Marcos; LODEWIJK, Hulsman (orgs.). *Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana/ Instituto de Cultura, 2001.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- GOMES, Laurentino. *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. IN: *Revista do IHGB*, n.388, jul./set. 1995, p. 486.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: o processo de emancipação*. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- IRIA, Alberto. “Inventário geral dos códices do Arquivo Histórico Ultramarino apenas referentes ao Brasil (fontes para a história luso-brasileira)”. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966. Separata da *Revista Studia*, n. 18, 1966, Agosto.
- “Joaquim Caetano da Silva” IN *Revista do IHGB*, volume 13, 1850, p. 421.
- JUCÁ, Gisfran Nazareno Mota (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Ceará: 1618-1832*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha, 1999.

- KENNEY, Anne R. “Preparação dos Materiais”. IN ELKINGTON, Nancy E. (Org.). *Manual do RLG para microfilmagem de arquivos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001.
- LEAL, João Eurípedes Franklin (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos e Avulsos da capitania do Espírito Santo: 1585-1822*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2000.
- LEAL, João Eurípedes Gualandi Franklin. *Glossário de Paleografia*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1994, p. 59.
- LIMA, Oliveira. “Atual papel do Instituto Histórico”. IN *Revista do IHGB*, tomo 76, 2ª parte, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913. p. 485 -493.
- LIMA, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- “Objetivos do IHGB”, IN <http://www.ihgb.org.br/ihgb.php> [Consulta 30 de julho de 2015].
- “Relação dos manuscritos portugueses e estrangeiros de interesse para o Brasil existentes no Museu Britânico de Londres”. *Revista do IHGB*, tomo 65, 2ª parte, 1903, p. 1-139.
- “Relação dos manuscritos portugueses e estrangeiros de interesse para o Brasil existentes no Museu Britânico de Londres”. *Revista do IHGB*, tomo 65, 2ª parte, 1903, p. 1-139.
- LOPES, Fátima Martins (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Rio Grande do Norte (1623-1823)*. Natal: EDUFRN, 2000.
- LUCIANI, Fernanda Trindade. “Prefácio”. IN *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Hedra, 2010, 418 p.
- MACHADO, Kátia Jane de Souza. *História, Manuscritos, Memória... o Resgate da Historiografia de Continentes no Caminhar Arquivístico das Nações*. Cf. http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372276881_ARQUIVO_OKOKNovoFormatoKatiaJaneSMachadoTEXTOCOMPLETOXXVIISIMPNACHISTANPUHNATAL15JULHO2013.pdf. (Consulta dia 20 de setembro de 2015).
- MACHADO, Marco Antonio Gonçalves (org.). *Guia de Fontes para a História Franco-Brasileira. Brasil Colônia, Vice-Reino e Reino Unido*. Acervos de Manuscritos em Arquivos Franceses. Recife: L. Dantas Silva, 2002.
- MADRE DE DEUS, Gaspar (Frei). *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente Hoje Chamada de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1976.
- MARIZ, Vasco. “Estudo Introdutório”. IN *Guia de Fontes para a História Franco-Brasileira: Brasil Colônia, Vice-Reino e Reino Unido*. Recife: L. Dantas Silva: 2002, p. 17.
- MARQUES, A.H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. 3ª edição, Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- MARSHALL, Oliver. “Introdução”. IN *O Brasil nos Arquivos Britânicos e Irlandeses: Guia de Fontes*. Center for Brazilian Studies University of Oxford, Londres/Ministério da Cultura do Brasil, 2007, p. XIII.
- MARTÍNEZ, Elda E. González. *Guía de Fontes manuscritas para a história do Brasil conservadas em Espanha*. Madrid: Fundación MAPFRE TAVERA, 2002.
- MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra (org.). *Catálogo dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

- “Principais Tipologias da Administração Central do Antigo Regime”. IN SERPA, Élio; FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Catálogo de documentos avulsos manuscritos referente à Capitania de Santa Catarina – 1717 – 1827*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2000, p. 11 – 19.
- MARTINS, Ana Canas Delgado. *Governança e Arquivos: D. João VI no Brasil*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2006.
- MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil – perfil biográfico e ensaio bibliográfico*. São Paulo: Universidade de São Paulo e Fundo de Pesquisas do Museu Paulista. Coleção Museu Paulista, série Ensaios. Vol.1, 1977.
- MENDES, Leandro. MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Atlas Histórico - Goiás Pré-Colonial e Colonial*. Goiânia: UFG, 2001.
- MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953.
- MONTEIRO, Clóvis. *Esboços de história literária*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961 p. 81-83.
- MORAES, Alexandre José de Mello. *A Independência e o Império do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2004, p. 290.
- NOTA Sobre o Levantamento e Microfilmagem dos Documentos no Estrangeiro, Relativos ao Brasil. Universidade de Brasília, Centro Nacional de Referência Cultural. Relatório Técnico nº 6, de 25 de agosto de 1975.
- “NOTÍCIA sobre João Ribeiro de Almeida”. Revista do IHGB, tomo 33, 2ª parte, 1880.
- NUNES, Maria Thetis; SANTOS, Lourival Santana (orgs.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Sergipe (1619-1822)*. São Cristóvão: Ed. UFS, 1999.
- “O Bioma Cerrado” IN www.mma.gov.br/biomas/cerrado (Consulta 25 de setembro de 2015).
- PORTUGAL – *Dicionário Histórico*. <http://www.arqnet.pt/dicionario/ribeirojp.html> (Consulta, 12 de outubro de 2015).
- PRIMEIRO Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática. IN. <http://www.paleografia.arquivista.net/1cbpd/> (Consulta, 20 de setembro de 2015).
- Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília*. IN <http://www.poshis.unb.br/> (Consulta 20 de setembro de 2015).
- “O começo de uma nova história do Brasil”. Cf. *Revista Pesquisa FAPESP* revistapesquisa.fapesp.br/1998/.../o-comeco-de-uma-nova-historia-do-brasil (Consulta 28 de setembro de 2015)
- OLIVEIRA, Elza Regis de; MENEZES, Mozart Vergetti de; LIMA, Maria da Vitória Barbosa (orgs.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania da Paraíba, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.
- OSÓRIO, Helen (org.). *Catálogo de Documentos da Colônia do Sacramento e Rio da Prata: existentes no Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa. Rio de Janeiro: Nórdica, 2002.

- PALACÍN, Luis. *Sociedade Colonial (1549-1599)*. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1981, p. 13.
- PALESTRA “Projeto Resgate Áustria – considerações iniciais e pesquisas em instituições vienenses”, proferida pela museóloga Patrícia Moura no dia 15 de julho de 2009 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. <http://www.webartigos.com/artigos/projeto-resgate-brasil-austria-palestra-dia-15-de-julho-de-2009-no-ihgb/20990/> - (Consulta dia 20 de setembro de 2015).
- PEREIRA, José Higinio Duarte. “Relatório sobre as pesquisas realizadas na Holanda”. IN *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*, tomo 30, 1886. Recife: Tipografia Industrial, 1886, p. 11-12.
- PRADO Jr., Caio. *Administração - Formação do Brasil Contemporâneo*. 15ª. ed., São Paulo, Brasiliense, 1977, p. 26.
- PROGRAMA de Pós-graduação em História da UNESP de Franca. IN <http://www.franca.unesp.br/index.php#!/pos-graduacao/stricto-sensu/historia/dissertacoes/1883---2000/>. (Consulta 20 de setembro de 2015).
- Projeto Regate Brasil-Áustria, IN <http://www.webartigos.com/artigos/projeto-resgate-brasil-austria-palestra-dia-15-de-julho-de-2009-no-ihgb/20990/> (Consulta 10 de setembro de 2015).
- “REGIMENTO do Conselho Ultramarino”. IN *Boletim do Conselho Ultramarino*, Legislação Antiga. 1446 a 1754. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.
- REIS, Gilson Sérgio Matos (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- “Conselho Ultramarino”. IN *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo*, Catálogo 2 (1618 – 1823) – Mendes Gouveia. Coordenação Geral José Jobson de Andrade Arruda. Baurú: EDUSC; São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 20012.
- REIS, Luis. “O Arquivo e a Arquivística” – Evolução Histórica. *Revista de Bibliotecologia y Ciencias de la Información*. Abril-junio, 2006, vol. 7, nº24.
- “RELATÓRIO do Diretor da Biblioteca Nacional ao Sr. Ministro da Justiça”, apresentado aos 15 de fevereiro de 1908. *Anais da Biblioteca Nacional*, Vol. 30, 1908.
- RODRIGUES, José Honório. *A Pesquisa Histórica no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1978.
- *As Fontes da História do Brasil na Europa*. Rio de Janeiro, 1950.
- “As Fontes da História do Brasil na Europa”. IN *Revista do IHGB*, tomo 192, julho a setembro, 1946. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948 p. 134.
- SALGADO, Graça. *Fiscais e Meirinhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Arquivo Nacional, 1985.
- SALVADOR, Vicente (Frei). *História do Brasil, 1500 – 1627*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982.
- SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia: Ed. da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.
- SANDES, Noé Freire; RIBEIRO, José E. “Dezoito anos de Goiás 1722 -1822”. IN *Cadernos de Pesquisa do ICHL – Instituto de Ciências Humanas e Letras*, n. 3, p. 25.

- SANTOS, Corcino Medeiros dos et al. “Introdução - O Projeto Resgate no Centro de Memória Digital da UnB”. IN *Revista de História Digital*. Ano 2, n. 2. Brasília: Gráfica e Editora Imagem, 2009, p.14.
- SANTOS, Francisco Jorge (org.). *Catálogo do Rio Negro: Documentos Manuscritos Avulsos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (1723-1825)*. Manaus: EDUA, 2000.
- SANTOS, Lourival Santana (org.). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Alagoas*. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SEGUNDO Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática. Cf. <http://www.paleografia.arquivista.net/2cbpd/programacao/> (Consulta, 14 de setembro de 2015).
- SILVA, Joaquim Caetano. *L'Oyapoc et l'Amazone, Question brésilienne et française*. 1ª Edição, Paris, 1861.
- SILVA, José Trindade da Fonseca e. *Lugares e Pessoas – subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. Goiânia: UCG, 2006.
- SILVA, Leonardo Dantas. “Brasil Holandês: Os caminhos do conhecimento”. IN *Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês*. Organização de Marcos Galindo e Lodewijk Hulsman. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001. p. XI e XII.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Dicionário da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Editora Verbo, 1994, p. 132.
- SILVEIRA, Luiz da. *Cartas de Capistrano de Abreu a Lino da Assunção*. Lisboa: Oficina Gráfica Ltda, 1946.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. 3ª edição, 1º volume, São Paulo: Editora Obelisco Ltda, 1965.
- SOUZA, José Antônio Soares de. *Um diplomata do Império (Barão da Ponte Ribeiro)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.
- STUDART, Guilherme (Barão de). *Dicionário Biobibliográfico Cearense*. Fortaleza: Minerva, 1910 – 1915, 3 volumes, 5ª reedição da Universidade Federal do Ceará, 1980.
- TAUNAY, Afonso d'Escagnolle. “Heurística paulista e brasileira”. *Anais do Museu Paulista*, tomo 4, 1931, p. 411-425.
- TAVARES, Luis Henrique Dias. *A Independência do Brasil na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 202.
- TELES, José Mendonça (org.), PINHEIRO, Antônio César Caldas (Coord.). *Catálogo de Verbetes do Manuscrito Avulsos da Capitania de Goiás existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2001
- (org.). PINHEIRO, Antônio César Caldas (Coord.). *Catálogo de Verbetes dos Manuscritos Avulsos da Capitania do Piauí existentes no Arquivo Histórico*

- Ultramarino, Lisboa-Portugal*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Institutos de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, 2002.
- TERCEIRO Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática. Cf. <http://www.paleografia.arquivista.net/3cbpd/programacao/> (Consulta, 14 de setembro de 2015).
- ULRICH, Sônia Maria Xavier de Araújo. *Guia de Fontes Manuscritas para a História do Brasil na Bélgica (1500-1922)*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura do Brasil / Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”. 2011.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil colonial, 1500–1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- WELFFORT, Francisco. “Apresentação”. IN *Catálogo dos documentos de interesse para a história do Brasil depositados no Arquivo Secreto do Vaticano*. Não editado. A cópia que se consultou são os originais para a sua publicação.

Apêndice

Apêndice

Lista dos pesquisadores que compuseram as equipes do Projeto Resgate

ABRANTES, Maria Luísa - Revisão Técnica da Capitania do Rio Negro

ABRANTES, Maria Luísa - Supervisão Técnica e Revisão de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

AFONSO, Antônio Jorge Ferreira - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

SOUSA, Avanete Pereira - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

ACIOLI, Vera Costa - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

AFONSO, Octávio - Tratamento Técnico dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil

AGUIAR, Marcos Magalhães de - Coordenação Técnica da Equipe Responsável pela Criação do Website

FERNANDES, Juliana de O. – Coordenação Técnica da Equipe Responsável pela Criação do Website

SILVA, Tamer Américo da – Coordenação Técnica da Equipe Responsável pela Criação do Website

AHMAD, Afzal - Tratamento Técnico da Capitania de Minas Gerais

ALADRÉN, Gabriel - Elaboração dos índices do catálogo da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

ALCOFORADO, Carolina Magalhães - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

ALMEIDA, Patrícia Alexandra Ramalho de - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

ALMEIDA, Patrícia Alexandra Ramalho de - Numeração Sistemática e Instalação Definitiva da Capitania do Pará

ALMEIDA, Patrícia Alexandra Ramalho de - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

ALMEIDA, Patrícia Alexandra Ramalho de - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

ALMEIDA, Patrícia Alexandra Ramalho de - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

ALMEIDA, Patrícia Alexandra Ramalho de - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

ALMEIDA, Wandemberg de Oliveira - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

ALMEIDA, Wesley Gongora de - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

ALVES, Eliane Bisan - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

AMADO, Isabel - Apoio Técnico da Capitania de Goiás

AMADO, Isabel Maria Ascensão - Apoio Técnico da Capitania do Rio Grande do Sul

AMADO, Isabel Maria Ascensão - Apoio Técnico da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

AMADO, Isabel Maria Ascensão Colaboradora e Apoio Técnico da Capitania do Rio Grande do Norte

AMORIM, Maria Helena de - Apoio técnico da Capitania de Alagoas

ANASTÁCIO, Paula Cristina - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

ANTUNES, Camila Carvalho – Índices do catálogo da Capitania de Goiás

APARÍCIO, João Paulo da Silva - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

APARÍCIO, João Paulo da Silva - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

APARÍCIO, João Paulo da Silva - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

APARÍCIO, Paula Cristina Pelúcio da Silva - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

APARÍCIO, Pelúcia - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

ARRUDA, José Jobson de Andrade - Coordenação Geral dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

ASSIS, Edvaldo de - Tratamento Técnico da Capitania de Mato Grosso

ASSIS, Virgínia Almoedo de - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos

Avulsos da Capitania de Pernambuco

AZEVEDO, Carlos Filomeno - Tratamento Técnico da Capitania de Minas Gerais

AZEVEDO, Luís Alberto - Tratamento Técnico da Capitania de Minas Gerais

BARBOSA, Maria do Socorro Ferraz - Coordenação Acadêmica dos Documentos

Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

BARRETO, Márcia Gabriela de Aguiar - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

BARROS, Maria Filomena Lopes de - Tratamento Técnico da Capitania de Minas

Gerais

BELLOTTO, Heloísa Liberalli - Coordenação Acadêmica dos Documentos

Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

BELLOTTO, Heloísa Liberalli - Tratamento Técnico da Colônia do Sacramento e

Rio da Prata

BERNARDES, Jaime - Produção Editorial dos Códices do Fundo do Conselho

Ultramarino Relativos ao Brasil

BERNARDES, Jaime - Produção Editorial dos Documentos Manuscritos Avulsos da

Secretaria do Conselho Ultramarino

BERUTE, Gagriel - Elaboração dos índices do catálogo da Colônia do Sacramento e

Rio da Prata

BERWAGER, Ana Regina - Tratamento Técnico da Capitania do Rio Grande do Sul

BERWANGER, Ana Regina - Tratamento Técnico da Colônia do Sacramento e Rio

da Prata

BOSCHI, Caio César - Coordenação Acadêmica da Capitania de Minas Gerais

BOSCHI, Caio César - Coordenação Acadêmica da Capitania do Maranhão

BOSCHI, Caio César - Coordenação Acadêmica da Capitania do Rio Negro

BOSCHI, Caio César - Coordenação da Equipe de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

BOSCHI, Caio César - Coordenação Geral Equipe de elaboração do catálogo da Capitania do Rio Negro

SANTOS, Ana Rita Valente dos - Digitação Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

BOSCHI, Caio César - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

BOSCHI, Caio César - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

BRAGA, Roberto Mascarenhas - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

BRITO, Daniel Jaime - Técnicos

SOUSA, Gustavo Moura de - Técnicos

ROCHA, Mariana Marçal - Técnicos

HIROSSE, Marcelo - Técnicos

BRITO, Daniel Jaime - Webdesigners

SOUSA, Gustavo Moura de - Webdesigners

SOUSA JR., Rafael T. de - Coordenação Técnica da Equipe Responsável pelo Desenvolvimento do Banco de Dados e Aplicação de Busca

SILVA, Tamer Américo da - Coordenação Técnica da Equipe Responsável pelo Desenvolvimento do Banco de Dados e Aplicação de Busca

FERNANDES, Juliana de O. – Engenheiros de Software

BUENO, Fabiane de Moraes – Índices do catálogo da Capitania de Goiás

CAMPOS, Lourival Santana - Coordenação Acadêmica da Capitania de Sergipe

CAMPOS, Lourival Santana - Tratamento Técnico da Capitania de Sergipe

CAMPOS, Paul Cristina Ramos Goçalves - Equipe Técnica dos Documentos

Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

Capitania do Maranhão

CARDOSO, Maria Cecília de Castro - Índices dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

CARLOS, Érika Simone de Almeida - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

CARLOS, Érika Simone de Almeida - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

CARLOS, Érika Simone de Almeida - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

BELLOTO, Heloísa Liberalli - Apoio Técnico da Capitania de Goiás

CARLOS, Érika Simone de Almeida - Tratamento Técnico dos Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino

COELHO, Geraldo Mártires - Consultoria do catálogo da Capitania do Pará

CUNHA, Ana Paula Macedo - Revisão do catálogo da Capitania do Pará

CORREIA, Maria da Glória Guimarães - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

CORREIA, Pedro Henrique - Apoio Técnico da Capitania do Maranhão

COSTA, João Lúcio Mazzini da - Revisão do catálogo da Capitania do Pará

DIAS, Alexandre Alves - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

DIAS, Érika Simone de Almeida Carlos - Tratamento Técnico da Capitania do Rio Grande do Sul

DUARTE, Sandra Cristina Ribeiro - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

DUARTE, Sandra Cristina Ribeiro - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

DUARTE, Sandra Cristina Ribeiro - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

FERREIRA, Maria Nazareth - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

FERREIRA, Maria Nazareth - Informatização da Capitania do Maranhão

FERREIRA, Maria Nazareth - Informatização da Capitania do Pará

TRINDADE, Margarida Teodora - Numeração Sistemática e Instalação Definitiva da Capitania do Pará

RODRIGUES, Maria de Lurdes - Numeração Sistemática e Instalação Definitiva da Capitania do Pará

FERREIRA, Sandra Maria Silva - Revisão do catálogo da Capitania do Pará

FLORES, Maria Bernadete Ramos - Tratamento Técnico da Capitania de Santa Catarina

FREIRE, Lourdes Maria Quintão - Informatização da Capitania do Pará

FREIRE, Nilza Queiroz - Revisão da elaboração do catálogo da Capitania de Mato Grosso

FURTADO, Júnia Ferreira - Coordenação Editorial do catálogo da Capitania de Minas Gerais

GABIROBERTZ, Andréa Massena - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

PEREIRA, Evaldo - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

PAES, Fernadno Camilo - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

ASSIS, Juliana Alves - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

SILVA, Maria do Carmo Pinto - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

BRUNETTA, Marcus Geraldo - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

FERREIRA, Maria Nazareth - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

ROCHA, Roberto Felipe Dias Ferreira da - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

PEREIRA, Gianne Aline Marques - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

FERREIRA, José Filipe Souza Pessanha Brito - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

GONÇALVES, Paula Cristina Ramos - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

GONÇALVES, Paula Cristina Ramos - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

GONÇALVES, Paula Cristina Ramos - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

GUABIRABA, Maria Célia de Araújo - Apoio técnico da Capitania do Ceará

GUABIRABA, Maria Célia de Araújo - Tratamento técnico da Capitania do Ceará

INFANTE, Miguel - Revisão Técnica da Capitania do Rio Negro

JACOB, Carlos Roberto - Informatização da Capitania do Maranhão

JACOB, Carlos Roberto - Informatização da Capitania do Pará

JESUS, Ludmila Barros de - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

PINTO, Nívea Tironi - Tratamento Técnico do catálogo da Capitania de Minas Gerais

BOSCHI, Caio César - Coordenação Acadêmica da Capitania do Pará

BOSCHI, Caio César - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

JUCÁ, Gisafran Nazareno da Mota - Coordenação Acadêmica da Capitania do Ceará

JUCÁ, Gisafran Nazareno da Mota - Tratamento técnico da Capitania do Ceará

KAWAGOE, Akemi Leandra – Webdesigners

LEAL, João Eurípedes Franklin - Coordenação Acadêmica da Capitania do Espírito Santo

LEAL, João Eurípedes Franklin - Tratamento Técnico da Capitania do Espírito Santo

LEAL, João Eurípedes Franklin - Revisão da elaboração do catálogo da Capitania de Mato Grosso

LEAL, Maria José S. L. Gonçalves da Silva - Tratamento Técnico da Capitania de Minas Gerais

LIMA, Lygia Carriço de Oliveira - Elaboração dos índices da elaboração do catálogo da Capitania de Mato Grosso

LIMA, Lygia Carriço de Oliveira - Revisão da elaboração do catálogo da Capitania de Mato Grosso

LIMA, Maria da Vitória Barbosa - Elaboração do catálogo da Capitania da Paraíba

LIMA, Maria da Vitória Barbosa - Tratamento Técnico da Capitania da Paraíba

LOPES, Fátima Martins - Coordenação Acadêmica da Capitania do Rio Grande do Norte

LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos - Tratamento Técnico da Capitania do Rio Grande do Sul

LUCAS, Maria João Rodrigues - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

LUCAS, Maria João Rodrigues - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

MACHADO, Luiz Guilherme Gonçalves - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

MACHADO, Luiz Guilherme Gonçalves - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

MACHADO, Luiz Guilherme Gonçalves - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

MAGALHÃES, Marcos - Coordenação Geral da Equipe do Projeto Resgate em Conteúdo Digital

MARIA, José Pereira de - Supervisor Geral da Capitania do Piauí

MARIA, José Pereira de - Supervisor Geral da elaboração do catálogo da Capitania do Piauí

MARINS, Artur Aguila - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

MARQUES, Albino Resina - Apoio Técnico da Capitania de Minas Gerais

BOSCHI, Caio César - Coordenação Geral do catálogo da Capitania de Minas Gerais

MARTINHEIRA, José J. Sintra - Apoio Técnico da Capitania de Santa Catarina

MARTINHEIRA, José Joaquim de Sintra - Apoio técnico da Capitania de Alagoas

MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra - Coordenação Acadêmica dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil

MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra - Supervisão Técnica e Revisão de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra - Supervisão Técnica e Revisão dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil

MARTINHEIRA, José Joaquim Sintra - Supervisão Técnica e Revisão dos Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino

MARTINHEIRA, José Sintra - Apoio Técnico da Capitania da Paraíba

MARTINHEIRA, José Sintra - Apoio Técnico da Capitania de Goiás

MARTINHEIRA, José Sintra - Apoio Técnico da Capitania de Minas Gerais

MARTINHEIRA, José Sintra - Apoio Técnico da Capitania do Maranhão

MARTINHEIRA, José Sintra - Revisão do catálogo da Capitania da Paraíba

MARTINS, Maria Odete Duarte - Tratamento Técnico da Capitania de Minas Gerais

MELO, Josemar Henrique de - Tratamento Técnico dos Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino

MENDONÇA, Fábio Lúcio Lopes de - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

MENDONÇA, Fábio Lúcio Lopes de - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

MENEZES, Mozart Vergetti de - Elaboração do catálogo da Capitania da Paraíba

MENEZES, Mozart Vergetti de - Revisão do catálogo da Capitania da Paraíba

MENEZES, Mozart Vergetti de - Tratamento Técnico da Capitania da Paraíba

MIGUEL, Mário Pires - Apoio Técnico da Capitania de Minas Gerais

MONTEIRO, Carla Cristina Dias - Digitação Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

MONTEIRO, Carla Cristina Dias - Informatização da Capitania do Maranhão

MONTEIRO, Carla Cristina Dias - Informatização da Capitania do Pará

MORAES, Jomar - Editor e revisor da Elaboração do Catálogo da Capitania do Maranhão

MURTINHO, Embaixador Vladimir - Assessor Especial

BERTOLETTI, Esther Caldas - Coordenadora Técnica

NASCIMENTO, Jorge - Tratamento Técnico dos Códices do Fundo do Conselho Ultramarino Relativos ao Brasil

NEVES, Agostinho das - Tratamento Técnico da Capitania de Minas Gerais

NUNES, Maria Thetis - Tratamento Técnico da Capitania de Sergipe

NZÉ, Georges Amvame - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

OLIVEIRA, Diego Martins de - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

OLIVEIRA, Elza Regis de - Elaboração do catálogo da Capitania da Paraíba

OLIVEIRA, Elza Regis de - Revisão do catálogo da Capitania da Paraíba

OLIVEIRA, Elza Régis de - Tratamento Técnico da Capitania da Paraíba

OLIVEIRA, Maria Leda - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

OLIVEIRA, Sandra Isabel Ramos de - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

OLIVEIRA, Sandra Isabel Ramos de - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

SANTOS, Ana Rita Valente dos - Informatização da Capitania do Pará

OLIVEIRA, Sandra Isabel Ramos de - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

OSÓRIO, Helen - Coordenação Acadêmica da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

OSÓRIO, Helen - Elaboração dos índices do catálogo da Capitania do Rio Grande do Sul

OSÓRIO, Helen - Elaboração dos índices do catálogo da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

OSÓRIO, Helen - Organização do catálogo da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

OSÓRIO, Helen - Tratamento Técnico da Capitania do Rio Grande do Sul

PELÚCIA, Paula Cristina Anastácia - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

PELÚCIA, Paula Cristina Anastácio - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

PELÚCIA, Paula Cristina Anastácio - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

PEREIRA, Carlos Alberto Pires - Tratamento técnico da Capitania do Rio Negro

PEREIRA, Carlos Alberto Pires - Tratamento Técnico da Capitania do Maranhão

PEREIRA, Carlos Alberto Pires - Tratamento Técnico da Capitania do Pará

PEREIRA, Evair Alves - Revisão do catálogo da Capitania do Pará

PINHEIRO, Antônio César Caldas - Coordenação Acadêmica da Capitania de Goiás

PINHEIRO, Antônio César Caldas – Índices do catálogo da Capitania de Goiás

PINHEIRO, Antônio César Caldas - Ordenação e elaboração dos verbetes do catálogo da Capitania do Piauí

PINHEIRO, Antônio César Caldas - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

PINHEIRO, Antônio César Caldas - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

PRADO, Fabrício Pereira - Elaboração dos índices do catálogo da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

REIS, Gilson Sérgio Matos - Apoio Técnico da Capitania de Santa Catarina

REIS, Gilson Sérgio Matos - Coordenação Acadêmica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino

REIS, Gilson Sérgio Matos - Coordenação Acadêmica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

REIS, Gilson Sérgio Matos - Tratamento Técnico da Capitania do Espírito Santo

REIS, Gilson Sérgio Matos - Tratamento Técnico da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

REIS, Gilson Sérgio Matos - Tratamento Técnico dos Documentos Manuscritos Avulsos da Secretaria do Conselho Ultramarino

REZENDE, Leandro Borges de - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

RIBEIRO, Dora - Tratamento Técnico da Capitania de Mato Grosso

RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo - Coordenação Editorial da elaboração do catálogo da Capitania de Mato Grosso

RODRIGUES, Maria de Lurdes - Apoio Técnico da Capitania do Maranhão

ROSA, Hildo - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

SANTANA, Aneide - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

SANTOS, Ana Rita Valente dos - Informatização da Capitania do Maranhão

SANTOS, Francisco Jorge dos - Organização do Catálogo da Capitania do Rio Negro

SANTOS, Francisco Jorge dos - Revisão Acadêmica e Científica do Catálogo da Capitania do Rio Negro

ALVES, Dysson Teles - Revisão Acadêmica e Científica do Catálogo da Capitania do Rio Negro

SANTOS, Lourival Santana - Coordenação Acadêmica da Capitania de Alagoas

SANTOS, Lourival Santana - Ordenação e elaboração dos verbetes do catálogo da Capitania do Piauí

SANTOS, Lourival Santana - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

SANTOS, Luísa - Apoio Técnico da Capitania da Paraíba

SANTOS, Luisa - Revisão do catálogo da Capitania da Paraíba

SERPA, Élio - Tratamento Técnico da Capitania de Santa Catarina

SILVA, Carlos Alberto - Apoio Técnico da Capitania de Minas Gerais

SILVA, Maria Leda Oliveira Alves da - Tratamento Técnico da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

SILVA, Sérgio Conde de Albite - Tratamento Técnico da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

SILVA, Tamer Américo da - Engenheiros de Software

SILVA, Teresa do Carmo Cação da - Numeração Sistemática e Instalação Definitiva da Capitania do Pará

SILVA, Teresa do Carmo Cação da - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

SILVA, Tereza do Carmo Cação da - Tratamento técnico da Capitania do Piauí

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy - Coordenação Acadêmica da Capitania da Paraíba

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy - Revisão do catálogo da Capitania da Paraíba

SIQUEIRA, Daniel Gustavo V. - Equalização dos verbetes da Capitania de Goiás

SOUSA JR., Rafael T. de - Coordenação Técnica da Equipe Responsável pelo Processamento da Informação (Verbetes e Imagens)

SILVA, Tamer Américo da - Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

SOUSA JR., Rafael T. de - Coordenação Técnica da Equipe de Engenharia de Redes e Desenvolvimento de Software

SOUSA JR., Rafael Timóteo de. Coordenação de Tecnologia das Informações da Equipe do Projeto Resgate em Conteúdo Digital

SOUSA, Avanete Pereira de - Apoio técnico da Capitania do Ceará

SOUZA, José Roberto de - Apoio Técnico da Capitania da Paraíba

SOUZA, José Roberto de - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de São Paulo

SOUZA, José Roberto de - Revisão do catálogo da Capitania da Paraíba

NASCIMENTO, Edielson Jean da Silva - Revisão de Digitação do catálogo da Capitania da Paraíba

SOUZA, Susana Bleil de - Coordenação Acadêmica da Capitania do Rio Grande do Sul

SOUZA, Susana Bleil de - Tratamento Técnico da Colônia do Sacramento e Rio da Prata

TELES, Jose Mendonça - Coordenação Editorial do catálogo da Capitania de Goiás

TELES, José Mendonça - Coordenador da Edição da elaboração do catálogo da Capitania do Piauí

TRINDADE, Margarida Teodora - Apoio Técnico da Capitania do Maranhão

TRINDADE, Maria Letícia Vieira - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

TRINDADE, Maria Letícia Vieira - Informatização da Capitania do Maranhão

TRINDADE, Maria Letícia Vieira - Informatização da Capitania do Pará

VASCONCELOS, Maria Aparecida Lopes de - Equipe Técnica dos Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Pernambuco

VASCONCELOS, Maria Aparecida Lopes de - Tratamento técnico da Capitania de Goiás

VIEIRA, Nayara da Silva - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

MALUF, Lílian Chaves - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

FRANCO, Pablo Endrigo - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

ARAÚJO, Joana - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

MOSER, Luísa - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

DIAS, Loyane - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

SOUSA, Inara de - Equipe de História – Bolsistas de Iniciação Científica

VIERA, Arlene Marta - Informatização da Capitania do Pará

WEIMER, Rodrigo - Elaboração dos índices do catálogo da Capitania do Rio Grande do Sul

Wesley - Apoio técnico da Capitania de Alagoas

XAVIER, José Francisco Lima - Indexação de elaboração do catálogo da Capitania do Pará

Anexos

DOCUMENTOS

Estes documentos se originaram dos encontros diplomáticos entre Brasil e Portugal quando das conversações para a elaboração e efetivação do Projeto Resgate. Estes documentos foram compulsados para a elaboração deste trabalho. No anexo apresentamos os aqui utilizados.

- **Nota sobre o levantamento e microfilmagem de documentos no estrangeiro relativos ao Brasil.**
- **Protocolo entre a República Federativa do Brasil e a República Portuguesa.** Lisboa, 15 de dezembro de 1983.
- **Acordo de Intercâmbio Cultural entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Portuguesa,** através da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional de Lisboa. Rio de Janeiro, 03 de abril de 1987.
- **Memorandum de Entendimento entre o Ministério da Cultura do Brasil e a Secretaria de Estado da Cultura de Portugal.** Rio de Janeiro, 29 de abril de 1993.
- **Protocolo de Colaboração entre o Ministério da Justiça do Brasil e a Presidência do Conselho de Ministros de Portugal.** Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1995.
- **Acordo entre o Instituto de Investigação Científica Tropical e o Ministério da Cultura do Brasil para a Microfilmagem de Documentação sobre o Brasil-colônia existente no Arquivo Histórico Ultramarino.** Lisboa, 10 de outubro de 1995.
- **Plano Luso-brasileiro de Microfilmagem. Comissão Luso-brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental.** Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1997.
- **Comunicado Final do Encontro dos Ministros da Cultura do Brasil e de Portugal, sobre os Arquivos Históricos Luso-brasileiros.** Lisboa, 24 de abril de 1997.

- **Protocolo de Cooperação entre o Ministério da Cultura do Brasil e o Ministério da Cultura de Portugal.** Lisboa, 24 de abril de 1997.

ANEXO I

Ministério da Educação e Cultura
Ministério da Indústria e do Comércio
Secretaria de Planejamento da Presidência da República
Universidade de Brasília
Governo do Distrito Federal

NOTA SOBRE O LEVANTAMENTO E MICROFILMAGEM DE DOCUMENTOS NO ESTRANGEIRO RELATIVOS AO BRASIL

Universidade de Brasília
Centro Nacional de Referência Cultural
Relatório Técnico n.6 de 25 de Agosto de 1975

RUBENS BORBA DE MORAES
Professor Emérito da UNB

**PARA ELABORAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA
CULTURAL DE BRASÍLIA**

Ministério da Educação e Cultura
Ministério da Indústria e do Comércio
Secretaria de Planejamento da Presidência da
República
Universidade de Brasília
Governo do Distrito Federal

CENTRO NACIONAL DE REFERÊNCIA CULTURAL
C N R C

6

RELATÓRIO TÉCNICO

COORDENAÇÃO DO PROJETO
CONVÊNIO STI/FCDF 01.01.15

TÍTULO Nota sobre o Levantamento e
microfilmagem de documentos
no Estrangeiro, relativos ao
Brasil

AUTOR Rubéns Borba de Moraes

DATA 1975.08.25

PARA ELABORAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA
CULTURAL DE BRASÍLIA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURAL
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDCIA DA REPÚBLICA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

CENTRO NACIONAL DE REFERÊNCIA CULTURAL
C N R C

NOTA SOBRE O LEVANTAMENTO E MICROFILMAGEM COORDENAÇÃO DO PROJETO
NO ESTRANGEIRO, RELATIVOS AO BRASIL CONVÊNIO STI/FCDF 01.01.15

O problema da documentação referente ao Brasil existente no estrangeiro preocupa os pesquisadores há mais de um século. Em 1863 Varnhagen publicou um catálogo de “alguns manuscritos importantes relativos ao Brasil e a Portugal existentes no Museu Britânico em Londres”. Depois dele são inúmeros aos historiadores nacionais e estrangeiros que publicam listas de documentos existentes em arquivos e bibliotecas estrangeiras, principalmente em Portugal. O Governo e instituições particulares (o Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, por exemplo) mandaram missões a Europa para copiar documentos. Algumas deram resultados apreciáveis, outras fracassaram.

Ultimamente Universidades têm em andamento projetos semelhantes. Creio, até, que a UNESCO subvencionou um projeto. Não conheço os resultados positivos obtidos até agora, parece-me, porém, que essas louváveis iniciativas carecem de um planejamento global de maneira a evitar duplicações e dispersão de esforços e dinheiro.

A primeira coisa a fazer-se seria, portanto, levantar o estado em que encontram esses projetos e, em seguida, estabelecer um plano geral.

Esse plano deveria, na minha opinião, dividir-se em três etapas. A primeira etapa seria feita no Brasil por um pequeno grupo de historiadores que teria como tarefa.

1º Levantar o que já foi copiado no estrangeiro;

2º Estudar os catálogos publicados de documentos brasileiros em instituições estrangeiras

3º Estabelecer a lista dos arquivos e bibliotecas a serem investigadas e estabelecer as prioridades para a cópia.

A segunda etapa seria a da execução do trabalho no exterior. Para realizar essa tarefa creio que se deverá evitar “missões” de numerosos historiadores de nomeada. Não há necessidade de eruditos para recolher documentos sobre o Brasil num arquivo e mandá-los microgravar. É preferível escolher (para cada país) um jovem historiador com prática comprovada de pesquisa e um “secretário executivo” encarregado da inevitável burocracia

A terceira etapa seria a do recebimento das cópias e o respectivo processamento. Esse importante trabalho deverá ser planejado por bibliotecários e arquivistas no local onde deverão ficar as cópias vindas do exterior.

São essas, em linhas gerais e resumidas, as etapas de um plano para copiar documentos brasileiros no exterior.

Não quero terminar sem chamar atenção para certos pontos que podem parecer óbvios (ou impertinentes), mas que a experiência prova que são importantes para o sucesso do projeto. Refiro-me à escolha de pessoal para o trabalho no estrangeiro. No fim das contas tudo dependerá dessas pessoas.

Observo, afinal, que este não é um verdadeiro plano. É um “working paper” para ser discutido e analisado.

ANEXO II

PROTOCOLO ENTRE A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E A REPÚBLICA PORTUGUESA

- ELABORAR, EM COMUM, UM PROJETO PARA A MICROFILMAGEM DE DOCUMENTOS DE INTERESSE PARA A HISTÓRIA NACIONAL DE PORTUGAL E DO BRASIL EXISTENTES EM SEUS RESPECTIVOS ARQUIVOS
- CONSIGNAR, QUANDO SOLICITADOS, A POSSIBILIDADE DE PARTICIPAÇÃO DE PAÍSES DE TRADIÇÃO CULTURAL COMUM NESSE PROJETO.

LISBOA, 15 de dezembro de 1983
PROTOCOLO ENTRE A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E A
REPÚBLICA PORTUGUESA

O Governo da República Federativa do Brasil e
O Governo da República Portuguesa

Animados pelo propósito de intensificar e reforçar o seu intercâmbio cultural, em particular para propiciar o conhecimento de informações contidas nos documentos relativos às suas histórias, como estabelecido na Ata da V Reunião da Comissão Mista Luso-Brasileira e

- Considerando a existência em seus arquivos de documentos de interesse relevante para a Memória Nacional dos dois países;
- Considerando, dentro do quadro das resoluções da UNESCO, nomeadamente a nº 4.212, aprovada na sessão de 1974 na qual se convida os Estados Membros a examinar favoravelmente a possibilidade de transferir, no quadro de acordos bilaterais, as informações contidas nos documentos provenientes de arquivos constituídos no território de outros países ou se referindo à sua história;
- Considerando que países de tradição cultural comum podem manifestar o desejo de ter acesso a documentos que se refiram à sua história Nacional.

Resolvem

1. elaborar, em comum, um projeto para microfilmagem de documentos de interesse para a Memória Nacional de Portugal e do Brasil existentes em seus respectivos arquivos;
2. designar, oportunamente, por via diplomática, as respectivas entidades que se ocuparão de desenvolver, em cada país, a execução do programa de microfilmagem;
3. consignar a sua intenção de examinar, em conjunto, quando solicitamos, a possibilidade de participação de países de tradição cultural comum nesse projeto.

Feito em Lisboa, aos 15 de dezembro de 1983

Secretário da Cultura
Ministério da Educação e Cultura
Da República Federativa do Brasil

Prof. Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça

O Secretário de Estado
da Cooperação da
República Portuguesa

Dr. Luís Gaspar da Silva

MINISTÉRIO DA



EDUCAÇÃO E CULTURA

BRASÍLIA - D.F

Portaria nº 01 de 15 de fevereiro de 1984

O SECRETÁRIO DA CULTURA, DO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, no uso das atribuições regimentais e
CONSIDERANDO o estabelecimento pelo
PROTOCOLO ENTRE A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E A
REPÚBLICA PORTUGUESA, firmado em Lisboa, em 15 de dezembro de 1983;

RESOLVE:

I – Designar, uma comissão composta por:
Dr. Leopoldo Collor Jobim, consultor para Documentação Histórica da Fundação
Nacional Pró-Memória; Dra. Esther Caldas Bertoletti, Coordenadora de Restauração
e Microrreprodução da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Conselheiro Paulo
Renato Costa Rodrigues Rocha Santos do Departamento de Concepção Cultural e
Divulgação do Ministério das Relações Exteriores para, sob a coordenação do
primeiro, elaborar um projeto para a microfilmagem de documentos de interesse para
a Memória Nacional de Portugal e do Brasil existentes em seus respectivos arquivos:

II- Esta Portaria entra em vigor na data de sua
assinatura

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA
Secretário da Cultura/MEC

ANEXO III

ACORDO DE INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE O GOVERNO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E O GOVERNO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, ATRAVÉS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO E DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Rio de Janeiro, 03 de abril de 1987

**ACORDO DE INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE O GOVERNO DA
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E O GOVERNO DA REPÚBLICA
PORTUGUESA, ATRAVÉS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE
JANEIRO E A BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA**

O Governo da República Federativa do Brasil
e o Governo da República Portuguesa

No propósito de estreitar os laços de amizade que os une e intensificar a cooperação mútua a fim de incrementar as relações culturais e a compreensão tradicionalmente cultivada entre os dois países, e:

Considerando

- a) As implicações na transferência de informação, sua interdependência e transnacionalidade;
- b) A existência nas bibliotecas brasileiras e portuguesas, notadamente as nacionais, de acervos documentais do maior interesse para a cultura de cada um dos países e para a cultura comum de língua portuguesa;
- c) A importância da difusão e a veiculação externa de toda a matéria documental de que dispõem as bibliotecas nacionais do Rio de Janeiro e Lisboa, especialmente no que concerne a vultos da história pátria e a cultura de língua portuguesa;
- d) A oportunidade de enriquecimento dos respectivos acervos, nomeadamente a nível da bibliografia brasileira sobre Portugal e autores portugueses e da bibliografia sobre o Brasil e autores brasileiros.
- e) A relevância da qualificação de recursos humanos para atendimento específico da área, especialmente tendo em vista a preservação da memória nacional, resolveram concluir o presente acordo relativamente ao estabelecimento de plano regular de intercâmbio nas áreas de atuação de suas bibliotecas Nacionais

ARTIGO I

As Bibliotecas Nacionais Brasileira e Portuguesa se compromete a adotar procedimentos técnicos e normas de compatibilidade nos seus respectivos processos de informatização, por forma a garantir a permuta de registros bibliográficos e o futuro acesso direto às respectivas bases de dados.

ARTIGO II

Será estabelecido um plano regular do intercâmbio de microformas (microfilmes, microfichas, etc.) dos respectivos acervos, incluindo livros, periódicos, manuscritos e materiais especiais.

ARTIGO III

Na área cultural fica previsto um conjunto de exposições biblio-
iconográficas relativas a fatos e personalidades brasileiras e portuguesas, prevendo-se já a organização de mostra alusiva ao quinto centenário da descoberta do Brasil.

ARTIGO IV

Serão realizadas permutas regulares de obras da bibliografia corrente brasileira e portuguesa de interesse mútuo, sendo que essa permuta, com relação ao Brasil se condiciona ao recebimento em duplicata de tais obras.

ARTIGO V

Os países Contratantes se comprometem a intercambiar assistência técnica em conservação e restauração de livros, gravuras, estampas, fotografias, manuscritos e cartografia, podendo ampliar esse campo de ação de comum acordo.

ARTIGO VI

O presente acordo entrará em vigor na data de sua assinatura, terá uma duração de 3 (três) anos e será prorrogado automaticamente por iguais períodos, a menos que uma das partes manifeste por nota diplomática a sua decisão de não o renovar, competência de 6(seis) meses de data de sua expiração.

Feito em Rio de Janeiro aos 03 dias do mês de abril de 1987, em duas vias originais, na língua portuguesa.

PELO GOVERNO DA REPÚBLICA
Gouveia
FEDERATIVA DO BRASIL
Joaquim Salles de Oliveira Itapary Filho
República

Maria Tereza Pinto Basto
Adriano de Carvalho
Pelo Governo da
Portuguesa

Maria Alice Guidice Barroso

Manuel Vilaverde de Cabral

ANEXO IV

MEMORANDUM DE ENTENDIMENTO ENTRE O MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL E A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE PORTUGAL

“... Manifestam seu interesse na difusão recíproca de obras significativas da literatura contemporânea dos dois países, na elaboração de convênio para restauração da mapoteca e documentos históricos do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e no desenvolvimento de projetos de cooperação e intercâmbio e, acordam

no levantamento sistemático do acervo cultural de um país existente no território do outro, inclusive através da criação do centro informatizado de documentação cultural”

RIO DE JANEIRO, 29 de abril de 1993

MEMORANDUM DE ENTENDIMENTO

1. O Ministério da Cultura do Brasil, Antônio Llouaiss, e o Secretário de Estado da Cultura de Portugal, Pedro Santana Lopes, reunidos em Brasília – no âmbito de uma visita que, a convite do Governo brasileiro, entende-se a Ouro Preto, Rio de Janeiro e São Paulo – reafirmam seu empenho em contribuir para o estreitamento harmonioso do intercâmbio entre os dois povos irmãos, de que será marco significativo a próxima visita do Presidente Itamar Franco a Portugal, no contexto das reuniões de cúpula acordadas entre os dois governos. Nesse sentido, manifestam seu interesse em continuar a desenvolver as relações culturais bilaterais, através de ações em diversas áreas, nomeadamente tendo presente a singularidade da presença do Brasil nas ações previstas para 1994, dentro da programação “Lisboa Capital Cultural Européia”.
2. Reiteram, em especial, sua expectativa na aprovação do acordo ortográfico, ora em tramitação no Congresso Nacional brasileiro.
3. Com referência às negociações em curso, relativas ao cumprimento do acordo cultural de 1966, expressam sua confiança em que a situação dos profissionais brasileiros que se encontram em Portugal e dos portugueses no Brasil, ao abrigo daquele instrumento bilateral, terá, em muito breve, solução satisfatória. Destacam, a este propósito, o clima de amizade e cooperação que vem presidindo aos entendimentos sobre o tema, à luz das providências já estabelecidas, no âmbito da comissão Mista Cultural, que se reuniu extraordinariamente em Lisboa, me julho de 1992.
4. Expressam a disposição das partes, em resolver, de comum acordo, os casos pendentes de co-produção cinematográfica, em especial a situação relativa ao filme “O Judeu”. As propostas de solução nesta matéria serão apresentadas por ocasião da viagem a Lisboa, a convite do Governo português, do Senhor Ruy Solberg, em junho próximo, Secretaria de Assuntos Áudio-visuais do Ministério da Cultura do Brasil. Ainda nesta área, conviveram na realização de reuniões, em anos alternados, dos responsáveis, dos dois países, pelo

cinema e o áudio-visual, com início no Brasil, a partir de novembro de 1993. Concordam com a realização de uma mostra de cinema brasileiro, em Lisboa, em 1994, e de um festival de cinema de Língua Portuguesa.

5. Manifestam seu interesse na difusão recíproca de obras de obras significativas da literatura contemporânea dos dois países, na elaboração de convênio para restauração e preservação da mapoteca e documentos históricos do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e no desenvolvimento de projetos de cooperação e intercâmbio, a saber:

- No campo das artes plásticas, exposições de Lasar Segall em Portugal e de Almada Negreiros no Brasil;
- Na área da música, a realização, em Portugal, de recitais de intérpretes brasileiros, como Arthur Moreira Lima, Turíbio Santos e Amaral Vieira, e de divulgação no Brasil de peças de compositores portugueses, como Carlos Seixas e Domingos Bontempo;
- No domínio das artes visuais, exposições de fotografia e de design nomeadamente no Centro Cultural de Belém
- Na esfera do teatro, encontros bi-anuais, alternado do cinema teatrólogos, atores, diretores e produtores brasileiros e portugueses e a apresentação, no teatro municipal de São Paulo, em setembro de 1993, da peça “Zerlina”, realizada e encenada por portugueses
- No setor do livro, estender a Lisboa uma amostragem expressiva da editoração brasileira exibida na feira de Frankfurt 94

6. Acordam ainda:

- Na implementação do projeto de mostra itinerante do acervo de aquarelas e peças etnográficas da expedição Alexandre Rodrigues Ferreira;
- Na promoção, em Lisboa e no Porto, da exposição “O Rio de Janeiro de Machado de Assis”;
- No levantamento sistemático do acervo cultural de um país existente no território do outro, inclusive através da criação de centro informatizado de documentação cultural;

- No apoio a iniciativas voltadas para a difusão dos valores culturais comuns, como, por exemplo, a atuação complementar de leitores brasileiros e portugueses para a divulgação da cultura dos dois países em Universidades estrangeiras, com especial atenção para a comunidade dos Povos de Língua Portuguesa e as comemorações dos quinhentos anos do descobrimento do Brasil, no ano 2000;
- No credenciamento da associação do projeto do Corpus de referência do Português Contemporâneo, em curso no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, com o Projeto Norma Urbana Culta Falada no Brasil (NURC), bem como a associação mútua em outros projetos lexicográficos de interesse para a Língua Portuguesa.

7. Congratularam-se com o clima de disponibilidade e o bom entendimento que caracterizamos encontros e reuniões de trabalho no decorrer da visita.

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1993.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA DE PORTUGAL

O MINISTRO DE ESTADO DA CULTURA DO BRASIL

ANEXO V

PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO BRASIL E A PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MNISTROS DE PORTUGAL

Visando:

- PROJETOS DE MICROFILMAGENS
- COMISSÃO BILATERAL PARA INVENTARIAR
- DOCUMENTAÇÃO DE INTERESSE COMUM
- PERMUTA DE MICROFILMES
- ORGANIZAÇÃO DE COLÓQUIOS
- INTERCÂMBIO DE ESPECIALISTAS

RIO DE JANEIRO, 16 agosto de 1995

**PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E A
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS DA REPÚBLICA
PORTUGUESA**

Animados do espírito de prosseguir a concretização no plano imediato das previsões do Acordo Cultural entre Portugal e o Brasil, assinado em Lisboa em 7 de setembro de 1966

Tendo em conta a conclusão do Protocolo entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil relativo à microfilmagem de documentos de interesse para a memória nacional de ambos os Países concluído em Lisboa, em 15 de dezembro de 1983;

Pretendendo levar a efeito o estabelecido na Ata da VII reunião da Comissão Mista Cultural Luso-Brasileira, que teve lugar em Brasília, de 13 a 15 de março de 1989 em particular no que diz respeito à partilha de patrimônio arquivístico comum;

Entendendo que a Comemoração dos Quinhentos Anos da Descoberta do Brasil deve também ser assinalada pelo aprofundamento da investigação e a troca de informação entre ambas as partes relativas ao passado comum que se encontra documentado;

Considerando que as celebrações do ano 2000 devem ainda incluir uma exposição desse acervo documental à guarda de ambos os Países e que registra a História comum;

Tendo ainda em consideração a Declaração Conjunta de Lisboa, firmada a 21 de julho de 1995. Contemplando já o quadro da cooperação na área dos arquivos históricos

Resolvem concluir o presente protocolo na área dos arquivos:

1. Pelo presente Protocolo ambas as Partes acordam na necessidade de promover a permuta de informações contidas nos acervos arquivísticos de interesse mútuo.
2. Para o efeito do que se dispõe na cláusula anterior, ambas as Partes iniciarão o processo de microfilmagem dos respectivos fundos documentais designadamente daqueles que respeitam a História comum.
3. Registrados progressos no processo a que se reporta a cláusula anterior, organizar-se-ão um colóquio e uma exposição luso-brasileira, a terem lar em Portugal e no Brasil em data oportuna do ano 2000 e em que se evidenciarão os resultados do trabalho de pesquisa e partilha dos acervos documentais.
4. Ambas as Partes poderão alargar, de comum acordo, a participação nos eventos atrás referidos aos Países que solicitarem e que comunguem da mesma tradição

cultural.

5. Ambas as Partes nomearão uma comissão bilateral que se encarregará de:

a) inventariar e selecionar o patrimônio arquivístico ou documental à guarda de cada um dos Estados a ser objeto do processo de microfilmagem nos termos da segunda cláusula do presente Protocolo;

b) propor as bases que orientarão o processo de microfilmagem e permuta dos microfilmes

c) promover a organização do colóquio e da exposição referidos na terceira cláusula do presente Protocolo.

6. Ambas as partes acordam ainda em fomentar o intercâmbio de especialistas na área das bibliotecas e dos arquivos, assim como a troca de informações entre as respectivas instituições, em particular as que concernem aos seus programas de informatização.

7. Ambas as partes se declaram dispostas a facilitar a participação dos seus nacionais em ações de formação que levem a cabo na área das bibliotecas e dos arquivos.

Feito no Rio de Janeiro aos dezesseis dias do mês de agosto de mil novecentos e noventa e cinco em dois exemplares originais, no idioma português, sendo os textos igualmente autênticos.

PELO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DA REPÚBLICA FEDERATIVA
DO BRASIL

Nelson A. Jobim

Ministro de Estado da Justiça

PELA PRESIDÊNCIA DO
CONSELHO DE MINISTROS
DA REPÚBLICA PORTUGUESA
Manuel Barata Frexes

Subsecretário de Estado da
Cultura

PORTARIA Nº 1248 DE 15 DE SETEMBRO DE 1995

O MINISTÉRIO DE ESTADO DA JUSTIÇA, no uso de suas atribuições,

Considerando a necessidade de promover o desenvolvimento das ações, nas áreas de arquivo e informação, previstas pelo protocolo de colaboração entre o Ministério da Justiça da República Federativa do Brasil e a Presidência do Conselho de Ministros da República Portuguesa, firmado na cidade do Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1995.

Considerando que o Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ – Órgão Colegiado vinculado ao Arquivo Nacional, criado pelo art. 26 da Lei nº 8.159, de 08 de junho de 1994, é responsável pela definição da política nacional de arquivo e pela gestão do Sistema Nacional de Arquivos, resolve:

Art. 1º - Designar o Conselho Nacional de Arquivos órgãos executor do mencionado Protocolo.

Art. 2º. Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Nelson A. Jobim

ANEXO VI

COMISSÃO LUSO-BRASILEIRA PARA SALVAGUARDA E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO DOCUMENTAL/COLUSO

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA/CONSELHO NACIONAL E
ARQUIVOS/CONARQ**

Portaria n.12 de 27 de fevereiro de 1996

ARQUIVO NACIONAL
Conselho Nacional de Arquivos
PORTARIA Nº12, DE 27 DE FEVEREIRO DE 1996

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS CONARQ, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com os termos da portaria nº1248, de 25 de setembro de 1995, do Ministro de Estado da Justiça, que designa o CONARQ órgão executor do Protocolo de Colaboração entre o Ministério da Justiça da República Federativa do Brasil e a Presidência do Conselho de Ministros da República Portuguesa, firmado em 16 de agosto de 1995.

Considerando a necessidade de promover a permuta de informações contidas nos acervos arquivísticos de interesse mútuo, incluindo a microfilmagem de fundos documentais que se referem à História comum; de organizar um colóquio e uma exposição luso-brasileira a serem realizados no Brasil e em Portugal em data oportuna do ano de 2000, de definir o programa de trabalho, suas metodologias e cronogramas, bem como os padrões descritivos que facilitarão o cruzamento de informações de nossas bases ou bancos de dados, resolve:

Art. 1º "-Constituir a seção brasileira da Comissão Luso Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental, prevista no item 5 do mencionado Protocolo, integrada pelos seguintes membros: General Carlos Patrício Freitas Pereira, da Diretoria de Assuntos Culturais do Ministério do Exército, Capitão-Tenente Maria Rosângela da Cunha, do Departamento de Arquivo do Ministério da Marinha, Ministro Adolf Libert Westphalen, do Departamento de Comunicações e Documentação do Ministério das Relações Exteriores, Maria do Carmo Teixeira Rainho e Silvia Ninita de Moura Estevão. do Arquivo Nacional, Anna Amélia Vieira Nascimento, do Arquivo Público do Estado da Bahia, Márcio Augusto Freitas Meira, do Arquivo Público do Estado do Pará, Carmem Tereza Coelho Moreno. da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Esther Caldas Guimarães Bertolotti, do Ministério da Cultura, Caio César Boschi, d:, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Amo Wehling, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Art. 2º - O Presidente do CONARQ presidirá os trabalhos da referida Comissão, que terá vigência até o ano 2000.

Art. 3º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

JAIME ANTUNES DA SILVA
Presidente do CONARQ

Of. nº 19/96

**COMISSÃO LUSO-BRASILEIRA DE SALVAGUARDA E DIVULGAÇÃO
DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL**

Reuniões conjuntas das Seções Brasileira e Portuguesa

Participantes da Seção Portuguesa:

1) Prof.Dr. Artur Teodoro de Matos, Presidente da Seção e Diretor do Centro de Estudos Damião de Góis;

2) Pelo Arquivo Histórico Diplomático Maria Isabel Fevereiro, Diretora

3) Pelo Arquivo Histórico Militar

Ten. Cel. Aniceto Afonso, Diretor

4) Pelo Arquivo Histórico Ultramarino

Maria Luisa da Cunha Meneses Abrantes, Diretora

5) Pela Biblioteca Central da Marinha - Arquivo Central

Contra Almirante Luís Joel Alves de Azevedo Pascoal, Diretor

6) Pelo Instituto dos Arquivos Nacionais - Tom do Tombo Maria de Lurdes Henriques, Coordenação de Pesquisa

7) Pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro Maria Valentina Sul Mendes, Assessora Principal Participantes da Seção Brasileira:

1) Prof. Jaime Antunes da Silva, Presidente da Seção e Diretor Geral do Arquivo Nacional

2) Pelo Arquivo Nacional

Maria do Carmo Rainho, Coordenadora de Pesquisa e Promoções Culturais

Sílvia Ninita de Moura Estevão, Coordenadora de Documentos Escritos

3) Pela Biblioteca Nacional

Carmem Tereza Coelho Moreno, Chefe da Divisão de Manuscritos

4) Pelo Ministério da Marinha

Capitão- Tenente Maria Rosângela da Cunha, do Serviço de Documentação da Marinha

5) Pelo Ministério de Exército

General-de-brigada Sérgio Roberto Dentino Morgado, Diretor de Assuntos Culturais

6) Pelo Ministério das Relações Exteriores

Secretário Rui Jucá Pinheiro de Vasconcellos e Lúcia Monte Alto Silva, chefe do Arquivo Histórico do Itamaraty

7) Pelo Ministério da Cultura

Esther Caldas Bertolletti, Coordenadora do Projeto Resgate Barão do Rio Branco

8) Pelos Arquivos Públicos Estaduais

Ana Amélia Vieira do Nascimento, Diretora do Arquivo Público do Estado da Bahia

Márcio Augusto Freitas de Meira, Diretor do Arquivo Público do Estado do Pará

9) Pela comunidade acadêmica

Prof. Arno Wehling, da UFRJ e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

ANEXO VII

COMISSÃO CRIADA PELO MINISTÉRIO DA CULTURA EM OUTUBRO DE 1995

E

**ACORDOS COM O INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
CIENTÍFICA TROPICAL/ARQUIVO HISTÓRICO
ULTRAMARINO PARA ORGANIZAÇÃO E
MICROFILMAGEM DOS DOCUMENTOS**

**da Capitania de Minas Gerais
(10 de outubro de 1995)**

e

**das Capitanias do Maranhão, Pará, Rio Negro e Códices
(25 de setembro de 1996)**

LISBOA



Serviço Pública Federal
MINISTÉRIO DA CULTURA

Gabinete do Ministro
Fax: (061) 225-9162

Telefones para contato: (061) 225-7479 e 225-7110 R. 435

DESTINATÁRIO:

Exmo. Sr. Dr. Itamar Franco, Embaixador do Brasil em Portugal

FAX: 00 3511 72676 23

DATA:

Nº DE PÁGINAS: Esta +

Nº DO DOCUMENTO:

M E N S A G E M

Meu caro Embaixador,

No intuito de dar continuidade ao Projeto de Resgate e Microfilmagem de Documentos Históricos, do qual é parte o Projeto "Barão do Rio Branco", designei uma Comissão, conforme cópia de Portaria anexa, para, de comum acordo com a Comissão Portuguesa, estabelecerem os princípios gerais de um projeto global de recuperação e microfilmagem de documentos de interesse da memória nacional do Brasil e de Portugal, existentes nos arquivos de ambos os países

Esta Comissão foi criada, considerando o disposto nos itens 2 e 5 do protocolo de Colaboração entre o Ministério da Justiça da República Federativa do Brasil e a Presidência do Conselho de Ministros da República Português, assinado a 16 de agosto último, no Rio de Janeiro, cuja cópia foi encaminhada a Vossa Exa. Pelo Embaixador Wladimir Murinho, através do Fax de 25 de agosto do corrente ano.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

(Constituição do Fax de 10/95 do Ministro da Cultura)

Como é do conhecimento de V. Exa. este projeto teve início em 1983, mas, embora seja da maior importância, apresentou, sempre, dificuldades de execução.

Assim, na expectativa de que na sua geração tenhamos oportunidade de concretizar este projeto luso-brasileiro, subscrevo-me com as expressões de minha elevada consideração.

Muito cordialmente

FRANCISCO WEFFORT
Ministro de Estado da Cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA

PORTARIA Nº 131/95 de 09 de outubro de 1995

O MINISTRO DE ESTADO DA CULTURA, no uso de suas atribuições legais e

Considerando o disposto no Protocolo firmado, a 15 de dezembro de 1983, pela República Federativa do Brasil e a República Portuguesa, relativo à adoção de um projeto comum para microfilmagem de documentos históricos luso-brasileiros.

Considerando a assinatura, a 16 de agosto de 1995, do protocolo de Colaboração entre o Ministério da Justiça do Brasil e a Presidência do Conselho de Ministros de Portugal para a promoção da permuta de informações contidas nos acervos arquivísticos de ambos os países, relacionados à sua história comum e

Considerando que a coleta dessa documentação e informações servirão de valioso subsídios para as comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, RESOLVE:

Art. 1º. Constituir uma Comissão integrada pelos Senhores JAIME ANTUNES DA SILVA, Diretor Geral do Arquivo Nacional, CAIO CÉSAR BOSCHI, Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e ESTHER CALDAS GUIMARÃES BERTOLETTI, Técnica Consultora em Documentação da Fundação Biblioteca Nacional, para, sob a coordenação do primeiro, juntamente com a Comissão designada pela República Portuguesa, elaborarem os princípios gerais de um Projeto Global de recuperação e microfilmagem de documentos de interesse para a memória nacional do Brasil e de Portugal, existentes nos arquivos dos dois países.

Art. 2º. A Comissão terá um prazo de 30 (trinta) dias, prorrogável por igual período a partir da data da publicação desta portaria.

Art. 3º. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

FRANCISCO WEFFORT

ACORDO ENTRE O INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL E O MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL PARA A MICROFILMAGEM DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE O BRASIL-COLÓNIA EXISTENTE NO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Considerando o disposto no Acordo cultural entre Portugal e o Brasil, celebrado em 7 de Setembro de 1966, o Protocolo entre a República Federativa do Brasil e a República Portuguesa, assinado em 15 de Dezembro de 1983, e o espírito do "Memorandum de Entendimento" firmado em 24 de Abril de 1993, e desejando contribuir para o desenvolvimento da colaboração científica, técnica e cultural e para a consolidação dos laços que unem Portugal e o Brasil, o Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), de Portugal, e o Ministério da Cultura (MINC), do Brasil, representados, respectivamente, pelo Presidente, Joaquim Alberto da Cruz e Silva, e pela Coordenadora Técnica do Projecto de Resgate - Assessoria Especial do Ministério da Cultura, Esther Caldas Guimarães Bertolletti, estabelecem o presente Acordo no domínio específico da microfilmagem de documentação, com o seguinte clausulado:

1. O IICT disponibilizará a documentação existente no seu Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) relativa a Minas Gerais, para ser microfilmada.
2. O processo de microfilmagem deve obedecer às seguintes normas:
 - a) O trabalho de microfilmagem processa-se nas instalações do A.H.U., entidade detentora da documentação, sujeito às regras do respectivo funcionamento;
 - b) A microfilmagem deverá ser processada em 35mm;
 - c) O negativo deverá ser de prata;
 - d) As operações de revelação deverão se processadas em Portugal, não

estando autorizada a saída da matriz do país, mesmo que temporariamente.

3. No caso dos microfilmes não serem executados pelo Gabinete de Microfilmagem da entidade detentora da documentação (A.H.U.), deverá ser-lhe comunicado, antecipadamente, qual a empresa e técnicos que se ocuparão do trabalho, de forma a estabelecer com eles as condições necessárias à sua execução, de acordo com as normas em vigor no A.H.U.
4. A entidade detentora da documentação (A.H.U.) procederá ao controlo de qualidade dos microfilmes e poderá solicitar, até 90 dias após a recepção da matriz, a repetição da microfilmagem.
5. Como contrapartida à microfilmagem, a parte brasileira oferecerá ao IICT o negativo do microfilme, matriz em sais de prata (1ª geração) e uma cópia em diazo.
6. As operações de microfilmagem destinam-se exclusivamente a fins culturais, de investigação científica, e não lucrativos. As cópias dos microfilmes deverão ser consideradas apenas de valor histórico-científico e para finalidade de consulta e investigação e nunca com valor comercial.
7. O MINC fica autorizado a executar cópias dos microfilmes, para uso das instituições a si vinculadas e cópia de pesquisa para o Arquivo Nacional, bem como para instituição cultural de investigação científica do Estado a que se refere a documentação.

§ único Qualquer outra reprodução dos microfilmes só poderá ser feita, com autorização por escrito, do IICT.

8. A Parte Brasileira compromete-se a enviar, a título de oferta, um ou mais exemplares dos trabalhos produzidos a partir dos microfilmes, à entidade detentora dos originais, isto é, ao A.H.U.
9. Todos os encargos decorrentes das operações de microfilmagem serão suportados pela parte brasileira, designadamente trabalhos executados por funcionários do AHU e/ou os decorrentes da eventual necessidade de recurso a serviços de empresas especializadas naquele tipo de trabalho.

10. No caso do IICT vir a ter interesse na microfilmagem de documentação existente nas instituições vinculadas ao MINC, a Parte Brasileira autorizará essas operações.

Feito em duplicado, fazendo ambos os exemplares igualmente fé e ficando um para cada uma das partes.

Lisboa, 10 de Outubro de 1995

Pelo IICT

O Presidente

de

Joaquim Alberto da Cruz e Silva
Betoletti

Pelo MINC

A Coordenadora Técnica do Projecto

Resgate – Assessoria Especial do
Ministério da Cultura

Esther Caldas Guimarães

Testemunhas:

ACORDO ENTRE O INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICA E O MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL PARA A MICROFILMAGEM DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE O BRASIL – COLÔNIA EXISTENTE NO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Considerando o disposto no Acordo cultural entre Portugal e o Brasil, celebrado em 7 de Setembro de 1966, o Protocolo entre a República Federativa do Brasil e a República Portuguesa, assinado em 15 de Dezembro de 1983, e o espírito do Memorandum de Entendimento" firmado em 24 de Abril de 1993, e desejando contribuir para o desenvolvimento da colaboração científica, técnica e cultural e para a consolidação dos laços que unem Portugal e o Brasil. o Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) de Portugal e o Ministério da Cultura (MINC) do Brasil. representados respectivamente pelo Vice-Presidente Inácio José Guerreiro e pela Coordenadora Técnica do Projecto de Resgate - Assessoria Especial do Ministério da Cultura Esther Caldas Guimarães Bertoletti estabelecem o presente Acordo no domínio específico da microfilmagem de documentação com o seguinte clausulado:

1. O IICT disponibilizará a documentação existente no seu Arquivo Histórico Ultramarino (ABU) concernente às Capitânicas do Maranhão, Pará e Rio Negro e os Códices relativos ao Brasil. para serem microfilmados.
2. O processo de microfilmagem deve obedecer às seguintes normas:
 - a) O trabalho de microfilmagem processa-se nas instalações do A.H.U entidade detentora da documentação. sujeito às regras do respectivo funcionamento;
 - b) a microfilmagem deverá ser processada em 35mm;
 - c) O negativo deverá ser de prata;
 - d) As operações de revelação deverão ser processadas em Portugal, não estando autorizada a saída da matriz do país, mesmo que temporariamente.
3. No caso dos microfilmes não serem executados pelo Gabinete de

Microfilmagem da entidade detentora da documentação (A.H.U.) deverá ser-lhe comunicado antecipadamente qual a empresa e técnicos que se ocuparão do trabalho de forma a estabelecer com eles as condições necessárias à sua execução de acordo com as normas em vigor no A.H.U.

4. A entidade detentora da documentação (A.H.U.) procederá ao controlo de qualidade dos microfilmes e poderá solicitar, até 90 dias após a recepção da matriz, a repetição da microfilmagem.
5. Como contrapartida- à microfilmagem, a parte brasileira oferecerá ao IICT o negativo do microfilme, matriz em saís de prata (1º geração) e uma cópia em diazo.
6. As operações de microfilmagem destinam-se exclusivamente a fins culturais, de investigação científica, e não lucrativos. As cópias dos microfilmes deverão ser consideradas apenas de valor histórico-científico e para finalidade de consulta e investigação e nunca com valor comercial.
7. O MINC fica autorizado a executar cópias dos microfilmes para uso das instituições a si vinculadas e cópia de pesquisa para o Arquivo Nacional bem como para instituição cultural de investigação científica do Estado a que se refere à documentação.

§ único Qualquer outra reprodução dos microfilmes só poderá ser feita com autorização por escrito, do IICT.

8. A Parte Brasileira compromete-se a enviar, a título de oferta, um ou mais exemplares dos trabalhos produzidos a partir dos microfilmes, à entidade detentora dos originais isto é ao A.H.U.
9. A Parte Brasileira compromete-se igualmente a enviar ao AHU, a título de oferta, uma cópia da inventariação a que proceda de toda a documentação microfilmada.
10. Todos os encargos decorrentes das operações de microfilmagem serão suportados pela parte brasileira, designadamente trabalhos executados por

funcionários Don AHU e/ou os decorrentes da eventual necessidade de recurso a serviços de empresas especializadas naquele tipo de trabalho.

11. No caso do IICT vir a ter interesse na microfilmagem de documentação existente nas instituições vinculadas ao MINC, a Parte Brasileira autorizará essas operações.

Foi feito em duplicado, fazendo ambos os exemplares igualmente de fé e ficando um para cada uma das partes.

Lisboa, 25 de Setembro de 1996

Pelo IICT
O Vice-Presidente

Pelo MINC
A Coordenadora Técnica do Projecto de
Resgate – Assessoria Especial do
Ministério da Cultura

Inácio José Guerreiro

Esther Caldas Guimarães Bertolletti

Testemunhas:

ANEXO VIII

TERMO DE COMPROMISSO DE PORTO SEGURO

Ministério da Cultura
Ministério do Meio Ambiente
Ministério da Ciência e Tecnologia
Ministério da Justiça

E

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

PROJETO MEMÓRIA HISTÓRICA

- PLANO NACIONAL DE MICROFILMAGEM DE PERIÓDICOS BRASILEIROS
- PROJETO RESGATE “BARÃO DO RIO BRANCO”
- MICROFILMAGEM E INFORMATIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS DE CARÁTER HISTÓRICO DA MEMÓRIA DOS ESTADOS

PORTO SEGURO
22 de abril de 1996

TERMO DE COMPROMISSO QUE ENTRE SI CELEBRAM OS MINISTÉRIOS DA CULTURA, DA JUSTIÇA, DO MEIO AMBIENTE, DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZONIA LEGAL E O DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, BEM COMO OS SECRETÁRIOS ESTADUAIS DE CULTURA, ABAIXO-ASSINADOS, DENTRO DO MARCO COMEMORATIVO DO V CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL.

OS MINISTÉRIOS da CULTURA, da JUSTIÇA, do MEIO AMBIENTE, dos RECURSOS HÍDRICOS e da AMAZÔNIA LEGAL e o da CIÊNCIA E TECNOLOGIA, bem como os SECRETÁRIOS ESTADUAIS DE CULTURA, que assinam o presente instrumento

CONSIDERANDO que a 22 de abril do ano 2000, o Brasil comemorará os 500 anos do seu descobrimento;

CONSIDERANDO ser indispensável criar um projeto de memória histórica, de âmbito nacional e internacional;

CONSIDERANDO a necessidade de resgatar a documentação colonial, relativa ao Brasil, existente no exterior;

CONSIDERANDO a conveniência de retomar o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, hoje gerenciado pela Biblioteca Nacional;

CONSIDERANDO a importância de ampliar os conhecimentos históricos, de maneira a fortalecer os vínculos da nacionalidade;

CONSIDERANDO a conveniência de descentralizar e democratizar o acesso à documentação histórica existente no Brasil e no exterior

MANIFESTAM O COMPROMISSO DE:

Criar o PROJETO MEMÓRIA HISTÓRICA, de âmbito nacional e internacional, com o apoio dos Ministérios interessados, assim como dos Secretários de Cultura dos Estados que venham a subscrever este compromisso.

O PROJETO MEMÓRIA HISTÓRICA dividi-se em três programas principais:

- a) retomada do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, criado por Portaria de 26 de outubro de 1982, pela Secretaria de Cultura, do então Ministério da Educação e Cultura, dando continuidade à programação e digitalização em CD-ROMs dos microfilmes já realizados na Biblioteca Nacional;
- b) dar prosseguimento ao Projeto “Barão do Rio Branco” de Microfilmagem da Documentação Colonial existente no exterior.
- c) reunir em um trabalho sistêmico, nacional, a microfilmagem e informatização dos documentos de caráter histórico da memória dos Estados.

O presente instrumento, que traduz fielmente os entendimentos mantidos pelos signatários, é subscrito na expectativa de que as ações dele decorrente apresentem resultados concretos em benefícios do País e da nacionalidade.

Porto Seguro, 22 de abril de 1996

FRANCISCO CORREA WEFFOR
Ministro de Estado da Cultura

NELSON AZEVEDO JOBIM
Ministro de Estado da Justiça

GUSTAVO KRAUSE GONÇALVES SOBRINHO
Ministro de Estado do Meio Ambiente, dos
Recursos Hídricos e da Amazônia Legal

JOSÉ ISRAEL VARGAS
Ministro da Ciência e Tecnologia

ANEXO IX

COMUNICADO FINAL – ENCONTRO DOS MINISTROS DA CULTURA DO BRASIL E DE PORTUGAL

LISBOA, 24 de abril de 1997

ARQUIVOS HISTÓRICOS

Registro dos progressos nos trabalhos de seleção e microfilmagem dos arquivos históricos de interesse para a História comum, nos termos do PROTOCOLO concluído entre os dois governos, numa iniciativa que se incluirá no âmbito das Comemorações dos 500 anos da Descoberta do Brasil.

M/C

Ministério da Cultura
Gabinete do Ministro

Encontro dos Ministros da Cultura do Brasil e de Portugal
Lisboa, 24 de Abril de 1997

Comunicado Final

Em resultado do encontro entre os Ministros da Cultura do Brasil e de Portugal, que teve lugar em Lisboa, dia 24 de Abril de 1997, foi decidido o seguinte:

1. Cooperação no contexto da Sociedade de Informação

Tendo em conta a importância crescente da sociedade informação e a necessidade de se tirar pleno partido das possibilidades que oferece do ponto de vista da defesa e valorização da língua e das culturas lusófonas, ambos os Ministros decidiram assinar um Protocolo que visa o desenvolvimento conjunto da edição electrónica para divulgação do património cultural comum e o alargamento do Projeto “Terravista” ao Brasil. Para o efeito, os dois Ministérios da Cultura comprometem-se no sentido de

se obterem os recursos necessários à constituição de dois fundos com a dotação de 1,5 milhões de US dólares.

2. Arquivos Históricos

Ambos os Ministros registram o progresso que se tem registrado na seleção e microfilmagem dos arquivos históricos de interesse para a História comum, nos termos do Protocolo concluído entre os dois Governos, numa iniciativa que se incluirá no âmbito das Comemorações dos 500 Anos da Descoberta do Brasil.

3. Cinema e Audiovisual

Tendo sido acordada entre o Instituto Português de Arte Cinematográfica e Audiovisual (IPACA), por um lado e a Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual e a Secretaria de Intercâmbio e Projectos Especiais, por outro lado, as novas modalidades de concretização do Acordo de Co-produção Cinematográfica, decidiram ambos os Ministros homologar um novo Protocolo de execução, relativo à co-produção de filmes de longa metragem de ficção.

M/C

Ministério da Cultura
Gabinete do Ministro

4. Regulamento do Prêmio Camões

Os dois Ministros chegaram ainda a acordo sobre a vantagem de se aperfeiçoar através de uma adenda ao actual protocolo, o regulamento do Prêmio Camões, o maior galardão literário da comunidade de língua portuguesa com o objetivo de precisar as regras relativas à sua atribuição, bem como com o fim de alargar a composição do júri à participação de outros países lusófonos.

5. Seminários sobre literatura

Na seqüência do seminário sobre Guimarães Rosa que decorreu em Lisboa, nos passados dias 22 e 23 de Abril, acordaram ambos os Ministros a realização anual de encontros sobre escritores lusófonos, alternadamente no Brasil e em Portugal. Mais se acordou que o próximo seminário, a organizar no Brasil, em 1998, será dedicado ao escritor Jorge de Sena, assim se celebrando o 20º aniversário da sua morte.

6. Cooperação no âmbito multilateral

Os dois Ministros declaram-se dispostos a encorajar a elaboração de projetos de cooperação cultural, em particular na área do património e das artes do espetáculo, com vista à divulgação externa dos valores da lusofonia e da História comum. Serão

de igual modo fomentados os projetos conjuntos nas áreas antes referidas, susceptíveis de financiamento pelas instâncias europeias ou internacionais.

7. Intercâmbio na área dos espetáculos

No segmento dos bons resultados alcançados pelo Projeto “Cena Lusófona”, foi ainda decidido estimular o intercâmbio na área dos espetáculos, que deverá adquirir um ritmo regular, privilegiando-se as ações que incluam vertente de formação.

PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL E O MINISTÉRIO DA CULTURA DE PORTUGAL

A Sociedade da Informação tem hoje um papel destacado no contexto do desenvolvimento econômico, social e cultural.

Considerando as alíneas "e" e "f" do nº Protocolo de Intenções assinado entre os Ministros da Cultura do Brasil e de Portugal em Brasília a 22 de Abril de 1996.

Considerando que para uma participação das instituições culturais na construção da Sociedade da Informação é necessário assegurar a implementação de práticas de criação de informação em rede e em suporte óptico, dessa forma contribuindo inegavelmente para uma ampla divulgação do patrimônio cultural;

Considerando que para a prossecução de dois objetivos essenciais e comuns melhorar o acesso da cultura ao cidadão e contribuir para o desenvolvimento de uma indústria multimédia de conteúdos culturais – será fundamental definir em conjunto um programa de edição em novos suportes para a divulgação do patrimônio cultural brasileiro e português.

Considerando o projeto Terraàvista do Ministério da Cultura de Portugal que visa oferecer espaço gratuito na Internet para páginas não essenciais em língua portuguesa, procurando simultaneamente democratizar o acesso à tecnologia no contexto da lusofonia.

Considerando que, procurando uma diversidade temática o mais ampla, possível, o Terravista tem um enfoque específico na utilização das novas tecnologias como forma de dinamizar as comunidades virtuais lusófonas.

Considerando que, nesse sentido, é da própria natureza do projeto a sua descentralização, procurando localizar em diferentes países a gestão dos meios técnicos envolvidos: e que dessa forma foram já iniciados contactos, de modo a também no Brasil. estar alojada parte dos conteúdos presentes no Terràvista ao que chamaríamos o "Porto" brasileiro do Terràvista.

O Ministério da Cultura do Brasil e o Ministério da Cultura de Portugal acordam no

seguinte:

1. Desenvolvimento conjunto de um programa de edição eletrônica que terá como ponto de partida as afinidades e cruzamentos temáticos possíveis entre a herança cultural portuguesa e brasileira abrangendo a riqueza e diversidade do patrimônio cultural arquitetônico e as coleções de museus, arquivos e bibliotecas.
2. Constituição de um fundo de financiamento conjunto destinado a apoiar projetos de edição eletrônica sobre o patrimônio cultural brasileiro e português que deverão ser apresentados por um consórcio reunindo instituições culturais e empresas multimídia de ambos os países, no valor total de um milhão de dólares americanos, comprometendo se ambos os parceiros paritariamente, a obter os recursos necessários à constituição de tal fundo.
3. Elaboração de um Convite à Apresentação de Propostas que estabeleça as bases para a candidatura desses consórcios ao apoio à produção e o aparecimento de projetos de edição eletrônica cujos conteúdos culturais reflitam os objetivos expostos e apresentem fortes hipóteses de sucesso em ambos os mercados.
4. Colaboração conjunta de forma a garantir uma verdadeira dinâmica cultural lusófona no projeto Terràvista, liderada por ambos os países nomeadamente através do apoio à criação do referido "Porto" e respectiva divulgação junto dos agentes culturais brasileiros.
5. Desenvolvimento conjunto de esforços para que possam ser inaugurados em território brasileiro pelo menos cinco "Estaleiros" espaços públicos de acesso à tecnologia do Terràvista.
6. As funções a desenvolver no âmbito do projeto Terràvista deverão ser dotadas de um fundo conjunto no valor total de quinhentos mil dólares americanos, comprometendo-se ambos os parceiros, paritariamente, a obter os recursos necessários à constituição de tal fundo.
7. A realização das ações acordadas neste protocolo deverá ser levada a cabo pela comissão bilateral nomeada no âmbito do Protocolo de Intenções assinado entre os Ministros da Cultura do Brasil e de Portugal em Brasília a 22 de Abril de 1996.

Lisboa, 24 de Abril de 1997

O Ministro da Cultura do Brasil

Francisco Weffort

ANEXO X

O Ministro da Cultura de Portugal

Manuel Maria Carrilho

PLANO LUSO BRASILEIRO DE MICROFILMAGEM

Comissão Luso-Brasileira
para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental

RIO DE JANEIRO, 23 de outubro de 1997

Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e

Divulgação do Patrimônio Documental

PLANO LUSO BRASILEIRO DE MICROFILMAGEM

Em cumprimento ao disposto na alínea "b" do item 5 do PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E A PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS DA REPÚBLICA PORTUGUESA, assinado na cidade do Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1995; e ao preconizado no item III, do anexo único das atividades definidas pela Comissão Bilateral Luso-Brasileira, reunida em Lisboa em 2 de dezembro de 1994, que indica a importância da salvaguarda do patrimônio comum, através de inventariação e divulgação, e a determinação contida na Portaria N° 131, de 09 de outubro de 1995, do Ministro de Estado da Cultura do Brasil, e

Animados do espírito de prosseguir a concretização no plano imediato das previsões do Acordo Cultural entre Portugal e o Brasil, assinado em Lisboa em 7 de setembro de 1966;

Tendo em conta a conclusão do Protocolo entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil relativo à microfilmagem de documentos de interesse para a memória nacional de ambos os Países, realizado em Lisboa, em 15 de dezembro de 1983;

Pretendendo levar a efeito o estabelecido na Ata da VII reunião da Comissão Mista Cultural Luso-Brasileira, que teve lugar em Brasília, de 13 a 15 de março de 1989, em particular no que diz respeito à partilha do patrimônio arquivístico comum, conforme enfatizado no Protocolo de Colaboração supra mencionado;

Tendo em vista o Protocolo Binacional sobre as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, de 7 de maio de 1991, aprovado pelo Decreto Legislativo N° 87, de 24

de novembro de 1992, que deu ensejo a criação das Comissões Bilateral Luso-Brasileira das Comemorações da Viagem de Pedro Álvares Cabral e da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil;

Considerando o disposto no Memorandum de Entendimento, firmado no Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1993, entre o Ministério da Cultura do Brasil e a Secretaria de Estado de Cultura de Portugal, que acordam no levantamento sistemático do acervo cultural de seu país existente no território do outro;

Entendendo que a Comemoração dos Quinhentos Anos da Descoberta do Brasil deve também ser assinalada pelo aprofundamento da investigação e pela troca de informações entre ambas as Partes relativas ao passado comum que se encontra documentado. Tais atividades levarão as Instituições brasileiras e portuguesas, detentoras de acervos de interesse comum a facilitar o acesso aos referidos documentos, com o uso inclusive de tecnologias aplicadas ao tratamento arquivístico, disponibilizando as informações através de meios modernos de disseminação;

Considerando que as celebrações do ano 2000 devem ainda incluir congressos e exposições desse acervo documental à guarda de ambos os Países e que registra a História comum;

Tendo ainda em consideração a Declaração Conjunta de Lisboa firmada a 21 de julho de 1995, contemplando já o quadro da cooperação na área dos arquivos históricos ficam estabelecidas as bases que orientarão o processo de microfilmagem da documentação existente nos arquivos e instituições de ambos os países, bem como a utilização e permuta dos mesmos.

Comissão Luso Brasileira para Salvaguarda e
Divulgação do Patrimônio Documental

PLANO LUSO-BRASILEIRO DE MICROFILMAGEM

Artigo 1º

Ambas as Partes assumem o compromisso de facultar o acesso para o preparo e microfilmagem da documentação existente nos arquivos e instituições públicas, sem prejuízo da pesquisa individual, como é internacionalmente reconhecido.

Artigo 2º

O acesso referido no parágrafo anterior está condicionado à declaração de confidencialidade e aos prazos de reserva de sigilo para consulta pública, de acordo com as normas em vigor nos respectivos Países.

Artigo 3º

Caso à documentação já tenha sido microfilmada, existindo em depósito um negativo matriz de qualidade arquivística, em 35 mm, este será utilizado para duplicação.

Artigo 4º

Cada uma das Partes prestará o apoio técnico e orientação que facilite a elaboração dos inventários das fontes documentais, e/ou uso dos já existentes, nomeadamente quanto às regras da sua classificação e indexação arquivística que Se procurará compatibilizar nos dois Países, adequando-as, há medida do possível, às normas internacionais de padronização de descrição arquivística do Conselho Internacional de Arquivos, da UNESCO.

Artigo 5º

Ambas as Partes designarão os seus coordenadores dos Projetos, podendo incumbir instituições ou pessoas físicas pela responsabilidade da execução dos Sub-projetos. A Coordenação dos Projetos poderá ser auxiliada por técnicos e pesquisadores previamente credenciados para atuar nas diversas fases dos mesmos.

Artigo 6º

Os conjuntos documentais a serem reproduzidos pela microfilmagem devem ser previamente analisados pelos coordenadores dos Projetos aprovados pela Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental e previstos em Seus planos anuais de trabalho.

Artigo 7º

Caberá aos coordenadores dos Projetos tomar as medidas necessárias, de acordo com as entidades detentoras dos documentos, para evitar que os acervos documentais possam sofrer danos ou deteriorações durante os trabalhos de inventariação e de microfilmagem.

Artigo 8º

O processo de microfilmagem deve obedecer às seguintes normas:

- a) os trabalhos de microfilmagem, sempre que possível, deverão ser realizados nos arquivos ou instituições detentoras dos documentos, *sujeitos* às regras do respectivo funcionamento;
- b) a microfilmagem deverá ser processada em rolos de 35mm;
- c) os negativos matrizes deverão ser de saís de prata;
- d) os negativos de segunda geração e/ou positivos de pesquisa, em saís de prata, deverão ser feitos, a partir dos matrizes, para remessa ao país que tem interesse na documentação comum;
- e) as Partes estabelecerão intercâmbio de microfílmes, rolo a rolo, programando, anualmente, a operacionalização dos acordos a serem firmados.

Artigo 9º

Sempre que uma das Partes pretenda executar um volume de microfilmagem para além das cotas anuais acordadas, responsabilizar-se-á pela respectiva viabilização. Neste caso, a entidade detentora da documentação deverá garantir local adequado para a instalação da aparelhagem técnica necessária à consecução dos trabalhos

programados. Os coordenadores dos Projetos deverão comunicar, com antecedência, qual a empresa e técnicos que se ocuparão dos trabalhos, de forma a serem estabelecidas as condições de sua execução.

Artigo 10º

No caso da microfilmagem não ser feita pela própria instituição detentora dos documentos originais, o negativo matriz do microfilme ser-lhe-á entregue no prazo máximo de 90 dias, após a conclusão dos Projetos. Procedido ao controle de qualidade dos microfilmes recebidos, a instituição poderá solicitar a repetição da microfilmagem do rolo matriz até 90 dias a contar da recepção do mesmo.

Artigo 11º

Ficam as instituições, brasileiras e portuguesas, detentoras de cópias de segunda geração, autorizadas a executar cópias desses microfilmes para fins científicos e acadêmicos.

Parágrafo Único

Qualquer outra reprodução dos microfilmes só poderá ser feita com prévia autorização da instituição detentora dos documentos originais.

Artigo 12º

Ambas as Partes remeterão às instituições detentoras dos documentos originais um exemplar dos trabalhos, impressos ou não, elaborados pelas mesmas a partir das informações contidas nos microfilmes produzidos em decorrência deste Protocolo.

Artigo 13º

Cada Uma das Partes suportará as despesas da execução dos projetos, as viagens e estada dos coordenadores dos mesmos e dos pesquisadores ou técnicos envolvidos nos trabalhos, inclusive com apoio de instituições de fomento nacionais e internacionais.

Artigo 14º

A revisão das normas do presente Plano caberá à Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental.

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1997



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ – ARQUIVO NACIONAL

**ROTINAS PARA ORIENTAÇÃO DAS DEMANDAS DE
MICROFILMAGENS DE ACERVOS COLONIAIS:**

1. As solicitações deverão ser discutidas e aprovadas pela Seção respectiva;
2. O Presidente da Seção solicitante deverá encaminhar a proposta à presidência da outra Seção para encaminhamento e acompanhamento;
3. O Presidente da Seção destinatária enviará expediente formalizando o pedido à Instituição depositária do acervo a ser microfilmado, informando que a demanda está inserta no programa luso-brasileiro de microfilmagem, devendo ser viabilizada como intercâmbio interinstitucional, prioritário, com base no Plano Luso-Brasileiro de Microfilmagem;
4. O Presidente da Seção destinatária designará membro que intermediará e ajustará a proposta de execução, inclusive os custos, compatíveis com os procedimentos previstos no Plano Luso-Brasileiro de Microfilmagem e os já aplicados para microfilmagem de acervos coloniais pelo projeto Resgate Barão do Rio Branco, do Ministério da Cultura;
5. A Instituição depositária do acervo a ser microfilmado enviará a proposta, com cronograma e custos, à respectiva Seção, que se encarregará de encaminhá-la ao Presidente da Seção remetente da demanda;
6. O serviço será executado tão logo a proposta referida no ponto acima seja

aprovada

**Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e
Divulgação do Patrimônio Documental**

Seção Brasileira

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro para os devidos fins que a Senhora Esther Caldas Bertoletti, membro da Seção Brasileira da Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental, constituída pelo Protocolo de Colaboração firmado entre Brasil e Portugal, foi credenciada pela Seção Brasileira como responsável para viabilizar as demandas, relativas à microfilmagem, vindas de Instituições Portuguesas para as Brasileiras, por intermédio da Seção Portuguesa, conforme o Plano Luso-Brasileiro de Microfilmagem aprovado em reunião da Comissão realizado no mês de outubro de 1997.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1998

JAIME ANTUNES DA SILVA
Presidente do CONARQ

Ministério da Justiça – Arquivo Nacional – Conselho Nacional de Arquivos
R. Azeredo Coutinho, 77.20230-170 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil Tel: (021)242-9554 e
252-2617 – fax (021)232-8430